

SUSANA MARGARIDA DA COSTA NUNES

PREFIXAÇÃO DE ORIGEM PREPOSICIONAL  
NA LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de  
Letras da Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

2011

Dissertação de Doutoramento em Letras, área de Línguas e Literaturas Modernas,  
especialidade de **Linguística Portuguesa**, apresentada à Faculdade de Letras da  
Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Graça Maria de  
Oliveira e Silva Rio-Torto.

Dissertação de Doutoramento financiada, com a referência SFRH/BD/43723/2008, pelo Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN) - Programa Operacional Potencial Humano (POPH) - Tipologia 4.1 - Formação Avançada, participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Ciência e Tecnologia e Ensino Superior.



UNIÃO EUROPEIA  
Fundo Social Europeu

*À minha avó,*

*porque parece que foi ontem,  
mas desde ontem os dias foram demorados.*

Não. Não tenho limites.  
Quero de tudo.  
Tudo.  
(...)  
E todos os meus pecados são mortais.  
Todos tão naturais  
À minha condição,  
Que quando, por excepção,  
Os não pratico  
É que me mortifico.  
Alma perdida  
Antes de se perder,  
Sou uma fome incontida  
De viver,  
E o que redime a vida  
É ela não caber  
Em nenhuma medida.

# ÍNDICE GERAL

ÍNDICE	i
AGRADECIMENTOS	v
SÍMBOLOS, SIGLAS E ABREVIATURAS	vi
NOTA INTRODUTÓRIA	ix
RESUMO	x
ABSTRACT	xii
RESUMÉ	xiv
RESUMEN	xvi
<b>Introdução</b>	<b>1</b>
0.1. Objeto e objetivos de estudo	1
0.2. <i>Corpus</i>	2
0.3. Plano do trabalho	6
<b>I - A Prefixação</b>	<b>9</b>
1. Teoria da linguagem: a perspectiva lexicalista de concepção de linguagem por Jackendoff	9
2. Referências teórico-metodológicas	13
3. A Prefixação: dimensões teóricas e <i>status quaestionis</i>	19
3.1. O lugar da prefixação nos estudos morfológicos	19
3.1.1. Elementos prefixais e elementos sufixais	20
3.1.2. Classificação da prefixação	24
3.2. Caracterização de elementos prefixais	28
3.3. Prefixos e elementos preposicionais	31
3.4. Propostas teóricas sobre o tratamento dos prefixos	42
3.4.1. Prefixos “preposicionais” e prefixos “adverbiais”/modificadores	42
3.4.2. Prefixos externos/léxicos e prefixos internos/funcionais	46
3.4.3. Síntese	50
3.5. Para uma caracterização da prefixação	54
3.5.1. Poder categorial	54
3.5.2. Capacidade de alteração da estrutura prosódica da base	59
3.5.3. Capacidade de alteração das estruturas argumental e semântico – conceptual da base	64

3.5.4. Informação semântica	68
3.5.5. Condicionantes morfológicas da base	79
3.5.5.1. Inevitabilidade da prefixação na formação de alguns produtos sufixados	79
3.5.5.2. Produtos duplamente compósitos	79
4. Conclusões	85
<b>II – A prefixação de origem preposicional</b>	<b>91</b>
1. O prefixo <i>co-</i>	95
1.1. [ko] e [kʲ]: alomorfos de um mesmo prefixo ou prefixos distintos?	95
1.2. Produtividade e representatividade do prefixo <i>co-</i>	99
1.3. Bases verbais	101
1.3.1. Informação morfológica	103
1.3.2. Informação sintática e argumental	103
1.3.3. Informação semântica	107
1.3.4. Síntese	117
1.4. Bases nominais	118
1.4.1. Bases deverbais	119
1.4.1.1. <i>nomina-actionis</i>	120
1.4.1.2. deverbais agentivos	122
1.4.2. Bases não deverbais	125
1.4.3. Síntese	127
1.5. Bases adjetivais	128
1.5.1. Síntese	130
1.6. Conclusões	130
2. O prefixo <i>contra-</i>	134
2.1. Produtividade e representatividade do prefixo <i>contra-</i>	134
2.2. Bases nominais	137
2.2.1. Síntese	144
2.3. Bases verbais	145
2.3.1. Síntese	149
2.4. Bases adjetivais	150
2.4.1. Síntese	153
2.5. Conclusões	154

3. Os prefixos <i>entre-/inter-</i>	158
3.1. <i>entre-</i> vs <i>inter-</i> : um mesmo prefixo ou dois prefixos distintos?	158
3.2. O prefixo <i>entre-</i>	162
3.2.1. Produtividade e representatividade do prefixo <i>entre-</i>	162
3.2.2. Bases verbais	165
3.2.2.1. Síntese	176
3.2.3. Bases nominais	177
3.2.3.1. Síntese	181
3.2.4. Bases adjetivais	183
3.2.4.1. Síntese	186
3.2.5. Conclusões	187
3.3. O prefixo <i>inter-</i>	192
3.3.1. Produtividade e representatividade do prefixo <i>inter-</i>	192
3.3.2. Bases de procedência (de)verbal	195
3.3.2.1. Verbos	195
3.3.2.2. Substantivos deverbais	199
3.3.2.3. Adjetivos deverbais	203
3.3.2.4. Síntese	205
3.3.3. Bases de procedência (de)nominal	206
3.3.3.1. Adjetivos denominais	206
3.3.3.2. Verbos denominais	212
3.3.3.3. Substantivos simples	213
3.3.3.4. Substantivos (de)nominais prefixados com <i>inter-</i>	215
3.3.3.5. Síntese	218
3.3.4. Conclusões	220
4. Os prefixos <i>so(b)-/sub-</i> e <i>sobre-</i>	222
4.1. Sentido espacial	227
4.2. Sentidos não espaciais	229
4.2.1. Sentido avaliativo	229
4.2.2. Inferioridade / superioridade hierárquica	233
4.2.3. Ordenação taxonómica	233
4.2.4. Sentido temporal	235
4.3. Síntese	236
4.4. Conclusões	238

5. O operador <i>sem-</i>	243
6. A prefixação de origem preposicional: conclusões	246
<b>III – Para uma escalaridade da prefixação em português</b>	<b>251</b>
1. Prefixos e preposições	252
1.1. A prefixação como processo de composição	253
1.2. A abordagem lexical	254
1.3. Para uma abordagem mista	256
1.3.1. A abordagem polifuncional de alguns prefixos	256
1.3.2. A abordagem em <i>continuum</i> entre preposições e prefixos	257
1.3.2.1. A teoria da (des)gramaticalização	258
1.3.2.2. Os parâmetros de ‘prefixização’ de Amiot (2005)	261
1.4. Síntese	269
2. (Para uma) classificação dos elementos prefixais do português	271
2.1. Elementos autónomos em latim/grego e não autónomos na fase actual da língua	273
2.2. Elementos autónomos na fase actual da língua que podem assumir utilização prefixal	275
2.2.1. os prefixos <i>contra(-)</i> , <i>sub(-)</i> e <i>sobre(-)</i>	276
2.2.2. o prefixo <i>entre(-)</i>	277
2.2.3. o prefixo <i>sem(-)</i>	279
2.3. Conclusões	281
<b>Conclusão</b>	<b>285</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>297</b>

## AGRADECIMENTOS

Consciente de que esta dissertação é o resultado da confluência de esforços de muitos intervenientes, gostaria de deixar aqui expressa a minha gratidão a quem, no decorrer deste percurso, me soube transmitir a certeza do seu apoio.

Dirijo as minhas primeiras palavras de reconhecimento e agradecimento à Senhora Professora Doutora Graça Rio-Torto, pelo papel fundamental que teve no meu percurso académico. Orientadora científica desta dissertação, a Doutora Graça Rio-Torto foi, desde sempre, a grande mentora da minha investigação, instigando em mim, ainda nos tempos de licenciatura, a paixão pelos domínios do léxico, da morfologia e da formação de palavras. Pelo acolhimento afável, pelos ensinamentos, pelo acompanhamento personalizado, empenhado e rigoroso com que orientou os meus diferentes trabalhos, pela franca e dedicada amizade e, sobretudo, pelos sucessivos e calorosos votos de coragem, otimismo e confiança incutidos, é justo atribuir-lhe o protagonismo neste projeto.

Agradeço, também, aos meus professores de Linguística da Faculdade de Letras de Letras da Universidade de Coimbra, dos quais recebi, ao longo do meu percurso académico, provas de estima e ajuda científica e humana, especialmente à Senhora Professora Doutora Clarinda de Azevedo Maia, pelo acolhimento e estímulo sempre dispensados.

Um agradecimento também merecido é endereçado a quem me facilitou, com prontidão e simpatia, o acesso a consultas bibliográficas, colocando ao meu dispor todos os instrumentos necessários à realização deste trabalho. Dirijo, pois, uma palavra de apreço aos funcionários do Instituto de Língua e Literatura Portuguesas (ILLP) e do Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pela solicitude com que sempre me atenderam, e aos Doutores Alexandra Rodrigues, Anne-Marie Di Sciullo, Dany Amiot, Elena Felú Arquiola, Georgette Dal, Ieda Alves, Josefa Martín García, Laura Kornfeld, Lluïsa Gràcia Solé, Margarida Basílio, Mireille Tremblay e Rui Pereira, pelas sugestões e pelo incentivo manifestos nos numerosos contactos estabelecidos e por me terem propiciado a consulta de fontes bibliográficas às quais, de outra forma, não teria acesso.

Ao meu professor Fernando Sá e aos meus colegas e amigos Inês Conde, Luís Barbeiro, Nuno Renca e Romain Muñoz agradeço a disponibilidade e o auxílio que me prestaram na elaboração desta dissertação.

Por fim, desejo testemunhar o meu agradecimento à Fundação para a Ciência e Tecnologia, pelo apoio financeiro concedido à realização desta investigação.

## SÍMBOLOS, SIGLAS E ABREVIATURAS

### I - Dicionários

DCELC - Joan COROMINAS (1980-1991) *Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana*. 5 vols. Madrid: Editorial Gredos.

DENFLP - Antônio Geraldo CUNHA (1998) *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

DHLP - Antônio HOUAISS e Mauro VILLAR (2002) *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores.

DLP - *Dicionário da Língua Portuguesa*, 2007. Porto: Porto Editora.

DLPC - ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (2001) *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Editorial Verbo.

DLPM - António de Moraes e SILVA (1878) *Diccionario da Língua Portuguesa*. 7.<sup>a</sup> edição melhorada, e muito acrescentada com grande numero de termos novos usados no Brasil e no Portuguez da India, Lisboa, Typographia de Joaquim Germano de Souza Neves - Editor.

GDEPLP - Francisco da Silveira BUENO (1988) *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa. Vocábulo, Expressões da Língua Geral e Científica – Sinônimos e Contribuições do Tupi-Guarani*. São Paulo: Editora Lisa.

GDP - Fr. Domingos VIEIRA (1871) *Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza*. 3.<sup>a</sup> edição, Porto: Casa dos editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes.

NDLP - Cândido de FIGUEIREDO (1939) *Novo Dicionário da Língua Portuguesa: redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dos mais modernos dicionários portugueses, além de satisfazer a todas as graphias legítimas, especialmente a que tem sido mais usual*. 4.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Sociedade Editora Arthur Brandão.

NDLPA - Aurélio Buarque de Holanda FERREIRA (2001) *Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa: dicionário eletrônico*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira (Lexikon Informática).

VPL - Raphael BLUTEAU (1712) *Vocabulario Portuguez e Latino: aulico, anatomico, architectonico (...), autorizado com exemplos dos melhores esxritores portuguezes, e latinos/ offerecido a El Rey de Portugal Dom João V pelo padre D. Raphael Bluteau*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus.

## II - Categorias operatórias

A – Adjetivo  
Ab – Adjetivo de base  
Adv – Advérbio  
Af – Afixo  
OD – Objeto direto  
OI – Complemento de objeto indireto  
EA – Estrutura argumental  
ef – Estado de coisas final  
ei – Estado de coisas inicial  
ESC – Estrutura semântico-conceptual  
mf – Momento final  
mi – Momento inicial  
mij – Momento intermédio  
N – Nome  
Nb – Nome de base  
Nd – Nome derivado  
OC – Operação categorial  
OD – Operação derivacional  
OM – Operação morfológica  
OS – Operação semântica  
PredOD – Predicativo do objeto direto  
Pref – Prefixo  
RC – Regra categorial  
RCM – «Règle de construction des mots»  
RF – Regra de formação  
RFP – Regra de formação de palavras  
SU – Sujeito  
Suf – Sufixo  
TV – Tema verbal  
Xb – Base derivacional  
Xd – Produto derivado

## NOTA INTRODUTÓRIA

Na redação do texto desta dissertação foi aplicada a grafia do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, aprovado pela Resolução da Assembleia da República n.º 26/91 e ratificado pelo Decreto do Presidente da República n.º 43/91, ambos de 23 de Agosto.

## RESUMO

O presente estudo visa descrever e explicar a formação de palavras por prefixação, mais especificamente a que envolve os elementos prefixais *co-*, *contra-*, *entre-*, *inter-*, *so(b)-/sub-*, *sobre-* e *sem-* da língua portuguesa, que procedem de preposições latinas, analisando as suas propriedades combinatórias e semânticas, assim como o modo como estas se repercutem no produto derivacional.

Este trabalho ancora-se (i) no modelo associativo de formação de palavras, que defende a articulação estreita entre a estrutura formal e o significado do produto e concebe o constituinte morfológico como um domínio estruturado de construções, assente na interatividade entre a morfologia e os demais componentes da gramática, e (ii) na concepção da linguagem desenvolvida por Jackendoff (2002) que, no programa ‘arquitetura paralela’, equaciona uma visão dinâmica de genolexia, partindo do pressuposto de que os operadores afixais transportam especificidades semânticas próprias que se correlacionam com os traços inscritos lexicalmente nas bases, sendo esta operação responsável pela formatação semântica final do produto.

Procede-se, no **capítulo I**, (1) à explanação do modelo teórico-metodológico adotado e (2) à apresentação do *status quaestionis* sobre prefixação, designadamente no que concerne à relação estabelecida entre elementos preposicionais e elementos prefixais e às distintas propostas de classificação (semânticas, categoriais e não categoriais), aplicadas aos elementos prefixais do português. Segue-se, ainda neste capítulo, (3) a análise da prefixação enquanto processo de formação de palavras, problematizando-se algumas das propriedades comumente atribuídas aos operadores prefixais, nomeadamente (i) o seu carácter homo ou heterocategorial, (ii) o seu poder categorial, (iii) a sua capacidade de alteração da estrutura semântico-conceptual e da estrutura argumental da base a que se acopla e (iv) a informação semântica veiculada pelos elementos prefixais interagentes nos processos de formação de palavras em português. Defende-se, também, a adoção de critérios morfo-sintático-semânticos para a consideração dos elementos prefixais em três grupos distintos: (i) prefixos modificadores (elementos intransitivos que fazem uma predicação sobre as propriedades semânticas da base a que se acoplam, matizando, sobretudo pela introdução de informação de teor avaliativo, o seu significado), (ii) prefixos preposicionais (elementos

transitivos que herdam o valor semântico - geralmente locativo - da preposição que lhe está na origem, e que aportam alteração da Estrutura Argumental – EA - da base) e (iii) prefixos argumentais (elementos que introduzem noções como a cooperatividade ou a reciprocidade e que apresentam a capacidade de realizar a alteração do preenchimento de um dos argumentos da base, nomeadamente ao nível dos actantes), podendo, em alternativa, desencadear alteração da EA da mesma.

Seguidamente, procede-se, no **capítulo II**, à análise da prefixação instanciada pelos prefixos que, na fase atual da língua, coincidem com preposições configuracionalmente homólogas (*co-*, *contra-*, *entre-*, *inter-*, *so(b)-/sub-*, *sobre-* e *sem-*). Estes prefixos, não obstante procederem etimologicamente de preposições, são detentores de características diversas das evidenciadas pelos elementos preposicionais que estão na sua origem, o que se repercute no seu funcionamento enquanto prefixos modificadores, preposicionais ou argumentais.

A análise do *corpus*, maioritariamente extraído de fontes lexicográficas, evidencia a existência de classes prefixais diferenciadas, que fazem da prefixação um domínio heterogéneo. A análise realizada permite-nos explicar, no **capítulo III**, a existência de diferentes graus de prefixização, desencadeados através de um processo de (des)gramaticalização (Castilho 1997, 2004; Hopper e Traugott 2003; Van Goethem 2009), que dá conta da passagem de uma preposição a um elemento prefixal, tendo por base, segundo Amiot e De Mulder (2002), critérios como (i) o carácter endo- ou exocêntrico do produto compósito, (ii) a homo- ou heterocategorialidade do elemento prefixal em causa, (iii) a manutenção/alteração, no produto, do género e do número da base e (iv) a (in)ativação, no elemento prefixal, de sentidos distintos do do elemento preposicional homólogo.

Deste modo, defendemos, com base na análise dos produtos derivacionais prefixados com *co-*, *contra-*, *entre-*, *inter-*, *so(b)-/sub-*, *sobre-* e *sem-* que os elementos prefixais que coincidem formalmente com preposições devem ser posicionados numa escala, em função do seu grau de prefixização, a qual depende de um processo contínuo de (des)gramaticalização e lexicalização (in)acabadas, o que se repercute na classificação da prefixação como processo de formação de palavras de índole mais derivacional ou mais composicional.

## ABSTRACT

This study aims at describing and explaining word formation by prefixation, with a specific emphasis on the one that involves the Portuguese prefixal elements *co-*, *contra-*, *entre-*, *inter-*, *so(b)-/sub-*, *sobre-* and *sem-* which derive from Latin prepositions, through the analysis of their combining and semantic properties, as well as the ways these influence the derivational product.

Research is based on the (i) associative model of word formation, which argues for the close articulation between formal structure and the signification of the product and conceives the morphological constituent as a structured domain of constructions, grounded on the interactivity between morphology and other domains of grammar, and (ii) on the conception of language developed by Jackendoff (2002), who, in the program “parallel architecture”, equates a dynamic perspective of word formation, parting from the assumption that affixal operators carry their own semantic specificities which correlate with the features lexically inscribed in the bases, this being an operation which is responsible for the final semantic configuration of the product.

**Chapter I** proceeds (1) to explain the selected theoretical and methodological model and (2) to present the *status quaestionis* about prefixation, namely the relationship established between prepositional elements and the different classification proposals (semantic, categorial and noncategorial), applied to Portuguese prefixal elements. The chapter goes on (3) to analyse prefixation as a process of word formation, by questioning some of the properties commonly attributed to prefixal operators, namely (i) their homo or heterocategorial character, (ii) their categorial power, (iii) their ability to change the semantic-conceptual structure as well as the argument structure of the base they couple with, and (iv) the semantic information conveyed by the prefixal elements interacting within the processes of word formation in Portuguese. Research also adopts morphological and syntactic criteria to consider the prefixal elements in three different groups: (i) modifying prefixes (intransitive elements which predicate the semantic properties of the base they are coupled with, matifying their meaning mainly through the introduction of evaluative information), (ii) prepositional prefixes (transitive elements which inherit the semantic value – generally locative- of the preposition that originates them and carry changes on the base) and (iii) argument

prefixes (elements which introduce notions such as cooperativity and reciprocity, possess the ability to change the filling of one of the arguments of the base - namely at the level of the actants – and, alternatively, can trigger the alteration of its EA).

On **chapter II**, we analyse the prefixation instantiated by prefixes that, in the current phase of Portuguese, coincide with prepositions which are configuratively homologous (*co-*, *contra-*, *entre-*, *(inter-)*, *so(b)-/sub-*, *sobre-* and *sem-*). These prefixes, despite of being etymologically derived from prepositions, carry features which are different from those enhanced by the prepositional elements from which they originate. This has an impact on their workings as modifying, prepositional or argument prefixes.

The analysis of the *corpus*, mainly collected from lexical sources, reveals differentiated classes of prefixes, which, in turn, make for the heterogeneity of prefixation. On **chapter III**, analysis allows us to explain the existence of different degrees of prefixization triggered by a process of (un)grammaticalisation (Castilho 1993, 2004; Hopper e Traugott 2003; Van Goethem 2009), which accounts for the transformation of a preposition into a prefixal element. According to Amiot and De Mulder (2002), such analysis is made possible through the use of criteria such as (i) the endo- or exocentric character of the composite product, (ii) the homo or heterocategoriality of the prefixal element at stake, (iii) the maintenance/alteration, in the product, of the gender and number of the base and (iv) the (de)activation, in the prefixal element, of different meanings from that of the homologous prepositional element.

On these grounds, we defend, based on the analysis of the derivational products prefixed with *co-*, *contra-*, *entre-*, *inter-*, *so(b)-/sub-*, *sobre-* and *sem-* that the prefixal elements that formally coincide with prepositions must be positioned within a scale, according to their degree of prefixization, which, in turn, depends on a continuous process of (un)finished (un)grammaticalisation and lexicalization. This has repercussions on the classification of prefixation as a word formation process of a more derivational or a more compositional nature.

## RESUME

Cette étude prétend décrire et expliquer la formation de mots par préfixation, en particulier, celle qui recourt aux éléments préfixaux *co-*, *contra-*, *entre-*, *inter-*, *so(b)-*/*sub-*, *sobre-* et *sem-* de la langue portugaise, issues de prépositions latines, en analysant leurs propriétés combinatoires et sémantiques, ainsi que la manière comme celles-ci se répercutent dans le produit dérivationnel.

Ce travail s'inspire (i) du modèle associatif de formation de mots, lequel défend l'articulation étroite entre la structure formelle et la signification du produit, et conçoit le constituant morphologique comme un domaine structuré de construction, basé sur l'interactivité entre la morphologie et les autres composants de la grammaire, et (ii) sur le concept de langage développé par Jackendoff (2002) lequel, dans le programme 'architecture parallèle', propose une vision dynamique de formation de mots, sur l'idée que les opérateurs affixaux sont porteurs de spécificités sémantiques propres qui établissent des rapports avec les traits inscrits lexicalement dans les bases, cette opération étant responsable de la formatation sémantique finale du produit.

On a procédé, dans le **chapitre I**, (1) à l'examen du modèle théorique et méthodologique pris en compte et (2) à la mise au point de l'état de la question sur la préfixation, surtout celle qui concerne la relation qui s'établie entre les éléments prépositionnels et les éléments préfixaux, et les différentes propositions de classement (sémantique, catégoriel et non catégoriel) qui s'appliquent aux éléments préfixaux du portugais. Suit, dans le même chapitre, (3) l'analyse de la préfixation en tant que processus de formation de mots, où l'on insiste sur quelques-unes des propriétés que l'on attribue généralement aux opérateurs préfixaux, tels que (i) leur caractère homo- ou hétéro-catégoriel, (ii) leur pouvoir catégoriel, (iii) leur capacité à modifier la structure sémantico-conceptuelle et la structure argumentale de la base à laquelle ils s'agglutinent et (iv) l'information sémantique véhiculée par les éléments préfixaux qui interagissent le long des processus de formation de mots en portugais. De même, on défend l'adoption de critères morpho-syntaxico-sémantique pour la distribution des éléments préfixaux en trois groupes distincts: (i) préfixes modificateurs (éléments intransitifs qui exercent une prédication sur les propriétés sémantiques de la base à laquelle elle s'accouple, en nuancant, notamment par l'introduction d'information de type évaluatif, son sens), (ii) préfixes prépositionnels (éléments transitifs que héritent la valeur

sémantique - généralement locative - de la préposition d'origine, et qui provoquent l'altération de la EA de la base) et (iii) préfixes argumentaux (éléments qui introduisent des notions tels que la coopérativité ou la réciprocité et qui révèlent une capacité à réaliser l'altération du remplissage d'un des arguments de la base (surtout au niveau des actants), pouvant, également, entraîner l'altération de la EA de celle-ci.

Ensuite, dans le **chapitre II**, on s'est penché sur la préfixation opérée par les préfixes qui, dans l'état actuel de la langue, coïncident avec des prépositions de configuration homologue (*co-*, *contra-*, *entre-*, (*inter-*), *so(b)-/sub-*, *sobre-* et *sem-*). Ces préfixes, même s'ils proviennent étymologiquement de prépositions, ils renferment néanmoins des caractéristiques distinctes des exposées par les éléments prépositionnels d'origine, ce qui agit sur leur fonctionnement en tant que préfixes modificateurs, prépositionnels ou argumentatifs.

L'analyse du *corpus*, extrait essentiellement de sources lexicographiques, met à jour l'existence de classes préfixales différenciées, prouvant que la préfixation constitue un domaine hétérogène. L'étude menée dans le **chapitre III** permet d'expliquer l'existence de différents degrés de préfixation, lesquels se manifestent à travers un processus de (dé)grammaticalisation (Castilho 1997, 2004 ; Hopper et Traugott 2003; Van Goethem 2009), qui met en évidence le passage d'une préposition à un élément préfixal, s'appuyant, selon Amiot et De Mulder (2002), sur des critères tels que (i) le caractère endo ou exocentrique du produit composite, (ii) l'homo- ou hétéro-catégorialité de l'élément préfixal en cause, (iii) la maintient/altération, dans le produit, du genre et du nombre de la base et (iv) l'(in)activation, dans l'élément préfixal, de sens distincts de l'élément prépositionnel homologue.

En conséquence, nous défendons, en tenant compte de l'analyse des produits dérivationnels préfixés tels que *co-*, *contra-*, *entre-*, *inter-*, *so(b)-/sub-*, *sobre-* et *sem-*, que les éléments préfixaux qui coïncident formellement avec des prépositions doivent être placés sur une échelle, en fonction du degré de préfixation, lequel dépend d'un processus continu de (dé)grammaticalisation et lexicalisation (in)achevé, ce qui a des conséquences sur le classement de la préfixation en tant que processus de formation de mots de nature plus dérivationnel ou plus compositionnel.

## RESUMEN

El presente estudio pretende describir y explicar la formación de palabras por prefijación, en especial cuando implica los elementos prefijales *co-*, *contra-*, *entre-*, *inter-*, *so(b)-/sub-*, *sobre-* y *sem-* de la lengua portuguesa, que proceden de preposiciones latinas, analizando sus propiedades combinatorias y semánticas, así como la manera como éstas se repercuten en el producto derivacional.

Este trabajo se ampara (i) en el modelo asociativo de formación de palabras, que defiende la articulación estrecha entre la estructura formal y el significado del producto y concibe el constituyente morfológico como un dominio estructurado de construcciones, que se asienta en la interactividad entre la morfología y los demás componentes de la gramática, y (ii) en la concepción del lenguaje desarrollado por Jackendoff (2002) que, en el programa ‘arquitectura paralela’, formula una visión dinámica de genealogía, partiendo de la idea de que los operadores afijales transportan especificidades semánticas propias que tienen correlación con los trazos inscritos lexicalmente en las bases, siendo esta operación responsable de la formación semántica final del producto.

Se procede, en el **capítulo I**, (1) a la explicación del modelo teórico-metodológico adoptado y (2) a la presentación del *status quaestionis* sobre prefijación, en especial en lo que toca a la relación establecida entre elementos preposicionales y elementos prefijales y a las distintas propuestas de clasificación (semánticas, categorial y no categoriales), aplicadas a los elementos prefijales del portugués. Seguidamente, en el mismo capítulo, (3) se lleva a cabo el análisis de la prefijación en lo concerniente al proceso de formación de palabras, examinando algunas de las propiedades generalmente atribuidas a los operadores prefijales, en particular (i) su carácter homo- o hétéro-categorial, (ii) su poder categorial, (iii) su capacidad de alterar la estructura semántico-conceptual y la estructura argumental de la base a la que se acopla y (iv) la información semántica vehiculada por los elementos prefijales que interactúan en los procesos de formación de palabras en portugués. Se defiende, también, la adopción de criterios morfo-sintáctico-semánticos para la consideración de los elementos prefijales en tres grupos distintos: (i) prefijos modificadores (elementos intransitivos que ejercen una predicación sobre las propiedades semánticas de la base a la que se acoplan, matizando, sobre todo por la introducción de información de tipo evaluativo, su significado), (ii)

prefijos preposicionales (elementos transitivos que heredan el valor semántico - generalmente locativo – de la preposición de la que procede, y que aportan alteración da EA da base) y (iii) prefijos argumentales (elementos que introducen nociones como la cooperatividad o la reciprocidad y que presentan la capacidad de realizar la alteración de la ocupación de uno de los argumentos de la base (en particular, al nivel de los actantes), pudiendo, así mismo, desencadenar la alteración de la EA de ésta.

A continuación, se plantea, en el **capítulo II**, el análisis de la prefijación realizada por los prefijos que, en la fase actual de la lengua, coinciden con preposiciones homólogas desde el punto de vista de su configuración (*co-*, *contra-*, *entre-*, *inter-*, *so(b)-/sub-*, *sobre-* y *sem-*). Aunque estos prefijos no procedan etimológicamente de preposiciones, sí poseen características distintas de las evidenciadas por los elementos preposicionales que los originan, lo que incide en su funcionamiento en tanto que prefijo modificador, preposicional o argumental.

El estudio del *corpus*, en gran parte extraído de fuentes lexicográficas, pone de manifiesto la existencia de clases prefijales diferenciadas, que hacen de la prefijación un dominio heterogéneo. El análisis efectuado permite explicar, en el **capítulo III**, la existencia de diferentes grados de prefijación, desencadenados mediante un proceso de (des)gramaticalización (Castilho 1997, 2004; Hopper eTraugott 2003; Van Goethem 2009), que revela el cambio de una preposición a un elemento prefijal, teniendo como base, como recalcan Amiot y De Mulder (2002), criterios como (i) el carácter endo o exocéntrico del producto compuesto, (ii) la hómo- o hétero-categorialidad del elemento prefijal en causa, (iii) la mantención/alteración, en el producto, del género y del número de la base y (iv) la (in)activación, en el elemento prefijal, de sentidos distintos del elemento preposicional homólogo.

De este modo, defendemos, en base al análisis de los productos derivacionales prefijados con *co-*, *contra-*, *entre-*, *inter-*, *so(b)-/sub-*, *sobre-* y *sem-*, que los elementos prefijales que coinciden formalmente con preposiciones deben ser posicionados en una escala, en función de su grado de prefijación, la cual depende de un proceso continuo de (des)gramaticalización y lexicalización (in)acabada, lo que se repercute en la clasificación de la prefijación como proceso de formación de palabras de índole más derivacional o más composicional.

## INTRODUÇÃO

Um inestimável gosto e curiosidade pelo conhecimento da língua constituem, em termos muito remotos, a base deste trabalho. Neste sentido, sendo na formação de palavras que a novidade / atualidade da língua e, em alguma medida, o contributo pessoal de cada falante se instanciam de forma mais veemente, ela é por nós concebida como um domínio “misterioso”, no qual há sempre algo por descobrir e explicar. Foi este fascínio pelo desafio do desconhecido e, ao mesmo tempo, do atual e real que nos levou a dedicar o nosso estudo à prefixação em Português.

Desde sempre considerada «le parent pauvre des processus d’analyse de la formation des mots» (Amiot 1997a: 24), a prefixação tem sido genericamente entendida como um processo de formação de palavras destituído de qualquer poder fonológico, categorial, argumental e semântico-conceptual. Esta posição, ainda que genericamente aceite, tem vindo a ser contrariada por alguns estudiosos, o que obriga a reequacionar o funcionamento dos prefixos em contexto derivacional, clarificando o seu estatuto na formação de palavras, avaliando o seu uso e determinando as relações estabelecidas entre a base e o produto derivacionalmente construído.

Com este trabalho, pretendemos estudar os elementos prefixais da língua portuguesa procedentes de preposições latinas que, de uma forma geral, coexistem atualmente com preposições configuracionalmente homólogas (*co-*, *contra-*, *entre-*, *inter-*, *so(b)-/sub-*, *sobre-* e *sem-*). Procurar-se-á analisar as propriedades de ordem prosódica, morfológica, categorial, argumental e semântica destes operadores, contribuindo desta forma para uma caracterização da prefixação enquanto processo de formação de palavras dotado de especificidade própria, dadas as fronteiras que estabelece entre os processos derivacionais e composicionais e os fenómenos de (des)gramaticalização que envolve.

### 0.1. Objeto e objetivos de estudo

É objetivo deste estudo analisar os elementos prefixais da língua portuguesa procedentes de preposições latinas, aferindo o seu modo de funcionamento, seja em

relação às bases a que se acoplam, seja no que diz respeito ao produto que ajudam a construir.

De facto, não obstante apresentarem a mesma origem e, em alguns casos, a mesma configuração na fase atual da língua, elementos preposicionais e elementos prefixais manifestam especificidades próprias e, por isso, neste estudo, procuraremos problematizar a relação estabelecida entre elementos preposicionais e elementos prefixais, aferindo o valor relacional característico dos primeiros e a sua incidência na instanciação do carácter (in)transitivo do elemento prefixal com origem/valor preposicional quando concatenado a uma base. Assim, equacionaremos a (in)transitividade dos prefixos em estudo e a consequente repercussão na (in)alteração das estruturas argumental, aspectual e semântico-conceptual das bases a que se acoplam, a fim de analisarmos as propriedades e restrições sintáticas, argumentais, semânticas, aspectuais e léxico-conceptuais que presidem à concatenação do mesmo a uma determinada base lexical e suas manifestações no produto.

A prossecução do(s) objetivo(s) apresentado(s) passará assim pela explanação do modelo teórico por nós adotado, a que se seguirá uma análise do estado da arte e das características atribuídas a este processo de formação de palavras. Seguidamente, faremos a análise da prefixação instanciada pelos elementos prefixais que, na fase atual da língua, coincidem com preposições configuracionalmente homólogas, procurando-se, já no último capítulo, caracterizar e problematizar o estatuto da prefixação enquanto processo de formação de palavras em português.

## 0.2. *Corpus*

Sendo o objetivo do nosso trabalho realizar um trabalho eminentemente descritivo relativamente às formas prefixadas por *co-*, *contra-*, *entre-*, *inter-*, *sem-*, *so(b)-/sub-* e *sobre-*, as reflexões por nós fomentadas partiram da análise de um *corpus* constituído por cerca de dois mil e trezentos vocábulos, resultado da recolha realizada em dois tipos de fontes: bases de dados dicionarísticas e bases de dados *on-line*.

No que diz respeito às bases dicionarísticas, as ocorrências em análise foram recolhidas em diversos dicionários da língua portuguesa, de diferentes épocas, o que nos

permitiu aferir não só a representatividade de cada prefixo, mas também a tendência evolutiva da língua relativamente ao uso dos prefixos em análise. A análise efetuada permitiu-nos assim constatar as (in)alterações nas (im)possibilidades e (in)compatibilidades de acoplagem de um prefixo a uma base, destacando-se, sempre que tal se verifique, o que é específico de uma fase anterior da língua<sup>1</sup>.

Os dicionários consultados, que serviram de base à elaboração do nosso *corpus*, foram os seguintes:

- 1) BLUTEAU, Raphael (1712) *Vocabulario Portuguez e Latino: aulico, anatomico, architectonico (...), autorizado com exemplos dos melhores esxritores portuguezes, e latinos/ offerecido a El Rey de Portugal Dom João V pelo padre D. Raphael Bluteau [VPL]*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus.
- 2) VIEIRA, Fr. Domingos (1871) *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza [GDP]*. 3ª edição, Porto: Casa dos editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes.
- 3) FIGUEIREDO, Cândido de (1939) *Novo Diccionário da Língua Portuguesa: redigido em harmonia com os modernos princípios da sciência da linguagem e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dos mais modernos diccionários portugueses, além de satisfazer a todas as graphias legítimas, especialmente a que tem sido mais usual [NDLP]*. 5ª edição, Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão.
- 4) SILVA, António de Moraes (1878) *Diccionario da Língua Portugueza [DLPM]*. 7ª edição melhorada, e muito accrescentada com grande numero de termos novos usados no Brasil e no Portuguez da India. Lisboa: Typographia de Joaquim Germano de Souza Neves – Editor.
- 5) ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (2001) *Diccionário da Língua Portuguesa Contemporânea [DLPC]*. Lisboa: Editorial Verbo.
- 6) FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (2001) *Novo Aurélio século XXI: o diccionário da língua portuguesa: diccionário electrônico [NDLPA]*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira (Lexikon Informática).

---

<sup>1</sup> A este respeito refira-se que, salvo os casos mencionados especificamente, é análogo o conjunto de condicionantes de acoplagem dos elementos prefixais em estudo verificado no século XIX e na fase atual da língua.

- 7) HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro (2002) *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* [DHLP]. Lisboa: Círculo de Leitores.
- 8) *Dicionário da Língua Portuguesa* [DLP], 2007. Porto: Porto Editora.

Não obstante a base do nosso *corpus* ser essencialmente de natureza dicionarística, foram ainda recolhidos vocábulos em bases de dados *on-line*, como Mordebe, CETEMPúblico e CETENFolha. Os exemplos aqui recolhidos, coincidentes com as ocorrências presentes nas bases de dados dicionarísticas<sup>2</sup>, revelaram-se especialmente importantes pois, sobretudo no caso do CETEMPúblico e do CETENFolha, possibilitaram-nos o contacto com ocorrências contextualizadas, que permitiram ilustrar várias questões equacionadas ao longo do trabalho descritivo que nos propusemos fazer. A consulta destas bases de dados disponíveis *on-line* revelou-se, assim, fundamental sobretudo na tarefa de exemplificação contextualizada das ocorrências em análise.

Na constituição do nosso *corpus*, considerámos também, ainda que de forma menos recorrente, algumas ocorrências recolhidas em atos de fala informais de falantes cultos dos distritos de Coimbra, Aveiro e Leiria. Estas ocorrências, à semelhança das recolhidas no CETEMPúblico e do CETENFolha, auxiliaram-nos sobretudo na tarefa de exemplificação da utilização contextualizada do *corpus* em análise.

Feita esta recolha, procedeu-se, numa fase seguinte, à simplificação das formas repetidas, anulando redundâncias e casos resultantes de grafias distintas<sup>3</sup>. Apurados então os casos em estudo, foram consultados dicionários etimológicos<sup>4</sup> com o objetivo

---

<sup>2</sup> Registe-se que as ocorrências recolhidas em bases de dados *on-line* são, em grande parte, coincidentes com as ocorrências recolhidas em bases de dados dicionarísticas. Efetivamente, de entre o *corpus* recolhido, poucas foram as formas presentes em bases de dados *on-line*, que não encontram registo nos dicionários consultados. Estão nesta situação ocorrências como *co-realizar*, *co-fazedor*, *co-poeta*, *co-patrocinar*, *entre-guerras*, *extra-congressos*, *sub-sector*, *sub-holding*, *super-favorito*, *super-estrela* e *super-holding* que, apesar de constarem nas bases de dados *on-line*, não se encontram dicionarizadas.

<sup>3</sup> A este respeito, refira-se que, não obstante termos adotado, na redação do texto desta tese, a grafia do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (aprovado pela Resolução da Assembleia da República n.º 26/91 e ratificado pelo Decreto do Presidente da República n.º 43/91, ambos de 23 de Agosto), nos exemplos do *corpus* optámos por seguir a grafia constante na fonte, à data da realização da recolha (Janeiro 2007 a Julho de 2008).

<sup>4</sup> Foram por nós consultados os seguintes dicionários etimológicos:

1) CUNHA, Antônio Geraldo (1998) *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa* [DENFLP]. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

de verificar se as formas apresentadas eram, efetivamente, formadas em português ou se terão sido “herdadas” de outras línguas, nomeadamente do latim.

Realizada esta verificação, avançou-se então para a análise das formas prefixadas por *co-*, *contra-*, *entre-*, *inter-*, *sem-*, *so(b)-/sub-* e *sobre-*. A reflexão efetuada neste estudo baseou-se assim na análise de um *corpus* constituído por cerca de dois mil e trezentos vocábulos, distribuídos quantitativamente da seguinte forma:

Elemento prefixal	Número de ocorrências
Co-	276
Contra-	449
Entre-	226
Inter-	308
Sub-	629
Sobre-	414
Sem-	52
<b>TOTAL</b>	<b>2354</b>

Foram ainda consideradas, pela relação estabelecida com os prefixos *entre-* e *inter-*, as formas prefixadas por *extra-* e *intra-*, a que dedicámos alguma atenção na secção 3 do capítulo II deste estudo e que contabilizam, respetivamente, 130 e 76 ocorrências. Consideraram-se, também, pela relação estabelecida com o prefixo *sobre-*, as formas prefixadas por *super-* e *supra-* (cf. secção 4 do capítulo II), que contabilizam 258 e 87 ocorrências, respetivamente.

Para finalizar, cumpre-nos referir que, dado que o *corpus* em análise não é original e assenta em bases de dados já existentes, públicas e acessíveis, optámos por

- 
- 2) BUENO, Francisco da Silveira (1988) *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa. Vocábulos, expressões da língua geral e científica – sinónimos e contribuições do Tupi-guarani* [GDEPLP]. São Paulo: Editora Lisa.
  - 3) COROMINAS, Joan (1980-1991) *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana* [DCELC]. 5 vols., Madrid: Editorial Gredos.

não incluir em anexo os materiais recolhidos nas bases de dados dicionarísticas e *on-line*. Acessíveis ao público em geral, estas ocorrências são assim objeto da análise empírica levada a cabo no capítulo II deste estudo, onde os exemplos em questão são devidamente trabalhados, de forma isolada e/ou de forma contextualizada.

### 0.3. Plano do trabalho

O presente trabalho encontra-se organizado em 3 capítulos.

No **primeiro capítulo**, equacionam-se os pressupostos teóricos e metodológicos em que assenta a reflexão por nós empreendida. Sublinha-se a autonomia da formação de palavras e concebem-se os produtos derivacionais como estruturas duplamente compósitas. Analisa-se também a prefixação enquanto processo fecundo de formação genolexical, procurando-se problematizar o seu estatuto enquanto processo específico de formação de palavras e dilucidando-se algumas das características que lhe são atribuídas. Neste capítulo, dar-se-á maior ênfase ao tratamento da prefixação instanciada por elementos de origem preposicional, sublinhando-se as propriedades fono-morfo-sintático-semânticas destes elementos prefixais e advogando-se uma nova classificação deste processo de formação de palavras baseada na consideração dos elementos prefixais enquanto entidades portadoras de individualidade própria e de comportamento diferenciado. Salienta-se, assim, a especificidade e o contributo dos elementos prefixais de origem/valor preposicional para a classificação da prefixação enquanto processo de fronteira entre a derivação e a composição.

No **segundo capítulo**, analisam-se os dados recolhidos, problematizando-se a relação estabelecida entre elementos preposicionais e elementos prefixais, o valor ou a função relacional característico/a dos primeiros e a sua incidência na instanciação do carácter (in)transitivo do elemento prefixal com origem/valor preposicional quando concatenado a uma base, assim como a sua repercussão no produto derivacional. Equaciona-se a (in)transitividade dos prefixos em estudo (*co-*, *contra-*, *entre-*, *inter-*, *so(b)-/sub-*, *sobre-* e *sem-*), as restrições fonológicas, morfológicas e categoriais da sua adjunção e a conseqüente repercussão na (in)alteração das estruturas argumental, aspetual e semântico-conceptual das bases e dos produtos. Serão também tidos em

conta a frequência e o contributo dos prefixos em análise na formação de linguagens de especialidade.

No **capítulo III**, procurar-se-á caracterizar o domínio da prefixação que é objeto desta dissertação. Para tal, e baseando-nos em parâmetros de análise como (i) o caráter endo ou exocêntrico dos produtos compósitos prefixados, (ii) a acoplagem do elemento prefixal a uma ou a mais do que uma classe gramatical, (iii) a manutenção/alteração, no produto genolexical, do género e número da base, (iv) a ativação, no elemento prefixal, de outros sentidos distintos do sentido presente no elemento preposicional que lhe está na origem ou (v) a sua tendência para a (des)gramaticalização/prefixização, apresenta-se uma formalização morfo-semântica assente na consideração dos elementos prefixais na sua individualidade, sublinhando-se deste modo a especificidade da prefixação enquanto processo ativo de formação de palavras.

Finalmente, no capítulo da **Conclusão**, apresenta-se uma sistematização da informação anteriormente veiculada, em vista à caracterização da prefixação em português.



## I - A Prefixação

*The lexicon is the information storage of everything needed for speakers to actually use language to describe the world. In some sense, everything comes from the lexicon. This view entails also that lexicon information is largely universal (except, of course, for the sound coding), has minimum idiosyncrasy, and is governed by generalizations that are relevant also for the computational system.*

REINHART, T. (2002) *The Theta System: An overview*. In: *Theoretical Linguistics* 28, pp. 282.

### **1. Teoria da linguagem: a perspectiva lexicalista de concepção de linguagem por Jackendoff**

O presente trabalho sobre formação de palavras ancora-se numa perspectiva lexicalista, assente na concepção de linguagem desenvolvida por Jackendoff (2002) no programa ‘arquitetura em estrutura paralela’, tal como aplicado ao português por Rodrigues (2009). Segundo este modelo, a linguagem é concebida como arquitetura constituída por estruturas com capacidade geratriz, o que retira a exclusividade desta capacidade à sintaxe e corrobora que o carácter gerativo da componente genolexical não está dependente da inserção daquela na sintaxe.

Essa arquitetura assenta em estruturas paralelas com organização e complexidade internas próprias e prevê que cada estrutura que constitui o léxico interaja dinamicamente na sua construção através da ativação de redes de interface. Mais especificamente, postula-se que a geração de produtos não se constrói com base numa relação derivacional entre categorias sintática e semanticamente rígidas, mas entre componentes e fiadas das diversas estruturas, sejam elas bases ou operadores afixais.

Rejeita-se assim a visão sintaticista que considera o léxico como um mero repositório de unidades não formatáveis por regularidades. No fundo, como considera

Rodrigues (2009), «o modelo de linguagem de Jackendoff (2002) permite equacionar um modelo de genolexia mais dinâmico, de conciliação entre o processamento e o conhecimento mental da linguagem, assim como compreender que as dimensões semânticas atuantes neste domínio se encontram organizadas em fiadas decomponíveis» (Rodrigues 2009: 7).

De acordo com este modelo, a componente genolexical é centrada nas bases, nos operadores, nas regras e nos processos de interação entre todos estes componentes, através de mecanismos de coindexação. Este modelo é também polidimensional, porque toma em consideração todas as variáveis capazes de intervir na produção e na interpretação do produto, sejam as morfofonológicas, as históricas, as semânticas ou as argumentais.

Com efeito, a arquitetura paralela proposta por Jackendoff suporta um modelo genolexical em que a força geratriz se localiza em estruturas semânticas e morfológicas e não sintáticas. Esta visão da organização da linguagem reforça a posição lexicalista e não sintacticista da formação de palavras, ao mesmo tempo que disponibiliza os instrumentos teóricos necessários ao entendimento desta área como operante com matérias semântica e morfológica de modo dinâmico e criativo.

Outra inovação da ‘arquitetura paralela’ encontra-se no estabelecimento de que as interfaces são componentes da gramática regidas por princípios próprios e integradoras de domínios específicos.

No que diz respeito à semântica lexical, Jackendoff (2002) assume a composicionalidade gerativa como mecanismo responsável pela construção semântica lexical, estipulando que os conceitos lexicais se encontram armazenados na memória de longo prazo e que resultam da composição entre partes laborada pela mente.

Para a construção do nosso trabalho, a ‘arquitetura paralela’ de Jackendoff (2002) revelou-se essencial. Essa importância não residiu em aspetos específicos (por exemplo, da análise do nosso *corpus*, ou de conceção de mecanismos particulares de inovação lexical), mas antes no próprio entendimento teórico da linguagem.

Das conceções expendidas por Rodrigues (2009), destacamos os seguintes aspetos do modelo de linguagem de Jackendoff aplicado à genolexia:

- a) todas as estruturas linguísticas possuem capacidade geratriz, que oferece um argumento a favor da concepção lexicalista que separa a formação de palavras da sintaxe;
- b) a visão do léxico como uma interface ativa com intervenção da memória dinâmica e não como mero acervo da irregularidade estanque consolida a concepção de que a componente genolexical age dinamicamente e criativamente;
- c) o funcionamento de cada estrutura acentua que a relação derivacional entre uma base e um produto não se faz entre dois blocos rigidamente concebidos, mas antes entre componentes dos itens que se comportam como construções e não como monoblocos. Esses componentes, porque integrados em estruturas, apresentam funcionamento organizado;
- d) a concepção das interfaces como módulos e não como meros contactos de transição consolidam a visão (que defenderemos) da existência de interfaces entre as regras de formação de palavras (RFP) operadas por determinadas estruturas dos operadores afixais.

Uma das posições assumidas neste trabalho, e que é sustentada pelo funcionamento dinâmico e mental da linguagem de Jackendoff (2002), é a de que uma forma pode funcionar como base de derivação a outra, desde que seja segmentável e identificável lexicalmente.

Sublinhamos também que o modelo que adotamos deve conter RFP's em que quer a constância das bases, definidas semântica e não necessariamente sintacticamente, quer a constância de cada operador afixal em si mesmo representam domínios de convergência e de divergência genolexicais. Assim, o modelo das RFP's em interfaces pressupõe que o poder de construção semântica está a cargo quer das RFP's, quer dos operadores afixais, visto estes possuírem verdadeira identidade semântica e não serem apenas mutadores sintáticos regidos pela RFP que laboram.

O modelo que propomos distancia-se, assim, dos modelos que tomam as RFP's como centros de homogeneização da formação de palavras (Corbin 1991; Rio-Torto 1993, 1998b, 2004), bem como daqueles que encaram os afixos como detentores exclusivos dessa capacidade (Plag 1999, 2004).

O modelo de RFP's em interfaces que adotamos conjuga a autonomia das RFP's com a autonomia dos afixos, através de relações dinâmicas tecidas entre os componentes genolexicais.

Em relação aos modelos centrados nas RFP's e aos centrados nos afixos, este modelo, apresentado por Rodrigues (2009), apresenta vantagens já que, segundo a autora «partimos da visão de que é através das componentes das fiadas das estruturas que se tecem as relações entre umas e outras estruturas e que essas relações são organizadas processual e sistemicamente. Assim, as RFP's são aqui concebidas como micro-estruturas que funcionam em interface e que mantêm relações entre si através de constelações operadas quer por afixos, quer por bases lexicais, com base em vetores semanticamente sustentados» (Rodrigues 2009: 25).

Neste contexto, para explicar as significações dos produtos prefixados do português, partimos do pressuposto de que os operadores afixais transportam carga semântica. Assim, defendemos que os prefixos não funcionam como meros segmentos de nível morfômico (Aronoff 1994). Ainda que a(s) significação(ões) do produto lexical seja(m) devedora(s) da semântica da Regra de Formação de Palavras em ação, existem peculiaridades semânticas, dentro do conjunto dos produtos da mesma RFP, dependentes de níveis mais particulares. Defendemos que essas peculiaridades semânticas, que se organizam sistemicamente à volta de operadores afixais de determinado tipo, são adscritas a traços semânticos do operador afixal em causa e sua correlação com traços inscritos lexicalmente nas bases. Uma conceção deste tipo equaciona os operadores afixais como agentes corresponsáveis pela formatação semântica final do produto e não como meros instrumentos da operação morfológica que compõe uma determinada RFP.

Consideramos assim que os operadores afixais (neste caso os prefixos) contêm carga semântica própria, não sendo apenas instrumentos de categorização sintática ou agenciadores de uma significação genérica pré-definida pela RFP em que atuam. A dimensão semântica de cada operador afixal oferece a este uma identidade própria manifestada na sua acoplagem a uma determinada base. É a carga semântica do afixo que lhe permite operar em simultâneo em domínios distintos.

Assim, se é verdade que fatores morfológicos contribuem para a seleção de determinados operadores afixais, defendemos nesta dissertação que os operadores

afixais dispõem de identidade semântica própria. Essa carga semântica afixal desenvolve variações, quando em contacto com a carga semântica dos itens a que se agregam os afixos, afigurando-se assim possível a integração do afixo enquanto unidade semântica sujeita a variação polissémica. As peculiaridades semânticas, que se organizam sistemicamente à volta de operadores afixais, de determinado tipo, são adscritas a traços semânticos do operador afixal em causa e à sua correlação com traços inscritos lexicalmente nas bases, concebendo-se assim o operador afixal como agente corresponsável pela formatação semântica final do produto.

A solução por nós defendida consiste na manutenção das especificidades de cada operador afixal (e RFP a ele associado) e na explicitação, em simultâneo, dos pontos de contacto entre os subcomponentes intervenientes em cada domínio semântico. Neste sentido, o que está em contacto não são os domínios, mas apenas subcomponentes desses domínios, o que significa que a interface não é construída entre um domínio e outro no seu todo, mas entre os constituintes/operadores afixais dos diferentes domínios semânticos. Esta visão permite manter as diferenças entre cada domínio e assinalar ligações entre os componentes comuns, concebendo-se, assim, bidireccionalmente, o campo de alimentação genolexical. Deste modo, definem-se tanto os domínios como os operadores afixais atuantes como pontos de convergência de aportações semânticas. A unidade conseguida entre as diferentes RFP's que se encontram em interface é pois laborada pela ação semântica do afixo. Assim, os domínios semânticos não funcionam como classes taxonómicas de objetos, que seriam os produtos, as bases, os operadores afixais e as operações. As RFP's funcionam, nesta conceção, como domínios dinâmicos cujas interfaces são ativáveis através do comportamento semântico dos afixos nela intervenientes.

## **2. Referências teórico-metodológicas**

Na análise que nos propomos efetuar dos elementos prefixais procedentes de preposições latinas que, na fase atual da língua, coexistem com preposições configuracionalmente homólogas (*co-*, *contra-*, *entre-*, *inter-*, *so(b)-/sub-*, *sobre-* e *sem-*), considerámos apenas os produtos lexicais “motivados”, ou seja, aqueles cujas

estruturas formal e semântica estejam mutuamente relacionadas e depreendíveis uma da outra. Este princípio metodológico implica que se tenham excluído da análise as palavras que, embora apresentem os prefixos em análise na sua estrutura, estejam já atestadas em latim. Tais formações, embora suscetíveis de análise e interpretação no presente, são aqui consideradas como não construídas em português. Desta forma, e apesar de pretendermos realizar uma análise eminentemente sincrónica, o recurso a dados diacrónicos afigurou-se fundamental (cf. 0.2), já que estes se revestem de uma importância decisiva para a dilucidação do carácter construído/não construído dos lexemas. É muitas vezes o recurso a informações de teor diacrónico que permite fazer a distinção entre palavras geradas na língua em análise e aquelas que, ainda que apresentando uma estrutura complexa, não são nela construídas<sup>5</sup>. É que uma palavra pode ostentar uma estrutura morfemática não coincidente com a sua estrutura morfológica, pois «não há necessariamente coincidência entre o estatuto atual e o estatuto pretérito de um constituinte» (Rio-Torto 1998 b: 18). Assim, porque no estado atual da língua sobrevivem algumas formações que conservam traços latinizantes mais ou menos evidentes, para a identificação dos produtos lexicais do português foram considerados os imperativos já anteriormente mencionados, que se definem pela conformidade entre a estrutura composicional do vocábulo em jogo e a do paradigma derivacional em que aquela se integra e pela necessidade de a base e o afixo em causa serem pertença do português<sup>6</sup>. A análise aqui apresentada tem por fundamento a conciliação entre uma perspetiva sincrónica (que permite observar se uma determinada palavra é integrável num dado paradigma genolexical do português) e uma abordagem

---

<sup>5</sup> Sublinhando a relevância das informações de natureza diacrónica no estudo de uma língua, Clarinda de Azevedo Maia afirma que «o estudo científico de uma língua não pode prescindir da perspetiva histórica. (...) Se é certo que a dimensão sistemática das línguas é uma dimensão real, não menos real nem menos importante é a sua historicidade. (...) Só o tempo, isto é, a história da língua, explica a permanente evolução das organizações fónicas, morfológicas, sintáticas e semânticas» (Maia 1995: 7). No mesmo sentido, também Soledad Varela Ortega defende que «ningún análisis morfemático de una palabra actual puede desligarse del rastreo genético» (Varela Ortega 1992: 24).

<sup>6</sup> Para além os critérios de discernimento das palavras construídas vs. complexas não construídas, Corbin sublinha também o carácter de interpretabilidade dos constituintes morfológicos como um fator decisivo para a sua interpretação. De facto, para a autora, uma palavra complexa é não construída se nela houver um segmento morfemático não interpretável. Pelo contrário, uma palavra será construída se ocorrer interpretabilidade de todos os segmentos que serão então considerados morfemas. A este propósito veja-se Corbin (1991a: 231).

diacrónica (que possibilitará a despistagem de eventuais classificações erróneas, motivadas pela observação de palavras complexas não construídas como construídas)<sup>7</sup>.

De igual forma, consideramos também imperioso distinguir o processo de formação e o da segmentação morfé mica. De facto, a análise morfé mica, baseada no carácter linear da língua, pode levar-nos, erradamente, a uma mera segmentação dos morfemas constituintes do produto, igualando por vezes estruturas que correspondem a processos distintos e ignorando uma característica intrínseca ao processo de formação de palavras: a sua dinamicidade. Assim, se o estudo da estrutura interna de um produto (e logo o processo de segmentação) é lícito e necessário, este deve ser sempre realizado em articulação com o processo formativo instanciado. Só então poderemos, a partir da análise de um número relativamente vasto de produtos lexicais, identificar as regularidades observáveis, inferindo, por indução, a(s) paráfrase(s) aplicável(eis) ao(s) elemento(s) do nosso *corpus*, procurando desta forma encontrar uma “significação genérica” e inferindo o que nos produtos em análise é “sistémico”, face ao que é aduzido por outros fatores não estritamente derivacionais.

O referencial teórico que fundamenta a dilucidação destas questões está ancorado sobre o modelo associativo de formação de palavras desenvolvido por Booij (2000; 2005), Corbin (1991a; 2001)<sup>8</sup>, Feliu Arquiola (2003), Martín García (1998a)<sup>9</sup>,

---

<sup>7</sup> A este propósito, Danielle Corbin afirma que «la synchronie est descriptive, mais seule la diachronie est explicative». Mais à frente conclui : «La description et l’explication d’un système linguistique doivent donc faire intervenir concurremment – ou, si l’on veut, dialectiquement – synchronie et histoire» (Corbin 1989: 66).

<sup>8</sup> Defende a autora uma «théorie associative du lexique construit», na qual «tous les individus lexicaux sont conçus comme définis par un septuplet de propriétés: des propriétés formelles, flexionnelles, catégorielles, structurelles, sémantiques, combinatoires et historiques. La spécificité des mots construits par rapport aux mots non construits est que les opérations constructionnelles, dont ils sont les produits, façonnent tout ou partie de leurs propriétés autres qu’historiques. En particulier, ces opérations sont entièrement responsables de la structure et du sens construits, lesquels déterminent à leur tour la forme construite, la catégorie lexicale et la capacité référentielle. (...) Les opérations affixales se caractérisent par leur recours à des opérateurs, les affixes, dont le mode d’adjonction est plus ou moins concaténatoire. Les affixes qui servent à construire des unités lexicales sont considérés comme des individus lexicaux dotés, comme tous les autres, d’un septuplet de propriétés parmi lesquelles les propriétés catégorielles et sémantiques permettent de définir leur classe par rapport aux autres unités du lexique: catégoriellement, les affixes sont des unités infralexicales; sémantiquement, les affixes constructionnels sont porteurs d’un sens instructionnel (sont porteurs d’une instruction sémantique leur permettant, en combinaison avec tout ou partie des propriétés sémantiques de leur base, de donner à voir d’une certaine façon le référent désigné par le mot construit)». Continua a autora referindo que «chaque affixe est doté d’une identité sémantique propre, qui lui permet de façonner à sa manière le sens des mots qu’il construit, à partir des propriétés sémantiques de la base et compositionnellement par rapport à la structure construite. Le sens référentiel des mots affixés est le produit de l’adaptation et de l’ajustement du sens aux besoins de la référence, et en particulier de la dénomination» (Corbin 2001: 42-43).

Montermini (2009), Pena (1999), Rio-Torto (1993; 1998b), Spencer (2000) e Varela Ortega e Martín García (1999), entre outros.

Este modelo defende a articulação estreita entre a estrutura formal e o significado da palavra, advogando que:

- (i) os produtos lexicogenéticos caracterizam-se pela sua composicionalidade formal e semântica<sup>10</sup>;
- (ii) o sentido de uma palavra derivada é genericamente previsível a partir da sua estrutura morfológica<sup>11</sup>;
- (iii) a forma de uma palavra pode ser deduzida parcialmente a partir do seu sentido<sup>12</sup>;
- (iv) a conceção de um afixo actualizável em vários sentidos distintos é permitida<sup>13</sup>.

Segundo estas perspetivas, os esquemas de formação de palavras devem ser considerados como esquemas abstratos que permitem fazer generalizações sobre um

---

<sup>9</sup> Martín García defende a representação dos processos derivativos «mediante *estructuras léxico conceptuales* (ELC)», assumindo que «el significado de las palabras complejas es composicional, por lo que es posible representarlo mediante la ELC. (...) Para ello, proponemos que la ELC de los derivados conste del valor conceptual del afixo y de la ELC de la base. La ELC así concebida permite relacionar la proyección conceptual con la proyección sintáctica de las palabras derivadas» (Martín García 1998: 12).

<sup>10</sup> Martín García (1998a: 39) defende o «principio de composicionalidad de significado, que enunciamos en los siguientes términos: a toda estructura morfológica le corresponde una interpretación semántica deducible de las partes que componen el derivado».

<sup>11</sup> Neste sentido, «los desajustes entre la estructura formal y el sentido son debidos a una especialización del significado en la palabra derivada. Esta especialización no está motivada lingüísticamente, sino que se establece por convenciones sociales y otros factores pragmáticos de carácter extralingüístico» (Martín García 1998a: 23).

<sup>12</sup> Martín García, a este respeito, refere que «cuando la forma de la palabra derivada no puede predecirse a partir del significado, porque tal significado puede estar representado por varios afijos, se han propuesto dos alternativas: bien la RFP que incluye un mismo significado tiene asociados varios afijos (Corbin 1991a), bien a cada RFP le corresponde un solo afixo (cf. *Hipótesis de la Base Única*, de Aronoff (1976). En ambos casos, debe aceptarse la homonimia, es decir, entradas distintas según los valores del afixo o RFP's distintas: una regla para cada valor del afixo» (Martín García 1998a: 23-24).

<sup>13</sup> Martín García regista como vantagem do modelo associativo o facto de «algunos autores, como Corbin (1991), descartan que tanto los morfemas 'vacíos' como el morfema 'cero' sean morfemas. Los morfemas 'vacíos', según esta autora, son segmentos parásitos, no productivos ni sistemáticos, por lo que no pueden ser considerados como morfemas. El morfema 'cero', por su parte, no implica una operación morfológica, por lo que las formaciones regresivas deben ser tratadas como un cambio categorial con operaciones semánticas asociadas» (Martín García 1998a: 24).

dado conjunto de palavras complexas através da associação sistêmica entre forma e significado<sup>14</sup>, indicando-nos portanto como é que os novos produtos podem ser criados.

Neste sentido, o constituinte morfológico é concebido como um domínio estruturado de construções (de forma e de significado) ao nível da palavra, assente na interatividade entre a morfologia e os demais componentes da gramática. Deste modo, a morfologia derivacional, interagindo de forma constante e dinâmica com os demais setores da língua, é o centro operativo onde se processa a formação de novas palavras e onde, de forma retroativa, se analisa a estrutura de palavras já formadas. Nesta dinâmica, todos os domínios têm uma participação ativa e interatuante. O léxico participa com as unidades morfolexicais com que se constroem as unidades lexicais.

Porque as unidades morfolexicais de base, a sua combinatória e os produtos delas resultantes comportam informação fonológica, semântica e sintática, na formação de palavras intervêm também os domínios fonológico, semântico e sintático da língua.

Reconhece-se ainda a intervenção de processos de natureza semântica ou fonológica quando os produtos lexicogénéticos apresentam propriedades fonológicas e semânticas não regulares, ou seja, que não derivam da simples combinatória dos constituintes morfolexicais de base.

Finalmente, as unidades de base e as unidades afixais possuem, por vezes, valores situacional ou sócio-dialectalmente marcados, o que implica a interferência da pragmática na produção lexical. Consideraremos, por isso, o produto prefixado na sua composicionalidade formal e semântica, assente na sequencialização de unidades morfolexicais, mas também em princípios de organização paradigmática<sup>15</sup>. No entanto, não obstante a regularidade da maioria dos mecanismos formais e semânticos atinentes à composicionalidade do produto prefixado, consideraremos também a identidade própria adquirida por cada produto prefixado, que não advém apenas da conjunção dos seus elementos constitutivos e dos paradigmas lexicogénéticos nele envolvidos, mas

---

<sup>14</sup> Booij (2005) defende que «word formation patterns can be seen as abstract schemas that generalize over sets of existing complex words with a systematic correlation between form and meaning», afirmando que «a constructional theory of compounding that makes use of some basic ideas of Construction Grammar, in particular constructional schemas, and the idea of most abstract schemas and the individual lexical items in order to express intermediate levels of generalization» (Booij 2001: 1-2).

<sup>15</sup> A este tipo de modelo opõe-se o modelo dissociativo de formação de palavras, caracterizado pela não coincidência entre estrutura formal e estrutura semântica (Lieber 1981; Williams 1981b; Selkirk 1982; Beard 1987, 1988, 1995) e que se caracteriza por: (i) o sentido do produto não é, na generalidade, necessariamente predizível a partir da sua estrutura morfológica; (ii) a forma de uma palavra derivada não é sempre determinada a partir do seu sentido; (iii) podem existir manifestações morfológicas sem repercussões semânticas.

também de propriedades de natureza idiossincrática que marcam bases e prefixos, assim como especializações de caráter referencial e/ou situacional adquirido pelo produto em determinado contexto (Rio-Torto 1993).

Neste contexto, a formação de palavras é por nós concebida como um processo linguístico de resposta a todas as solicitações do extralinguístico, incorporando o arbitrário e o meramente convencional. Figurando em cada palavra formada algo de novo e, ao mesmo tempo, algo de já conhecido, a formação de palavras representa não só um fator de regularização da língua mas também um processo de irregularidade e inovação deste importante instrumento de comunicação.

Destacando-se como um processo normal de enriquecimento de um código linguístico ao serviço da comunidade, a formação de palavras é encarada como um processo importante na constituição do léxico das línguas particulares. E se o léxico patenteia envoltórios múltiplos (valores simbólicos e/ou afetivos e marcas de caráter diatópico, diastrático e/ou diafásico associadas às palavras e aos objetos por elas designados), será na formação de palavras que esse envolvimento mais se acentua. No entanto, apesar da complexidade evidenciada do ponto de vista simbólico e afetivo, os produtos da formação de palavras apresentam também complexidade ao nível do seu envolvimento teórico. Neste sentido, estabelecendo uma relação privilegiada com a lexicologia (enquanto repositório de entidades lexicais), o processo formativo não dispensa, por isso, o contributo da Morfologia, da Sintaxe, da Semântica e da Pragmática.

A formação de palavras, nomeadamente a instanciada pelos elementos com que aqui nos ocupamos, vem responder ao esforço de renovação e de adequação às novas necessidades civilizacionais. Ela é o reflexo, através do aproveitamento de elementos já existentes ou pela criação de novas estruturas, da capacidade de adaptação da língua que, através deste domínio, dá resposta às mudanças constantes operadas no mundo que circunda o ser humano, às conseqüentes alterações sociais e à criação de novas realidades que obrigam a língua, enquanto instrumento basilar de concetualização, a flexibilizar-se permanentemente.

### **3. A Prefixação: dimensões teóricas e *status quaestionis***

Sendo a finalidade principal do nosso trabalho estudar os elementos prefixais do português procedentes de preposições latinas que, na fase atual da língua, coexistem com preposições configuracionalmente homólogas (*co-*, *contra-*, *entre-*, *inter-*, *so(b)-/sub-*, *sobre-* e *sem-*), debruçar-nos-emos sobre as suas propriedades e restrições de ordem prosódica, morfológica, categorial, argumental e semântica. Para tal, faremos, nesta secção, uma breve incursão sobre os estudos atualmente existentes dedicados à prefixação (3.1.), a que se seguirá uma síntese das principais características atribuídas aos elementos prefixais (3.2.), também na correlação que estabelecem com os operadores preposicionais homólogos (3.3.). De seguida (3.4.), proceder-se-á à apresentação das propostas teóricas sobre o tratamento de prefixos, baseadas (3.4.1.) em critérios categoriais (que distinguem prefixos preposicionais e prefixos adverbiais/modificadores) e (3.4.2.) em critérios não categoriais (que diferenciam prefixos externos/léxicos e prefixos internos/funcionais). Seguir-se-á, em 3.5., com base em critérios como o poder categorial (3.5.1.), a capacidade de alteração da estrutura prosódica (3.5.2.) ou da estrutura argumental e semântico-conceptual da base (3.5.3.), a informação semântica (3.5.4) e as condicionantes morfológicas da base (3.5.5.), uma caracterização da prefixação, a partir da qual se equacionará o estatuto da prefixação enquanto processo de formação de palavras em português.

#### **3.1. O lugar da prefixação nos estudos morfológicos**

Desde sempre considerada como «le parent pauvre des processus d'analyse de la formations des mots» (Amiot 1997a: 24), o estudo da formação de palavras por prefixação foi, como já referimos, ao longo dos tempos, preterido em detrimento do estudo de processos concernentes à derivação sufixal. De facto, em português, excetuando alguns (poucos) artigos sobre algum elemento prefixal em particular e os capítulos de algumas gramáticas que dedicam algum espaço à sistematização generalizada do que consideram ser as características da prefixação enquanto processo

de formação de palavras, há, na realidade, um grande vazio<sup>16</sup> no que diz respeito ao estudo e sistematização deste processo de enriquecimento lexical que, como veremos, tem vindo a adquirir maior relevo sobretudo no que concerne à sua presença no domínio das linguagens de especialidade.

Os prefixos são genericamente considerados elementos ligados – de acordo com a sua natureza afixal – que se antepõem a uma base, normalmente uma palavra<sup>17</sup>, não se afigurando como elemento nuclear da estrutura compósita e não provocando, por isso, com a sua acoplagem, modificação na categoria gramatical da base a que se acopla. Semanticamente, é aceite que os prefixos realizam, na generalidade, uma modificação circunstancial sobre o significado da base, impondo restrições semânticas à sua acoplagem.

Além disso, os elementos prefixais desde sempre assumiram «um papel de relevo na formação de novas palavras sobretudo em domínios de ponta (publicidade, tecnologia, ciência, medicina)» (Vilela 1994: 90), o que fez com que o estatuto da prefixação nos processos de formação de palavras tivesse motivado uma acesa discussão.

### 3.1.1. Elementos prefixais e elementos sufixais

Como já referimos, nos estudos dedicados à formação de palavras tem-se prestado mais atenção aos sufixos do que aos prefixos. De facto, «in morphological analysis prefixes have always constituted a more problematic phenomenon than suffixes» (Montermini 2002: 45) e, por isso, muitas são as questões que se levantam.

---

<sup>16</sup> Prova deste vazio e de inexatidão é, por exemplo, a quantidade díspar e heterogénea que existe face ao inventário de prefixos. À semelhança do que acontece para outras línguas (veja-se Montermini 2009), a flutuação existente nos inventários apresentados pelas diferentes gramáticas mostra bem a fragilidade dos estudos até então empreendidos.

<sup>17</sup> A este respeito, Iacobini (1992) afirma que os elementos prefixais formam produtos antepondo-se a uma palavra e não a um elemento não livre. No entanto, para Felú Arquiola, «esta caracterización de los prefijos se revela incorrecta a la luz de los datos aportados por Varela y Martín García (1999: 4995-4997): junto con casos en los que un prefijo se añade a una palabra independiente (*a-moral*), existen igualmente combinaciones de prefijo+raiz ligada (*a-grafo*)» (Felú Arquiola 2003: 30-31).

Efetivamente, não obstante serem inseridos na classe dos afixos, prefixos e sufixos detêm características específicas e divergem em alguns aspetos. Neste sentido, é genericamente aceite que<sup>18</sup>:

(I-1)

prefixos	sufixos
<p>▸ Os prefixos ocupam a posição à esquerda da base na estrutura interna da palavra complexa;</p>	<p>▸ Os sufixos ocupam uma posição à direita da base na estrutura interna da palavra complexa;</p>
<p>▸ Os prefixos não afetam a posição do acento principal da palavra à qual se associam;</p> <p>Ex.: <i>fazer</i> → <i>refazer</i></p> <p><i>legal</i> → <i>ilegal</i></p>	<p>▸ Os sufixos podem alterar a posição do acento principal da palavra à qual se associam<sup>19</sup>;</p> <p>Ex.: <i>casa</i> → <i>casulo</i></p> <p><i>tarde</i> → <i>tardio</i></p> <p><i>império</i> → <i>imperial</i></p>
<p>▸ As propriedades morfológicas de género, número, modo, tempo-aspeto e pessoa-número também não são alteradas pela associação de um prefixo;</p> <p>Ex.: <i>organização</i> [+fem] [+sing];</p> <p><i>desorganização</i> [+fem] [+sing];</p>	<p>▸ A categoria morfológica de género, nas palavras complexas em que está presente um sufixo, é normalmente determinada por este constituinte;</p> <p>Ex.: [ [desloca]<sub>TV</sub> <i>ção</i> ]<sub>N</sub> [+fem] [+sing];</p> <p>[ [desloca]<sub>TV</sub> <i>mento</i> ]<sub>N</sub> [+masc] [+sing]<sup>20</sup>;</p>
<p>▸ Os prefixos não dão origem a uma</p>	<p>▸ Os sufixos determinam a categoria</p>

<sup>18</sup> As características que a seguir se enumeram encontram-se em Mateus *et al.* (1990: 433-437) e Mateus *et al.* (2003: 942) e serão objeto de comentário crítico nesta dissertação na secção 3.5. do presente capítulo. A este respeito, também Montermini, citando Sgroi, afirma que «un prefisso è un elemento che:

- (i) si colloca a sinistra di una radice;
- (ii) veicola un significato grammaticale (e non lessicale);
- (iii) è legato;
- (iv) è collocato in una struttura endocentrica senza costituirne la testa, che si trova sempre a destra;
- (v) non modifica la categoria della base;
- (vi) non modifica l'accento primário della base» (Montermini 2009: 27).

<sup>19</sup> Note-se que, de acordo com as autoras, os sufixos *-mente* e *-(z)inho* não apresentam este comportamento. Veja-se Mateus *et al.* (1990: 438).

<sup>20</sup> A este propósito, as autoras afirmam que «nestes dois casos, a determinação do género pelo sufixo é evidente, dado que a base é um tema verbal que não tem qualquer especificação de género e ainda porque uma mesma base dá origem a um nome feminino, quando o sufixo é *-ção* e a um masculino, quando o sufixo é *-mento*». Veja-se Mateus *et al.* (1990: 438).

<p>alteração da categoria sintática<sup>21</sup>. A categoria sintática do derivado é idêntica à da palavra à qual o prefixo se associa;</p> <p>Ex.: vestir<sub>V</sub> → revestir<sub>V</sub></p> <p>feliz<sub>A</sub> → infeliz<sub>A</sub></p>	<p>sintática das palavras em que estão integrados<sup>22</sup>;</p> <p>Ex.: formal<sub>A</sub> → [ [formal]<sub>A</sub> izar]<sub>V</sub></p> <p>formalizar<sub>V</sub> → [ [formaliza]<sub>TV</sub> ção]<sub>N</sub></p>
<p>▶ Os prefixos não alteram a estrutura argumental da base a que se acoplam, podendo contudo alterar a estrutura de subcategorização da mesma;</p> <p>Ex.: Ela <i>acreditou no ministro</i>.</p> <p>Ela <i>desacreditou o ministro</i>.</p>	<p>▶ Os sufixos têm poder de alteração da estrutura argumental da base à qual se acoplam;</p> <p>Ex.: A água da fonte é pura.</p> <p>O filtro purifica a água da fonte.</p>
<p>▶ Os prefixos selecionam uma única categoria sintática como base, havendo, no entanto, casos de seleção de bases pertencentes a duas ou mesmo três categoriais diferentes;</p> <p>Ex.: intuitivo<sub>A</sub> → contra- intuitivo<sub>A</sub></p> <p>revolução<sub>N</sub> → contra- revolução<sub>N</sub></p> <p>argumentar<sub>V</sub> → contra- argumentar<sub>V</sub></p>	<p>▶ Os sufixos associam-se a unidades lexicais pertencentes a uma única categoria sintática ou a duas categorias que partilhem um traço de categoria sintática;</p> <p>Ex.: amável<sub>A</sub> → amabilidade<sub>N</sub></p> <p>sensível<sub>A</sub> → sensibilidade<sub>N</sub></p> <p>falso<sub>A</sub> [+N, +V]; → falsificar<sub>V</sub></p> <p>ramo<sub>N</sub> [+N, -V]; → ramificar<sub>V</sub></p>
<p>▶ Os prefixos podem coocorrer em posições adjacentes<sup>23</sup>.</p>	<p>▶ Os sufixos não podem coocorrer em posições adjacentes.</p>

<sup>21</sup> Veja-se, a este propósito, a afirmação de Soledad Varela Ortega: «El proceso derivativo puede cambiar la categoría gramatical de la base: en español, esto ocurre en el caso de los sufijos los cuales tienen su propia categoría léxica que imponen a la base que subcategorizan. Otros afijos, como son los prefijos, respetan, en cambio, la categoría de la base» (Varela Ortega 1992: 69-70). Também Scalise afirma que «la prefissazione non cambia la categoria lessicale della parola cui si aggiunge, mentre la suffissazione, di norma, la cambia» (Scalise 1984b: 93-95).

<sup>22</sup> Mateus *et al.* (1990) acrescentam que «considerando quer a categoria sintática da base, quer a do derivado, constata-se que os sufixos podem intervir em processos de adjetivação deadjetival, de adjetivação denominal, de adjetivação deverbal, de nominalização deadjetival, de nominalização denominal, de nominalização deverbal, de verbalização deadjetival, de verbalização denominal e de verbalização deverbal» (Mateus *et al.* 1990: 439).

<sup>23</sup> Note-se contudo que Montermini, aludindo aos «fattori fonologici», sublinha a existência de «restrizioni (morfo)fonologiche che impediscono ad alcuni prefissi di essere ricorsivi» (Montermini 2009: 121). Também Martín García (1998a) alude ao facto de «o prefixo *re-* no puede reduplicarse (*\*rerrebuscar*, *\*rerreeditar*), sublinhando contudo que tal facto «contrasta notablemente con otros prefijos intensivos, los cuales pueden reduplicarse (*supersuperconocido*, *hiper-hiperbarato*)» (Martín García 1998a: 123). Ainda a este propósito, mas referindo-se aos «fattori semântico-pragmatici»,

Ex.: [ [super] [ [ super] [interessante] ] ] [ [re] [ [re] [apreciar] ] ]	Ex.: * ...[vel] ] [vel] ] ] *... [çã] ] [çã] ] ]
--	---

De acordo com esta perspectiva mais tradicional, podemos concluir que prefixos e sufixos, ainda que possuidores de características comuns (serem inseridos na classe dos afixos, serem responsáveis por uma alteração regular da interpretação semântica da base e selecionarem determinadas propriedades nas bases às quais se acoplam), diferenciam-se, contudo, por serem detentores de características próprias responsáveis pela peculiaridade e especificidade de dois sub-domínios complementares da formação de palavras. No entanto, como veremos, esta conceção é, em muitos aspetos, claramente limitadora. Efetivamente, há diferenças entre prefixos e sufixos que, todavia, não estabelecem entre eles uma oposição dicotómica radical já que, frequentemente, estas diferenças são determinadas não só pelas propriedades intrínsecas de cada elemento afixal em particular, mas também pelas propriedades da base à qual ao qual o afixo se acopla.

A conceção tradicional dominante apresentada em (I-1) revela-se, assim, segundo Corbin (2001), «inadéquate empiriquement». Além disso, a tónica comumente colocada na capacidade (trans)categorizadora dos elementos afixais e «la corrélation qu'elle établit entre la position des affixes et le fait que ceux-ci aient ou non une capacité catégorisatrice ne fournit pas de réponses aux questions qui se posent» (Corbin 2001: 49). Assim, segundo Corbin (2001: 49), «la conception dominante a tort de mesurer la capacité catégorisatrice au simples changement catégoriel».

Na generalidade dos estudos empreendidos, os prefixos são considerados afixos menos prototípicos que os sufixos. No entanto, na análise que fez aos elementos afixais do francês, Corbin (1991) considera que prefixos e sufixos são «unités infralexicales» (Corbin 2001: 54) e que «les préfixes ne s'opposent pas aux suffixes par leur absence de

---

Montermini afirma que «la reduplicazione di un affisso è dovuta a necessità d'ordine semântico e pragmatico. Non tutti i significati veicolati dagli affissi possono essere espressi in maniera ricorsiva. È stato messo in evidenza a diverse riprese, ad esempio, come in diverse lingue i prefissi negativi possano legarsi soltanto a basi il cui significato non è già intrinsecamente negativo, ma soltanto a basi che esprimono una connotazione positiva o neutra. Di conseguenza, la ricorsività è perciò bloccata per tutti i prefissi negativi» (Montermini 2009: 121).

capacité catégorisatrice. [...] Les suffixes entrent tendanciellement dans des combinaisons hétérocategorielles plus variées que les préfixes parce qu'à leur position finale est associée dans les langues indoeuropéennes un rôle de marquage catégoriel, parce qu'ils sont des opérateurs plus typiquement affiaux que les préfixes et parce qu'ils sont les seuls à servir à certaines opérations sémantiques liées à une combinaison hétérocategorielle. Il apparaît donc que les combinaisons catégorielles dans lesquelles entrent les affixes ne sont pas indépendantes de leurs autres propriétés et sont motivées, en tous cas partiellement, par leurs propriétés sémantiques. Instructions catégorielles et instructions sémantiques sont, donc, associées» (Corbin 2001: 57).

Como procuraremos mostrar nesta tese, esta percepção faz-nos então, na senda do defendido por Corbin (2001), ancorar a análise que nos propomos fazer em dois pressupostos:

- (i) «préfixes et suffixes ont toujours une capacité catégorisatrice, que la catégorie du mot construit soit différente de celle de la base ou semblable à celle-ci. Autrement dit, tous les affixes sont porteurs d'une instruction catégorielle qui est responsable de la catégorisation des mots construits» (Corbin 2001: 49);
- (ii) «les différences observables entre les instructions catégorielles des affixes sont à corréluer aux autres différences qui les opposent, à savoir leur différence positionnelle – que la conception dominante a maladroitement exploitée –, leurs différences de nature et leurs différences sémantiques» (Corbin 2001: 49).

### 3.1.2. Classificação da prefixação

Ainda que «na tradição gramatical portuguesa a prefixação tenha por vezes sido considerada como um tipo de composição»<sup>24</sup> (Villalva 2000: 358), «a maior parte dos gramáticos normativos considera a prefixação como parte da derivação, embora sempre com alguma marca de hesitação por causa da origem histórica preposicional ou

---

<sup>24</sup> Corroborando esta posição, Villalva afirma que «considerando que a prefixação e a composição [morfológica] são processos de modificação, pode admitir-se que se trata de fenómenos muito próximos, cuja fronteira facilmente se esbate, permitindo que alguns prefixos sejam interpretados como radicais, ou alguns radicais como prefixos». Veja-se Villalva (2000: 358).

adverbial de muitos prefixos» (Basílio 2000: 13). De facto, a origem preposicional ou adverbial dos prefixos e a sua conseqüente autonomia serviram, não raras vezes, de critério para a inserção da prefixação nos processos de formação derivacionais ou composicionais. Neste sentido, é postulado que «les composés sont formés avec deux (ou plus) formants autonomes (d’où les préfixes); les dérivés sont formés avec un mot (la base) et un élément non autonome ou lié (l’affixe)» (Lehmann e Martin-Berthet 1998: 114).

Esta é a posição de alguns linguistas<sup>25</sup> que, contudo, não deixam de considerar que «la frontière entre dérivation et composition est floue sur deux points: certains préfixés peuvent être traités comme des composés et certains éléments de composition sont assimilables à des affixes» (Lehmann e Martin-Berthet 1998: 114). Esta fluidez de fronteiras no que respeita à inserção da formação prefixal nos processos derivacionais ou composicionais gerou, desta forma, três posições distintas relativas à análise da prefixação enquanto processo de formação de palavras:

---

<sup>25</sup> Sublinhe-se que esta é também a posição de Celso Cunha e Lindley Cintra que, na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, afirmam que «os prefixos são mais independentes que os sufixos, pois se originam, em geral, de advérbios ou de preposições que têm ou tiveram vida autónoma na língua. A rigor, poderíamos até discernir as formações em que entram prefixos que são meras partículas, sem existência própria no idioma (como *des-* em *desfazer*, ou *re-* em *repor*), daquelas de que participam elementos prefixais que costumam funcionar também como palavras independentes (assim: *contra-*, em *contradizer*, *entre-* em *entreabrir*). No primeiro caso, haveria derivação; no segundo, seria justo falar-se em composição» (Cunha e Cintra 1996: 85-86). A este propósito, considere-se a opinião de Soledad Varela Ortega que afirma que «a veces, el criterio formal de distinción basado en la condición de ‘forma libre’ de los constituyentes del compuesto se muestra insuficiente» (Varela Ortega 1992: 97).

1. A prefixação é considerada como fazendo parte da composição<sup>26</sup>;

Esta posição, patente em Fernão de Oliveira (1536: 46-47), Jerónimo Soares Barbosa (1830), António Ribeiro de Vasconcelos (1900: 133), José Joaquim Nunes (1989: 392) e Mattoso Câmara (1999: 92), entre outros, considera a prefixação como um processo de formação de palavras que se caracteriza pela autonomia formal, semântica e referencial de, pelo menos, um dos seus constituintes<sup>27</sup>.

1.1. A prefixação é considerada como um modo secundário de composição: a composição por partículas<sup>28</sup>.

Diez (1874: 384-405), Darmesteter (1972), Nyrop (1936) consideram a prefixação como fazendo parte da composição, processo de formação de palavras que se caracteriza pela autonomia dos constituintes. Assim, para estes linguistas, o prefixo, enquanto antigo advérbio ou preposição, é considerado como uma

<sup>26</sup> A composição, enquanto processo de formação de palavras, é entendida como «un processus mettant en jeu au moins deux catégories lexicales majeures» (Corbin 1991: 5), como um processo «que envolve pelo menos duas bases, autónomas ou não, cada uma das quais tem capacidade referencial» (Rio-Torto 1998a: 63) ou como um processo que «consiste em formar uma nova palavra a partir de duas palavras» (Faria 1996: 241). Já Soledad Varela Ortega afirma mais detalhadamente que «la composición es, como la derivación, un procedimiento léxico de creación de nuevas palabras. Desde al punto de vista formal, difiere, en cambio, de los procesos de afijación donde se produce la anexión de un elemento no independiente a otro independiente. En la composición, se unen o se combinan dos o más formas libres para constituir una forma compleja la cual, desde el punto de vista significativo, fónico y funcional, representa una unidad léxica. A veces, sin embargo, el criterio formal de distinción basado en la condición de ‘forma libre’ de los constituyentes del compuesto se muestra insuficiente» (Varela Ortega 1992: 97).

<sup>27</sup> Para Lehmann e Martin-Berthet, o principal argumento a favor desta posição é o de que «certains préfixes fonctionnent comme des préfixes autonomes; ce sont surtout des prépositions (par exemple, *après-midi*, *sans-faute*) et des adverbes (par exemple, *bienfait*, *malhabile*, *non-retour*)». Veja-se Lehmann e Martin-Berthet (1998: 115). Varela Ortega e Martín García comentam criticamente esta abordagem da seguinte forma: «La razón de ello [inclusão da prefixação nos processos de composição] es que, en los casos donde prefijo coincide con una preposición (*antesala*, *sin-razón*), aparecen dos formas libres que, combinadas entre sí dentro del ámbito léxico, deriven un compuesto. No es posible, sin embargo, encajar toda la prefijación en la composición, ya que hay prefijos (las preposiciones no separables) que no tienen autonomía propia o que no se pueden identificar con una preposición (*ex-alumno*, *post-conciliar*). (...) En la interpretación compositiva de la prefijación, el prefijo se identificaría con el constituyente no nuclear del compuesto: contribuye con este a fijar el contenido léxico de la palabra base, pero no la modifica sustancialmente desde un punto de vista semántico, respetando, por otra parte, su categoría gramatical. En este sentido, el prefijo se apartaría del sufijo, que es, en cambio, el núcleo categorial de la palabra derivada y cambia por lo común la categoría de la base a la que se añade» (Varela Ortega e Martín García 1999: 4995).

<sup>28</sup> No que diz respeito ao termo *partícula* e à sua relação com os elementos prefixais da língua, Cabré (1998) afirma que «els prefixos són sovint qualificats de partícules. Tractando-los així implica considerar-los mots, no mots lèxics sino mots gramaticals, del mateix tipus que algunes gramàtiques consideren els adverbis, les preposicions i les conjuncions alguns casos se’ls denomina directament ‘prefixos’ sense haver definit prèviament el terme. El seu estatut és doncs obscur i poc explícit. No se són si són afixos o no; si són mots o no; si són adverbis o preposicions o no» (Cabré 1998: 51).

partícula, isto é, como um elemento autónomo<sup>29</sup>. Neste sentido, a prefixação é considerada como um sub-tipo (secundário) de composição, sendo denominada ‘composição por partículas’ e opondo-se à composição propriamente dita que coloca em relação dois elementos autónomos pertencentes a duas categoriais gramaticais principais (nome, verbo e adjetivo).

2. A prefixação é considerada como fazendo parte da derivação<sup>30</sup>;

Esta posição, seguida atualmente pela maior parte dos linguistas, considera a prefixação como um processo de formação de palavras que se caracteriza pela não-autonomia de, pelo menos, um dos seus constituintes (geralmente o afixo). Sublinhe-se, no entanto, que, considerada como fazendo parte da derivação, à prefixação é também atribuída uma importância secundária relativamente à sufixação. Enquadram-se neste ponto de vista as posições de Torres (1980: 39), Scalise (1984b: 23)<sup>31</sup> e Evanildo Bechara (2001: 357), entre outras<sup>32</sup>.

<sup>29</sup> Sublinhe-se, contudo, que esta é também uma posição questionável. De facto, a independência e autonomia (formal e semântica) não é característica de todos os prefixos. A corroborar esta questão, Dany Amiot afirma que «certains préfixes correspondent en effet à des mots autonomes (cf. *ante-*) et d’autres à des mots non autonomes (cf. *pré-*, *post-*)» (Amiot 1997a: 25).

<sup>30</sup> Derivação, enquanto processo de formação de palavras, é entendida como «la concatenazione di una forma libera e di una forma legata» (Scalise 1984b: 121), «implicando a existência de uma só base e de um afixo» (Rio-Torto 1998a: 63), sendo considerada por alguns autores «quase exclusivamente um processo de sufixação» (Mateus 2003: 943).

<sup>31</sup> Na sua *Morfologia Lessicale*, Scalise afirma que «la derivazione può essere suddivisa in suffissazione, prefissazione e infissazione» (Scalise 1984b: 94) e que «se può definire la derivazione comme aggiunta di un affisso ad una parola. Se l’affisso si aggiunge a sinistra della parola allora l’affisso sarà un prefisso e il processo si chiamerà di prefissazione (marito → ex + marito); se l’affisso si aggiunge a destra della parola, allora l’affisso sarà un suffisso e il processo si chiamerà di suffissazione (dolce → dolce + mente)» (Scalise 1984b: 23).

<sup>32</sup> Varela Ortega e Martín García sintetizam criticamente esta posição da seguinte forma: «Otras consideraciones, sin embargo, inducen a tratar el prefijo como un afixo derivativo y, en consecuencia, la prefijación como parte de la derivación y no de la composición. (...) El hecho de que haya prefijos con varios alomorfos, uno coincidente con preposición, otros no (*en-cuerpar/in-corporar*, *de-capitar/des-membrar*), a veces especializados para bases o categorías léxicas determinadas (*sobrevivir/supervivencia*, *so-terrar/sub-terráneo*), otras en distribución libre (*entre-/intermediar*, *sobre-/superponer*), resulta un argumento poderoso a favor de considerar el prefijo como afixo. (...) En contra de la equiparación entre composición y prefijación está también el hecho de que, así como las relaciones entre los constituyentes del compuesto son las mismas que se dan en la sintaxis oracional, la adjunción de un prefijo a un verbo o a un nombre no produce en ningún caso combinaciones sintácticas esperables. (...) El requisito de la separabilidad no nos proporciona tampoco un criterio concluyente a favor de la identificación de la prefijación con la composición» (Varela Ortega e Martín García 1999: 4995-4996).

3. A prefixação é considerada como situando-se entre a derivação e a composição<sup>33</sup>;

A relativa (in)dependência e autonomia dos prefixos motivam alguma hesitação em linguistas e filólogos de renome, dos quais salientamos Meyer-Lübke (1895: 616), Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1912: 86), Said Ali (1931: 229) e Cunha e Cintra (1996: 86) que optam assim por inserir a prefixação na fronteira entre os processos derivacionais e composicionais.

A peculiaridade dos elementos prefixais e a consequente problemática da inserção da prefixação nos processos derivacionais ou composicionais de formação de palavras é, sem dúvida, uma questão de suma importância. Mais do que defender teorias, parece-nos importante descrever dados para perceber que, efetivamente, os prefixos, ainda que portadores de características comuns, divergem entre si em alguns aspetos. Os elementos prefixais devem assim ser considerados como elementos inseridos num sistema, mas portadores de uma especificidade própria que justificará, como veremos, diferentes pontos de vista relativos à “classificação” da prefixação enquanto processo derivacional ou composicional.

### 3.2. Caracterização de elementos prefixais

Considerado como «un morfema que se adjunta al inicio de una palabra independiente o de un tema o raíz ligada, según el esquema básico [base léxica]<sub>x</sub> → [prefijo [base léxica]<sub>x</sub>]<sub>x</sub>» (Varela Ortega e Martín García 1999: 4995), o prefixo é um elemento oriundo de um advérbio ou de uma preposição latina e detém, segundo a generalidade dos estudiosos, uma autonomia superior à do sufixo. Esta autonomia, por vezes traduzida em (alguma) independência formal, torna premente uma questão sobejamente discutida no panorama linguístico atual: a da inserção da prefixação nos processos de derivação ou composição. De facto, em numerosos estudos realizados (Spencer 2000, Iacobini 1992), é relativamente frequente a flutuação existente no que

---

<sup>33</sup> Varela Ortega e Martín García afirmam, a este propósito que «algunos autores consideran la prefijación como un procedimiento distinto de la derivación pero no por ello igual a la composición» (Varela Ortega e Martín García 1999: 4996).

concerne à classificação da prefixação enquanto processo derivacional ou composicional<sup>34</sup>. A variação/flutuação que os segmentos afixais sofrem, quer diacrónica quer sincronicamente, tem assim potenciado algumas análises que atribuem aos prefixos carácter opcional ou facultativo<sup>35</sup>, levando alguns estudiosos a sublinhar a pouca relevância do prefixo na configuração semântica do produto derivacional. Além disso, a preferência dada ao estudo da sufixação tem também assentado no pressuposto de que os sufixos são mais aptos que os prefixos a alterar a categoria gramatical e a estrutura argumental da base a que se acoplam. Esta posição, apesar de ter vindo a ser contrariada por alguns estudos<sup>36</sup>, obriga a (re)equacionar o funcionamento dos prefixos em contexto derivacional, clarificando o seu estatuto na formação de palavras, avaliando o seu uso e determinando as relações estabelecidas entre a base e o produto derivacionalmente construído.

Apesar de ser considerada por alguns como um processo de menor importância face à sufixação<sup>37</sup>, a prefixação afigura-se, assim, como «un procedimento formativo molto produttivo, (...) presenti nel lessico comune», patenteando um «registri elevati in terminologie specialistiche» (Iacobini 2004: 99). Este processo define-se pela anteposição, ao radical ou tema, de uma partícula, chamada por isso prefixo, que serve para modificar a ideia expressa pelo elemento primitivo» (Nunes 1989: 392) e é considerado por alguns linguistas como «el medio más general y activo de formar

<sup>34</sup> Esta flutuação assenta claramente na natureza de alguns elementos afixais. Assim, se a natureza prefixal de alguns afixos que se acoplam à esquerda da base parece inquestionável, por serem, claramente, elementos ligados e dependentes (*in-*, *des-*, *re-*), outros elementos há que, aparecendo na mesma posição, podem ser considerados também como elementos preposicionais completamente autónomos, podendo, além do uso prefixal, introduzir um sintagma preposicional seguido de um elemento nominal (*entre-tela*; *entre a tela*). Assim, é comumente aceite que uma formação como a anterior pode ser considerada como uma formação derivada se o primeiro elemento for considerado como um prefixo, ou como uma formação composta se a forma *entre* for considerada uma preposição. Este problema coloca-se também em formas como *antebraço*, *contra-curva*, *sem-número* ou *sobre-arco*, que serão por nós analisadas no capítulo II da presente tese.

<sup>35</sup> Note-se que em determinados pares verbais do tipo *madurar* e *amadurar*, *parafusar* e *aparafusar*, *vermelhar* e *avermelhar*, *plainar* e *aplainar*, *pendurar* e *dependurar*, *gripar* e *engripar*, (...) *baixar* e *abaixar*, *baralhar* e *embaralhar*, *juntar* e *ajuntar* o prefixo é, aparentemente, opcional. Rui Pereira afirma que «algumas formações prefixadas, do tipo *alimpar*, *alevantar*, *amandar*, são facilmente identificadas como provenientes de registos populares ou arcaicos, pelo que dificilmente comutarão com as correspondentes formas não prefixadas. Por outro lado, ainda que os produtos verbais construídos possam ser funcionalmente equivalentes, é lógico admitir que podem não ter o mesmo grau de aceitabilidade e de vitalidade, nem necessariamente a mesma utilização pragmático-discursiva». Veja-se Pereira (2000: 37). A este propósito veja-se Rio-Torto (1998c: 303).

<sup>36</sup> Veja-se o que é referido a este respeito na secção 3.5 do presente capítulo.

<sup>37</sup> A este propósito, Montermini refere-se à prefixação como sendo um «fenómeno doppiamente ‘marginale’, la prefissazione è spesso stata considerata come il caso particolare di un fenomeno più ampio» (Montermini 2009: 9).

nuevas palabras» (Varela Ortega e Martín García 1999: 4995). A formação prefixal é assim representada de acordo com o esquema básico [prefixo [base léxica]<sub>X</sub> ]<sub>X</sub><sup>38</sup>, no qual o prefixo detém uma especificidade própria relativamente aos restantes afixos e uma importância decisiva na configuração semântico-formal do produto. De facto, contrariamente aos sufixos, elementos dependentes que se «encontram à direita da forma de base» (Mateus 2003: 941), os prefixos são «mais independentes pois originam-se, em geral, em advérbios ou preposições que têm ou tiveram vida autónoma na língua» (Cunha e Cintra 1996: 85-86)<sup>39</sup>. Consequentemente, «os prefixos têm maior força significativa e podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua)<sup>40</sup>» (Bechara 2001: 338) mas «não servem, como os sufixos, para determinar uma nova categoria gramatical» (Bechara 2001: 338). Os prefixos são, pois, de acordo com a sua natureza afixal, elementos ligados que se antepõem a uma base que é, segundo Iacobini (1992: 165) uma palavra já que «os prefixos formam produtos antepondo-se a uma palavra e não a um elemento livre»<sup>41</sup>. No que concerne à categoria da palavra prefixada, tanto Iacobini (1992: 165) como Varela Ortega e Martín García (1999: 4996) assinalam que os prefixos não são, geralmente, o núcleo da palavra complexa, não modificando, deste modo, a categoria gramatical da base a que se

<sup>38</sup> No mesmo sentido, Mário Vilela define prefixação como «a combinação de um prefixo com uma base» (Vilela 1994: 60), «with affixe preceding the root» (Booij 2000: 528).

<sup>39</sup> Sublinhe-se, a este propósito, a afirmação dos autores: «A rigor, poderíamos discernir as formações em que entram prefixos que são meras partículas, sem existência própria no idioma (*des-*, *re-*), daquelas de que participam elementos prefixais que costumam funcionar também como palavras independentes (*contra-*, *entre-*). No primeiro caso, haveria derivação; no segundo, seria justo falar-se de composição» (Cunha e Cintra 1996: 86).

<sup>40</sup> No mesmo sentido, Guilbert afirma que «o morfema prefixal se caracteriza por uma maior separabilidade, representando um elemento de construção mais autónomo» (Guilbert 1975: 130). Também Saussure afirma que o prefixo «est mieux délimité, parce qu'il se détache plus facilement de l'ensemble du mot» (Saussure 1974: 257-258). Note-se, contudo, a posição de Maria Tereza Carvalho Martins que sublinha que «os significantes *ultra-* (em *ultra-romântico*), *anti-* (em *anticiclone*), *contra-* (em *contra-veneno*) apresentam uma certa independência em relação ao significante total de que fazem parte, independência essa que não aparece no significante *re-* de *recomeçar*. A relativa independência daquelas formas manifesta-se na possibilidade de constantemente formar novos significantes, dado que a produtividade de *arqui-*, *anti-* ou *ultra-* é muito grande (*ultra-violeta*, *ultra-som*, *ultra-sensível*)». Veja-se Martins (1966: 18-19).

<sup>41</sup> A tradução é nossa. Sublinhe-se que esta caracterização dos prefixos, ainda que genericamente aplicável à maior parte dos produtos prefixados do português, revela-se, contudo, problemática já que, conforme sublinham Varela Ortega e Martín García (1999: 4995), apesar de, maioritariamente, os elementos prefixais se acoplarem a palavras independentes (*a-moral*), existe igualmente, em castelhano, o registo de combinações de prefixo + raiz ligada (*a-grafo*). Ainda no que concerne às possibilidades de ligação de elementos afixais, impossível é, como veremos, a possibilidade de combinação de um prefixo com um sufixo (*\*re+ción*, *\*pré + miento*).

acopla<sup>42</sup>, seja ela verbal ([co-[escrever]<sub>V</sub>]<sub>V</sub>), nominal ([co-[autor]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>) ou adjetival ([co-[organizado]<sub>A</sub>]<sub>A</sub>)<sup>43</sup>. Relativamente à função semântica dos elementos prefixais, é comumente aceite que estes morfemas realizam uma modificação circunstancial (Varela Ortega e Martín García 1999: 4998) sobre o significado da base<sup>44</sup>.

### 3.3. Prefixos e elementos preposicionais

Como já foi dito, (alguns dos) prefixos que hoje encontramos na língua portuguesa apresentam um grau de autonomia e independência formal e semântica em muito superior à dos sufixos<sup>45</sup>. De facto, os prefixos não são, como diz Said Ali (1931: 229), «preposições e advérbios, isto é, vocábulos de existência independente, combináveis com outras palavras», mas apresentam variáveis graus de autonomia, em correlação com o facto de serem oriundos de antigas preposições ou advérbios latinos<sup>46</sup>.

Alguns dos estudos existentes sobre prefixação identificam os prefixos com a categoria gramatical das preposições<sup>47</sup>, sendo defendido por muitos (Potier 1972; Quilis 1970; Urrutia Cárdenas 1972) que os prefixos mais não são que variantes ligadas das

<sup>42</sup> Sublinhe-se, contudo, que Santana Suárez (2004) defende que «las funciones sintáticas y gramaticales suelen mantenerse en la forma prefijada aunque eventualmente podrá producirse transcategorización» (Santana Suárez 2004: 10).

<sup>43</sup> Estes exemplos mostram-nos também que, genericamente, um mesmo prefixo se acopla a diferentes categorias gramaticais.

<sup>44</sup> Varela Ortega afirma mesmo que os prefixos «se limitam a añadir precisiones al significado del lexema al que preceden» (Varela Ortega 2005: 57). Já Santana Suárez (2004) afirma que «los prefijos (...) normalmente matizan, corrigen, modifican y orientan el significado de la palabra» e que «en el aspecto semántico, el prefijo incorpora un matiz específico que le es propio, pero la carga semántica principal corresponde a la palabra original» (Santana Suárez 2004: 10).

<sup>45</sup> A este respeito, Rio-Torto (1993: 45) afirma que é necessário «salientar a especificidade dos prefixos relativamente à dos sufixos, especificidade que passa pela maior individualidade semântica daqueles, e que está relacionada com o facto de eles terem origem em advérbios ou preposições».

<sup>46</sup> Note-se que, relativamente à origem dos elementos prefixais e à relação empreendida entre estes e as preposições ou advérbios, já Carolina Michaëlis de Vasconcelos afirmava, em 1912 nas suas *Lições de Filologia Portuguesa* que «alguns advérbios e algumas preposições (...) foram aproveitados como prefixos nos idiomas neolatinos» (Vasconcelos 1912: 86-87). Também Montermini afirma que «la maggior parte dei prefissi delle lingue indoeuropee d'Europa deriva da elementi che funzionavano come entità lessicali autonome (principalmente preposizioni o avverbii) in latino o in greco antico» (Montermini 2009: 14).

<sup>47</sup> Sobre a proximidade estabelecida entre preposições e prefixos, Varela Ortega afirma que «este hecho ha llevado a algunos autores a tratar los prefijos como preposiciones y a incluir las formaciones léxicas a las que dan lugar entre los compuestos» (Varela Ortega 2005: 58-59). No entanto, nesse mesmo estudo, mais à frente, a autora conclui que «todas estas razones nos llevan a clasificar el prefijo como un tipo de afijo léxico y a considerar que el proceso por el cual se une a un lexema es un caso de derivación y no de composición» (Varela Ortega 2005: 59).

preposições<sup>48</sup>. Este facto, ancorado na perceção de que se trata de um processo que envolve a junção de duas palavras independentes, faz com que se considere que os produtos prefixados não se inserem nos processos derivacionais, mas sim nos processos de composição, caracterizados pela combinatória de dois lexemas, de acordo com o esquema  $[[a]_x [b]_y]_z$ <sup>49</sup>.

Nesta mesma linha, considerando estudos mais recentes, Moreno de Alba (1996) refere-se aos prefixos do espanhol mediante os termos ‘preposições separáveis’ e ‘preposições inseparáveis’: as preposições separáveis dizem respeito aos prefixos que coincidem formalmente com uma preposição (*entre-*, *contra-*)<sup>50</sup>, enquanto a denominação de “preposições inseparáveis” se aplica a prefixos de origem latina que não correspondem a nenhuma preposição na fase atual da língua (*ex-*, *post-*). Esta tendência para equiparar prefixos e preposições baseia-se principalmente em dois fatores: por um lado, na coincidência formal existente entre grande parte dos prefixos e as preposições (*contra/contra-*, *entre/entre-*, *sem/sem-*, *sobre/sobre-*) e, por outro lado, na procedência etimológica comum existente entre uma boa parte dos prefixos do português e as preposições homólogas. Varela Ortega e Martín García (1999: 4995) assinalam ainda outra característica que favorece igualmente a identificação dos prefixos com as preposições: estas últimas, tal como os prefixos e distinguindo-se das categorias gramaticais maiores, não admitem sufixos. Não é pois possível formar uma palavra nova mediante a combinação de um prefixo/preposição e um sufixo.

É assim evidente a relação existente entre prefixos e preposições<sup>51</sup>, quer do ponto de vista diacrónico quer do ponto de vista sincrónico. No entanto, os prefixos,

<sup>48</sup> Montermini afirma que «i prefissi più frequenti sono le preposizioni» (Montermini 2009: 13).

<sup>49</sup> Segundo Rio-Torto e Ribeiro (2009), «os compostos são unidades pluriverbais que resultam da combinatória de pelo menos dois lexemas numa só unidade lexical. O esquema  $[[a]_x [b]_y]_z$  sintetiza o modelo mais geral de composição em português. Nele, [a] e [b] representam as palavras, os radicais ou os temos que integram o composto. X, Y e Z representam as classes lexicais associadas a [a], [b] e ao composto. Os constituintes estão gramaticalmente ligados por relações de coordenação, de subordinação ou de atribuição». Veja-se Rio-Torto e Ribeiro (2009: 230-231).

<sup>50</sup> Também Montermini alerta para a existência de uma grande «somialianza esteriore tra prefissi e unità lessicali autonome» (Montermini 2009: 15).

<sup>51</sup> Sobre esta estreita relação estabelecida entre prefixo e preposição, Varela Ortega afirma que «en muchos casos los prefijos se corresponden con preposiciones y, en otros, con preposiciones latinas o griegas que no han pasado a nuestra lengua como morfemas libres o preposiciones separables. Esto hace que algunos prefijos puedan identificarse con una preposición, tanto por su forma como por su función (*sobrevolar*, *entre-sacar*), y otros, sólo por su función (*superponer*, *sub-terráneo*)» (Varela Ortega 2005: 58). Também Iacobini (2004) afirma que «la preposizioni si differenziano dalle altre categorie sintattiche che prendono parte a regole di formazione delle parole (nomi, aggettivi, verbi) per diverse caratteristiche che le accomunano ai prefissi: quella di esprimere significati di tipo relazionale, quella di non poter essere

ainda que de distinta procedência, apresentam certas características que, por não serem coincidentes com as características das preposições<sup>52</sup>, postulam a sua inserção no grupo dos afixos derivativos, nomeadamente<sup>53</sup>:

---

base né di derivazione né di flessione, quella di costituire un inventario ristretto, quella di occupare esclusivamente la posizione iniziale all'interno della parola complessa. Le affinità fra preposizione e prefissi sono evidenti nel fatto che per ben otto preposizioni c'è un prefisso uguale o simile per forma e paragonabile per significato» (Iacobini 2004: 101-102). A este respeito, Martín García (1998a) afirma que «la relación entre los prefijos y las preposiciones aparece ya tratada en trabajos estructuralistas como el de Pottier (1972), en el que se considera el prefijo como un elemento de subordinación con las mismas funciones gramaticales que los elementos prepositivos. En la gramática transformacional, autores como Guilbert (1971) consideran que una formación prefijada no es más que el resultado de la transformación de un sintagma o de una oración, en los cuales existe un adverbio (*muy conocido* > *superconocido*), una preposición (*raíl contra otro raíl* > *contrarraíl*) o una locución prepositiva (*que está debajo del mar* > *submarino*)» (Martín García 1998a: 34).

<sup>52</sup> Martín García (2003b), no seu estudo, chama a atenção para «las diferencias entre los elementos que intervienen en las formaciones que nos ocupan (*activistas pro derechos humanos*) y las verdaderas preposiciones. En efecto, no es posible insertar ningún elemento entre la supuesta preposición y el nombre (*\*crema antilas arrugas* / cf. *crema contra las arrugas*). (...) Es fácil advertir que las auténticas preposiciones realizan más funciones que los prefijos. Así, mientras que estos relacionan exclusivamente dos nombres, las preposiciones pueden estar regidas por un verbo (*abastecer de agua*), por un nombre (*interés por la cultura*) o por un adjetivo (*contento de que vengas*), además de introducir una oración subordinada (*vivir sin trabajar*) o encabezar complementos adjuntos (*cortar con el cuchillo*). Respecto a la posibilidad de que pueda aparecer un sintagma nominal como base, cabe señalar que son muy pocas las configuraciones posibles en estas estructuras. De hecho, podemos encontrarnos dos casos: bien expresiones fijas (*pro derechos humanos*), bien la base nominal aparece con complementos que restringen su extensión significativa (*inter centros de enseñanza secundaria*)» (Martín García 2003b: 389).

<sup>53</sup> Sobre a relação estabelecida entre prefixos e preposições, Fabio Montermini (2000), na sua comunicação *Prefissi vs. Preposizioni nell'italiano di oggi*, afirma que «prefissi e preposizioni siano indubbiamente legati sul piano diacronico; dal punto di vista sincronico si tratta di due unità diverse nella sostanza, che la língua impiega in strutture di tipo diverso: tipicamente, le preposizioni, in strutture di tipo sintattico, i prefissi in morfologia, nella formazione di parole complesse. In sostanza, si cercherà di stabilire una serie di criteri certi che permettano di operare una distinzione netta tra questi due tipi di unità, e che contribuiscano a fare chiarezza sulla non facile questione di quali elementi debbono fare parte della categoria 'prefissi' e quali no :

- a) mentre vi sono prefissi che corrispondono a preposizioni autonome della língua, ve ne sono altri che compaiono soltanto come forme legate e non compaiono mai come forme autonome, e tuttavia questi due tipi di unità non sembrano presentare differenze tali da giustificare un trattamento distinto. Al contrario, essi esprimono apparentemente le stesse relazioni semantiche e grammaticali tra le basi cui si aggiungono e le parole complesse che servono a formare;
- b) dal punto de vista del significato, le preposizioni coprono alcune aree semantiche precise: esse esprimono relazioni tra elementi, relazioni di tipo spaziale o temporale. La gamma delle aree semantiche coperte dal prefissi sembra invece essere più ampia; oltre alle relazioni semantiche tipiche delle preposizioni (ad esempio, relazioni spaziali o temporali, *pre-*, *post-*, *retro-*), essi possono servire ad esprimere diversi rapporti semantiche: negazione (*in-*, *anti-*), reiterazione (*ri-*), superiorità (*super-*, *iper-*);
- c) una delle caratteristiche fondamentali che quasi unanimemente nella letteratura vengono attribuite al prefissi è la loro incapacità di operare selezioni all'interno delle basi cui si aggiungono, ossia la possibilità per un prefisso di essere aggiunto a basi appartenenti ad una qualsiasi delle categorie lessicali maggiori (nomi, aggettivi, verbi), al contrario, la sola combinazione ammessa per i composti preposizionali sarebbe [ P ] [ N ], e ciò sarebbe dovuto al fatto che la composizione, pur essendo un fenomeno in tutto e per tutti morfologico, non può prescindere dalle strutture sintattiche che soggiacciono al composti, e che in sintassi la sola combinazione ammessa è quella in cui una preposizione modifica un nome. Se, dunque, come è legittimo sostenere, la composizione in qualche modo 'mima' la sintassi, è palesemente contrario alla logica affermare l'esistenza di composti in cui

1. prefixos de origem latina, sem correlato preposicional: existem prefixos com grande vitalidade na fase atual da língua (*re-* aspectual ou *in-* negativo) que não procedem de preposições latinas e que, conseqüentemente, não apresentam correlato preposicional em português. De igual modo, há prefixos que procedem etimologicamente de preposições latinas (como *pré-* e *pós-*) e que, sincronicamente, não se relacionam com nenhuma preposição da língua;
2. prefixos de origem grega: outra prova contra a identificação de prefixos e preposições é constituída por certos elementos de origem grega, excluídos do inventário atual dos prefixos por alguns, ainda que aceites como prefixos por outros, tendo em conta a sua grande vitalidade e produtividade do estado atual da língua. É o caso de prefixo *auto-* (com sentido reflexo) que não pode ser relacionado com uma preposição nem diacrónica nem sincronicamente, pois procede de um pronome grego;
3. prefixos de origem latina, com correlato preposicional<sup>54</sup>: existem prefixos derivativos que coincidem com preposições na fase atual da língua que, pelas características que apresentam, não podem ser considerados numa só e mesma classe. Referimo-nos aos prefixos com vários alomorfos<sup>55</sup>, como *entre-* e *inter-*, dos quais apenas um coincide com a preposição (*entre-*), e que podem estar especializados para determinadas bases (*entreabrir* e não *\*interabrir*) ou apresentar uma distribuição livre (*entrelinha/interlinha*). Sublinhamos, a este propósito, que:

- 3.1. a especialização dos alomorfos relaciona-se não só com o tipo de base à qual o prefixo se acopla, mas também com o valor semântico do próprio prefixo. Assim, como veremos, a forma *entre-*, além do valor espacial que partilha com

---

una preposizione modifichi unità lessicale diverse da nomi, il che corrisponde a dire che la prefissazione e la composizione sono due procedimenti sostanzialmente diversi» (Montermini 2000: 2-3).

<sup>54</sup> A este propósito, Varela Ortega e Martín García (1999) afirmam que «la mayoría de los prefijos proceden de preposiciones latinas o griegas de las que han heredado los valores semánticos correspondientes» e que «algunos prefijos de este tipo conviven con la preposición en la actual etapa del español (*con-*, *contra-*, *entre-*, *sin-*, *sobre-*)» (Varela Ortega e Martín García 1999: 4999).

<sup>55</sup> Em estudo posterior Varela Ortega relembra que «existen prefijos con dos o más alomorfos, uno de los cuales coincide formalmente con una preposición (*con*, *sobre*, *en*) y otro no (*co-*, *super-*, *in-*)» (Varela Ortega 2005: 59).

*inter-*, possui igualmente um valor gradativo de diminuição de uma qualidade (inexistente em *inter-*);

3.2. os prefixos que coincidem parcial ou totalmente com uma preposição na fase atual da língua podem apresentar um valor semântico mais restrito que a preposição homóloga. Esta situação aplica-se, como veremos, ao prefixo *co-* e à preposição *com* com significado comitativo. Como veremos, *co-* expressa a intervenção conjunta de uma pluralidade de agentes na realização de um evento, podendo essa relação semântica ser expressa também por um SP introduzido pela preposição *com* (*co-escrever o guião = escrever o guião com alguém*). No entanto, ao contrário da preposição, o prefixo *co-* não pode unir-se a predicados que denotem estados ou eventos que se interpretam obrigatoriamente como ações individuais. Assim, *ver televisão* ou *apreciar um quadro* admitem um complemento comitativo introduzido pela preposição *com* (*ver televisão com alguém*; *apreciar um quadro com alguém*), não admitindo, contudo, a acoplagem do prefixo *co-* (*\*co-ver televisão* ou *\*co-apreciar um quadro*);

3.3. em alguns casos, a variante que apresenta maior vitalidade da fase atual da língua é, precisamente, aquela que mais se afasta formalmente da preposição (é o caso de *co-*, *inter-*, *super-*, face a *com-*, *entre* e *sobre-*, respetivamente).

Neste sentido, e conforme sublinha Corbin (2001: 54), «les préfixes ne doivent pas être confondus avec les prépositions homomorphes» já que «cette homomorphie existe néanmoins pour certains, et le sens des préfixes n’est pas complètement indépendant de celui des unités lexicales dont ils partagent la forme». Assim, «il est inadéquat de voir dans les préfixes des avatars de prépositions ou d’adverbes» (Corbin 2001: 53)<sup>56</sup> já que, como veremos, os prefixos apresentam características diferentes das

<sup>56</sup> Corbin, apesar de considerar que «étymologiquement, beaucoup de préfixes sont d’anciennes prépositions ou d’anciens adverbes» e que «synchroniquement, beaucoup de préfixes ont la même forme des prépositions ou des adverbes» (Corbin 2001: 52), afirma que «il y a des différences sémantiques assez nettes entre les préfixes et les prépositions homomorphes, même si on peut observer un recouvrement partiel des valeurs (par exemple, même si une certaine équivalence peut être établie entre la valeur de localisation spatiale de *sous* préposition et de *sous-* préfixe (*sous la mer/sous-marin*), *sous* préposition peut prendre une valeur de localisation temporelle (ex. : *Il est né sous De Gaulle*), mais *sous-* préfixe ne le peut pas; inversement, alors que *sous-* préfixe peut indiquer que le référent du mot construit n’atteint pas

apresentadas pelas preposições, o que nos leva a considerar prefixos e preposições como unidades distintas<sup>57</sup>. Às características atrás referidas, acrescentamos ainda três, mencionadas por Varela Ortega e Martín García (1999):

4. os prefixos que coincidem formalmente com uma preposição podem apresentar funções preposicionais (*sobre-voar*) ou adverbiais (*sobre-alimentar*)<sup>58</sup>;
5. existem relações paradigmáticas entre prefixos com e sem correlato preposicional (*sub-valorizar/infra-valorizar*);

---

une norme quantifiable attendue (*sous-doué, sous-payer*), *sous* préposition ne peut pas avoir cette valeur» (Corbin 2001: 53-54).

<sup>57</sup> A este respeito, Iacobini (2004) refere que «la posizione di chi assimila i prefissi alle preposizioni presenta diversi punti deboli. (...) Nonostante la parentela etimologica fra preposizioni e alcuni prefissi (che determina la condivisione di alcune caratteristiche), i prefissi e le preposizioni formano due categorie distinte, e i processi formativi a cui prendono parte sono diversi: i prefissi formano derivati endocentrici, le preposizioni un particolare tipo di composti esocentrici. Da un punto di vista etimologico, è vero che molti prefissi italiani hanno origine da preposizioni latine e greche (*anti-, infra-, super-*), in genere già usate nelle lingue classiche per la formazione di parole complesse. (...) Pur rimanendo in una prospettiva etimologica, vi sono però diversi motivi che non permettono l'identificazione fra preposizioni e prefissi dell'italiano:

- (a) innanzitutto vi sono diversi prefissi che non riconducibili a preposizioni (*a-* privativo, *dis-*, *ri-*, *maxi-*, *mini-*, *semi-*);
  - (b) vi sono prefissi italiani che sono riconducibili a preposizioni latine o greche (*anti-*, *infra-*, *pre-*, *post-*), ai quali non corrisponde alcuna preposizione italiana;
  - (c) se è vero che vi sono prefissi italiani riconducibili a preposizioni greche o latine, non necessariamente è vero il contrario: diverse preposizioni delle lingue classiche non sono mai state impiegate in italiano per formare parole di uso comune.
- (...) Ancora più probanti sono i fattori di ordine sincronico che determinano la distinzione fra le due categorie:
- (a) i prefissi omografi delle cosiddette preposizioni proprie sono di scarsa o nulla produttività nell'italiano contemporaneo;
  - (b) le preposizioni normalmente precedono un sintagma nominale, mentre i prefissi (anche quelli di origine preposizionale) sono premessi oltre che a nomi, ad aggettivi e a verbi. L'uso dei prefissi davanti a parole di categoria diversa da nome distingue quindi nettamente le capacità combinatorie dei prefissi da quelle delle preposizioni;
  - (c) i tipi di significato espressi dalle preposizioni e dai prefissi coincidono solo parzialmente. Il punto di contatto è dato dai significati locativi e temporali, ma sia le preposizioni sia i prefissi esprimono tipi di significato che l'altra categoria non può esprimere (le preposizioni italiane esprimono significati come quello strumentale o agentivo estranei alle possibilità dei prefissi, mentre questi ultimi (a differenza delle preposizioni) possono esprimere la quantificazione (*semi-*, *multi-*), l'intensificazione (*iper-*, *superi-*), la dimensione (*mega-*, *maxi-*), la ripetizione (*ri-*);
  - (d) i prefissi a cui corrisponde una preposizione omografa hanno caratteristiche semantiche e distribuzionali del tutto analoghe a quelle dei prefissi a cui non corrisponde alcuna preposizione» (Iacobini 2004: 101-104).

<sup>58</sup> Varela Ortega, no seu estudo de 2005, corrobora esta questão mencionando que «prefijos considerados formal y funcionalmente preposicionales, como *sobre-* en *sobrevolar* ('volar por encima de') y *ultra-* en *ultramar* ('al outro lado del mar'), pueden adoptar, en otras formaciones, valores adverbiales; así, en *sobrealimentar* ('alimentar demasiado, en exceso') y *ultrarradical* ('muy radical'), por ejemplo» (Varela Ortega 2005: 59).

6. há estruturas inexistentes na sintaxe oracional, como as formadas por prefixos coincidentes com preposições que se acoplam a adjetivos (*entre-fino*)<sup>59</sup>.

A relação prefixo/preposição é, como vimos, uma questão premente no que concerne à caracterização deste processo de formação de palavras. Por isso, devemos equacionar não só a relação prefixo/preposição, mas também a importância destes últimos elementos na atual estrutura da língua. Como sublinha Brøndal (1950: 3), «ces petits mots peuvent jouer un rôle décisif tant dans la structuration de la langue que dans l'établissement de toute espèce de terminologie, technique, scientifique ou philosophique», afigurando-se assim fundamental o seu estudo. Neste sentido, não nos parece estranho que alguns estudiosos o tenham feito. Destacam-se, neste âmbito, pela amplitude da sua obra e pelo rigor com que empreenderam o seu estudo, sobretudo Viggo Brøndal (1950) e Bernard Pottier (1972). Tendo por principal objetivo caracterizar os elementos preposicionais, diferenciando-os entre si, organizando-os num sistema de oposições e aferindo as relações estabelecidas entre eles e os elementos prefixais, as análises empreendidas por estes dois linguistas afiguram-se, no entanto, diferentes em virtude dos modelos teóricos adotados.

Assim, Brøndal caracteriza os elementos preposicionais recorrendo a relações lógico-matemáticas (a simetria, a transitividade, a continuidade, a conectividade e a variabilidade, entre outras) e define uma preposição recorrendo a uma combinação mais ou menos complexa de relações que permitirá (i) definir o seu sentido e (ii) aferir as diferentes utilizações (localização, condição, causa, fim, oposição, comparação, entre outras) que uma preposição pode assumir na cadeia enunciativo-pragmática. Além disso, não descarta a relação estabelecida entre preposições e prefixos, considerando o emprego destes últimos como derivante, também, de algumas realizações adverbiais e afirmando que «les emplois préfixaux apparaissent au même titre que les emplois prépositionnels et adverbiaux, sans marque particulière» (Amiot 1997a: 46)<sup>60</sup>.

---

<sup>59</sup> Veja-se, a este propósito, a afirmação de Varela Ortega: «hay que señalar que determinados prefijos – con valor adverbial, a pesar de su origen preposicional – se adjuntan a bases adjetivas (*a-normal, archi-famoso, infra-humano*)» (Varela Ortega 2005: 59).

<sup>60</sup> Vejam-se as virtualidades e insuficiências da posição deste autor em Amiot (1997a: 46).

Já Pottier procura definir e caracterizar as preposições recorrendo a esquemas de representação organizados com base em três noções: limite (simples/duplo, orientado/não orientado), movimento (que se opõe a caráter estático) e ponto de vista (definido como o lugar a partir do qual é visualizado e concebido o fenómeno a localizar). Nestes esquemas, cujo objetivo fundamental é o de simplificar a instanciação de sentido, considera-se que o significado de uma preposição é definido de forma abstrata e virtual, podendo esta sofrer uma aplicação mais concreta em contexto pragmático-discursivo. Além disso, e tal como Brøndal, também Pottier considera que preposição e prefixo estabelecem uma relação muito próxima. Neste sentido, afirma: «Il n’y a pas de différence de nature entre préposition et préfixe. On peut toujours signaler que certains préfixes n’existent qu’à l’état lié (*per-*, *pro-*, *re-*) et d’autres à l’état libre (*pour-*, *contre-*); mais ils remplissent tous la fonction de préfixe, et il n’y a aucune raison pour en scinder l’étude» (Pottier 1962: 100). Assim, para este autor, os prefixos são elementos de sentido relacional e os empregos prefixais em nada se diferenciam dos empregos preposicionais<sup>61</sup>.

Também a respeito da relação entre elementos preposicionais e elementos prefixais, Mattoso Câmara afirma:

«(...) o latim desenvolveu um sistema de ‘prefixos’, proveniente de partículas adverbiais ou ‘preverbos’ (...). Assim se estabeleceu na estrutura da língua latina um processo fundamental para a criação de novas palavras na base de uma palavra ‘primitiva’. O prefixo, como partícula adverbial em essência, modifica a significação primitiva, nela introduzindo a sua significação adverbial (...). O sistema de prefixos latino era paralelo ao sistema de preposições. Em princípio, uma mesma partícula aparecia tanto autonomamente, como preposição diante de um nome funcionando em complemento verbal, como integrada num verbo ou num nome para criar uma nova palavra. (...) Sabemos, entretanto, que o sistema de preposições sofreu grande redução em latim vulgar e conseqüentemente em português (...). Com isso se rompeu o

---

<sup>61</sup> Note-se, no entanto, que se o autor não equaciona a oposição entre preposição e prefixo, considera contudo que a passagem de uma forma de estatuto preposicional para estatuto prefixal «peut s’effectuer de quatre manières: le préfixe peut correspondre (i) à une particule séparable (ex. *découler*, i.e. couler **de**), (ii) à un préfixe-thème (*devancer*, dans lequel le ‘préfixe’ constitue le thème ou le radical, du mot dérivé), ou (iii) il peut former une construction parasynthétique interne (*dépoter*, i.e. enlever (qqch) **du** pot) ou (iv) une construction parasynthétique externe (*dératiser*, i.e. enlever des rats (**de** qqch.))». Veja-se Pottier (1962: 198-201) e Amiot (1997a: 49).

paralelismo entre preposição e prefixo, que era nítida na estrutura do latim. Muitas partículas, que desapareceram como preposições, continuaram a funcionar como prefixos, e em regra sob a forma erudita, porque foram deduzidas principalmente das palavras tomadas de empréstimo do latim literário na época do português clássico (...).

Assim, o sistema por prefixação em português assenta em três grupos de partículas:

- a) as que também funcionam como preposições;
- b) as que são variantes (em forma erudita) de preposições;
- c) as que são exclusivamente prefixos» (Mattoso Câmara 1976: 227-228).

É pois visível a estreita relação – denominada mesmo por alguns autores de ‘parentesco’ (Brøndal 1950: 12) – estabelecida entre preposições, advérbios e prefixos quer (já) na língua latina quer em idiomas neolatinos. Neste sentido, «la modificación prefijal de una base léxica es un procedimiento paralelo al del uso preposicional» (García Hernandez 1980: 124) e este paralelismo é visível não só a nível formal, mas também a nível semântico<sup>62</sup>. Assim, se a nível formal a relação preposição/advérbio e prefixo é visível (havendo mesmo, em alguns casos, coincidência formal), do ponto de vista semântico, observa-se também uma relação estreita verificada quer através das oposições estabelecidas, quer através da construção do próprio sistema de preposições, advérbios e prefixos, o que leva, como vimos, alguns estudiosos a estabelecerem a distinção entre prefixos preposicionais e prefixos adverbiais. Consequentemente, tal como as preposições<sup>63</sup> e advérbios, os prefixos apresentam, também eles, uma significação nuclear, formada pela reunião de um certo número de traços pertinentes, adquirindo diversos matizes significativos num contexto enunciativo-pragmático particular. Os múltiplos empregos que tem ou pode ter uma preposição/advérbio ou um

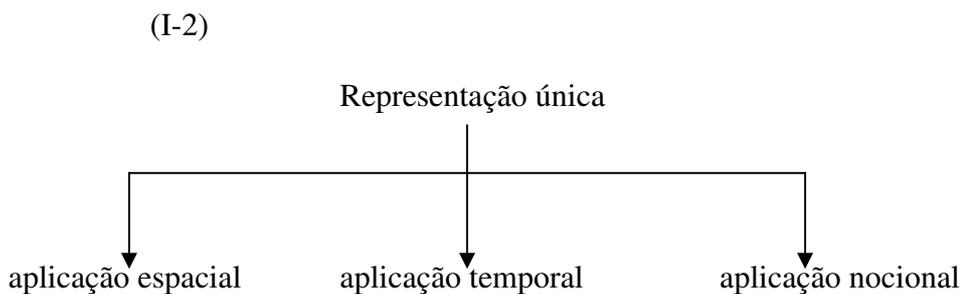
---

<sup>62</sup> Também V. Brøndal afirma, a propósito da identidade estabelecida entre preposição e prefixo, que «prépositions et préfixes se présentent souvent comme des doublets, c’est-à-dire comme deux formes de même origine» (Brøndal 1950: 12). Dany Amiot afirma que «ils [préfixes et prépositions] possèdent le même comportement syntaxique et sémantique» (Amiot 1997a: 26).

<sup>63</sup> Note-se que na análise da semântica dos prefixos que iremos empreender seguiremos muito de perto a proposta de Bernard Pottier (1962 e 1972) que, embora originalmente visasse analisar o sistema das preposições, nos parece igualmente aplicável aos prefixos. A este propósito, na opinião de García Hernandez (1980), o conteúdo de um prefixo e de uma preposição homónimos devia ser idêntico numa etapa primitiva da língua, em virtude da sua próxima e comum origem, mas diversificar-se-ia, cada vez mais, em virtude da sua distinta distribuição sintagmática, já que o prefixo adquirira graus de maior abstração (como demonstra a repetição da preposição em regime verbal, apoiando a expressão de uma relação que antes expressara por si só). Veja-se García Hernandez (1980: 124).

prefixo situam-se num dos três âmbitos significativos: o espacial, o temporal e o nocional.

Para Pottier (1972: 146-147), parte-se de uma representação central que, segundo o contexto, pode ter aplicações diferenciadas: espaciais, temporais e nocionais, como é representado em (I-2).



Por sua vez, segundo Varela e Garcia (1999), o sentido primitivo do sistema preposicional (e, conseqüentemente, prefixal) seria o espacial<sup>64</sup>, do qual derivariam as restantes aceções, como é representado em (I-3).



Assim, segundo Pottier, cada unidade apresenta uma semântica estruturada em três níveis: num primeiro nível, mais abstrato, cada unidade apresenta uma

---

<sup>64</sup> Segundo as autoras, «los valores semánticos de un prefijo proceden de un único contenido significativo: un valor de locación» (Varela Ortega e Martín García 1999: 5010). Também Rio-Torto (1993: 45) considera que «a primitiva estrutura semântica de alguns prefixos, que se confinava a uma dimensão espacial e/ou temporal, expandiu-se a outros domínios nocionais igualmente graduáveis, tendo adquirido significações de algum modo sucedâneas das primeiras, que lhes permitem funcionar como operadores de diminuição e de aumento».

representação central ou núcleo sémico; num segundo nível, este esquema representativo apresenta potencialmente três âmbitos de atualização – espaço, tempo e noção – selecionados segundo o co(n)texto lexical; finalmente, num terceiro nível, o nível da atualização concreta, cada unidade pode adquirir uma multiplicidade de efeitos de sentido. Não anulando o valor da preposição e do prefixo, o co(n)texto é assim o responsável pela seleção do valor discursivo adequado.

Esta coincidência entre preposição e prefixo é, sem dúvida alguma, importante. De facto, quer por coincidirem formal e semanticamente, quer por terem sido sujeitas ao mesmo processo de construção de sentido, preposições e prefixos contribuem, assim, para o princípio geral de economia da língua (Brøndal 1950: 57), já que a uma mesma forma correspondem duas realidades distintas. No entanto, esta coincidência representa também o cerne de uma questão sobejamente aludida pelos linguistas: a questão da inserção da formação prefixal no âmbito da formação de palavras por derivação ou por composição<sup>65</sup>. De facto, porque têm origem em preposições ou advérbios (coincidindo formal e semanticamente com eles), os prefixos apresentam autonomia e independência superiores aos sufixos<sup>66</sup> motivando assim posições distintas face à inserção da prefixação no domínio da derivação ou da composição.

---

<sup>65</sup> A este respeito, veja-se a afirmação de Iacobini sobre o pensamento de Darmesteter: «Darmesteter (1972) considera la generalità delle parole prefissate come dei composti. Darmesteter arriva a tali conclusioni seguendo un ragionamento che può essere riassunto nei seguenti termini: essendo i prefissi uguali alle preposizioni, essendo le preposizioni delle forme libere, essendo i composti parole formate da due forme libere, allora le parole con prefissi sono dei composti» (Iacobini 2004: 102). A propósito da relação estabelecida entre prefixação e composição, continua o autor referindo que «i prefissi e le preposizioni formano due categorie distinte, e i processi formativi a cui prendono parte sono diversi: i prefissi formano derivati endocentrici, le preposizioni un particolare tipo di composti esocentrici. (...) Il tipo di relazione fra gli elementi che li compongono differenzia i composti preposizionali dalle parole prefissate: i primi, infatti sono strutture esocentriche, mentre la tipica parola prefissata è endocentrica» (Iacobini 2004: 103-104).

<sup>66</sup> Como já referimos, esta maior autonomia dos elementos prefixais relativamente aos sufixais é visível, por exemplo, nos casos de desligamento da base léxica acoplada ao primeiro de dois prefixos antitéticos coordenados (*cuidados pré e pós-operatórios, argumentos pró e antigovernamentais*) ou ainda em casos de recursividade/reduplicação (*supersuper fácil*). A propósito da ausência (e, logo, economia) da primeira base léxica em dois produtos coordenados portadores da mesma base léxica e de prefixos antitéticos, Paulo Mosânio Duarte estabeleceu o seguinte princípio: «se dois itens lexicais se coordenam, tendo eles bases idênticas e prefixos diferentes, a primeira base é apagável se os prefixos têm acento secundário (ex.: *pré e pós-parto*). Decorre isto do princípio da economia discursiva» (Duarte 1999: 108).

### 3.4. Propostas teóricas sobre o tratamento dos prefixos

Como acabámos de constatar, existe, tanto em estudos descritivos como em trabalhos de carácter teórico, uma tendência para identificar os prefixos com uma determinada categoria gramatical, geralmente com a preposição, dada a coincidência etimológica, formal e semântica estabelecida entre alguns prefixos e algumas preposições (*co(m)-/com; contra-/contra; entre-/entre; sem-/sem; sobre-/sobre*). Neste enquadramento, a proposta de Guilbert (1975) identifica os prefixos com preposições e advérbios pertencentes a sintagmas ou orações subjacentes, a partir dos quais se deriva uma palavra complexa. Nos estudos teóricos dos últimos anos, encontramos propostas de categorização prefixal baseadas em critérios categoriais. São disso exemplo a proposta de Zwanenburg (1992, 1994) e de Di Sciullo (1996). No entanto, a flutuação estabelecida entre a identificação de prefixos e determinadas categorias gramaticais levou a que autores como Di Sciullo (1997) e Varela e Haouet (1996, 2001) abandonassem o critério categorial, adotando, para a categorização prefixal, critérios puramente configuracionais e semânticos.

#### 3.4.1. Prefixos “preposicionais” e prefixos “adverbiais”/modificadores

Entre os estudos baseados em critérios categoriais (preposicional/adverbial), merece destaque a proposta apresentada por Zwanenburg (1992, 1994) sobre os prefixos do francês. Este autor considera a existência de três grandes grupos de prefixos:

- (i) prefixos com correlato preposicional (prefixos preposicionais);
- (ii) prefixos com correlato adverbial (prefixos adverbiais);
- (iii) prefixos que não coincidem com qualquer morfema livre, denominados simplesmente de prefixos.

Zwanenburg procura mostrar que os prefixos preposicionais podem apresentar uma utilização preposicional transitiva (se possuírem um complemento, como por

exemplo em *susnasal*, onde *nas-*, de *nez* é o complemento da preposição *sus*)<sup>67</sup> ou uma utilização preposicional intransitiva, como por exemplo em *sus-dit*, em que o prefixo atua como modificador da raiz. Nestes casos, o significado do produto corresponde a um tipo particular do expresso pela base<sup>68</sup>. Segundo esta proposta, as preposições e os prefixos apresentam ambos os usos: uso preposicional transitivo (*susnasal*) e uso preposicional intransitivo (*sus-dit*). Pelo contrário, os prefixos adverbiais apresentam apenas o uso intransitivo (*bienaimé*)<sup>69</sup>.

A proposta de Zwanenburg foi aplicada ao espanhol e ao catalão por Gràcia e Azkarate (2000). Neste trabalho, estas autoras consideram que os prefixos, no seu uso transitivo ou preposicional, são núcleos da estrutura do produto derivacional e os prefixos com uso intransitivo ou adverbial são estruturas adjuntas do produto derivacional.

Já Di Sciullo (1996) distingue dois tipos de prefixos verbais em francês: os prefixos preposicionais (*a-*, *en-*) e os prefixos adverbiais (*re-*, *dé-*). Esta diferença categorial ancora-se nas diferenças semânticas e léxico-sintáticas apresentadas por estes operadores: os prefixos preposicionais podem alterar o modo de ação (a *aktionsart*) do verbo a que se acoplam, assim como a sua estrutura argumental, enquanto os prefixos adverbiais não desencadeiam qualquer uma destas alterações. Segundo Felú Arquiola, nesta proposta, «Di Sciullo relaciona estas diferencias categoriales, semánticas y léxico-sintácticas con dos posiciones distintas de los prefijos en la estructura de la palabra compleja. Esta diferencia de carácter configuracional va a ser la base de la propuesta de Di Sciullo (1997)» (Felú Arquiola 2003: 35).

Martín García (1998a) adota a mesma categorização, distinguindo prefixos preposicionais (*a-*, *ante-*, *con-*, *entre-*) e prefixos adverbiais (*des-*, *in-*, *pre-*). Dentro dos prefixos preposicionais, que apresentam uma forma semelhante à de uma preposição, a

<sup>67</sup> Neste caso, segundo o autor, o elemento prefixal atua como núcleo preposicional que tem como complemento uma raiz nominal. Aqui, a estrutura do produto segue a ordem ‘núcleo-complemento’.

<sup>68</sup> Neste caso, segundo o autor, o prefixo adquire um valor intransitivo e é interpretado como um modificador, sendo o núcleo da construção a base à qual o prefixo se acopla. O produto corresponde a uma construção endocêntrica e a sua estrutura é a de modificador-núcleo.

<sup>69</sup> Também Kornfeld (2006) refere que «los prefijos preposicionales reúnen preposiciones del español (*ante-*, *con-*, *contra-*, *en-*, *entre-*, *sin-*, *sobre-*, *trás-*), del latín (*circun-*, *ex-*, *extra-*, *post-*, *pró-*, *sub-*, *ultra-*) o del griego (*anfi-*, *anti-*). Los prefijos adverbiales pueden proceder de un adverbio (*no*, *mal*, *bien*, *casi*, *medio*), de una preposición española (*sobrecargar*, *entrebir*), latina (*ultra-[moderno]*, *super-[alimentar]*) o griega (*hiper-[critico]*) o bien de prefijos latinos (*re-*, *semi-*). Dentro de los adverbiales se incluyen los prefijos negativos (*in-*, *des-*) y los intensificativos (*ultra-*, *archi-*, *hiper-*)» (Kornfeld 2006: 162-163).

autora distingue dois tipos de prefixos: (i) os que provocam alteração da categoria da base e (ii) os que a mantêm. Acrescenta ainda, referindo Zwanenburg, que «tanto los prefijos como los adverbios y las preposiciones deben ser agrupados bajo la categoría sintáctica P(reposición), en la que se distinguen, a su vez, usos transitivos, es decir, con complemento (*sobrevolar, entretela*), y usos intransitivos (*sobrecargar, contraseña*)» (Martín García 1998a: 36). Referindo-se a Di Sciullo (1996), Martín García considera que esta identifica prefixos adverbiais com prefixos externos e prefixos preposicionais com prefixos internos. Afirma a autora que «los prefijos adverbiales se caracterizan por mantener el aspecto léxico y la estructura argumental de las bases verbales; los prefijos preposicionales, por el contrario, pueden alterar tanto el aspecto léxico como la estructura argumental. Los prefijos preposicionales son los más internos en cuanto que están unidos a la base nominal o adjetiva que seleccionan o al verbo que rigela preposición; los adverbiales, en cambio, son los más externos. Como consecuencia de esta distribución, un prefijo adverbial aparecerá adjuntado a una base previamente derivada con un prefijo preposicional (*des-en-cuadernar*) o adverbial (*sobrerrecargado, archi-super-conocido, superi-moral*), pero un prefijo preposicional no puede unirse a una base que contenga un prefijo adverbial (*\*en-des-cuadernar*). Por otro lado, los prefijos adverbiales, como adjuntos, podrán reduplicarse (*antianti-comunismo*), posibilidad descartada con los prefijos preposicionales (*\*entre-entre-líneas*)».

A autora refere ainda que «es posible que un mismo prefijo pueda ser preposicional y adverbial a la vez. Por ejemplo, puede darse el caso de que un prefijo preposicional presente tanto valores propios de la preposición (*entremeter*) como valores adverbiales (*entreatbrir*); asimismo, un prefijo adverbial puede encerrar valores adverbiales (*subcontratar*) así como valores preposicionales (*subrayar*). En este último caso, debe admitirse la posibilidad de que un prefijo adverbial con valor preposicional pueda ser considerado como prefijo preposicional, aunque no presente la forma semejante a la de una preposición» (Martín García 1998a: 35-37).

Na mesma linha, Montermini (2009: 153) afirma que «all'interno della classe dei prefissi è possibile stabilire una distinzione tra quelli che si avvicinano agli aggettivi (*macro-, maxi-, mega-, micro-, mini-*), poichè si legano soprattutto a nomi, e quelli che si avvicinano agli avverbi (*arci-, stra-, ultra-*), poichè si legano soprattutto ad aggettivi, con tre prefissi (*extra-, iper-, super-*) che occupano una posizione intermédia. 'Si

avvicinano’ vuole indicare che non ci si associa alla tradizione di parlare di prefissi ‘preposizionali’, ‘avverbiali’ o ‘aggettivali’, benché si riconosca il fatto, già messo in evidenza a più riprese, che con la diminuzione della prototipicità di un elemento affissale il suo funzionamento può diventare più simile a quello di unità lessicali autonome. (...) Le tre classi meno prototipiche di prefissi sono in effetti tutte assimilabili a una classe di unità lessicali autonome: i prefissi quantitativi ai numerali o ai quantificatori, i prefissi di localizzazione alle preposizioni o agli avverbi spaziotemporali, e i valutativi agli aggettivi o agli avverbi che modificano aggettivi».

Finalmente, Gràcia *et al.* (2004) distinguem prefixos preposicionais e prefixos modificadores. Os prefixos preposicionais são aqueles que apresentam, no produto composto, o valor semântico de uma preposição (com a qual se relacionam diacronicamente, enquanto que por prefixo modificador «se entiende aquel prefijo que, como el adverbio, modifica un predicado, por lo cual se adjunta a bases verbales y a bases adjetivas para modificar, respetivamente, la acción o situación expresada en el verbo base o bien la propiedad denotada por el adjetivo o, en su caso, por el nombre. Este tipo de prefijo despliega distintas nociones semánticas: negación, temporalidad, valoración, iteración, etc.» (Gràcia *et al.* 2004: 19)<sup>70</sup>.

Para Gràcia *et al.* (2000: 19), «el argumento seleccionado por este elemento preposicional está dentro de la palabra (poner en el barco > *embarcar*) o bien se realiza fuera de ella, en la llamada ‘sintaxis externa del derivado’ (poner papel en la pared > *empapelar la pared*). La mayoría de estos prefijos tienen significados locativos (incluida la locación – espacial o temporal – en sentido figurado) aunque también pueden transmitir otros contenidos semánticos como la oposición, la privación o la compañía». También Padrosa-Trias e Markova (2009: 4) consideran que, de entre estes prefixos, «we can distinguish between directional, locative, causative, quantificational and purely perfectivizing prefixes. In all these cases the prefix either modifies an argument of the verb (by locating or quantifying it) or introduces a new argument not selected by the verb».

---

<sup>70</sup> Definem os autores um prefixo modificador como um «prefijo que, como el adverbio, modifica un predicado» (Gràcia *et al.* 2004: 19). Padrosa-Trias e Markova (2009) consideran os prefixos modificadores como aqueles que são «event modifiers, i. e., they modify the event as a whole (can be temporal, degree, reversible and manner event modifiers and that in the case of stacking they are hierarchically ordered)» (Padrosa-Trias e Markova 2009: 3).

As flutuações levantadas pela distinção entre prefixos preposicionais e prefixos adverbiais levaram a que autores como Varela e Haouet (1996, 2001) e Di Sciullo (1997) abandonassem o critério categorial e aplicassem à análise dos elementos prefixais critérios predominantemente semânticos e distribucionais, que a seguir apresentamos.

### 3.4.2. Prefixos externos/léxicos e prefixos internos/funcionais

Os trabalhos de Di Sciullo (1997) e de Varela e Haouet (1996, 2001) apresentam conclusões semelhantes, partindo contudo de pressupostos distintos.

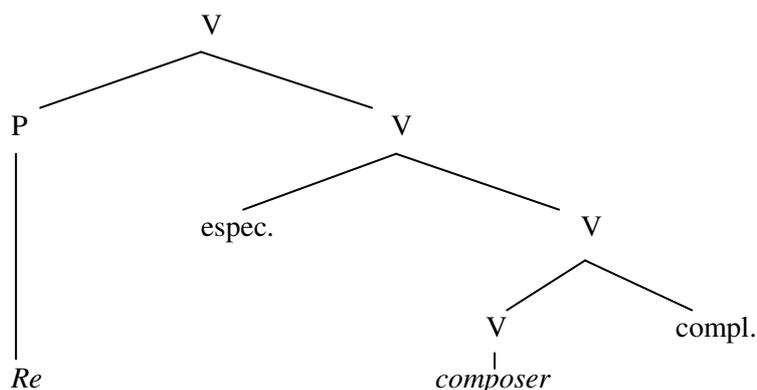
Di Sciullo (1997), estabelece a existência de duas classes distintas de prefixos: prefixos internos à projeção verbal (*a-*, *en-*) e prefixos externos à projeção verbal (*re-*, *de-*). Já Varela e Haouet (1996, 2001) partem destas diferenças para estabelecerem duas grandes classes de prefixos, relacionando-as com posições estruturais distintas: os prefixos funcionais e os prefixos léxicos<sup>71</sup>. Assim, considera Haouet (2000) que os prefixos funcionais são os «prefijos internos que tienen la propiedad de afectar directamente la estructura argumental de la base a la que se adjuntan». Estes prefixos «tienen en su base una función relacional prepositiva que enlaza dos argumentos», sendo, por isso, «prefijos de naturaleza prepositiva» ou «prefijos transitivos que denotan conceptualmente una función relacional y se realizan léxicamente como preposición diádica» (Haouet 2000: 367-375). Já os prefixos léxicos são prefixos externos, «que se identifican con nociones aspectuales (repetición, inversión, antonimia, negación) y no modifican las propiedades aspectuales de la base». Estes prefixos, segundo a autora, «suponen una modificación adverbial de la base (modificación extensional de la base)» e nela assistimos a uma «prefijación desempeñada por un adverbio o un adjetivo que se adjunta a verbos y adjetivos (uso adverbial) o afectan esencialmente nombres (uso adjetivo)». Nela produz-se uma «cuantificación intensional por medio de un adverbio o de un adjetivo» (Haouet 2000: 367-375).

---

<sup>71</sup> Ressalve-se que a divisão estabelecida entre prefixos externos e internos (Di Sciullo 1997) ou entre prefixos léxicos e funcionais (Varela e Haouet 1996, 2001) não é coincidente com a oposição estabelecida entre prefixos preposicionais e prefixos adverbiais.

A partir desta diferenciação estrutural, Di Sciullo elenca as principais diferenças semânticas, léxico-sintáticas e combinatórias existentes entre estas duas classes de prefixos. A autora parte então da hipótese de que os prefixos são sintacticamente adjuntos e considera, como já referimos, que existem razões para, com base nesta premissa, distinguir, em termos configuracionais, dois tipos de prefixos, a saber:

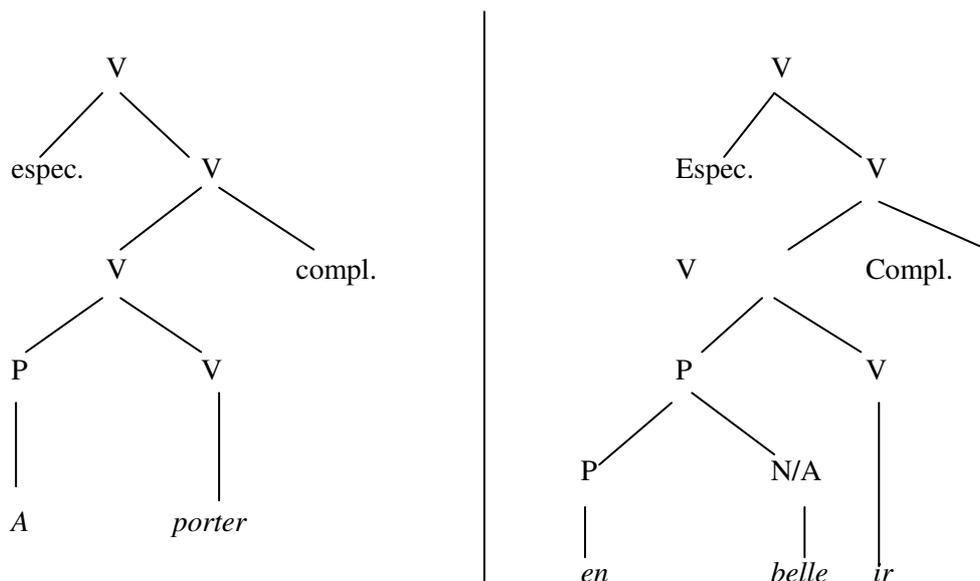
a) prefixos externos, acoplados fora da projeção verbal (*recomposer*, *décomposer*), que apresentam a seguinte configuração:



b) prefixo interno à projeção verbal, havendo duas possibilidades de configuração:

1. verbo prefixado: o prefixo acopla-se dentro da projeção verbal (*apporter*, *emporter*).

2. verbos de adjetivais e denominais: o prefixo é o núcleo de uma estrutura adjunta ao núcleo verbal (*accrocher*, *embellir*).



Di Sciullo considera que estas diferenças configuracionais permitem predizer com segurança as distintas propriedades semânticas, léxico-sintáticas e combinatórias dos prefixos internos e externos, propriedades essas que correspondem às elencadas por Varela e Haouet (1996, 2001) relativamente aos prefixos funcionais e léxicos. Assim:

a) se assumirmos que o SV constitui o domínio da estrutura argumental de um verbo, a proposta de Di Sciullo (1997) explica que os prefixos externos não afetam a estrutura argumental do mesmo, ao contrário dos prefixos internos, que podem dar lugar a alterações da sua estrutura argumental do mesmo. Assim, um prefixo externo/léxico como *pré-* não altera a valência argumental do predicado (*fabricar casas* > *pré-fabricar casas*), enquanto que o prefixo interno/funcional *a-* (*aterrorizar*) altera a estrutura argumental da base;

b) se assumirmos que o SV é o domínio da *Aktionsart* do verbo, isto é, da estrutura interna do evento denotado pela projeção verbal, as diferenças configuracionais explicam que só os prefixos internos podem afetar o aspeto léxico do verbo. Assim, como referem Varela e Haouet (1996, 2001), um prefixo como *re-* não modifica o aspeto léxico da base verbal (*(re)construíram a ponte en duas horas*), enquanto um prefixo interno/funcional como *sobre-* em *sobre-voar* modifica o aspeto léxico da

projeção verbal e converte um predicado atélico em télico (*o avião voou sobre o Atlântico \*em seis horas / O avião sobre-voou o Atlântico em seis horas*);

c) As diferenças configuracionais entre as duas classes de prefixos também dão conta da sua ordem de ocorrência. Deste modo, os prefixos externos/léxicos precedem os prefixos internos/funcionais, apresentando-se sempre numa posição mais exterior. Por outro lado, como é referido por Varela e Haouet (1996, 2001), só é possível combinar entre si prefixos externos/léxicos<sup>72</sup>, de acordo com as seguintes possibilidades:

- . prefixo léxico + prefixo funcional + base (*des-a-conselhar*)
- . prefixo léxico + prefixo léxico + base (*super-i-moral*)<sup>73</sup>

<sup>72</sup> A este respeito, para a língua espanhola, Varela Ortega e Martín García (1999) referem que «no es de extrañar que la combinatoria de prefijos sea muy limitada, que esté sometida a restricciones semánticas muy rígidas y que los casos de concatenación múltiple sean raros. Dentro de tales limitaciones, es importante señalar que los prefijos preposicionales son internos y los adverbiales externos, de modo que las posibilidades son:

- a) <prefijo adverbio + prefijo preposición + base>: *reex-portar, re-encuadernar, re-avivar*. Hay cierta productividad de *des-* (reversivo) con *em-* e *a-* (*des-en-cuadernar, des-a-consejar*);
- b) <prefijo preposición + prefijo preposición + base>: *contra-en-dosar, co-associarse* (note-se que a autora chama a atenção para o facto de «en casos como este, ambos los prefijos deben ser semánticamente complementarios, no antagónicos, como sería por ejemplo *\*en-a-consejar*»);
- c) <prefijo adverbio + prefijo adverbio + base>: *super-i-moral, ex-vice-presidente* (nesta situação, a autora chama a atenção para o facto de, nestes casos, «los prefijos intensivos son tan productivos que incluso pueden concurrir prefijos intensivos del tamaño (*mega-*) y prefijos intensivos de la cualidad (*super-*) (*supermegaciudad*). En otros casos, ciertas combinaciones de prefijos intensivos quedan descartadas, sobre todo cuando un prefijo de grado intermedio se adjunta a una base con un prefijo superlativo (*\*super-archirrepetido, superultra-derecha*);
- d) <prefijo preposición + prefijo adverbio + base>: *\*a-des-consejar, \*cossobre-editar*».

Para finalizar, a autora acrescenta ainda que «esta combinatoria está en consonancia con las diferencias mencionadas entre los dos tipos de prefijos. Los prefijos preposicionales aparecen en las capas internas y de ahí que tengan alcance sobre la estructura argumental de la base léxica a la que se unen y puedan modificar su dimensión aspectual. Los prefijos adverbiales son externos y, en consecuencia, indiferentes a esas propiedades de la base léxica, es decir, heredan su estructura argumental, aún cuando tengan la facultad de modificar el significado de la base predicativa sin alterar su alcance aspectual» (Varela Ortega e Martín García 1999: 5006).

<sup>73</sup> Note-se que, conforme é assinalado por Felú Arquiola, outras combinatórias não se afiguram possíveis. Vejam-se os exemplos da autora para o espanhol:

- . prefixo funcional + prefixo léxico + base: *\*a-des-consejar*
- . prefixo funcional + prefixo funcional + base: *\*en-a-conselhar*

### 3.4.3. Síntese

Das propostas apresentadas, concluímos que não há uniformidade na categorização dos elementos prefixais. De um modo sumário, encontramos, na bibliografia específica sobre o assunto, as seguintes conceções e caracterizações dos prefixos:

(I-4)

	NÚCLEO - COMPLEMENTO (o prefixo é o elemento nuclear da estrutura compósita)	COMPLEMENTO - NÚCLEO (a base é o elemento nuclear da estrutura compósita)
Prefixos preposicionais / adverbiais		
Zwanenburg (1992) Gràcia e Azkarate (2000)	Prefixo com valor transitivo ou preposicional	Prefixo com valor intransitivo, adverbial ou não preposicional
Di Sciullo (1996) Josefa Martín García (1998) Varela Ortega e Martín García (1999)	Prefixo preposicional	Prefixo adverbial <sup>74</sup>
Lluïsa Gràcia Solé <i>et al.</i> (2004)	Prefixo preposicional	Prefixo modificador
Prefixos internos/externos e prefixos funcionais/léxicos		
Di Sciullo (1997)	Prefixo interno	Prefixo externo
Varela e Haouet (1996, 2000) Felú Arquiola (2003) <sup>75</sup>	Prefixo funcional	Prefixo léxico

<sup>74</sup> Sublinhe-se que, segundo as autoras, «en las lenguas romances se suele distinguir entre prefijos preposicionales y prefijos adverbiales sobre la base de consideraciones etimológicas y semánticas» (Varela Ortega e Martín García 1999: 4999-5002).

<sup>75</sup> Procurando sintetizar todas as denominações aplicáveis à categorização prefixal, Felú Arquiola (2003b) afirma que «se han distinguido dos grandes grupos de prefijos: prefijos preposicionales o funcionales y prefijos adverbiales o léxicos. Los prefijos funcionales, como *a-* o *en-*, poseen la capacidad de alterar el aspecto léxico o *Aktionsart* y la estructura argumental de su base, mientras que los prefijos léxicos como *re-* o *des-* realizan únicamente una modificación semántica sobre su base, sin producir cambios en la estructura argumental ni en el aspecto léxico del predicado al que se unen. Esta diferencia en el tipo de modificación que realizan posee un correlato configuracional: los prefijos funcionales serían más internos en la estructura de la palabra compleja, mientras que los prefijos léxicos ocuparían una posición más externa. Relacionado con esta clasificación se encuentra el problema de la naturaleza categorial de los prefijos (Zwanenburg 1994): algunos autores tratan de identificar los distintos prefijos con algunas de las categorías gramaticales: habría así prefijos preposicionales (*sobre-* en *sobrevolar* <volar por encima>), prefijos adverbiales (*sobre-* en *sobrecargar* <cargar en exceso>) y prefijos adjetivos (*macro-* en *macrofiesta*)» (Felú Arquiola 2003b: 317).

Assim, **os prefixos externos** (Di Sciullo 1997) ou **os prefixos léxicos** (Varela e Haouet 1996, 2001) opõem-se aos prefixos **internos** (também denominados de prefixos **funcionais**) e caracterizam-se por:

- (i) não afetarem a estrutura argumental nem o aspeto léxico do verbo base;
- (ii) atuarem como modificadores da raiz (ou núcleo) a que se acoplam, daí também ocorrerem com a denominação de prefixos modificadores nas propostas assentes em critérios categoriais.

Um prefixo deste tipo é, pois, um prefixo que «como el adverbio, modifica un predicado, por lo cual se adjunta a bases verbales y a bases adjetivas para modificar, respetivamente, la acción o situación expresada en el verbo base o bien la propiedad denotada por el adjetivo o, en su caso, por el nombre» (Gràcia Solé 1995:19), «hereda la estructura argumental de la base, no altera la dimensión aspectual de la base y tiene la facultad de modificar el significado de la base» (Varela Ortega e Martín García 1999: 5019). Neste caso, o valor do prefixo é intransitivo e interpreta-se como um modificador, sendo o núcleo a base à qual o prefixo se acopla. O prefixo atua pois como modificador da base e o significado do derivado corresponde a um tipo particular do significado por ela expresso. O núcleo, nestes casos, é a base e por isso a estrutura destes produtos é a de modificador-núcleo (Zwanenburg 1992).

Já o prefixo interno ou funcional «tiene un valor transitivo<sup>76</sup> (una preposición seguida de su complemento)», atuando «como un núcleo (preposicional) que tiene como complemento una raíz nominal»<sup>77</sup> (Zwanenburg 1992). Nestes casos, «el prefijo se adjunta dentro de la proyección verbal y es núcleo de una estructura adjunta al núcleo verbal (...), dando lugar a alternancias en la estructura argumental del verbo»<sup>78</sup>.

---

<sup>76</sup> Lluïsa Gràcia e Miren Azkarate (2000) distinguem prefixos de uso intransitivo e prefixos de uso transitivo, afirmando que nos prefixos de uso intransitivo, «the derived word is interpreted as a subclass of thing, property, or event denoted by the base (a *precognició* is a previous cognition, a *superíndice* refers to na índex placed above, *subway* is a way which rubs bellow). In other words, the prefix is a modifier which can be interpreted as an adverb». Pelo contrário, nos prefixos de uso transitivo, «the derived word is not a subclass of the base and the prefix acts as a real transitive preposition» (Gràcia e Azkarate 2000: 63).

<sup>77</sup> Sublinhe-se ainda que «en estos casos, una parte de la estructura corresponde a un orden núcleo-complemento» (Zwanenburg 1992).

<sup>78</sup> Note-se que as diferenças de significado que um prefixo apresenta e a consequente ativação do seu valor (in)transitivo quando acoplado a uma base devem pois ser atribuídas não só ao elemento prefixal em

A(s) classificação(ões) dos elementos prefixais referenciada(s) obedece(m), pois, a perspectivas de análise distintas que, como referimos, têm vindo a motivar classificações diferentes e heterogéneas.

Da nossa parte, defendemos, nesta dissertação, a adoção de dois critérios distintos (semântico e sintático) que, de forma interatuante, deverão contribuir para a classificação de prefixos em três grandes grupos:

(i) **prefixos modificadores:**

Elementos que afetam o significado da base a que se acoplam, fazendo uma predicação sobre as suas propriedades, modificando-as. Estes elementos não determinam a categoria sintática da palavra em que ocorrem nem as propriedades gramaticais das formas que integram, preservando as propriedades morfo-sintáticas da base. São pois elementos que procedem, exclusivamente, a alterações da informação semântica do núcleo, aportando na generalidade, uma informação semântica adjunta à base, matizando, de forma mais ou menos vincada, o seu significado.

Consideramos que um elemento aporta modificação semântica quando é detentor de uma informação que, quando acoplada a uma base, provoca uma alteração/variação do significado da mesma, conferindo-lhe determinada especificidade semântica até então inexistente e do tipo gradação, hierarquia, ordenação taxonómica, entre outras. Nestes casos, o valor do prefixo é intransitivo e interpreta-se como um modificador, sendo o núcleo a base à qual o prefixo se acopla, pelo que não se verifica alteração da EA nem do aspeto léxico da mesma. O prefixo atua pois como modificador extensional da base e o significado do derivado vai corresponder a um tipo particular do significado expresso pela base. São exemplo de prefixos modificadores os prefixos **avaliativos** (*entre-, extra-, sobre-, sub-, super-, supra-*)<sup>79</sup> e **negativos** (*contra-*).

(ii) **prefixos preposicionais (locativos):** elementos que provêm, em grande parte, da preposição que lhe está na origem, herdando o(s) seu(s) valor(es) semântico(s);

---

si, mas também às propriedades semânticas específicas das categorias da base acoplada, cuja estrutura interna (sobretudo, como veremos, frequentemente, o seu carácter (de)verbal/eventivo ou não) será responsável pela ativação do valor funcional ou léxico do prefixo em causa.

<sup>79</sup> A propósito dos prefixos avaliativos, refere Rio-Torto que, como estes «não provocam alteração da categoria da base com a qual se combinam e a sua capacidade de transformação semântica é relativamente limitada; eles modulam o semantismo da base, inflectindo-o numa determinada direção avaliativa, sem produzir alterações na estrutura semântico-referencial de Xb» (Rio-Torto 1993: 366).

Estes prefixos têm na sua base uma função relacional prepositiva e realizam-se lexicalmente como uma preposição transitiva no mínimo diádica. São sobretudo (mas não exclusivamente) prefixos locativos e têm «el valor semántico de una preposición – generalmente aquella con la cual se relaciona diacrónicamente. El argumento seleccionado por este elemento preposicional [...] se realiza fuera de la palabra, en la llamada ‘sintaxis externa del derivado’» (Gràcia Solé *et al.* 2004: 19), pelo que a acoplagem destes elementos aporta, geralmente, alteração da EA através da introdução de um argumento que expressa, maioritariamente, a locatividade veiculada pela preposição com a qual o prefixo se relaciona diacronicamente.

De entre os elementos em estudo, são exemplo de prefixos preposicionais os prefixos **locativos** (*contra-*, *entre-*, *inter-*, *intra-*, *sobre-*, *sub-*, *super-*).

(iii) **prefixos argumentais**: elementos que apresentam a capacidade de realizar «una modificación sobre uno o más participantes asociados con la estructura léxico-semántica de la palabra base» (Felú Arquiola 2003a: 267). Esta designação aplica-se sobretudo a casos em que a acoplagem do prefixo desencadeia a alteração do preenchimento de um dos argumentos (nomeadamente ao nível dos actantes) da base, podendo, em alternativa, desencadear alteração da EA da mesma. Os prefixos argumentais (ou com incidência argumental) expressam noções como a cooperatividade (no caso de *co-*) ou a reciprocidade (no caso de *entre-* ou *inter-*), aportando alterações ao nível do preenchimento do argumento actante da base (podendo essa alteração desencadear ou não alteração da sua EA).

É pois visível que os elementos prefixais são heterogéneos e cada classe deve, por isso, ser considerada na sua especificidade própria, que deriva, muitas vezes, das particularidades da sua utilização. Neste sentido, defenderemos, com base na especificidade própria de cada um dos elementos prefixais estudados, a existência de diferentes tipos de prefixos, baseada nos parâmetros a seguir elencados, o que terá consequências ao nível da categorização da prefixação enquanto processo derivacional ou composicional de formação de palavras:

- (i) o carácter endo(-) ou exocêntrico dos produtos compósitos prefixados;

- (ii) a acoplagem do elemento prefixal a uma ou a mais do que uma classe gramatical;
- (iii) a manutenção/alteração, no produto genolexical, do género e número da base;
- (iv) a ativação, no elemento prefixal, de outros sentidos distintos do sentido presente no elemento preposicional que lhe está na origem;
- (v) a tendência para a (des)gramaticalização.

### 3.5. Para uma caracterização da prefixação

#### 3.5.1. Poder categorial

Uma das questões que atualmente tem gerado alguma celeuma é a do poder categorial dos prefixos. De facto, como já foi por nós referido (cf. I-1), em Mateus *et al.* (1990, 2003) considera-se que «os prefixos nunca dão origem a uma alteração da categoria sintática da base», sendo «a categoria sintática da palavra derivada idêntica à categoria da palavra à qual o prefixo se associa», cabendo então aos sufixos a capacidade de determinar «a categoria sintática das palavras em que estão integrados». Esta posição, apesar de ser corroborada por inúmeros exemplos, merece, no entanto, alguma cautela.

Este pressuposto é, para muitos, o responsável pelo maior relevo prestado ao estudo dos sufixos em detrimento dos prefixos<sup>80</sup>. Além disso, esta (in)capacidade de alterar a categoria gramatical da base serve também de premissa para a distinção entre prefixação e sufixação<sup>81</sup> e, conseqüentemente, para inserção da prefixação nos processos de formação derivacionais ou composicionais<sup>82</sup>. De facto, «on oppose

---

<sup>80</sup> A este propósito, Pereira (2000) afirma que «a preferência dada ao estudo da sufixação tem assentado no pressuposto de que os sufixos são mais aptos do que os prefixos a alterar a categoria gramatical da base» (Pereira 2000:1).

<sup>81</sup> A propósito da relação estabelecida entre prefixação e sufixação, Montermini afirma que «una questione ricorrente nell'ambito degli studi sulla prefissazione e strettamente legata alla colocazione di quest'ultima nell'ambito dell'affissazione e alla relazione tra i prefissi e i suffissi: la presunta incapacita dei prefissi di determinare la categoria lessicale dei derivati che costruiscono» (Montermini 2009: 10).

<sup>82</sup> Sublinhe-se a afirmação de Jean Dubois no seu *Dictionnaire de Linguistique*: «(...) os prefixos não desempenham nenhuma função na categoria gramatical da unidade de significação resultante (...), ao passo que os sufixos permitem a mudança de categoria gramatical (...). Esse fato incita a comparar a

généralement la dérivation suffixale à la dérivation préfixale par le fait que cette dernière ne présente pas la propriété d’opérer une recatégorisation de la base» (Voir 1982: 31). No entanto, tendo esta posição vindo a ser contrariada por vários estudos que salientam o poder transcategorizador de alguns prefixos, importa repensar o seu funcionamento, clarificando o estatuto por eles assumido na formação de palavras.

Assim, muitos são os estudiosos que consideram os prefixos como operadores isocategoriais, destituindo-os desta forma de qualquer poder/capacidade de alteração da categoria gramatical da base a que se acoplam. Afirmações como «os prefixos não são portadores de qualquer significação gramatical» (Martins 1966: 22) ou «as regras de derivação por prefixação mantêm a categoria sintática da palavra sobre a qual operam» (Mateus *et al.* 1994: 381) moldaram desde sempre o pensamento dos linguistas que passaram assim a conceder poder heterocategorial somente aos operadores sufixais. A este propósito, destaque-se, por exemplo, a posição de Lieber 1992 (que defende que a derivação que determina a categoria sintática é realizada por sufixação e não por prefixação), de Villalva (2000: 260)<sup>83</sup> e de Scalise (1984b) que, em conformidade com o princípio de ‘*righthand head rule*’ proposto por Williams (1981)<sup>84</sup>, afirma que «i prefissi non sono teste; non lo sono per definizione dato che non cambiano la categoria della loro base» (Scalise 1984b: 188), acrescentando que «ciò è vèro non solo per la prefissazione verbale, ma per la prefissazione in genere, come si può constatare dagli esempi qui sotto:

---

formação por prefixo com a composição, atenuando a fronteira entre composição e derivação» (Dubois 1997: 172-173).

<sup>83</sup> A este propósito, a autora afirma: «Defenderei que só as unidades lexicais portadoras de informações morfo-sintáticas dispõem de assinatura categorial. Assim, a generalidade dos prefixos [e os sufixos avaliativos e Z-avaliativos] não possuem assinatura categorial» (Villalva 2000: 260).

<sup>84</sup> Williams elaborou este princípio (questionável por muitos linguistas e contradito por ele próprio) estabelecendo que «in morphology, we define the head of a morphologically complex word to be the righthand member of that word» (Williams 1981b). De acordo com Rio-Torto, «a aceitabilidade do postulado da ‘*righthand head rule*’ está condicionada à convicção tradicional de que os prefixos não têm poderes categoriais; porém, se se admitir a hipótese de que alguns prefixos têm a capacidade de modificar a categoria da base a que se agregam, então o referido postulado não se afigura viável» (Rio-Torto 1993: 194). Sobre esta questão, Montermini afirma que «la maggior parte dei lavori della prima morfologia lessicalista non si è occupata di prefissazione che marginalmente, considerando implicitamente che i principi che venivano elaborati fossero validi tanto per prefissazione che per la suffissazione, salvo che l’analisi veniva condotta quasi esclusivamente su quest’ultima, dando per scontato che la prefissazione non avesse altra specificità che quella di essere un’immagine speculare della suffissazione ‘imperfetta’. Mi riferisco, ad esempio, a principi come la famosa ‘regola della testa a destra’ (‘*righthand head rule*’) di Williams (1981), secondo cui i suffissi, a differenza dei prefissi, possiedono lo status di teste nelle parole complesse, e in generale all’idea, ancora oggi sostenuta da un gran numero di studiosi, che i prefissi siano unità prive di capacità categorizzatrice» (Montermini 2009: 17).

a + morale	A → A
iper + saturo	A → A
ex + preside	N → N
post + impressionismo	N → N
dis + amare	V → V» (Scalise 1984b: 181-182).

O princípio proposto por Williams afigurar-se-á como um obstáculo que se levanta à hipótese da prefixação heterocategorial, já que postula que o núcleo de uma palavra complexa, isto é, o elemento responsável pela informação categorial da palavra, é o elemento situado mais à direita. Ora, a atribuição de poderes categoriais aos constituintes colocados à direita exclui desta função ou secundariza (do ponto de vista categorial) o papel do constituinte prefixal<sup>85</sup>.

A incapacidade de alterar a categoria da base a que se acopla por parte do prefixo parece não ser inquestionável. Duarte (1999: 75) afirma que «chama-nos porém a atenção uma observação de Bessa (1978: 102), a propósito de ‘antitanque’. A base não pertence à classe do nome e a forma derivada à classe do adjetivo?» E, neste sentido, continua: «Também Alves (1990) observa o citado fenómeno e aduz os seguintes exemplos, todos de passagem de substantivo para adjetivo:

- (I-5) a. um acontecimento *extrapauta*;  
 b. o transporte *interbairros*;  
 c. o comício *pré-plebiscito*;  
 d. a manifestação *pró-hidroelétrica*;  
 d. a notícia *pós-pacto*;  
 e. a depressão *pós-parto* (Duarte 1999: 75)».

Verificamos então que o carácter não transcategorizador dos prefixos é algo a questionar. De facto, se ele é aplicável a alguns prefixos, parece-nos contudo que ele não abrange todos os elementos prefixais. É também com esta convicção que alguns

---

<sup>85</sup> A este propósito, Rui Pereira afirma que este princípio «tem-se mostrado bastante falível, como se comprova pela existência de prefixos transcategoriais. (...) Saliente-se que Williams, após ter enunciado aquele princípio, admite a existência, em inglês, de formas derivadas por prefixação ([[en] [noble]<sub>A</sub> ]<sub>V</sub>) que apresentam uma estrutura em que o núcleo é o prefixo verbal *en-*» (Pereira 2000: 37-38).

linguistas começam a considerar que «prefixes are generally assumed not to have the power of changing the syntactic category of the base they attach to, even if some prefixes indeed do» (Montermini 2002: 45), aceitando que «se alguns prefixos apenas se encontram em produtos resultantes de uma relação isocategorial com a sua base, outros mostram-se em derivados heterocategoriais»<sup>86</sup> (Rodrigues 2001: 116).

Com base nos «casos [de prefixos] que carregam mudança de classe» (Duarte 1999: 41), Williams (1981a), contrariando o princípio da ‘*rightand head rule*’ por si formulado, defende que verbos ingleses como *enoble* e *enrich* são derivados por prefixação heterocategorial<sup>87</sup>. Também Corbin (1991a: 121-139) considera que em verbos do tipo *éclairer*, *alonger*, *alunir* ou *embarquer* a mudança da categoria sintática da base é operada por um prefixo. Já para o português, Rui Pereira (2000: 38), ao analisar verbos portadores dos prefixos *a(d)-*, *en-* e *es-*, afirma que «a hipótese da prefixação heterocategorial é a que melhor dá conta do processo genolexical envolvido na formação destes verbos. Assim, nas formações verbais em análise, o prefixo é o único operador derivacional responsável pela alteração categorial, pelo que através da prefixação de bases nominais e adjetivais se forma novo radical verbal».

O poder transcategorial dos elementos prefixais não é, contudo, exclusivo somente de produtos verbais. De facto, os exemplos (I-5), mostram-nos que o poder transcategorial dos prefixos deve também ser aplicado a outras construções<sup>88</sup> que, ainda que permitam interpretações diversas<sup>89</sup>, obrigam a (re)equacionar o estatuto dos prefixos enquanto elementos categorizadores na formação de palavras. De facto, como vimos, nestas construções, as formações nominais desempenham uma função de

<sup>86</sup> Apesar de considerar o poder transcategorial dos elementos prefixais, a autora afirma que não pretende com tal posição «asserir que o desenvolvimento das formações heterocategoriais seja da responsabilidade dos prefixos» (Rodrigues 2001: 116). A propósito da capacidade categorial dos afixos, veja-se também Rio-Torto (1993: 190-195).

<sup>87</sup> Sublinhe-se, contudo, que a ausência, nos verbos ingleses, de elementos formais à direita da base potencia este tipo de interpretação, mas a existência de constituintes temáticos nas línguas românicas levanta maiores dificuldades.

<sup>88</sup> Varela Ortega e Martín García afirmam que «la idea de prefijos transcategorizadores se ha aplicado también a otras construcciones: así, en [*máscara*]antigás, [*manifestación*] proaborto, [*periodo*] preconstitución» (Varela Ortega e Martín García 1999: 5005). A estes acrescentamos, entre outros, [*terapêutica*] pré-parto, [*excessos*] pós-25 de Abril ou [*diálogo*] interartes.

<sup>89</sup> Face ao cada vez mais frequente aparecimento de produtos derivacionais portadores de prefixos com poder transcategorial, equacionam-se três interpretações para a estrutura morfo-semântica deste tipo de produtos:

- (i) há quem advogue tratar-se de um composto nominal (originário de um SN + Prep + SN);
- (ii) há quem considere tratar-se de derivados denominais que sofreram recategorização adjetival;
- (iii) há quem defenda para este tipo de produtos a interpretação parassintética sem elemento sufixal (parassíntese incompleta).

modificação de um substantivo, função essa que é normalmente desempenhada por um adjetivo. Nestes casos, o que acontece é, segundo autores como Peytard (1975), Voir (1982), Corbin (1991a, 2001), Lang (1990b), Rainer (1993), Cabré (1998), Laca (1998) e Lehrer (1995), uma mudança de categoria (N > A), pela qual é responsável o elemento prefixal. Ainda que, segundo Felú Arquiola (2003), «la hipótesis según la cual los prefijos que aparecen en este tipo de formaciones cumplen una función transcategorizadora se fundamenta en una asunción errónea» (Felú Arquiola 2003: 229)<sup>90</sup>, estes autores sublinham assim, em casos como *medicamento antigripe*, a função transcategorizadora do prefixo pois, tendo em conta que o que possibilita que o substantivo *gripe* modifique um nome é a presença do prefixo (*medicamento* {*\*gripe* / *antigripe*}), é consensual admitir que a mudança de categoria se deve à presença deste morfema. De entre os linguistas que defendem o carácter transcategorizador dos prefixos, é Corbin (1991, 2001) quem desenvolve esta proposta de uma forma mais pormenorizada. Para a autora, o problema principal reside na assimetria que se estabeleceria se se afirmasse que em *antigripe* a mudança de categoria tinha sido produzida pelo prefixo, comparando com *antigripal*, no qual a mudança de categoria se deve à presença do sufixo<sup>91</sup>. Esta foi pois uma das razões que levou Corbin a propor,

<sup>90</sup> Também Varela Ortega (2005) considera que, nestes casos em que «el nombre prefijado tiene función adjetival, pues modifica al nombre núcleo del sintagma (*máscara antigás*, *manifestación pro-aborto*), modificación que no se produce sin la presencia del prefijo (*\*máscara gas*, *\*manifestación aborto*), consideramos que el prefijo no tiene capacidad de cambiar la categoría de la base y que, en los sintagmas referidos, la formación prefijada (*antigás*) es un nombre que está en aposición al nombre núcleo del sintagma (*máscara*), de lo que resulta su función modificadora». Acrescenta ainda a autora que «los nombres prefijados no concuerdan con el núcleo del sintagma, como sería lo esperable si fueran adjetivos (*minas antitanque(\*s)*, *manifestaciones proaborto(\*s)*)» e que «algunas de estas formaciones prefijadas pueden realizarse independientemente y, en tales casos, son indefectiblemente nombres» (Varela Ortega 2005: 64).

<sup>91</sup> Outras questões, consequentes da suposição da função transcategorizadora dos prefixos, foram assinaladas por Martín García (2005): por um lado, os prefixos *anti-* e *inter-* (entre outros) produzem uma mudança de categoria em *creme antienvhecimento* ou *acordos interestados*, mas não em casos como *anti-herói* ou *interdependência*, o que significa que estes prefixos pertencem à categoria adjetivo só em algumas ocasiões (considerando a premissa de que, para que uma unidade morfológica determine a categoria da palavra complexa, deve possuir essa mesma categoria); por outro lado, um mesmo produto prefixado funciona, por vezes, como adjetivo (um veículo *mono-volume*) e, outras vezes, como um substantivo (*um mono-volume*); finalmente, determinados prefixos podem acoplar-se a bases sintagmáticas, como sucede em *manifestação pró-legalização do aborto*, de forma a que seríamos obrigados a considerar que toda a forma prefixada (*pró-legalização do aborto*) pertence à categoria adjetivo. Considera assim a autora que «los prefijos que dan lugar a palabras complejas como *terapia antitabaco*, *partido internaciones*, *gel pos-depilación* mantienen la categoría nominal de la base y las formaciones resultantes son léxicas, generadas por reglas del sistema morfológico del español. Los nombres prefijados pueden modificar otro nombre como ocurre en otras aposiciones léxicas» (Martín García 2005: 26). Na mesma linha e num outro artigo (2003a), afirma a autora que estes prefixos «no son transcategorizadores, por lo que la base nominal no experimenta un cambio de categoría en el proceso derivativo. A diferencia de otros nombres prefijados (*contraventana*, *codirector*), estas formaciones

para ambos os casos, a mesma estrutura ([pref [N]<sub>N</sub>]<sub>A</sub>). No entanto, no caso da formação *medicamento antigripe*, esta seria estabelecida através da aplicação do princípio de integração paradigmática<sup>92</sup>.

A capacidade categorial já não é mais, em alguns casos, e para alguns autores, uma propriedade diferenciadora de elementos prefixais e sufixais. Mas outros fatores há que contribuem para a distinção entre palavras sufixadas e palavras prefixadas. Um deles diz então respeito à (in)capacidade de alteração da estrutura prosódica da base à qual o afixo se acopla, de que trataremos na sub-secção seguinte.

### 3.5.2. Capacidade de alteração da estrutura prosódica da base

Relativamente às línguas românicas, é genericamente defendido que «i prefissi usati produttivamente sono in maggioranza bisillabici (circa il 60%)» e que «circa il 67% dell'insieme dei prefissi produttivi termina in vocale», havendo «una forte tendenza fra i prefissi bisillabici a terminare in vocale (circa 85%)» (Iacobini 2004: 118). Além disso, como já foi referido em (I-1), «os prefixos não afetam a posição do acento principal da palavra à qual se associam (ex.: *fazer* → *refazer*, *legal* → *ilegal*)» (Mateus 1990, 2003)<sup>93</sup>, diferenciando-se desta forma dos sufixos que «alteram a posição do acento principal da palavra à qual se associam (ex.: *casa* → *casulo*, *tarde* → *tardio*,

---

intervienen en un sintagma nominal como modificadores de otro nombre, como ocurre propiamente con otros nombres simples yuxtapuestos (*hombre anuncio*, *actriz revelación*) o bien cuando el nombre modificador es un compuesto (*máquina tragaperras*). (...) En suma, estos nombres prefijados funcionan como modificadores de otro nombre, por lo que se comportan de forma semejante a otras unidades gramaticales que desempeñan esta misma función: adjetivos (*crema hidratante / corporal*) o sintagmas preposicionales (*crema de noche / crema con vitamina C*) (Martín García 2003a: 1749).

<sup>92</sup> Sublinhe-se que, para Felú Arquiola (2003a), «este razonamiento se basa en una premisa errónea», já que «consideramos que dos sintagmas como *medicamento antigripal* y *medicamento antigripe* no son construcciones equivalentes, aunque su significado sea el mismo» (Felú Arquiola 2003a: 232). Defende a autora que «las secuencias N+N tales como *grifería monocomando*, *medicamento antigripe* o *acuerdo interestados* deben ser consideradas estructuras apositivas en las que el sustantivo prefijado realiza una modificación semántica clasificadora sobre el sustantivo núcleo». Nestes casos, continua a autora, «el sustantivo prefijado realiza una modificación clasificadora sobre el sustantivo que funciona como núcleo de la construcción, de manera que se establece una relación de hiponimia entre el sustantivo sin modificación y el sustantivo modificado: *una grifería monocomando* es un tipo de grifería (Felú Arquiola 2003a: 232).

<sup>93</sup> A este respeito, também Iacobini refere que «i prefissi non influiscono sulla posizione dell'accento primario di parola» e que «la posizione dell'accento primario della parola di base non subisce mutamenti nella parola prefissata, a differenza della suffissazione, che invece determina la posizione dell'accento» (Iacobini 2004: 119).

*império* → *imperial*)»<sup>94</sup>. De facto, «la prefijación no suele alterar el acento de la palabra-base, como es en cambio lo común en la sufijación» (Varela Ortega e Martín García 1999: 5007), já que «os prefixos são neutros quanto ao acento» (Villalva 2000: 46)<sup>95</sup>.

Esta neutralidade, se bem que possa ser corroborada pela incapacidade do prefixo em alterar a estrutura fonológica da base a que se acopla, é questionável quando aplicada à estrutura fonológica do próprio prefixo. De facto, apesar de alguns estudiosos considerarem que «todos os prefixos são átonos» (Vasconcelos 1912: 87), homogeneizando desta forma o comportamento acentual dos elementos prefixais, verificamos que os prefixos não apresentam igual comportamento relativamente à sua estrutura acentual. Assim, sendo inquestionável que «los prefijos tienen dos características fonológicas básicas ((a) no interfieren en la constitución fónica de la base y (b) preservan su propia integridad fónica» (Varela Ortega e Martín García 1999: 5007)), podemos contudo observar que estes elementos não manifestam o mesmo tipo de comportamento acentual. Assim, verificamos a existência de:

- (i) prefixos átonos (*reconstruir, desnecessário, percorrer*);
- (ii) prefixos acentuados (*recém-nascido, hipermercado, poli-insaturado, contra-informação*);
- (iii) prefixos que são acentuados em determinados contextos, mas inacentuados noutros (*pós-moderno/posfácio, pré-aviso/previsão*).

Esta variação não só implica um tratamento diferenciado dos elementos prefixais<sup>96</sup> e dos produtos derivacionais<sup>97</sup>, como faz emergir a necessidade de se

<sup>94</sup> Sublinhe-se que os sufixos *-mente* e *-(z)inho* não apresentam este comportamento. Veja-se Mateus (1990: 438).

<sup>95</sup> Relativamente à capacidade de alteração da estrutura fonológica da base a operar pelo afixo, a autora afirma que «o lugar do acento numa palavra que contém um prefixo é idêntico ao da sua palavra base, quer o prefixo exiba (ou possa exibir), quer não exiba uma vogal tónica própria. (...) Quanto aos sufixos [palavras sufixadas], o lugar do acento na forma de base e na forma derivada é diferente» (Villalva 2000: 45-46).

<sup>96</sup> Atente-se também na estrutura silábica dos elementos prefixais que pode, de alguma forma, indiciar uma determinada estrutura acentual (registre-se, por exemplo, o carácter normalmente acentuado dos prefixos bissilábicos relativamente à variação ou inexistência acentual verificada nos prefixos monossilábicos).

<sup>97</sup> A este respeito, veja-se a afirmação presente em Mateus *et al.* 2003: «No que diz respeito à categoria morfológica da forma de base, a existência de prefixos tónicos, como por exemplo *super-* ou *pré-*, indicia que a forma de base, nesses casos, é uma palavra; a existência de prefixos átonos (cf. *des-*, *in-*, *re-*) aponta para que a sua forma de base seja um radical. Note-se que só nestes últimos casos se verifica a ocorrência

proceder a uma análise atenta e cuidada dos casos variavelmente acentuados (indicados em (iii)). Assim, se no caso dos prefixos átonos a prefixação «é um processo derivativo que ocorre no nível lexical, aplicando-se depois da inserção do marcador de classe e de flexão e (...) apresentando restrições de seleção da categoria morfológica da base» (Pereira 1999: 224), «os prefixos tónicos constituem domínios acentuais autónomos e essa particularidade deve constar da sua informação lexical, para que lhes seja atribuída uma estrutura métrica no nível lexical. O processo de adjunção à base, nestes casos, deverá ser ordenado no nível pós-lexical, uma vez que se trata da concatenação de duas palavras fonológicas num sintagma fonológico, estabelecendo-se também pós-lexicalmente a hierarquização entre os acentos<sup>98</sup> do produto composto» (Pereira 1999: 224). Nestes casos, «i prefissi possono essere portatori dell'accento secondario, ma solo in ragione del fatto di essere all'inizio di parola, posizione privilegiata per l'accento secondario» (Iacobini 2004: 119). Já no que diz respeito aos prefixos que manifestam dois comportamentos acentuais diferentes, estes devem também ter um tratamento formal diferente. Neles, a variante tónica do prefixo, contrariamente à variante átona, possui informação lexical sobre a sua prosodização enquanto domínio acentual, sendo-lhe dessa forma atribuída uma estrutura métrica no nível lexical e apresentando-se o percurso posterior idêntico ao de todas as formas de dupla acentuação.

(I-6)

(a) pré-aviso  
pós-operatório(b) predispor  
pospor

Neste sentido, com base nos exemplos comparativos apresentados em (I-6), podemos observar que, nas formas (a), os prefixos *pré-* e *pós-* são portadores de um acento secundário, cuja perceção não envolve apenas a proeminência de uma sílaba

---

de derivação subsequente à prefixação (cf. *montar* → *desmontar* → *desmontável*)» (Mateus *et al.* 2003: 964).

<sup>98</sup> A este propósito, Isabel Pereira refere que «o acento principal da palavra resulta da organização hierárquica que se estabelece entre as suas diferentes sílabas, que evidenciam, assim, diferentes graus de proeminência». Além disso, «a estrutura rítmica da palavra manifesta-se também através das proeminências secundárias que afetam certas sílabas não tónicas, que dizemos serem portadoras de acento secundário» (Pereira 1999: 195). Mais à frente, a autora refere ainda que «o acento secundário está sempre associado a um grau de proeminência inferior ao do acento principal, mas superior ao das sílabas totalmente inacentuadas» (Pereira 1999: 200).

relativamente às outras sílabas não tónicas da palavra, mas também o facto de essas sílabas não serem afetadas por regras de redução vocálica. Já em (b), os mesmos prefixos não apresentam qualquer proeminência secundária, ao mesmo tempo que surgem com vogais reduzidas. Note-se que, para Pereira (1999), «a alternância de comportamento ao nível da aplicação deste processo fonológico que os prefixos em causa exibem permite-nos pensar que, quando evidenciam proeminências secundárias, se trata de um acento secundário de uma natureza semelhante à daqueles que ocorrem em *bomba-relógio*, *luso-brasileiro*, *avidamente*, *metodozinho* e *cidadezeca*» (Pereira 1999: 206), formas que recebem mais de um acento lexical sendo por isso constituídas por mais de uma palavra fonológica<sup>99</sup>, constituindo assim uma unidade prosódica de um nível superior, onde o acento que se encontra à direita recebe maior proeminência. A estrutura acentual destes produtos será então constituída (i) no nível lexical (onde cada um dos constituintes pertinentes das formas complexas recebe um acento de palavra) e (ii) no nível pós-lexical (onde são estabelecidas as relações de proeminência entre esses acentos).

Ainda relativamente ao diferente comportamento acentual destes prefixos, porque a sua realização acentuada ou inacentuada «não depende da livre seleção do falante» (Pereira 1999: 228), Pereira, com base na análise empreendida a possíveis restrições de carácter fonológico e morfossintático<sup>100</sup>, concluiu que não existe «nenhum

<sup>99</sup> A este propósito, Maria Helena Mira Mateus *et al.* (2003: 1062) afirma que em formas como *pré-acental* ou *pós-moderno*, a «uma única palavra morfológica correspondem duas palavras prosódicas».

<sup>100</sup> Na análise empreendida, e no que respeita a restrições de carácter fonológico, Pereira (1999: 227-228) verificou que:

1. O estatuto consonântico ou vocálico do segmento terminal do prefixo *e/ou* do segmento inicial da base não parecem condicionar a seleção da variante prefixal, podendo encontrar-se quer a variante átona quer a variante tónica em diferentes sequências:
  - a) variante tónica: *pós-operatório* (C+V), *pós-moderno* (C+C), *pré-aviso* (V+V), *pré-fabricado* (V+C);
  - b) variante átona: *pospor* (C+C), *preencher* (V+V), *prever* (V+C).
2. O número de sílabas da base não parece revelar influência sobre a seleção da variante prefixal, podendo surgir qualquer delas, tenha a base maior ou menor número de sílabas:
  - a) variante tónica: *pré-estabelecido*, *pré-datar*;
  - b) variante átona: *prever*, *predisposto*.
3. A tonicidade ou atonicidade da sílaba inicial da base não determinam a seleção da variante prefixal:
  - a) variante tónica: *pré-céltico*, *pré-esforçado*;
  - b) variante átona: *propor*, *predispor*.

No que respeita à existência de condicionamentos de uso de uma ou outra variante prefixal impostos pela categoria morfossintática da base, Pereira (1999) concluiu que qualquer categoria morfossintática passível de preencher as bases dos produtos derivados que integram prefixos deste tipo pode surgir agregada quer à variante acentuada, quer à variante inacentuada:

- a) variante tónica: *pré-nupcial* (Pref+A), *pós-venda* (Pref+N), *pré-ajustar* (Pref+V);
- b) variante átona: *pospositivo* (Pref+A), *predestinação* (Pref+N), *predispor* (Pref+V).

condicionamento fonológico ou morfossintático para a seleção de uma das variantes, átona ou tónica, dos prefixos que manifestam esta peculiaridade» (Pereira 1999: 227), tendo contudo observado que «a forma átona dos prefixos surge nos derivados que entraram na língua há mais tempo, muitos dos quais foram já herdados do latim enquanto formas prefixadas» (Pereira 1999: 228). Já no que respeita às variantes tónicas destes prefixos, elas representam «formas produtivas, ou seja, aquelas que sincronicamente são usadas no processo de criação de novas unidades lexicais» (Pereira 1999: 228).

Cingindo a nossa análise aos prefixos de que aqui nos ocupamos, verificamos que, no nosso *corpus*, à exceção dos elementos prefixais *co-*, *sem-* e *sub*, todos os prefixos apresentam uma estrutura bissilábica, sendo portadores de acento próprio, o que lhes confere uma autonomia superior às variantes inacentuadas. Esta autonomia e independência são visíveis, por exemplo, em construções coordenadas como as que apresentamos em (I-7), onde se observa uma omissão da base da primeira forma, aparecendo o prefixo de forma quase totalmente independente.

(I-7)

Formação *inter e intra-empresarial*.

Dinâmicas plurilingues *inter e intra-institucionais*.

*Inter e intra-relações* no universo dos estudos literários.

Estrutura do mercado *intra e inter-metropolitano*.

Os fluxos e as remunerações dos *sub e dos sobre-escolarizados...*

Representativa, assim, de alguma autonomia por parte das variantes tónicas de alguns operadores prefixais<sup>101</sup>, este tipo de coordenação obedece, contudo, a restrições semânticas e categoriais, sendo somente permitida a coordenação de prefixos antitéticos (*pré-* e *pós-*, *pro-* e *anti*, *sub-* e *sobre-*) ou sinónimos (*intra-* e *endo-*) pertencentes a um

<sup>101</sup> Sublinhe-se, contudo que, para Bosque, este tipo de construções representa não uma coordenação de prefixos, mas sim uma coordenação de núcleos lexicais (neste caso adjetivos), em que o primeiro está elidido e é recuperado cataforicamente. Veja-se Bosque (1987: 95-96). Também Varela Ortega e Martín García, relativamente a estes casos em que se verifica «desligamiento de la base léxica del primero de dos prefijos en una estructura coordinada (*pré y pós-constitucional*)», consideram que «no se trata de coordinación de prefijos sino de núcleos léxicos (adjetivos), el primero de los cuales está elidido y se recupera catafóricamente» (Varela Ortega e Martín Garcia 1999: 5006).

mesmo campo semântico (*inter-* e *intra-*) e acoplados preferencialmente a adjetivos denominais.

Este tipo de coordenação (implicando a elipse do primeiro núcleo lexical) é relativamente interessante já que ela representa uma especificidade de (alguns) prefixos relativamente a sufixos. De facto, «in prefissazione si può invece verificare una cancellazione particolare: non so se è *pro o anticomunista* mentre la stessa operazione non si può fare com i suffissi *\*non so se è un fiorista o un -aio*<sup>102</sup>» (Scalise 1984b: 165). É, de facto, inegável que (alguns) prefixos e sufixos diferem entre si pelo grau de autonomia. É disso exemplo não só o tipo de coordenação que acabámos de explicar, mas também alguns fenómenos morfofonológicos<sup>103</sup> de aplicabilidade estritamente (mas não integralmente) prefixal.

Prefixos e sufixos diferem, pois, em variados aspetos: na posição que ocupam relativamente à base à qual se acoplam, na diferente origem etimológica, na (in)capacidade de alteração da categoria gramatical da base a que se juntam, na (não)alteração que procedem na estrutura prosódica da base e, também, na (in)capacidade de procederem a alteração da estrutura argumental e semântico-conceptual da base a que se unem, conforme consta em 3.5.3.

### 3.5.3. Capacidade de alteração das estruturas argumental e semântico – conceptual da base

É facto assente que os efeitos dos processos morfológicos ultrapassam em muito o domínio estritamente lexical, já que a formação de palavras pode afetar o comportamento sintático dos itens lexicais não só pela mudança da categoria sintática

---

<sup>102</sup> Acrescente-se, contudo, que Scalise continua afirmando que «questo tipo di cancellazione è però possibile con una certa classe di prefissi, non com tutti, come dimostra la non grammaticalità di *\*non so se è in o disumano*» (Scalise 1984b: 165).

<sup>103</sup> Referimo-nos nomeadamente à recursividade, autorizada somente a alguns elementos prefixais. A este propósito, Scalise afirma que «sono diversi prefissi ricorsivi come *meta-* (*meta-meta-metalinguaggio*), *para-* (*para-para-paranormale*), *ultra-* (*ultraultra-ultrascientifico*), etc.» (Scalise 1984b: 244). Já Corbin refere que «la recursivité préfixale est autorisée par exemple pour les RCM auxquelles sont associées respectivement *anti-*, *contre-* (opposition), *archi-*, *hyper-*, *super-*, *ultra-* (superlatifs), *avant-*, *après-*, *pré-*, *post-* (antériorité et postériorité), *re-* (itération). Mais la récursivité est interdite par exemple pour la RCM à laquelle sont associées *dé-*, *in-*, *mal-*, *mé(s)-* (ex.: *\*dédéloyal*, *\*inilegal*, *\*malmalhonnête*)» (Corbin 1991a: 497).

das palavras, mas também pela alteração verificada ao nível da estrutura (i) argumental (EA)<sup>104</sup> e (ii) semântico-conceptual (ESC)<sup>105</sup> das mesmas.

De facto, é considerado que, em alguns casos, os prefixos alteram algumas propriedades da base a que se acoplam. Bisetto, Mutarello e Scalise (1990: 40) afirmam que, em alguns processos de prefixação, se produzem modificações nos traços de seleção semântica e argumental da base: *ver* seleciona como argumento interno um SN que pode ser [+ abstrato] (*ver um problema*) ou [- abstrato] (*ver uma casa*) e *prever* seleciona unicamente um SN [+ abstrato] (*prever um problema* / *\*prever uma casa*).

As operações morfológicas andam, assim, associadas a operações ao nível da estrutura semântico-conceptual (ESC) da palavra derivada que, por sua vez, têm reflexo na sua estrutura argumental<sup>106</sup>. Assim sendo, os morfemas derivacionais afetam a sintaxe indiretamente: alteram as propriedades sintático-semânticas da palavra a que se ligam e este novo conjunto de propriedades determina como a palavra é usada em sintaxe. Seguindo Booij e Haafte (1988), consideramos que os efeitos característicos das regras de formação de palavras na valência sintática das palavras derivadas devem ser analisados em termos de estrutura argumental. A estrutura argumental das palavras derivadas pode ser *herdada*, *compartilhada* ou *gerada*, significando isto que a semântica dum processo de derivação morfológica pode dar lugar a mudanças na estrutura argumental. Neste contexto, a noção de herança enquanto «relació que s'estableix entre algunes propietats lèxiques d'un mot derivat i les corresponents de la seva base» (Gràcia i Solé 1995: 20) assume uma importância fundamental já que ela dará conta se a estrutura argumental de uma palavra derivada é ou não determinada pela

<sup>104</sup> Lluïsa Gràcia-Solé define estrutura argumental como «al conjunto de argumentos seleccionados por un predicado» (Gràcia-Solé 1995:14), sendo um argumento «un sintagma seleccionado por un núcleo» (Gràcia-Solé 1995: 15). A este propósito, e citando Scalise (1994: 90), «Williams ha introdotto una distinzione importante tra l'argomento esterno e gli argomenti interni. L'argomento esterno coincide, grosso modo, com la nozione di soggetto, gli argomenti interni sono tutti gli altri».

<sup>105</sup> Relativamente à estrutura léxico-conceptual, Jackendoff defende que é necessário «made a distinction in principle between two levels of mental representation: conceptual structure, the level at which linguistic and non linguistic information are mutually compatible, and semantic structure, the level at which semantic properties of sentences can be formally captured» (Jackendoff 1983: 95).

<sup>106</sup> De acordo com Levin e Rappaport Hovav, a estrutura semântico-conceptual (*Lexical Conceptual Structure*) projeta-se na Estrutura Argumental (*Predicate-Argument Structure*) por meio de regras de associação (*linking rules*). Veja-se Levin e Rappaport (1994: 47). Esta posição é partilhada, entre outros, por Gropen *et al.*, segundo os quais «there is a strong correlation in English between a verb's semantic properties and its syntactic properties, and it seems obvious that speakers can sometimes exploit this pattern to predict form from meaning. Knowing that a verb *to glip* means 'to shove with one's elbow', an English speaker can confidently guess that it is a transitive verb whose agent argument is mapped onto the subject role and whose patient ('acted upon') argument is mapped onto the object role» (Gropen *et al.* 1991: 154).

estrutura argumental da base. Neste sentido, defende-se que um derivado herda um argumento da sua base quando este se realiza sintaticamente como um argumento do derivado.

Relativamente aos processos afixais de formação de palavras, é tendencialmente aceite que os prefixos, contrariamente a alguns sufixos, são destituídos de capacidade de alteração da estrutura argumental e semântico-conceptual da base à qual se acoplam. A este respeito, afirmam Varela Ortega e Martín García (1999: 5003) que «la mayor parte de los prefijos del español mantienen la estructura argumental de sus bases verbales, ya sea monoargumental (*Aquí abundan / sobreabundan arbustos de este tipo*), biargumental (*El carpintero hizo/deshizo esos muebles de madera*) o con más de dos argumentos».

Esta não é, contudo, uma questão consensual já que, para outros autores, «os prefixos podem alterar a estrutura de subcategorização da base a que se acoplam (ex.: *Ela acreditou no ministro. → Ela desacreditou o ministro.*)» (Mateus *et al.* 1990: 433-437 e 2003: 942). Segundo Varela Ortega e Martín García (1999: 5003), «los prefijos que cambian la estructura argumental de la base presentan valores preposicionales; por el contrario, la mayor parte de los prefijos que mantienen los argumentos de sus bases exhiben valores adverbiales»<sup>107</sup>.

Longe de ser consensual, esta questão levanta alguma celeuma entre os linguistas. Quanto a nós, parece-nos ser aceitável quer a hipótese de alteração, quer a hipótese de conservação das estruturas semântico-conceptual e argumental por parte dos elementos prefixais, já que ambas se encontram atestadas. De facto, se a conservação das duas estruturas é a hipótese maioritariamente viável (ex.: *O mecânico (re)inseriu a peça no motor. / O João (con)vive com a Maria.*), a hipótese de alteração das estruturas semântico-conceptual e argumental apresenta-se também evidente em algumas construções (ex.: *O João vive em Coimbra. → O João convive em Coimbra [com a Maria]. / Ele voou sobre a montanha. → Ele sobrevoou a montanha.*), sendo por isso também defensável a sua existência (cf. Varela Ortega e Martín García 1999:

<sup>107</sup> Relativamente ao valor preposicional/adverbial de alguns prefixos, continuam as autoras afirmando que «algunos prefijos preposicionales, sin embargo, acaban desarrollando valores adverbiales de intensificación y, como es de esperar, mantienen entonces la estructura argumental de la base verbal (*El Chico vio/entrevio a su amigo; El conductor cargo/sobrecargó el coche*). No que concerne aos prefixos com valor preposicional, acrescentam as autoras que «ciertos prefijos con valor preposicional coinciden formal y semánticamente con la preposición que rigen tanto el verbo prefijado como el simple (*Luis vive/convive con Pepa*). En otros casos, coinciden sólo con la preposición que rige el verbo prefijado (*El agua fluye de/por un tubo / El río afluye al mar*)» (Varela Ortega e Martín García 1999: 5003).

5003). Neste sentido, relativamente à questão da herança das estruturas semântico-conceptual e argumental, dever-se-á, então, a nosso ver, considerar a existência de três situações:

- (i) preservação dos mesmos argumentos;
- (ii) perda de algum dos argumentos selecionados pela base;
- (iii) criação de um novo argumento.

Procurando então sintetizar as características dos prefixos de que nos ocupamos, podemos concluir que, face aos diferentes parâmetros considerados, o elemento prefixal aparece, segundo uma teoria tradicional de análise gramatical, destituído de (i) poder categorial<sup>108</sup> e de (ii) capacidade de alteração das estruturas (1) prosódica, (2) argumental<sup>109</sup> e (3) semântico-conceptual da base a que se acopla, conforme consta em (I-8), podendo, ao contrário dos sufixos, coocorrer com outros prefixos (recursividade).

(I-8)

propriedades	Prefixos (visão tradicional)	Prefixos (visão aqui defendida)
- poder categorial	-	- / +
- alteração da estrutura prosódica da base	-	-
- recursividade	- / + <sup>110</sup>	+
- alteração da estrutura argumental da base	-	- / +
- alteração da estrutura semântico-conceptual da base	-	- / +

<sup>108</sup> Sublinhe-se que, apesar da teoria gramatical tradicional não conceder ao prefixo capacidade de alteração da categoria da base à qual se acopla, esta é, como vimos, uma posição algo questionável. Veja-se, a este respeito, a secção 3.5.1. do presente capítulo desta dissertação.

<sup>109</sup> Como acabámos de mencionar, a incapacidade de alteração das estruturas argumental e semântico-conceptual por parte dos elementos prefixais é altamente questionável, já que algumas construções atestam precisamente o contrário.

<sup>110</sup> Recorde-se que, apesar de serem observáveis alguns casos de recursividade entre elementos prefixais (completamente inexistente em elementos sufixais), esta não se verifica livremente em todos os prefixos já que alguns não permitem este tipo de construção.

O elemento prefixal aparece, de acordo com a visão da gramática tradicional, destituído de quase todo o tipo de poder. No entanto, e à exceção da capacidade de alteração da estrutura prosódica da base a que se acopla, todos os restantes parâmetros são questionáveis e mesmo contraditos por construções atestadas na língua, permitindo-nos, desta forma, equacionar a concessão, a alguns elementos prefixais, de poder categorial e de poder de alteração das estruturas argumental e semântico-conceptual da base a que se acoplam (também à semelhança do concedido aos elementos sufixais). Como já referimos, é esta constante ‘destituição de poderes’, frequentemente questionável, aliada ao princípio da *righthand head rule*<sup>111</sup> (também ele altamente falível<sup>112</sup>) que é a principal responsável pela secundarização do papel desempenhado pelos elementos prefixais na formação de palavras propiciando, assim, um conhecimento deficiente da estrutura lexical da língua.

#### 3.5.4. Informação semântica

Uma das questões que caracteriza os atuais estudos dedicados aos elementos prefixais é a falta de acordo quanto ao inventário dos prefixos existentes nas línguas românicas. Neste sentido, para o espanhol, Quilis (1970: 237) afirma que «el número de prefijos es variable en español, según los autores: depende de que la selección haya sido hecha con un critério sincrónico o diacrónico, seletivo o acumulativo». Na atualidade, esta flutuação e falta de unanimidade também se verifica em português e tal deve-se, em grande medida, aos seguintes fatores:

- . à dificuldade que existe em determinar se duas unidades morfológicas devem ser consideradas prefixos independentes ou variantes alomórficas de um mesmo prefixo.

---

<sup>111</sup> Relembre-se que este princípio postula que o núcleo de uma palavra complexa, isto é, o elemento responsável pela informação categorial da palavra é o elemento situado mais à direita (não incluindo os morfemas flexionais que se caracterizam pela ausência de poderes categoriais). Este princípio é corroborado por Scalise que, por várias vezes, afirma que «i prefissi non sono teste» (Scalise 1984b: 188-196).

<sup>112</sup> Repare-se na problemática existente em torno de alguns prefixos no que concerne à sua capacidade (trans)categorial e sublinhe-se a posição do próprio autor deste princípio que, após a sua enunciação, admite a existência, em inglês, de formas derivadas por prefixação que apresentam uma estrutura em que o núcleo é o prefixo. Veja-se Williams (1981b).

É o caso, por exemplo, de alguns dos prefixos com que aqui nos ocupamos (*co-/con-*; *entre-/inter-*; *super/sobre-*), entre outros;

- . às dúvidas espoletadas pelos ‘prefixos cultos’ que nem sempre são admitidos no inventário dos elementos prefixais;
- . ao tratamento que recebem unidades morfológicas que, apesar de serem consideradas elementos prefixais produtivos em latim, não apresentam, na fase atual da língua, produtividade relevante nos processos de formação de palavras;
- . à inclusão (ou não) de morfemas tradicionalmente denominados de ‘prefixóides’ no inventário dos prefixos da língua (como é o caso, por exemplo, de *auto-*)<sup>113</sup>;
- . ao tratamento que recebem os elementos procedentes da truncação de palavras existentes na língua (*[foto]grafia*)<sup>114</sup>.

De entre as classificações gerais dos prefixos das línguas românicas<sup>115</sup>, seguiremos de perto a proposta de Varela e Martín García (1999) já que estabelece um inventário que, ainda que baseado sobretudo apenas em premissas semânticas<sup>116</sup>, assenta em critérios precisos e explícitos como a distribuição, a forma e a função dos elementos

<sup>113</sup> Note-se que, no estudo que empreendeu em 2005, Varela Ortega já considera que «el prefijo ha de distinguirse de los ‘temas cultos’, dado que muchos de estos aparecen a menudo precediendo a la base léxica. Algunos son muy productivos en la formación de nuevas palabras de la lengua general (*filocomunista, grafo-manía, ecoturismo, hidro-masaje, telefotografía*), otros son usuales en las lenguas de especialidad (*hemo-globina, fotosíntesis*). Sin embargo, estos temas – que algunos autores llaman ‘prefijoides’ – no tienen limitada su posición a la izquierda del lexema (*biblió-filo, carto-grafo, aero-fagia*), como en cambio la tienen los prefijos e incluso pueden recibir ellos mismos prefijos (*a-grafo*) y sufijos (*graf-ía, gráf-ico*), posibilidad vetada, como sabemos, a los verdaderos prefijos. Por otra parte, los temas tienen un valor semántico intrínseco y constante, y no uno relacional y variable según la base léxica a la que se agreguen, rasgo característico, en cambio, de los afijos» (Varela Ortega 2005: 59-60).

<sup>114</sup> No mesmo estudo, Varela Ortega considera que «también excluimos de la nómina de los prefijos ciertos morfemas que provienen de palabras acortadas, como *demo(cracia/crata), euro(pa/peo)* o *narco(tico)*. Algunos acortamientos coinciden con temas grecolatinos: *foto(grafía), tele(visión)* y *auto(móvil)*» (Varela Ortega 2005: 60). Ressalve-se, contudo, que, relativamente a *auto-* a autora afirma que «en el caso de *auto-* hay que hacer la salvedad de que, en su valor reflexivo (‘a sí mismo, por sí solo’), este morfema tiene un contenido funcional típico de los afijos. Así, consideramos que el *auto-* que aparece en *autocomplacencia* o *autoabastecimiento* es un prefijo; por el contrario, en *autoescuela* o *autopista*, es la variante acortada de *automóvil* y la formación completa es, por tanto, un compuesto» (Varela Ortega 2005: 60).

<sup>115</sup> Montermini, com base na análise das propostas de categorização semântica dos elementos prefixais existentes para o italiano (Vucetić 1976; Tekavcic 1980; Iacobini 2004), para o espanhol (Varela Ortega e Martín García 1999), para o inglês (Adams 1973) e para o romeno (Fischer 1989), conclui que «la ripartizione dei prefissi in classi semantiche riposa su tre principi generali; (i) un principio di economia, che permetta di avere un numero di classi insieme esaustivo e non ridondante; (ii) un principio di omogeneità, che permetta di ritrovare nella stessa classe, o almeno nel suo nucleo centrale, prefissi che condividono lo stesso comportamento; (iii) un principio di non esclusività, secondo il quale un prefisso puo anche trovarsi a cavallo di due o più classi, senza che sia necessario ipotizzare l’esistenza di due prefissi omofoni o, in alternativa, di un prefisso polisemico» (Montermini 2009: 62-63).

<sup>116</sup> Note-se que Montermini questiona precisamente «la legittimità di una classificazione semantica come punto di partenza per una classificazione più ampia dei prefissi» (Montermini 2009: 65).

prefixais<sup>117</sup>. No que diz respeito aos critérios semânticos, a classificação de Varela Ortega e Martín García (1999) baseia-se, implicitamente, em dois tipos de premissas:

- (i) por um lado, determinadas classes de prefixos são estabelecidas tendo em conta o valor semântico intrínseco dos afixos derivativos (é o caso dos prefixos locativos, temporais e negativos e respetivas sub-classes);
- (ii) por outro lado, a denominação das três classes restantes (gradativos, aspectuais e modificadores) é estabelecida com base na relação semântica aferida entre o prefixo e a base (isto é, sobre o tipo de incidência semântica que o prefixo tem sobre a base) e não sobre o significado do afixo em si. Assim, por exemplo, os prefixos aspectuais «afectan a la acción verbal, bien modificando aspectualmente al verbo (reversión o iteración), bien produciendo nuevas relaciones gramaticales entre este, su sujeto y su objeto (causatividad y reflexividad)» (Varela e Martín García 1999: 5028). Já os prefixos gradativos afetam o significado da base com que se combinam intensificando uma qualidade ou a quantidade/tamanho de algo e os modificadores caracterizam-se por quantificarem ou qualificarem entidades.

Portadores de informação morfo-sintática compósita instanciada num contexto enunciativo-pragmático particular, «i prefissi esprimono significati di tipo relazionale» e «la loro funzione principale è quella di determinare il significato della base a cui si premettono» (Iacobini 2004: 126), sendo assim, segundo a proposta de Varela Ortega e Martín García (1999)<sup>118</sup>, semanticamente categorizados<sup>119</sup> em:

<sup>117</sup> Varela e Martín García (1999: 4997-4998) baseiam a sua análise nos critérios de distribuição, forma e função para determinar o inventário de prefixos em espanhol. Por posição, entendem as autoras tanto a posição dos prefixos como a sua combinatória. Assim, como refere Felú Arquíola (2003), «el criterio de la posición les lleva a rechazar los temas grecolatinos que pueden aparecer al comienzo y al final de la palabra compleja (*filo*, *grafo*, etc.), mientras que por el criterio de la combinatoria descartan aquellos morfemas que se pueden combinar con sufijos para dar lugar a palabras, posibilidad que les está vedada a los prefijos; así, no considerarán prefijos ni a los temas grecolatinos (*fobo*, *astro*), ni a los acortamientos modernos no coincidentes con una palabra griega o latina (*euro*), ni a los acortamientos que coinciden con un tema grecolatino (*foto*, *tele*). El criterio formal o de la variación alomórfica excluye del inventario de los prefijos a aquellas unidades que varían formalmente dependiendo de la posición que ocupan en la palabra compleja (*anglo* vs. *inglés*). Finalmente, el criterio de la función semántico-sintáctica, según el cual los prefijos nunca constituyen el núcleo de la palabra compleja, sino que funcionan como modificadores del significado de la base, les lleva a incluir los elementos grecolatinos que designan cantidad (*tri*-, *pluri*-, etc.) o locación (*endo*-, *epi*-, etc.) en el inventario de los prefijos» (Felú Arquíola 2003: 46).

<sup>118</sup> También Iacobini considera que «i significati espressi dei prefissi si possono ricondurre alle seguenti categorie: posizione (al cui interno si distinguono valori locativi e temporali), negazione (suddivisa in

1. PREFIXOS LOCATIVOS<sup>120</sup>

<b>especificidade semântica: posição</b>	<b>prefixo</b>	<b>exemplo</b>
‘ante, diante de’	ante-	antebraço
‘ante, diante de, acima de’	pré-	pré-dorsal
‘ante, diante de, a favor de’	pró-	pró-amnistia
‘atrás de, depois de’	pós-	pós-dorsal
‘atrás de’	retro-	retrovisor
‘para trás de’	re-	refluir
‘contra, junto a’	contra-	contraofensiva
‘contra, junto a’	anti-	anticiclone
‘à margem de’	para-	parapsicologia
‘no interior de, dentro de’	intra-	intracelular
	endo-	endocrânio
‘posição externa’	extra-	extraterrestre
‘por/de fora, no exterior de’	ecto-	ectoplasma
	exo-	exocarpio
‘sobre, em cima de’	sobre-	sobrevoar
‘sobre, em cima de’	super-	supervisão
‘acima, em cima’	supra-	supramencionado
‘sobre, em cima de’	epi-	epicentro
‘abaixo de, por baixo de, em posição inferior a’	su(b)-	subterrâneo
‘abaixo de, por baixo de, em posição inferior a’	sota-	soto-almirante

opposizione, contraddizione, contrarietà, privazione, reversione), alterazione (con cui indichiamo l'espressione sia di valori dimensionali che valutativi), quantificazione, ripetizione, ingressività, riflessività, unione e reciprocità» (Iacobini 2004: 126-127).

<sup>119</sup> A categorização semântica que se segue, assim como os exemplos fornecidos, baseiam-se na proposta de Varela Ortega e Martín García 1999: 5011-5036. Note-se, contudo, que nela são considerados produtos cuja composicionalidade foi formada em latim, fator determinante para a elaboração do nosso *corpus*. A este propósito, recorde-se o explanado na secção 0.2 da presente dissertação.

<sup>120</sup> Iacobini considera que «il tipo di significato che conta un maggior numero di prefissi e una maggiore articolazione interna è quello locativo: oltre alle posizioni estreme (*pre-/post-*, *sopra-/sotto-*) è possibile anche indicare posizione esterna (*extra-*), interna (*intra-*), intermedia (*inter-*) e diversi altre localizzazioni (*circum-*, *cis-*, *contro-*, *extra-*, *trans-*), comprese anche indicazioni dinamiche (*de-*, *dis-*, *retro-*)» (Iacobini 2004: 127). Continua o autor afirmando que «l'espressione di valori locativi, anche se veicolata da molti prefissi, e presente in molte parole della lingua (alla base di altri importanti raggruppamenti semantici), è in regresso nella lingua contemporanea» (Iacobini 2004: 127). Sobre os prefixos locativos, Montermini considera que são maioritariamente «prefissi di localizzazione che derivano da preposizione latine» (Montermini 2009: 164).

‘por baixo de, debaixo de, em posição inferior a’	hipo-	hipoderme
‘por baixo de, debaixo de, em posição inferior a’	infra-	infraestrutura
‘mais além de, do outro lado de’	trans-	transalpino
‘junto a, atrás de, mais além de’	meta-	metalinguagem
‘mais além de, do outro lado de’	ultra-	ultravioleta, ultrasom
‘em torno de, ao redor de’	anfi-	anfiteatro
‘em torno de, ao redor de’	circum-	circum-navegar
‘em torno de, ao redor de’	peri-	pericardio,
‘da parte/do lado de cá’	cis-	cisalpino
‘no meio de, entre’	entre-	entrechocar
	inter-	interfase
‘com’	co-	cooperar
	com-	conviver

**especificidade semântica: procedência/origem**

	<b>prefixo</b>	<b>exemplo</b>
‘de, desde, com origem em’	de(s)-	deadjetival
‘desde’	apo-	apoastro
‘de dentro para fora’	ex-	ex-patriar

2. PREFIXOS TEMPORAIS<sup>121</sup>

**especificidade semântica: anterioridade**

	<b>prefixo</b>	<b>exemplo</b>
‘antes de, anterior a’	ante-	anteprojeto
‘antes de’	pré-	pré-inscrição
‘imediatamente antes de’	recém	recém-nascido

<sup>121</sup> Segundo Iacobini, «i significati temporali sono di norma espressi da prefissi che indicano primariamente valori locativi, alcuni di essi (*pre-*, *post-*) sono attualmente utilizzati più con valore temporale che locativo» (Iacobini 2004: 127).

<b>especificidade semântica: posterioridade</b>	<b>prefixo</b>	<b>exemplo</b>
‘depois de, posterior a’	pós-	pós-modernidade

3. PREFIXOS NEGATIVOS<sup>122</sup>

<b>especificidade semântica: oposição</b>	<b>prefixo</b>	<b>exemplo</b>
‘oposição a, contra, anulação de’	anti-	antiaborto antirrugas
‘oposição a, contra’	contra-	contraofensiva

<b>especificidade semântica: contradição</b> <sup>123</sup>	<b>prefixo</b>	<b>exemplo</b>
‘negação de’	não-	não-produção

<b>especificidade semântica: contrariedade</b> <sup>124</sup>	<b>prefixo</b>	<b>exemplo</b>
‘contrário de, não’	a-	agramatical
‘contrário de, não’	des-	desobedecer
‘não’	in- <sup>125</sup>	infeliz

<sup>122</sup> Sobre os prefixos negativos, Iacobini refere que «anche la gran parte dei prefissi derivano semanticamente da valori locativi, anche in questi casi vi sono prefissi che sono attualmente impiegati più nei significati derivati (*des-*) che non nell’originario valori locativo (Iacobini 2004: 127). Também Varela Ortega e Martín García (1999), com base no facto de «los valores semánticos de un prefijo proceden de un único contenido significativo (generalmente de un valor de locación)» consideram que «algunos prefijos denotan la oposición espacial (‘enfrente de’, ‘en la parte opuesta’: *contraventana*) y, al mismo tiempo, una oposición figurada, entendida como noción semántica negativa» (*contra-aviso*). Já «el valor locativo de ‘separación, procedencia» (*descarrilar*, *despeñar*) puede derivar en la idea de privación (*descamisar*), negación (*desobedecer*) o reversión (*deshacer*)» (Varela Ortega e Martín García 1999: 5011).

<sup>123</sup> Sublinhe-se que, de acordo com Varela Ortega e Martín García, a contradição supõe que a negação de um termo implica a afirmação do termo contrário, de forma a que se excluam mutuamente (ex.: estar *não morto* é estar *vivo*). Já a contrariedade supõe que a negação de um termo não implica obrigatoriamente a afirmação do termo contrário (ex.: ser *não bonito* não significa ser *feio*). A este propósito, Martín García afirma que «las formaciones derivadas con prefijos negativos pueden ser *contradictorias* si la oposición excluye cualquier otro grado (*muerto/no-muerto*), *traducible/in-traducible*) o *contrarias* si la oposición supone grados intermedios entre los dos polos representados por la base y el derivado o bien grados externos a la oposición (*moral/i-moral*)» (Martín García 1998a: 29).

<sup>124</sup> Cf. nota anterior.

<sup>125</sup> Veja-se os contextos de ocorrência e variação alomórfica deste prefixo em Rio-Torto (1998b: 32).

<b>especificidade semântica: privação</b>	<b>prefixo</b>	<b>exemplo</b>
‘falta de, carência de’	a(n)-	assimetria
‘falta de, carência de, privação de’	des-	desorganização
‘falta de’	in <sup>126</sup> -	impiedade

#### 4. PREFIXOS GRADATIVOS<sup>127</sup>

<b>especificidade semântica: tamanho ou quantidade</b>	<b>prefixo</b>	<b>exemplo</b>
‘tamanho maior, excesso’	hiper-	hipermercado
	macro-	macroeconomia
	maxi-	maxissaia

<sup>126</sup> Cf. nota anterior.

<sup>127</sup> Segundo as autoras, «los prefijos intensivos tienen originariamente un valor locativo, es decir, se pasa de la idea de extensión y de límite espacial a la de grado de intensidad. Las distintas relaciones de locación que pueden expresar los prefijos determinan los diversos tipos de intensidad. Así, los prefijos intensivos que expresan el grado máximo proceden de prefijos locativos que denotan la posición más extrema, fuera de los límites espaciales, como *ultra-*, parafraseable como ‘más allá de’, o *extra-*, con el significado de ‘fuera de’ (*extraparlamentario*). De la noción de superioridad espacial se deriva el significado de ‘adición’ (*sobrepaga*) y, a su vez, el contenido valorativo de ‘exceso’ (*sobrecarga*). Por su parte, el valor semántico de intensidad negativa procede del significado de locación inferior; así, con los prefijos *infra-* (*infraescrito/infravivienda*), *hipo-* (*hipodermis/hipoglucemia*) o *sub-* (*subsuelo/subcultura*). El prefijo *entre-*, que denota la posición espacial intermedia (*entretela*), produce formas intensivas que denotan una valoración de minoración próxima al grado neutro (*entreclaro*). De la locación espacial pueden derivarse, asimismo, valores o significados secundarios que expresan una jerarquía gradual. Los prefijos que indican la locación espacial inferior dan lugar a grados menos altos en la jerarquía (*subcomandante*); el prefijo *archi-*, que expresa originariamente la superioridad dentro de una jerarquía (*archidiácono, archiduque*), pasa a asignificar el grado superlativo (*archiconocido*)» (Varela Ortega e Martín García 1999: 5010-5011). Também Rio-Torto (1993) considera que «em muitos prefixos ainda hoje se faz sentir o primitivo valor locativo (*extra-, sub-, super-*) que, progressivamente, foi evoluindo para valor seriativo, abrindo-se caminho aos diversos níveis de manifestação de grau. Já no latim clássico alguns destes prefixos adquiriram um valor intensivo, passando da expressão da localização espacial para a de localização numa escala de intensidade. Com a passagem de indicadores locativos a indicadores de intensidade (que exprimem a manifestação, em grau extraordinário/inferior, diminuto, das propriedades de Xb), estavam criadas as condições para que estes prefixos se transformassem em operadores de grau. O seu valor seriativo continua presente de forma mais ou menos vincada, servindo até, nas linguagens técnicas, para o estabelecimento de taxinomias» (Rio-Torto 1993: 365). A este propósito, e mais à frente, esclarece ainda a autora que «é o primitivo valor locativo-seriativo de alguns operadores prefixais que explica a sua ulterior utilização como operadores de grau, avaliando o grau de intensidade/manifestação de *p*. Da localização espacial facilmente se dá a transferência para a ordenação numa escala de intensidade. Assim acontece com *sobre-/sub-, supra-, super-, extra-*, entre outros. *Sobre-, supra-, super* e *extra-* funcionam como instrumentos de expressão de grau extraordinário, excepcional, excessivo, de excelência e *sub-* como instrumento de manifestação de grau inferior, especialmente quando acoplado a adjetivos» (Rio-Torto 1993: 386).

‘tamanho menor’	mega-	mega-loja
	sobre-	sobredose
	super-	superêxito
	micro-	micro-economia
	mini-	minissaia

**especificidade semântica: qualidade**

‘no grau máximo, muito’

‘num grau elevado’

‘não totalmente, diminuição de’

‘metade’

‘metade, parcialmente’

‘num grau diminuído’,

‘num grau negativo’

**prefixo exemplo**

ultra-	ultramoderno
arqui-	arquimilionário
extra-	extra
hiper-	hipercrítico
sobre-	sobrecarregar
super-	superpartidário
quase-	quase-perfeito
entre-	entreabrir
meio/a-	meia-verdade
semi-	semicírculo
infra-	infravalorizar
hipo-	hipocalórico
sub-	subalimentar

5. PREFIXOS ASPETUAIS

**especificidade semântica: reversão**

‘voltar ao estado inicial’

**prefixo exemplo**

des-	desfazer
------	----------

**especificidade semântica: iteração**

‘repetição de’

**prefixo exemplo**

re-	refazer
-----	---------



<b>especificidade semântica: qualificação</b>	<b>prefixo</b>	<b>exemplo</b>
‘igual’	homo-	homossexual
	equi-	equiângulo
	iso-	isocategorial
‘distinto, diferente’	hetero-	heterocategorial
‘novo’	neo-	neoliberal
‘antigo’	paleo-	paleocristianismo
‘falso’	pseudo-	pseudoprefixo

Não descurando a utilidade de uma compartimentação semântica dos elementos prefixais de uma língua como a que atrás enunciámos, devemos, no entanto, atentar no facto de ela poder carrear algumas limitações, já que não contempla especificamente os diferentes operadores afixais associados a um mesmo significado. Efetivamente, como podemos observar, a um mesmo significante prefixal podem corresponder vários conteúdos semânticos<sup>128</sup>, assim como «no es infrecuente que, para un mismo valor, contengamos un prefijo de origen latino (*uni-*, *super-*) y otro de origen griego (*mono-*, *hiper-*)» (Varela Ortega 2005: 58)<sup>129</sup>.

<sup>128</sup> A este propósito, Iacobini afirma que «normalmente i prefissi non esprimono un unico significato, ma un insieme di significati, in genere riconducibili a un significato più astratto che li comprende» (Iacobini 2004: 127). Também Varela Ortega afirma que «no es infrecuente que una misma forma prefijal tenga distintos significados» (Varela Ortega 2005: 60). Já no estudo anterior, a autora e Martín García tinham afirmado que «una misma forma prefijal puede recubrir más de un significado: por ejemplo, el prefijo *in-* (contrariedad, privación, locación) o el prefijo *des-* (locación, contrariedad, privación, reversión), entre otros», concluído que «en español, son muy pocos los prefijos con un único significado» e que «los valores semánticos de un prefijo proceden de un único contenido significativo, generalmente de un valor de locación» (Varela Ortega e Martín García 1999: 5010). Neste seguimento, continuam as autoras, «en los prefijos que presentan más de un contenido significativo, es frecuente que uno de sus valores semánticos sea más productivo. Unas veces, el prefijo más productivo en su valor originario (así *sobre-* como prefijo locativo); otras, en cambio, tiene más vitalidad el valor derivado (así *archi-* con valor de intensidad). A veces, el significado primitivo llega a desaparecer, como en el caso de lo prefijo *hiper-* con el contenido semántico de locación». As autoras terminam afirmando que «la prefijación española muestra una tendencia a la pérdida progresiva de las relaciones de locación y a la especialización de los prefijos con otros significados derivados de las nociones espaciales. De hecho, son muy pocos los neologismos actuales formados con prefijos locativos, en comparación con la alta productividad de otros prefijos como los intensivos o los negativos» (Varela Ortega e Martín García 1999: 5011).

<sup>129</sup> Varela Ortega e Martín García afirmam que «como en la sufijación, un mismo contenido semántico puede ser expresado con prefijos distintos: por ejemplo, nociones temporales (*antedicho*, *preexistente*), de intensidad (*superbarato*, *archifamoso*, *hiperconocido*), o de contrariedad (*desleal*, *incierto*), entre otras muchas (Varela Ortega e Martín García 1999: 5010). Também Iacobini considera que «uno stesso significato puo essere espresso da più di un prefisso» (Iacobini 2004: 127), acrescentando contudo que «alcuni significati sono espressi unicamente o preferibilmente in relazione a basi di una determinata

Não será, contudo, esta a única limitação de uma compartimentação deste tipo, aplicável sobretudo ao castelhano<sup>130</sup>. Não obstante considerar produtos cuja composicionalidade já se encontra atestada na língua latina, esta compartimentação considera o prefixo por si só, descurando a sua inserção morfo-sintático-semântica e enunciativo-pragmática. De facto, porque optámos metodologicamente por um modelo associativo, parece-nos fundamental considerar a pluridimensionalidade de fatores envolvidos<sup>131</sup> na instanciação de sentido de uma estrutura formalmente compósita<sup>132</sup>.

---

categoria: la negazione contraria, come anche l'intensificazione, si esprime tipicamente con basi aggettivali, i significati iterativo e reversivo sono riservati ai verbi, la quantificazione ai nomi, i prefissi con valore locativo si uniscono specialmente a nomi e ad aggettivi di relazione. I prefissi più disponibili a essere impiegati sia con nomi sia con aggettivi sia con verbi sono quelli che esprimono negazione oppositiva, unione, riflessività, reciprocità» (Iacobini 2004: 127).

<sup>130</sup> Uma limitação pode derivar do facto de termos seguido de perto a proposta de Varela Ortega e Martín García (1999: 5011-5036), para o castelhano, sem uma análise aprofundada e sistemática dos valores semânticos dos mesmos elementos em português.

<sup>131</sup> Nesta mesma linha, Montermini defende, para o italiano, que «i criteri che sono stati utilizzati per l'elaborazione della classificazione dei prefissi dell'italiano sono suddivisi in fonologici, morfologici, sintattici, semantici e distribuzionali:

a) criteri fonologici:

- (i) raddoppiamento della consonante iniziale della base (*ammucchiare*);
- (ii) assimilazione della nasale (*irresponsabile*);
- (iii) sonorizzazione della /s/ intervocalica (*di[z]armare*);
- (iv) resillabificazione della base (*po.sta.to.mi.co*);
- (v) presenza di vocali médio-base (*r[ʒ]tromarcia*);
- (vi) cancellazione del fonema finale del prefisso (*antinfluenzale*);

b) criteri morfologici:

- (i) possibilità di legarsi a base flesse (*prodotto antirughe*);
- (ii) ricorsività (*stra-straricco*);
- (iii) possibilità di combinarsi ad altri prefissi (*disintossicare*);
- (iv) apparizione in alternanza o distribuzione complementare con altri prefissi (*imbarcare* vs. *Sbarcare*);
- (v) preferenza per un sufisso determinato (*allungamento*);

c) criteri sintattici:

- (i) possibilità di essere fattorizzato (*pro- o antiamericano*);
- (ii) somiglianza con parole autonome (*sotto la scala* vs. *sottoscala*);
- (iii) possibilità di apparire indipendentemente dalla base (*una festa super*);
- (iv) possibilità di legarsi ad unità non minime (ad esempio sintagmi – *la Germania post caduta del muro di Berlino*);
- (v) possibilità di avere una ripresa anafórica sulla base (*questo rimedio antizanzare le elimina completamente*);

d) criteri semantici:

- (i) possibilità di apparire frequentemente in parole lessicalizzate (*ritenere* – ‘*tenere di nuovo*’);

e) criteri distribuzionali:

- (i) appartenenza ad una classe chiusa» (Montermini 2009:66).

<sup>132</sup> Sublinhe-se que a categorização semântica explanada contempla apenas os elementos prefixais, não considerando os “prefixóides” ou “pseudo-prefixos”. Estes elementos, dotados de uma «autonomia semântica superior aos prefixos» (Rio-Torto 1993: 45), distinguem-se destes, desde logo, «por su posición dentro de la palabra: los llamados prefijoides pueden aparecer tanto a izquierda como a derecha (*filosoviético/bibliófilo, grafomanía/reprografía*). En segundo lugar, por la combinatoria: los prefijos propiamente dichos no pueden originar palabras derivadas con sólo combinarse con otros afijos (\**in + +ción, \*a + dad*, pero *fób + ico, aére+o, graf + ismo*)» (Varela Ortega e Martín García 1999: 4997), patenteando «maior independência acentual e semântica do que os prefixos normais e sendo capazes de

### 3.5.5. Condicionantes morfológicas da base

#### 3.5.5.1. Inevitabilidade da prefixação na formação de alguns produtos sufixados

A secundarização do estatuto dos elementos prefixais já anteriormente referida deve, face ao que foi exposto anteriormente, ser repensada e (re)equacionada. De facto, devido não só à importância crescente que os prefixos desempenham no acervo linguístico de uma língua<sup>133</sup>, mas também pela inevitabilidade da sua presença em algumas formas potencialmente sufixadas, o estatuto destes elementos deve ser, a nosso ver, reconsiderado e adequadamente estudado. A propósito da pertinência e inevitabilidade da sua utilização, atente-se então em formas como *\*qualificavelmente*, *\*terminavelmente* ou *\*cansavelmente*, cuja sufixação só é possível mediante adjunção do prefixo *in-*<sup>134</sup>.

#### 3.5.5.2. Produtos duplamente compósitos

Apesar das características (supostamente) divergentes apontadas para os processos de formação de palavras por prefixação e por sufixação, a relação estabelecida entre estes dois processos formativos é algo próxima e facilmente comprovada quer pela existência de produtos sufixados nos quais a prefixação é inevitável (cf. secção anterior), quer pelas formações parassintéticas caracterizadas, como sabemos, pela concomitante adjunção de prefixo e sufixo<sup>135</sup>. A relação entre prefixação e sufixação afigura-se também complexa e correlacionada em produtos duplamente construídos, isto é, em formações onde a adjunção dos afixos (prefixo e

---

assumir o significado total das palavras como em *tele-*, *aero-*, *cine-*, *agro-*, entre outros» (Vilela 1994: 86). Veja-se também Duarte (1999: 93).

<sup>133</sup> Repare-se que, como já foi referido, a prefixação tem vindo a conquistar uma posição de destaque em linguagens de especialidade, designadamente em domínios tão inovadores e atuais como a publicidade, as ciências ou a tecnologia.

<sup>134</sup> Na mesma linha, também Felú Arquiola afirma que «todos los estudios consultados coinciden en señalar la capacidad de la prefijación para potenciar o desfavorecer ulteriores procesos de formación de palabras. El prefijo negativo *in-* del español proporciona ejemplos de ambos fenómenos. Por un lado, la presencia de este prefijo favorece la formación de adverbios en *-mente* a partir de adjetivos en *-do*, como es el caso de *invariadamente*, frente a la forma positiva *\*variadamente*» (Felú Arquiola 2003a: 33).

<sup>135</sup> A propósito de algumas formações parassintéticas do português veja-se Pereira (2000) e Rio-Torto (1998b,c).

sufixo) não se operou de forma simultânea, havendo um desajuste entre dois níveis de análise gramatical. Nestes casos, segundo Siegel (1974), há um desajuste entre a segmentação requerida pela interpretação semântica e a segmentação requerida pela hipótese da ordenação por níveis. Assim, a partir da palavra *ungrammaticality*, o autor considera que, atendendo ao seu significado, este substantivo deveria receber a seguinte segmentação:  $[[un [grammatical]_A ]_A ity]_N$ , que corresponderá à paráfrase ‘qualidade do que é agramatical’. No entanto, segundo a hipótese da ordenação dos afixos por níveis, a segmentação adequada será  $[un [[grammatical]_A ity]_N]_N$ , já que *-ity*, sendo um afixo de classe I, deverá ser estruturalmente mais interno que *un-*, que é um afixo de classe II. Relativamente aos casos com que aqui nos ocupamos (maioritariamente adjetivos relacionais), Felú Arquiola (2003a) considera que neles «se produce un desajuste entre la segmentación requerida por la interpretación semántica y la segmentación requerida por motivos morfológicos» (Felú Arquiola 2003a: 220).

Este tipo de construção é muito frequente em português, assim como noutras línguas românicas e os prefixos implicados são de diverso tipo: locativos (*sub-costal*), temporais (*pré-eleitoral*), opositivos (*anti-imperialista*) ou quantificadores (*multicultural*), entre outros. Também Serrano-Dolader (1999) distingue quatro grandes tipos de prefixos que, na sua opinião, dão lugar a este tipo de construção: (i) prefixos de valor locativo, (ii) prefixos de adesão (*pró-*) e de oposição (*anti-*)<sup>136</sup>, (iii) prefixos com referências numerais (*multi-*) e (iv) prefixos com referências negativas (*in-*).

Produtos como *antediluviano*, *pré-colombiano* ou *inter-dental*, entre outros, são objeto de duas hipóteses de tratamento. Assim, perante casos como *inter-dental*<sup>137</sup> e considerando o «*modi diversi per ‘costruire’ una parola complessa*<sup>138</sup>» (Scalise 1984b:

<sup>136</sup> Sublinhe-se que Serrano-Dolader considera que estes dois prefixos (*pró-* e *anti-*) se diferenciam dos restantes pelo facto de se acoplarem com bastante frequência a bases nominais e não a adjetivos relacionais, o que faz este autor afirmar que estes prefixos se aproximam de preposições podendo, como elas, acoplar-se a sintagmas (*pró-direitos humanos*).

<sup>137</sup> Para este produto, e à semelhança do aplicado a *antediluviano*, Varela Ortega propõe duas análises distintas

- a.  $[ [inter [dent ]_N ]_N al ]_A$
- b.  $[ inter [ [ dent ]_N al ]_A ]_A$

postulando que, se quisermos ser fiéis ao conteúdo semântico do adjetivo *interdental* (situado entre dentes), é necessário postular a estruturação que aparece em (a.). No entanto, porque *\*interdente* não é uma palavra existente à qual se possa acoplar o sufixo adjetival, a correta análise é a (b.) onde o prefixo se junta, como é esperado, ao adjetivo *dental*. Veja-se, a este propósito, Varela Ortega (1999).

<sup>138</sup> Perante *immangiabile*, Scalise propõe duas construções possíveis:

- a.  $mangia \rightarrow mangia + bile \rightarrow in + mangia + bile$   
 $in [mangia + bile ]$
- b.  $mangia \rightarrow in + mangia \rightarrow in + mangia + bile$

38-39), são equacionadas duas hipóteses de construção: (i) a análise parassintética e (ii) a inclusão de um ‘integrador paradigmático’.

A análise parassintética<sup>139</sup>, proposta por Darmesteter, considera que estas formas duplamente construídas «offrent ce caractère remarquable d’être le résultat d’une composition et d’une dérivation agissant ensemble sur un même radical, de telle sorte que l’une ou l’autre ne peut être supprimée sans amener la perte du mot» (Darmesteter 1972: 80). Note-se, no entanto, que Darmesteter utiliza como forma exemplificativa o verbo francês *embarquer* que possui uma estrutura morfo-semântica distinta da dos produtos que nos propomos analisar. De facto, se a hipótese da análise parassintética considera a adjunção simultânea de prefixo e sufixo, ela não é aplicável a adjetivos como *antediluviano*, *pré-colombiano* ou *inter-dental* uma vez que as formas *diluviano*, *colombiano* e *dental* existem independentemente da adjunção do prefixo<sup>140</sup>.

A hipótese da inclusão de um ‘integrador paradigmático’ foi proposta por Corbin (1991a) e postula a prefixação da base nominal com a posterior inclusão de elementos finais denominados ‘integradores paradigmáticos’, que servem para categorizar os produtos construídos no grupo adjetival. De facto, sem estes elementos, os adjetivos teriam a configuração de um nome. O sufixo presente neste tipo de adjetivos relacionais não é, segundo esta teoria, um verdadeiro afixo, mas sim uma marca de integração da palavra na categoria adjetival (princípio de integração paradigmática). Essa configuração é realizada por elementos que Corbin denominou de ‘sufixóides’ ou

---

[ in + mangia ] + bile

e explica que, na hipótese (a), «la parola à stata ‘prima’ suffissata e ‘poi’ prefissata», sendo que na hipótese (b), «la parola presenta invece l’ordine inverso», não sendo aceitável «perché prevede una fase (in + mangia) altamente controintuitiva e cioè l’aggiunta di un prefisso negativo ad un verbo», já que «il prefisso negativo *in-* si aggiunge ad aggettivi (ex.: *in + adatto*, *in + elegante*) non a verbi». Assim, em jeito de síntese, o linguista conclui que (i) «esistono modi diversi per ‘costruire’ una parola complessa», (ii) le parole complesse hanno una struttura interna, che è desumibile dalla loro storia derivazionale» e que (iii) «la tecnica della segmentazione, basata su un corpus ‘statico’, non fornisce elementi per scegliere tra analisi alternative».

<sup>139</sup> Relativamente à posição de Darmesteter, Corbin afirma perentoriamente que «l’analyse parasynthétique n’est pas une bonne solution pour traiter ces mots» (Corbin 1991a: 131). Veja-se a crítica de Corbin a esta análise em Corbin (1991a: 122-137).

<sup>140</sup> No mesmo sentido, Felú Arquiola (2003a) afirma que a designação de “formação parassintética”, quando aplicada a estes produtos, não se afigura correta. Afirma, a este propósito, a autora: «Si por parasintéticas entendemos aquellas palabras que se forman por la afijación simultánea de un prefijo y un sufijo, de tal modo que la unión de prefijo+base o de base+sufijo no se corresponde con una palabra existente, entonces consideramos que no resulta adecuado aplicar el término “parasintético” a los adjetivos del tipo de *interétnico*, ya que, en estos casos, la combinación de base+sufijo se corresponde con una palabra existente. De hecho, mientras que los verbos parasintéticos como *atontar* o *embellecer* no constituyen nunca casos de paradojas de encochetado, los adjetivos como *interétnico* son siempre paradojas precisamente por el hecho de que no son parasintéticos, es decir, por el hecho de que la unión nombre+sufijo da lugar a una palabra existente, lo que provoca el desajuste entre la estructura formal y la estructura semántica (Felú Arquiola 2003a: 221-222).

‘integradores paradigmáticos’<sup>141</sup>. Assim, esta segunda hipótese defende que (i) os adjetivos em análise são denominais, isto é, construídos sobre base nominal através de um processo de prefixação e que (ii) a forma sufixal que aparece no final do produto não é um verdadeiro sufixo, mas sim um ‘integrador paradigmático’, isto é uma ‘forma sufixóide’ que faculta à base nominal aparência adjetival<sup>142</sup>.

Conforme assinala Felú Arquiola (2003a), esta proposta de Corbin, que «deriva la estructura fonética a partir de la estructura semántica» (Felú Arquiola 2003a: 223), está pensada para dar conta daqueles casos em que existe uma coexistência entre o adjetivo relacional prefixado (*inter-celular*) e o substantivo destituído de sufixo adjetivo (*inter-células*). Na opinião desta autora, casos como *inter-celular/inter-células* ou *inter-estatal/inter-estados* não recebem, com a proposta de Corbin, uma explicação satisfatória, já que esta não dá resposta a casos como *inter-equipas* que não permitem a aplicação deste integrador sufixal (*\*inter-equipal*). Segundo Felú Arquiola (2003a), esta teoria aplica-se de forma opcional, já que «se aplicaría en *antigripal* pero no en *antigripe*» (Felú Arquiola 2003a: 223). Perante esta dupla possibilidade, considera esta autora que «las formaciones con *inter-* que carecen de sufijo adjetivo presentan siempre un valor semántico no locativo: *inter-estados*, *inter-grupos*, *inter-zonas*. En cambio, en el caso de las piezas léxicas con tendencia a presentar un valor locativo, como *inter-*

<sup>141</sup> Note-se que a escolha destes elementos ‘sufixóides’ ou ‘integradores paradigmáticos’ é feita em consonância com a configuração formal do adjetivo não prefixado.

<sup>142</sup> Sublinhe-se, a este respeito, o estudo mais recente da autora que considera que «l’intégration des adjectifs empruntés se fait souvent par l’ajout en finale d’un segment suffixiforme conforme à la catégorie du mot. (...) La finale suffixiforme sert véritablement dans ce cas d’intégrateur dans un paradigme catégoriel et souvent référentiel (je nomme *intégrateurs paradigmatiques* ou *marqueurs de classes* ces finales de forme suffixale qui n’ont pas une fonction suffixale constructionnelle dans les mots dans lesquels elles figurent. (...) Les adjectifs construits par préfixation sur des bases nominales se voient très souvent ajouter une finale suffixiforme qui ne joue aucun rôle dans leur sens construit, et qui n’a qu’un rôle de marquage catégoriel: ainsi *antigrippal*, qui paraît segmentable en *anti+grippal*, ne peut pas s’expliquer sémantiquement à partir d’une structure combinant ces deux constituants puisque son sens n’est compositionnel que par rapport à *anti-* et *grippe* (*vaccin antigrippal* a le même sens et les mêmes emplois que *vaccin antigrippe*). J’ai soutenu ailleurs que ni l’analyse parasynthétique traditionnelle ni une analyse qui proposerait des analyses structurelle et sémantique hétérogènes pour de tels mots ne sont satisfaisantes. J’ai proposé pour ma part, dans l’hypothèse où la forme d’un mot construit résulterait de l’interaction de contraintes éventuellement contradictoires, (i) une contrainte de conformité catégorielle qui entre quelquefois en conflit avec (ii) la contrainte de conformité sémantique. La forme *antigrippe* de l’adjectif signifiant ‘qui lutte contre la grippe’ représente la victoire de la contrainte de conformité sémantique, alors que la forme *antigrippal* représente celle de la contrainte de conformité catégorielle, qui a pour conséquence l’ajout en finale d’un suffixoïde calquant le suffixe qui sert à construire un adjectif (relationnel) sur la même base nominal *grippal*.

(i) contrainte de conformité catégorielle: la forme optimale d’un adjectif construit par affixation a une finale suffixiforme;

(ii) contrainte de conformité sémantique: la forme optimale d’une unité construite par affixation est la plus proche de la forme obtenue par la concaténation de toutes et rien que les formes des constituants concourant à la construction de sons sens» (Corbin 2001: 50-51).

*costal, inter-muscular o inter-vertebral*, parecería que este principio se aplica siempre, ya que no se documentan las formaciones *\*intermúsculos o \*intervértebras*» (Felú Arquiola 2003a: 223). Por outro lado, conclui a autora, «la propuesta de Corbin (2001) no da cuenta del hecho de que las palabras con sufijo adjetivo formadas con el sufijo *inter-* son mucho más numerosas que aquellas que carecen de dicho sufijo» (Felú Arquiola 2003a: 223).

Parece-nos que as hipóteses apresentadas por Darmesteter e por Corbin são algo questionáveis pela sua inaplicabilidade à estrutura compósita de produtos duplamente construídos. De facto, por incidirem sobre produtos parassintéticos que se distinguem dos que nos propomos estudar e por descurem considerações morfo-semânticas essenciais na aplicação do processo formativo de palavras, as hipóteses apresentadas revelam-se assim lacunares e inoperantes relativamente aos produtos em causa.

Consideramos então, na senda de Varela Ortega e Martín García (1999) e de Felú Arquiola (2003a), que a especificidade destes produtos duplamente compósitos reside na existência de uma estrutura dupla – formal e semântica – e no desajuste verificado entre a estrutura morfológica e a estrutura semântica que nem sempre coincidem, já que, nestes casos, «el prefijo tiene abarque semántico sobre el elemento simple pero se une formalmente al complejo derivado (estructura semántica: *antigripe + al*; estructura formal: *anti + gripal*)<sup>143</sup>» (Varela Ortega e Martín García 1999: 4998). Assim, se formalmente temos um adjetivo denominal ao qual se acopla um prefixo, semanticamente o prefixo exerce a sua influência significativa sobre o elemento nominal<sup>144</sup> já que *antediluviano* será o que se situa temporalmente *antes do dilúvio, pré-colombiano* o que é *anterior a Colombo* e *interdental* o que se situa *entre dentes*. Efetivamente, o que aqui se verifica é «un desajuste entre (i) la segmentación requerida por la interpretación semántica y (ii) la segmentación requerida por motivos morfológicos:

- (i) segmentación atendiendo a criterios semánticos: el SN *enfrentamiento interétnico* equivale a ‘enfrentamiento que tiene lugar entre varias etnias’. El prefijo parece modificar semánticamente al sustantivo base sobre el que se ha

<sup>143</sup> Sublinhe-se que as autoras diferenciam ainda estes produtos dos construídos por parassíntese, onde «prefijo y sufijo son inseparables» (Varela Ortega e Martín García 1999: 4998).

<sup>144</sup> Nestes casos, a este respeito, Felú Arquiola considera que «se produce un desajuste entre la estructura formal y la estructura semántica: el prefijo se adjunta al adjetivo relacional pero semanticamente afeta al sustantivo que funciona como base de esa formación adjetiva» (Felú Arquiola 2003b: 322).

formado el adjetivo relacional. Por tanto, la segmentación adecuada en términos semánticos será  $[[inter [etnia]_N]_N \text{ ico}]_A$ ;

(ii) segmentación atendiendo a criterios morfológicos: según uno de los supuestos de la *Hipótesis de la Palabra como Base* (HPB) (Aronoff 1976), las reglas de formación de palabras toman como base únicamente palabras existentes. La segmentación propuesta para dar cuenta de la interpretación semántica del adjetivo *interétnico* incumpliría esta HPB, dada la inexistencia de la formación *\*interetnia*. Por tanto, el prefijo *inter-* se adjuntará al adjetivo relacional *étnico*  $[inter [étnico]_A]_A$ » (Felú Arquiola 2003a: 220).

Verificamos assim que, nestes produtos, estrutura formal (a) e estrutura semântica (b) não são coincidentes, como podemos observar em (I-9)<sup>145</sup>:

(I-9)

- |  |   |
|--|---|
| (a) $[ ante [ [ diluvi ]_N \text{ ano } ]_A ]_A$ | (b) $[ [ ante [ diluvi ]_N ]_N \text{ ano } ]_A$        |
| $[ pré [ [ colomb ]_N \text{ ano } ]_A ]_A$      | $[ [ pré [ colomb ]_N ]_N \text{ ano } ]_A$             |
| $[ pré [ [ verb ]_N \text{ al } ]_A ]_A$         | $[ [ pré [ verb ]_N ]_N \text{ al } ]_A$ <sup>146</sup> |
| $[ inter [ [ dent ]_N \text{ al } ]_A ]_A$       | $[ [ inter [ dent ]_N ]_N \text{ al } ]_A$              |

Estrutura formal e estrutura semântica podem, por conseguinte, não ser coincidentes<sup>147</sup>. Tal facto vem corroborar a importância de uma correta análise da

<sup>145</sup> Corroborando esta interpretação, Jesús Pena, na comunicação intitulada *La relación derivativa en morfología: problemas que se plantean*, proferida na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra a 28 de novembro de 2003, afirmou, com base nos produtos *antigripal*, *pós-consiliar* e *uni-familiar*, que neles se verifica uma falta de concordância entre estrutura formal e estrutura semântica. Assim, se as bases a que se adjuntam os prefixos são os adjetivos *gripal*, *consiliar* e *familiar*, a relação semântica do prefixo não se refere a todo o adjetivo (*gripal*, *consiliar*, *familiar*), mas sim à sua base nominal (*gripe*, *consílio*, *família*). Sublinhe-se contudo que, em qualquer dos casos, o produto é sempre denominal, não apresentando o prefixo poder de alteração categorial da base.

<sup>146</sup> Relativamente à composicionalidade semântica de *preverbal*, Gràcia i Solè afirma que «un elemento *preverbal* es un elemento que está antes del verbo. Parece evidente que el elemento prefijal actúa como un núcleo que tiene como complemento una raíz nominal. Este constituyente es posteriormente la base para otro proceso de derivación, concretamente de sufijación, de manera que el núcleo final de toda la palabra será el sufijo. No obstante, hay que tener en cuenta que en un determinado nivel de la estructura, el prefijo actúa como núcleo» (Gracià i Solè 1995: 542).

<sup>147</sup> Note-se que, para Felú Arquiola, «un proceso tan productivo y regular como la formación de adjetivos relacionales prefijados no puede ser considerado excepcional o paradójico. El estudio de estas formaciones nos lleva a afirmar que en análisis morfológico no debe primarse la estructura formal sobre la semántica, o viceversa» (Felú Arquiola 2003a: 228).

estrutura compósita do produto. Neste sentido, a informação semântica afigura-se fundamental não só na configuração geral do produto, mas também na categorização das partes que o compõem. A consideração da informação semântica é pois imprescindível e é com base nela que alguns autores procedem a uma diferenciação dos prefixos entre si, como a que apresentámos em 3.5.4.

#### 4. Conclusões

Equacionadas que estão algumas das questões básicas atinentes à prefixação, uma questão continua por resolver: a da inserção da prefixação nos processos derivacionais ou composicionais de formação de palavras no português. Esta questão, que tem merecido a atenção de linguistas de diversas épocas, ainda não encontrou consenso geral, tendo sido propostas três soluções distintas: (1) a inserção da prefixação nos processos de composição, (havendo também quem considere a prefixação como um sub-tipo de composição, denominada “composição por partículas”), (2.) a inserção da prefixação nos processos de derivação e (3.) a classificação de prefixação como um processo situado entre a derivação e a composição.

Esta afigura-se, pois, como uma questão complexa e de difícil resolução já que as variáveis em consideração são diversas. Parece-nos, contudo, que este processo de formação de palavras não deve ser considerado como um todo coeso e homogéneo<sup>148</sup>. De facto, foi por ter sido assim considerado que as análises empreendidas até então se revelaram parcelares e, por vezes, inadequadas.

Neste sentido, somos de opinião de que a prefixação, enquanto processo de formação de palavras caracterizado pela existência de prefixos, deve ser analisada de acordo com o comportamento distinto que os elementos prefixais apresentam entre si. Assim, a este respeito, na sequência do que antes defendemos (Nunes 2005), afigura-se –nos pertinente diferenciar:

---

<sup>148</sup> No mesmo sentido, Montermini (2009) refere que «pretendere di poter derivare un modelo globale della prefissazione sulla base del comportamento dei diversi elementi osservati in un dato momento è illusorio. Più realistico è riconoscere che ogni prefisso, o quasi, presenta comportamenti diversi e che questa diversità di comportamenti riflette, almeno in parte, la permeabilità delle frontiere tra i prefissi e altri tipi di unità morfologiche e lessicali, nonché la permeabilità delle frontiere tra le diversi classi all’interno della stessa macroclasse dei prefissi» (Montermini 2009: 11).

- a) os prefixos presentes em sequências herdadas do latim (*ab-dicar*, *ob-jecto*), cuja composicionalidade não é evidente, apresentando por isso pouca produtividade e alguma inoperância na formação de novas palavras;
- b) os prefixos presentes em formações parassintéticas (*en-...-ecer*, como em *ensurdecer*);
- c) os prefixos que aportam à base a que se acoplam uma informação por vezes circunstancial e não obrigatória. Estes afixos não implicam obrigatoriamente alteração da categoria gramatical da base (patenteando, no entanto, em alguns casos, capacidade heterocategorial) e unem-se a bases pertencentes a qualquer categoria gramatical (não exigindo por isso, obrigatoriamente, o princípio de unicidade da base).

Sublinhe-se, contudo, que neste último grupo de afixos, os prefixos apresentam comportamento distinto, tornando-se premente um tratamento diferenciado baseado nos distintos graus de autonomia manifestos e nas particularidades de cada elemento prefixal. De facto, porque observamos, nestes prefixos, diferentes graus de autonomia formal (reflexo de uma heterogénea evolução da língua), parece-nos então coerente distinguir:

- (i) os prefixos portadores de um elevado grau de autonomia, coincidindo formalmente com vocábulos de utilização independente na língua – ex.: *contra-*, *ante-*;
- (ii) os prefixos que se unem, tal como os outros, a uma base, apresentando contudo uma autonomia formal inferior que não lhes permite realização independente na língua. Relativamente a estes últimos, há que distinguir dois graus de autonomia distintos. Neste sentido, consideramos a existência de:
  - (ii1.) prefixos completamente dependentes e sem qualquer possibilidade de existência independente (*in-*, *re-*);
  - (ii2.) prefixos que, embora manifestando um comportamento maioritariamente dependente, apresentam também maior liberdade formal, o que é visível, por exemplo, em estruturas de coordenação do tipo *cuidados*

*pré e pós-operatórios*, onde o primeiro prefixo apresenta alguma independência formal (fruto da elipse da base coordenada).

Assim, defendemos a existência de elementos prefixais em:

0. estruturas lexicalizadas de composicionalidade não evidente (*ab-dicar, ob-jecto*);
1. estruturas derivacionais de que fazem parte as formações parassintéticas (*en...-ecer*, como em *ensurdecer*) e a maioria dos processos de formação sufixal;
2. estruturas que fornecem à base informação adjunta;
  - 2.1. processos caracterizados pela autonomia formal do elemento prefixal (*contra-, ante-*<sup>149</sup>).
  - 2.2. processos caracterizados pela não autonomia formal dos elementos prefixais;
    - 2.2.1. afixos não autónomos (elementos prefixais destituídos de qualquer tipo de independência – ex.: *in-, re-, des-*);
    - 2.2.2. afixos com algum grau de autonomia (elementos prefixais que, em construções específicas, apresentam alguma autonomia formal – ex.: *cuidados pré e pós-operatórios*).

Nesta classificação, a prefixação é então concebida não como um todo homogêneo, mas sim como um processo ativo, fecundo, dotado de especificidade e operacionalidade próprias. Procuraremos assim categorizar este processo formativo problematizando a utilização preposicional e prefixal de alguns dos seus operadores, respeitando a particularidade específica destes elementos e diferenciando a formação prefixal dos restantes processos de formação de palavras.

Efetivamente, com base na relação estabelecida entre prefixos e preposições, defenderemos uma abordagem gradual que considera os prefixos de origem preposicional como elementos híbridos, possuindo características quer dos elementos de composição quer dos verdadeiros afixos derivacionais. Estes elementos apresentam

---

<sup>149</sup> Sublinhe-se, contudo que os diferentes elementos formativos estão também sujeitos à evolução diacrónica da língua, estando por isso sujeitos a progressivos e variáveis processos de (des)autonomização. Neste sentido, elementos atualmente considerados como independentes, podem futuramente perder a sua autonomia (sendo também possível a evolução oposta), o que trará consequências relativamente à inserção desses elementos nos diferentes processos de formação de palavras. Cf. capítulo III desta tese.

características quer dos elementos preposicionais, quer dos elementos prefixais, o que sublinha a necessidade de um modelo teórico que permita explicar a transição gradual sofrida por estes elementos (do seu estatuto preposicional, inserido em estruturas composicionais, em direção ao seu estatuto prefixal, inserido em processos derivacionais). Este modelo, como veremos, ser-nos-á fornecido pela teoria da (des)gramaticalização e lexicalização, que dá conta das mudanças linguísticas através das quais um item gramatical se torna, com determinados usos, um item lexical. Deste modo, concebemos, como aprofundaremos no capítulo III, os elementos prefixais como elementos portadores de diferentes graus de autonomia e especificidades próprias e caracterizaremos o processo de formação de palavras por prefixação como um processo de fronteira. O modelo por nós adotado defende que os elementos gramaticais podem transformar-se em elementos lexicais, o que traduz um processo evolutivo refletido pela própria língua. Deste modo, as preposições podem ser utilizadas como elementos de composição e, progressivamente, transformarem-se em prefixos.

Esta conceção dar-nos-á então conta do estatuto particular de alguns elementos prefixais que, ainda que não possam ser inseridos nos processos composicionais (não possuem a independência formal característica dos produtos compostos), também não se afiguram enquanto elementos enquadrados no processo de derivação<sup>150</sup>, já que manifestam superior autonomia formal relativamente aos elementos derivativos, não apresentando, em algumas das suas utilizações, poder heterocategorial ou capacidade de alteração da estrutura argumental e semântico-conceptual da base a que se acoplam. Além disso, não são responsáveis pela alteração da estrutura prosódica da base nem exigem, na generalidade, unicidade categorial.

Esta primeira proposta de categorização considera assim a prefixação como um processo de transição, heterogéneo, equacionando o elemento prefixal na sua estrutura morfo-sintática e inserido num contexto enunciativo-pragmático particular.

---

<sup>150</sup> A corroborar esta nossa perceção, Cabré (1998) considera que «les grammàtiques catalanes fluctuen en el tractament que fan dels prefixos:

- (a) hi ha posicions varies sobre l'enquadrament de la prefixació com a procés lèxic. Per a uns es tracta d'un procés de derivació; per a uns altres, de composició;
- (b) hi ha posicions preses en el tractament mateix dels prefixos. Per a la majoria de les gramàtiques són partícules prepositives o adverbials i per tant més semblants als radicals que integren un mot compost que no pas als sufixos ;
- (c) totes les gramàtiques coincideixen a considerar que moltes d'aquestes preposicions i conjuncions no actuen com a tals en català, sino que es comporten només com a elements integrants dels mots, i els anomenem específicament prefixos per a la formació de mots» (Cabré 1998: 47).

Neste sentido, as estruturas prefixais são posicionadas numa escala em função do seu grau de prefixização (o que indicia a existência de um *continuum* entre a classe da preposição e a do prefixo), sendo por isso inseridas em diferentes grupos (derivacional ou composicional) de acordo com o comportamento manifesto quando acopladas a uma base. O afixo, enquanto elemento formador de um produto compósito, deve pois ser considerado na sua plenitude enquanto reflexo de um processo de (des)gramaticalização (in)acabada e elemento portador de uma estrutura morfo-sintático-semântica inserido num contexto enunciativo-pragmático concreto, contribuindo assim para a especificidade de uma língua. A corroborar esta percepção, outras especificidades (de que destacamos (i) o caráter endo(-) ou exocêntrico dos produtos compósitos prefixados<sup>151</sup>, (ii) a acoplagem do elemento prefixal a uma ou a mais do que uma classe gramatical, (iii) a manutenção/alteração, no produto genolexical, do género e número da base, (iv) a ativação, no elemento prefixal, de outros sentidos distintos do sentido presente no elemento preposicional que lhe está na origem ou (v) a tendência para a (des)gramaticalização/prefixização) far-nos-ão, como veremos, equacionar a diferente índole dos elementos prefixais e, com base nela, a inserção da prefixação nos processos de derivação e composição. É disso que procuraremos dar conta no(s) capítulo(s) seguinte(s).

---

<sup>151</sup> Sublinhe-se que Amiot (2003 : 87) defende que o termo «*endocentrique* s’applique plutôt à des mots dont l’interprétation s’effectue uniquement à partir des éléments formateurs, sans qu’il soit nécessaire de recourir à un élément extérieur, alors qu’*exocentrique* se dit de mots dont l’interprétation ne peut s’effectuer uniquement à partir des éléments constituants».



## II – A prefixação de origem preposicional

*Le lexique d'une langue est un mélange de régularités et d'idiosyncrasies.*

CORBIN, Danielle (1991) *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. pp. 28

Este capítulo tem por objetivo estudar os elementos prefixais procedentes de preposições latinas que, na fase atual da língua, coexistem com preposições configuracionalmente homólogas (*co-*, *contra-*, *entre-*, *sob-*, *sobre-* e *sem-*)<sup>152</sup>, aferindo, pela análise das suas propriedades e restrições de ordem fonológica, morfológica, argumental, sintática, semântica e aspectual, o valor/função relacional que lhes é inerente e a sua incidência léxico-conceitual na formação de produtos derivacionais compósitos. A reflexão que nos propomos fazer dos elementos prefixais do português que coincidem formalmente com preposições homólogas assenta nas seguintes linhas de força:

### 1) a caracterização dos elementos prefixais;

No conjunto dos prefixos, apesar de muitos serem operadores isocategoriais, existem outros com comportamento heterocategorial. Além disso, e ao contrário de muitos dos sufixos, os prefixos tendem a selecionar bases de diferentes categorias.

Ainda referente à caracterização dos elementos prefixais, merece especial reflexão a questão da (in)capacidade dos elementos prefixais de alterarem a EA e a ELC da base a que se acoplam. A este nível, apesar de, maioritariamente, estudos atuais apontarem para a manutenção da EA e da ELC da base (Varela Ortega e Martín García 1999),

---

<sup>152</sup> Não nos dedicaremos ao estudo dos prefixos *a-* e *em-*, por este já ter sido feito, de modo aprofundado, em Pereira 2006.

pretendemos equacionar as diferentes possibilidades que a este respeito se levantam no funcionamento dos prefixos do português.

A caracterização dos prefixos baseia-se também (i) em critérios de natureza categorial (cf. 3.4.1.) que, com base na (in)transitividade dos elementos prefixais, distinguem prefixos de valor/função preposicional e prefixos de valor/função adverbial (Zwanenburg (1992), Di Sciullo (1996), Martín García (1998a) Varela Ortega e Martín García (1999), Gràcia e Azkarate (2000) e Lluïsa Gràcia Solé *et al.* (2004)), e (ii) em critérios de natureza não categorial (cf. 3.4.2.) que, com base em parâmetros predominantemente semânticos e distribucionais, distinguem prefixos internos/funcionais e prefixos externos/léxicos (Di Sciullo (1997), Varela e Haouet (1996, 2000) e Felú Arquiola (2003)).

2) as repercussões instanciadas no produto pela acoplagem de elemento prefixal;

Neste domínio, várias são as questões que se colocam. A primeira diz respeito aos fatores que permitem a acoplagem de um prefixo a uma base, conferindo gramaticalidade ao produto. Neste sentido, analisamos o tipo de restrições (fonético-fonológicas, morfológicas, semânticas) que se afiguram pertinentes na acoplagem de um prefixo a uma base, assim como a relação estabelecida entre o elemento prefixal, a base e o produto, dando especial destaque (i) ao modo através do qual a base inflete e condiciona a semântica do prefixo e, conseqüentemente, do produto e (ii) à forma como o prefixo, pela acoplagem a uma base, transporta as suas características (fonético-fonológicas, sintáticas e semântico-conceptuais) para o produto.

Porque é fundamental a informação semântica veiculada pelo prefixo e espoletada pela sua acoplagem a uma base, daremos especial atenção (iii) à informação semântica evidenciada pelo elemento prefixal quando concatenado a uma base, atentando na (in)existência de um denominador semântico basilar, oriundo do elemento preposicional com o qual se relaciona. A este propósito, há que aferir se um prefixo, quando concatenado a bases de distinta natureza, apresenta informação semântica distinta ou se, pelo contrário, terá um denominador semântico comum, assim como o papel da base a que se acopla na ativação da semântica do elemento prefixal. Além disso, porque esta questão terá repercussões na informação semântica

do produto derivado, parece-nos pertinente atentar (v) na informação semântica do mesmo, aferindo se este reflete algum tipo de (ir)regularidade, conseqüente de um processo de (des)gramaticalização/prefixização do elemento preposicional em elemento prefixal. Esta questão parece-nos revestir-se de especial importância pelas repercussões que apresenta ao nível da construção da endo- ou exocentricidade do produto (sobretudo nominal) que, como veremos, será, de acordo com Amiot (2004), um dos parâmetros de classificação e inserção da prefixação nos processos derivacionais ou composicionais de formação de palavras do português.

3) a relação estabelecida entre os elementos prefixais e preposições;

Os prefixos, porque etimologicamente relacionados com preposições, mantêm, maioritariamente, a configuração formal e o(s) valor(es) semântico(s) da sua preposição homóloga. No entanto, em alguns casos, o prefixo pode adquirir novos valores semânticos. Neste sentido, quando tal se verifica, parece-nos pertinente aferir se essa polissemia do elemento prefixal decorre do prefixo em si ou se, pelo contrário, será espoletada pela sua acoplagem a uma base. Há por isso que dilucidar (i) o tipo de motivação responsável pela ativação desse(s) valor(es), distinto(s) do(s) evidenciado(s) pelo elemento preposicional com o qual o prefixo mantém uma estreita correlação, assim como (ii) as repercussões desta operação no processo de (des)gramaticalização/prefixização do elemento prefixal, quando inserido num produto derivacional. Ainda relativamente a esta questão atinente à relação estabelecida entre os elementos prefixais e os elementos preposicionais homólogos, afigura-se de especial relevância, como veremos, de entre outros fatores, (iii) as repercussões que a (in)dependência formal do elemento prefixal adquire relativamente à classificação da prefixação enquanto processo derivacional ou composicional de formação de palavras em português.

4) a inserção da prefixação nos processos derivacionais ou composicionais de formação de palavras do português.

A classificação da prefixação enquanto processo de formação de palavras do português gerou, desde sempre, grande celeuma já que, a par dos autores que consideram a prefixação como fazendo parte dos processos de composição (Mattoso Câmara 1999), outros há que classificam este processo como um processo derivacional (Bechara 2001), ou ainda como um processo de fronteira que se situa entre a derivação e a composição (Cunha e Cintra 1996). Esta flutuação e a reflexão decorrente da análise do nosso *corpus* fazem-nos equacionar algumas questões, designadamente a categorização diferenciada dos elementos prefixais, decorrente de algumas das suas características específicas:

- . Quais são as características que diferenciam entre si os elementos prefixais do português?;
- . Que repercussões têm essas características na tipificação dos elementos em análise?

Efetivamente, com base no estudo de Amiot (2004), verificamos que os elementos prefixais podem apresentar, quando concatenados a uma base, características distintas, concernentes quer aos elementos prefixais em si quer à sua atuação quando concatenados a uma base. A consideração destas diferentes características dos elementos prefixais poderá ter, a nosso ver, repercussões na caracterização da prefixação enquanto processo homo(-) ou heterogéneo de formação de palavras e, conseqüentemente, na sua classificação enquanto processo de formação de palavras em português (classificação que poderá, como veremos, estar dependente do elemento prefixal ativado). Deste modo, questionaremos a importância do elemento prefixal para a caracterização da prefixação e a sua conseqüente classificação enquanto processo (derivacional, composicional ou de fronteira) de formação de palavras do português.

## 1. O prefixo *co-*

### 1.1. [ko] e [kɫ]: alomorfos de um mesmo prefixo ou prefixos distintos?

Uma questão central no estudo do prefixo *co-* é, desde logo, a sua relação com a forma *com-*. Nos estudos empreendidos sobre este prefixo, são três as posições a considerar:

- (i) *co-* e *com-* são variantes alomórficas de um mesmo prefixo (Quilis 1970, García Medall 1993<sup>153</sup>, Varela e Martín García 1999<sup>154</sup>, Gràcia Solé et al. 2004<sup>155</sup> e Varela 2005<sup>156</sup>);
- (ii) *co-* e *com-* são duas formas distintas e por isso devem ser consideradas separadamente (Rainer 1993);
- (iii) *co-* e *com-* são dois prefixos distintos mas relacionados diacronicamente, já que ambos procedem da preposição latina *cum* (Iacobini 2004 e Felú Arquiola 2003a).

No que respeita à primeira opção, defendem as autoras que as formas *com-* e *co-* são variantes alomórficas de um único morfema, o morfema [kɫ], que expressa companhia, união ou associação. Neste sentido, Quilis (1970) considera que os dois alomorfos deste morfema se distribuem de forma complementar, sendo que a variante [kɫ] é utilizada com palavras que começam por consoante (a grafia <com-> perante bilabial e a grafia <con-> perante qualquer outra consoante) e a variante [ko] por palavras que começam por vogal.

De entre os autores que consideram *co-* e *com-* formas distintas (e que por isso devem receber tratamento diferenciado), destacamos Rainer (1993), que defende que

<sup>153</sup> Conforme afirma Gràcia Solé et al. (2004), «García Medall considera que *com-* e *co-* son dos variantes de un mismo prefijo. Únicamente *co-* es productivo antepuesto a verbos independientes (*coeducar*, *coeditar*) y a sustantivos (*copresencia*)» (Gràcia Solé et al. 2004: 289).

<sup>154</sup> Afirmam as autoras que «as formas *con-/co-* sólo son productivas com el valor comitativo» (Varela Ortega e Martín García 1999: 5016).

<sup>155</sup> Gràcia et al. (2004) considera que *co-* e *com-* são “variantes fonológicas” do prefixo, isto é, alomorfos cuja ocorrência não apresenta qualquer justificação fonológica e que apenas o alomorfo *co-* é atualmente produtivo em espanhol.

<sup>156</sup> «Existen prefijos com dos o más alomorfes, uno de los cuales coincide formalmente com una preposición (*com*) y outro no (*co-*)» (Varela Ortega 2005: 59).

apenas o prefixo *co-* é sincronicamente produtivo e regular<sup>157</sup>. Para este autor, o prefixo *com-/con-* não só deixou de ser produtivo, como apresenta frequentes irregularidades, de que se destaca a sua semântica não uniforme (em *condensar*, por exemplo, o prefixo *con-* não apresenta a semântica prototípica do prefixo que, por sua vez, se encontra presente em *conreinar*) e o facto de ocorrer em formações parassintéticas (*concentrar*, *condensar*, *consolidar*), o que não se verifica com o prefixo *co-*, que mantém, predominantemente, o valor comitativo da preposição *com*. No mesmo sentido, também Väänänen (1979) defende, no seu estudo de carácter histórico sobre a génese deste prefixo, a existência de um prefixo *co-* independente. Afirma este autor que em latim existia a forma *com-*, procedente da preposição *cum*, que apresentava diversas configurações de acordo com o fonema inicial da base a que se acoplava e que, apesar de inicialmente se unir apenas a verbos, passou posteriormente a unir-se a substantivos e a adjetivos (deverbais ou não). Ainda segundo Väänänen, a liberalização da forma *co-* relativamente a *com-* e a *con-* deu-se ainda no latim medieval, onde algumas formas iniciadas com consoante começam já a apresentar a prefixação por *co-*. Este facto mostra-nos que a distribuição complementar existente no latim clássico começou a diluir-se já no latim medieval, precisamente na altura em que, segundo o mesmo autor, houve um aumento do número de formações com o prefixo *co-*. No que diz respeito às línguas vernáculas, Väänänen menciona a existência de um *co-* autónomo desde a Idade Média, tanto em francês como em inglês, nas quais este prefixo se afigurou especialmente produtivo, unido quer a formas iniciadas por fonema vocálico, quer a formas iniciadas por fonema consonântico. Ainda que mais tardiamente, as restantes línguas românicas sofreram também este fenómeno considerado pelo autor como de “inovação léxica”. No final do seu estudo, Väänänen conclui que a forma *co-* se converteu, nas línguas românicas, em prefixo independente de *com-*, acoplando-se preferencialmente a bases nominais, sobretudo deverbais. Como veremos mais à frente, esta é também uma tendência do português já que este prefixo, não obstante se acoplar a verbos e a adjetivos, selecciona, em cerca de 56% das 276 ocorrências recolhidas, bases nominais, 71% das quais deverbais.

Na senda do que defende Iacobini (2004) e Felú Arquiola (2003a), parece-nos que *con-* e *co-* são dois prefixos distintos, mas diacronicamente aparentados, já que ambos

<sup>157</sup> Sublinhe-se que já em 1874, e relativamente a *co-*, Frederick Diez afirmava que «cette particule [*com-*, *con-*] est rarement employée dans les langues modernes» (Diez 1874: 389).

têm a mesma origem latina. De facto, não obstante em latim as formas *com-*, *con-* e *co-* serem bastante produtivas, parece-nos que, atualmente, apenas a forma *co-* apresenta semanticidade regular, contribuindo produtivamente para a formação de novos produtos compósitos<sup>158</sup>. Neste sentido, parece-nos que há que diferenciar as seguintes formas:

- 1) o prefixo [kʝ], produtivo em latim com as formas *com-*, *con-* e *co-*, presente (i) em formações verbais parassintéticas do tipo *condensar*, *consolidar*, (ii) em formações verbais não parassintéticas como *combater*, *compadecer*, (iii) acoplado a substantivos, de origem latina (*comadre*) ou não (*concausa*, *concidadão*) e (iv) acoplado a adjetivos de origem latina (*coeterno*, *comprovincial*) ou não (*comprovinciano*);
- 2) o prefixo [ko], atualmente produtivo em português com a grafia <co->, acoplado (i) a verbos (*co-administrar*, *co-produzir*, *co-herdar*), (ii) a substantivos (*co-administrador*, *co-autoria*, *co-herdeiro*, *co-responsabilização*) e (iii) a adjetivos (*co-financiado*, *co-responsável*).

De entre os produtos que apresentam o prefixo [kʝ], grafado <com-> ou <con->, há que, em primeiro lugar, considerar apenas os produtos que não foram formados em latim, já que o objeto do nosso estudo se prende com produtos formados em português e formalmente compósitos. De facto, se atentarmos nos produtos formados em português pelo prefixo [kʝ] (nas suas diferentes grafias), verificamos que neles o prefixo não apresenta um valor semântico regular, não expressando, em muitos casos, o valor de comitatividade associado à preposição latina *cum*. Além disso, se atentarmos em formas como *concausa*, *concidadão* ou *comprovinciano*, verificamos que estas formas não seguem uma regra de formação de palavras atualmente produtiva já que diferem em vários aspetos dos nomes e adjetivos formados mediante a acoplagem do prefixo [ko]. Note-se a este propósito o seguinte:

---

<sup>158</sup> Veja-se, a este propósito, a afirmação de Iacobini (2004): «Co- in parole di origine latina, è la variante di con- davanti a parola che comincia con vocale, o com /s/ seguita da consoante (es. lat. *construo*, it. *costruire*). Risalgono al latino formazione motivate in diverso grado (*coadiuvare*, *coagulo*, *coetâneo*, *coscrivere*, *conspirare*, *costituire*). In sincronia non puo essere considerato una variante di con-, in quanto co- è impiegato produttivamente in tutti i contesti fonotattici, mentre con- è ormai impiegato solo sporadicamente nella formazione di parole nuove. (...) Con- è presente in numerosissime parole per lo più di formazione latina (...), è praticamente improduttivo nelle neoformazioni gli è preferito co-» (Iacobini 2004: 161-162).

. nos substantivos formados com [kʝ], como *concausa*, *concidadão* ou *comprovinciano*, a grafia da consoante nasal é ditada pela natureza do fonema inicial da base (quando a base inicia com um fonema consonântico bilabial, a grafia do prefixo é <com->; se a base iniciar por um outro qualquer fonema consonântico, a grafia será <con->); já nos substantivos formados com o prefixo [ko], o prefixo mantém a sua configuração, independentemente da natureza do fonema inicial da base à qual se acopla;

. os substantivos formados com [kʝ] não são maioritariamente deverbais, como acontece com a maioria (71%) dos substantivos prefixados com [ko].

. os substantivos formados com [kʝ] estão documentados sobretudo (e quase exclusivamente) em dicionários normativos, enquanto que os substantivos prefixados com [ko] aparecem frequentemente não só em dicionários normativos e de uso, mas também em periódicos e em bases de dados disponíveis *on-line*, que refletem o léxico atual da língua<sup>159</sup>.

Podemos concluir que, nas formações que apresentam o prefixo [kʝ], este elemento prefixal não apresenta uma semântica regular, o que contribui para que, na generalidade destes produtos, o significado nem sempre seja composicional. A regra de formação de palavras ativada através deste prefixo não se configura produtiva no estado atual da língua, para o que contribui, sem dúvida, a semântica não uniforme do prefixo. Pelo contrário, o prefixo [ko] apresenta um conteúdo semântico regular (a cooperatividade), contribuindo, de forma clara e objetiva, para a instanciação da semântica composicional do produto sendo também, como veremos, responsável pela ativação regular de restrições de ordem semântica e argumental. Conclui-se desta forma que os prefixos

<sup>159</sup> Atente-se, a este propósito, no *corpus* disponível nas diferentes bases de dados *on-line* por nós consultadas.

	Mordebe	Corpus do Português	Cetem Público	Cetem Folha de São Paulo
<b>Co-</b>	138	100	25 (no 1.º milhão)	148
<b>Com-</b>	2	0	0	3*
<b>Con-</b>	0	0	0	0

\*Note-se, contudo, que nos 3 produtos prefixados com *com-* presentes na *Folha de São Paulo* (*com-voto*, *com-terra* e *com-dólares*), o prefixo adquire o sentido contrário ao da privação, denotado pelo prefixo *sem-* (*os com-voto*, por oposição aos *sem-voto*; *os com-terra*, por oposição aos *sem-terra*; *os com-dólares*, por oposição aos *sem-dólares*), não sendo, por isso, denotador do mesmo valor expresso pelo prefixo *co-*.

[kʲ] e [ko], ainda que diacronicamente aparentados<sup>160</sup>, são sincronicamente independentes. A forma que atualmente contribui para a formação de novos produtos em português é pois [ko] e por isso dar-lhe-emos primazia no nosso estudo.

## 1.2. Produtividade e representatividade do prefixo *co-*

O prefixo *co-* tem origem na preposição latina *cum*, da qual herdou o sentido de união, junção. Em português é produtivo com valor cooperativo, isto é, a sua presença indica que a ação expressa pela base é desenvolvida por mais do que uma pessoa. De acordo com a análise das cerca de 276 ocorrências do nosso *corpus*, este prefixo acopla-se a substantivos, a adjetivos e a verbos, expressando, de uma forma geral, (i) a cooperatividade na realização de uma ação por dois ou mais sujeitos (sobretudo acoplado a verbos (II-1.1.)), (ii) uma relação de união e conjunção (quando acoplado a nomes abstratos (II-1.2.) e a adjetivos (II-1.3.)) e (iii) uma relação de igualdade/paridade (quando acoplado a nomes (II-1.4.)).

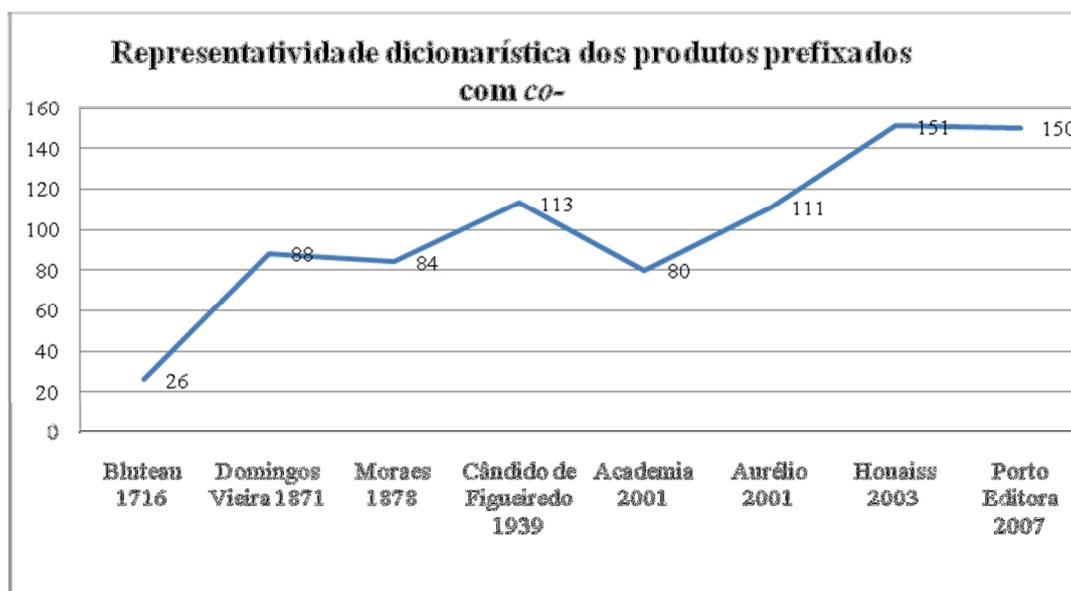
(II-1.1.)	(II-1.2.)	(II-1.3.)	(II-1.4.)
co-administrar	co-existência	co-ocupante	co-aluno
co-educar	co-gerência	co-existente	co-autor
co-responsabilizar-se	co-paternidade	co-responsável	co-réu

Pretendendo realizar um trabalho eminentemente descritivo, as reflexões a fomentar partiram da análise de um *corpus* constituído por cerca de 276 vocábulos recolhidos, como já aludimos, não só em vários dicionários de língua portuguesa (incluindo o português do Brasil), mas também em bases de dados disponibilizadas *on-line*, o que nos permitiu aferir quer a representatividade do prefixo em causa e os valores por ele instanciados quando acoplados a uma base, quer a sua produtividade na fase atual da

<sup>160</sup> A provar a mesma proveniência etimológica veja-se a possibilidade de a mesma base se apresentar, a título excepcional, acoplada quer ao prefixo [ko], quer ao prefixo [kʲ]: *co-irmão / com-irmão*, *co-participar / compartilhar*, *co-paternidade / compaternidade*, *co-proprietário / comproprietário* e *co-tutor / com-tutor*.

língua. Veja-se, pois, (II-G1.1.), que nos dá conta, a partir dos dados recolhidos nas bases de dados dicionarísticas por nós consultadas, da produtividade atual do prefixo *co-* e da crescente utilização do mesmo a partir de 1716 até à atualidade.

(II-G1.1.)



Observamos, assim, que o prefixo *co-* tem vindo a registar um crescendo de utilização, a que não será seguramente estranho o facto de este prefixo não apresentar restrições de ordem fonético-fonológica no que diz respeito à base com que se combina e ocorrer acoplado a bases de diferentes tipologias acentuais<sup>161</sup>, não apresentando restrições no que diz respeito à natureza do fonema inicial da base<sup>162</sup> nem à estrutura silábica da mesma<sup>163</sup>.

<sup>161</sup> No que diz respeito à tipologia acentual da base, verificamos que *co-* se acopla quer a bases agudas (*co-arrendar*, *co-direção*, *co-leitor*), quer a bases graves (*co-autoria*, *co-lateralidade*, *co-habitado*) e a bases esdrúxulas (*co-apóstolo*, *co-gerência*, *co-signatário*), mantendo, em todas elas, inalterada a posição do acento da base.

<sup>162</sup> Da aturada análise que fizemos, verificámos que o prefixo *co-* se acopla quer a bases iniciadas por fonema vocálico (*co-administrador*, *co-editor*, *co-irmão*, *co-opositor*, *co-utente*, *co-inquilino*), quer a bases iniciadas por ditongo (*co-autor*) ou por fonema consonântico, seja ele oclusivo (*co-parceiro*, *co-devedor*, *co-credor*), fricativo (*co-fundador*, *co-vendedor*), lateral (*co-leitor*) ou vibrante (*co-regente*), surdo (*co-signatário*, *co-tutor*) ou sonoro (*co-gerente*). Sublinhe-se, contudo, o facto de o prefixo *co-* não se acoplar a bases cujo segmento silábico inicial é coincidente com o seu (ex.: *\*co-corretor*, *\*co-codificador*).

<sup>163</sup> Verificámos, efetivamente, que o prefixo *co-* se acopla a bases de diferentes estruturas silábicas (1 sílaba: *co-réu*; 2 sílabas: *co-autor*; 3 sílabas: *co-aluno*; 4 sílabas: *co-avalista*; 5 sílabas: *co-arrendamento*; 6 sílabas: *co-arrendatário*), independentemente da estrutura da sílaba inicial das mesmas (CVG: *co-leitor*; CCV: *co-credor*; CVC: *co-descobridor*; CV: *co-devedor*; VC: *co-arguido*; VG: *co-autor*; V: *co-aluno*).

Além disso, o prefixo em análise acopla-se, como é visível em (II-G1.2.), a bases pertencentes a todas as classes gramaticais (manifestando uma clara predominância para se acoplar a bases nominais), não provocando, com a sua acoplagem, qualquer alteração da categoria sintática da base (II-1.5.) e instanciando, como já foi referido, os valores de cooperatividade, união/junção e igualdade.

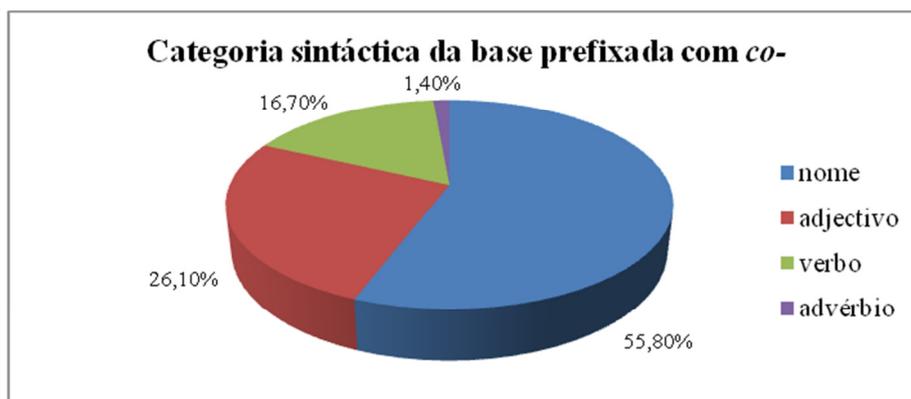
(II-1.5.)

[co-[administração]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>

[co-[responsável]<sub>A</sub>]<sub>A</sub>

[co-[herdar]<sub>V</sub>]<sub>V</sub>

(II-G1.2.)



### 1.3. Bases verbais

Pela observação de (II-G1.2.) verificamos que o prefixo *co-* se acopla a bases pertencentes a diferentes categorias sintáticas, havendo um claro destaque para a acoplagem a bases nominais que representam 55,8% dos casos, de entre as 276 ocorrências que considerámos. Apesar de o prefixo *co-* se acoplar em apenas 16,7% dos casos a verbos, há que sublinhar as especificidades presentes na acoplagem deste prefixo a bases verbais, já que são elas que ditam muitas das restrições presentes na acoplagem do prefixo a nomes e a adjetivos. Sublinhe-se que, num universo de 19,6%

de bases derivadas, 71% das bases nominais derivadas são deverbais e 78,9% das bases adjetivas derivadas são deverbais.

Atentando então nas bases verbais prefixadas por *co-* verificamos, na senda de Val Álvaro (1993), que, maioritariamente, estas bases sofreram o que o autor chamou de “incorporação léxica”, isto é uma operação que nos dá conta da junção de um constituinte (neste caso o prefixo *co-*, oriundo da preposição latina *cum*) a um verbo, dando lugar a um predicado complexo cujas propriedades de configuração serão consequência desse processo de junção. O verbo complexo incorporará desta forma uma preposição, que será a responsável pela ativação de um determinado argumento na oração. Considera então o autor que, no caso do prefixo *co-*, o verbo complexo, devido à presença da preposição incorporada, passa a admitir a descontinuidade do sintagma preposicional (*Eladio heredó la finca. → Eladio coheredó la finca con su Hermano.*), supondo, desta forma, uma pluralidade de entidades agentivas. Com base em exemplos como *coexistir* ou *coheredar*, afirma o autor que o prefixo *co-*, acoplado a verbos, implica a pluralidade das entidades a que se refere o primeiro argumento verbal da base e requer a participação conjunta destas entidades na ação denotada pelo verbo. O predicado verbal reflete, assim, uma relação entre os participantes que se associam numa relação de cooperação. Essa relação pode ser expressa quer através da pluralização ou coordenação do sujeito, quer através da distribuição dos participantes da ação entre o sujeito e um complemento introduzido pela preposição *com* (Val Álvaro 1993: 488)<sup>164</sup>. A partir de exemplos como *co-administrar*, *co-arrendar* ou *co-herdar*, verificamos que, à primeira vista, o prefixo *co-* detém determinada informação semântica e que a sua acoplagem a uma base verbal desencadeará uma interpretação plural do participante agentivo, pluralidade essa que pode ser expressa sintacticamente de diferentes formas. Verificamos assim que o prefixo *co-* apresenta uma característica que não é comumente atribuída aos prefixos: ele é detentor de determinada informação semântica sobre os participantes do evento expresso pela base verbal e a sua acoplagem terá incidência sobre os participantes do processo expresso pela base verbal prefixada. Vejamos, com maior pormenor, as restrições sintáticas e semânticas das bases verbais às quais o prefixo se acopla.

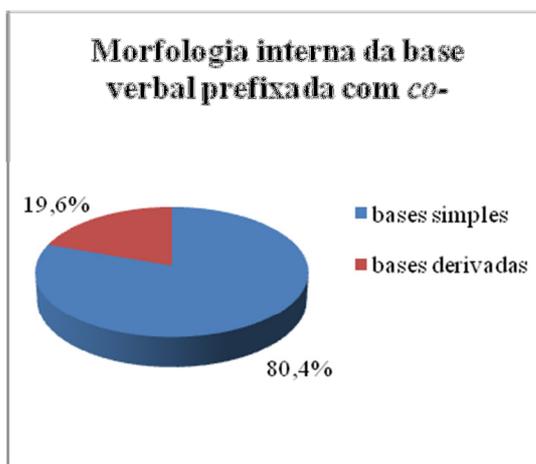
---

<sup>164</sup> A tradução é nossa.

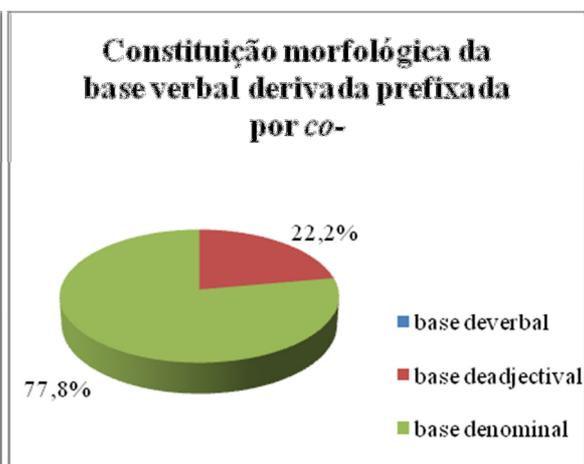
### 1.3.1. Informação morfológica

Como afirmámos anteriormente, dos 276 produtos prefixados com *co-*, 16,7 % dizem respeito a bases verbais, maioritariamente simples (80,4%) (II-G1.3.), sendo que, de entre as bases derivadas, 77,8% são denominais (II-G1.4.).

(II-G1.3.)



(II-G1.4.)



### 1.3.2. Informação sintática e argumental

Os verbos formados com o prefixo *co-* devem apresentar um participante agentivo plural, podendo este ser expresso quer pelo sujeito no plural (II-1.6.), quer pelo sujeito composto por dois sintagmas nominais coordenados (II-1.7.). No entanto, apesar de esta marca de pluralidade ser um dos requisitos principais do prefixo *co-*, a base verbal prefixada pode também admitir um sujeito singular. Neste caso, a pluralidade do argumento externo pode estar implícita, não sendo por isso expressa (II-1.8.) ou então far-se-á de forma explícita mediante a adjunção de um argumento introduzido pela preposição *com* (II-1.9.) ou pela locução *juntamente com* (II-1.10.).

(II-1.6.) O objetivo é arranjar parceiros para concretizar uma produção e, mais importante, encontrar **difusores televisivos** que estejam dispostos a **co-produzir** esses projetos.

(II-1.7.) **O filósofo australiano Peter Singer e a italiana Paola Cavileri** encetaram esta cruzada e **co-editaram** uma coletânea de ensaios assinados por 39 filósofos, advogados e cientistas do mundo inteiro.

(II-1.8.) **Miller co-escreveu** o argumento do filme a partir do livro, «The Sheep Pig», de Dick King-Smith.

(II-1.9.) Quem o diz é S. M. Brown, **que co-traduziu com Honig** alguns poemas de Pessoa.

(II-1.10.) Realizado por Alan Parker, **que também co-assina** o argumento **juntamente com Oliver Stone**, o filme conta a história da mítica Evita Péron pela boca de um narrador de nome Ché, interpretado por António Banderas.

Nos exemplos apresentados é também visível outra característica das bases verbais prefixadas por *co-*: se o verbo for transitivo, subcategorizam o OD, determinado (II-1.8.) ou não (II-1.9.). Relativamente ao argumento introduzido pela preposição *com* (II-1.9.) ou pela locução *juntamente com* (II-1.10.), poderemos considerar que este sintagma pode não estar explícito já que a sua ausência, à semelhança do exemplo (II-1.8.), não confere agramaticalidade à frase ((II-1.9') e (II-1.10')).

(II-1.9') Quem o diz é S. M. Brown, **que co-traduziu** alguns poemas de Pessoa.

(II-1.10') Realizado por Alan Parker, **que co-assina** o argumento, o filme conta a história da mítica Evita Péron pela boca de um narrador de nome Ché, interpretado por António Banderas.

De forma provisória, podemos sistematizar os traços de subcategorização da base verbal prefixada por *co-* das seguintes formas:

- (i) SU [plural] *co-V*
- (ii) SU [SN + SN] *co-V*
- (iii) SU [sing.] *co-V* com / juntamente com SN [sing.]

Pelos exemplos apresentados de (II-1.6.) a (II-1.10.), verificamos que, genericamente, o prefixo *co-* se acopla a bases verbais que possuem uma estrutura

argumental diádica, formada por um argumento externo (SU) e por um argumento interno (OD), podendo não provocar qualquer tipo de alteração da estrutura argumental da base verbal à qual se acoplam. Esta constatação é possível apenas porque, como vimos em (II-1.9') e (II-1.10') o argumento interno introduzido, em alguns casos, pela preposição *com* ou pela locução *juntamente com* (que contribuirá para a expressão de pluralidade exigida pelo prefixo) pode não estar explícito<sup>165</sup>, não acarretando, por isso, obrigatoriamente, uma alteração à estrutura argumental da base verbal a que o prefixo se acopla. Podemos pois sistematizar o efeito da prefixação instanciada pelo prefixo *co-* quando acoplado a uma base verbal da seguinte forma:

$$x \text{ (co-)V } y$$

A restrição enunciada anteriormente mostra-nos a razão pela qual o prefixo *co-* não se acopla a verbos como *correr*, *acordar*, *nascer* ou *mergulhar* que, por selecionarem apenas um argumento, não podem ser consideradas como bases verbais da prefixação instanciada pelo prefixo *co-*.

Contudo, o facto de uma base verbal possuir uma estrutura argumental diádica não pode ser encarada como premissa suficiente para a instanciação da prefixação com *co-*. De facto, há outros requisitos a considerar que nos ajudarão a compreender por que razão bases verbais como *ouvir*, *ler* ou *jogar*, não obstante selecionarem duas funções sintáticas (SU e OD), não podem ser prefixadas por *co-*.

Como veremos, as bases verbais prefixadas por *co-* não só terão de ter uma estrutura argumental diádica, como também o seu argumento interno (o OD) terá de, na senda do defendido por Felú Arquiola (2003a), estar implicado num processo de criação, pertencendo por isso à classe dos verbos de 'objeto efetuado' ou à classe dos verbos de 'representação criada'<sup>166</sup>.

A maior parte das bases verbais prefixadas com *co-* pertence, de acordo com Felú Arquiola (2003a), à classe dos verbos de objeto efetuado, ou seja verbos nos quais o

<sup>165</sup> Sublinhe-se, contudo, que, caso o prefixo *co-* se acople a verbos estativos (regra com escassa produtividade no português atual), a presença do argumento interno introduzido pela preposição *com* ou pela locução *juntamente com* é obrigatória caso o argumento externo seja preenchido por um SN no singular (\**Eu co-habito. /Eu cohabito com a Cristina.*, \**Nesta novela, a preocupação existencial coexiste. /Nesta novela, a preocupação existencial coexiste com a preocupação social.*)

<sup>166</sup> À semelhança de Felú Arquiola (2003a), seguiremos de perto a explanação de Martín García (1998a: 83-86) sobre esta questão.

argumento interno se manifesta como o resultado da ação indicada pelo verbo<sup>167</sup>. Nesta classe, incluem-se verbos como *produzir* ou *realizar*, que têm por principal característica a criação efetiva do denominado pelo OD (entidade até então inexistente), podendo por isso funcionar como base à prefixação instanciada pelo prefixo *co-* (*co-produzir um projeto; co-realizar um filme*). Já os ‘verbos de representação criada’<sup>168</sup> são verbos cuja entidade denominada pelo OD existe previamente, independentemente da ação explicitada pela base verbal prefixada. Esta ação não modifica a entidade denominada pelo OD, mas produz um resultado paralelo (poderíamos mesmo dizer que produz uma réplica do denotado pela base não prefixada). Como exemplo desta classe semântica de verbos podemos utilizar o exemplo (II-1.9.) que refere que *S. M. Brown co-traduziu alguns poemas de Pessoa*. Ora, se atentarmos no OD (*alguns poemas de Pessoa*), verificamos que estes já existiam antes da realização da ação denotada pela base verbal prefixada (ao contrário do filme ou do projeto, que utilizámos como exemplo para a classe dos verbos de objeto efetuado). Assim, com a realização da ação da base verbal prefixada, *alguns poemas de Pessoa* continuarão a existir, mas a ação do verbo vai produzir uma nova versão dos mesmos. Com esta classe de verbos, de que são exemplo *co-adaptar* ou *co-editar* existem, por assim dizer, dois objetos: o que está expresso explicitamente na oração (e que é o objeto primeiro, sujeito à mudança denotada pela ação do verbo prefixado) e o objeto expresso implicitamente, resultado da ação da base verbal prefixada (que será, como referimos anteriormente, a réplica, a segunda ocorrência do objeto explícito). O objeto explícito existe sempre, independentemente da ação produzida pela base verbal prefixada (o que não se verifica nos verbos de objeto efetuado). Esta ação irá apenas produzir um novo objeto (neste caso *os poemas de Pessoa traduzidos*), que será o objeto implícito da ação expressa pela base verbal prefixada.

Estas duas classes de verbos, ainda que diferentes, apresentam características comuns, responsáveis pelo facto de poderem ser prefixadas com *co-*, nomeadamente:

- . possuem uma estrutura argumental diádica;
- . o argumento externo (muitas vezes com interpretação plural) é agentivo<sup>169</sup>;

<sup>167</sup> Dowty (1979: 69) denomina esta classe de verbos como «transitive verbs of creation» (verbos de criação transitivos).

<sup>168</sup> Dowty (1979: 69-70) denomina estes verbos como «creation of performance object». Martín García (1998a) refere-se a esta classe de verbos também com a denominação de «verbos de ação resultativa».

<sup>169</sup> Registe-se também que as bases verbais prefixadas por *co-* são maioritariamente verbos de *accomplishments* ou *achievement*. Apesar desta constatação, registe-se, contudo, dois verbos estativos

. o OD expressa uma entidade considerada como o resultado da ação verbal, podendo ser (i) claramente o produto da ação expressa pelo verbo prefixado (verbos de objeto resultado) ou (ii) uma entidade que existe independentemente da ação levada a cabo pelo verbo prefixado, sendo por isso uma primeira ocorrência, paralela a uma segunda que é expressa implicitamente e que será o resultado da ação verbal do verbo prefixado (verbos de representação criada)<sup>170</sup>.

O prefixo *co-* impõe como requisito às bases a que se acopla o facto de a ação verbal ter como resultado um objeto criado, seja ele uma primeira ocorrência de algo expresso explicitamente (no caso dos verbos de objeto resultado), seja ele uma segunda ocorrência da ação verbal, expressa implicitamente (verbos de representação criada). Este requisito mostra-nos que as bases verbais selecionadas preferencialmente pelo prefixo *co-* são genericamente verbos prefixados télicos, representantes do que Vendler (1967) apelidou de verbos de *accomplishments* (verbos representativos de eventos nos quais há mais do que dois átomos de tempo no traçado temporal, isto é, em que entre o momento inicial e o momento final existem ou são concebíveis vários momentos conceptuais intermédios, heterogêneos e discretos).

### 1.3.3. Informação semântica

Como vimos anteriormente, o prefixo *co-* relaciona-se de perto com a preposição *com*, quer pela sua etimologia, quer pelo seu sentido basilar: a cooperatividade. Por este motivo, na bibliografia específica (García-Medall 1993, Varela e Martín García 1999, Gràcia *et al.* 2004), o prefixo *co-* é muitas vezes denominado como prefixo cooperativo. Existem, contudo, outras denominações aplicadas a *co-*, de que destacamos a de prefixo

---

prefixados com *co-* (*co-existir* e *co-habitar*) que, como veremos, não são resultado de uma regra de formação de palavras produtiva no português atual.

<sup>170</sup> Felú Arquiola (2003a: 128) refere que «los verbos de objeto resultado (*fabricar, inventar*) y los verbos de representación creada (*interpretar, traducir*) difieren también en cuanto al tipo de nominalización al que dan lugar. Mientras que los verbos de objeto resultado originan solo nominalizaciones pasivas (*la fabricación del prototipo por los ingenieros de Ford; La invención de los restaurantes de comida rápida por los estadounidenses*), los verbos de representación creada pueden dar lugar a nominalizaciones activas (*la interpretación de la “Iliada” de Pseudo Plutarco; La traducción de Miguel Sáenz de la obra de Hölderlin*)».

holístico (Rigau 1990, Nieto 1998) e a de prefixo simétrico (Bosque 1985, Val Álvaro 1993).

Não obstante ser uma das denominações mais comumente aplicada ao prefixo *co-*, para Felú Arquiola, a denominação de “prefixo comitativo” deverá ser aplicada a este prefixo com alguma cautela já que «el prefijo *co-* parece estar especializado para la expresión de la acción conjunta de verbos de objeto creado» e, por isso «sólo se corresponde com una de las relaciones semánticas que puede expresar un sintagma comitativo» (Felú Arquiola 2003: 130). Para a autora, o termo “comitativo” afigura-se demasiado genérico já que, ao contrário dos sintagmas comitativos (que podem aparecer unidos a quase todo o tipo de verbos), o prefixo *co-* combina-se quase exclusivamente com verbos de realização cujo OD expresse um objeto efetuado ou a criação da uma segunda representação de determinado objeto<sup>171</sup>.

Também a denominação “holística”<sup>172</sup>, aplicada por Rigau 1990 e Nieto 1998 ao prefixo *co-*, é considerada por Felú Arquiola (2003) como inadequada já que não distingue, na sua conceção, dois tipos de predicado com sujeito plural (os predicados simétricos e os predicados coletivos) que importa considerar pelas repercussões que podem ter na acoplagem do prefixo *co-* a bases verbais. Neste seguimento, defende a autora que os predicados simétricos<sup>173</sup>, porque predicam individualmente cada um dos membros da pluralidade relativamente aos demais, podem ser objeto de prefixação por *co-*, construindo assim uma relação de implicação recíproca entre os participantes agentivos da ação expressa pelo verbo. Já os predicados coletivos<sup>174</sup>, por predicarem a pluralidade considerada como um todo, não individualizando os participantes da ação verbal (e não estabelecendo entre eles a relação de cooperação, exigida pelo prefixo),

<sup>171</sup> A este respeito, a autora compara exemplos como *O João bebeu uma cerveja com o Pedro*, em que o sintagma comitativo não confere agramaticalidade à frase, o que não se verifica com a acoplagem do prefixo *co-* ao verbo em questão, que resulta numa construção claramente agramatical (*\*O João cobebeu uma cerveja com o Pedro*) porque o OD não expressa um objeto criado.

<sup>172</sup> Rigau define holístico como o predicado que «predica los miembros del sujeto plural como un todo», como *ser parente de e parecer-se com* (Rigau 1990: 367).

<sup>173</sup> Sánchez López define predicados simétricos como predicados que «denotan actividades o propiedades que no pueden predicarse de un individuo si no es de manera relativa a otro individuo, de manera que se establece una relación bidireccional entre ellos. (...) El evento afecta a una pluralidad de objetos o individuos de tal manera que cada uno ejerce la acción o mantiene una relación con los demás, pero no consigo mismo» (Sánchez López 1999: 1063).

<sup>174</sup> Segundo Sánchez López (1999), os predicados coletivos «exigen argumentos plurales, respecto de los cuales predicam un evento que afecta a los individuos o partes de individuos denotados por el plural como un conjunto. (...) Los argumentos de estos predicados colectivos se comportan a todos los efectos como términos individuales, es decir, denotan un individuo que es un conjunto, del cual se predica un único evento» (Sánchez López 1999: 1062).

não podem sofrer a prefixação por *co-*<sup>175</sup>. Por esta razão, a denominação que, para Felú Arquiola, melhor se aplica ao prefixo *co-* é precisamente a de ‘prefixo simétrico’ já que a sua acoplagem a uma base verbal traduz genericamente uma relação de cooperação bidirecional entre os participantes agentivos da ação expressa pelo verbo. Para a autora, ainda que as noções de simetria e reciprocidade estejam frequentemente inter-relacionadas, é necessário discernir o facto de um predicado simétrico dizer respeito a um conceito semântico e a construção recíproca se relacionar com um conceito sintático. Desta forma, afirma Bosque (1985: 69) que «los predicados simétricos pueden aparecer en oraciones recíprocas (*Juan y Ana son socios uno del outro*) o en oraciones no recíprocas (*Juan y Ana son socios*)<sup>176</sup>». Por outro lado, assinala o autor, existem orações sintacticamente recíprocas que semanticamente não recebem uma interpretação simétrica<sup>177</sup>. Assim, porque simetria semântica e reciprocidade sintática são conceitos que não se implicam mutuamente (podendo ou não coocorrer numa mesma frase<sup>178</sup>), há, segundo Bosque (1985), provas para distinguir predicados inerentemente simétricos de predicados que recebem uma interpretação simétrica apenas mediante a introdução de uma relação de reciprocidade sintática, não sendo por isso predicados inerentemente simétricos. Assim, segundo Bosque, os predicados simétricos:

- (i) excluem a ocorrência do adjetivo *juntos* (\**O João e a Maria co-dirigem a empresa juntos*), por oposição aos predicados que não são lexicalmente simétricos que admitem a ocorrência quer do adjetivo *juntos* quer do

<sup>175</sup> Veja-se, a este propósito, a afirmação de Felú Arquiola: «Por nuestra parte, consideramos necesario diferenciar los conceptos de “predicado simétrico” y “predicado colectivo”. Los predicados simétricos y los predicados colectivos comparten una característica fundamental: en ambos casos se trata de predicados plurales. Sin embargo, mientras que los predicados colectivos predicán de una pluralidad tomada como un conjunto, los predicados simétricos predicán individualmente de cada uno de los miembros de la pluralidad, aunque de manera relativa a los otros» (Felú Arquiola 2003a: 135).

<sup>176</sup> Sublinhe-se que, para Bosque, uma oração sintacticamente recíproca é «aquella que presenta una variante del sintagma *el uno P el otro*» (Bosque 1985: 69).

<sup>177</sup> Veja-se, por exemplo, orações como *O João colocou os livros uns sobre os outros* ou *As explosões sucederam-se umas às outras*, em que há uma construção sintática recíproca que estabelece, respetivamente, uma relação espacial e temporal entre os membros da pluralidade, não se verificando, contudo, a propriedade semântica da bidireccionalidade que, segundo Arellano González (2004), define as relações de simetria. Sublinhe-se, a este propósito, que, para Arellano González (2004), a bidireccionalidade é precisamente a propriedade léxica que caracteriza os verbos simétricos.

<sup>178</sup> Na frase *O João e a Maria deram presentes um ao outro* há coincidência entre simetria semântica e reciprocidade sintática, o que já não acontece em *O Pedro e o João são rivais* (em que há simetria semântica, não se verificando reciprocidade sintática) e em *O João colocou os livros uns sobre os outros* (em que verificamos a existência de reciprocidade sintática e a inexistência de simetria semântica).

sintagma *um com o outro* (*O João e a Maria dirigem a empresa juntos. / O João e a Maria dirigem a empresa um com o outro*).

- (ii) excluem a ocorrência do advérbio *mutuamente* (*\*O João e a Maria co-dirigem a empresa mutuamente*), por oposição aos predicados que não são lexicalmente simétricos que admitem a ocorrência do advérbio (*O João e a Maria dirigem a empresa mutuamente*).
- (iii) aceitam a ocorrência do sintagma *entre si* (*O João e a Maria co-dirigem a empresa entre si*), enquanto que os predicados que não são lexicalmente simétricos só admitem este sintagma caso tenha um OD (*O João e a Maria dirigem a empresa entre si. /\* O João e a Maria co-habitam entre si*).

Na sua explanação, Bosque (1985) considera ainda que há que distinguir dois tipos de predicados simétricos: os que admitem apenas uma leitura simétrica (II-1.11.) e os que admitem quer uma leitura simétrica (II-1.12') quer uma leitura não simétrica (II-1.12'').

(II-1.11.) A Ana e a Fátima **co-responsabilizaram-se** pelo fracasso da exposição.

Leitura exclusivamente simétrica: *co-responsabilizaram-se juntamente, uma com a outra*.

(II-1.12.) A Iberplanta e a GardenCenter **co-financiaram** a reconstrução do Jardim Botânico.

(II-1.12') Leitura simétrica: *A Iberplanta e a GardenCenter co-financiaram (uma juntamente com a outra) a reconstrução do Jardim Botânico*.

(II-1.12'') Leitura não simétrica: *A Iberplanta e a GardenCenter co-financiaram (as duas juntas juntamente com outra(s) empresa(s)) a reconstrução do Jardim Botânico*.

Para Felú Arquiola (2003a), a classificação dos verbos simétricos proposta por Bosque (1985) deve ser simplificada. De facto, para a autora, sempre que um indivíduo é colocado em relação com outro de forma bidirecional, existe interpretação simétrica. A autora defende pois que os exemplos apresentados em (II-1.12') e (II-1.12'') apresentam, nos dois casos, uma leitura simétrica pois há sempre uma bidireccionalidade (seja entre a *Iberplanta* e a *GardenCenter* entre si, seja entre a

*Iberplanta* e a *GardenCenter* com outra entidade) que, como já referimos, é a propriedade léxica por excelência dos predicados simétricos. Assim, para Felú Arquiola (2003: 41), a única diferença entre os enunciados de (II-1.12') e (II-1.12'') reside no facto de em (II-1.12') a relação de simetria ser estabelecida entre entidades expressas explicitamente (*A Iberplanta e a GardenCenter co-financiaram, uma juntamente com a outra, a reconstrução do Jardim Botânico*) enquanto que em (II-1.12'') a relação de simetria é estabelecida entre as entidades expressas explicitamente (*a Iberplanta e a GardenCenter*) e outra(s) entidade(s) implícita (neste caso, outra(s) empresa(s) patrocinadora(s)). Por esta razão, a autora defende que a interpretação de (II-1.12') corresponde a uma leitura simétrica explícita (leitura SE), enquanto que em (II-1.12'') é apresentada uma leitura simétrica implícita (leitura SI). Desta forma, para a autora, a classificação de Bosque (1985) acima enunciada deveria ser considerada não em termos de leitura simétrica e leitura não simétrica, mas sim em termos de leitura simétrica explícita e leitura simétrica implícita, dando lugar à diferenciação entre (i) predicados que admitem concomitantemente leitura simétrica explícita e leitura simétrica implícita (*co-financiar, co-administrar, co-dirigir, co-herdar, co-participar, co-realizar*) e (ii) predicados que admitem exclusivamente leitura simétrica explícita (*co-responsabilizar-se*<sup>179</sup>). De notar que, para Felú Arquiola (2003), apenas os predicados que apresentam concomitantemente leitura simétrica explícita e leitura simétrica implícita admitem, além da habitual construção plural do SU (expressa por um SN plural ou por dois ou mais SN coordenados), a construção singular do SU sem presença de um SP (*A Iberplanta cofinanciou a reconstrução do Jardim Botânico*), construção que terá obrigatoriamente leitura implícita. Pelo contrário, os predicados que não aceitam leitura implícita admitem a construção plural do SU (expressa por um SN plural ou por dois ou mais SN's coordenados) mas não admitem a construção singular do SU nem mesmo quando este é acompanhado de um SP (*A Joana e a Maria co-responsabilizaram-se pelo fracasso da festa/\* A Joana co-responsabilizou-se pelo fracasso da festa com a Maria*).

Sumariando, observamos que em português a prefixação de *co-* se aplica a verbos transitivos de forma produtiva. No entanto, nem todos os verbos transitivos podem ser considerados como base para a prefixação instanciada por *co-*. Este processo morfológico tem lugar unicamente com bases verbais diádicas, cuja estrutura

---

<sup>179</sup> Sublinhe-se que, do nosso *corpus*, apenas este verbo admite unicamente a leitura simétrica explícita, para o que contribui certamente o facto de implicar não apenas uma leitura simétrica bidirecional, mas também uma leitura reflexiva, desencadeada pelo pronome reflexo *-se*.

argumental seja constituída por um argumento externo agentivo e por um OD que expresse o resultado da ação verbal sendo, neste sentido, o OD de um verbo de objeto resultado ou de um verbo de representação criada. Além disso, a acoplagem do prefixo *co-* a uma base verbal potencia uma interpretação plural do argumento externo agentivo, pelo que esta pluralidade deverá ser expressa sintacticamente (através de (i) um sintagma nominal no plural, (ii) sintagmas nominais coordenados, (iii) um sintagma nominal acompanhado de sintagma preposicional introduzido pela preposição *com* e (iv) um sintagma nominal singular cuja interpretação de pluralidade é realizada contextualmente de modo implícito). A pluralidade inerente ao argumento externo agentivo é responsável pelo desenvolvimento de uma relação de cooperação simétrica bidirecional entre os participantes agentivos da ação, podendo essa relação ser expressa de forma implícita ou de forma explícita.

Como vimos, o prefixo *co-* obriga-nos a considerar a existência de outra(s) entidade(s) envolvida(s) na realização da ação expressa pela base verbal. Ainda que tenhamos considerado apenas formas que potenciam uma interpretação distributiva do significado do sujeito, o efeito de pluralidade poderá, como é visível em (II-1.13.), ser conseguido mediante o preenchimento do argumento externo através de um substantivo coletivo do tipo *grupo* ou *equipa*.

(II-1.13.) A equipa da Universidade de Lille **co-dirige** o projeto.

Segundo Bosque (1990), «los sustantivos coletivos designan en singular conjuntos de entidades», podendo estes conjuntos incluir nomes nos quais a cardinalidade seja especificada (*casal, trio, quarteto*)<sup>180</sup> ou não (como *grupo, turma* ou *equipa*)<sup>181</sup>.

No que diz respeito à prefixação de bases verbais com *co-*, há que sublinhar que estas podem ocorrer quer o sujeito seja expresso por um coletivo determinado (II-1.14.), quer por um coletivo indeterminado (II-1.15.).

(II-1.14) O **casal** Saramago **co-financiou** a restauração do órgão de tubos da Igreja Matriz de Tentúgal.

---

<sup>180</sup> Bosque (1990) denomina estas formas de «coletivos determinados».

<sup>181</sup> Bosque (1990) denomina estas formas de «coletivos indeterminados».

(II-1.15.) A **turma co-participou** no torneio de xadrez dinamizado pelos professores de Matemática.

No entanto, se atentarmos nos exemplos (II-1.14.) e (II-1.15.) facilmente nos apercebemos que em (II-1.14.) a cardinalidade expressa pelo coletivo determinado satisfaz o requisito de pluralidade ativado pelo prefixo *co-*, potenciando assim quer uma leitura simétrica explícita quer uma leitura simétrica implícita. O enunciado pode, desta forma, receber a interpretação de (i) *José Saramago e Pílar Del Rio co-financiaram* [apenas eles, em conjunto] *a restauração do órgão da Igreja Matriz de Tentúgal* (leitura simétrica explícita) ou de (ii) *o casal Saramago co-financiou* [Saramago e esposa, juntamente com outras pessoas], *o órgão de tubos da Igreja Matriz de Tentúgal* (leitura simétrica implícita). Pelo contrário, o enunciado (II-1.15.), com um coletivo indeterminado, apenas aceita a interpretação da leitura simétrica implícita (*A turma co-participou* [juntamente com outras turmas] *no torneio de xadrez dinamizado pelos professores de Matemática*), necessitando pois de envolver, na interpretação que faz da ação denotada pela base verbal, outra(s) entidade(s).

Os exemplos expressos indicam que os nomes coletivos determinados preenchem de forma mais eficaz o requisito de pluralidade instanciado pela acoplagem do prefixo *co-* a bases verbais. Este comportamento pode dever-se a alguns fatores, de que destacamos o facto de serem coletivos determinados, isto é, de expressarem lexicalmente a cardinalidade que lhes está associada. Além disso, o conjunto é formado por elementos homogéneos, homogeneidade essa que contribui para que associemos estes elementos à intervenção conjunta num evento.

No entanto, apesar de, aparentemente, os coletivos determinados preencherem de forma mais eficaz as condições subjacentes ao argumento externo da base verbal prefixada por *co-*, verificamos, nos enunciados que recolhemos, que os coletivos selecionados para SU de bases prefixadas por *co-* são, de forma bastante mais recorrente, coletivos indeterminados como *equipa*, *grupo*, *turma*, *classe*, entre outros.

(II-1.16.) A **equipa** da Académica **co-organizou** o concerto de solidariedade.

(II-1.17.) O **grupo** da Gulbenkian **co-produziu** a película.

(II-1.18.) A **turma** do 8.º C **co-realizou** a quermesse de fim de ano.

(II-1.19.) A **classe** dos economistas **co-financiou** o projeto.

As orações apresentadas são gramaticais porque, na leitura que delas fazemos, pressupomos que a ação verbal foi realizada pelo conjunto denotado pelo substantivo coletivo indeterminado (*a **equipa** da Académica, o **grupo** da Gulbenkian, a **turma** do 8.º C e a **classe** dos economistas*). Desta forma, fazemos uma leitura simétrica implícita, expressa, por exemplo por *a equipa da Académica co-organizou* [juntamente com outra equipa/entidade] *o concerto de solidariedade*. A este respeito, devemos, na senda de Link (1991) e de Landman (1989), considerar que os substantivos coletivos são somas de indivíduos implicados na realização da ação expressa pela base verbal. Desta forma, o prefixo *co-* faz com que interpretemos os coletivos indeterminados como uma soma/pluralidade de indivíduos participantes ativos na ação expressa pelo verbo. Estes coletivos são apenas mais um exemplo da pluralidade agentiva ativada pelo prefixo *co-* que, como vimos, pode ser expressa de diversas formas, de que destacamos:

- a) um SN plural (cf. (II-1.6.));
- b) dois ou mais SN's coordenados (cf. (II-1.7.));
- c) SN singular que ativa, na leitura simétrica implícita, a inferência de pluralidade<sup>182</sup> (cf. (II-1.8.));
- d) SN singular, acompanhado de adjunto introduzido pela preposição *com* (cf. (II-1.9.)) ou pela locução *juntamente com* (cf. (II-1.10.));
- e) Nome coletivo interpretável como uma soma de dois ou mais indivíduos/entidades, com participação ativa na ação expressa pela base verbal (cf. (II-1.14.) e (II-1.15.)).

Podemos então afirmar que, para poder ser prefixada por *co-*, uma base verbal deve denotar uma atividade que culmine na obtenção de um objeto ou de uma representação de um objeto e que pressuponha, na sua obtenção, o envolvimento e a participação ativa de todos os indivíduos (expressos ou implícitos) denotados pela pluralidade do sujeito<sup>183</sup>. Deste modo, as bases verbais prefixadas por *co-* denotam eventos

<sup>182</sup> Felú Arquiola utiliza esta noção relativamente ao enunciado *María ha coproducido esta película*, afirmando que, neste caso «aunque sólo aparezca expresado un individuo, la presencia del prefijo nos obliga a interpretar la participación en el evento de al menos un individuo más. Por tanto, interpretamos una suma que no aparece expresada explícitamente» (Felú Arquiola 2003: 158).

<sup>183</sup> Estes requisitos mostram-nos por que razão as bases verbais selecionadas pelo prefixo *co-* expressam genericamente eventos.

constituídos por uma única atividade e um único resultado, atividade essa que, contudo, pode ser fragmentada em distintos momentos ou intervalos (no caso verbos de *accomplishment*), distribuídos por entre os membros da pluralidade envolvidos na sua realização. Assim, os membros do argumento agentivo, sempre interpretados como uma soma, relacionam-se pelo facto de participarem nas diversas fases de uma atividade que culmina na obtenção de objeto (criado ou representado). Os membros da pluralidade relacionam-se pois simetricamente entre si por serem coparticipantes de uma ação, não sendo, contudo, obrigatório haver coincidência espacial e/ou temporal entre a participação dos diferentes intervenientes<sup>184</sup>. Assim, se considerarmos o enunciado (II-1.19.), A *classe dos economistas co-financiou o projeto*, observamos que a interpretação que considera diferentes fases de financiamento (sendo uma delas protagonizada pela classe dos economistas) é perfeitamente possível. A relação que o prefixo *co-* estabelece entre os indivíduos que fazem parte da pluralidade agentiva não implica necessariamente nem proximidade espacial nem concomitância temporal, nem tão pouco uma participação proporcionalmente equitativa (isto é, a classe dos economistas pode ter financiado apenas 10% do projeto, contrariamente à classe dos engenheiros e dos médicos, que financiaram, respetivamente, 50% e 40% dos custos do projeto). Esta questão vai, contudo, remeter-nos para o verdadeiro sentido do prefixo. De facto, já aqui afirmámos que o prefixo *co-* expressa, por excelência, (1) a cooperatividade e (2) a simetria. Ora, considerando o estudo encetado por Kemmer (1997) sobre os aspetos formais e semânticos inerentes a estas noções, verificamos que o autor elenca os seguintes requisitos: localização comum, coincidência temporal, tipo de ação comum e esforço cooperativo comum.

Deste modo, ao considerarmos os exemplos de bases verbais prefixadas por *co-* aludidos até agora (*co-administrar, co-educar, co-responsabilizar-se, co-produzir, co-editar, co-escrever, co-traduzir, co-assinar, co-financiar, co-dirigir, co-participar, co-organizar e co-realizar*<sup>185</sup>), verificamos que, nas situações descritas em cada um dos

---

<sup>184</sup> Sublinhe-se que esta questão a concomitância temporal entre os participantes agentivos da ação expressa pelo verbo é mais díspar nos casos de verbos de *accomplishments* por estes serem representativos de eventos durativos nos quais há mais do que dois átomos de tempo no traçado temporal (isto é, entre o momento inicial e o momento final da ação que expressam e são concebidos vários momentos conceptuais intermédios, heterogéneos e discretos).

<sup>185</sup> Refira-se que, para Felú Arquiola (2003: 129), os verbos *co-participar* e *co-responsabilizar-se* constituem «una irregularidad en relación con el marco de subcategorización de las bases verbales seleccionadas por el prefixo *co-*. Así, mientras que la mayor parte de los verbos que pueden aparecer prefijados mediante *co-* presentan un SN como OD, *participar* y *responsabilizarse* poseen un argumento

enunciados em que estes verbos ocorrem, os participantes agentivos na ação verbal não têm de apresentar a mesma localização espacial (efetivamente, o resultado da ação verbal pode ser a consequência de algo levado a cabo por diferentes entidades, situadas em locais distintos), nem têm de realizar a ação no mesmo período de tempo (veja-se, por exemplo, a ação de *co-financiar*, que pode resultar num financiamento de diferentes fases de um projeto, financiamento esse realizado, em cada uma das fases, por entidades distintas). Além disso, o tipo de ação realizada pelas diferentes entidades coparticipantes na ação verbal não tem de ser obrigatoriamente o mesmo (quando alguém participa na realização de uma quermesse pode, efetivamente, ter uma tarefa distinta dos restantes participantes). Podemos considerar que o traço que possibilita a aparição do marcador *co-* acoplado a uma base verbal é a propriedade denominada, na senda de Kemmer, de “esforço cooperativo comum”, ou seja, a cooperatividade<sup>186</sup>. De facto, a relação de simetria que afeta os verbos agentivos prefixados com *co-* não se define nem pela localização espacial comum dos membros do SU nem pela concomitância temporal na realização da ação por parte dos mesmos<sup>187</sup>. A proximidade espacial e a coincidência temporal não são características obrigatórias numa situação como a *Iberplanta e a GardenCenter co-financiaram a reconstrução do Jardim Botânico*. Além disso, a propriedade denominada por Kemmer como o “tipo de ação comum” não é, a nosso ver, definidora deste tipo de construção, já que, tendo em conta o exemplo apresentado, o financiamento levado a cabo pela *Iberplanta* e o

---

interno preposicional (*participar en algo, responsabilizarse de algo*), que se mantiene en el caso de las formas prefijadas (*coparticipar en algo, corresponsabilizarse de algo*)».

<sup>186</sup> Como temos vindo a referir, esta será a noção que melhor exprime o verdadeiro sentido do prefixo, e não a de comitatividade, como é frequentemente referido. De facto, se o prefixo *co-* denotasse simplesmente a comitatividade, deveria ser possível equacionarmos a sua ocorrência nos mesmos contextos do sintagma preposicional introduzido pela preposição *com*, com valor comitativo. Ora, como já aludimos, tal não é possível. Em construções como *eu li o livro com a Joana* ou *eu comprei uma camisola com a Alberta*, nas quais a comitatividade está expressa através do SP, não é possível equacionarmos a acoplagem de *co-* à base verbal precisamente porque, entre outras questões, o prefixo não traduz a ideia de comitatividade, mas sim de cooperatividade (que não pode ser expressa pelas bases verbais em causa por estas não apresentarem vários requisitos entre os quais destacamos configuração simétrica).

<sup>187</sup> Sublinhe-se contudo que, no caso dos verbos estativos *co-existir* e *co-habitar* (regra de formação não produtiva no português atual), a relação de simetria que se dá entre os membros denotados pelo sujeito se fundamenta precisamente nestas duas propriedades: a localização comum e a coincidência temporal na realização da ação. De facto, nestes verbos estativos prefixados por *co-*, os membros denotados pelo sujeito relacionam-se entre si por possuírem uma localização espacial comum. Nestes verbos, o prefixo assinala também a coincidência temporal. Ora, como veremos, estas propriedades, ainda que possam estar presentes nos verbos agentivos prefixados por *co-* (exemplares da regra produtiva no português atual), não são imprescindíveis já que o requisito basilar para o estabelecimento de uma relação de simetria entre os participantes agentivos da ação verbal é o da cooperatividade, isto é, o que Kemmer (1997) denomina de “esforço cooperativo comum”.

financiamento levado a cabo pela *GardenCenter* não têm de ser necessariamente da mesma natureza (uma empresa pode financiar monetariamente e a outra efetuar o financiamento mediante donativos expressos em materiais de construção, plantas, mão de obra, etc.). A relação de simetria que afeta os membros do SU do verbo define-se, pois, pelo esforço cooperativo comum na obtenção do resultado da ação expressa pelo verbo prefixado. O prefixo *co-*, adjunto a verbos, é então produtivo, quase exclusivamente, como marcador de esforço cooperativo comum por parte de pelo menos dois agentes<sup>188</sup>.

O prefixo *co-* funciona, assim, como marcador da categoria denominada por Kemmer de “esforço cooperativo comum”, que denominamos de cooperatividade e que se aplica quer a verbos, quer a substantivos e a adjetivos. De facto, o prefixo *co-* aparece com esta mesma função semântica em substantivos deverbais de ação (*co-administração*, *coparticipação*), em substantivos agentivos deverbais (*co-fundador*, *co-patrocinador*) ou não (*co-autor*, *co-piloto*) e em participípios adjetivos (*[projeto] co-financiado*, *[concerto] co-organizado*).

#### 1.3.4. Síntese

Nesta secção, vimos que o prefixo *co-* se acopla de forma produtiva a bases verbais que selecionam um participante agentivo (sobretudo verbos eventivos de *accomplishments*) que apresentam, como restrições sintático-semânticas, o facto de (i) terem uma a estrutura argumental diádica, (ii) apresentarem como OD um objeto que expresse o resultado da ação verbal (verbos de objeto resultado e verbos de representação criada) e (iii) espoletarem, com a acoplagem do prefixo, uma interpretação plural dos participantes agentivos da ação verbal (que realizam a ação com um fim comum, podendo no entanto fazê-lo através de iniciativas de diferente teor, realizadas em localizações espaciais e em momentos temporais distintos). O prefixo *co-*, quando acoplado a bases verbais, é responsável pela ativação do sentido da cooperatividade entre os participantes agentivos da ação expressa pelo verbo, dotando-

---

<sup>188</sup> Sublinhe-se, contudo, que, não obstante a característica do “esforço cooperativo comum” ser a que define, por excelência, o prefixo *co-*, as propriedades semânticas da localização espacial comum, da coincidência temporal e do tipo de ação similar podem também estar presentes (não sendo imprescindíveis) nos verbos prefixados por *co-*.

os de uma interpretação plural e construindo um predicado simétrico (podendo a sua interpretação ser feita de forma explícita ou, mais frequentemente, de forma implícita), o que faz deste prefixo um marcador eminentemente cooperativo.

#### 1.4. Bases nominais

Como já afirmámos anteriormente, o prefixo *co-* acopla-se a bases pertencentes a diferentes categorias sintáticas e, genericamente, não provoca, com a sua acoplagem, qualquer alteração da categoria sintática da base ([*co-*[administração]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>, [*co-*[responsável]<sub>A</sub>]<sub>A</sub>, [*co-*[herdar]<sub>V</sub>]<sub>V</sub>). Pela observação de (II-G1.2.), constatamos que este prefixo se acopla preferencialmente (em 55,8% dos casos) a bases nominais, traduzindo quer (i) uma relação de igualdade/paridade (II-1.20.), quer (ii) uma relação de cooperatividade (sobretudo quando acoplado a nomes abstratos (II-1.21.).

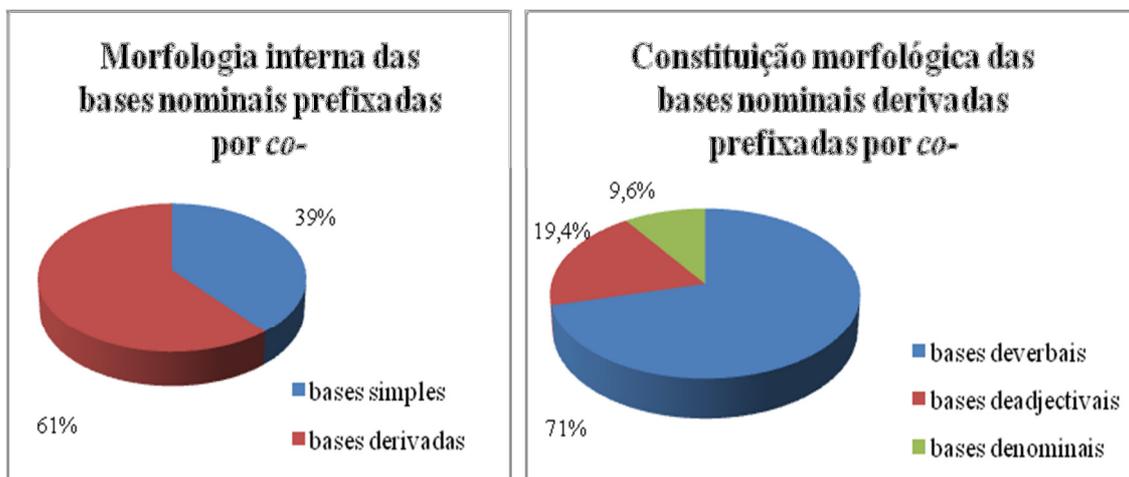
(II-1.20.)	(II-1.21.)
co-aluno	co-existência
co-autor	co-gerência
co-réu	co-paternidade

Pela observação de (II-G1.5.) e de (II-G1.6.), verificamos que as cerca de 154 bases nominais selecionadas pelo prefixo *co-* são maioritariamente derivadas (em 61% dos casos (II-1.22.), verificando-se (II-G1.6.), nestas, 71% de casos de acoplagem a bases deverbais (II-1.23.) e 29% de casos de acoplagem a bases não deverbais (II-1.24.).

(II-1.22.)	(II-1.23.)	(II-1.24.)
co-arrendador	co-arrendamento	co-influência
co-responsabilização	co-articulação	co-dependência
co-financiamento	co-fiador	co-existência
		co-adaptabilidade

(II-G1.5.)

(II-G1.6.)



#### 1.4.1. Bases deverbais

De entre os cerca de 66 substantivos deverbais que apresentam o prefixo *co-* (II-G1.7.), distinguimos, maioritariamente, (II-1.25) nominalizações de ação ou resultado<sup>189</sup> (51,5%) e (II-1.26.) nominalizações agentivas<sup>190</sup> (45,5%).

(II-1.25)

co-administração

co-arrendamento

co-participação

(II-1.26.)

co-descobridor

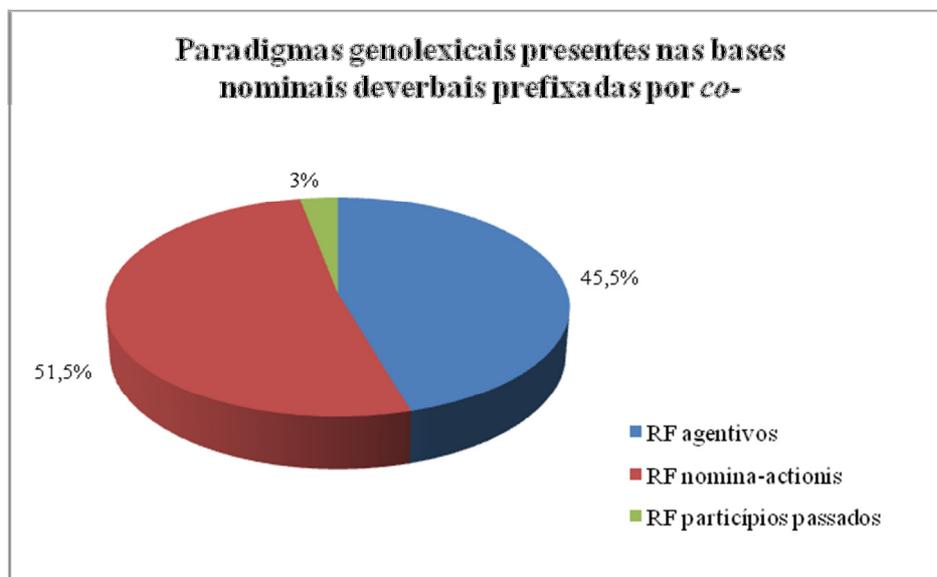
co-herdeiro

co-gerente

<sup>189</sup> Na senda de Rio-Torto (1998b), consideraremos que estes produtos seguem a RFP *nomina-actionis*, que, segundo a autora «dá origem a *nomina-actionis* deverbais, parafraseáveis por “o facto de V” e, mais precisamente, “acção, processo, estado (decorrente) de V”». Neste sentido, para a autora, «*actionis* recobre, assim, a manifestação ou a ocorrência de V, qualquer que seja a natureza semântica de V. São operadores ao serviço desta regra os sufixos *-mento* (*acolhimento, entendimento, ferimento*), *-ção* (*atrapalhação, elaboração, fundição, indignação, medição*), *-gem* (*contagem, lavagem*), *-ão* (*tropeção*), *-aria* (*zombaria*), *-ça* (*vingança*)». Veja-se Rio-Torto (1998b: 103).

<sup>190</sup> Veja-se, também, a este propósito, a formulação da RFP agentivos por Rio-Torto: «a RFP agentivos dá origem a agentivos deverbais parafraseáveis por “que V” (*ajudante, cobrador, compensador, desenhador, fabricante, ouvinte, servente, traficante*), alguns dos quais, uma vez nominalizados, designam instrumentais parafraseáveis por “aquilo (com) que (se) V” ou “instrumento (com) que (se) V” (*aspirador, esfregão, gerador, picareta*). São operadores ao serviço desta regra os sufixos *-dor* (*operador*), *-nte* (*comerciante*), *-ão* (*aldrabão, refilão*)». Veja-se Rio-Torto (1998b: 102-103).

(II-G1.7.)



#### 1.4.1.1. *nomina-actionis*

Começando pelas bases derivadas deverbais que explicitam nominalizações de ação ou resultado (que são as mais representativas, com 51,5% dos casos) verificamos que estas genericamente são sufixadas em *-mento* (II-1.27.) e em *-ção* (II-1.28.), expressando com frequência verbos eventivos de *accomplishments* (Vendler 1967).

(II-1.27.) O comissário europeu Bruce Millan visita o local onde se encontra o que resta da barragem construída e admite o **co-financiamento** da Comunidade, caso se prove a imprescindibilidade do Alqueva para o desenvolvimento do Alentejo.

(II-1.28.) O programa, que mistura imagens das cerimónias de Fátima com um debate gravado simultaneamente no santuário e em Moscovo, é uma **coprodução** entre a Rádio Blagovest, da Bélgica - que emite programação religiosa para os países do Leste europeu -, a Rádio Renascença e a RTP .

Tal como as suas bases, estes substantivos deverbais de ação ou resultado prefixados por *co-* podem combinar-se com predicados do tipo *durar* ou *ter lugar* (II-1.29.),

admitindo por isso a combinação com o advérbio *frequentemente* ou com outros adjuntos temporais (II-1.30.)<sup>191</sup>.

(II-1.29.) Para Setembro, em local a definir, está agendada a primeira **co-produção** que porá, **durante alguns dias**, coprodutores, financeiros e distribuidores em contacto com uma centena de projetos selecionados de produtores independentes.

(II-1.30.) «O Homem Dentro do Armário», de Miguel Rovisco, é uma **co-produção** de Carlos Paulo com o Teatro Nacional de D. Maria II e com a Comuna - que é apresentada **esta noite, às 21h45**, no Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra.

Tal como sucede nas bases verbais prefixadas com *co-* (cf. secção 1.3. do presente capítulo), a acoplagem deste prefixo a nominalizações deverbais instanciadoras dos conceitos de ação e de resultado dá-nos conta da participação de pelo menos duas entidades na realização da ação denotada pela base verbal. O prefixo *co-*, como já aqui mencionámos, obriga-nos a interpretar uma pluralidade de indivíduos cuja ação conflui para a consecução de um mesmo objetivo, de um mesmo resultado, pluralidade essa que, tal como nas bases verbais, pode ser expressa de forma explícita (II-1.31.) ou parcelar/omissa (II-1.32.).

(II-1.31.) Tal como «O Caso Makroupolos» de Janacék há alguns meses, esta «Salomé» surge, sob o patrocínio de Lisboa / 94, como uma **co-produção entre o São Carlos e a Opéra Rhin de Estrasburgo**.

«O», uma **co-produção franco-egípcia**<sup>192</sup>, inspira-se na história de José, filho de Jacob e conta a história de Ram que, há 3.000 anos, decidiu trocar a terra árida onde vivia com a sua tribo pelo Egito dos faraós.

---

<sup>191</sup> Estas características vêm corroborar o facto de as nominalizações de ação ou resultado prefixadas por *co-* terem, de facto, na sua base, verbos eventivos, sobretudo de *accomplishments* (Vendler 1967), isto é, verbos representativos de eventos nos quais há mais do que dois átomos de tempo no traçado temporal, sendo concebíveis, entre o momento inicial e o momento final, vários momentos conceptuais intermédios, heterogéneos e discretos. Estes eventos são então entendidos como eventos durativos consumados, correspondentes a situações não pontuais e télicas.

<sup>192</sup> Sublinhe-se aqui o facto de a pluralidade ser explicitada por um adjetivo composto.

(II-1.32.) A aquisição do catamarã mereceu a aprovação da Comunidade Europeia em termos de **co-financiamento** pelo Feder.

**Co-produção** da Fundação Calouste Gulbenkian, o Festival dos 100 Dias integra um ciclo dedicado às grandes orquestras mundiais...

Pelos exemplos apresentados, vemos que o efeito semântico do prefixo *co-* quando acoplado a nominalizações deverbais instanciadoras da RF *nomina-actionis* é muito similar ao que o prefixo desenvolve quando acoplado a bases verbais (cf. secção 1.3. deste capítulo), realizando uma modificação no participante agentivo da ação verbal (o SU), conferindo-lhe a inferência de pluralidade, pluralidade essa que pode ser expressa explicitamente ou não, como vimos, respetivamente, nos exemplos de (II-1.31.) e de (II-1.32.).

#### 1.4.1.2. deverbais agentivos

Relativamente aos substantivos deverbais agentivos (II-1.25.), representativos de 45,5% dos casos de acoplagem do prefixo *co-* a bases nominais deverbais, o efeito do prefixo sobre esta sub-classe de nomes não é, como veremos, similar ao que este desenvolve quando acoplado a bases verbais ou a substantivos deverbais instanciadores da RFP *nomina-actionis*. A razão principal desta diferença está, a nosso ver, no facto de os verbos e de os substantivos deverbais *nomina-actionis* se relacionarem com ações ou com eventos, por oposição aos substantivos agentivos que se referem a pessoas. Deste modo, na senda de Felú Arquiola (2003a: 173), não devemos fundamentar esta diferença no facto de este prefixo possuir vários valores semânticos, considerando por isso «las propiedades semánticas particulares del tipo de pieza léxica a la que da lugar», já que, de facto, «los eventos y los individuos poseen características semánticas muy diferentes». De acordo com a autora, o prefixo *co-* possui um único valor semântico, assinalando a existência de uma pluralidade de indivíduos ou entidades, relacionadas simétrica e bidireccionalmente e ativando assim, por excelência, o valor da cooperatividade. As diferenças de significado que este prefixo apresenta, quando acoplado a diferentes categorias sintáticas devem, segundo Felú Arquiola, ser

atribuídas às propriedades semânticas específicas dessas mesmas categorias e não ao prefixo de que nos ocupamos.

Neste contexto, a relação existente entre os membros da pluralidade expressa pelo prefixo *co-* terá uma fundamentação diferente com base no carácter verbal ou não da base prefixada e da RFP ativada na sua formação. Assim, como vimos, (i) nas formações verbais e adjetivas deverbais e nas nominalizações deverbais instanciadoras de *nomina-actionis*, os membros da pluralidade expressa pelo prefixo *co-* relacionam-se pelo facto de participarem numa atividade que conduz à consecução de um único resultado (II-1.33.), expressando a cooperatividade; (ii) nas formações nominais não deverbais (bases simples ou bases derivadas de adjetivos ou denominais), o prefixo *co-* indica que a classe denotada pelo substantivo pertence a uma pluralidade de indivíduos relacionados em plano de igualdade (II-1.34.), expressando a igualdade/paridade; (iii) nas formações substantivas deverbais agentivas, o prefixo *co-* vai traduzir, por um lado, a participação comum de duas ou mais entidades na consecução de um resultado e, por outro, o facto de essas entidades estarem relacionadas num plano de igualdade / paridade (II-1.35.), expressando assim, igualmente, a igualdade/paridade (como em II-1.34.); finalmente, (iv) nas formações adjetivas não deverbais, o prefixo *co-* vai predicar uma propriedade de cada um dos membros da pluralidade por ele expressa, colocando-a em relação com a propriedade similar dos restantes membros da pluralidade (II-1.36.), expressando a similaridade.

(II-1.33.)	(II-1.34.)	(II-1.35.)	(II.1.36.)
co-dirigir	co-autor	co-administrador	co-responsável
co-organizado	co-piloto	co-presidente	
co-administração	co-réu	co-signatário	

Verificamos pois que o prefixo *co-*, acoplado a verbos e a substantivos deverbais de *nomina-actionis*, indica que a ação expressa pela base verbal teve a intervenção de, pelo menos, dois indivíduos ou entidades unidos pelo facto de participarem numa atividade conducente à obtenção de um único e similar resultado. Pelo contrário, nas

nominalizações agentivas, o prefixo *co-* (i) nos substantivos deverbais (II-1.35.), o sentido da participação comum de duas ou mais entidades (relacionadas num plano de igualdade) na consecução de um resultado/objetivo comum e, (ii) nos substantivos não deverbais (II-1.34.), a ideia de que a classe denotada pelo substantivo pertence a uma pluralidade de indivíduos relacionados em plano de igualdade.

Pela análise dos elementos do nosso *corpus*, verificamos que os substantivos agentivos (deverbais ou não) prefixados por *co-* são frequentemente utilizados com função predicativa, quer em construções apositivas (II-1.37.), quer em construções atributivas (II-1.38.), atribuindo a um indivíduo ou entidade uma propriedade comum relativamente a, pelo menos, outro indivíduo ou entidade e conferindo-lhe, no caso dos agentivos deverbais, a participação numa ação com vista à obtenção de um resultado comum a outro indivíduo/entidade.

(II-1.37.) A empresa, criada em 1985 por Steve Jobs, **co-fundador** da Apple, deixou de fabricar os computadores Next e iniciou o desenvolvimento de aplicações baseadas na programação orientada por objetos.

Vasco Pulido Valente, **co-autor** com Rangel desta espécie de «ovo de Colombo», considera que o êxito é fácil de explicar: Flashback substitui no imaginário dos ouvintes, a «conversa de café», a tertúlia, a «discussão entre amigos».

(II-1.38.) Dez anos antes, Mundie tinha sido **co-fundador** da Alliant Computer Systems, que acabou por falir quando o mercado de supercomputadores «secou» .

Oito bailarinos cedidos pela Companhia Nacional de Bailado, no âmbito da qual Rui Lopes Graça já coreografou «Llanto» e foi **co-autor** de «Canto Luso», dão corpo a um espetáculo que partiu de um reencontro.

O facto de o prefixo *co-*, quando acoplado a uma base nominal, atribuir a um indivíduo ou entidade uma propriedade comum relativamente a, pelo menos, outro indivíduo ou entidade (característica comum aos substantivos deverbais e aos substantivos não deverbais) torna-o o principal responsável pelo estabelecimento de uma relação de cooperatividade e simetria entre as nominalizações prefixadas. De facto, ao considerarmos *Steve Jobs co-fundador da Apple* (II-1.37.), pressupomos a existência

de pelo menos outro indivíduo que se predica com a propriedade de ter sido, juntamente com Steve Jobs, fundador da Apple, construindo-se assim, pela acoplagem do prefixo, uma relação de simetria entre (pelo menos) os dois indivíduos, cofundadores da Apple (Steve Jobs e outro). Juntamente com esta relação simétrica construída entre os diferentes indivíduos pertencentes ao conjunto denotado pelo substantivo, um sintagma como *co-fundador da Apple* estabelece ainda um segundo tipo de relação consolidada através da herança do argumento interno (OD) do verbo. De facto, tal como na generalidade das nominalizações agentivas, estes substantivos deverbais prefixados por *co-* herdam o argumento interno do verbo de que procedem, que se manifesta sintacticamente como um SN introduzido pela preposição *de*<sup>193</sup> ((II-1.37') e (II-1.38')).

(II-1.-37') A empresa, criada em 1985 por Steve Jobs, **co-fundador da Apple**, deixou de fabricar os computadores Next e iniciou o desenvolvimento de aplicações baseadas na programação orientada por objetos .

(II-1.38') Dez anos antes, Mundie tinha sido **co-fundador da Alliant Computer Systems**, que acabou por falir quando o mercado de supercomputadores «secou» .

#### 1.4.2. Bases não deverbais

Segundo Felú Arquiola, uma parte significativa dos substantivos não deverbais prefixados por *co-* pertence a linguagens da especialidade<sup>194</sup>. De facto, se atentarmos nos elementos do nosso *corpus*, encontramos, entre os substantivos não deverbais, alguns atinentes à matemática (*co-logaritmo*), à bioquímica (*co-enzima*), à jurisdição (*co-réu*), à economia (*co-produto*), à linguística (*co-hipónimo*), à geografia (*co-latitude*), ao desporto automóvel (*co-piloto*), à publicidade (*co-patrocinio*) e ao léxico eclesiástico (*co-apóstolo*), entre outros.

---

<sup>193</sup> Note-se, contudo, que este sintagma (SN introduzido pela preposição *de*) também se manifesta no caso das nominalizações agentivas não deverbais. Veja-se, por exemplo (II-1.36'') e (II-1.37'').

(II-1.36'') Vasco Pulido Valente, *co-autor* com Rangel desta espécie de «ovo de Colombo», considera que o êxito é fácil de explicar...

(II-1.37'') ... Rui Lopes Graça já coreografou «Llanto» e foi co-autor de «Canto Luso»...

<sup>194</sup> A este propósito, Rio-Torto (1993: 372) refere que «os prefixos, além de menos numerosos [que os sufixos], são também menos utilizados na linguagem corrente, sendo alguns deles usados em linguagens caracterizadas por uma certa tecnicidade».

Da observação aturada substantivos não deverbais prefixados por *co-* presentes no nosso *corpus*, verificamos que, atendendo à sua semântica, estes podem ser classificados em dois grandes grupos, nomeadamente (i) os substantivos que se referem a entidades definidas pela sua relação de igualdade com outras entidades (*co-autor*, *co-apóstolo*, *co-hipónimo*)<sup>195</sup> e (ii) os substantivos, geralmente denominais, que nomeiam uma relação estabelecida entre os membros de uma pluralidade (*co-autoria*, *co-directoria*, *co-hiponímia*).

Neste segundo tipo de substantivos (os que nomeiam uma relação estabelecida entre os membros de uma pluralidade e por isso genericamente abstratos), a acoplagem do prefixo *co-* vem potenciar o desenvolvimento uma relação de igualdade (e por isso horizontal) que, em alguns casos, é contrária à relação vertical estabelecida através da semântica da base. O prefixo *co-* vem assim desenvolver uma relação até então inexistente, conferindo à base e ao produto uma semântica de igualdade. Considere-se, por exemplo, as bases nominais *directoria* e *hiponímia*, cuja semântica designa uma relação vertical entre, respetivamente, um diretor e alguém que não é diretor (situando-se aqui o diretor na extremidade superior) e entre um hiperónimo e um hipónimo (situando-se aqui o hipónimo na extremidade inferior). Ora, a presença do prefixo *co-* acoplado a estas bases vem estabelecer uma relação horizontal de igualdade quer no caso de *co-directoria*, quer no caso de *co-hiponímia*. Assim, em *co-directoria*, o prefixo *co-* vem assinalar uma relação horizontal entre os membros de uma pluralidade (a *directoria*) situada na extremidade hierarquicamente superior da relação vertical, estabelecendo uma relação de igualdade entre os distintos diretores. Também em *co-hiponímia*, o prefixo *co-* é responsável pelo estabelecimento de uma relação horizontal entre os distintos hipónimos relativamente ao seu hiperónimo. Nos dois casos, a acoplagem do prefixo será pois responsável pelo estabelecimento de uma relação de igualdade entre membros de uma pluralidade (pluralidade essa que se pode situar na extremidade superior ou na extremidade inferior de uma escala), tornando-os nomes que

<sup>195</sup> Sublinhe-se, contudo, que, apesar de esta relação de igualdade se estabelecer aquando da acoplagem de *co-*, nem sempre tal acontece. De facto, se considerarmos a forma *co-piloto* vimos que, neste caso (caso excecional) o prefixo *co-* não estabelece uma relação de igualdade entre o denotado pela base e o denotado pelo produto, já que entre *piloto* e *co-piloto* é estabelecida uma relação vertical, pois o *co-piloto* não se relaciona num plano de igualdade com o *piloto*, encontrando-se-lhe, pelo contrário, subordinado. Este uso, pouco frequente em português, aproxima o prefixo *co-* dos prefixos *sub-* e *vice-* que assinalam uma relação hierárquica e por isso vertical. Segundo Felú Arquíola, «el empleo del prefijo *co-* como marcador de una relación jerárquica puede proceder del inglés, lengua en la que *co-* expresa con mayor frecuencia una relación vertical entre dos individuos (*codriver*: segundo conductor de camiones, *coproducer*: productor secundario, productor asociado)» (Felú Arquíola 2003a: 182).

estabelecem entre si uma relação de simetria (conceito aplicável recorrentemente a este prefixo) o que evidencia o facto de, na sua generalidade e quando acoplado a nomes (sobretudo não deverbais), este prefixo contribuir para a formação de nomes endocêntricos<sup>196</sup>, isto é, de construções nas quais «le nom dérivé (Nd) designe toujours une entité de même nature que ce qui est dénoté par le nom de base (Nb) (Amiot 2004a: 70)<sup>197</sup>.

### 1.4.3. Síntese

Nesta secção, vimos que o prefixo *co-* se acopla de forma produtiva a bases nominais, sobretudo deverbais, que traduzam nominalizações de ação ou resultado e nominalizações agentivas.

Relativamente às bases derivadas que explicitam nominalizações de ação ou resultado, verificamos que estas genericamente são sufixadas em *-mento* e em *-ção*, expressando com frequência eventos complexos, inseridos, por isso, sobretudo na categoria dos verbos de *accomplishments*. Similarmente ao referido para as bases verbais, a acoplagem do prefixo *co-* a bases de *nomina-actionis* potenciará uma interpretação de pluralidade (explícita ou inferida) do participante agentivo, cujos membros se relacionam pelo facto de estarem envolvidos numa atividade que conduz à consecução de um único resultado.

Relativamente às bases verbais agentivas, a acoplagem do prefixo *co-* assinala a existência de uma pluralidade de indivíduos ou entidades, traduzindo, por um lado, a participação comum dos membros dessa pluralidade na consecução de um resultado e, por outro, o facto de esses membros estarem relacionados num plano de igualdade e por isso relacionados simétrica e bidireccionalmente.

Finalmente, no que diz respeito à acoplagem de *co-* a bases nominais não deverbais, vimos que estas pertencem frequentemente a linguagens da especialidade, e são (i) substantivos que se referem a entidades definidas pela sua relação com outras entidades e (ii) substantivos, geralmente denominais, que nomeiam uma relação estabelecida entre

---

<sup>196</sup> Na senda de Amiot (2005c), o facto de contribuir para a construção de formações endocêntricas contribui para que este prefixo seja considerado como «un vrai préfixe» (Amiot 2005a).

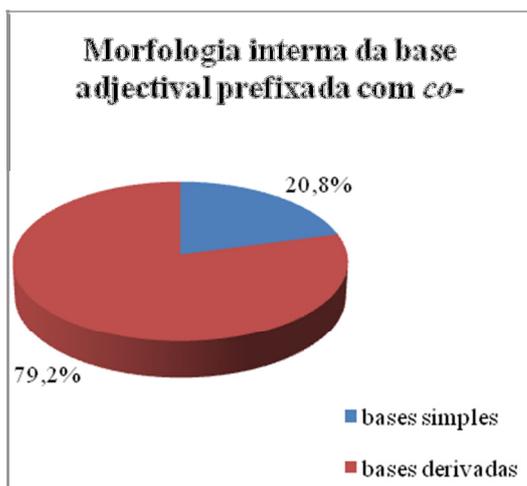
<sup>197</sup> Aplicando a definição de Amiot a alguns dos produtos do nosso *corpus*, diríamos então que, por exemplo, um *co-hipónimo* é um tipo de *hipónimo*.

os membros de uma pluralidade. O prefixo *co-*, nos dois casos, é responsável pelo desenvolvimento de uma relação horizontal de igualdade entre os membros da pluralidade, (relação essa até então completamente inexistente no grupo dos substantivos denominais) e contribui para a construção de formações endocêntricas.

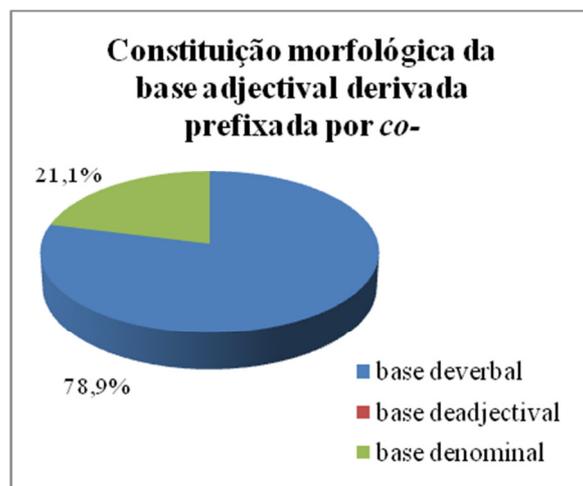
### 1.5. Bases adjetivais

Das cerca de 72 formações adjetivas prefixadas com *co-*, verificamos (II-G1.8.) que elas são maioritariamente derivadas (79,2%) e que, destas, 78,9% têm origem deverbal (II-G1.9.).

(II-G1.8.)



(II-G1.9)



Começando o nosso estudo pelas formações adjetivas não deverbais prefixadas por *co-*, verificamos, em casos como *co-igual* ou *co-responsável*, que a acoplagem do prefixo é responsável pela formação de um adjetivo simétrico (*alguém co-responsável por algo será sempre alguém que se relaciona com outra pessoa num plano de igualdade*). Além disso, nas formações adjetivas não deverbais (sobretudo nas que o prefixo se acopla a adjetivos relacionais, como *co-religionário* ou *co-adamita*), verificamos, frequentemente, um claro desajuste entre a estrutura morfológica e a interpretação semântica do adjetivo derivado, já que o prefixo se acopla, do ponto de vista morfológico, a um adjetivo, patenteando, contudo, do ponto de vista semântico, a

sua ligação ao substantivo de base (*co-religionário: que tem a mesma religião que X*). De facto, e segundo Varela Ortega e Martín García (1999), estes produtos, duplamente compostos, revelam um claro «desajuste entre la estructura morfológica y la semántica» já que neles «el prefijo tiene abarque semántico sobre el elemento simple pero se une formalmente al complejo derivado (estructura semántica: *antigripe + al*; estructura formal: *anti + gripal*)» (Varela Ortega e Martín García 1999: 4998). Assim, se formalmente temos um adjetivo denominal (*religionário*) ao qual se acopla o prefixo *co-*, semanticamente este prefixo exerce a sua influência significativa sobre o elemento nominal já que *co-religionário será aquele que tem a mesma religião que X*. Verificamos assim que, em produtos deste tipo, estrutura formal (a) e estrutura semântica (b) não são coincidentes, como podemos observar em (II-1.39.)<sup>198</sup>:

(II-1.39.)

(a) [ co [ [ religion ]<sub>N</sub> ário ]<sub>A</sub> ]<sub>A</sub>                      (b) [ [ co [ religion ]<sub>N</sub> ]<sub>N</sub> ário ]<sub>A</sub><sup>199</sup>

Relativamente às formações adjetivas de origem deverbal, destacamos claramente os participios passados procedentes de verbos prefixados pelo prefixo *co-*. A este respeito, há que mencionar que estas formas (*co-acusado, co-denunciado, co-financiado, co-organizado*) ocorrem quer sozinhas (II-1.40.), quer modificando diretamente um substantivo (II-1.41.) ou ainda combinadas com o verbo *ser* (II-1.42.), indicando-nos, em todas elas, a pluralidade de indivíduos envolvidos na realização da ação denotada pela base verbal.

(II-1.40.) Ainda que **co-financiado** pela Comunidade Europeia, o Estado já gastou, desde então, quase três vezes a indemnização pedida – mais precisamente 70 mil contos – na realização de três estudos sobre a biologia marinha da costa alentejana, que deverão estar concluídos no fim deste ano.

<sup>198</sup> Corroborando esta interpretação, Jesús Pena, na comunicação intitulada *La relación derivativa en morfología: problemas que se plantean*, proferida na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra a 28 de novembro de 2003, afirmou, com base nos produtos *antigripal, pós-consiliar e uni-familiar*, que neles se verifica uma falta de concordância entre estrutura formal e estrutura semântica. Assim, se as bases a que se adjuntam os prefixos são os adjetivos *gripal, consiliar e familiar*, a relação semântica do prefixo não se refere a todo o adjetivo (*gripal, consiliar, familiar*), mas sim à sua base nominal (*gripe, consílio, família*). Sublinhe-se contudo que, em qualquer dos casos, o produto é sempre denominal, não apresentando o prefixo poder de alteração categorial da base.

<sup>199</sup> Sublinhe-se, neste caso, que a estrutura semântica em causa dá lugar a uma formação que não existe em português (*\*correligão*).

(II-1.41.) O Praxis XXI é um programa **co-financiado** pela União Europeia e pelo Estado português, que sucede ao programa Ciência, e que vai investir 105 milhões de contos no sistema científico e tecnológico nacional até ao ano 2000.

No seminário **co-organizado** com a DEC Portugal foi apresentada a solução conjunta Digital.

(II-1.42.) O projeto foi **co-financiado** pelo Ministério da Ciência e da Tecnologia, pela Expo, pela Sociedade Portugal Frankfurt (consórcio criado para gerir a participação portuguesa na Feira do Livro de Frankfurt) e pelo Madeira Tecnopólo.

O evento foi **co-organizado** pela ETAN, Rede de Ação por Timor Leste, e pela associação Judeus Contra o Genocídio.

### 1.5.1. Síntese

Nesta secção, vimos que o prefixo *co-* se acopla maioritariamente a bases adjetivas deverbais nas quais ativa uma interpretação agentiva plural. Além disso, este prefixo seleciona também bases adjetivas não deverbais, contribuindo, neste caso, para a formação de adjetivos simétricos que revelam, no caso de formações adjetivas denominais, um claro desajuste entre estrutura formal e interpretação semântica do produto.

### 1.6. Conclusões

Neste capítulo dedicado ao estudo da formação de palavras mediante o prefixo *co-*, vimos que, não obstante a similar relação diacrónica estabelecida com a preposição latina *cum*, [kʲ] e [ko] se afiguram prefixos distintos, já que apenas este último é responsável pela formação de novas palavras em português, acoplando-se, de forma produtiva e considerando as 276 ocorrências do nosso *corpus*, a nomes (55,8%), adjetivos (26,1%), verbos (16,7%) e advérbios (1,4%).

No que diz respeito à acoplagem deste prefixo a bases verbais, vimos que *co-* seleciona predominantemente bases verbais agentivas (sobretudo verbos eventivos de *accomplishments*), diádicas, cujo OD é preenchido por um objeto que expressa o resultado da ação verbal, espoletando, com a sua acoplagem, uma interpretação plural dos participantes agentivos da ação e ativando o sentido da cooperatividade entre os participantes agentivos da ação expressa pelo verbo.

No que concerne às bases nominais prefixadas por *co-*, vimos que o prefixo se acopla sobretudo a bases nominais deverbais, que traduzam nominalizações de ação ou resultado (sufixadas em *-mento* e em *-ção*, expressando com frequência eventos complexos, nas quais a acoplagem do prefixo irá potenciar uma interpretação de pluralidade do participante agentivo) e a nominalizações agentivas (nas quais o prefixo assinala a existência de uma pluralidade de indivíduos ou de entidades, traduzindo quer a participação comum dos membros dessa pluralidade na consecução de um resultado, quer o facto de esses membros estarem relacionados num plano de igualdade e, por isso, relacionados simétrica e bidireccionalmente). Quando acoplado a bases nominais não deverbais, vimos que o prefixo seleciona frequentemente bases pertencentes a linguagens de especialidade, afigurando-se como o responsável pelo instanciamento de uma relação horizontal de igualdade entre os membros de uma pluralidade, contribuindo genericamente para a construção de formações endocêntricas.

Relativamente à acoplagem do prefixo a bases adjetivais, vimos que, maioritariamente, o prefixo se acopla a bases adjetivas deverbais (nas quais ativa uma interpretação agentiva plural), selecionando também bases adjetivas não deverbais (onde é claro, à semelhança do que acontece com outros prefixos, o desajuste verificado entre a estrutura formal e a interpretação semântica do produto prefixado).

Apesar da acoplagem preferencial do prefixo *co-* a bases (de)verbais, conclui-se que este prefixo não se ajusta à hipótese da base única, já que se acopla a bases pertencentes a diferentes categorias. No entanto, como vimos, o prefixo *co-* afirma-se como sendo um operador que, devido à sua semântica da cooperatividade, apresenta a especificidade de incidir semanticamente sobre o participante do evento expresso pela base (já que converte numa pluralidade a denotação do participante agentivo da ação, desencadeando uma interpretação plural do mesmo), potenciando, ainda que de forma nem sempre explícita, a alteração da estrutura argumental da base a que se acopla. Desta forma, e porque a acoplagem do prefixo *co-* incide semanticamente sobre o participante agentivo

associado à base, este prefixo deve, na senda do defendido por Felú Arquiola, ser considerado como “prefixo con incidencia argumental”, cuja característica basilar é a de realizar «una modificación sobre uno o más participantes asociados con la estructura léxico-semántica de la palabra base» (Felú Arquiola 2003a: 267)<sup>200</sup>, assumindo-se, deste modo, como um prefixo com incidência argumental. Efetivamente, quer acoplado a bases (de)verbais (II-1.43.), quer acoplado a bases não deverbais (II-1.44), este prefixo assume-se claramente como um prefixo argumental, já que desencadeia a alteração no preenchimento de um dos argumentos da base podendo, em alternativa, desencadear alteração da EA da mesma. Quando acoplado a uma base não deverbal (II-1.44.), o prefixo assume-se também como um prefixo com incidência argumental (já que desencadeia, com a sua acoplagem, a multiplicação dos argumentos da base), dando lugar, quando acoplado a bases nominais, a um derivado endocêntrico cujo significado corresponderá a um tipo particular do significado expresso pela base (um *co-piloto* é um tipo de piloto que se caracteriza pelo facto de deter a função de auxiliar o piloto principal; um *co-dialecto* é um tipo de dialecto que se caracteriza por ser comum a duas línguas).

**Co-: prefixo argumental**

	Tipo de base	Exemplos
(II-1.43.)	<b>bases (de) verbais</b>	co-administrar: administrar <b>com outro</b>
		co-participar: participar <b>com alguém</b> na realização de uma ação
		co-organizado: organizado <b>com outrem</b>
		co-acusado: acusado <b>com outra pessoa</b>
		co-fiador: fiador <b>com outro</b>
		co-vendedor: vendedor <b>com outrem</b> de algo que pertence a ambos
		co-participação: participação <b>com outra pessoa</b>

<sup>200</sup> Como veremos, para Felú Arquiola, outros prefixos apresentam esta especificidade de exercerem uma certa incidência semântica sobre um (dos) participante(s) da ação expressa pela base. Veja-se, a este propósito, a análise dos prefixos *entre-* e *inter-*, por nós empreendida nas secções 3.2. e 3.3. do presente capítulo.

(II-1.44.)	<b>bases não (de)verbais</b>	co-adamita: aquele que é, <b>com outro, contemporâneo</b> de Adão
		co-piloto: piloto <b>auxiliar de outro</b>
		co-responsabilidade: responsabilidade <b>comum a duas ou mais pessoas</b>
		co-apóstolo: <b>aquele que</b> apostola <b>com outro</b>

Concluimos assim que, como já afirmámos anteriormente, o prefixo *co-* possui um único valor semântico, assinalando a existência de uma pluralidade de indivíduos ou entidades, relacionadas simétrica e bidireccionalmente e ativando assim, por excelência, o valor da cooperatividade. Os matizes de significado que este prefixo apresenta quando acoplado a diferentes categorias sintáticas devem pois ser atribuídas às propriedades semânticas específicas dessas mesmas categorias e ao semantismo do prefixo, parâmetros indissociáveis da incidência argumental do prefixo em estudo<sup>201</sup>.

<sup>201</sup> Lluïsa Gràcia Solé e Miren Azkarate (2000) distinguem prefixos de uso intransitivo e prefixos de uso transitivo, afirmando que nos prefixos de uso intransitivo, «the derived word is interpreted as a subclass of thing, property, or event denoted by the base (a *precognició* is a previous cognition, a *superíndice* refers to na índex placed above, *subway* is a way which rubs bellow). In other words, the prefix is a modifier which can be interpreted as an adverb». Pelo contrário, nos prefixos de uso transitivo, «the derived word is not a subclass of the base and the prefix acts as a real transitive preposition» (Gràcia Solé e Azkarate 2000: 63).

Sublinhe-se, a este propósito, as distintas denominações que encontramos na bibliografia específica:

	<b>NÚCLEO - COMPLEMENTO</b> (o prefixo é o elemento nuclear da estrutura compósita)	<b>COMPLEMENTO - NÚCLEO</b> (a base é o elemento nuclear da estrutura compósita)
<b>Lluïsa Gràcia Solé et al. (2004)</b>	Prefixo preposicional	Prefixo modificador
<b>Zwanenburg (1992)</b>	Prefixo com valor preposicional	Prefixo com valor não preposicional
<b>Gràcia e Azkarate (2000)</b>	Prefixo de uso transitivo ou preposicional	Prefixo de uso intransitivo ou adverbial
<b>Di Sciullo (1996)</b> <b>Josefa Martín García(1998)</b> <b>Varela Ortega e Martín García (1999)</b>	Prefixo preposicional	Prefixo adverbial
<b>Di Sciullo (1997)</b>	Prefixo interno	Prefixo externo
<b>Varela e Haouet (1996, 2000)</b> <b>Felíu Arquiola (2003)</b>	Prefixo funcional	Prefixo léxico

## 2. O prefixo *contra-*

O prefixo *contra-* tem origem na preposição latina *contra-*, da qual herdou o sentido adversativo de oposição/contradição. Em português, é produtivo unido-se sobretudo com nomes. Pode expressar, ainda que de forma menos recorrente, outros valores, para além da oposição/contradição<sup>202</sup>.

### 2.1. Produtividade e representatividade do prefixo *contra-*

O prefixo *contra-* foi, desde sempre, um prefixo «muito fecundo em português» (Said Ali 1931: 253), o que se pode comprovar pelos cerca de 450 vocábulos presentes no nosso *corpus*, recolhidos em dicionários da língua portuguesa (incluindo a variedade brasileira) e em bases de dados *on-line*.

Pela observação de (II-G2.1.), verificamos que o prefixo apresenta, na maioria das fontes dicionarísticas do nosso *corpus*, valores que se situam acima das 150 ocorrências o que, em comparação com outros elementos prefixais por nós estudados, é bastante significativo. Da observação de (II-G2.1.) verificamos também que, salvo algumas exceções decorrentes da dimensão dos dicionários consultados<sup>203</sup>, o prefixo *contra-* tem vindo a registar um crescendo de utilização, a que não será seguramente estranho o facto de este prefixo não apresentar restrições de ordem fonético-fonológica quando acoplado a uma base, já que ocorre acoplado a bases de diferentes tipologias

---

<sup>202</sup> Sublinhe-se que, para Lang (1990b), o prefixo *contra-* «es, en realidad, uno de los prefijos que presenta mayor grado de polisemia. Así, para Tekavcic es “espacial”; para Urrutia, debería etiquitarse con la marca de *contrariedad*; mientras que para Marchand su valor es claramente “locativo”» (Lang 1990b: 224).

<sup>203</sup> Compare-se, por exemplo, as 130 000 entradas registadas no *Aurélio XXI* ou as cerca de 230 000 entradas do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* com as 70 000 do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia de Ciências de Lisboa.

acentuais<sup>204</sup>, não apresentando restrições no que diz respeito à natureza do fonema inicial da base<sup>205</sup> nem à estrutura silábica da mesma<sup>206</sup>.

(II-G 2.1.)



Além disso, o prefixo *acopla-se*, como é visível em (II-2.1.) e em (II-G2.2.), a bases pertencentes a todas as classes gramaticais (manifestando uma clara predominância para se acoplar a bases nominais), não provocando, na generalidade, qualquer alteração da categoria da base (II-2.1.)<sup>207</sup>.

<sup>204</sup> No que diz respeito à tipologia acentual da base, verificamos que *contra-* se acopla quer a bases agudas (*contra-acusação, contra-estimular*), quer a bases graves (*contra-abertura, contra-atacante*), quer a bases esdrúxulas (*contra-análise, contra-revolucionário*), mantendo, em todas elas, inalterada a posição do acento principal da base. Sublinhe-se, contudo, que o produto, não obstante apresentar a mesma tipologia acentual da base, passa, com a acoplagem de *contra-*, a apresentar também um acento secundário.

<sup>205</sup> Na análise que fizemos, verificámos que o prefixo *contra-* se acopla quer a bases iniciadas por fonema vocálico (*contra-asa, contra-édito, contra-irritação, contra-OPA, contra-oferta, contra-indicar*), quer a bases iniciadas por fonema consonântico, seja ele oclusivo (*contra-processo, contra-declaração, contra-governo*), fricativo (*contra-fuga, contra-vidraça*), lateral (*contra-luz*) ou vibrante (*contra-revolução*), nasal (*contra-muralha*), surdo (*contra-selo*) ou sonoro (*contra-justiça*). Sublinhe-se, ainda, a possibilidade de o prefixo *contra-* se acoplar a uma base cujo segmento fónico inicial seja coincidente com o seu por ser uma base já prefixada (*contra-contra-cultura*).

<sup>206</sup> Verificámos, efetivamente, que o prefixo *contra-* se acopla a bases de diferentes estruturas silábicas (1 sílaba: *contra-fé*; 2 sílabas: *contra-curva*; 3 sílabas: *contra-declarar*; 4 sílabas: *contra-argumentar*; 5 sílabas: *contra-espionagem*; 6 sílabas: *contra-revolucionar*; 7 sílabas: *contra-interrogatório*), independentemente da estrutura da sílaba inicial das mesmas (CVV: *contra-feitiço*; CCV: *contra-chefe*; CVC: *contra-justiça*; CV: *contra-dizer*; VC: *contra-argumento*; V: *contra-anúncio*).

<sup>207</sup> Sublinhem-se, contudo, algumas exceções que comprovam que a acoplagem de *contra-* pode permitir que o produto se comporte como adjetivo (*sistema **contra-relógio**, luta **contra-guerrilha**, opinião **contra-revolução**, posição **contra-TGV**, campanha **contra-obesidade**). Segundo Dal (2001), tal acontece quando o nome prefixado «occupe une position épithétique, jouant ainsi le rôle d'adjectif», assumindo o*

(II-2.1.)

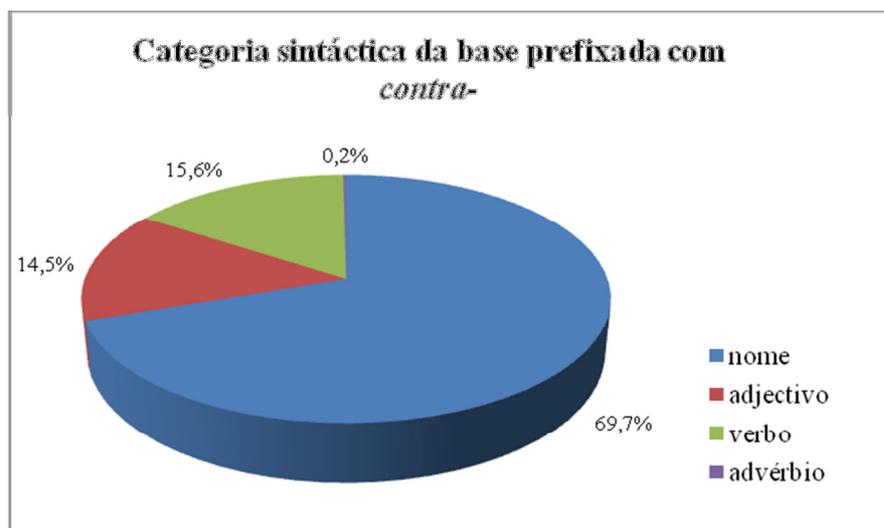
[contra-[análise] <sub>N</sub>] <sub>N</sub>

[contra-[indicado] <sub>A</sub>] <sub>A</sub>

[contra-[argumentar] <sub>V</sub>] <sub>V</sub>

[contra-[naturalmente] <sub>Adv</sub>] <sub>Adv</sub>

(II-G2.2.)



O prefixo traduz genericamente a oposição<sup>208</sup> (II-2.2.) (sentido mais frequente, herdado da preposição latina), mais especificamente, em alguns casos, a oposição espacial (II-2.3.) (expressando, maioritariamente, neste domínio, a oposição aliada ao reforço do elemento expresso pela base<sup>209</sup>), e também a hierarquia inferior (II-2.4.)<sup>210</sup> ou

---

prefixo um valor claramente adversativo/reactivo, o que o torna facilmente comutável pelo prefixo *anti-* (relativamente à relação entre os prefixos *contra-* e *anti-*, veja-se Martín García (1996). Ainda segundo Dal, este fenómeno é muito frequente quando o produto prefixado tem como precedente nomes como *luta, jogo, guerra, jogo, ataque, ofensiva, batalha, revolta* ou *sistema*, entre outros. Sobre o carácter transcategorizador de alguns prefixos veja-se secção 3.5.1. do capítulo I do presente estudo.

<sup>208</sup> Na senda de Lyons, entendemos *oposição* como um «contraste dicotómico ou binário» (1977: 226).

<sup>209</sup> A este propósito, refira-se que o produto prefixado com *contra-* pode ter o sentido de ‘oposição aliado, por vezes, ao reforço do elemento expresso pela base’ e é especialmente produtivo em linguagens de especialidade (cf. *contra-braço*: termo da NÁUTICA que designa o cabo que reforça um dos braços do navio; *contra-placa*: termo da ODONTOLOGIA que designa o reforço de metal, nos pivôs e pontes, ao qual são soldados os dentes; *contra-porca*: termo da MECÂNICA que designa uma segunda porca, que se

ainda uma segunda ocorrência da base, ocorrência essa que expressa sobretudo a anulação (II-2.5.) do expresso pela base<sup>211</sup>.

(II-2.2.)	(II-2.3.)
contra-assembleia	contra-encosta
contra-campanha	contra-curva
contra-declarar	
contra-manifestação	
contra-OPA	
(II-2.4.)	(II-2.5.)
contra-mestre	contra-anúncio
contra-almirante	contra-aviso
contra-chefe	contra-cédula
	contra-escritura
	contra-exemplo
	contra-projeto
	contra-prova <sup>212</sup>

## 2.2. Bases nominais

Como já afirmámos anteriormente, o prefixo *contra-* acopla-se a bases pertencentes a diferentes categorias sintáticas, manifestando, contudo, de forma clara e

---

atarraxa sobre a primeira, para impedir que esta desande). A propósito da presença do prefixo *contra-* em linguagens de especialidade, Lang (1990) considera que este prefixo apresenta uma «prolija presença en el léxico técnico» (Lang 1990: 225). No mesmo sentido, Alves (1990) considera que o prefixo em análise apresenta «vínculos com línguas de especialidade» (Alves 1990: 232).

<sup>210</sup> Veja-se que, com este sentido, o prefixo *contra-* pode ser considerado com a mesma aceção (e inclusivamente acoplado a uma mesma base) que o prefixo *sub-*. Compare-se, a título de exemplo, as formas *contra-chefe* e *sub-chefe*. Esta questão remete-nos, como veremos para a polissemia existente, em alguns contextos, entre alguns elementos prefixais.

<sup>211</sup> Não obstante as diferentes aceções semânticas do prefixo em análise quando concatenado a uma base, sublinhe-se que o sentido de ‘oposição a algo’ é recorrente na maioria das aceções por nós assinaladas.

<sup>212</sup> Sublinhe-se que, com base nas definições presentes nos dicionários por nós consultados, *contra-prova* é sempre uma segunda ocorrência de algo que «anula ou contradiz uma prova já apresentada» e que «tem o objetivo de confirmar a (in)exatidão das provas apresentadas».

inequívoca, uma acoplagem preferencial a bases nominais (em cerca de 70% dos casos)<sup>213</sup> e, de entre estas, a bases nominais simples (em cerca de 72% dos casos, como é visível em (II-G2.3.)). De entre as cerca de 79 bases nominais derivadas selecionadas, o prefixo *contra-* acopla-se preferencialmente a bases nominais deverbais (em cerca de 57% dos casos, como podemos ver em (II-G2.4.)), maioritariamente *nomina-actionis*, ativando com estas, como veremos, aquele que é genericamente considerado o seu sentido prototípico de excelência: a oposição (II-2.6.)<sup>214</sup>.

(II-2.6.)

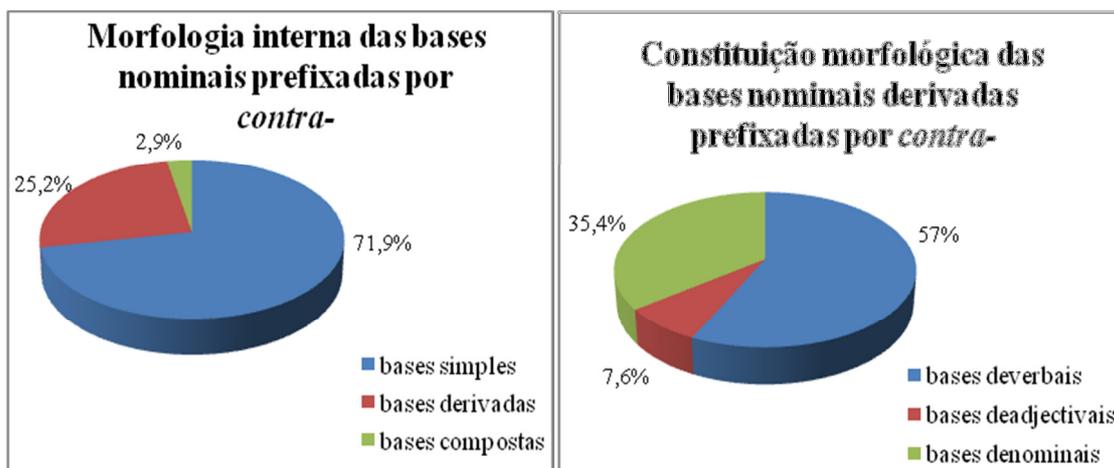
contra-declaração

contra-informação

contra-manifestação

(II-G2.3.)

(II-G2.4.)



<sup>213</sup> A este propósito, Montero Curiel (2001) afirma que «el prefijo *contra-* es un prefijo especialmente productivo para crear sustantivos» (Montero Curiel 2001: 357).

<sup>214</sup> A este propósito, Dal (2001) afirma que «avec des noms déverbaux, le préfixe *contre-* active préférentiellement sa valeur adversative» (Dal 2001). De facto, como veremos, a construção de sentidos como a oposição espacial (aliada ou não ao reforço) ou a hierarquia inferior ocorrem apenas quando o prefixo *contra-* se acopla a bases nominais não deverbais (denotadores sobretudo de um certo grau de concretude), o que corrobora o facto de o prefixo em análise, quando acoplado a bases (de)verbais, espoletar, de forma praticamente exclusiva, a interpretação opositiva (aliada, claro está, à secundariedade, já que o que se opõe a algo decorre sempre da existência primeira desse algo). O reforço e a hierarquia afiguram-se, assim, como sentidos não sistémicos do prefixo.

No entanto, apesar de, na sua semântica, o prefixo *contra-* evidenciar maioritariamente o sentido de ‘oposição’, oriundo da preposição latina *contra* que lhe é congénere, verificamos que, além deste, a acoplagem do prefixo a bases simples ou a bases derivadas não deverbais pode instanciar, aliado à oposição, outros sentidos como ((i) oposição aliada à espacialidade (II-2.3.), (ii) a inferioridade hierárquica (II-2.4.) e (iii) uma segunda ocorrência da base, que se opõe a ela ou a anula (II-2.5.).<sup>215</sup>

De observação dos elementos do nosso *corpus* verificamos, pois, que a acoplagem do prefixo *contra-* a uma base confere ao produto, sobretudo, uma semântica de oposição aliada, na generalidade, a uma semântica de secundariedade/sucessividade (no sentido de réplica de uma primeira ocorrência de algo), já que tudo o que é oposto a algo vem no seguimento desse algo já existente<sup>216</sup>. De facto, os produtos prefixados por *contra-* denotam maioritariamente algo concebido no seguimento do designado pela base, opondo-se a ela ou anulando-a, conforme podemos ver em (II-2.7.).

(II-2.7.)

- a) *contra-manifestação*: manifestação cujo objetivo é **anular** ou neutralizar os efeitos **de outra**;
- b) *contra-aviso*: aviso que **anula outro** dado anteriormente;
- c) *contra-corrente*: corrente **contrária a outra**;
- d) *contra-curva*: curva que **começa quando outra termina**, tomando direção **oposta** à desta;
- e) *contra-muro*: muro construído **paralelamente a outro** para o reforçar;
- f) *contra-selo*: carimbo/selo que se põe ao lado ou por cima **de outro**;
- g) *contra-mestre*: numa organização hierárquica de trabalho, oficial **inferior** da classe de manobra e de graduação **inferior ao mestre**.

Nos exemplos apresentados, verificamos que «la construction préfixale à laquelle il [le préfixe *contre-*] donne lieu implique deux phases sous-jacentes, dont l’une

---

<sup>215</sup> Note-se que estes sentidos elencados (a proximidade espacial oposta (II-2.3.) e a inferioridade hierárquica (II-2.4.)) só são ativados quando o prefixo se acopla a bases nominais simples ou a bases derivadas não deverbais. De facto, como veremos, as bases nominais deverbais prefixadas por *contra-* adquirem genericamente a semântica da opositividade (aliada à secundariedade), não ativando os restantes sentidos por nós elencados.

<sup>216</sup> Sublinhe-se que, já em 1973, Zribi-Hertz outorgou, para a língua francesa, o valor de ‘réplica’ como a semântica prototípica do prefixo *contre-*.

exprime un procès antérieur, et l'autre une action postérieur, en réplique» (Guilbert 1971: LIV)<sup>217</sup>. Desta forma, o produto prefixado por *contra-* denota sempre algo que ocorre/se situa depois (ou no seguimento) do designado pela base, anulando-a ou opondo-se ao que nela é expresso, o que nos faz equacionar a oposição, aliada à secundariedade/sucessividade, como o sentido prototípico do prefixo *contra-*.

De facto, em exemplos como *contra-manifestação* (cf. II-2.2.) ou *contra-aviso* (II-2.5.), a base denota um acontecimento temporalmente delimitado e o produto prefixado pressupõe necessariamente a existência de uma primeira ocorrência desse mesmo acontecimento (uma *contra-manifestação* ou um *contra-aviso* surgem sempre como resposta a uma prévia manifestação ou a um anterior aviso). Como afirma Dal (2001), em casos como *contra-manifestação*, «le dérivé constitue une réplique au référent de la base à laquelle il s'applique, supposant une occurrence liminaire de ce à quoi réfère la base» (Dal 2001). Nestes casos, de uma forma geral, a relação estabelecida entre o evento denotado pela base e o evento denotado pelo produto é uma relação de oposição<sup>218</sup>, decorrente de uma sucessividade temporal (uma *contra-manifestação* ou um *contra-aviso* têm lugar no seguimento de uma primeira manifestação ou de um primeiro aviso, precisamente com o objetivo de os anular). O prefixo *contra-*, aplicado a este tipo de base, vai assim contribuir para a construção de um derivado que denota o mesmo tipo de entidade do denotado pela base, mas com orientação/ideologia inversa (uma *contra-manifestação* é indubitavelmente uma manifestação, mas que defende uma ideologia inversa à defendida pela primeira manifestação; um *contra-aviso* é claramente um tipo de aviso, contrário ao primeiro). Nestes casos, como o sentido construído pelo prefixo é o da oposição aliado à secundariedade/sucessividade, dando origem, no produto, a uma construção endocêntrica (o produto denota um sub-tipo da base), o prefixo, não obstante a sua procedência preposicional, tem claramente um valor modificador, já que «il [le prefixe]

---

<sup>217</sup> Da análise do nosso *corpus*, verificamos que, na generalidade, esta réplica é mimética relativamente à primeira ocorrência (isto é, apresenta-se de igual natureza, diferindo apenas na relação de oposição que com ela estabelece).

<sup>218</sup> Sublinhe-se, contudo, que, apesar de não ser a interpretação mais corrente, uma *contra-manifestação* pode ocorrer ao mesmo tempo que uma manifestação. Imagine-se, a título de exemplo, uma manifestação primeiramente organizada e difundida (por exemplo a favor da realização de um determinado referendo) e outra, cuja ideologia é contrária à primeira (daí ser uma *contra-manifestação*), organizada depois da primeira mas realizada simultaneamente, agendada portanto para a mesma hora, mas em locais distintos. Neste caso, apesar de a realização ser concomitante, a planificação realizou-se após a primeira manifestação, opondo-se a ela.

n'a pas le statut de tête et le dérivé designe une sous-classe des référents de l'élément de droit» (Kampers-Mahne 2001:102)

Em exemplos como *contra-curva* (ou *contra-encosta*), a base, apesar de denotar uma entidade que possui extensão espacial (de forma similar a *contra-corrente*), representa uma unidade estática, o que faz com que o derivado traduza uma entidade da mesma natureza, sucessiva no espaço, mas de natureza oposta (uma *contra-curva* é uma curva que começa *quando a outra termina*, tomando a *direção oposta*, isto é, orientada para a direita se a primeira curva for orientada para a esquerda e vice-versa; uma *contra-encosta* diz respeito à encosta ou elevação de terreno situada no *lado oposto* ao que é tomado como referência). O derivado designará então, à semelhança dos exemplos anteriores, uma entidade da mesma natureza do designado pela base, mas que lhe é posterior espacialmente e com orientação inversa, o que faz com que, também aqui, o prefixo seja considerado um modificador semântico.

Os exemplos até aqui mencionados, ainda que apresentando bases portadoras de diferente morfologia interna (bases simples/bases derivadas) e distinta informação semântica (temporal/espacial, estático/dinâmico), permitem-nos afirmar que o prefixo *contra-*, decorrente do sentido da secundariedade/sucessividade, ativa sobretudo o sentido adversativo que lhe é comumente atribuído e que, a nosso ver, deve ser encarado como o sentido primordial deste operador prefixal. No entanto, há também que considerar casos residuais em que o prefixo ativa o valor da sucessividade, não existindo, entre a base e o produto, outra relação que não a da contiguidade (sobretudo espacial) ainda que aliada, por vezes de forma mais ténue, à ideia de oposição. São disso exemplo produtos como *contra-margem*, *contra-pilastra* ou *contra-terraço*, cuja base representa uma entidade espacial estática e delimitada, ativando-se, pela acoplagem do prefixo, apenas o valor da proximidade espacial (uma *contramargem* é a faixa ou porção de terreno *junto à* margem; uma *contra-pilastra* é uma pilastra construída *à frente de outra*; um *contra-terraço* é um terraço construído *ao lado de* outro). Nestes casos, em que a base é genericamente expressa por um nome simples ou por um nome derivado não deverbal, o produto apresenta uma informação locativa (junto a, em frente de, ao lado de), podendo haver também manifestação de opositividade na semântica do mesmo, ainda que de forma mais ténue. Esta informação, de carácter eminentemente espacial, é subsidiária, a nosso ver, do elevado grau de concretude da base e da aceção

adverbial (menos frequente) que *contra* tinha em latim<sup>219</sup>. De facto, o advérbio *contra*, em latim, veiculava noções espaciais (defronte a, em frente de), presentes atualmente em alguns dos produtos prefixados por esta unidade lexical. Nestes casos, a acoplagem do prefixo faz com que a base passe a apresentar uma informação espacial, dando origem, com a sua acoplagem, a formações predominantemente endocêntricas (um *contra-terraço* é um *terraço construído ao lado de outro*; uma *contra-pilastra* é uma *pilastra construída à frente de outra*), assumindo, também aqui, o prefixo a função de modificador semântico.

No entanto, se exemplos como *contra-terraço* nos obrigam a matizar a semântica que comumente é aplicada ao prefixo *contra-* (a oposição), os exemplos ((i) *contra-muro*, *contra-fosso*, *contra-porca* e (ii) *contra-selo*, *contra-senha*) obrigam-nos a ir um pouco mais longe já que neles o prefixo não só ativa o valor da sucessividade, como pode ser responsável, com a sua acoplagem, pelo desenvolvimento de uma réplica de reforço ou infirmação do expresso pela base.

Nestes casos, claramente residuais e pouco prototípicos, o prefixo ativa o sentido de secundariedade/sucessividade aliado ao reforço e/ou à infirmação. De facto, porque um *contra-muro* é um *muro construído paralelamente e em oposição a outro* **para o reforçar**, verificamos que o produto apresenta uma especialização referencial, expressando uma semântica de reforço do expresso pela base (aliada, de forma muito ténue, à opositividade), o que faz com que, em termos de hierarquia, a entidade expressa pelo produto, seja denotacionalmente inferior ao denotado pela base. O produto designa pois algo espacialmente próximo do designado pela base, reforçando a sua funcionalidade<sup>220</sup>. Já em *contra-senha*, o prefixo, além da habitual posterioridade (neste caso temporal), ativa também a semântica da oposição e/ou do reforço, consolidada nestes casos através da designação de uma nova senha ou através da confirmação da senha já existente. De facto, se considerarmos que uma *contra-senha* é uma *palavra ou grupo de palavras que confirma uma senha (podendo ser igual ou diferente e se deve dizer para provar qualidade de comparsa ou aliado)*, facilmente constatamos que a

<sup>219</sup> Sublinhe-se, a este propósito, que, para Varela Ortega e Martín García, «una misma forma prefijal puede recubrir más de un significado» e, neste sentido, «los valores semánticos de un prefijo proceden de un único contenido significativo, generalmente de un valor de locación» (Varela Ortega e Martín García 1999: 5010).

<sup>220</sup> Como já referimos, esta semântica de reforço é visível sobretudo em linguagens de especialidade. Sublinhe-se também que esta semântica de reforço (aliada a da secundariedade) é muito comum quando o prefixo se acopla a um nome concreto que denote, sobretudo, qualquer tipo de construção artificial desencadeada pelo homem (*contra-muro*, *contra-fosso*, *contra-dique*, *contra-asa*, *contra-muralha*).

acoplagem do prefixo é responsável pela formação de um produto que não só é contíguo (neste caso temporalmente) ao denotado pela base, como também confirma (através da oposição ou não) o que nela é expresso.

A secundariedade/sucessividade afirma-se assim, também, como um valor apresentado por este prefixo, o que não deixa também de acontecer com os casos como os que apresentámos em (II-2.4.), em que a base (também aqui simples ou derivada não deverbal) denota uma profissão ou um ofício (*contra-mestre, contra-almirante, contra-chefe*). Neste caso, a acoplagem do prefixo vai ser responsável pelo desenvolvimento do sentido de inferioridade hierárquica (o *contra-mestre* é aquele que, numa organização hierárquica, tem uma *graduação inferior* ao mestre), isto é, aquele que é secundarizado<sup>221</sup> (em hierarquia e em função) relativamente ao seu superior (neste caso *o mestre*)<sup>222</sup>.

Não obstante a existência destes casos, claramente residuais, parece-nos pois que devemos considerar a oposição como o sentido por excelência deste elemento prefixal aliado, muito frequentemente, à secundariedade/sucessividade. De facto, como podemos ver em (2-8), o prefixo *contra-*, contribui, não raras vezes, com a sua acoplagem a uma base, para o desenvolvimento de uma semântica de oposição, associada a uma semântica de secundariedade/sucessividade já que instiga, no produto, a denotação de algo cuja ocorrência se situe no seguimento de denotado pela base, anulando-a ou opondo-se ao que é por ela expresso.

Pela observação de (II-2.8.), verificamos que o produto prefixado por *contra-* deve ser considerado como uma entidade “oposta” à base, com a qual estabelece uma relação de secundariedade/sucessividade (espacial e/ou temporal), podendo mesmo reforçar ou infirmar o que nela é expresso.

Neste sentido, o denotado pelo produto prefixado é frequentemente algo do mesmo tipo do denotado pela base e o prefixo assume uma função claramente modificadora, contribuindo assim, de uma forma geral, para a construção de formações endocêntricas (uma *contra-manifestação* é uma *segunda manifestação, oposta a outra*; um *contra-aviso* é um *segundo aviso, contrário a um primeiro*; um *contra-muro* é um *segundo muro, construído para reforçar um primeiro*).

---

<sup>221</sup> Lang (1990) dá conta desta relação como uma relação de subordinação (Lang 1990: 224)

<sup>222</sup> Como já referimos, nestes casos, o prefixo *contra-* pode ser considerado com a mesma aceção (e inclusivamente acoplado a uma mesma base) que o prefixo *sub-*. Veja-se, por exemplo, *contra-chefe* e *sub-chefe*.

(II-2.8.)

Informação semântica da base	Produto	
	Exemplo	sentido/valor do prefixo ativado no produto
.ocorrência temporalmente delimitada	contra-manifestação	.oposição
	contra-aviso	.secundariedade / sucessividade temporal
.entidade com extensão espacial e temporal . entidade dotada de movimento	contra-corrente	. orientação inversa
	contra-fluxo	. simultaneidade temporal e espacial . secundariedade / sucessividade epistemológica
. entidade com dimensão espacial . entidade estática	contra-curva	. oposição
	contra-terraço	. sucessividade / contiguidade espacial
. entidade com dimensão espacial e/ou temporal	contra-senha	. secundariedade / sucessividade espacial e/ou temporal
	contra-selo	
. profissão/ofício	contra-mestre	. secundariedade/sucessividade
	contra-almirante	(hierárquica e funcional)

Prefixo modificador

### 2.2.1. Síntese

Nesta secção vimos que o prefixo *contra-* se acopla preferencialmente a bases nominais, ativando, com a sua acoplagem, o valor de (i) oposição aliado à secundariedade/sucessividade (*contra-manifestação*, *contra-corrente*, *contra-curva*) mas também, quando acoplado a bases simples ou derivadas não deverbais e em casos residuais, (ii) à proximidade espacial (*contra-terraço*, *contra-margem*) e (iii) à instanciação de uma semântica de reforço (*contra-muro*) ou (iv) de infirmação (*contra-senha*) da base. Vimos também que, algumas vezes, o prefixo em análise se acopla a nomes de profissão ou ofício (*contra-mestre*), contribuindo, também nestes casos, para a instanciação do valor de secundariedade/sucessividade (em termos de hierarquia) do produto. A oposição (e, conseqüentemente, a secundariedade / sucessividade, já que o que se opõe a algo surge no seguimento de uma primeira ocorrência) parece-nos, pois, ser o valor de excelência deste elemento afixal que, com a sua acoplagem, é responsável, genericamente, pela construção de nomes endocêntricos, assumindo-se

eminentemente como um prefixo modificador, isto é, como um «prefijo que actua como modificador de la raíz, de manera que el significado del derivado corresponde a un tipo particular del de la base»<sup>223</sup> (Zwanenburg 1992).

### 2.3. Bases verbais

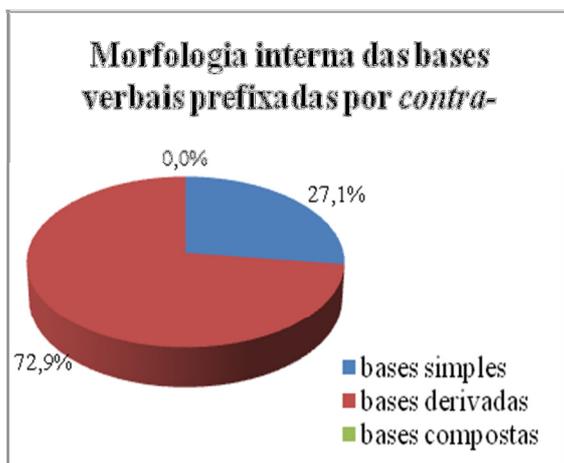
Como vimos em (II-G2.2.), o prefixo *contra-*, apesar de se acoplar a bases de diferentes categorias, «forms few adjectives and verbs» (Amiot 2005b:187), já que se acopla em apenas 30% dos casos a bases verbais e adjetivais (15,6% a bases verbais<sup>224</sup> e 14,5 % a bases adjetivais).

Pela observação de (II-G2.5.) e (II-G2.6.), podemos verificar que as 70 bases verbais prefixadas por *contra-* são maioritariamente (em cerca de 73%) derivadas e, de entre estas, 98% são denominais, o que desde logo nos deixa entrever que algumas das considerações que fizemos a propósito da acoplagem do prefixo a bases nominais deverão ser tidas em consideração na acoplagem de *contra-* a bases verbais (maioritariamente denominais).

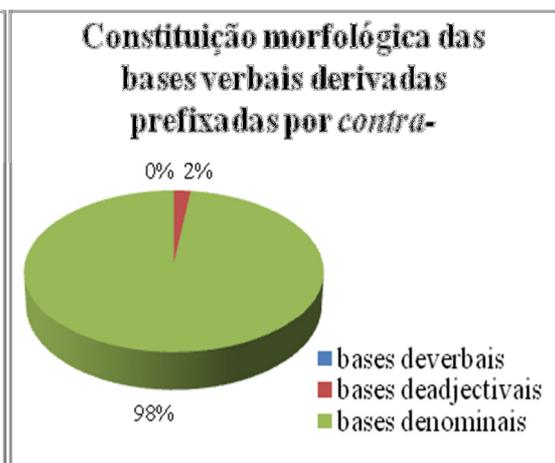
<sup>223</sup> Estes prefixos, também denominados de prefixos externos (Di Sciullo 1997) e de prefixos léxicos (Varela e Haouet 1996, 2001) opõem-se aos denominados prefixos internos (também denominados de prefixos funcionais ou prefixos preposicionais) e caracterizam-se por não afetarem a estrutura argumental nem o aspeto léxico do verbo base e atuarem como modificadores da raíz (o núcleo) a que se acoplam. É pois um prefixo que «como el adverbio, modifica un predicado, por lo cual se adjunta a bases verbales y a bases adjetivas para modificar, respetivamente, la acción o situación expresada en el verbo base o bien la propiedad denotada por el adjetivo o, en su caso, por el nombre» (Lluïsa Gràcia Solé *et al.* 2004:19), «hereda la estructura argumental de la base, no altera la dimensión aspectual de la base y tenga la facultad de modificar el significado de la base» (Varela Ortega e Martín García 1999). Neste caso, o valor do prefixo é intransitivo e interpreta-se como um modificador, sendo o núcleo a base à qual o prefixo se acopla. O prefixo atua pois como modificador da base e o significado do derivado vai corresponder a um tipo particular do significado expresso pela base. O núcleo, nestes casos, é a base e por isso a estrutura destes produtos é a de modificador-núcleo (Zwanenburg 1992).  
Sublinhe-se que o que faz deste prefixo um prefixo eminentemente modificador é precisamente o facto de ele ativar, com a sua acoplagem, o valor de oposição (aliada à secundariedade). De facto, conforme defende Dal (2001), «s'il [le dérivé] réfère à une réplique à/de ce que designe la base nominale, un dérivé en *contre-* est un hyponyme ou cohyponyme de sa base, donc, est du même type catégoriel qu'elle» (Dal 2001).

<sup>224</sup> A este propósito, Martín García (1996) afirma que «el prefijo *contra-* subcategoriza bases nominales y, com menos frecuencia, bases verbales» (Martín Garcia 1996: 143).

(II-G2.5.)



(II-G2.6.)



À semelhança do que se verifica com as bases nominais prefixadas por *contra-*, também as ações denotadas pelas bases verbais prefixadas por este elemento se referem a ações que pressupõem uma ação anterior oposta, o que corrobora a oposição como um dos valores semânticos de excelência ativado por este prefixo, aliado à secundariedade/sucessividade<sup>225</sup>. De facto, a ação expressa pela base verbal prefixada por *contra-* tem sempre lugar no seguimento de outra (II-2.9.)<sup>226</sup>, com a qual estabelece geralmente uma relação de oposição e sucessividade ((a) a (i)) ou, em casos menos prototípicos, de sucessividade com reforço (j)<sup>227</sup>.

<sup>225</sup> Como já referimos anteriormente, Guilbert (1971) considera que «la construction préfixale à laquelle il [le préfixe *contre-*] donne lieu implique deux phases sous-jacentes, dont l'une exprime un procès antérieur et l'autre une action postérieure en réplique» (Guilbert 1971: LIV).

<sup>226</sup> Montero Curiel (2001), a este respeito, afirma que «en muchos casos, además de los valores opositivo-contrariativo o aminorativo se advierte un matiz locativo e incluye un valor temporal, en el sentido de 'actuar después de (base)» (Montero Curiel 2001: 361).

<sup>227</sup> Refira-se, a este propósito, que Martín García (1996) afirma que «el prefijo *contra-*, con el valor semántico de anulación de la base', puede unirse a bases verbales. En estos casos, se trata de realizar la acción de la base una segunda vez para anular los efectos o consecuencias de la acción primera» (Martín García 1996: 143), o que permite, segundo a autora, inserir este prefixo no grupo dos prefixos iterativos. Afirma a autora que «los verbos documentados con este prefijo señalan una acción que tiene como objetivo anular los resultados alcanzados con la acción indicada en la base (*contraatacar*, *contraindicar*), dado que si X contraataca a Y, Y previamente ha atacado a X. El valor de oposición de *contra-* supone la existencia de una acción anterior y, en consecuencia, puede considerarse que el prefijo en cuestión indica la repetición por segunda vez de la acción (cf. iteración)» (Varela Ortega e Martín García 1999: 5020-5021).

(II-2.9.)

- a) contra-atacar: atacar **depois de** ter sido atacado<sup>228</sup>;
- b) contra-ofertar: apresentar **segunda** oferta, com vista a anular a primeira;
- c) contra-cunhar: cunhar **novamente** uma moeda, pondo outro cunho por cima do primeiro, anulando-o;
- d) contra-anunciar: dar notícia ou aviso **oposto** ao comunicado **anteriormente**;
- e) contra-declarar: declarar o **contrário** do que se tinha declarado;
- f) contra-indicar: dar uma informação ou indicação **contrária** à **anteriormente** dada;
- g) contra-mandar: dar ordem contrária à **primeira, anulando-a**;
- h) contra-manobrar: fazer manobra que se opõe à do inimigo para atenuar ou **anular** os seus efeitos;
- i) contra-ordenar: dar ordem contrária à que fora dada **anteriormente, anulando-a**;
- j) contra-selar: pôr um **segundo** selo em<sup>229</sup>.

Verificamos, pois, que as bases verbais prefixadas por *contra-* pressupõem uma ação anterior<sup>230</sup>, similar à expressa pelo produto derivado e com a qual este se relaciona geralmente em termos de opositividade aliada a uma sucessividade temporal e/ou espacial,<sup>231</sup> sentidos que, como já referimos, foram herdados da preposição latina *contra*.

Da observação dos elementos do *corpus*, podemos verificar que as bases verbais prefixadas por *contra-* que denotam processos télicos, acabados, são verbos de *accomplishments*, com uma estrutura temporal interna heterogénea. Além disso, como é

---

<sup>228</sup> Veja-se aqui a polissemia existente entre *contra-* e *pós-*, o que corrobora a secundariedade como valor a ter em conta no prefixo em análise.

<sup>229</sup> Cf. nota anterior.

<sup>230</sup> A este respeito, García-Medall afirma que a acoplagem do prefixo *contra-* a uma base verbal «implica el resultado previo de la acción denotada por la base» (García Medall 1994: 81-82).

<sup>231</sup> Sublinhe-se que, à semelhança do que referimos a propósito da acoplagem do prefixo *contra-* a bases nominais deverbais, quando este prefixo se acopla a uma base verbal simples, o sentido ativado é genericamente o da oposição ou anulação. De facto, pela análise dos elementos nosso *corpus* verificamos que o sentido da sucessividade ou da sucessividade com reforço é ativado, genericamente, apenas quando o prefixo se acopla a bases não (de)verbais, isto é, no caso dos nomes, a bases nominais simples ou derivadas denominais e, no caso dos verbos, a bases verbais derivadas denominais.

visível em (II-2.10.) e em (II-2.11.), a maior parte das bases verbais apresenta uma estrutura argumental diádica, tendo um argumento externo com o papel temático de agente e um argumento interno, geralmente OD, com o papel temático de tema (II-2.10.), podendo este, contudo, estar omissivo, havendo a expressão de um OBL com o papel de instrumento, conforme é visível em (II-2.11.).

(II-2.10.)

A comissão política do CDS-PP **contra-ataca** o PSD ao afirmar que ...

Jardim descobre «nova cabala» e **contra-ataca** a RTP.

Os norte-americanos rejeitam esta ideia e **contra-argumentam** que tal sistema não existe como regra.

Os socialistas **contra-argumentam** que esse calendário só foi possível pela redução...

Vivien **contra-propôs** que a mãe dela o adotasse.

Para a DRARN, que **contra-ordenou** quer a Pressão, quer a Parque Expo, quer o proprietário da pedreira, a primeira prioridade agora é descontaminar a zona de Ourém.

(II-2.11.)

Os que tinham descido para ir a pé **contra-atacavam** com água e terra.

Não obstante as distintas estruturas argumentais ativadas pelas bases verbais prefixadas por *contra-*, podemos concluir que estas são, genericamente, bases transitivas<sup>232</sup>, que apresentam como argumento externo um agente detentor, de uma forma geral, do traço [+ humano] e submetidas ao seguinte esquema:

(i) SU *contra-V* (OD)/(OBL)

---

<sup>232</sup> No mesmo sentido, Montero Curiel (2001) afirma que «casi todos [los verbos] pertenecen a la primera conjugación y además dominan los verbos transitivos» (Montero Curiel 2001: 359).

Além disso, pela observação de (II-2.12.), podemos verificar que a acoplagem do prefixo pode não provocar, geralmente, alteração da estrutura argumental da base verbal.

(II-2.12.)

A comissão política do CDS-PP (**contra-)**ataca o PSD ao afirmar que...

Os norte-americanos rejeitam esta ideia e (**contra-)**argumentam que tal sistema não existe como regra.

Vivien (**contra-)**propôs que a mãe dela o adotasse.

Os que tinham descido para ir a pé (**contra-)**atacavam com água e terra.

Campos (**contra-)**reagiu e acusou o seu interlocutor de «representar interesses laterais ao setor agrícola».

O diminuto grupo de apoiantes políticos de Peres (**contra-)**acusa o principal candidato na corrida para a liderança do Labour, Ehud Barak, de que a sua vigorosa rejeição de uma opção de unidade é motivada pelas suas próprias considerações pessoais / políticas.

Desta forma, sendo a oposição, aliada à secundariedade / sucessividade do expresso pela base, um valor frequente do prefixo, verificamos, pela análise do nosso *corpus*, que a acoplagem do prefixo a uma base verbal introduz uma informação acessória, consolidada através de uma «acción oposada, retaliatória o complementaria»<sup>233</sup> (Gràcia Solé *et al.* 2004), designando uma ação similar à designada pela base e introduzindo uma informação semântica não obrigatória. O prefixo *contra-* deverá assim ser considerado um prefixo modificador.

### 2.3.1. Síntese

Nesta secção, vimos que, não obstante a diminuta representatividade de bases verbais prefixadas por *contra-*, este prefixo acopla-se a bases verbais (sobretudo derivadas denominais) ativando, com a sua acoplagem, o valor de oposição decorrente

---

<sup>233</sup> A este propósito Martín García (1996) afirma que «las formaciones con *contra-* denotan un nombre o una acción de la misma naturaleza de la base pero de signo opuesto con el fin de anular el contenido semántico da la base» (Martín García 1996: 143).

do valor de secundariedade/sucessividade do expresso pela base já que pressupõe sempre a realização de uma ação anterior. Desta forma, base e produto expressam ações similares, estabelecendo-se entre elas, com a acoplagem do prefixo à base verbal, um obrigatório elo de sucessividade aliado (i) à oposição ou mesmo (ii) à anulação da ação expressa pela base ou ainda, em casos residuais, (iii) ao reforço<sup>234</sup>. Vimos também que, genericamente, o prefixo seleciona bases eventivas de *accomplishments*, denotadoras de ações télicas e que apresentam, na generalidade, uma estrutura argumental diádica, composta por um argumento externo agente, portador do traço [+ humano] e por um argumento interno (genericamente OD), tema da ação verbal. A acoplagem do prefixo a uma base verbal introduz uma informação semântica acessória, o que faz dele um prefixo eminentemente modificador.

#### 2.4. Bases adjetivais

Pela visualização de (II-G2.2.), percebemos que a acoplagem do prefixo *contra-* a bases adjetivais é um processo pouco representativo em português. De facto, e tal como em francês (Amiot 2004a:73), de entre as 65 bases adjetivais às quais o prefixo *contra-* se acopla, cerca de 94% são bases derivadas (II-G2.7.) e, destas, cerca de 75% concernem a bases deverbais (II-G2.8.), o que nos deixa entrever que o sentido de excelência ativado pela acoplagem do prefixo a bases adjetivais será o da oposição ou anulação do expresso pela base<sup>235</sup>, aliada, também aqui, como já referimos anteriormente, à secundariedade/sucessividade.

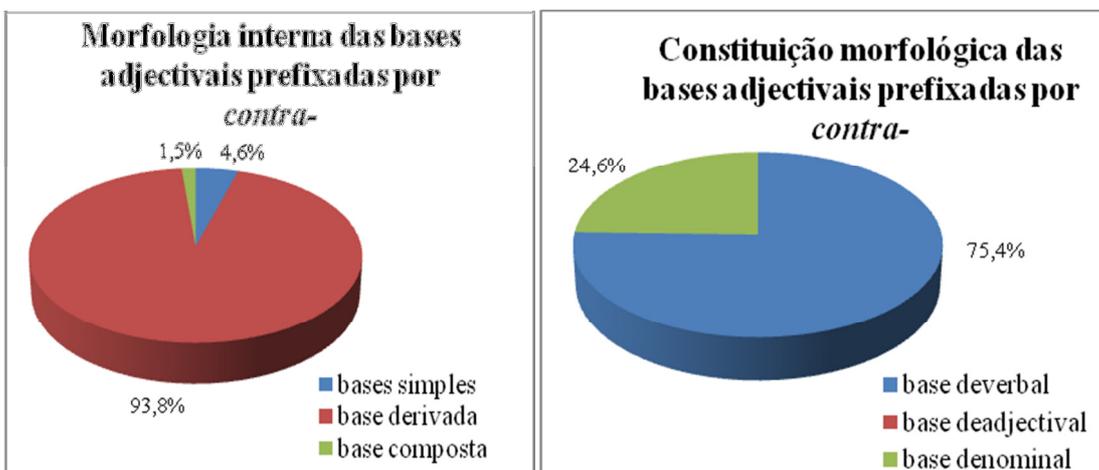
---

<sup>234</sup> Note-se que esta aceção só é desenvolvida quando o prefixo se acopla a bases verbais derivadas denominais. De facto, conforme já referimos anteriormente, o sentido desenvolvido pelo prefixo quando acoplado a bases verbais simples é o da secundariedade, aliada à oposição ou à anulação do expresso pela base.

<sup>235</sup> Relembremos, a este respeito, que o prefixo *contra-*, quando acoplado a bases (de)verbais (isto é, a bases verbais simples ou a bases derivadas deverbais) ativa, genericamente, o sentido de oposição ou anulação do expresso pela base. Os restantes sentidos ativados pelo prefixo quando acoplado a uma base (a proximidade espacial, o reforço, a hierarquia inferior ou a infirmação do expresso pela base) são ativados apenas quando o prefixo se acopla a bases (de)nominais, isto é, a bases nominais simples ou derivadas denominais e a bases verbais denominais, que, contudo, podem também ativar o sentido da oposição ou anulação do expresso pela base.

(II-G2.7.)

(II-G2.8.)



De facto, se considerarmos (II-2.13.), em que as bases derivadas deverbais são exemplares agentivos (II-2.13 (a)) ou adjetivos participiais (2.13 (b)), verificamos que, em todos eles, a acoplagem do prefixo à base adjetiva deverbais confere o sentido de (i) oposição ou de (ii) anulação do expresso pela base que, como já mencionámos, é o sentido de excelência ativado quando o prefixo se acopla a bases (de)verbais, associada a uma secundariedade/sucessividade conceptual.

(II-2.13.)

(II-2.13 (a))

- (i) *contra*-producente: que produz efeitos **contrários**;
- (ii) *contra*-estimulante: aquele que reduz ou **anula** a estimulação;
- contra*-manifestante: pessoa que se *contra*-manifesta, isto é que faz parte de uma *contra*-manifestação (manifestação cujo objetivo é **anular** ou **neutralizar** os efeitos de outra);

(II-2.13 (b))

- (i) *contra*-indicado: que se **opõe** ao indicado anteriormente;

contra-ordenado: particípio passado de contra-ordenar (dar ordem **contrária** à que fora dada anteriormente);

(ii) contra-mandado: mandado que **anula** o mandado anterior;

Já no que concerne à acoplagem do prefixo a bases adjetivas denominais (II-2.14.), verificamos que todos os exemplos do nosso *corpus* dizem respeito a adjetivos relacionais<sup>236</sup>, denotando o produto sentidos como (i) a oposição (sentido mais representativo) e , em casos mais residuais, (ii) a opositividade espacial, (iii) o reforço/a infirmação ou (iv) a hierarquia, sentidos esses que são espoletados, como já referimos, apenas com a acoplagem do prefixo a bases não (de)verbais, sejam bases adjetivais simples ou bases derivadas denominais.

(II-2.14.)

(i) contra-cultural: relativa a contra-cultura (conjunto de comportamentos ou manifestações culturais que tem por objetivo **opor-se** aos valores socialmente dominantes);

contra-habitual: que se **opõe** ao que é hábito;

contra-natural: que é **contrário** à natureza ou à ordem natural;

(ii) contra-final: diz-se de fonema/sílaba que é penúltima (está **antes do** final) numa palavra proparoxítona;

(iii) contra-palado: diz-se do escudo em que uma pala **reforça** uma pala oposta, com diferente esmalte e cor;

contra-tónico: sílaba ou vogal que recebe o acento **secundário**, tendo uma importância **inferior** à sílaba tónica;

<sup>236</sup> À semelhança do que já referimos relativamente à análise do prefixo *co-* acoplado a bases adjetivais (cf. secção 1.5. do presente capítulo), a acoplagem de alguns prefixos a bases adjetivas denominais (sobretudo adjetivos relacionais) obriga-nos a equacionar a problemática do claro desajuste entre a estrutura morfológica e a interpretação semântica do adjetivo derivado, já que neles o prefixo se acopla, do ponto de vista morfológico, a um adjetivo, patenteando, contudo, do ponto de vista semântico, a sua ligação ao substantivo de base (*contra-habitual: que se opõe ao que é hábito*). Como referem Varela Ortega e Martín García (1999), nestes produtos «el prefijo tiene abarque semántico sobre el elemento simple pero se une formalmente al complejo derivado (estructura semántica: antigripe + al; estructura formal: anti + gripal)» (Varela Ortega e Martín García 1999: 4998). Desta forma, se formalmente temos na base um adjetivo denominal (*habitual*) ao qual se acopla o prefixo *contra-*, semanticamente este prefixo exerce a sua influência significativa sobre o elemento nominal já que *contra-habitual* será *algo que se opõe ao que é o hábito*. Verificamos assim que, em produtos deste tipo, estrutura formal (a) e estrutura semântica (b) não são coincidentes, como podemos observar em (II-2.15.).

(II-2.15.)

(a) [ contra- [ [ hábito ] N al ] A ] A

(b) [ [ contra- [ hábito ] N ] N al ] A

Pela observação de (II-2.13.) e de (II-2.14.), verificamos pois que as bases adjetivas prefixadas por *contra-* traduzem, também elas, o valor que temos vindo a defender como um dos valores de excelência deste prefixo: a oposição, aliada à secundariedade/sucessividade. De facto, de entre os sentidos ativados, destacamos, como sentido prototípico, no caso das bases adjetivas deverbais<sup>237</sup> (II-2.13.), a oposição ou a anulação do expresso pela base e, no caso das bases adjetivas denominais (II-2.14.)<sup>238</sup>, a oposição/anulação do expresso pela base. Sublinhamos também, neste último caso e ainda que de forma bastante mais residual, a existência de sentidos como a oposição espacial, o reforço, a infirmação ou a hierarquia. Deste modo, porque o produto denota genericamente algo do mesmo tipo da base, mantendo com ela uma relação de oposição (aliada frequentemente à secundariedade/sucessividade), verificamos que, também aqui, a acoplagem do prefixo introduz uma informação semântica não obrigatória, o que faz deste elemento, também nestes casos, um prefixo eminentemente modificador.

### 2.4.1. Síntese

Nesta secção, vimos que o prefixo *contra-* é pouco produtivo acoplado a bases adjetivais, às quais se adjunta em apenas 14,5% dos casos. Em português, este prefixo acopla-se sobretudo a bases adjetivais derivadas, ativando como sentido basilar a

---

<sup>237</sup> Sublinhe-se que as bases adjetivas deverbais prefixadas por *contra-*, ainda que ocorram maioritariamente em contexto predicativo, podem ocorrer quer em contexto atributivo (II-2.16.) quer em contexto predicativo (II-2.17.).

(II-2.16.) Segundo o Sindicato dos Enfermeiros da Zona Norte, trata-se de um procedimento **contra-indicado** e altamente perigoso.

(II-2.17.) A verdade é que se sabe muito pouco sobre o Ecstasy, a não ser que é **contra-indicado** a pessoas que sofram do coração ou de doenças genitais urinárias.

Para estas crianças, com epilepsia fotossensível comprovada, estes jogos estão **contra-indicados**.

<sup>238</sup> Sublinhe-se que as bases adjetivas denominais, ainda que, à semelhança das bases adjetivas deverbais, possam aparentemente ocorrer quer em contexto atributivo, quer em contexto predicativo, ocorrem, na base de dados da Linguateca, apenas em contexto atributivo (II-2.18.).

(II-2.18.) Se olharmos para os movimentos da França nos anos 70, há uma dimensão **contra-cultural**, digamos assim, muito forte.

Carlos Pessoa Legenda: «El Víbora»: 15 anos de BD **contra-cultural**.

Face à afirmação de uma marginalidade **contra-cultural**, não sobram muitas razões para continuar alheado do conteúdo deste excelente magazine.

oposição (fazendo com que o denotado pelo produto pressuponha sempre secundariedade/sucessividade espacial e/ou temporal face a algo denotado pela base). No que diz respeito às bases adjetivais às quais o prefixo se acopla, estas são maioritariamente deverbais e, com a acoplagem do prefixo, ocorrem geralmente em contexto predicativo, denotando a oposição aliada à secundariedade/sucessividade do expresso pela base. Relativamente às bases adjetivais denominais, vimos que estas, com a acoplagem do prefixo *contra-*, apresentam um claro desajuste entre a sua estrutura formal e a sua estrutura semântica e ocorrem quase exclusivamente em contexto atributivo, ativando-se no produto o sentido da (i) oposição ao expresso pela base, aliado por vezes, e em casos residuais, (ii) à espacialidade, (iii) ao reforço/ infirmação ou (iv) à hierarquia. Não obstante os diferentes contextos de ocorrência e os distintos sentidos ativados na acoplagem do prefixo a uma base adjetival, vimos também que o prefixo *contra-*, quando concatenado a uma base adjetival (deverbal ou denominal), introduz uma informação semântica acessória, assumindo-se como um prefixo eminentemente modificador.

## 2.5. Conclusões

Neste capítulo, dedicado ao estudo da formação de palavras mediante o prefixo *contra-*, vimos que este é um dos prefixos mais produtivos do português, acoplando-se de forma produtiva a nomes (69,7%), a verbos (15,6%) e a adjetivos (14,5%) e ativando, com a sua adjunção, o sentido da oposição e da secundariedade/sucessividade.

No que diz respeito à acoplagem deste prefixo a bases nominais, vimos que, neste processo, decorrente do sentido adversativo da preposição *contra* com a qual o prefixo se relaciona diacronicamente, a acoplagem deste prefixo a bases nominais simples denota também uma relação de posterioridade/sucessividade que propiciará o desenvolvimento do sentido de excelência deste elemento prefixal: a oposição (aliada frequentemente à secundariedade/sucessividade expressa, em alguns casos, a nível temporal e/ou espacial e, noutros casos, a nível nocional). Desta forma, a acoplagem do prefixo *contra-* a uma base nominal simples ativará no produto (i) uma semântica de oposição (efetivamente, um produto prefixado por *contra-* denota genericamente algo oposto ao designado pela base – *contra-manifestação*, *contra-aviso*), aliada

residualmente (ii) à oposição espacial (*contra-margem*) e (iii) à inferioridade hierárquica (*contra-mestre*)<sup>239</sup>. A acoplagem do prefixo será então responsável pela formação de um produto considerado como uma entidade “oposta” (muitas vezes segunda) relativamente à base, com a qual se relacionará em termos nocionais e, em alguns casos, funcionais, o que fará do produto, salvo algumas exceções, uma formação eminentemente endocêntrica<sup>240</sup>. Neste contexto, porque o prefixo apenas confere à base uma informação semântica acessória (à semelhança do que acontecerá com as bases verbais e adjetivais), consideramos, na senda de Kampers-Mahne (2001), que este elemento se apresenta como um prefixo eminentemente modificador.

No que concerne à acoplagem do prefixo a bases nominais deverbais, vimos que estas são genericamente instanciadoras de *nomina-actionis* (*contra-declaração*, *contra-manifestação*) e que, neste processo, o prefixo, à semelhança do que acontece quando acoplado a bases verbais simples e a bases adjetivas deverbais, desenvolve o sentido de oposição/anulação do expresso pela base aliado à secundariedade/sucessividade. Neste caso, a acoplagem do prefixo é responsável pela formação de construções endocêntricas, nas quais o prefixo se assume, aqui também, como um elemento eminentemente modificador.

No que diz respeito às bases verbais e adjetivais selecionadas pelo prefixo, verificámos que, não obstante o sentido de secundariedade/sucessividade ativado pela acoplagem do prefixo a uma destas bases, a estrutura interna das mesmas ((de)nominais ou não) parece ser decisiva na instanciação de outros sentidos. De facto, se o desenvolvimento da semântica de oposição/anulação do expresso pela base se verificou em praticamente todo o tipo de bases (verbais e adjetivais, simples ou derivadas), da análise dos elementos nosso *corpus* verificámos que sentidos que denotam uma maior concretude (como a oposição temporal/espacial, a réplica de reforço, a inferioridade hierárquica e a infirmação do denotado pela base) são desenvolvidos apenas quando o prefixo se acopla a uma base derivada denominal (*contra-ofertar*, *contra-selar*, *contra-*

---

<sup>239</sup> Como veremos, esta especialização de sentido do prefixo (que se distancia, em alguns casos, do sentido de oposição herdado da preposição latina *contra*) é um dos critérios que, aliado à autonomia formal do prefixo em causa (cf. *Ser do contra. Os prós e os contras*), faz com que alguns autores problematizem a inserção dos produtos prefixados por *contra-* nos processos derivacionais ou composicionais de formação de palavras. Veja-se Amiot (2004a) e Kornfeld (2006). A este propósito, veja-se o capítulo III da presente tese.

<sup>240</sup> A este propósito, relativamente a *contre-culture*, afirma Kampers-Manhe que, neste caso, «[le préfixe] n’a pas le statut de tête puisque le composé désigne une sous-classe du référent de l’élément de droite: une *contre-culture* est une sorte de culture» (Kampers-Manhe 2001: 102).

*-final, contra-palado*), ficando reservado para as bases verbais simples ou adjetivas deverbais apenas o sentido da oposição/anulação do expresso pela base (*contra-mandar, contra-indicar, contra-producente, contra-manifestante, contra-ordenado*).

No que concerne especificamente às bases verbais prefixadas por *contra-*, verificámos que estas são maioritariamente derivadas denominais (instanciando assim a oposição/anulação da base aliada quer à secundariedade/sucessividade, quer à instanciamento de outros sentidos que denotam um maior grau de concretude), denotando processos que se apresentam, na generalidade, processos télicos, portadores, maioritariamente, de uma estrutura argumental diádica, composta por um argumento externo agente [+humano] e por um argumento interno OD, tema da ação verbal. Também neste caso, o prefixo assumiu uma função eminentemente modificadora, introduzindo uma informação semântica acessória (no sentido de não obrigatória) responsável pelo facto de o produto prefixado denotar, na generalidade, uma ação similar à expressa pela base.

No que diz respeito às bases adjetivais prefixadas por *contra-*, vimos que, apesar da pouca representatividade do processo (representado em apenas 14,5% dos casos), o prefixo em análise acopla-se predominantemente a bases derivadas deverbais ativando por isso, predominantemente, a oposição/anulação aliada à secundariedade / sucessividade relativamente ao expresso pela base (*contra-producente, contra-indicado*). Pelo contrário, quando acoplado a bases adjetivas denominais (*contra-cultural*<sup>241</sup>, *contra-palado, contra-tónico*), o prefixo, desenvolve, a par da semântica da oposição/anulação do expresso pela base, sentidos como a oposição espacial, o reforço, a infirmação ou a hierarquia, sentidos que, como referimos, são residuais e espoletados apenas com a acoplagem do prefixo a bases derivadas não deverbais, acoplagem essa que adiciona à base uma simples modificação semântica, o que faz deste prefixo, também nestes casos, um prefixo modificador já que modifica a propriedade denotada

---

<sup>241</sup> Sublinhe-se que, para alguns autores, o prefixo *contra-*, quando acoplado a uma base adjetiva relacional, assume uma «funzione análoga al più usato *anti-*» (Iacobini 2004: 143), havendo mesmo alguns casos de coincidência, em que a mesma base é prefixada pelos dois prefixos. Note-se contudo que, apesar da aparente similitude semântica, alguns autores defendem que «*counter-* and *anti-* have somewhat different bases, but they both share nominal bases, and where they do, they are not synonyms; they contrast in meaning. *Counter-* refers to an action or event in reponse to another action or event, whereas *anti-* is typically used in order to prevent some action. Consider the difference between *counterdemonstration* and *antidemonstration*. A *counterdemonstration* takes place in response to some prior *demonstration*. *Antidemonstration* is not an event, but possibly an attitude or ideology opposing demonstrations. Or try to imagine the difference between an *antibacterial drug* and a *conterbacterial drug*. The first is likely to be preventive, while the latter is likely to be remedial» (Lehrer 1995: 139).

pelo adjetivo, herdando a estrutura argumental e não alterando a dimensão aspetual da base.

(II-2.19.)

		<b>Sentido do prefixo: oposição e...</b>	<b>Função do prefixo</b>	<b>Classificação do prefixo</b>
<b>nomes</b>	contra-manifestação	oposição	modificação semântica	prefixo modificador
	contra-curva	proximidade espacial oposta		
	contra-chefe	inferioridade hierárquica		
	contra-senha	segunda ocorrência da base (anulação ou infirmação)		
<b>verbos</b>	contra-atacar	oposição		
	contra-manobrar	oposição/anulação		
	contra-selar	sucessividade com reforço		
<b>adjetivos</b>	contra-cultural	oposição		
	contra-provado	oposição/anulação		
	contra-tónico	hierarquia		

### 3. Os prefixos *entre-*/*inter-*

O prefixo *entre-* tem origem na preposição latina *inter* e acopla-se, em português, a nomes, verbos e adjetivos para expressar (II-3.1.) a posição intermédia (no espaço e no tempo), (II-3.2.) o grau atenuado e a (II-3.3.) a reciprocidade.

(II-3.1.)	(II-3.2.)	(II-3.3.)
entre-linha	entre-aberto	entre-ajuda
entre-acto	entre-luzir	entre-cruzar-se
entre-cutâneo		

#### 3.1. *entre-* vs *inter-*: um mesmo prefixo ou dois prefixos distintos?

Tendo em conta que o prefixo *entre-* é originário da preposição latina *inter* e que, em português, o prefixo *inter-* é, também ele, um prefixo produtivo na atual fase da língua, uma questão primeira é a de saber se *entre-* e *inter-*, por terem origem na mesma preposição latina, serão variantes de um mesmo prefixo ou, pelo contrário, se serão prefixos distintos.

Entre os autores que defendem a hipótese de que *inter-* e *entre-* são variantes de um mesmo morfema, assinalamos Quilis (1970), Lang (1990b) e García-Medall (1993) que defendem, genericamente, que o prefixo *inter-* possui o valor semântico de ‘situação intermédia’, apresentando dois alomorfos: (i) o alomorfo culto *inter* e (ii) o alomorfo popular *entre*. Numa linha ligeiramente diferente, Varela Ortega e Martín García (1999: 5015) consideram que o prefixo *inter-* é uma variante do prefixo *entre-*, apresentando ambos «el significado general de intercalación ‘en médio de, entre’» (Varela Ortega e Martín García 1999: 5015).

Não obstante a etimologia comum destes prefixos, parece-nos, à semelhança do defendido por Rainer (1993) e Feliu Arquiola (2003a), que *inter-* e *entre-* devem ser considerados de forma independente pois, (i) pela distribuição morfológica distinta e (ii) pelos valores semânticos diferenciados, funcionam como prefixos distintos. Efetivamente, como é visível em (II-3.4.), *entre-* e *inter-* apresentam tendências de

acoplagem distintas, ativando, com a sua concatenação, valores semânticos diferenciados.

(II-3.4.)

Base a que o prefixo se acopla		Valor instanciado pela acoplagem do prefixo	
		<i>Entre-</i>	<i>Inter-</i>
Base verbal	simples	gradação ( <i>entre-abrir</i> ) reciprocidade ( <i>entre-bater-se</i> )	reciprocidade ( <i>inter-depender</i> )
	derivada	localização ( <i>entre-folhar</i> ) reciprocidade ( <i>entre-beijar-se</i> )	localização ( <i>inter-folhear</i> ) reciprocidade ( <i>inter-laçar</i> )
Base nominal	simples	localização ( <i>entre-dedo</i> )	localização ( <i>inter-glúteo</i> ) reciprocidade ( <i>inter-ajuda</i> )
		gradação ( <i>entre-casa</i> )	
		reciprocidade ( <i>entre-ajuda</i> )	
	derivada	localização ( <i>entre-linhadura</i> ) reciprocidade ( <i>entre-conhecimento</i> )	reciprocidade ( <i>inter-relacionamento</i> )
Base adjetival	simples	gradação ( <i>entre-maduro</i> )	reciprocidade ( <i>inter-ético</i> )
	derivada	localização ( <i>entre-cutâneo</i> )	localização ( <i>inter-alveolar</i> )
		gradação ( <i>entre-fechado</i> ) reciprocidade ( <i>entre-amados</i> )	reciprocidade ( <i>inter-departmental</i> )

De facto, apesar de, atualmente, existirem alguns (raros) casos em que uma mesma base é prefixada quer por *entre-*, quer por *inter-* (*entre-cutâneo / inter-cutâneo*, *entre-linha / inter-linha*, *entre-posição / inter-posição*, *entre-texto / inter-texto*)<sup>242</sup>, verificamos que, na generalidade, a acoplagem de *entre-* e *inter-* a uma base obedece a requisitos morfo-semânticos próprios, o que faz com que casos como os mencionados não sejam prototípicos na fase atual da língua.

Originários de uma mesma preposição latina, *entre-* e *inter-*, ainda que subsidiários da semântica locativa originária da preposição *inter*, evoluíram semanticamente, adquirindo matizes semânticos próprios. Esta especialização e evolução semântica dos prefixos é algo comum já que os valores semânticos de um prefixo procedem de um

<sup>242</sup> Relativamente aos casos em que uma mesma base pode ser prefixada quer por *entre-*, quer por *inter-*, Felú Arquiola (2003a), com base em casos como *interdecir/entrededir*, *interlunio/entrelunio*, *intermedio/entremedio*, *interpelar/entrepelar*, *interponer/entreponer*, refere que «estas piezas léxicas proceden directamente del latín, lo que explica la aparente distribución libre de *inter-* y *entre-*». Continua a autora dizendo que «se trata de dobles, esto es, palabras que presentan un grado de evolución distinto respecto de una misma forma latina. Junto a este hecho, resulta evidente que muchas de estas formaciones carecen de un significado composicional. (...) Finalmente, hay que destacar que, en muchos casos, uno de los miembros del par prácticamente no se emplea en español actual» (Felú Arquiola 2003a: 192).

único conteúdo significativo, relacionado, geralmente, com a localização<sup>243</sup>. A formação de palavras por prefixação apresenta, desta forma, «una tendencia a la pérdida progresiva de las relaciones de locación y a la especialización de los prefijos com otros significados derivados de las nociones espaciales» (Varela Ortega e Martín García 1999: 5011). *Entre-* e *inter-* não são, pois, exceção. Originários de uma preposição eminentemente locativa, os dois prefixos evoluíram semanticamente, passando a designar, no caso de *entre-*, (II-3.5.) quer a posição intermédia entre duas unidades (valor originário locativo), (II-3.6.) quer o grau intermédio de uma propriedade/ação, (II-3.7.) quer uma relação recíproca.

(II-3.5.)	(II-3.6.)	(II-3.7.)
entre-dedo	entre-aparecer	entre-ajuda
entre-mesa	entre-aberto	entre-beijar-se
entre-passar	entre-hostil	
entre-montano		

Já o prefixo *inter-*, apesar de apresentar (II-3.8.) uma semântica locativa (originária da preposição latina homóloga), especializou-se na expressão de uma relação recíproca (II-3.9.).

(II-3.8.)	(II-3.9.)
inter-título	inter-comunicação
inter-espacejar	inter-relacionarse
inter-consonântico	inter-departamental

A especialização semântica de *entre-* e *inter-* é responsável pela distinta distribuição destes prefixos. Deste modo, como veremos, o prefixo *entre-* combina-se sobretudo (i) com substantivos quando expressa a posição intermédia no espaço e no tempo (*entre-*

<sup>243</sup> A este propósito, e relativamente ao prefixo *entre-*, também Rodríguez Ponce (2002a: 178-179) afirma que «como en tantos otros prefijos analizados, el dominio semántico espacial comienza por ampliarse a lo temporal, y de ahí a la valoración de objetos, calidades y acciones».

*dedo, entre-acto, entre-mesa*) e (ii) com adjetivos e verbos quando tem valor gradativo (*entre-aberto, entre-aparecer*), podendo, contudo, ainda que de forma menos produtiva que *inter-*, (iii) expressar uma relação de reciprocidade (sobretudo quando acoplado a verbos, como em *entre-bater-se*). Já o prefixo *inter-* expressa preferencialmente (i) o estabelecimento de uma relação de reciprocidade entre os membros de uma pluralidade, quando unido a adjetivos relacionais (*interdepartamental*) e a bases (de)verbais (*inter-relacionar-se, inter-comunicação, inter-relacionado*). Este prefixo pode também adquirir (ii) uma significação locativa, sobretudo quando acoplado a bases (de)nominais (*inter-glúteo, inter-alveolar*).

Vimos pois que *entre-* e *inter-*, apesar de oriundos da mesma preposição latina, não apresentam exatamente os mesmos valores semânticos e, apesar de haver alguma coincidência, esta é distribuída, tendencialmente, de modo formalmente distinto, conforme esquematizamos em (II-3.10.).

(II-3.10)

	<b>ENTRE-</b>	<b>INTER-</b>
<b>a) valor locativo</b>	. + nomes ( <i>entre-dedo, entre-mesa</i> ); . + verbos ( <i>entre-passar</i> );	. + adjetivos relacionais ( <i>inter-alveolar</i> );
<b>b) valor gradativo</b>	. + adjetivos participiais ( <i>entre-aberto</i> ); . + verbos ( <i>entre-aparecer</i> ).	
<b>b) relação de reciprocidade</b>	. + verbos ( <i>entre-beijar-se, entre-fulminar-se</i> );	. + adjetivos relacionais ( <i>inter-departamental</i> ) . + verbos ( <i>inter-comunicar</i> ); . + nomes deverbais ( <i>inter-relacionamento</i> ); . + adjetivos deverbais ( <i>inter-soldado</i> );

Como é visível em (II-3.10.), *entre-* e *inter-*, apesar de espoletarem valores semânticos parcialmente coincidentes (localização e reciprocidade), também apresentam valores parcialmente distintos (*inter-* não apresenta o valor da gradatividade), existindo apenas uma situação em que *entre-* e *inter-* coincidem tanto semântica como

distribucionalmente. De facto, como vemos em (II-3.10.), quer *entre-* quer *inter-* seleccionam bases verbais, ativando com esta acoplagem o estabelecimento de uma relação abstrata (geralmente recíproca) entre as unidades de uma pluralidade (*entre-beijar-se*, *entre-fulminar-se*; *inter-comunicar*, *inter-relacionar-se*). No entanto, como veremos, este processo não será semelhante já que a acoplagem de *inter-* a bases verbais apresenta produtividade e especificidade distintas das apresentadas por *entre-*.

Parece-nos, pois, que o facto de os prefixos *entre-* e *inter-* ativarem distintos valores semânticos e apresentarem, para a expressão do mesmo valor semântico, classes distribucionalmente distintas são argumentos suficientes para ancorar a nossa convicção de que estamos perante morfemas distintos. Além disso, como já referimos, *entre-* e *inter-* distinguem-se também pelo distinto grau de produtividade nas diferentes fases da língua.

### 3.2. O prefixo *entre-*

#### 3.2.1. Produtividade e representatividade do prefixo *entre-*

O prefixo *entre-* tem origem na preposição latina *inter*, da qual herdou a significação locativa denotadora de uma situação intermédia no espaço e no tempo. Em português, é produtivo sobretudo com valor locativo, podendo também, quando acoplado a adjetivos qualificativos e a verbos, adquirir valor gradativo (expressando uma atenuação de uma propriedade ou ação) ou, quando acoplado a verbos, expressar uma relação de reciprocidade entre duas ou mais unidades.

Como é visível em (II-G3.1), o prefixo *entre-* não tem, na fase atual da língua, a produtividade do seu homólogo *inter-*<sup>244</sup>. Efectivamente, se até meados do século XX

<sup>244</sup> Como já referimos, *entre-* e *inter-* têm vindo a registar tendências distintas e inversas no que concerne à produtividade em diferentes fases da língua (cf. II-3.11.). Se *entre-* regista maior representatividade até à publicação do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido de Figueiredo, em 1939, a partir dessa data, *inter-* manifesta quantitativamente uma maior produtividade. Este fenómeno é também visível em francês, já que «la préfixation en *entre-* est beaucoup plus productive en ancien français qu'en français moderne» (Tremblay 2008: 367). Para a produtividade dos diferentes prefixos românicos veja-se Bisetto 2003a: 140.

*entre-* era o prefixo mais produtivo (relativamente a *inter-*), a partir dessa altura a tendência inverteu-se, sendo que, a fazer fé nos dados do Dicionário Houaiss (2003), os produtos prefixados por *inter-* têm mais 40% de ocorrências que os produtos prefixados por *entre-*.

À representatividade outrora verificada relativamente ao prefixo *entre-* não será seguramente estranho o facto de este prefixo não apresentar restrições de ordem fonético-fonológica quando acoplado a uma base, já que se combina com bases de diferentes tipologias acentuais<sup>245</sup>, não apresentando restrições no que diz respeito à natureza do fonema inicial da base<sup>246</sup> nem à estrutura silábica da mesma<sup>247</sup>.

(II-3.11.) Número de ocorrências/entradas com *entre-* e com *inter-* nos dicionários mencionados.

	entre-	inter-
Bluteau 1716	34	5
Domingos Vieira 1871	80	43
Moraes 1878	83	43
Cândido Figueiredo 1939	143	137
Academia 2001	69	83
Aurélio 2001	121	167
Houaiss 2003	154	210
Porto Editora 2007	122	130

<sup>245</sup> No que diz respeito à tipologia acentual da base, verificamos que *entre-* se acopla quer a bases agudas (*entre-bater*, *entre-nó*, *entre-posição*), quer a bases graves (*entre-ajuda*, *entre-costado*, *entre-pilastra*) e a bases esdrúxulas (*entre-cutâneo*, *entre-dúvida*, *entre-título*), mantendo, em todas elas, inalterada a posição do acento da base.

<sup>246</sup> Da análise que fizemos, verificámos que o prefixo *entre-* se acopla quer a bases iniciadas por fonema vocálico (*entre-acto*, *entre-abrir*, *entre-ilha*, *entre-hostil*, *entre-olhar*, *entre-unir*), quer a bases iniciadas por ditongo (*entre-ouvir*) ou por fonema consonântico, seja ele oclusivo (*entre-perna*, *entre-texto*, *entre-cozer*) fricativo (*entre-fechar*, *entre-chocar*, *entre-cena*), lateral (*entre-linha*, *entre-luzir*) ou vibrante (*entre-reunir*), nasal (*entre-nervo*), surdo (*entre-tela*, *entre-pausa*) ou sonoro (*entre-beijar*, *entre-dente*, *entre-guerras*).

<sup>247</sup> Verificámos, efetivamente, que o prefixo *entre-* se acopla a bases de diferentes estruturas silábicas (1 sílaba: *entre-nó*; 2 sílabas: *entre-abrir*; 3 sílabas: *entre-trópico*; 4 sílabas: *entre-cruzamento*; 5 sílabas: *entre-conhecimento*; 6 sílabas: *entre-douroeminhoto*), independentemente da estrutura da sílaba inicial das mesmas (CVV: *entre-beijar-se*; CCV: *entre-cruzar-se*; CVC: *entre-perna*; CV: *entre-luzir*; VC: *entre-escolher*; VG: *entre-ouvir*; V: *entre-aberto*).

(II-G3.1.)



Como é visível em (II-G3.2.), *entre-* acopla-se a bases pertencentes a todas as classes gramaticais (manifestando uma clara predominância para se acoplar a bases nominais).

(II-G3.2.)



Além disso, como vimos em (II-3.13.) este prefixo não provoca alteração da categoria sintática da base<sup>248</sup>.

(II-3.13.)

[entre-[título]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>

[entre-[aberto]<sub>A</sub>]<sub>A</sub>

[entre-[mostrar]<sub>V</sub>]<sub>V</sub>

### 3.2.2. Bases verbais

Pela observação de (II-G3.2.), verificamos que o prefixo *entre-* se acopla a bases pertencentes a diferentes categorias sintáticas, havendo, de entre as 226 ocorrências consideradas, um claro destaque para a acoplagem a bases nominais (que representam cerca de 43,4% dos casos) e a bases verbais (que representam cerca de 38,5% dos casos). Apesar de, maioritariamente, o prefixo *entre-* se acoplar a bases nominais, há, contudo, que sublinhar as especificidades presentes na acoplagem deste prefixo a bases verbais, não só pela produtividade do processo, mas também pelo facto de estas especificidades serem as principais responsáveis por muitas das restrições que vão ditar a acoplagem do prefixo a nomes derivados (exclusivamente deverbais – cf. II-G3.4.) e a

<sup>248</sup> Sublinhe-se que, como já mencionámos aquando da análise do prefixo *contra-*, apesar de, genericamente, se considerar que os prefixos são desprovidos da capacidade de alteração da categoria da base, há casos que nos obrigam a reequacionar esta questão. Veja-se, a este propósito, os exemplos de (II-3.12.), recolhidos no jornal *Público*, em que bases nominais, quando prefixadas por *entre-*, apresentam funcionamento em contexto adjetival. A este respeito veja-se também a secção 3.5.1. do capítulo I da presente dissertação.

(II-3.12.)

- (a) Se a Academia despreza *a comédia entre-portas*, de outro modo gosta de julgar os filmes estrangeiros que se candidatam ao Óscar .
- (b) O plano prevê a reabilitação de toda a zona ribeirinha de Portimão e da área marginal do Alvor e engloba o arranjo e ordenamento da chamada *zona entre-pontes* e da doca de recreio de Portimão.
- (c) Estéticas como o ultrarromantismo, o expressionismo e o atonalismo começavam, na altura, a dar os primeiros passos, lançando as sementes para as revoluções que haveriam de medrar na *época entre-guerras*.
- (d) A maior tranquilidade *dos mercados entre-bancos* acabou por se estender aos mercados cambiais, com a pressão sobre o escudo (com vendas massivas da moeda nacional por bancos estrangeiros) a atenuar-se substancialmente.
- (e) O crescimento do porto deverá ter, por si só, um estudo de impacte ambiental - diz o parecer da LPN, para quem o destino a dar aos dragados não será certamente os sapais e *zonas entre-marés* do estuário do Sado.
- (f) Estreitar as *relações texturais entre-blocos*, resultando daí um organismo ao mesmo tempo coeso e dialogante, pela conjugação das ações dos dois componentes principais.

adjetivos (cerca de 88% são derivados e, destes, 86% são deverbais, como é visível em (II-G3.5.) e (II-G3.6.)).

Da observação do nosso *corpus*, podemos constatar que as cerca de 87 formações verbais que apresentam este operador prefixal se dividem em três grandes grupos. Encontramos, assim, ainda que de uma forma claramente minoritária, verbos (alguns denominais) cuja acoplagem do prefixo ativa sobretudo o sentido de localização (que, como referimos, é o sentido ativado por excelência aquando da acoplagem do prefixo a bases nominais simples). Nestes casos (II-3.14.), o prefixo assume claramente um valor locativo e o produto prefixado pode parafrasear-se como ‘situar/fazer algo **entre/no meio** de X’ (sendo X, no caso dos verbos denominais, o expresso por Nbase), o que nos deixa entrever a sua estrutura argumental predominantemente triádica<sup>249</sup>, o que faz deste prefixo, nesta aceção, um prefixo preposicional locativo.

(II-3.14.)

entre-correr: correr ou passar duas ou mais entidades **entre algo**;

entre-passar: passar por **entre** algo duas ou mais entidades;

entre-pôr: pôr algo (duas ou mais entidades) **entre** duas ou mais pessoas; pôr **no meio de** algo;

entre-semear: semear ou plantar algo **no meio de**;

Encontramos também, em segundo lugar, verbos prefixados com *entre-* nos quais o prefixo expressa um valor gradativo, também denominado por alguns autores como «una aminoración o atenuación de lo designado por la base» (Rodríguez Ponce 2002a: 179). Nestes casos (II-3.15.), como veremos, o prefixo pode afetar a semântica da base verbal de duas formas distintas.

(II-3.15)

(a) entre-abrir: abrir **um pouco**; abrir algo **de forma incompleta**;

entre-cerrar: fechar **um pouco** mas não completamente;

<sup>249</sup> Nesta estrutura argumental predominantemente triádica, o terceiro argumento (OBL) deve denotar uma pluralidade mediante (a) a coordenação de entidades distintas ou mediante (b) a pluralidade de entidades semelhantes.

(a) Eu entre-pus o caderno *entre a estante e a parede*.

(b) No ano passado, nós entressemeámos batatas *entre as árvores de fruto*.

entre-fechar: fechar **um pouco, de forma incompleta**;

(b) entre-aparecer: deixar-se ver **um pouco** ou por breve tempo;

entre-conhecer: conhecer **mal**; conhecer **um pouco**, de modo vago e imperfeito;

entre-ouvir: ouvir com **pouca precisão, de modo indistinto** ou confuso;

entre-ver: ver com dificuldade; ver **de forma imperfeita**, sem grande nitidez;

No caso de verbos de (a), como *entre-abrir*, *entre-cerrar* ou *entre-fechar*, a acoplagem do prefixo incide sobre o resultado da ação expressa pela base verbal, isto é, sobre o estado final obtido depois da realização da ação denotada pela base verbal. Nestes casos, é possível formar participios passados adjetivais (*entre-aberto*, *entre-fechado*) nos quais o prefixo *entre-* expressa um valor gradativo intermédio de uma escala<sup>250</sup> e apresenta um comportamento similar ao do prefixo *semi-* (II-3.15(a')), o que, segundo alguns autores, nos poderá levar a pensar que nos encontramos perante um tipo de modificação aspetual<sup>251</sup>, «ya que *entre-* y *semi-* indican que el estado denotado por el verbo base no se há alcanzado totalmente» (Felíu Arquiola 2003a: 195)<sup>252</sup>.

(II-3.15(a')) *A porta está entre-aberta.*

*A porta está semi-aberta.*

Já no caso dos verbos de (II-3.15(b)), a acoplagem do prefixo *entre-* afeta sobretudo a atividade expressa pela base verbal. Nestes casos, o prefixo, ao acoplar-se a uma base verbal, não incidirá sobre o resultado da atividade (como em (II-3.15(a))), mas sim sobre a própria atividade, indicando que esta é desenvolvida com dificuldade e/ou de forma imperfeita.

De qualquer forma, quer o prefixo incida sobre o resultado da atividade expressa pela base verbal (II-3.15(a)), quer o prefixo incida sobre a realização da atividade em si (II-

<sup>250</sup> A este respeito, Varela Ortega y Martín García (1999) afirmam que «*entre-* ha desarrollado significados modales de minoración (*entreabrir*)» (Varela Ortega e Martín García 1999: 5015).

<sup>251</sup> Mireille Tremblay afirma, relativamente ao prefixo *entre-*, que «la préfixation aspectuelle en *entre-apparaît limitée aux prédicats événementiels et semble incompatible avec les états.*» (Tremblay 2008).

<sup>252</sup> Neste contexto, Varela Ortega y Martín García comparam o prefixo *entre-* ao prefixo *casi-/cuasi-*, afirmando que «*entre-* denota un mayor alejamiento del grado neutro de la cualidad que el prefijo *casi-/cuasi-*, como puede comprobarse en la oposición *casicano/entrecano*» (Varela Ortega y Martín García 1999: 5027). Sobre a modificação aspetual resultante da acoplagem do prefixo a uma base verbal, também Rodríguez Ponce afirma que «en el *corpus* verbal con *entre-* podemos distinguir una clase de verbos en la que *entre-* efectúa una modificación aspectual al modo de la descrita para *semi-*: *entreabrir, entrecerrarse, entrever,...*» (Rodríguez Ponce 2002a: 180 e 181).

3.15(b)), a base verbal é maioritariamente transitiva e o sujeito apresentado é [+animado] (genericamente portador do traço [+ humano], assumindo o prefixo, em qualquer um dos dois casos, uma semântica claramente gradativa, introduzindo assim uma modificação semântica da base a que se acopla, o que faz dele, nestes dois casos, um prefixo modificador, já que introduz uma informação semântica (a gradação) adjunta e complementar.

Finalmente, em terceiro lugar, encontramos algumas formações verbais (II-3.16) nas quais o prefixo, à semelhança do seu homólogo *inter-*, requer a presença explícita de uma pluralidade de indivíduos estabelecendo entre eles uma relação de reciprocidade<sup>253</sup> (Langedoen 1978).

(II-3.16.)

entre-bater-se: bater **reciprocamente**; bater **um no outro**;

entre-beijar-se: beijar-se **reciprocamente**;

entre-dizimar-se: dizimar-se, arruinar-se **reciprocamente**;

entre-olhar-se: olhar **reciprocamente**; olhar-se **mutuamente**;

entre-querer-se: querer-se ou estimar-se **mutuamente**;

entre-unir-se: unir-se **um ao outro**; unir **reciprocamente**.

Pela observação de (II-3.16.), vemos que o prefixo *entre-*, nestes casos e à semelhança de *inter-*, deve ser considerado um “prefixo simétrico” (Felíu Arquiola 2003a) já que a sua acoplagem a uma base verbal traduz genericamente uma relação de reciprocidade entre os participantes da ação expressa pelo verbo<sup>254</sup>. De facto, se tomarmos em consideração os exemplos de (II-3.16.) e (II-3.17.), observamos que os verbos prefixados por *entre-* estabelecem uma relação recíproca através de uma pluralidade ativada pela acoplagem do prefixo, que pode ser expressa no argumento externo (II-3.17. (a)) e/ou no argumento interno (II-3.17(b)).

---

<sup>253</sup> Sublinhe-se que a acoplagem de *entre-*, quando responsável pelo desenvolvimento de uma semântica de reciprocidade, é também denotadora de um evento múltiplo e simultâneo.

<sup>254</sup> A propósito da classificação de *entre-* como “prefixo simétrico”, Varela Ortega y Martín García afirmam que *entre-*, «denota una relación simétrica entre dos o más entidades» (Varela Ortega e Martín García 1999: 5016).

(II-3.17.)

(a) (i) Os atletas entre-disputam o prémio.

As ideias, ainda que diferentes, entre-cruzam-se.

(ii) Naquele momento, o Luís e a Ana entre-beijaram-se apaixonadamente.

(b) (i) O professor conseguiu entre-unir os alunos.

Os inspetores entre-cruzam os dados da investigação.

(ii) O professor entre-cruzou a informação anterior e a indicação dada pela colega.

(iii) O treinador entre-misturou as bolas pretas com/entre as bolas vermelhas.

Pela observação de (II-3.17.) vemos que a pluralidade exigida pelo verbo prefixado se pode manifestar quer (a) no argumento externo, quer (b) no argumento interno (OD) da base verbal, podendo ser explicitada através (i) de um SN morfologicamente plural, (ii) de dois SN coordenados ou ainda, quando explicitada no argumento interno, através (iii) da junção de um SN a um SP introduzido pela preposição *com* ou *entre*. Comparando (II-3.17.) e (II-3.17'), é pois visível que a pluralidade (expressa no argumento externo ou no argumento interno do verbo) é fundamental para a construção da gramaticalidade de uma frase com uma base verbal prefixada por *entre*-.

(II-3.17')

\*O atleta entre-disputa o prémio.

\* A ideia, ainda que diferente, entre-cruza-se.

\* Naquele momento, o Luís entre-beijou-se apaixonadamente .

\* O professor conseguiu entre-unir o aluno.

\* Os inspetores entre-cruzam o dado da investigação.

(\* ) O professor entre-cruzou a informação anterior<sup>255</sup>.

O treinador entre-misturou as bolas pretas<sup>256</sup>.

---

<sup>255</sup> Sublinhe-se, contudo, que esta frase poderia não resultar completamente agramatical se considerássemos que *a informação anterior* dizia respeito a um conjunto de várias informações distintas fornecidas anteriormente. Neste sentido, com esta interpretação, porque o nome adquire uma dimensão globalizante, a frase não resultaria agramatical (a). Se, contudo, considerássemos que *a informação anterior* dizia respeito a uma única informação, pontual (substituindo por *o dado anterior*), a frase já resultaria agramatical (b).

(a) O professor entre-cruzou a informação anterior (conjunto de informações diversas adquiridas anteriormente).

(b) \* O professor entre-cruzou a informação anterior [= *o dado anterior*] (informação única, pontual).

Além disso, observamos também que a base verbal prefixada por *entre-* (e denotadora de reciprocidade) admite apenas, ao contrário do prefixo *co-*, a formulação de uma leitura simétrica explícita (II-3.18.).

(II-3.18.)

Leitura simétrica explícita (SE)	Leitura simétrica implícita (SI)
Os atletas <i>entre-disputam</i> o prémio ( <i>entre si</i> ).	*O atleta <i>entre-disputa</i> o prémio ( <i>com outros atletas</i> ).
As ideias, ainda que diferentes, <i>entre-cruzam-se</i> ( <i>entre si</i> ).	*A ideia, ainda que diferente, <i>entre-cruza-se</i> ( <i>com outras ideias</i> ).
Naquele momento, o Luís e a Ana <i>entre-beijaram-se</i> ( <i>um ao outro</i> ) apaixonadamente.	*Naquele momento, o Luís <i>entre-beijou-se</i> apaixonadamente.
O professor conseguiu <i>entre-unir</i> os alunos ( <i>entre si</i> ).	*O professor conseguiu <i>entre-unir</i> o aluno ( <i>a outros alunos</i> ).
O professor <i>entre-cruzou</i> ( <i>entre si</i> ) a informação anterior e a indicação dada pela colega.	*O professor <i>entre-cruzou</i> a informação anterior ( <i>e a indicação dada pela colega</i> ).
O treinador <i>entre-misturou</i> ( <i>entre si</i> ) as bolas pretas com as bolas vermelhas.	*O treinador <i>entre-misturou</i> a bola preta ( <i>com a(s) bola(s) vermelha(s)</i> ).

Deste modo, para a construção de um enunciado gramatical detentor de uma base verbal prefixada por *entre-*, há que ter em conta que a pluralidade tem de estar claramente expressa (através dos mecanismos que mencionámos em (II-3.17.)) já que, não sendo aceite a leitura simétrica implícita, não é possível inferir a pluralidade exigida pela base verbal prefixada (processo possível, por exemplo, para a inferência de pluralidade exigida pelo prefixo *co-*). A expressão da pluralidade é pois premissa incontornável para a construção da gramaticalidade do enunciado detentor de uma base verbal prefixada por *entre-*.

Pela observação de (II-3.17) e de (II-3.18), vimos pois que a expressão plural de um dos argumentos da base verbal (SU ou OD) é uma restrição incontornável<sup>257</sup>, que tem de

<sup>256</sup> Sublinhe-se que, neste caso, apesar de termos retirado o SP introduzido pela preposição *com*, continuamos com um argumento interno pluralizado, o que permite que a frase adquira uma leitura gramatical, ativando-se desta forma a leitura simétrica explícita *O treinador entre-misturou as bolas pretas (entre si)*.

<sup>257</sup> Sublinhe-se, a este propósito, que Val Álvaro considera que «los verbos prefijados con *entre-* [...] requieren en el predicado bien un argumento plural referido a dos o más entidades, bien dos argumentos

ser tida em conta na acoplagem do prefixo *entre-* a uma base verbal (quando expressa a reciprocidade). No entanto, apesar de, genericamente, essa pluralidade ser expressa através (i) de um SN morfologicamente plural, (ii) de dois SN coordenados ou ainda, quando explicitada no argumento interno, através (iii) da junção de um SN a um SP introduzido pela preposição *com* ou *entre*, alguns verbos prefixados com *entre-* permitem ainda duas construções alternativas: por um lado (II-3.19.), a pluralidade pode ser expressa através da combinação do argumento externo (SU) com um argumento interno (OBL), expresso através de um SN introduzido pela preposição *com*; por outro lado (II-3.20.), a pluralidade pode ser expressa através de um SU preenchido por um SN plural ou por dois SN coordenados, sendo essa pluralidade afetada de forma reflexiva ou recíproca pelo clítico *se*, que assim se manifesta como OD sintático do verbo (reflexo do SU)<sup>258</sup>.

(II-3.19.) A ideia *entre-cruza-se* com o estipulado anteriormente pelos advogados.

(II-3.20.) Naquele momento, o Luís e a Ana *entre-beijaram-se* apaixonadamente.

As ideias, ainda que diferentes, *entre-cruzam-se*.

As bolas pretas e as bolas vermelhas *entre-misturaram-se*.

Como é visível, nos casos apresentados em (II-3.18), a pronominalização é responsável pelo desenvolvimento de uma relação de simetria que afeta o SU e que contribui para a expressão de pluralidade. Como podemos observar pela análise do nosso *corpus*, estas construções com clítico são frequentes, a que não será alheio o facto de as bases verbais prefixadas por *entre-* serem maioritariamente transitivas. A

---

interrelacionados» (Val Álvaro 1993: 488). Também Varela Ortega y Martín García, a propósito dos verbos prefixados por *entre-*, afirmam que «es obligado que alguno de los argumentos del verbo prefijado denote pluralidad de elementos» (Varela Ortega e Martín García 1999: 5015).

<sup>258</sup> Na entrada do *Grand Larousse de la Langue Française* dedicada à prefixação, mais especificamente na secção dedicada ao prefixo *entre-*, Guilbert (1971) afirma que «ce préfixe sert à construire des dérivés verbaux comportant la modalité de la réciprocité. La transformation lexicale est issue de deux propositions comportant deux sujets et deux compléments qui permutent d'une proposition à l'autre: *Les deux frères s'entre-déchirent* implique les propositions *Un frère déchire l'autre frère; L'autre frère déchire le premier*. La transformation consiste à effacer les pronoms *l'un l'autre* pour ne laisser subsister que le pluriel: le préfixe *entre-* traduit la réciprocité de l'action, renforcée par la forme du pronominal *se*. Sur ce modèle, on trouve: *s'entrechoquer, s'entraider,...*» (Guilbert 1971: LIV).

clitização vem então corroborar uma pluralidade que desta forma é instanciada através de uma relação de reciprocidade entre os participantes da ação verbal<sup>259</sup>.

Esta premissa de pluralidade (exigida nos casos em que o prefixo contribui para a instanciação de uma relação de reciprocidade entre os membros de uma pluralidade) é responsável, em alguns destes casos, pela alteração da estrutura argumental da base verbal a que o prefixo se acopla. De facto, a pluralidade exigida desencadeia (i) uma alteração do preenchimento de um dos argumentos do verbo (pluralizando-o e havendo, neste caso, apenas incidência argumental) ou (ii) uma alteração da EA da base verbal a que se acopla (havendo a ativação de pelo menos mais um argumento com o qual o SU vai estabelecer uma relação de reciprocidade). Efetivamente, como observamos em (II-3.21.), a acoplagem do prefixo *entre-* quando ativador do sentido da reciprocidade e porque supõe sempre a realização de uma ação por, pelo menos, duas pessoas que se relacionam reciprocamente, pode introduzir alterações na EA do verbo, alterações essas que são visíveis através da obrigatoriedade de ativação de um argumento (que até então poderia estar inexistente). Estas alterações podem verificar-se independentemente do tipo argumental da base verbal prefixada (geralmente diádicas ou triádicas)<sup>260</sup>.

(II-3.21.)

### Localização<sup>261</sup>:

- |  |             |
|--|-------------|
| (a) Eu pus o caderno em cima da mesa.                      | SU V OD OBL |
| Eu <i>entre-</i> pus o caderno entre a estante e a parede. | SU V OD OBL |

<sup>259</sup> Varela Ortega y Martín García (1999) afirmam que «el valor relacional de *entre-* se hace patente com ciertos verbos, reforzado a menudo por el pronombre *se* que expresa la reciprocidad entre dos entidades (*entrecruzar(se)*)» (Varela Ortega e Martín García 1999: 5015).

<sup>260</sup> Note-se que há casos em que a acoplagem do prefixo *entre-* pode provocar aquilo a que Val Álvaro denominou de ‘incorporación léxica’. Segundo o autor (Val Álvaro 1993) esta operação dá conta da junção de um constituinte (neste caso o prefixo *entre-*, oriundo da preposição latina *inter*) a um verbo, dando lugar a um predicado complexo cujas propriedades de configuração serão consequência desse processo de junção. O verbo complexo incorporará desta forma uma preposição, que será a responsável pela ativação de um determinado papel temático na oração. Considera então o autor que, no caso do prefixo *entre-*, o verbo complexo, devido à presença da preposição incorporada, passa a admitir a duplicação do sintagma preposicional introduzido por essa mesma preposição, expressando assim a informação locativa (*Eu pus o caderno entre a estante e a parede.* → *Eu entre-pus o caderno entre a estante e a parede.*).

<sup>261</sup> Sublinhe-se que, quando denotador do sentido de localização, *entre-* seleciona, na generalidade, bases verbais que apresentem uma estrutura argumental triádica.

- (b) Nós semeámos batatas. SU V OD  
 Nós entre-semeámos batatas entre as árvores de fruto. SU V OD OBL

**Gradação/Incompletude<sup>262</sup>:**

- (c) A professora abriu a porta. SU V OD  
 A professora entre-abriu a porta. SU V OD  
 (d) A diretora ouviu qualquer coisa que não lhe agradou. SU V OD  
 A diretora entre-ouviu qualquer coisa que não lhe agradou. SU V OD

**Relação recíproca:**

- (e) O Luís e a Ana beijaram-se. SU V  
 O Luís e a Ana entre-beijaram-se. SU V  
 (f) Os carros da corrida de F1 chocaram. SU V  
 Os carros da corrida de F1 entre-chocaram (entre si). SU V (OBL)  
 (g) O treinador misturou no saco as bolas pretas. SU V OBL OD  
 O treinador entre-misturou no saco as bolas pretas entre/com as bolas SU V OBL OD OBL  
 vermelhas.

Se em (II-3.21.) podemos constatar que a acoplagem de *entre-* pode ou não provocar alteração da EA da base verbal a que o prefixo se acopla, pelos exemplos aludidos em (II.3.22.) podemos também verificar que o prefixo seleciona genericamente bases no mínimo diádicas (correspondendo ao argumento externo o papel temático de agente e ao argumento interno o tema) e que a acoplagem do prefixo, à exceção dos casos em que contribui para a expressão da semântica da gradação, não provoca qualquer alteração do aspeto léxico ou da “Aktionsart” das formações verbais a que se acopla. De facto, pela análise do nosso *corpus*, podemos constatar que *entre-* se acopla sobretudo a verbos

<sup>262</sup> Sublinhe-se que, quando denotador das noções de gradação/incompletude, *entre-* seleciona sobretudo bases verbais que apresentem uma estrutura argumental diádica nas quais, salvo as exceções já referidas, o SU assume o papel temático de agente ou experienciador. Note-se que, nestes casos, «la préfixation en *entre-* apparaît limitée aux prédicats événementiels et semble incompatible avec les états», pois «contrairement aux événements, les états sont temporellement homogènes: ils n’ont pas de structure interne et sont indécomposables. En ce sens, ils sont donc incompatibles avec la fonction de partition. En revanche, les prédicats événementiels sont décomposables en sous-événements (début, milieu et fin) et peuvent donc être quantifiés» (Tremblay 2008: 371).

télicos e eventivos<sup>263</sup>, não introduzindo, na generalidade, com a sua acoplagem, qualquer tipo de modificação aspetual<sup>264</sup>.

(II-3.22.)

(i) O conferencista [entre-]sorriu para os participantes.

O Luís e a Ana [entre-]beijaram-se.

(ii) O treinador [entre-]misturou as bolas pretas com as bolas vermelhas.

(iii) A professora [entre-]abriu a porta.

Pela observação de (II-3.21.) e de (II-3.22.) constatamos que a acoplagem do prefixo *entre-* a uma base verbal pode instanciar diferentes especializações semânticas (localização espacial/temporal, gradação/incompletude e desenvolvimento de uma relação recíproca entre os participantes da ação verbal), podendo ou não, sobretudo nos casos em que a acoplagem do prefixo ativa o sentido de reciprocidade, provocar alteração da estrutura argumental da mesma. Este prefixo, sobretudo quando responsável pela instanciação de uma relação de reciprocidade entre os participantes da ação verbal, apresenta pois uma exigência de pluralidade que provoca, em alguns casos, alteração no preenchimento dos argumentos da base verbal, afetando assim os participantes associados à ação expressa pela base verbal a que o prefixo se acopla. Esta característica (de afetar os argumentos selecionados pela base verbal ou os participantes associados ao evento) faz com que este prefixo, enquanto instanciador de uma relação de reciprocidade entre os participantes de uma ação verbal, seja incluído no grupo dos prefixos que Felú Arquiola (2003a) denomina de “prefixos com incidência argumental” cuja característica basilar é, como já referimos aquando da análise do prefixo *co-*, a de realizar uma modificação sobre um ou mais participantes associados à estrutura léxico-semântica da base<sup>265</sup>, assumindo-se, deste modo, quando acoplado a uma base deste

---

<sup>263</sup> Mireille Tremblay refere que «contrairement aux constructions aspectuelles [*entre-*, com valor gradativo], les constructions réciproques impliquant le préfixe *entre-* ne sont pas limitées aux prédicats événementiels. Nous attribuons cette différence au fait que les verbes réciproques sont essentiellement des prédicats qui impliquent des paires d’individus, créant soit des paires d’événements ou des paires d’état» (Tremblay 2008).

<sup>264</sup> Note-se contudo que, como já referimos, para alguns autores, nos casos em que a acoplagem de *entre-* a uma base verbal introduz uma semântica gradativa ou de incompletude, «nos encontramos ante un tipo de modificación aspectual, ya que *entre-* [y *semi-*] indica[n] que el estado denotado por el verbo base no se ha alcanzado totalmente» (Felú Arquiola 2003a: 195).

<sup>265</sup> Como vimos e veremos, para Felú Arquiola, outros prefixos apresentam esta especificidade de exercerem uma certa incidência semântica sobre um (dos) participante(s) da ação expressa pela base.

tipo (verbal, expressando o instanciamento de uma relação recíproca entre uma pluralidade de membros participantes numa ação), como um prefixo argumental, já que exige a ativação de argumentos até então inexistentes.

Estes prefixos, como já referimos, não impõem qualquer restrição categorial (*entre-* acopla-se a bases pertencentes a diferentes classes categoriais), apresentando, no entanto, restrições léxico-semânticas que afetam os argumentos ou os participantes da ação verbal: *entre-*, quando instanciador de uma relação de reciprocidade, exige que a característica da pluralidade esteja presente nos participantes associados à ação verbal. A nosso ver, o prefixo *entre-* afirma-se, quando acoplado a bases verbais e quando responsável pela instanciação de uma relação de reciprocidade entre os participantes da ação verbal, como um operador que, devido à sua semântica de reciprocidade, apresenta a especificidade de atuar semanticamente sobre os participantes do evento expresso pela base, já que exige uma pluralidade de membros, estabelecendo entre eles uma relação de reciprocidade. Desta forma, porque a acoplagem do prefixo *entre-* incide semanticamente sobre o número de participantes associados à base verbal, este prefixo é por nós considerado como um prefixo argumental. No entanto, quando acoplado a uma base verbal, tal nem sempre acontece<sup>266</sup>. O prefixo desenvolve outros sentidos, como, por exemplo, a gradação/incompletude da ação verbal, que não apresentam qualquer restrição de natureza argumental e léxico-semântica, espoletando, assim, uma simples modificação semântica da base verbal<sup>267</sup>, o que faz deste prefixo, nestes casos, um prefixo modificador, conforme sistematizamos em (II-3.23.).

---

Veja-se, a este propósito, a análise por nós empreendida do prefixo *co-* e a análise a empreender do prefixo *inter-*.

<sup>266</sup> Referimo-nos particularmente ao facto de o prefixo *entre-*, quando acoplado a uma base, desenvolver semânticas distintas, nomeadamente a localização (espacial ou temporal) e a gradação / incompletude da ação expressa pela base verbal.

<sup>267</sup> Sublinhe-se, a propósito de verbos como *entre-abrir*, o facto de, neles, «el prefijo alterar el significado del verbo de tal modo que el verbo complejo expresa una “acción” inacabada, aproximativa o imperfecta respecto del verbo simple (*entreabrir, entrecerrar, entrever*). En este grupo, tanto el verbo de base como el prefijado no requieren ni entidades múltiples relacionadas, ni dos argumentos interrelacionados. En este caso, los verbos prefijados con *entre-* mantienen la valencia del verbo de base» (Val Álvaro 1993: 488).

(II-3.23.)

<b>Acoplagem do prefixo <i>entre-</i> a bases verbais</b>			
<b>Sentido desenvolvido pela acoplagem do prefixo</b>	<b>exemplo</b>	<b>Função do prefixo</b>	<b>Classificação do prefixo</b>
a) localização	<i>entre-semear</i>	alteração da EA	<b>prefixo preposicional</b>
b) gradação / incompletude de V	<i>entre-abrir</i>	modificação semântica	<b>prefixo modificador</b>
c) reciprocidade entre os participantes da ação	<i>entre-beijar-se</i> <i>entre-unir-se</i>	incidência sobre um dos argumentos	<b>prefixo argumental</b>

### 3.2.2.1. Síntese

Nesta secção vimos que as formações verbais que apresentam o operador prefixal *entre-* se dividem em três grandes grupos. O primeiro grupo diz respeito aos verbos (alguns denominais) cuja acoplagem do prefixo ativa sobretudo o sentido de localização (*entre-correr*, *entre-pôr*). Neles, o prefixo introduz uma semântica de localização que pode ser responsável pela introdução de um OBL, podendo por isso ocorrer alteração da EA da base verbal, o que faz com que o produto prefixado admita a paráfrase ‘situar/fazer algo **entre/no meio** de X’ (sendo X, no caso dos verbos denominais, o expresso por Nbase). Neste caso, o prefixo assume-se como um elemento preposicional, introduzindo, com a sua acoplagem, uma informação semântica de localização.

O segundo grupo de formações concerne os verbos nos quais a acoplagem do prefixo introduz um valor gradativo ou uma semântica de incompletude do expresso pela base (*entre-abrir*, *entre-ver*). Aqui o prefixo não provoca qualquer alteração da EA, assumindo-se, por isso, como um prefixo modificador.

No terceiro grupo de verbos, a acoplagem de *entre-* instancia uma relação de reciprocidade entre os participantes da ação expressa pela base verbal. Nestes casos, é obrigatória a inferência de pluralidade que pode ser expressa quer no argumento externo quer no argumento interno do verbo, através (i) de um SN morfologicamente plural, (ii)

de dois SN coordenados, (iii) da junção de um SN a um SP introduzido pela preposição *com* ou *entre* (quando explicitada no argumento interno) e ainda através (iv) da combinação do argumento externo (SU) com um argumento interno (OBL expresso através de um SN introduzido pela preposição *com*), sendo essa pluralidade expressa também de forma reflexiva pelo clítico *se*. Esta inferência obrigatória de pluralidade (que se verifica sobretudo quando o prefixo explicita uma relação de reciprocidade) afeta os participantes da ação verbal exigindo a ativação de, pelo menos, um elemento/argumento até então inexistente e é responsável pelo facto de este prefixo poder provocar alteração da EA da base verbal a que se acopla, apresentando assim restrições léxico-semânticas que motivam a sua inserção no grupo dos prefixos argumentais.

### 3.2.3. Bases nominais

De entre as 98 formações nominais prefixadas por *entre-*, encontramos, genericamente, peças léxicas denotadoras de uma significação locativa temporal (II-3.24.) ou espacial (II-3.25.)<sup>268</sup>.

(II-3.24.)

entre-cena: intervalo entre duas cenas;

entre-mesa: espaço de tempo decorrido entre o início e o fim de uma refeição.

(II-3.25.)

entre-dedo: espaço que compreende a região interdigital;

entre-filete: espaço entre dois filetes, na lombada de um livro;

entre-pilastra: espaço entre duas pilastras;

entre-soalho: espaço entre o teto de um andar e o soalho do andar superior.

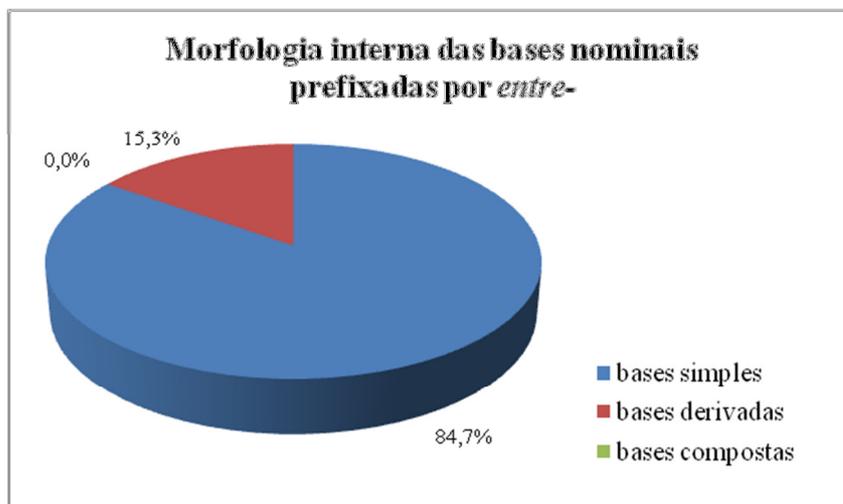
Pela observação de (II-3.24.) e de (II-3.25.), observamos que os substantivos prefixados por *entre-* denotam, na generalidade, um tempo/espaço situado no meio de

---

<sup>268</sup> No mesmo sentido, Rodríguez Ponce afirma que «en la clase sustantiva (la más abundante del *corpus* com *entre-*), la mayor parte de los términos puede adscribirse a un sentido general espaciotemporal» (Rodríguez Ponce 2002a: 179).

duas entidades designadas pela base e podem parafrasear-se como ‘espaço/tempo situado entre duas (ou mais) ocorrências de Xbase ou entre Xbase e outra entidade’<sup>269</sup>. Nestes casos, o produto prefixado denota uma entidade situada *entre* o designado pelo Nbase e outra(s) entidade(s), cujo referente é distinto do expresso pelo Nbase (o *entre-dedo* não é *um tipo de dedo*; um *entre-soalho* não é *um tipo de soalho*), sendo o produto uma formação exocêntrica<sup>270</sup>, ou seja uma formação «dont l’interprétation ne peut s’effectuer uniquement à partir des éléments constitutants» (Amiot 2003). O prefixo *entre-* apresenta aqui, claramente, um valor locativo (documentado igualmente pela preposição homóloga *entre*), ativando no produto a instanciação de uma localização distinta da expressa pela base.

(II-G3.3.)



Como é visível em (II-G3.3.), os substantivos prefixados por *entre-* são maioritariamente simples (em 84,5% dos casos), denotando genericamente, como já referimos, a localização temporal ou espacial intermédia (cf. (II-3.24.) e (II-3.25.)). Note-se contudo, e ainda que raros, a existência de alguns casos, ainda que raros, de substantivos em que a acoplagem de *entre-* espoleta, a par de uma informação espacial ou temporal, a ideia de incompletude do expresso pela base (semântica que, como

<sup>269</sup> No mesmo sentido, Dany Amiot afirma que «*entre-* construit principalement des noms qui soit désignent la période temporelle comprise entre les deux événements dénotés par la base (*entracte*), soit l’espace compris entre les deux entités concrètes dénotées par le Nb (*entrecolonne*)» (Amiot 2004: 79).

<sup>270</sup> Também Dany Amiot afirma que o prefixo *entre-* constrói «quelques noms qui paraissent être de véritables exocentriques» (Amiot 2004a: 79).

veremos, é bastante mais recorrente nos adjetivos prefixados)<sup>271</sup>. Nestes casos (II-3.26.), ainda que o produto apresente uma informação espacial ou temporal subjacente, expressa sobretudo a ideia de gradação, podendo parafrasear-se como ‘ocorrência incompleta/inicial de Xbase’. Aqui, o referente do produto prefixado é coincidente apenas *em parte* com o referente do expresso pela base (uma *entre-casa* não é *um tipo de casa*, mas sim *uma parte (inicial) da casa*; uma *entre-manhã* não é *um tipo de manhã*, correspondendo à *parte inicial da manhã*).

(II-3.26.)

entre-casa: átrio de uma casa

entre-manhã: altura do dia respeitante ao crepúsculo da manhã, ao amanhecer

entre-noite: altura do dia respeitante ao fim do dia, ao entardecer

Registe-se ainda, outros (raros) casos de substantivos simples (II-3.27.) em que a acoplagem de *entre-* é responsável pelo estabelecimento de uma relação abstrata (geralmente recíproca) entre os membros de uma pluralidade, sendo o produto parafraseável por ‘Xbase estabelecida entre duas ou mais pessoas/entidades’. Nestes casos, à semelhança do que acontece com as bases verbais prefixadas por *entre-*, a acoplagem do prefixo vai exigir uma inferência de pluralidade (e, conseqüentemente, a ativação de um ou mais argumento(s) até então inexistente(s)) a partir da qual se estabelecerá uma relação de simetria entre os membros participantes na ação denotada pela base. Nestes casos, em que base e produto têm referentes comuns (sendo o prefixo responsável pela construção de uma formação endocêntrica, ou seja uma formação «dont l’interprétation s’effectue uniquement à partir des éléments formateurs» (Amiot 2003a), já que *entre-ajuda* é *um tipo de ajuda estabelecida entre duas ou mais pessoas* e *entrechoque* é *um tipo de choque realizado entre duas ou mais pessoas*), o prefixo *entre-* vai sublinhar a existência de uma relação participativa e recíproca entre os membros da ação denotada pela base, assumindo-se, à semelhança do que acontece com algumas bases verbais, como um prefixo argumental.

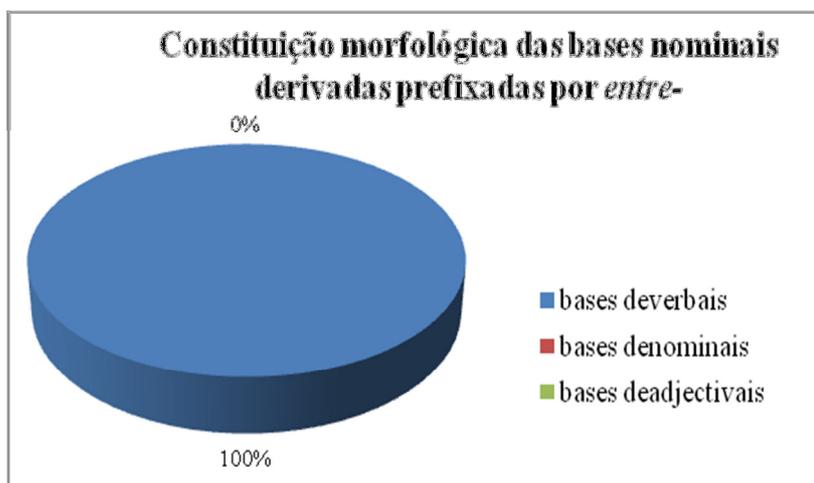
---

<sup>271</sup> A este respeito, Rio-Torto (1993: 364) afirma que «os operadores prefixais têm, por excelência, a capacidade de ordenar espacial e/ou taxonomicamente e de forma algo diferida, também numa escala avaliativa, os avalia(n)dos».

(II-3.27.) *entre-ajuda*: ajuda recíproca, estabelecida entre duas ou mais pessoas;  
*entre-choque*: embate/colisão entre duas ou mais pessoas ou animais;

Já no que concerne aos substantivos derivados prefixados por *entre-* (cerca de 15,3% dos casos), estes são todos deverbais (II-G3.4.), ativando, à semelhança das bases verbais, (II-3.28.) o estabelecimento de uma relação abstrata entre os membros de uma pluralidade e, em casos mais raros (II-3.29.), a semântica locativa dominante nos nomes simples (havendo neste caso a construção de uma formação exocêntrica).

(II-G3.4.)



(II-3.28.)

*entre-conhecimento*: conhecimento vago e superficial estabelecido entre duas ou mais pessoas

*entre-cruzamento*: ato ou efeito de cruzar duas ou mais coisas, reciprocamente, ficando uma sobre a(s) outra(s) em forma de cruz

(II-3.29.)

*entre-linhadura*: espaço entre duas linhas de um texto

No primeiro caso (II-3.28.), em que a acoplagem de *entre-* ativa o estabelecimento de uma relação abstrata entre os membros de uma pluralidade (associando-os semanticamente na consecução de uma ação), gerar-se-á a construção de um produto

que apresenta o mesmo referente da base (um *entre-conhecimento* é um tipo de conhecimento **estabelecido entre duas ou mais pessoas**; um *entre-cruzamento* é um tipo de cruzamento **estabelecido entre duas ou mais pessoas**), sendo por isso o prefixo responsável pela construção de uma formação endocêntrica na qual a inferência de pluralidade exigida pelo elemento prefixal espoleta a ativação de um (ou mais) argumento(s) da base deverbal, contribuindo para a classificação do prefixo como um prefixo argumental.

Já no segundo caso (II-3.29.), em que se regista a instanciação de uma semântica circunstancial locativa, base e produto apresentam referentes distintos (uma *entre-linhadura* não é um tipo de *linhadura*, mas sim o *espaço entre duas linhas de um texto*), sendo o produto uma formação exocêntrica. Neste caso, o elemento afixal afigura-se como um prefixo preposicional, que introduz a semântica da localização.

### 3.2.3.1. Síntese

Nesta secção, vimos que o prefixo *entre-* se acopla sobretudo a bases nominais simples, ativando predominantemente uma significação locativa, temporal ou espacial. Desta forma, o produto prefixado denotará uma entidade situada *entre* o designado pelo Nbase e outra(s) entidade(s), cujo referente é distinto do expresso pelo Nbase, sendo o produto, na generalidade, uma formação exocêntrica (o *entre-dedo* não é um tipo de *dedo*, mas sim o *espaço situado entre os dedos*; um *entre-soalho* não é um tipo de *soalho*, mas sim o *espaço compreendido entre o teto de um andar e o soalho do andar seguinte*).

Quando acoplado a uma base simples, *entre-* é, ainda que de forma menos produtiva, responsável também quer pelo instanciamento de uma semântica de incompletude do designado pela base, quer pelo estabelecimento de uma relação abstrata entre membros de uma pluralidade. No primeiro caso, o referente do produto prefixado é coincidente apenas *em parte* com o referente do expresso pela base (uma *entre-casa* não é um tipo de *casa*, mas sim *a parte inicial da casa*; uma *entre-manhã* não é um tipo de *manhã*, correspondendo apenas *à parte inicial da manhã*). Deste modo, a acoplagem do prefixo não nos parece ser responsável pela instanciação de uma formação exocêntrica, não havendo, contudo, uma relação de endocentricidade perfeita entre a base e o produto. Já

no segundo caso, a acoplagem do prefixo é responsável pelo instanciamento de uma relação abstrata entre membros de uma pluralidade (*entre-ajuda, entre-choque*), pluralidade essa que reflete, nesta aceção, a principal restrição léxico-semântica do prefixo em análise, responsável pela sua classificação, quando expressa a reciprocidade, enquanto prefixo argumental. Neste caso, base e produto têm referentes comuns (*entre-ajuda é um tipo de ajuda estabelecido entre duas ou mais pessoas; entre-choque é um tipo de choque estabelecido entre duas ou mais pessoas*) e por isso o prefixo é responsável pela construção de uma formação endocêntrica.

Já no que concerne às bases nominais derivadas selecionadas pelo prefixo *entre-*, vimos que estas são deverbais, ativando-se, de uma forma geral, com a acoplagem do prefixo, o instanciamento de uma relação abstrata entre os membros de uma pluralidade. Nelas, a acoplagem do prefixo *entre-* exige a ativação de um ou mais argumento(s) até então inexistente(s) e espoleta o desenvolvimento de uma relação simétrica recíproca entre os participantes da ação expressa pela base deverbal, sendo responsável pela construção de um produto que apresenta o mesmo referente da base (um *entre-conhecimento é um tipo de conhecimento; um entre-cruzamento é um tipo de cruzamento*), ou seja, de uma formação endocêntrica. A acoplagem do prefixo a bases nominais deverbais pode também, em casos muito raros, ativar a instanciação de uma semântica locativa. Nestes casos, à semelhança do que referimos aquando da acoplagem do prefixo a bases nominais simples, o produto denotará algo cujo referente é distinto do referente do Nbase (uma *entre-linhadura não é um tipo de linha, mas sim o espaço entre duas linhas de um texto*), sendo assim responsável pela construção de uma formação exocêntrica.

(II-3.30.)

bases nominais selecionadas por <i>entre-</i>	Semântica do produto			Função do prefixo
bases nominais não deverbais	localização espacial	<i>entre-dedo</i>	▶ construção exocêntrica	▶ prefixo preposicional
	localização temporal	<i>entre-cena</i>	▶ construção exocêntrica	

<b>bases nominais deverbais</b>	relação de reciprocidade entre membros	<i>entre-conhecimento</i>	▶ construção endocêntrica	▶ prefixo argumental
---	---	---------------------------	------------------------------	----------------------

### 3.2.4. Bases adjetivais

Como é visível em (II-G3.5.) e (II-G3.6.), os adjetivos prefixados por *entre-* são maioritariamente derivados (com claro predomínio de formações deverbais) e podem expressar, no caso das bases derivadas, a localização (II-3.31.), o grau intermédio de uma propriedade (II-3.32.), a relação abstrata (recíproca) entre membros de uma pluralidade (II-3.33.) e, no caso das bases simples, o grau intermédio de uma propriedade (II-3.34.)

(II-3.31.)

entre-cutâneo  
entre-montano  
entre-semeado

(II-3.32.)

entre-fechado  
entre-cozido

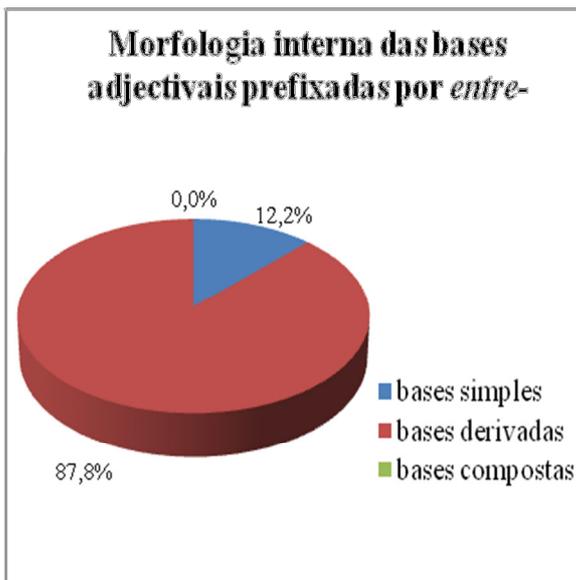
(II-3.33.)

entre-cruzado  
entre-amados

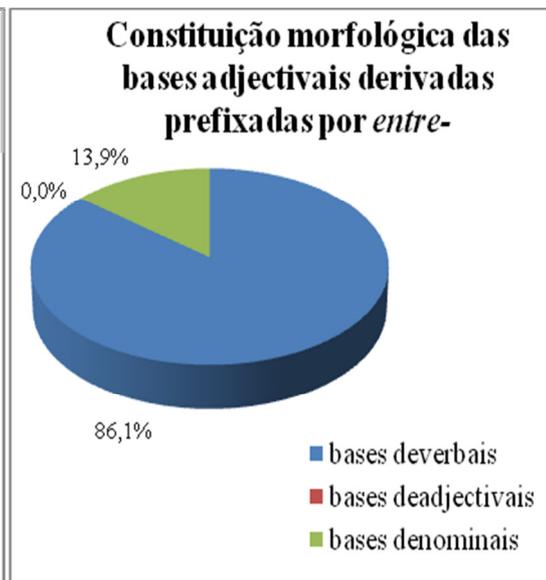
(II-3.34.)

entre-branco  
entre-maduro  
entre-fino

(II-G3.5.)



(II-G3.6.)



Em relação aos adjetivos simples prefixados por *entre-* (II-3.34.), a acoplagem do prefixo contribui para assinalar a incompletude ou o grau intermédio da propriedade expressa pela base (II-3.34.(a)). Nestes casos, o prefixo assume claramente um valor gradativo, procedendo a uma modificação semântica da base similar à estabelecida pelo prefixo *semi-*, o que faz deste operador afixal um prefixo modificador (Gràcia Solé 2004).

(II-3.34.(a))

entre-branco: **quase** branco; que não é totalmente branco;

entre-maduro: que não amadureceu **completamente**; **quase** maduro;

entre-fino: que não é fino nem grosso; de **grau intermédio** entre o fino e o grosso.

Já no caso das bases adjetivais derivadas às quais o prefixo se acopla, são maioritariamente deverbais, havendo contudo cerca de 14% de bases adjetivas denominais que são, na sua totalidade, adjetivos relacionais. Nestes casos (II-3.31(a)), em que há um claro «desajuste entre la estructura morfológica y la semántica» já que «el prefijo tiene abarque semántico sobre el elemento simple pero se une formalmente al complejo derivado»<sup>272</sup> (Varela Ortega e Martín García 1999: 4998), o prefixo assume claramente um valor locativo, o que faz dele um prefixo preposicional.

(II-3.31(a))

entre-montano: localizado entre montes;

entre-cutâneo: que está entre as diferentes camadas da pele, da cútis;

entre-douroeminho: natural da região de Entre-Douro-e-Minho.

No que diz respeito às bases adjetivas deverbais, vimos que a acoplagem do prefixo contribui para assinalar quer (i) a localização (II-3.31(b)), quer (ii) a incompletude ou o grau intermédio de uma propriedade (II-3.32(a)) ou ainda (iii) a relação abstrata (recíproca) entre membros de uma pluralidade (II-3.33(a)).

<sup>272</sup> Como já referimos anteriormente, estes casos apresentam, formalmente, um adjetivo denominal (*montano*) ao qual se acopla o prefixo *entre-*. No entanto, semanticamente, este prefixo exerce a sua influência significativa sobre o elemento nominal já que *entremontano* será *aquele que está localizado entre montes*. Verificamos assim que, em produtos deste tipo, estrutura formal (a) e estrutura semântica (b) não são coincidentes:

(a) [ entre [ [ mont ]<sub>N</sub> ano ]<sub>A</sub> ]<sub>A</sub>

(b) [ [ entre [ mont ]<sub>N</sub> ]<sub>N</sub> ano ]<sub>A</sub>

(II-3.31(b)) entre-semeado: que foi semeado ou plantado *no meio de outras plantações*;

(II-3.32(a))

entre-fechado: fechado de forma **incompleta**; que não está completamente fechado;

entre-cozido: aferventado; cozido de forma **incompleta**;

(II-3.33(a))

entre-cruzado: que foi cruzado **com outro**, ficando sobre ele em forma de cruz;  
cruzado reciprocamente;

entre-amados: diz-se dos que se amam **reciprocamente**;

Observando o exemplo de (II-3.31(b)) vimos que, nele, o prefixo assume um valor claramente locativo, acrescentando à base uma informação semântica (traduzida através da inserção de um OBL), o que faz dele prefixo preposicional (valor eminentemente locativo). Já nos exemplos de (II-3.32(a)), o prefixo confere à base deverbal uma informação aspetual, modificando-a em termos semânticos, o que faz dele um elemento modificador. No que diz respeito aos exemplos de (II-3.33(a)), observamos que, neles, a acoplagem do prefixo incide semanticamente sobre o participante agentivo associado à base deverbal, ativando a participação comum de uma pluralidade de indivíduos ou entidades na consecução de uma ação, indivíduos esses que se relacionam de forma simétrica e recíproca. Nestes casos, o prefixo assume-se como marcador de reciprocidade e, porque incide semanticamente sobre o participante agentivo associado à base deverbal, deve ser considerado como um prefixo argumental, cuja característica basilar é a de realizar uma modificação semântica sobre um ou mais participantes associados à estrutura léxico-semântica da base, podendo alterar a EA e a ESC da base (de)verbal a que se acopla.

### 3.2.4.1. Síntese

Nesta secção, vimos que o prefixo *entre-* se acopla a bases adjetivais expressando sobretudo a semântica da incompletude/grau intermédio da propriedade expressa pela base. Nestes casos, em que *entre-* se acopla a bases adjetivais simples ou a bases adjetivais derivadas deverbais, o prefixo, porque introduz uma informação semântica adicional, assume a função de simples modificador semântico, o que faz dele um prefixo modificador.

Quando acoplado a uma base adjetiva verbal, o prefixo *entre-* pode também (i) expressar uma semântica locativa e (ii) assinalar o relacionamento simétrico e recíproco de uma pluralidade de indivíduos ou entidades na consecução de uma ação, incidindo semanticamente, neste último caso, sobre o participante agentivo associado à base verbal prefixada. No primeiro caso, o prefixo assume-se como marcador de uma relação de sentido locativo, entre duas ou mais entidades, provocando, de forma circunstancial não obrigatória, alteração da EA da base derivada a que se acopla, afirmando-se por isso como prefixo preposicional. No segundo caso, o prefixo é responsável pela instanciação de uma relação de reciprocidade, provocando alterações na EA da base adjetiva a que se acopla, devendo ser considerado como um prefixo argumental.

(II-3.35.)

Base adjetival prefixada por <i>entre-</i>		Sentido ativado pelo prefixo	Função do prefixo	Classificação do prefixo	
Base simples	<i>entre-branco</i>	▶ grau intermédio <sup>273</sup> ▶ incompletude	▶ <b>Modificação semântica</b>	<b>Prefixo modificador</b>	
	<i>entre-maduro</i>				
	<i>entre-fino</i>				
Base derivada	denominal	<i>entre-montano</i>	▶ <b>Alteração (não obrigatória) da EA</b>	<b>Prefixo preposicional</b>	
		<i>entre-cuiâneo</i>			
	deverbal	<i>entre-semeado</i>	▶ localização	▶ <b>Modificação semântica</b>	<b>Prefixo modificador</b>
		<i>entre-fechado</i> <i>entre-cozido</i>	▶ grau intermédio ▶ incompletude		
		<i>entre-cruzado</i> <i>entre-amados</i>	▶ relação recíproca e simétrica entre os membros de uma pluralidade		

### 3.2.5. Conclusões

O prefixo *entre-* é produtivo em português acoplado a bases nominais (43,4%), verbais (38,5%) e adjetivais (18,1%), expressando (i) a posição intermédia entre duas unidades (valor originário locativo), (ii) o grau intermédio de uma propriedade ou ação e (iii) uma relação abstrata (geralmente recíproca) entre entidades pertencentes a uma pluralidade.

Começando pelas bases verbais, que ditarão muitas das restrições de acoplagem deste prefixo, constatámos que as formações verbais que apresentam este operador prefixal se dividem em três grandes grupos: verbos nos quais o prefixo assume claramente (1) um valor locativo, (2) um valor gradativo (incidindo a gradação sobre (2.1.) a atividade desenvolvida ou sobre (2.2.) o resultado dessa atividade) e (3) verbos

<sup>273</sup> Sublinhe-se que, nos casos em que a acoplagem do prefixo ativa o sentido de incompletude ou expressa o grau intermédio de uma escala (*entre-branco*, *entre-maduro*, *entre-fino*, *entre-fechado*, *entre-cozido*, entre outros), o prefixo *entre-* pode ser comutado pelo prefixo *semi-*. Esta comutação resulta agramatical nos restantes casos em que o prefixo *entre-* ativa outro sentido que não o da incompletude / gradação.

nos quais o prefixo requer a presença explícita de uma pluralidade de indivíduos estabelecendo entre eles uma relação de reciprocidade.

Este último tipo de verbos (genericamente eventivos) é, como vimos, bastante representativo e neles a acoplagem de *entre-* exige a inferência de uma pluralidade que pode ser expressa quer no argumento externo quer no argumento interno do verbo, de diferentes formas ((i) SN morfologicamente plural, (ii) dois SN coordenados, (iii) junção, no argumento interno do verbo, de um SN a um SP introduzido pela preposição *com*, (iv) combinação do argumento externo (SU) com um argumento interno OBL expresso através de um SN introduzido pela preposição *com* ou *entre* e (v) SU preenchido por um SN plural ou por dois SN coordenados, coadjuvado(s) pelo clítico *se*). Esta exigência de pluralidade consubstancia a principal restrição léxico-semântica do prefixo *entre-* (com esta aceção) e é o reflexo do facto de este provocar alterações na EA da base verbal a que se acopla, afetando os participantes da ação verbal, o que motiva, neste caso, a sua inserção no grupo dos prefixos argumentais.

No que diz respeito às bases nominais prefixadas por *entre-*, estas denotam, no caso das bases simples e de forma genérica, uma significação locativa temporal ou espacial. Nelas, o prefixo é responsável pela introdução de uma especificação semântica da base e contribui para a construção de uma formação exocêntrica. Há, ainda que de forma minoritária, o registo de bases nominais nas quais a acoplagem do prefixo ativa (i) a semântica da gradação / incompletude do expresso pela base ou (ii) o estabelecimento de uma relação de reciprocidade entre os participantes da ação expressa pela base.

Já no que concerne às bases nominais derivadas, vimos que estas são maioritariamente deverbais, ativando-se, de uma forma geral, com a acoplagem do prefixo, o instanciamento de uma relação abstrata de reciprocidade entre os membros de uma pluralidade. Nelas, a acoplagem do prefixo *entre-* incide sobre os participantes da ação expressa pela base, espoletando entre eles o desenvolvimento de uma relação simétrica recíproca, o que faz com que este prefixo seja, neste caso, um prefixo argumental.

Finalmente, no que concerne as bases adjetivais, vimos que o prefixo *entre-* pode expressar, quando acoplado a uma base simples, o grau intermédio de uma propriedade e, quando acoplado a uma base derivada, a localização, o grau intermédio de uma propriedade e também a relação abstrata (recíproca) entre membros de uma pluralidade. Entre as bases adjetivas derivadas prefixadas por *entre-*, há um número significativo de

bases deverbais nas quais a acoplagem do prefixo assinala frequentemente o relacionamento simétrico e recíproco de uma pluralidade de indivíduos ou entidades na consecução de uma ação, incidindo semanticamente sobre o participante agentivo associado à base verbal prefixada. Nestes casos, à semelhança do que acontece com as restantes bases (de)verbais às quais o prefixo se acopla, *entre-* assume-se como marcador de reciprocidade e, neste sentido, é considerado como um prefixo argumental.

Concluimos, pois, da nossa análise, que o prefixo *entre* - não se ajusta à hipótese da base única, já que se acopla a bases pertencentes a diferentes categorias, ativando, com a sua acoplagem, três semânticas distintas distribuídas, tendencialmente, por cada uma das principais categorias gramaticais.

Assim, quando acoplado a bases (de)verbais e instanciando uma relação recíproca e simétrica entre os membros de uma pluralidade, o prefixo *entre-* exige a ativação de um ou mais argumento(s) até então inexistente(s), provocando a expressão de uma pluralidade responsável, em muitos casos, pela alteração da EA da base a que se acopla. Aqui, a acoplagem do prefixo incide sobre o participante agentivo da ação expressa pela base (de)verbal, pluralizando-o ou introduzindo um argumento que com ele se relacione reciprocamente. Neste contexto, o prefixo introduz uma modificação semântica da base, podendo acarretar, com a sua acoplagem, uma alteração da EA da base, o que faz dele um prefixo argumental.

Também quando acoplado a bases deverbais (instanciadoras de uma informação circunstancial locativa ou de uma informação de carácter avaliativo (gradativo)) e a bases (de)nominais, o prefixo ativa, maioritariamente (e sobretudo neste último caso), a semântica da localização espacial e/ou temporal, sendo responsável pela formação de construções exocêntricas cujo referente obriga à consideração de, pelo menos, duas entidades<sup>274</sup>. Deste modo, o prefixo assume a capacidade de, ainda que de forma circunstancial não obrigatória, alterar a EA da mesma (efetivamente o produto será parafraseado como *X localizado entre Y e Z*), o que faz dele um prefixo preposicional.

Finalmente, *entre-*, quando acoplado a bases adjetivais (sobretudo adjetivos simples), ativa maioritariamente a semântica da gradatividade. Neste caso, o prefixo é

---

<sup>274</sup> Com esta aceção, afirma Padrosa Trias que «like the preposition, the prefix takes two arguments» (Padrosa Trias 2009).

responsável pela introdução de uma informação avaliativa, dotando o produto de uma informação semântica que lhe permite a sua inclusão no ponto intermédio de uma escala<sup>275</sup>. Deste modo, o prefixo, aqui, assume claramente uma função modificadora e, porque não incide sobre os argumentos da base a que se acopla, não provocando qualquer alteração da EA ou da ESC da mesma, é inserido no grupo dos prefixos modificadores.

As diferentes semânticas desenvolvidas pelo prefixo *entre-*, quando acoplado a uma base, são responsáveis pela sua heterogeneidade<sup>276</sup> no que concerne à sua classificação enquanto prefixo modificador, preposicional ou argumental. De facto, como é visível em (II-3.36.), (i) quando *entre-* se revela responsável pela instanciação de uma relação de reciprocidade entre duas entidades (o que tem lugar, tendencialmente, quando acoplado a bases verbais), o prefixo assume-se como um prefixo argumental. Por sua vez, (ii) quando desenvolve uma semântica locativa<sup>277</sup>, o que acontece tendencialmente quando se encontra acoplado a bases nominais, *entre-* funciona como um prefixo preposicional e pode provocar a alteração da EA. Nesta circunstância, o prefixo tem valor transitivo (preposição seguida de um complemento), pode modificar a EA e é o núcleo de uma estrutura que lhe é adjunta, requerendo «the presence of na internal argument» (Padrosa-Trias e Markova 2009: 5). Finalmente, quando (iii) desenvolve uma semântica de gradação, permitindo a sua inserção do grupo dos prefixos avaliativos, *entre-* introduz uma informação adjunta e por isso afirma-se como um elemento modificador, caracterizando-se pois por modificar semanticamente a base. Aqui, o valor do prefixo é intransitivo e interpreta-se como um modificador<sup>278</sup>, sendo o

<sup>275</sup> Refira-se, a este propósito, a afirmação de Dany Amiot no que concerne aos prefixos que expressam o grau. Afirma a autora que, em casos como este com que nos detemos «nous sommes face à un continuum: les préfixes d'origine prépositionnelle sont de meilleurs candidats pour construire le haut degré que les préfixes d'origine adjectivale et, parmi ceux-ci, les évaluatifs sont plus aptes à exprimer ce type de sens que ceux qui sont devenus des quantificateurs. Il n'en reste pas moins que tout préfixe d'origine prépositionnelle ne peut exprimer le degré; on l'a dit, seuls sont qui sont, au moins à l'origine, des préfixes de localisation spatiale en ont la capacité» (Amiot 2004b: 96).

<sup>276</sup> A este propósito, Dany Amiot refere que «le sémantisme des noms construits par *entre-* n'est pas homogène», o que confere a este elemento prefixal uma certa complexidade e obriga a autora a classificá-lo de «préfixe non prototypique» (Amiot 2004a: 78 e 79).

<sup>277</sup> Note-se que Gràcia Solé *et al.* (2004) considera que, com este valor, o prefixo «expresa el contenido semántico de la preposición de la que procede» (Gràcia Solé *et al.* 2004: 320).

<sup>278</sup> Na mesma linha de pensamento, Padrosa Trias e Markova (2009) afirmam que «the prefix [entre-] is usually considered modifier when it is associated with the aspectual notion of incompleteness» (Padrosa Trias e Markova 2009). Também Gràcia Solé *et al.* (2004) afirma que «lo prefijo *entre-* (incompleción) tiene valor modificador» (Gràcia Solé *et al.* 2004: 93).

núcleo a base à qual o prefixo se acopla. O núcleo, nestes casos, é a base e por isso a estrutura destes produtos é a de modificador-núcleo<sup>279</sup> (Zwanenburg 1992).

(II-3.36.)

Tipo de base		Semântica desenvolvida pelo prefixo	Classificação do prefixo
<b>Verbais</b>	<i>entre-chocar</i> <i>entre-cruzar</i>	relação de reciprocidade	<b>prefixo argumental</b>
<b>Nominais</b>	<i>entre-dedo</i>	localização espacial ou temporal	<b>prefixo preposicional</b>
<b>Adjetivais</b>	<i>entre-maduro</i>	gradação / avaliação	<b>prefixo modificador</b>

---

<sup>279</sup> Continuando a problematizar a relação estabelecida entre elementos preposicionais e elementos prefixais, e a propósito do uso intransitivo do prefixo *entre-*, Dany Amiot afirma que «il existe cependant une interprétation qui relève uniquement de l'élément non autonome (*entre-*). C'est celle que l'on trouve dans les verbes comme *entrouvrir*, dans laquelle le verbe dérivé indique que l'action désignée par le verbe de base n'est qu'à moitié accomplie; cette interprétation d'ordre aspectuel n'apparaît pas en syntaxe» (Amiot 2004a: 79).

### 3.3. O prefixo *inter-*

O prefixo *inter-* apresenta, como é sublinhado por muitos autores, uma enorme «popularidade e vitalidade nas novas formações» (Ching 1971/73: 161). Não obstante serem prefixos distintos, *inter-* e *entre-* têm a mesma origem etimológica (a preposição *inter*) e apresentam (cf. II-3.4. e II-3.10.), valores semânticos parcialmente coincidentes. No entanto, *inter-* e *entre-* são, como já referimos, prefixos distintos e caracterizam-se por graus de produtividade e tendências de acoplagem diferentes, responsáveis pela produtividade que *inter-* apresenta na fase atual da língua (II-G3.7.).

#### 3.3.1. Produtividade e representatividade do prefixo *inter-*

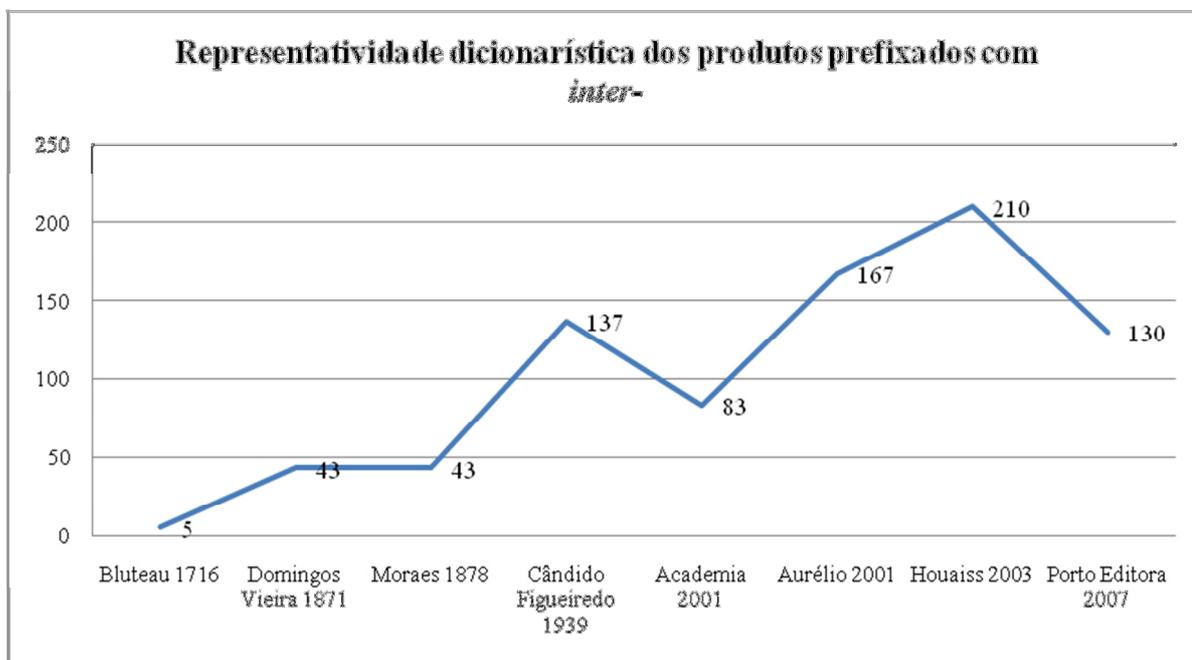
O prefixo *inter-* dá lugar a formações muito diversas, daí que apresente, na fase atual da língua, uma imensa produtividade. De facto, pela observação de (II-G3.7.) e de (II-3.11.), verificamos que este prefixo se apresenta, na fase atual da língua, como um prefixo produtivo<sup>280</sup>, sobretudo em comparação com o seu homólogo *entre-* (II-G3.1.)<sup>281</sup>. Como já referimos, *entre-* e *inter-* apresentam distintas tendências no que concerne à produtividade em diferentes fases da língua. Se até à publicação do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido de Figueiredo (1939), se registava maior produtividade do prefixo *entre-*, a partir dessa data, e de acordo com a análise quantitativa do nosso *corpus*, regista-se uma supremacia de *inter-*<sup>282</sup> que assim se afirma como um dos prefixos mais produtivos na fase atual da língua.

<sup>280</sup> Sublinhe-se, a este propósito e como já aludimos anteriormente, que a diminuta quantificação de ocorrências no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia de Ciências de Lisboa, ou no *Dicionário da Língua Portuguesa*, da Porto Editora (comparando, por exemplo, com o número de ocorrências presentes no *Aurélio XXI* ou com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*) se deve à própria dimensão dos dicionários em questão (*Aurélio XXI*: 130 000 entradas; *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*: 230 000 entradas; *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia de Ciências de Lisboa: 70 000 entradas; *Dicionário da Língua Portuguesa*, da Porto Editora: 87 000 entradas).

<sup>281</sup> Esta distinção entre os dois prefixos verifica-se quer no que diz respeito à produtividade quer no que concerne às tendências de acoplagem em termos morfo-sintáticos e aos valores semânticos veiculados. De facto, se *entre-* manifesta acoplagem preferencial a bases nominais (43,4%) e verbais (38,5%), *inter-* acopla-se, de forma inequivocamente preferencial, a bases adjetivas (59,7%). Recorde-se, a este respeito, o que referimos na secção 3.2. deste capítulo, a propósito das tendências de acoplagem do prefixo *entre-*.

<sup>282</sup> Sublinhe-se, como referimos anteriormente, que no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* os produtos prefixados com *inter-* se apresentam em número 40% superior que os produtos prefixados com *entre-*.

(II-G3.7.)



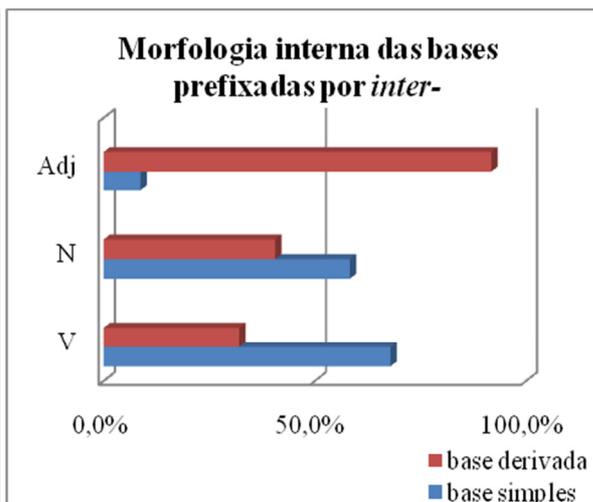
Esta fecunda produtividade do prefixo *inter-* deve-se, como vemos em (II-G3.8.) e em (II-G3.9.), entre outras causas, ao facto de o prefixo se acoplar quer a bases nominais, verbais e adjetivais (II-G3.8.)<sup>283</sup>, quer a bases simples e complexas (II-G3.9.). Esta heterogeneidade de acoplagem mostrou-nos que este prefixo não apresenta, na generalidade, fortes restrições categoriais, evidenciando contudo uma notória tendência de acoplagem a bases adjetivas (em 59,7% dos casos, que, em cerca de 87% dos casos, são denominais).

<sup>283</sup> A tal não deverá ser estranho também o facto de o prefixo *inter-* se acoplar a bases de distinta tipologia acentual (base aguda: *inter-comunicar*; base grave: *inter-religioso*; base esdrúxula: *inter-sístole*) e estrutura silábica (base com uma sílaba: *inter-ver*; base com duas sílabas: *inter-clube*; base com três sílabas: *inter-cultura*; base com quatro sílabas: *inter-alveolar*; base com cinco sílabas: *inter-consonântico*; base com seis sílabas: *inter-relacionado*; base com sete sílabas: *inter-universitário*; base com 8 sílabas: *inter-úteroaplacentário*), iniciadas quer por fonema nasal (*inter-insular*, *inter-ambulacral*, *inter-ministerial*, *inter-nuclear*), quer por fonema oral, vocálico (*inter-alveolar*, *inter-acadêmico*, *inter-ético*, *inter-estatal*, *inter-ósseo*, *inter-oceânico*, *inter-universitário*), ou consonântico (*inter-ligação*, *inter-relacionado*), surdo (*inter-peninsular*, *inter-tropical*, *inter-clavicular*, *inter-folha*, *inter-sindical*) ou sonoro (*inter-bancário*, *inter-disciplinar*, *inter-ganglionar*, *inter-vocálico*, *inter-jacente*) e ainda por ditongo (*inter-europeu*, *inter-auricular*), apresentando distinta estrutura silábica inicial (V: *inter-ocular*; VV: *inter-europeu*; VC: *inter-estatal*; CV: *inter-municipal*; CVC: *inter-cervical*; CCV: *inter-planetário*; CVVC: *inter-quartil*; CVCC: *inter-menstruação*; CCVC: *inter-frontal*; CVV: *inter-leucina*; CCVCC: *inter-transversário*).

(II-G3.8.)



(II-G3.9.)



Da análise das 308 ocorrências prefixadas por *inter-* constantes no nosso *corpus*, verificámos que este prefixo, não obstante se acoplar preferencialmente a bases adjetivais (sobretudo denominais), se acopla a bases pertencentes às três principais categorias sintáticas. De entre estas, verificamos (cf. II-3.37.) que as bases às quais o prefixo se acopla são tendencialmente de origem (de)nominal (como é o caso dos nomes simples, dos adjetivos denominais e, indiretamente, dos verbos denominais) ou de origem (de)verbal (como é o caso dos verbos simples e dos nomes e adjetivos deverbais), o que nos permite afirmar que, ao contrário da categoria sintática da base, a procedência (de)verbal ou não (geralmente (de)nominal) da mesma parece-nos ser o critério basilar a considerar no estudo das tendências de acoplagem do prefixo *inter-*.

(II-3.37.)

	<b>Bases não (de)verbais (geralmente (de)nominais)</b>	<b>Bases (de)verbais</b>
<b>Nome</b>	inter-cidades	inter-combinação inter-comunicador
<b>Adjetivo</b>	inter-étnico inter-alveolar inter-colonial	inter-dependente inter-conectado
<b>Verbo</b>	inter-espacejar	inter-agir

### 3.3.2. Bases de procedência (de)verbal

Através da denominação *bases de procedência (de)verbal*, referimo-nos a bases pertencentes a diferentes classes de palavras que apresentam como característica comum o facto de se encontrarem relacionadas morfológica e semanticamente com um verbo. Incluímos por isso, nesta secção, os verbos simples (*inter-agir, inter-actuar*), os nomes derivados deverbais (*inter-comunicador, inter-relacionamento, inter-combinação*) e os adjetivos derivados deverbais (*inter-dependente, inter-conectado, inter-ligado*).

#### 3.3.2.1. Verbos

Como é visível em (II-G3.9.), as formações verbais prefixadas por *inter-* são maioritariamente (em cerca de 68% dos casos) bases simples. Estas exigem a presença explícita de uma pluralidade de indivíduos entre os quais o prefixo estabelece uma relação de reciprocidade, distribuindo uma propriedade ou um evento entre os membros de uma pluralidade, o que faz deste prefixo um prefixo simétrico. Como podemos observar em (II-3.38), e à semelhança do que apontámos para o prefixo *entre-*, a reciprocidade estabelecida pelos verbos prefixados por *inter-*, apesar de ser explicitada maioritariamente no(s) argumento(s) interno(s) (II-3.38(a)), pode, ainda que de forma menos frequente, ser explicitada no argumento externo (II-3.38(b)) ou ainda através da ligação estabelecida entre o argumento externo com o argumento interno introduzido pela preposição *com* (II-3.38(c)).

(II-3.38.)

(a)

(i) Além do mais, a lógica da legislação que cria um país, dois sistemas, **inter-liga** as iniciativas.

(ii) Fernandez Alvario destacou que o Clube Financeiro de Vigo pretende "aglutinar e **inter-relacionar** o mundo empresarial e os profissionais liberais para conquistar investimentos".

(iii) Da autoria do arquiteto Vítor Figueiredo, o projeto prevê a construção de um " sistema de edifícios radiais a partir de um núcleo central" que, **inter-comunicando** *entre si*, estão vocacionados para funções específicas.

(b)

(i) O objetivo é promover o porto de Setúbal com a colaboração *de todas as entidades* que se **inter-relacionam** nesta estrutura em desenvolvimento.

Tem a ver com a correlação de forças sociais, com os modelos de referência dos *vários grupos* que se entrecrocaram e **inter-relacionam** na sociedade civil...

Porque cada vez mais *as influências* se **inter-comunicam**, de todo o lado se conhecem as mesmas coisas....

(c)

(iv) *O problema da violência infantil* poderá igualmente **inter-relacionar-se** com o *progressivo afastamento das crianças da realidade da morte* e dos seus rituais nas sociedades urbanas.

Estava previsto que o plenário parlamentar discutisse ontem a convenção para a proteção das pessoas relativamente ao tratamento de dados de carácter pessoal, *uma questão* que se **inter-relacionava** com *as razões do veto de Soares* ao cartão de utente do Serviço Nacional de Saúde.

Pela observação de (II-3.38.), verificamos que a pluralidade exigida pelo verbo prefixado se pode manifestar (a) no(s) argumento(s) interno(s) (geralmente OD ou OBL), (b) no argumento externo (SU) e (c) através da ligação estabelecida entre o argumento externo (SU) e o argumento interno (OBL) introduzido pela preposição *com*, podendo ser explicitada através (i) de um SN morfologicamente plural, (ii) de dois SN coordenados, (iii) de um SP introduzido pela preposição *entre* seguida de um pronome pessoal OBL e ainda através (iv) da junção do SN expresso no argumento externo (SU) com o SP introduzido pela preposição *com* e expresso no argumento interno do verbo.

A observação de (II-3.38.) permite-nos também afirmar que as bases verbais prefixadas por *inter-* são predominantemente télicas<sup>284</sup>, eventivas e transitivas, tendo, no mínimo, dois argumentos<sup>285</sup> e apresentando, nos casos em que a reciprocidade é expressa apenas no argumento interno (II-3.38 (a)), uma EA preenchida por um argumento externo SU com capacidade agentiva e por um argumento interno OD ou OBL, denotador do(s) paciente(s) ou do(s) tema(s) da ação expressa pelo verbo e, nos casos em que a reciprocidade é expressa envolvendo a intervenção do argumento externo (II-3.38(b) e (c)), a EA é preenchida por um argumento externo SU com características agentivas e por, pelo menos, um argumento interno OD expresso através do clítico *se* que confere traços da reciprocidade instanciada pelo prefixo.

Não obstante a premissa de pluralidade ser incontornável para a prefixação de uma base verbal por *inter-*, observamos, contudo, pela análise do nosso *corpus*, que a acoplagem do prefixo não provoca obrigatoriamente alterações na EA da base verbal que pode apresentar (II-3.39.) o mesmo número e natureza de argumentos que a base prefixada.

(II-3.39.)

- |     |  |          |
|-----|--|----------|
| (a) | O Clube Financeiro de Vigo pretende aglutinar e <b>relacionar</b> o mundo empresarial e os profissionais liberais.   | SU V OD  |
|     | O Clube Financeiro de Vigo pretende aglutinar e <b>inter-relacionar</b> o mundo empresarial e os profissionais liberais.   | SU V OD  |
| (b) | O projeto prevê a construção de um sistema de edifícios radiais a partir de um núcleo central que, <b>comunicando</b> entre si, estão vocacionados para funções específicas. | SU V OBL |

<sup>284</sup> Gràcia Solé *et al.* (2004) refere que «el relación con el aspect de las bases, en el caso de *inter-recíproco* y locativo, se constata siempre el rasgo [+télico], es decir, el evento está siempre encaminado a un fin» (Solé *et al.* 2004: 95).

<sup>285</sup> Felú Arquiola e Fabregas (2003) referem que o prefixo *inter-* exige, no mínimo, «two argument positions (though there may be more), with the additional restriction that these two arguments maintain a symmetric relationship between them» (Felú Arquiola e Fabregas 2003: 171). Também Amiot (2004a) refere que *inter-* «est un prefixe qui a non pas un mais deux arguments internes, impliqués par son sens» (Amiot 2004a: 78). A este propósito, também Lluïsa Gràcia Solé *et al.* (2004) defende que «las bases a las que se pueden añadir el prefijo *inter-* con valor de reciprocidad deben ser como mínimo diádicas – en algunos casos son triádicas –, con un argumento externo con el papel temático de agente y un argumento interno tema» (Gràcia Solé *et al.* 2004: 94).

- O projeto prevê a construção de um sistema de edifícios radiais a partir de um núcleo central que, **inter-comunicando** entre si, estão vocacionados para funções específicas. SU V OBL
- (c) (...) tem a ver com a correlação de forças sociais, com os modelos de referência dos vários grupos que se entrecrocaram e **relacionam** na sociedade civil... SU V
- (...) tem a ver com a correlação de forças sociais, com os modelos de referência dos vários grupos que se entrecrocaram e **inter-relacionam** na sociedade civil... SU V
- (d) (...) uma questão que se **relacionava** com as razões do veto de Soares ao cartão de utente do Serviço Nacional de Saúde. SU V OBL
- (...) uma questão que se **inter-relacionava** com as razões do veto de Soares ao cartão de utente do Serviço Nacional de Saúde. SU V OBL

Apesar de a acoplagem do prefixo *inter-* não provocar obrigatoriamente alteração da EA ou do aspeto léxico da base verbal, a premissa de pluralidade é, como verificamos em (II-3.40.), incontornável para a construção da gramaticalidade de um enunciado detentor de uma base verbal prefixada por *inter-*. Esta exigência do prefixo, apesar de não afetar obrigatoriamente a EA e a ESC da base verbal a que se acopla, afeta os participantes que lhe estão associados, desencadeando ou alterações da EA da base verbal ou alterações no preenchimento dos seus argumentos, o que justifica, neste caso, a inserção deste prefixo no grupo dos prefixos argumentais, cuja característica basilar é, como referimos anteriormente, aquando da análise dos prefixos *co-* e *entre-* (com o sentido de reciprocidade), a de realizar «una modificación sobre uno o más participantes asociados com la estructura léxico-semántica de la palabra base» (Feliu Arquiola 2003 a: 267).

(II-3.40.)

- \*O Clube Financeiro de Vigo pretende "aglutinar e **inter-relacionar** o mundo empresarial<sup>286</sup>.
- \* A lógica da legislação que cria um país, dois sistemas, **inter-liga** a iniciativa.
- \* O objetivo é promover o porto de Setúbal com a colaboração da entidade que se **inter-relaciona** nesta estrutura em desenvolvimento .
- \* Porque cada vez mais a influência se **inter-comunica**, de todo o lado se conhecem as mesmas coisas....

### 3.3.2.2. Substantivos deverbais

Os substantivos e os adjetivos deverbais prefixados por *inter-* são, na nossa opinião, os que melhor exemplificam o contributo semântico do prefixo. De facto, se compararmos os pares de palavras apresentados em (II-3.41.), verificamos que os substantivos de (a) não possibilitam, em circunstância alguma e ao contrário dos substantivos de (b), uma interpretação de simetria ou de igualdade entre os intervenientes do processo explicitado pela base verbal.

(II-3.41.)

	(a)	(b)
1.	comunicação	inter-comunicação
2.	dependência	inter-dependência
3.	penetração	inter-penetração

De facto, se considerarmos (II-3.41 (a)), vemos que substantivos como *comunicação*, *dependência* ou *penetração* expressam uma relação unidirecional (em (1) é a *Direção Geral das Comissões da CEE* que comunica com a *Argentina*, não se

---

<sup>286</sup> Sublinhe-se, contudo, que esta frase poderia não resultar completamente agramatical se considerássemos que *o mundo empresarial* dizia respeito a um conjunto de várias empresas individuais que se relacionavam entre si. Neste sentido, com esta interpretação, e porque a expressão *mundo empresarial* adquiriria uma dimensão globalizante, a frase não resultaria agramatical.

verificando a comunicação em sentido contrário; em (2) são *os exportadores portugueses* que dependem da *Comunidade Europeia*, e não o inverso; em (3) são *as exportações espanholas* que penetram no *mercado português*, não se verificando o oposto), em alguns casos de tipo hierárquico (em (2), por exemplo, *os exportadores portugueses* estão claramente numa posição de inferior importância e autonomia relativamente à Comunidade Europeia).

(II-3.41 (a))

- (1) Por seu turno, uma **comunicação** da *Direção Geral das Comissões da CEE* à Argentina sustenta que aquele Estado tem sido o maior mercado latino americano de exportação para os países comunitários.
- (2) O governo vai lançar linhas de crédito destinadas a incentivar a diversificação dos mercados, diminuindo a **dependência** dos *exportadores portugueses* em relação à Comunidade Europeia.
- (3) Este fator reduz a capacidade concorrencial das nossas empresas no país, em Espanha e em terceiros mercados, ao mesmo tempo que facilita a **penetração** das *exportações espanholas* no mercado nacional e em mercados nossos clientes.

Nestes casos, como é visível em (II-3.41(b)), a prefixação por *inter-* altera o tipo de relação expressa pela base, dotando-a de bidireccionalidade e colocando os participantes da ação verbal num plano de igualdade e simetria, já que interagem de forma similar na ação expressa pela base verbal.

(II-3.41(b))

- (1) A propósito da estrutura da peça criada por Pirandello – **inter-comunicação** *entre os atores e o público*, entre o palco e a plateia –, Ronconi disse que era absurdo colocar atores sentados na plateia, a fingir de espectadores, a falar italiano ao lado de espectadores portugueses.
- (2) A nossa **inter-dependência** *entre a captura de sardinha e a viabilidade da indústria de conserva* é o nó górdio das perspetivas do setor a nível nacional.

- (3) Levando mais longe uma lógica de **inter-penetração** entre *grupos industriais e financeiros* – na senda do modelo alemão – passava da Figest para a Sonae Investimentos a sua participação no banco.

A observação atenta dos exemplos de (II-3.41(b)) mostra-nos que, nestes casos, estamos perante uma predicação com incidência dupla, já que a ação designada pelo substantivo deverbais prefixado diz respeito a um indivíduo/entidade relativamente a outro(a): em (1), *atores* e *público* comunicam entre si; em (2), verificamos uma dependência recíproca entre a *captura da sardinha* e a *indústria de conserva*; e em (3), há uma relação recíproca e bidirecional entre os *grupos industriais* e os *grupos financeiros*. Já os casos de (II-3.41(a)) dão-nos conta de uma predicação unidirecional. A existência desta dupla predicação dos nomes deverbais prefixados por *inter-* (relativamente aos não prefixados, instanciadores de predicções simples e unidirecionais) permite-nos explicar o facto de os nomes não prefixados (II-3.42(a)) permitirem a elisão do termo autónomo da relação, ao contrário dos nomes prefixados (II-3.42(b)), que não possibilitam a elisão de um dos termos envolvidos na relação, exigindo assim que os membros da pluralidade apareçam expressos explicitamente, conforme mostramos em (II-3.43.).

(II-3.42(a))

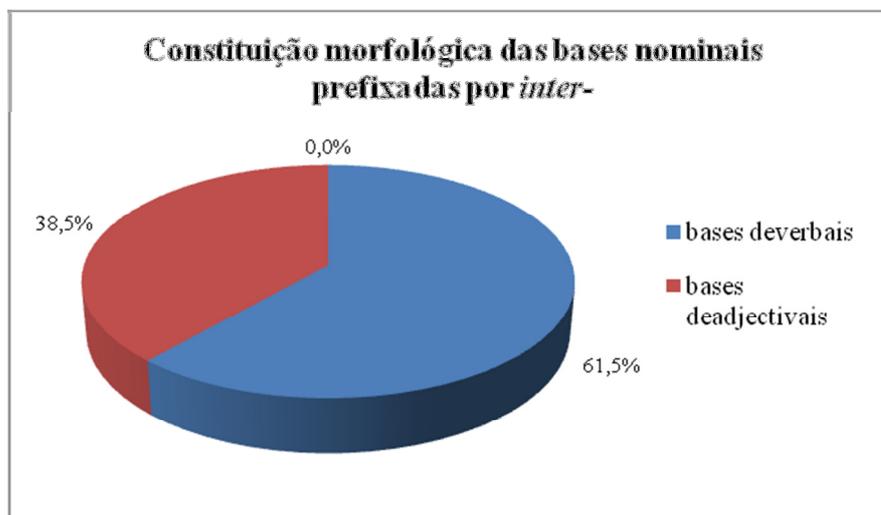
- (a) O governo vai lançar linhas de crédito destinadas a incentivar a diversificação dos mercados, diminuindo a **dependência** *dos exportadores portugueses*.
- (b) \*A **inter-dependência** *entre a captura de sardinha* é o nó górdio das perspetivas do setor a nível nacional.

(II-3.43) Estes dois problemas são inter-dependentes.

\* Este problema é inter-dependente.

À semelhança do que mencionámos na análise das bases verbais prefixadas por *inter-*, a expressão explícita da pluralidade é premissa obrigatória para a construção da gramaticalidade destes substantivos deverbais que representam cerca de 61,5% das bases nominais derivadas prefixadas por *inter-* (II-G3.10.).

(II-G3.10.)



Nos substantivos deverbais prefixados por *inter-*, como é visível em (II-3.44.), a pluralidade dos membros entre os quais o prefixo estabelece uma relação de simetria bidirecional pode manifestar-se explicitamente através (i) de um SN plural, (ii) de vários SN coordenados, (iii) de um SP introduzido pela preposição *entre*, a que se seguem, pelo menos, dois nomes coordenados ou um SN plural, (iv) de um adjetivo relacional e (v) de um determinante possessivo.

(II-3.44.)

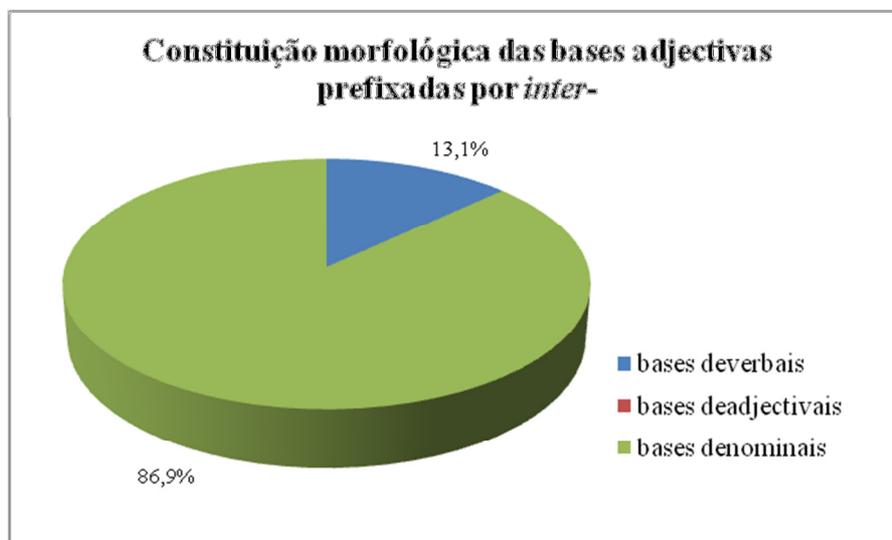
- (i) Aliás, o ideal era caminhar para a criação de redes, promovendo a **inter-comunicação** *de escolas*.
- (ii) Os casamentos mistos, a geografia do país e os interesses comuns, como a **inter-dependência** *do porto de Antuérpia e do porto da Valónia*.
- (iii) Não houve **inter-comunicação** *entre mim, o Júlio e o Fausto*.  
O que é essencial é que exista rigor financeiro na definição das prestações e **inter-comunicação** *entre os diferentes regimes*.
- (iv) Com a **inter-dependência** *mundial* das economias nacionais e a necessidade crescente destas em atrair capitais.  
A **inter-dependência** *regional* não constitui uma protecção contra o poder do nacionalismo.

- (v) É claro que a *nossa inter-dependência* faz com que importemos as dificuldades europeias e mundiais.

### 3.3.2.3. Adjetivos deverbais

Os adjetivos deverbais prefixados por *inter-* constituem apenas cerca de 13% das bases adjetivais derivadas (cf. II-G3.11.) e aparecem sobretudo em construções como as exemplificadas em (II-3.45.): (i) com um substantivo plural, sujeito de predicação do adjetivo prefixado, (ii) com dois ou mais substantivos coordenados, predicados pelo adjetivo prefixado, (iii) com um sujeito preenchido por um substantivo no singular, a que se liga um SP introduzido pelas preposições *com* ou *a*, (iv) com um sujeito singular que denote uma entidade pluralizável, concebida como sendo constituída por diferentes elementos (*mundo, sistema, território*) e (v) com um sujeito preenchido por um quantificador (*tudo*).

(II-G3.11.)



(II-3.45.)

(i) *Estes três temas* estão **inter-ligados** por Randy Brecker, nos originais de Herwig e Beirach.

(ii) *Porto e Gondomar* estão **inter-ligados** ao longo de quilómetros e a Área Metropolitana do Porto (AMP) é um território de tecido contínuo.

(iii) Durante a importação das imagens, o utilizador pode escolher a resolução a usar, *algo* que está diretamente **inter-ligado** com o resultado pretendido.

*Este subsistema* deverá ser **inter-ligado** ao sistema nacional de desalfandegamento STADA, que se encontra em fase inicial de implantação pela Alfândega, junto ao porto.

(iv) É cada vez mais evidente que estamos num *mundo* **inter-dependente** e que a humanidade tem que funcionar cada vez mais como um todo.

O texto dedica ainda alguns artigos às normas e às tecnologias passíveis de introduzirem alterações num mundo vivo que constitui um *sistema* global, integrado, **inter-relacionado** e homeostático.

Quem o escolheu não terá tido, talvez, a bondade de o alertar para que Lisboa não é bem uma ilha isolada, mas uma entre várias peças num *território* complexo e fortemente **inter-ligado**.

(v) Estamos num campo onde nada é imutável e *tudo* é **inter-dependente**.

Creio que *tudo* está **inter-relacionado**.

Os adjetivos deverbais prefixados por *inter-* formam-se mediante um processo lexical cuja consequência principal é a exigência de manifestação explícita da pluralidade dos membros afetados pela predicação deverbal recíproca. Os produtos deverbais prefixados por *inter-* devem, pois, ocorrer em construções que expressem a pluralidade segundo as possibilidades próprias da sua categoria. Assim, não obstante os mecanismos de expressão da pluralidade comuns a nomes e adjetivos deverbais (existência de um SN plural ou de vários SN coordenados, introdução de um SP introduzido pela preposição *entre*, *com* ou *a*), os substantivos e adjetivos deverbais prefixados por *inter-* apresentam também construções próprias que, apesar de serem aplicáveis a apenas uma das categorias prefixadas por *inter-* (por exemplo, apenas os

substantivos deverbais admitem a modificação por um adjetivo relacional ou por um possessivo, assim como apenas os adjetivos deverbais admitem a expressão da pluralidade mediante um quantificador ou a utilização de uma entidade pluralizável, concebida como sendo constituída por diferentes elementos), preenchem o requisito basilar da instanciação da prefixação por *inter-*: a manifestação explícita da pluralidade dos actantes, o que corrobora a inserção de *inter-* no grupo dos prefixos argumentais.

#### 3.3.2.4. Síntese

Nesta secção, detivemo-nos sobre as bases de procedência (de)verbal prefixadas por *inter-*, incidindo a nossa análise sobre a acoplagem deste prefixo a bases de diferentes categorias sintáticas mas relacionadas morfológica e semanticamente com um verbo. Foi por isso analisada, nesta secção, a acoplagem de *inter-* a verbos simples e a nomes e adjetivos deverbais.

No que concerne às bases verbais simples prefixadas por *inter-*, vimos que estas são predominantemente télicas, eventivas e transitivas, apresentando, no mínimo, a existência de dois argumentos (geralmente um argumento externo com capacidade agentiva e um argumento interno denotador do paciente/tema da ação expressa pelo verbo). Estes argumentos são responsáveis, na generalidade, pela explicitação de uma pluralidade de indivíduos entre os quais o prefixo estabelece uma relação de reciprocidade<sup>287</sup>, o que se revela, nestes casos, como premissa necessária à prefixação de uma base verbal por *inter-*. Vimos também que, sendo a premissa da pluralidade incontornável para a prefixação de uma base verbal por *inter-*, esta pode provocar alterações na EA da base verbal. Esta característica, aliada ao facto de este prefixo afetar os participantes que lhe estão associados (exigindo o preenchimento pluralizável dos mesmos), faz com que este prefixo seja inserido no grupo dos prefixos argumentais.

A característica da pluralidade deve também ser considerada na acoplagem de *inter-* a bases nominais deverbais já que nelas a junção deste prefixo vai desencadear uma relação de bidireccionalidade entre os intervenientes do processo explicitado pela base verbal, colocando-os num plano de igualdade e simetria. Esta característica, que

---

<sup>287</sup> No mesmo sentido, Felú Arquiola e Fabregas (2003) defendem que «*inter-* prefixation is associated with a semantic structure that involves the existence of a plurality of elements among which a reciprocal relation is established» (Felú Arquiola e Fabregas 2003: 174).

deve estar expressa explicitamente, é também característica das construções adjetivas deverbais prefixadas por *inter-*, o que corrobora a inserção deste prefixo no grupo dos prefixos argumentais.

### 3.3.3. Bases de procedência (de)nominal

Mediante a denominação *bases de procedência (de)nominal*, referimo-nos a bases pertencentes a diferentes categorias sintáticas que apresentam como característica comum o facto de se encontrarem relacionadas morfológica e semanticamente com um nome. Podemos por isso distinguir, nesta secção, os adjetivos denominais (*inter-alveolar*, *inter-governamental*, *inter-oceânico*, *inter-universitário*), os verbos denominais (*inter-espacejar*, *inter-folhear*) e os substantivos simples prefixados por *inter-* (*inter-título*, *inter-língua*, *inter-sístole*).

#### 3.3.3.1. Adjetivos denominais

Como vimos anteriormente (cf. (II-G3.8.) e (II-G3.9.)), o prefixo *inter-* acopla-se preferencialmente a bases adjetivais (em cerca de 59,7% dos casos) derivadas (em cerca de 92% dos casos) e, destas, 86,9% correspondem a adjetivos denominais (cf. (II-G3.11.))<sup>288</sup> do tipo *inter-alveolar*, *inter-governamental*, *inter-oceânico*, *inter-universitário*.

Não obstante configurarem casos problemáticos no que diz respeito à sua composicionalidade e segmentação<sup>289</sup>, devemos, na análise destas formações, e na senda do proposto por Dardano (1978: 123-124) para a língua italiana e por Varela Ortega e Martín García para a língua espanhola (1999: 5015), considerar a sua subdivisão em dois grandes grupos:

---

<sup>288</sup> A este propósito, já em 1971, Guilbert afirmava que «les formations nombreuses issues de *inter-* sont des adjectifs, à partir d'une base nominale, selon le même schéma qu'avec *intra-*» (Guilbert 1971 : XLVIII).

<sup>289</sup> Cf. secção 3.5.5.2. do capítulo I da presente dissertação.

1) num primeiro grupo, englobamos os adjetivos relacionais prefixados por *inter-* como *inter-alveolar*, *inter-costal*, *inter-clavicular*, *inter-muscular*, *inter-ósseo* ou *inter-ventricular*, nos quais o prefixo expressa uma relação circunstancial de caráter locativo entre a entidade denotada pelo substantivo modificado pelo adjetivo e a (classe de) entidade(s) denotada(s) pelo substantivo que serviu de base ao adjetivo prefixado. Assim, por exemplo, os produtos apresentados em (II-3.46.), podem ser parafraseados, respetivamente, como (i) ‘a lesão situada entre os ventrículos ou entre as artérias’ e (ii) ‘o meio/espço que se encontra entre as células’,<sup>290</sup>.

(II-3.46.)

- (i) Teresa Ricou teria que ter uma lesão **inter-ventricular** ou **inter-arterial**.
- (ii) A dopamina é libertada por certos neurónios para o meio **inter-celular**, sendo em seguida absorvida pelos neurónios vizinhos.

Como podemos observar, os produtos deste grupo inserem-se, muito frequentemente, em domínios pertencentes a linguagens de especialidade<sup>291</sup> (sublinhe-se que cerca de 13% dos produtos prefixados por *inter-* pertencem ao domínio da medicina, mais concretamente da anatomia) e têm como base substantivos concretos (*alvéolos*, *costas*, *clavícula*, *músculo*, *osso*, *ventrículo*, *artéria*, *célula*).

2) num segundo grupo, englobamos os adjetivos relacionais prefixados com *inter-*, nos quais o prefixo estabelece uma relação abstrata entre duas ou mais entidades pertencentes à classe denotada pelo substantivo base. São disso exemplo *inter-colonial*, *inter-departamental*, *inter-estatal*, *inter-governamental*, *inter-ministerial*, *inter-parlamentar*, *inter-partidário* ou *inter-religioso*, formas nas quais o prefixo assinala uma relação que pode não ser necessariamente locativa. Os exemplos de (II-3.47.) podem parafrasear-se, respetivamente, como (i) ‘articulação verificada através da *participação* de vários departamentos’, (ii) ‘coordenação estabelecida mediante a

---

<sup>290</sup> A este propósito, Iacobini refere que «*inter-* si permette produttivamente ad aggettivi di relazione per indicare “posizione intermédia” fra due oggetti, fra due limiti di spazio denotati dal núcleo nominale dell’aggettivo (*interarticolare*, *intercostale*)» (Iacobini 2004: 131).

<sup>291</sup> Sublinhe-se que, a este respeito, Rio-Torto afirma que «sob o ponto de vista semântico e pragmático, os prefixos projetam nos derivados semas que evocam o seu primitivo valor locativo.(...) Menos utilizados [que os sufixos] na linguagem corrente, (alguns d)os prefixos são todavia usados em linguagens caracterizadas por uma certa tecnicidade» (Rio-Torto 1993: 912).

*participação* dos diferentes governos’, (iii) ‘programa que envolve a *participação* dos diferentes ministérios’ e (iv) diálogo estabelecido através da *participação* de diferentes religiões’, o que justifica, na senda do proposto por Felú Arquiola (2003a: 210) a classificação deste tipo de adjetivos relacionais prefixados por *inter-* como ‘adjetivos com valor participativo’. Segundo a autora, nestes casos, o produto, além de denotar a total ausência de significado locativo, caracteriza-se pelo facto de ter na sua base um substantivo que, ao contrário dos adjetivos de (1), não denota uma entidade concreta (como é o caso de *colónia, departamento, Estado, governo, ministério, parlamento, partido* ou *religião*).

(II-3.47.)

- (i) Esta foi uma das conclusões aprovadas ontem, por unanimidade, em Vila Moura, pelo XVIII Congresso Nacional das Agências de Viagem e Turismo, cujos participantes ressaltaram não dever a integração e articulação **inter-departamental** penalizar as empresas, os profissionais e os consumidores do turismo, designadamente em matérias como tributação fiscal, ordenamento territorial, regionalização e descentralização, segurança e comunicações.
- (ii) Vinte anos antes, tinha sido já outro presidente francês, Georges Pompidou, a tomar uma iniciativa semelhante, com vista a uma ação de coordenação **inter-governamental**, a realizar fora do âmbito do Tratado de Roma.
- (iii) O Projeto Vida é um programa **inter-ministerial** de combate à droga e apoio aos toxicodependentes, com trabalho na prevenção primária e reabilitação em termos sociais.
- (iv) Rejeitando simultaneamente o proselitismo e o sincretismo, o diálogo **inter-religioso** faz de cada um dos crentes uma testemunha que encontra, no intercâmbio concreto, a ocasião de expor e de testar a sua fé.

A existência destes dois tipos de formações adjetivas prefixadas com *inter-*, nas quais o prefixo apresenta valores semânticos distintos, está intimamente relacionada com a evolução semântica sofrida pelo prefixo em particular. De facto, como já anteriormente referimos, os prefixos, apesar de terem, na sua origem, «un único

contenido significativo, generalmente de un valor de locación» (Varela Ortega e Martín García 1999: 5009), adquirem outros valores semânticos mais abstratos, de que são exemplo a intensidade, a gradação ou, entre outras, a semântica participativa (expressa pelo prefixo *inter-* em exemplos como *inter-departamental*, *inter-estadual* ou *inter-regional*). No entanto, esta distinção nem sempre é linear. De facto, se a concretude da base denominal à qual o prefixo *inter-* se acopla favorece a ativação do seu valor locativo, a natureza do nome predicado pelo adjetivo denominal prefixado por *inter-* também desempenha um papel fundamental na ativação do valor semântico do produto<sup>292</sup>. Assim, como vemos em (II-3.48.), se, (i) quando este substantivo denota uma entidade locativa (como *fronteira*, *espaço*, *área*, *território* ou *região*), a leitura locativa é facilmente ativada, o mesmo não acontece (ii) quando o substantivo modificado pelo adjetivo prefixado designa um evento em que intervêm participantes, construção na qual o adjetivo relacional denota uma relação abstrata entre os participantes do evento designado pela base.

(II-3.48.)

(i) informação locativa (leitura não argumental)	(ii) informação eventiva (leitura argumental)
Os socialistas acusam o autarca de estar a bloquear a construção da Lipor II, <i>um espaço inter-municipal</i> de tratamento de lixos, como resposta ao facto de a Siemens não se instalar na Maia.	A abertura foi assinalada por uma exposição sobre um <i>acordo inter-municipal</i> assinado entre várias autarquias e a Fundação Calouste Gulbenkian.
Em matéria de polarização regional, ganha ainda especial significado a proposta de criação de uma <i>área urbana inter-municipal</i> , dotando os concelhos de Faro, Loulé, São Brás de Alportel e Olhão com equipamentos projetados para servir uma cidade moderna à escala europeia.	Ambos falaram do valor simbólico do acto: Jacinto Santos para salientar que a UCCLA faz parte do quotidiano e do dia a dia na cidade da Praia e Jorge Sampaio para augurar uma nova esperança a este contexto novo que em Cabo Verde se seguiu às eleições, bem como a uma eficaz <i>cooperação inter-municipal</i> .

<sup>292</sup> A este propósito, Felú Arquiola e Fabregas (2003: 167) afirmam que «with relational adjectives in general, characterized by their semantic inconstancy, an adjective formed with prefix *inter-* may receive either a non-argumental reading, shown in *espacio interdepartamental* (space which a placed between departments), or an argumental reading, shown in *comunicación interdepartamental* (reciprocal communication between departments), depending on the semantic and syntactic structure of the noun it modifies. (...) The non-argumental reading of a relational adjective formed by means of *inter-* prefixation will be called “locative reading”, since a locative interpretation is the most common one».

<p>Infelizmente não tiveram correspondência como processo estratégico de planeamento e de articulação do território <i>inter-municipal</i> e regional.</p>	<p>O presidente da associação anunciou, para o próximo dia 21 de Outubro, a realização de uma <i>assembleia inter-municipal</i>, para discutir apenas a situação do <i>Diário do Alentejo</i> e do seu director, que presta os seus serviços ao jornal gratuitamente, garantiu Camacho.</p>
--	---

Em (II-3.48.) é, pois, visível que um mesmo adjetivo (*inter-municipal*) pode receber uma leitura circunstancial locativa ou uma leitura eventiva, argumental dependendo, para tal, do tipo de substantivo que funciona como núcleo do sintagma nominal<sup>293</sup>. Assim, entre os substantivos que propiciam a ativação da leitura locativa de um adjetivo relacional prefixado por *inter-*, destacam-se os nomes denotadores de conceitos espaciais (*espaço, área, território*), assim como nomes que expressam entidades concretas que se identificam pela sua localização relativamente às entidades denotadas pela base adjetiva denominal (*membrana inter-digital*)<sup>294</sup>. Pelo contrário, entre os substantivos que ativam a leitura não locativa do adjetivo relacional prefixado por *inter-*, encontramos nomes como *acordo, comunicação, cooperação* ou *assembleia*

<sup>293</sup> Esta ambigüidade é devida também ao facto de os adjetivos relacionais se caracterizarem por apresentarem uma «inconstancia en el significado de formas adjetivas similares» (Demonte 1999a: 160-161), dando «origen a numerosas ambigüedades y vaguedades semánticas» (Felú Arquiola 2003a: 213). Neste sentido, e ampliando a proposta de Bosque (1989, 1993) que considera que os adjetivos relacionais podem saturar argumentos do substantivo que modificam, o que permite distinguir adjetivos relacionais qualificativos (*o palácio presidencial*) e adjetivos relacionais argumentais (*a missão presidencial*), Demonte (1999a, 1999b) afirma que todos os adjetivos relacionais são argumentos, já que todos eles saturam variáveis. Assim, defende a autora, quando um adjetivo relacional modifica um substantivo deverbal, saturará uma variável da estrutura argumental desse substantivo deverbal. Por outro lado, quando um adjetivo relacional modifica um nome concreto, será um argumento desse nome, dotando-o frequentemente de agentividade (já que o adjetivo é responsável pela indicação dos participantes que intervieram no evento expresso pelo substantivo). Esta teoria, que, segundo a autora, não se aplica aos adjetivos relacionais locativos e temporais (já que estes modificam apenas nomes que permitem uma leitura de situação/acontecimento com dimensão espaço-temporal), é completada por Felú Arquiola (2003a) que considera que «cuando un adjetivo relacional como *intercelular* modifica a una nominalización como *comunicación* o a un sustantivo no deverbal como *coloquio*, asociado con participantes semánticos, el adjetivo satura una variable en la estructura argumental de ese sustantivo, de ahí que interpretemos que el adjetivo indica los participantes que han intervenido en el evento expresado por el sustantivo. Por outra parte, cuando el mismo adjetivo modifica a un sustantivo concreto como *sustancia*, satura una variable [...] que puede asumir el valor Posición». Deste modo, continua a autora, «la prefijación de *inter-* al adjetivo relacional que funciona como argumento afeta directamente a la pluralidad de entidades incluídas en la clase denotada por el sustantivo». Por outro lado, «la prefijación de *inter-* al sustantivo núcleo del sintagma afeta a la estructura argumental de esse sustantivo y la pluralidad requerida por el sustantivo prefijado podrá manifestarse de diversos modos, como por ejemplo a través de un adjetivo relacional» (Felú Arquiola 2001: 216-217).

<sup>294</sup> A este respeito, Felú Arquiola e Fabregas (2003) afirmam que «to the locative reading of a relational adjective formed with prefix *inter-*, we can find nouns denoting concrete objects, as well as nouns related spatial concepts (Felú Arquiola e Fabregas 2003: 167).

que, como vimos, denotam, enquanto núcleos do sintagma, eventos (daí que sejam considerados por Bosque e Demonte como “sustantivos eventivos” (1999: 51)<sup>295</sup>) dotados de participantes semânticos associados. Estes substantivos são maioritariamente deverbais (*comunicação, cooperação*)<sup>296</sup>, registando-se, contudo, exemplos de nomes não deverbais (*assembleia*), responsáveis pelo desenvolvimento desta leitura não locativa nos adjetivos denominais prefixados por *inter-*.

Os adjetivos relacionais prefixados por *inter-* podem denotar uma semântica locativa (caso tenham na sua base uma entidade concreta ou qualifiquem um nome instanciador de informação espacial)<sup>297</sup> ou uma semântica eventiva (caso qualifiquem nomes deverbais ou não deverbais denotadores de eventos com participantes semânticos associados, indicadores de uma pluralidade agentiva, pluralidade essa que, como vimos anteriormente, é premissa incontornável na acoplagem do prefixo *inter-* a bases (de)verbais<sup>298</sup>). No primeiro caso, o prefixo assume-se como um prefixo preposicional. Já no segundo caso, porque aporta alteração do preenchimento dos argumentos associados ao nome-núcleo do sintagma em que está inserido, o prefixo assume-se como um prefixo argumental.

<sup>295</sup> Segundo Bosque e Demonte (1999: 51), os substantivos eventivos caracterizam-se por (i) possuírem participantes semânticos associados, por (ii) poderem ser sujeitos de predicados como *durar* ou *ter lugar* (*O acordo inter-municipal teve lugar no dia 10 de Fevereiro de 2010. A assembleia inter-municipal durou três horas.*) e por (iii) poderem desempenhar a função de OD do verbo *presenciar* (*Presenciei o acordo inter-municipal estabelecido no dia 10 de Fevereiro de 2010.*).

<sup>296</sup> Felú Arquiola e Fabregas (2003) afirmam que «to the argumental reading of a relational adjective formed with prefix *inter-*, we can find verbal lexical items like *comunicación*» (Felú Arquiola e Fabregas 2003: 167-168).

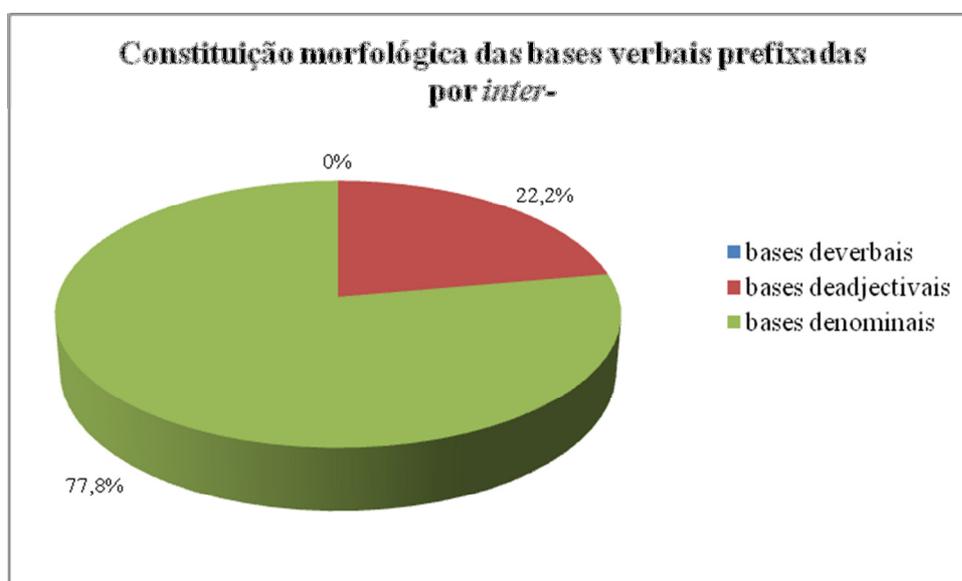
<sup>297</sup> É sobretudo nesta aceção (de instanciador de uma informação locativa) que *inter-* se relaciona de perto com *intra-*. De facto, na análise que fizemos do *corpus* prefixado por *intra-*, observámos que este prefixo, apesar de pouco produtivo, denota interioridade e acopla-se, em cerca de 90% dos casos, a adjetivos denominais, sendo o Nbase preenchido por uma entidade concreta, o que ativa a semântica locativa do prefixo (*intra-alveolar, intra-ósseo, intra-ventricular*) e contribui, também aqui, para a inserção do produto no léxico das linguagens de especialidade (anatomia). Com este sentido de interioridade, o prefixo *intra-* relaciona-se antonimicamente com *extra-* que, como é visível através do *corpus* que analisámos, se acopla predominantemente (também) a adjetivos denominais (sendo o Nbase preenchido por uma entidade concreta) e a nomes simples, ativando assim a sua leitura predominantemente locativa (*extra-abdominal, extra-craniano, extra-timpânico, extra-dorso, extra-sístole*), o que contribui fortemente para a inserção dos produtos prefixados no âmbito das linguagens de especialidade (anatomia). No entanto, ao contrário de *intra-*, o prefixo *extra-* adquiriu outros matizes semânticos, expressando a ideia de ‘sem relação com’ (*extra-humano, extra-oficial*) e denotando também, e de forma bastante produtiva (sobretudo em domínios como a publicidade ou o comércio, à semelhança de outros prefixos como *ultra-, super-* ou *sobre-*), o grau superior quando acoplado a adjetivos simples (*extra-seco, extra-fino, extra-longo, extra-suave*), valor com o qual pode ser utilizado enquanto forma adjetival independente (*qualidade extra*). Veja-se também, a propósito destes prefixos, a secção 3.5.1. do capítulo I desta dissertação, relativa ao carácter transcategorizador destes prefixos (ex.: *diretiva intra-escola, acompanhamento extra-classe*).

<sup>298</sup> Note-se que estes substantivos (por exemplo *acordo, comunicação, cooperação* ou *assembleia*) lexicalizam, genericamente, uma relação horizontal bidirecional entre dois ou mais indivíduos.

### 3.3.3.2. Verbos denominais

Não obstante a pouca representatividade das formas verbais prefixadas por *inter-* (apenas 9,1%, como é visível em (II-G3.8.)) e apesar de estas serem, em cerca de 68% dos casos, bases simples (cf. II-G3.9.), há contudo que destacar que, de entre as bases derivadas existentes, cerca de 78% são bases de origem denominal (II-G3.12.), que têm na sua base um nome concreto (*espaço, folha*), responsável, como podemos observar em (II-3.49.) pela ativação do valor locativo circunstancial do prefixo.

(II-G3.12.)



(II-3.49.)

*inter-espaçar*: pôr espaços finos **entre as letras** de uma palavra, para as ressaltar;

*inter-folhear*: encadernar um livro, inserindo folhas em branco **entre as** folhas impressas.

Nestes casos (II-3.49.), em que o verbo tem na sua base um nome concreto, o prefixo assume-se claramente como um elemento preposicional (locativo) e o produto prefixado pode parafrasear-se como ‘situar/fazer algo **entre/no meio** de X’ (sendo X o expresso

por Nbase), o que nos deixa entrever a sua estrutura argumental predominantemente triádica<sup>299</sup>.

No entanto, e apesar de o valor locativo do prefixo ser o mais representativo na acoplagem do mesmo a bases verbais denominais (já que, maioritariamente, a base nominal é preenchida por um nome concreto), encontramos também casos de verbos prefixados por *inter-* em que a acoplagem do prefixo, mesmo fazendo-se a um nome concreto, é responsável pelo estabelecimento de uma relação recíproca entre duas ou mais entidades, ativando-se assim o requisito basilar da pluralidade de entidades envolvidas (II-3.50.).

(II-3.50.)

inter-laçar: ligar **duas partes** mediante um laço;

Nestas, o prefixo *inter-*, à semelhança do seu homólogo *entre-*, requer a presença explícita de uma pluralidade de indivíduos entre os quais o prefixo estabelece uma relação de reciprocidade<sup>300</sup> (Langedoen 1978). Esta pluralidade exigida pelo prefixo desencadeia uma alteração do preenchimento de um dos argumentos do verbo (pluralizando-o), o que faz com que, quando acoplado a uma base deste tipo (verbal, expressando o instanciamento de uma relação recíproca entre uma pluralidade de membros participantes numa ação), este elemento se assumia como um prefixo argumental.

### 3.3.3.3. Substantivos simples

Os nomes prefixados por *inter-* são, como vimos em (II-G3.9.), maioritariamente (em cerca de 58,3% dos casos) simples. De entre estes, verificamos, à semelhança do que já referimos na análise que fizemos aos adjetivos e verbos denominais, a existência de dois grandes grupos de nomes:

---

<sup>299</sup> À semelhança do que referimos para o prefixo *entre-*, nesta estrutura argumental predominantemente triádica, o terceiro argumento (OBL) deve denotar uma pluralidade.

Ex.: Eu inseri folhas em branco **entre as** folhas impressas do livro.

<sup>300</sup> Sublinhe-se que a acoplagem de *inter-*, quando responsável pelo desenvolvimento de uma semântica de reciprocidade e à semelhança de *entre-*, é também denotadora de um evento múltiplo e simultâneo.

(1) os nomes de entidades, nos quais a acoplagem do prefixo vai ativar uma informação de caráter locativo;

(2) os nomes denotadores de eventividade, nos quais a acoplagem do prefixo estabelecerá uma relação abstrata (geralmente recíproca) entre as duas ou mais entidades responsáveis pela consecução da ação expressa pela base nominal.

No primeiro grupo, englobamos nomes como *inter-glúteo*, *inter-sístole* ou *inter-título*, nos quais o prefixo ativa uma informação de caráter locativo. Tal como referimos anteriormente, os produtos deste grupo inserem-se muito frequentemente em domínios pertencentes a linguagens de especialidade, nomeadamente ao domínio da medicina, mais concretamente da anatomia.

Nestes casos, o produto prefixado denota uma entidade situada *entre* o designado pelo Nbase e outra(s) entidade(s), cujo referente é distinto do expresso pelo Nbase (o *inter-glúteo* não é um tipo de glúteo, mas sim o *espaço situado entre os glúteos*; uma *inter-sístole* não é um tipo de sístole, mas sim o *espaço de tempo compreendido entre o fim da sístole auricular e o início da sístole ventricular*; um *inter-ventrículo* não é um tipo de ventrículo, mas sim o *espaço entre os dois ventrículos*), sendo pois a acoplagem do prefixo *inter-* responsável pela constituição de uma formação exocêntrica<sup>301</sup>. O prefixo *inter-* apresenta aqui, claramente, um valor locativo, ativando no produto a instanciação de uma localização incidente sobre o denotado pela base<sup>302</sup>, assumindo-se como um prefixo preposicional (locativo).

No segundo grupo, encontramos nomes como *inter-comunhão* ou *inter-relação*, nos quais o produto não denota qualquer significado locativo, ativando contudo uma semântica eventiva que envolve a participação de, pelo menos, duas entidades que se relacionam reciprocamente na consecução de uma ação.

Nestas formações, à semelhança do que acontece com as bases verbais às quais *inter-* se acopla, a acoplagem do prefixo vai exigir uma inferência de pluralidade a partir da qual se estabelecerá uma relação de simetria entre os membros participantes na ação denotada pela base. Nestes casos, em que base e produto têm referentes comuns (e por isso o prefixo é responsável pela construção de uma formação endocêntrica já que *inter-*

---

<sup>301</sup> A este propósito, Iacobini afirma que o prefixo *inter-* «si puo premettere anche a nomi in costruzioni esocentriche il cui genere è determinato dal nome di base» (Iacobini 2004: 131).

<sup>302</sup> A este respeito, Amiot (2004) refere que «*inter-* peut construire des dérivés qui ne désignent pas une entité de même nature que celle désignée par leur base» já que «le Nd ne désigne pas réellement une entité de même nature que le Nb» (Amiot 2004a: 70).

*ajuda* é um tipo de ajuda estabelecida entre duas ou mais pessoas e *inter-relação* é um tipo de relação realizado entre duas ou mais pessoas), o prefixo *inter-* vai sublinhar a existência de uma relação participativa e recíproca entre os membros da ação denotada pela base, assumindo-se, à semelhança do que acontece com algumas bases verbais, como um prefixo argumental.

### 3.3.3.4. Substantivos (de)nominais prefixados com *inter-*

Na análise que efetuámos, encontrámos com muita frequência a formação nominal exemplificada em (II-3.51.), na qual o prefixo *inter-* se combina com um substantivo, funcionando este produto como modificador de um outro substantivo<sup>303</sup>.

(II-3.51.)

acordo <b>inter-repúblicas</b>	diálogo <b>inter-partes</b>
autocarros <b>inter-cidades</b>	diferenças <b>inter-regiões</b>
transporte <b>inter-escolas</b>	guerras <b>inter-clãs</b>
circulação <b>inter-fronteiras</b>	ligações marítimas <b>inter-ilhas</b>
competições <b>inter-clubes</b>	mobilidade <b>inter-carreiras</b>
comunicação <b>inter-espécies</b>	rendimento <b>inter-gerações</b>
concorrência <b>inter-portos</b>	reunião <b>inter-assembleias</b>
conferência <b>inter-estados</b>	reuniões <b>inter-sindicatos</b>
deslocações <b>inter-empresas</b>	

Estas formações, caracterizadas por estarem em função apositiva e por apresentarem o prefixo *inter-* adjunto a um substantivo plural, coexistem frequentemente com os adjetivos relacionais correspondentes, também eles prefixados por *inter-*. É o caso de *circulação inter-fronteiras* / *circulação inter-fronteiraça*, *diferenças inter-regiões* / *diferenças inter-regionais* ou *reuniões inter-sindicatos* / *reuniões inter-sindicais*. No entanto, nem sempre existe esta dupla possibilidade, já que

---

<sup>303</sup> Refira-se, a este propósito, que Josefa Martín García considera que «los nombres prefijados en aposición son un recurso léxico muy productivo» (Martín García 2005: 53).

não existem, na generalidade, em português, adjetivos relacionais correspondentes a formações como *interclubes*, *interespecies*, *interpartes* ou *interclãs*, entre muitos outros casos. Além disso, nos casos em que existem pares como os documentados anteriormente, as duas peças léxicas podem, por vezes, não apresentar o mesmo significado. De facto, conforme defende Felú Arquiola, «los sintagmas *conferencias internacionales* y *conferencias internaciones* no poseen el mismo significado. Mientras que en el SN *conferencias internacionales* estamos atribuyendo una propiedad a un sustantivo, en el SN *conferencias internaciones* estamos indicando el tipo de entidad que participa en las conferencias, esto es, naciones. En el caso de *conferencias internacionales*, en cambio, los participantes en las conferencias pueden ser individuos particulares que no representen a ninguna nación. *Internacional* se opone aquí a *nacional*; se trata de adjetivos subclasificadores, esto es, de adjetivos usados para establecer oposiciones múltiples (*local, nacional, internacional*). Finalmente, hay que señalar que el adjetivo *internacional* puede emplearse en contextos en los que el uso de *internaciones* no resulta posible: así sucede en el SN *un futbolista internacional* – en el que el adjetivo modifica a un sustantivo concreto que posee el rasgo [+ humano] – frente a *\*un futbolista internaciones*»<sup>304</sup> (Felú Arquiola 2003a: 218).

Note-se, contudo, que esta diferença nem sempre se coloca. De facto, se considerarmos formações como *conferência inter-estatal* e *conferência inter-estados*, facilmente depreendemos que estas parecem não diferir semanticamente já que são ambas entendidas como ‘conferências nas quais participam diferentes estados’. Neste sentido, é pois notório que as formações denominais de que nos ocupamos nesta secção (isto é, os adjetivos relacionais formados com *inter-* (*inter-sindical*) e os substantivos no plural prefixados com *inter-* e colocados em função apositiva relativamente a outro substantivo (*inter-sindicatos*)) se relacionam estreitamente já que determinadas peças léxicas (*inter-clubes*, *inter-especies*, *inter-partes* ou *inter-clãs*) existem precisamente graças à inexistência de um adjetivo relacional correspondente à formação nominal de

<sup>304</sup> A corroborar esta questão, a autora, relativamente ao par *inter-nacional/inter-nações*, afirma ainda que «aunque el adjetivo *internacional* puede emplearse como adjetivo relacional, con un significado parafraseable como ‘entre naciones’ o ‘relativo a varias naciones’, este adjetivo se recategoriza con mucha frecuencia como adjetivo calificativo, de modo que admite gradación (*una reunión muy internacional*)», o que não acontece com o adjetivo *internações* (Felú Arquiola 2003a: 218).

base, o que, como já referimos, nos obriga a equacionar algumas questões teóricas relacionadas com a formação destes produtos<sup>305</sup>.

Outra característica recorrente destas formações, além da sua estreita relação com o adjetivo relacional correspondente (quando este existe), é, como podemos observar em (II-3.51.), o facto de o substantivo prefixado por *inter-* se encontrar no plural. Estas estruturas, colocadas em posição apositiva, modificam semanticamente o substantivo-núcleo do sintagma (geralmente um substantivo eventivo) e, sendo prefixadas por *inter-*, saturam a sua estrutura argumental, fazendo referência, através da pluralização, aos participantes do evento expresso pelo substantivo nuclear do sintagma. De facto, nestas formações, a expressão da pluralidade<sup>306</sup> responde claramente a uma motivação semântica, já que o prefixo *inter-* necessita da expressão de pluralidade para estabelecer a relação recíproca que o caracteriza<sup>307</sup>. É precisamente esta pluralidade de argumentos,

<sup>305</sup> Referimo-nos especificamente às «paradojas de encorchetado» e à problemática dos produtos duplamente compostos, já anteriormente referidos. Veja-se, a este propósito, a secção 3.5.5.2. do capítulo I desta dissertação.

<sup>306</sup> Esta expressão de pluralidade obriga-nos a equacionar a questão da ordenação dos processos de formação de palavras que considera, genericamente, que o morfema derivativo está sempre situado entre a raiz e o morfema flexivo, sendo por isso a flexão um processo mais externo que a derivação. Nestes casos, em que o prefixo *inter-* se acopla a um substantivo plural, esta premissa afigura-se problemática já que, como defende Rainer (1995) no estudo que fez de casos similares, a flexão manifesta-se aqui como um processo hierarquicamente mais interno que a derivação. Neste mesmo sentido, também Varela Ortega (1986), Booij (1995) e Felú Arquiola (2003a) consideram estarmos perante casos de flexão inerente, isto é, casos em que os «morfemas flexivos, aunque pueden tener relevancia sintáctica, no están requeridos por el contexto sintáctico. (...) En efecto, se trata de un tipo de flexión que carece de repercusión sintáctica. El morfema de plural no refleja la concordancia del sustantivo con el sustantivo que modifica – concordancia por otra parte inexistente - , como lo demuestra el hecho de que el núcleo del SN pueda estar tanto en singular (*comité entercentros*) como en plural (*encuentros intercentros*). Por tanto, la estructura morfológica que corresponde a estas formaciones es [inter[[centro]s]] y no \*[[inter[centro]]s]» (Felu Arquiola 2003a: 236-238). Esta hipótese que sublinha a motivação semântica da flexão de plural das peças léxicas prefixadas por *inter-* é corroborada pelo contraste verificado nos exemplos de (II-3.52.) que nos mostram que, enquanto que os prefixos de (a), que expressam cardinalidade imprecisa, podem combinar-se com um substantivo plural, os prefixos apresentados em (b), que indicam a existência de uma só entidade, exigem que a base esteja no singular.

(II-3.52.)

(a)

seguro **multi-riscos**  
pavilhão **multi-usos**  
complexo **multi-salas**  
empréstimo **multi-opções**

(b)

sistema **mono-amortecedor** (\*sistema **mono-amortecedores**)  
torneiras **mono-comando** (\*torneiras **mono-comandos**)  
regiões de **mono-indústria** (\*regiões de **mono-indústrias**)

<sup>307</sup> A corroborar esta nossa perceção, Martín García (2005) afirma que «el prefijo *inter-* da lugar a formaciones nominales con el valor semántico de reciprocidad, por lo que hace necesario que la base denote una pluralidad de entidades capaces de ser relacionadas con el nombre modificado. Así, el prefijo selecciona nombres colectivos de peersonas ([*competición*] *interequipos*) o lugares entendidos como el grupo de personas que los componen ([*campeonato*] *interpueblos*). En este último caso, se trata de nombres de lugar que indican espacios acotados: geopolíticos (*nación, pueblo, municipio, continente, estado*) o culturales (*centro, zona, club*)» (Martín García 2005: 46).

neste caso manifestada morfológicamente pelo morfema de plural, que nos obriga, também aqui, a considerar o prefixo *inter-* como um prefixo argumental.

### 3.3.3.5. Síntese

Nesta secção, detivemo-nos sobre as bases de procedência (de)nominal prefixadas por *inter-*. Foi por isso analisada a acoplagem de *inter-* a adjetivos e verbos denominais e a substantivos simples.

No que concerne às bases adjetivas denominais prefixadas por *inter-*, vimos que estas se subdividem em dois grandes grupos: o primeiro grupo, no qual a base é preenchida, na generalidade, por um nome, expressando o prefixo uma informação de carácter locativo (*inter-alveolar*); o segundo grupo, no qual o prefixo é responsável pelo estabelecimento de uma relação abstrata (de reciprocidade) entre duas ou mais entidades (*inter-departmental*). Vimos também que a existência destes dois tipos de formações adjetivas prefixadas por *inter-*, nas quais o prefixo apresenta valores semânticos distintos, está relacionada quer (i) com a evolução semântica sofrida pelo prefixo (relembre-se que os prefixos, apesar de terem, na sua origem, um único conteúdo semântico – a localização – evoluíram adquirindo valores semânticos mais abstratos), quer (ii) com a natureza do nome predicado pelo adjetivo denominal prefixado por *inter-*. Neste sentido, vimos que a leitura locativa do prefixo é mais facilmente ativada quando o substantivo-núcleo do sintagma denota uma entidade (*espaço inter-municipal*), sendo a semântica não locativa ativada quando esse mesmo substantivo denota um evento com participantes semânticos associados, indicadores de uma pluralidade de actantes (*cooperação inter-municipal*).

Relativamente às bases verbais denominais prefixadas por *inter-*, vimos que estas têm, na generalidade, a base preenchida por um nome concreto responsável pela ativação do valor locativo do prefixo (*inter-espacejar*), apresentando uma estrutura argumental predominantemente triádica na qual o argumento OBL deverá denotar uma entidade pluralizável. Apesar de esta ser a tendência mais representativa, encontramos também casos de verbos prefixados por *inter-* em que a acoplagem do prefixo, mesmo fazendo-se a um nome concreto, é responsável pelo estabelecimento de uma relação agentiva entre duas ou mais entidades, ativando-se assim a semântica participativa do

elemento prefixal. Nestes casos, em que o verbo prefixado denota claramente uma atividade, a base verbal é maioritariamente transitiva e o sujeito apresentado é [+animado] (portador do traço [+ humano] e detendo o papel temático de agente ou experienciador). Nestas formações, o prefixo *inter-* requer a presença explícita de uma pluralidade de entidades entre as quais estabelece uma relação de reciprocidade, o que desencadeia uma alteração no preenchimento de um dos argumentos do verbo (pluralizando-o), sendo por isso considerado como um prefixo argumental.

Finalmente, no que diz respeito aos substantivos simples prefixados por *inter-*, sublinhámos também a existência de dois grandes grupos de nomes: (i) os nomes, nos quais o prefixo ativa uma informação de carácter locativo (espacial ou temporal), estabelecendo uma relação de exocentricidade entre o denotado pela base e o denotado pelo produto (um *inter-glúteo* não é *um tipo de glúteo*, mas sim o *espaço entre os dois glúteos*) e (ii) os nomes denotadores de ações/eventos, nos quais a acoplagem do prefixo estabelecerá uma relação abstrata (recíproca) entre as duas ou mais entidades (agentivas) responsáveis pela consecução da ação expressa pela base nominal. Nestas formações, em que base e produto têm referentes comuns (sendo por isso o prefixo responsável pela construção de uma formação endocêntrica já que *inter-relação* é *um tipo de relação estabelecida entre duas ou mais pessoas*), o prefixo *inter-* vai sublinhar a existência de uma relação participativa e recíproca entre os membros da ação denotada pela base, assumindo-se, à semelhança do que acontece com algumas bases verbais, como um prefixo argumental.

Na nossa análise, demos também atenção a um tipo de construção particular formada através da acoplagem do prefixo *inter-* a um substantivo, funcionando este produto como modificador de outro substantivo (*mobilidade inter-carreiras*). Apesar de estas formações coexistirem frequentemente com o adjetivo relacional correspondente (*reuniões inter-sindicatos/ reuniões inter-sindicais*), vimos que nem sempre é permitida a sua utilização no mesmo contexto (*um futebolista internacional*, e não *\*um futebolista internacionais*), havendo mesmo formações cuja existência se justifica pela inexistência do adjetivo relacional correspondente (*inter-espécies, inter-partes*). Nestas formações, o substantivo prefixado encontra-se no plural, o que vimos ser o requisito basilar à instanciação da prefixação por *inter-*: a pluralidade. De facto, o prefixo *inter-*, ao acoplar-se a uma base, ativa a expressão de pluralidade para saturar a EA do nome que modifica, fazendo referência (através da pluralização) aos participantes do evento e

estabelecendo entre eles uma relação recíproca, o que faz deste operador um prefixo argumental.

### 3.3.4. Conclusões

Nesta secção, dedicada ao estudo da formação de palavras mediante o prefixo *inter-*, vimos que este prefixo é produtivo em Português acoplado a bases adjetivais (59,7%), nominais (30,8%) e verbais (9,1%), expressando (i) a posição intermédia entre duas unidades (valor originário locativo) e (ii) uma relação de reciprocidade entre entidades pertencentes a uma pluralidade.

Na análise do nosso *corpus*, constituído por cerca de 308 ocorrências, assinalámos, como é visível em (II-3.53.), a existência de dois tipos de formações às quais *inter-* se acopla: (i) formações de procedência (de)verbal e (ii) formações de procedência (de)nominal.

No que diz respeito à acoplagem do prefixo *inter-* a bases de procedência (de)verbal, vimos que, nelas, o prefixo exige a explicitação de uma pluralidade de indivíduos entre os quais vai estabelecer uma relação de reciprocidade. Assim sendo, nestas formações, apesar de a acoplagem deste operador afixal não provocar, de forma obrigatória, alterações na EA da base (de)verbal, vai afetar os participantes que lhe estão associados (exigindo o seu preenchimento pluralizável), colocando-os num plano de igualdade e simetria, o que faz com que este prefixo seja inserido no grupo dos prefixos argumentais.

No que concerne à acoplagem de *inter-* a bases de procedência (de)nominal vimos que estas eram, maioritariamente, constituídas por adjetivos relacionais e que poderiam receber tanto uma interpretação locativa como uma interpretação participativa, dependendo esta leitura sobretudo da estrutura semântica da base (de)nominal à qual o prefixo se acopla. Assim, se a base for preenchida por um substantivo denotador de uma entidade concreta, a acoplagem do prefixo será responsável, na generalidade, pela instanciação de uma informação de carácter locativo. Pelo contrário, se se trata de um substantivo denotador de um evento, a acoplagem do prefixo instanciará uma semântica participativa, instanciando uma relação agentiva entre duas ou mais entidades. No primeiro caso, o prefixo, porque veicula uma

informação circunstancial não obrigatória, de caráter locativo, assume-se como um prefixo preposicional (locativo). Já no segundo caso, a acoplagem do prefixo *inter-* desencadeia uma alteração no preenchimento de um dos argumentos do verbo (pluralizando-o) sendo por isso considerado como um prefixo argumental.

(II-3.53.)

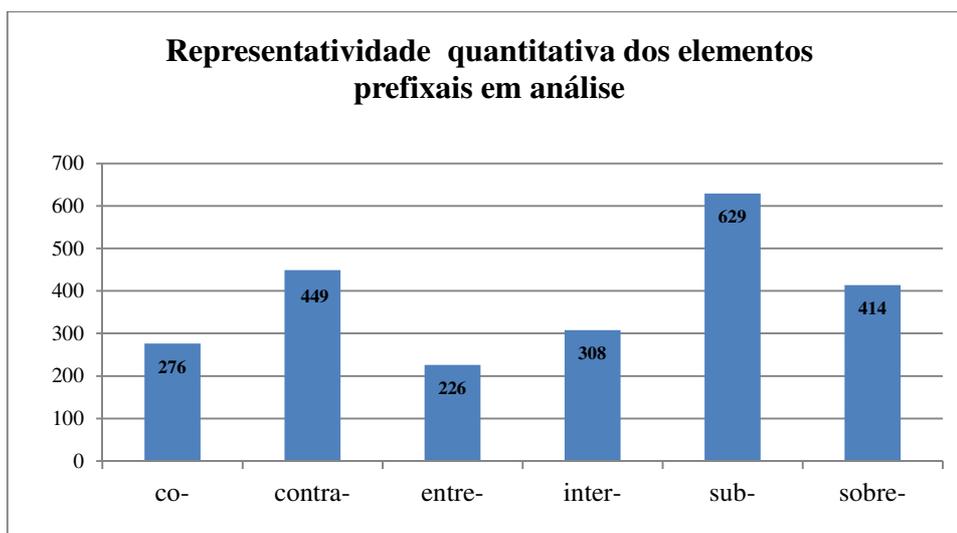
Base selecionada por <i>inter-</i>			Sentido ativado pelo prefixo	Função do prefixo	Classificação do prefixo
Base (de)verbal ou (de)nominal	verbo	<i>inter-ligar</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▶ reciprocidade</li> <li>▶ simetria</li> <li>▶ bidireccionalidade</li> </ul>	▶ incidência argumental	▶ prefixo argumental
	adjetivo	<i>inter-relacionado</i> <i>inter-departamental</i>			
	substantivo	<i>inter-dependência</i> <i>inter-relação</i>			
Base (de)nominal	adjetivo	<i>inter-alveolar</i>	▶ localização	▶ alteração (não obrigatória) da EA	▶ prefixo preposicional
	verbo	<i>inter-espacejar</i>			
	substantivo	<i>inter-glúteos</i>			

#### 4. Os prefixos *so(b)-/sub-* e *sobre-*

Oriundos das preposições latinas *sub* e *super*, os prefixos *so(b)-/sub-* e *sobre-* expressam, na generalidade, as noções de ‘lugar inferior’ e de ‘lugar superior’ (respetivamente), estabelecendo entre si uma relação de antonímia responsável pelas semelhantes restrições e tendências de acoplagem, o que justifica, da nossa parte, o seu tratamento conjunto<sup>308</sup>.

Como se observa em (II-G4.1.), os prefixos com que aqui nos ocupamos são, comparativamente aos outros analisados neste estudo, dos mais representados nas fontes lexicográficas compulsadas, contabilizando cerca de 629 ocorrências no caso de *sub-* e 414 ocorrências no caso de *sobre-*.

(II-G4.1.)

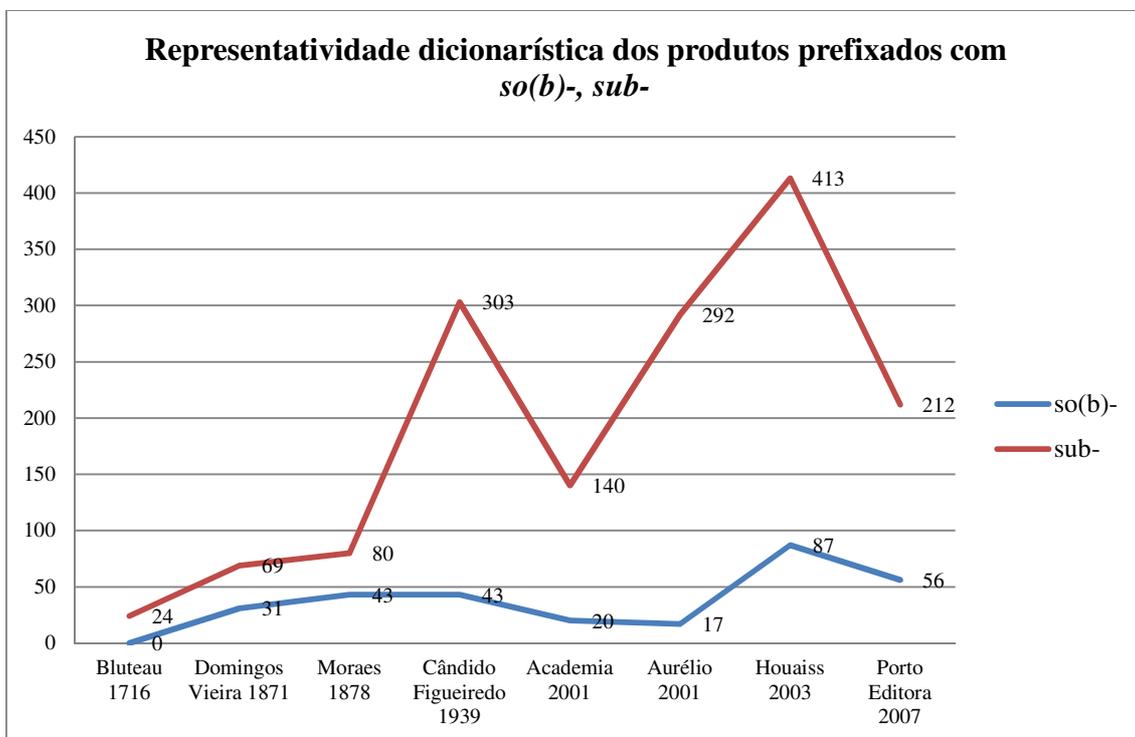


O prefixo *so(b)-/sub-*, denota, na generalidade, a noção de ‘posição inferior’ e possui vários alomorfos, nomeadamente de *so-*, *sob-* e *sub-*. Segundo Rodríguez Ponce (2002a: 158), estes são a «consecuencia de diferentes asimilaciones y evoluciones ante

<sup>308</sup> Também Alves (2001) considera que *sobre-* e *sub-* apresentam «exemplos de neologismos formados com uma mesma base, estabelecendo uma relação antonímica» (Alves 2001: 323).

consonantes en su paso del latín a las lenguas romances», sendo *sub-* «el alomorfo culto, más regular y frecuente» e *so(b)-* «el alomorfo de evolución patrimonial » (Rodríguez Ponce 2002a: 159). Esta situação mostra-nos (cf. II-G4.1) que *so(b)-/sub* é um prefixo presente em todos os estádios da língua, sendo mais produtiva a forma *sub-*, recuperação sincrónica da forma culta preposicional.

(II-G4.2.)



De facto, atualmente, apenas a prefixação por *sub-* se afigura como um processo de formação de palavras ativo, contrapondo-se à prefixação por *so(b)-*, prefixo incluído sobretudo em formas fortemente lexicalizadas<sup>309</sup>. Assim, se observarmos atentamente (II-G4.2.), visualizamos, a par da imensa produtividade atual de *sub-*, a discrepância crescente, ao longo do tempo e em termos de produtividade, entre as formas prefixadas por *so(b)-* e por *sub-*. Efetivamente, se nos finais do século XIX, os dicionários registavam o dobro das formas prefixadas por *sub-* (80 formas prefixadas por *sub-*,

<sup>309</sup> Este aspeto relaciona-se com o facto de, nas formações parassintéticas, serem mais frequentes as formas que apresentam o prefixo *so(b)-*. Veja-se Serrano Dolader (1999).

contra as cerca de 40 prefixadas por *so(b)-*), em inícios do século XXI essa diferença agudizou-se, havendo, no Aurélio XXI, 17 vezes mais casos de palavras prefixadas por *sub-* (relativamente a *so(b)*). Esta diferença de produtividade, aliada ao facto de, na generalidade, estes prefixos apresentarem as mesmas tendências de acoplagem, leva-nos a incidir a nossa análise sobre o alomorfo atualmente mais produtivo, *sub-*, estabelecendo a comparação entre este e o seu antónimo *sobre-*, prefixos que, como podemos visualizar em (II-G4.1.) se inserem, de entre os prefixos em análise, no grupo dos que detêm maior representatividade dicionarística<sup>310</sup>.

Pela observação de (II-G4.1.), verificamos que *sub-* e *sobre-* apresentam, atualmente, uma grande produtividade na língua portuguesa, tendo vindo a registar, como verificamos em (II-G4.3.) e (II-G4.4.) um crescendo de utilização<sup>311</sup>, a que não será seguramente estranho o facto de estes prefixos não apresentarem restrições de ordem fonético-fonológica quando acoplados a uma base, já que ocorrem acoplados a bases de diferentes tipologias acentuais<sup>312</sup>, não apresentando restrições no que diz respeito à natureza do fonema inicial da base<sup>313</sup> nem à estrutura silábica da mesma<sup>314</sup>.

<sup>310</sup> A propósito da representatividade do prefixo *sobre-*, Rio-Torto refere que «no português europeu *sobre-* ainda regista grande adesão, acumulando os valores de ‘demais, demasiado, excessivo’ (*sobre-aquecimento, sobre-carga, sobre-facturação, sobre-lotação*) e os de localização ‘acima de’, ‘por cima de’ (*sobre-capa, sobre-casaca, sobre-céu, sobre-coberta, sobre-costura, sobre-claustro, sobre-nome, sobre-porta, sobre-saia, sobre-título*) ou ‘ao fim de’ (*sobre-manhã* ‘o fim da manhã). Uma vez mais, sobrepõem-se ou interferem a localização superior ou temporalmente posterior e a existência / manifestação de *p* em grau superior» (Rio-Torto 1993: 333).

<sup>311</sup> Ressalvam-se as discrepâncias decorrentes da dimensão dos dicionários consultados (130 000 entradas registadas no *Aurélio XXI* vs as cerca de 230 000 entradas do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e as 70 000 do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia de Ciências de Lisboa*.

<sup>312</sup> No que diz respeito à tipologia acentual da base, verificamos que *sub-* e *sobre-* se acoplam quer a bases agudas (*sub-abdominal, sobre-afligir*), quer a bases graves (*sub-chefe, sobre-carga*), quer a bases esdrúxulas (*sub-espécie, sobre-abundância*), mantendo, em todas elas, inalterada a posição do acento principal da base. Sublinhe-se, contudo, que o produto, não obstante apresentar a mesma tipologia acentual da base, passa, com a acoplagem de *sobre-*, a apresentar também um acento secundário. A este respeito veja-se a secção 3.5.2. do capítulo I desta dissertação.

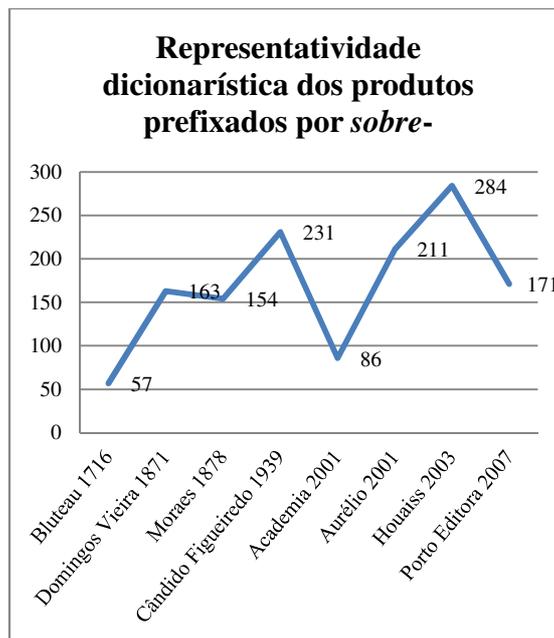
<sup>313</sup> Da aturada análise que fizemos, verificámos que os prefixos *sub-* e *sobre-* se acoplam quer a bases iniciadas por fonema vocálico (*sub-editor, sub-ocular, sobre-alimentação, sobre-osso*), mesmo nasal (*sub-inflamação, sobre-impressão*) ou ditongo (*sub-auriforme, sobre-aumentado*), quer a bases iniciadas por fonema consonântico, seja ele oclusivo (*sub-bibliotecário, sub-título, sub-cutâneo* e *sobre-bico, sobre-dente, sobre-gola*), fricativo (*sub-faturar, sobre-ceia*), lateral (*sub-legenda, sobre-loja*) ou vibrante (*sub-raça, sobre-ronda*), nasal (*sub-mamário, sobre-nervo*), surdo (*sub-secretário, sobre-cabeça*) ou sonoro (*sub-dérmico, sobre-vestido*).

<sup>314</sup> Verificámos, efetivamente, que os prefixos *sub-* e *sobre-* se acoplam a bases de diferentes estruturas silábicas (1 sílaba: *sub-tom, sobre-pé*; 2 sílabas: *sub-anel, sobre-asa*; 3 sílabas: *sub-alpino, sobre-bainha*; 4 sílabas: *sub-afluente, sobre-joanete*; 5 sílabas: *sub-alimentação, sobre-aquecimento*; 6 sílabas: *sub-aproveitamento, sobre-capitalização*; 7 sílabas: *sub-bibliotecário, sobre-dimensionamento*),

(II-G4.3.)



(II-G4.4.)

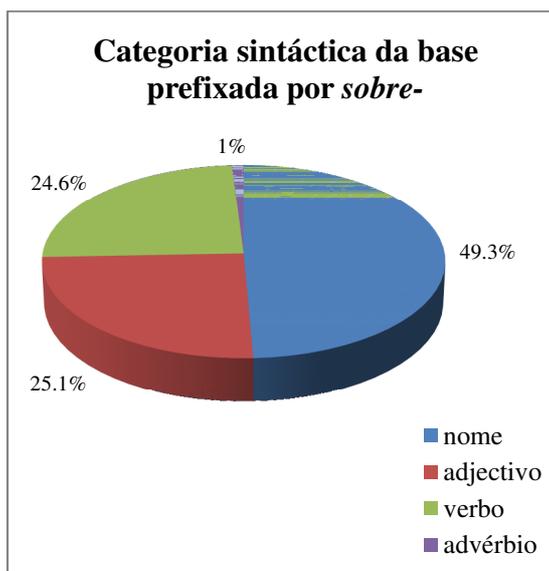


Além disso, estes prefixos acoplam-se, como é visível em (II-4.1.)/(II-4.2.) e em (II-G4.5.)/(II-G4.6.) a bases pertencentes a todas as classes gramaticais, ainda que manifestando uma clara predominância para se acoplarem a bases nominais simples.

(II-G4.5.)



(II-G4.6.)



independentemente da estrutura da sílaba inicial das mesmas (CVV: *sub-caudal, sobre-eleito*; CCV: *sub-bloco, sobre-produção*; CVC: *sub-contrato, sobre-calça*; CV: *sub-desenvolvido, sobre-bico*; VC: *sub-alpino, sobre-arco*; V: *sub-epiderme, sobre-avaliar*).

Acresce que estes prefixos não provocam alteração da categoria da base ((II-4.1.) e (II-4.2.)).

(II-4.1.)

[sub-[estação]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>

[sub-[febril]<sub>Adj</sub>]<sub>A</sub>

[sub-[alimentar]<sub>V</sub>]<sub>V</sub>

[sub-[alternadamente]<sub>Adv</sub>]<sub>Adv</sub>

(II-4.2.)

[sobre-[cama]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>

[sobre-[axilar]<sub>A</sub>]<sub>A</sub>

[sobre-[povoar]<sub>V</sub>]<sub>V</sub>

[sobre-[celestialmente]<sub>Adv</sub>]<sub>Adv</sub>

Os prefixos *sub-* e *sobre-* exprimem a inferioridade/superioridade espacial (II-4.3.), sentido herdado das preposições latinas de que são oriundos, bem como outros sentidos não espaciais, como a inferioridade/superioridade avaliativa (II-4.4.), a inferioridade/superioridade hierárquica (II-4.5.)<sup>315</sup> ou ainda, no caso de *sub-*, a ordenação taxonómica/subordinação denotacional<sup>316</sup> (II-4.6.) e, no caso de *sobre-*, de forma pouco frequente, a temporalidade, mais especificamente a posterioridade (II-4.7.).

---

<sup>315</sup> Veja-se que, com este sentido, o prefixo *sub-* pode ser considerado com a mesma aceção (e inclusivamente acoplado a uma mesma base) que o prefixo *contra-*. Compare-se, a título de exemplo, as formas *contra-chefe* e *sub-chefe*.

<sup>316</sup> A este propósito, Rio-Torto refere que «é o primitivo valor locativo-seriativo de alguns operadores prefixais que explica a sua ulterior utilização como operadores de grau, avaliando o grau de intensidade/manifestação de *p*. Da localização espacial facilmente se dá a transferência para a ordenação numa escala de intensidade. Assim acontece com *sobre-/sub-*, *supra-*, *super-*, *extra-*, entre outros. *Sobre-*, *supra-*, *super* e *extra-* funcionam como instrumentos de expressão de grau extraordinário, excepcional, excessivo, de excelência e *sub-* como instrumento de manifestação de grau inferior, especialmente quando acoplado a adjectivos. *Super-* e *sub-* continuam também a acusar o seu primordial valor taxonómico (super-ordenante e sub-ordenante)» (Rio-Torto 1993: 386).

(II-4.3.)		(II-4.4.)	
sub-abdominal	sobre-asa	sub-alimentação	sobre-alimentação
sub-epiderme	sobre-axilar	sub-aproveitar	sobre-aquecer
sub-résdo-chão	sobre-cama	sub-desenvolvido	sobre-carregado
sub-título	sobre-claustro		
	sobre-coberta		
(II-4.5.)		(II-4.6.)	(II-4.7.)
sub-comissário	sobre-árbitro	sub-afluente	sobre-aviso
sub-bibliotecário	sobre-juiz	sub-agência	sobre-carta
sub-director	sobre-mordomo	sub-arrendar	sobre-ceia
		sub-conjunto	sobre-manhã
			sobre-vir
			sobre-selar

#### 4.1. Sentido espacial

Oriundos de preposições que denotam predominantemente as noções de inferioridade/superioridade espacial, *sub-* e *sobre-* manifestam estas interpretações (II-4.3.) sobretudo quando acoplados a bases (de)nominais que designam entidades concretas e formam (i) nomes, (ii) adjetivos e (iii) verbos que denotam:

(i) no caso dos nomes (*sub-anel*, *sub-maxilar* e *sobre-bico*, *sobre-cama*), uma entidade que se situa numa posição inferior/superior ao designado pela base (*sub-maxilar* diz respeito à zona que fica *debaixo* do maxilar; *sobre-bico* designa a parte *superior* do bico das aves);

(ii) no caso dos adjetivos (*sub-axilar*, *sub-cervical* e *sobre-axilar*, *sobre-renal*), a qualidade de algo que se situa numa posição de inferioridade/superioridade espacial

face ao designado pelo Nbase (a região *sub-axilar* é claramente a região que se situa *debaixo* da axila; a zona *sobre-renal* diz claramente respeito à zona *superior* ao rim)<sup>317</sup>;

(iii) no caso dos verbos (*sub-terrorar*, *sobre-voar*), uma atividade que se efetua por baixo/por cima do denotado pelo Nbase (*sub-terrorar* algo é colocar algo *debaixo* da terra; *sobre-voar* algo é voar *por cima* desse algo).

No domínio da espacialidade, *sub-* e *sobre-* constroem assim produtos que se interpretam em termos de inferioridade ou superioridade, já que o derivado designa sempre algo que se situa ‘por baixo’ (no caso de *sub-*) ou ‘por cima’ (no caso de *sobre-*) do designado pela base, o que exige uma operação de localização conceptual<sup>318</sup>, assim descrita por Amiot (2005c: 105): «pour que l’opération de localisation puisse avoir lieu, il [l’opérateur] pose la base repère (quel que soit le domaine dans lequel s’effectue l’opération de repérage: domaine de la norme ou de la valeur, de la hiérarchie sociale, de l’espace et du temps) sur un axe fictif orienté de bas en haut (du négatif vers le positif) et indique que le dérivé se situe du côté [négatif ou] positif de l’axe. Selon le domaine auquel appartient la base, l’effectuation de ces opérations construit une interprétation en termes [de diminution ou] d’excès, de [infériorité ou de] supériorité quantitative, qualitative, hiérarchique, spatiale ou autre».

No entanto, nem sempre o designado pelo produto é uma entidade da mesma natureza do designado pela base. De facto, se podemos definir um *sub-anel de um estádio* como ‘um anel que se situa numa *posição espacial inferior* a outro’ ou um *sobre-claustro* como um ‘claustro *espacialmente superior* a outro’ (o que substancia formações endocêntricas), o mesmo não acontece em *sub-estrutura*, em *sobre-cama* ou em *sobre-nervo*, em que a entidade designada pelo produto não se refere a um sub-tipo

<sup>317</sup> Note-se que esta tendência (de acoplagem do prefixo a bases adjetivas denominais) é bastante mais representativa em *sub-* (em que se verifica que cerca de 75% das bases adjetivas derivadas às quais o prefixo se acopla são denominais) do que em *sobre-* (onde se verifica que, de entre as bases adjetivas derivadas às quais o prefixo se acopla, apenas cerca de 29% são denominais, sendo bastante mais representativa a acoplagem deste prefixo a bases adjetivas deverbais). Esta questão (de acoplagem preferencial de *sub-* a bases adjetivas derivadas denominais e *sobre-* a bases adjetivas deverbais) mostramos que, como veremos, nestes casos de acoplagem a bases adjetivas, o prefixo *sub-*, pela acoplagem preferencial a bases adjetivas denominais, se especializou na expressão do sentido da localização espacial, enquanto que o prefixo *sobre-*, pela acoplagem preferencial a bases adjetivas deverbais, se especializou na expressão do sentido avaliativo.

<sup>318</sup> Amiot (2005c: 105) considera estes operadores prefixos eminentemente localizadores, já que quer o prefixo *sub-* quer o prefixo *sobre-* são exemplo de «un opérateur qui sert à localiser un élément (le dérivé) par rapport à un autre (la base à laquelle il s’applique)».

do designado pelo Nbase (uma *sub-estrutura* não é um tipo de estrutura, mas sim a ‘parte inferior de uma estrutura’; uma *sobre-cama* não é um tipo de cama, mas sim ‘uma coberta que se coloca por cima da cama’; um *sobre-nervo* não é um tipo de nervo que se situa por cima de outro, mas sim ‘um tumor que se localiza em cima do nervo’), o que nos permite afirmar que a formação de nomes através da acoplagem destes prefixos dá origem não só a construções endocêntricas (*sub-anel*, *sobreclaustro*), mas também a construções exocêntricas (*sub-estrutura*, *sobre-nervo*)<sup>319</sup>.

## 4.2. Sentidos não espaciais

### 4.2.1. Sentido avaliativo

Os prefixos *sub-* e *sobre-* constroem frequentemente palavras que se interpretam com um sentido de inferioridade ou de superioridade avaliativa<sup>320</sup>, podendo expressar, no caso de *sub-*, as noções de insuficiência ou avaliação negativa e, no caso de *sobre-*, uma avaliação positiva (decorrente do seu sentido de superioridade), mas também a noção de excesso que ativa, frequentemente, uma avaliação de pendor negativo.

Quando os prefixos em análise se acoplam a bases sobretudo (de)verbais, a acoplagem do prefixo *sub-* instancia valores como a deficiência ou a insuficiência do expresso pela base, denotando o produto algo de qualidade inferior, responsável pela sua avaliação eminentemente negativa (II-4.8.)<sup>321</sup>.

<sup>319</sup> Sublinhe-se que, de entre o *corpus* em análise, muitos dos produtos prefixados por *sub-* e *sobre-* nos quais o prefixo adquire esta aceção de localização espacial são considerados, pelas bases dicionarísticas consultadas, como termos da área da anatomia.

<sup>320</sup> Martín García (1998b: 113) considera que «el valor intensivo de *sub-* y *sobre-* procede de significados locativos asociados originariamente al prefijo. Por ejemplo, el prefijo *sobre-* puede dar lugar a formaciones con un claro contenido locativo parafraseable como ‘por encima de’ (*sobrevolar*) o con un valor intensivo como en *sobrecargar*. (...) El prefijo *sub-*, en la formación nominal *subtítulo* denota la locación inferior (‘un título que se pone debajo de un título’). El sentido de locativo de inferioridad puede entenderse en un sentido figurado como en *subcampeón* (‘persona inmediatamente inferior al campeón’), esto es, ‘persona que queda en segundo lugar en una clasificación’ o puede denotar simplemente un grado intensivo minorativo como en *subestimar* (‘estimar menos’).

<sup>321</sup> Sobre o prefixo *sub-*, refere Rio-Torto que «a existência de Nb como um todo em grau menos, pouco ou não intenso e/ou numa relação de subordinação, pode ser explicitada por meio de *sub-*. Este formante que exprime localização em nível inferior, posicionamento abaixo de, presta-se também à localização na escala de expressão do grau de intensidade. Atendendo ao semantismo de ‘inferioridade (posição inferior)’ que ainda preserva, este operador situa Nb abaixo do nível médio ou até do mínimo aceitável, pelo que Nd se define como ‘insuficiente/deficiente Nb’, ‘pouco Nb’, ‘reduzido/baixo Nb’, ‘Nb cujas

(II-4.8.)

sub-povoamento: povoamento *reduzido* de uma região.

sub-alimentar: alimentar alguém *de modo deficiente*;

sub-desenvolvido: que manifesta um *baixo* nível de desenvolvimento.

Já o prefixo *sobre-*, porque denota, na sua base etimológica, superioridade, veicula, genericamente, uma avaliação positiva (II-4.9.), podendo contudo, e frequentemente, ativar também uma avaliação de teor negativo (II-4.10.), instanciada pela noção de excesso veiculada quer pela acoplagem do prefixo quer pela semântica da base.

(II-4.9.)

sobre-capitalização: valor nominal de capital empresarial estipulado *acima do* verdadeiro custo ou valor;

sobre-luzir: brilhar *intensamente*; distinguir-se; fazer-se notar;

sobre-dotado: pessoa que tem capacidades intelectuais *acima do* que é considerado normal.

(II-4.10.)

sobre-alimentação: alimentação *excessiva*;

sobre-azedar: tornar *excessivamente* azedo;

sobre-carregado: carregado *em excesso*.

Nos exemplos de (II-4.9.)<sup>322</sup>, o produto expressa algo que ultrapassa o que é convencionalmente tido como norma, mas a interpretação daí resultante não veicula a noção de excesso. Deste modo, a superioridade é aqui vista como algo melhor e não

---

características se manifestam em grau de pouca intensidade', 'nb de qualidade inferior', 'Nb abaixo do limiar mínimo'» (Rio-Torto 1993: 339).

<sup>322</sup> Segundo Val Álvaro (1993: 490), «en este sentido [avaliativo], el valor aportado por *sobre-* hace abstracción de la noción de superioridad espacial y se produce el paso de una pura relación locativa a una expresión gradativa de rango que conlleva superioridad sobre lo ya contenido en el significado de la base».

como algo que está ‘em excesso’, daí considerar-se como uma avaliação de pendor positivo. Pelo contrário, nos exemplos de (II-4.10.), o produto expressa algo que ultrapassa, em demasia, os limites da norma, o que, contrariamente aos exemplos de (II-4.9.), configura uma avaliação de teor negativo.

Com esta aceção avaliativa (sobretudo de pendor positivo), o prefixo *sobre-* tem vindo a perder terreno relativamente a *super-* (variante culta da preposição latina) que, como podemos observar em (II-G4.7.) apresenta uma produtividade elevada na fase atual da língua<sup>323</sup>, também superior à de *supra-* (II-G4.8)<sup>324</sup>.

(II-G4.7.)



(4-G8)



O prefixo *super-* expressa sobretudo a superioridade avaliativa / intensidade (II-4.11.) e, de forma menos frequente, a localização espacial (II-4.12.) e a superordenação

<sup>323</sup> Rio-Torto refere que «*super-*, muito produtivo, introduz uma noção de excepcionalidade, de excelência, de excessividade. Mas o uso intenso a que este prefixo tem estado sujeito faz com que o seu valor primordial venha sofrendo alguma alteração, tendente a transformá-lo em indicador de intensidade superior, suprema, máxima, explicitando o seu grau máximo, supremo/extremo, o mais elevado possível, dum propriedade ou manifestação de uma acção verbal» (Rio-Torto 1993: 367).

<sup>324</sup> Sobre os prefixos *sobre-*, *super-* e *supra-*, refere Rio-Torto que «são suportes de manifestação de intensidade elevada, se bem que em graus diversos, os seguintes prefixos de proveniência latina: *super-*, *sobre-* e *supra-*, que são caracterizados como significando ‘posição acima, excesso’, mas que também podem funcionar como equivalentes a ‘muitíssimo, acima do normal, excessivamente’ quando acoplados a adjetivos (*super-fresco*, *supra-sensível*)» (Rio-Torto 1993: 45).

denotacional (II-4.13.)<sup>325</sup>. Estes sentidos também são veiculados por *supra-* (cf. II-4.14. a II-4.16.), ainda que este seja menos produtivo<sup>326</sup>.

(II-4.11.)	(II-4.12.)	(II-4.13.)
super-acidez	super-renal	super-estrutura
super-povoar	super-humeral	super-sistema
(II-4.14.)	(II-4.15.)	(II-4.16.)
supra-excitar	supra-esofágico	supra-estrutura
supra-sensível	supra-ventricular	supra-partido

Os prefixos *sub-* e *sobre-*, sobretudo quando acoplados a bases (de)verbais, podem ocorrer em produtos ativando o sentido valorativo (negativo ou positivo), o que faz destes operadores prefixais, nestes casos, porque apenas «modifican la extensión significativa de la base» (Martín García 2005: 42), prefixos eminentemente modificadores.

<sup>325</sup> Sobre a prefixação instanciada por *super-* refere Rio-Torto que «com *super-*, as propriedades focalizadas podem ser de natureza qualitativa ou quantitativa, sendo frequente que a manifestação do grau supremo se traduza por ‘Xb de qualidade excelente, suprema, ou até mesmo excepcional’, ‘excelente, ótimo Xb’, ‘Xb o melhor possível’, ‘Xb em grau (de intensidade) supremo (*super-chocolate*, *super-abundância*, *super-alimentação*, *super-campeão*, *super-dedicação*, *super-homem*, *super-ideia*, *super-taça*). *Super-* tem tendência a funcionar como indicador de excelência e a seleccionar preferentemente propriedades de natureza qualitativa. Todavia, também *super-* mantém em alguns casos o sema de localização a nível superior (*super-ego*, *super-estrutura*, *super-família* (taxinomias))». Veja-se Rio-Torto (1993: 332).

<sup>326</sup> Sobre a relação *sobre-/super-*, Martín García (1998b: 110) afirma que «el prefijo *sobre-* con valor de intensidad ha sido desplazado por el prefijo *super-*, por lo que sólo se encuentra en algunos verbos derivados y adjetivos deverbales» e que «las bases verbales que pueden prefixarse con el *sobre-* de intensidad admiten igualmente el prefijo *super-*». Prossegue a autora afirmando que «al tener un mismo origen [la preposición *super* del latín], *sobre-* y *super-* se han especializado para unos determinados usos y significados. Así, *sobre-* expresa la locación (*el avión sobrevuela el lago*) y, en menor medida, la intensidad (*Juan sobrecarga el camión*), valor que presenta productivamente *super-* (*superfeliz*)» (Martín García 1998b: 113). Também Oliveira (2004) considera que «*sobre-* com o sentido de ‘excesso’ não é um processo produtivo no estágio atual da língua já que se observa, tanto em jornais e revistas como na fala coloquial, que o significado de ‘excesso, intensificação’ está sendo veiculado cada vez mais pela forma *super-*» (Oliveira 2004: 158). A este respeito, Rodríguez Ponce (2002a: 423) afirma que «con el valor nocional intensivo, *super-* se muestra realmente productivo en neología». Não obstante a maior produtividade de *super-* face a *sobre-* registe-se, como sublinha Alves (2001), que *sobre-* e *super-* não são exatamente sinónimos já que «*sobre-* imprime à base não apenas uma ‘valorização superior à habitual ou esperada’, (...) mas também uma ‘valorização exagerada’, um ‘excesso de valorização’». Já *super-* atribui uma «qualidade excepcionalmente boa» à base, veiculando, por isso, uma avaliação de teor positivo (ao contrário de *sobre-* que pode desencadear quer uma interpretação de pendor positivo, quer uma interpretação de teor negativo). Veja-se Alves (2001: 324).

#### 4.2.2. Inferioridade / superioridade hierárquica

Como é possível constatar pelos exemplos de (II-4.17.), os prefixos *sub-* e *sobre-*, quando acoplados a substantivos que designam profissões ou nomes de pessoa<sup>327</sup>, contribuem para a formação de um nome que denota um grau ou hierarquia social inferior (no caso de *sub-*) ou mais elevada (no caso de *sobre-*), sentido responsável pela instanciação do valor modificador destes prefixos.

(II-4.17.)

sub-agente: agente subordinado a outro agente mais importante;

sub-alcaide: substituto do alcaide;

sub-chefe: empregado ou funcionário imediatamente inferior ao chefe;

sub-director: adjunto do director; pessoa com categoria imediatamente inferior à do director.

sobre-juiz: juiz superior aos restantes; juiz de última instância;

sobre-mordomo: mordomo responsável pelos restantes mordomos; mordomo-mor;

#### 4.2.3. Ordenação taxonómica

O prefixo *sub-*, sobretudo quando acoplado a verbos simples e a bases nominais simples e deverbais (agentivos ou *nomina-actionis*), pode também veicular uma informação taxonómica de subordinação denotacional<sup>328</sup>, contribuindo assim para o estabelecimento de uma relação de hiperonímia/ hiponímia entre o que é designado pela base e o que é designado pelo produto<sup>329</sup>. De facto, observando os exemplos de (II-4.18.), verificamos que, neles, o denotado pelo derivado representa um sub-tipo ou um

---

<sup>327</sup> Sublinhe-se que esta aceção é muito mais frequente através da acoplagem de *sub-*.

<sup>328</sup> Note-se que, com esta aceção, *sub-* estabelece uma relação de antonímia direta com *super-*, variante prefixal correspondente à preposição latina *super*. De facto, com este sentido, «*super-* (em *super-estrutura ideológica*) e *sub-* (em *sub-espécie*) são usados como denotadores de ordenação taxonómica de termos *superordenados* e *subordinados*, e não como avaliativos (*super-herói* e *sub-facturar*)». Veja-se, a este respeito, Rio-Torto e Nunes (2009: 147).

<sup>329</sup> Segundo Rio-Torto e Nunes (2009: 147), tal «acontece quando os derivados passam no teste da inclusão unidirecional da classe referencial denominada pelo produto na classe referencial denominada pela base, inclusão que define os termos subordinados e os superordenados».

termo subordinado relativamente ao expresso pela base, contribuindo assim, no caso dos nomes, para a construção de uma formação endocêntrica (um *sub-conjunto* é, efetivamente, um *conjunto contido noutro conjunto*) e, no caso dos verbos, para a explicitação de uma ação do mesmo teor do denotado pela base (*sub-dividir* é, efetivamente, *dividir o que tinha sido anteriormente dividido*<sup>330</sup>), havendo pois, a este nível, coincidência entre a estrutura argumental e semântico-conceitual da base e do produto<sup>331</sup>, justificando-se assim, também aqui, a inserção deste prefixo no grupo dos prefixos modificadores.

(II-4.18.)

sub-afluente: afluente de outro afluente de um rio;

sub-alugar: alugar a outro o que já tem por arrendamento;

sub-arrendatário: pessoa que toma de arrendamento uma propriedade já arrendada a outra pessoa (outro arrendatário);

sub-classe: sub-divisão de uma classe;

sub-conjunto: divisão de um conjunto contido noutro conjunto;

sub-contrato: contrato entre uma das partes de um contrato anterior e uma terceira parte;

sub-dialeto: modalidade linguística que pode ser distinguida dentro de um mesmo dialeto;

sub-dividir: dividir o que já estava dividido.

---

<sup>330</sup> Sublinhe-se que, de entre o *corpus* em análise, muitos dos produtos prefixados por *sub-* nos quais o prefixo adquire esta aceção de ordenação taxonómica são considerados, pelas bases dicionarísticas consultadas, como termos da área da economia ou da jurisdição.

<sup>331</sup> Note-se que, neste caso, a base é preenchida por um verbo de *accomplishment* (temporalmente delimitado) e que a finalização do processo designado pelo Vbase é o ponto de partida para a realização do processo explicitado pelo Vderivado (efetivamente, para se *sub-dividir algo*, há primeiro que *o dividir*. O resultado deste primeiro processo de divisão será o ponto de partida para o processo de sub-divisão).

#### 4.2.4. Sentido temporal

Ainda que pouco frequente<sup>332</sup>, *sobre-* acopla-se também a verbos simples e a bases nominais simples e deverbais (sobretudo *nomina-actionis*) para expressar uma segunda ocorrência do designado pela base. Neste caso (II-4.19.), em que *sobre-* ativa uma informação de teor temporal, a base é preenchida por (i) um verbo télico, temporalmente delimitado, ou por (ii) um nome simples que denote uma entidade discreta ligada a um processo. A acoplagem de *sobre-*, como é visível em (II-4.19.), coloca em relevo a existência prévia de uma ação (designada pela base) ou uma primeira ocorrência de um processo, denotando o produto uma segunda ocorrência, suplementar, do denotado pela base (sendo pois o produto uma construção endocêntrica)<sup>333</sup>, o que faz deste prefixo, também neste caso, um prefixo modificador.

(II-4.19.)

sobre-carta: carta enviada após outra, para a confirmar;

sobre-ceia: o que se come depois da ceia (aplicável sobretudo a animais);

sobre-coser: coser uma segunda costura;

sobre-infeção: segunda infeção, que ocorre após uma primeira;

sobre-partilha: nova partilha feita nos autos de um inventário;

sobre-ronda: segunda ronda; fiscalização sobre uma primeira ronda;

sobre-taxa: taxa adicional; imposto que acresce a outro já aplicado.

---

<sup>332</sup> Segundo Amiot (2002b), a justificação para o prefixo *sobre-* construir «très peu de mots à interprétation temporelle» réside no facto de «le domaine du temps est structuré d'une façon qui ne convient pas à son'instruction sémantique», pois «le temps est conçu comme mettant en jeu un axe horizontal, alors que ce préfixe paraît plutôt travailler sur un axe vertical». Acrescenta ainda a autora que «l'instabilité du sens de ces mots peut être rapporté à la difficulté qu'a ce préfixe à effectuer l'opération de repérage qui est à la base de la construction du sens de supériorité dans un domaine, le domaine temporel, qui n'est pas structuré comme l'exige son instruction sémantique» (Amiot 2002b: 279).

<sup>333</sup> Amiot (2002b) defende a aplicação, para este tipo de construção, do «présupposé de secondarité» que define como sendo algo que expressa «une accumulation des procès» (Amiot 2002b: 275). Nestes casos, sublinha a autora, «on met en jeu une présupposition, la présupposition minimale étant une simple présupposition d'existence, ce qui est à mettre en relation avec le caractère endocentrique de ce préfixe» (Amiot 2002b: 275-276).

### 4.3. Síntese

Nesta secção, dedicada ao estudo dos prefixos *sub-* e *sobre-*, vimos que estes elementos prefixais, oriundos das preposições latinas *sub-* e *super-*, estabelecem entre si uma relação de antonímia e são dos que registam, na fase atual da língua, maior produtividade, acoplando-se, para tal, a nomes, adjetivos e verbos para expressarem (i) a localização espacial, (ii) a avaliação, (iii) a hierarquia e ainda, no caso de *sub-*, (iv) a ordenação taxonómica e, no caso de *sobre-*, (v) a temporalidade.

Conforme sintetizamos em (II-4.20.), *sub-* e *sobre-* acoplam-se predominantemente a bases (de)nominais e a bases (de)verbais. Quando acoplados (1) a bases (de)nominais, estes operadores prefixais podem expressar, se o Nbase denotar uma entidade concreta, (1.1.) o sentido espacial, responsável pela inserção deste operador na classe dos prefixos preposicionais. Já quando a base é preenchida por um nome animado de pessoa ou quando denota uma profissão, o prefixo é responsável (1.2.) pelo estabelecimento de uma relação de hierarquia, responsável pela inserção de *sub-* e *sobre-* no grupo dos prefixos modificadores.

Por sua vez, quando acoplados a bases (de)verbais, *sub-* e *sobre-* ativam sobretudo (1.3.) uma informação de teor avaliativo, explicitando «juízos de avaliação do falante em relação ao denotado» (Rio-Torto e Nunes 2009: 148). Neste caso, «o denotado pelo derivado não é ontologicamente diferente do denotado pela base, mas uma manifestação majorada ou minorada desta» (Rio-Torto e Nunes 2009: 151), o que faz destes prefixos, também aqui, operadores eminentemente modificadores.

(II-4.20.)

Base prefixada por <i>sub-</i> e <i>sobre-</i>				Elemento prefixal		
				Sentido ativado	Função	Classificação
Bases (de)nominais	nome	<i>sub-anel</i>	formação endocêntrica	▶ sentido espacial	▶ alteração da EA do V	▶ prefixo preposicional
		<i>sobre-claustro</i>				
	adjetivo	<i>sub-estrutura</i>	formação exocêntrica			
<i>sobre-nervo</i>						
verbo	<i>sub-apical</i>					
	<i>sobre-axilar</i>					
		<i>sub-terrar</i>				
		<i>sobre-voar</i>				

	nome de agente / profissão	<i>sub-agente</i> <i>sobre-juiz</i>	formação endocêntrica	► hierarquia		
Bases (de)verbais	verbos	<i>sub-alimentar</i> <i>sobre-luzir</i>		► sentido avaliativo	► modificação semântica	► prefixo modificador
	nome deverbal	<i>sub-povoamento</i> <i>sobre-alimentação</i>	formação endocêntrica			
	adjetivo deverbal	<i>sub-desenvolvido</i> <i>sobre-carregado</i>				

Nesta secção, vimos também que os produtos portadores de *sub-* e *sobre-*, não obstante estabelecerem entre si uma relação de antonímia, desenvolvem igualmente, por si só e de forma independente, outros sentidos. Assim, conforme sistematizamos em (II-4.21.), o prefixo *sub-* acopla-se a bases (de)verbais e (de)nominais para expressar a ordenação taxonómica indicando a subordinação denotacional (o que não se verifica com *sobre-*). Já o prefixo *sobre-* também se acopla a bases (de)verbais e (de)nominais, ativando, com a sua acoplagem, o sentido da temporalidade (mais precisamente da posterioridade), o que não se verifica com o prefixo *sub-*. Em qualquer um dos dois casos, estes operadores prefixais assumem-se, também aqui, como prefixos modificadores.

(II-4.21.)

Base prefixada por <i>sub-</i>		Elemento prefixal		
		Sentido ativado	Função	Classificação
verbo	<i>sub-alugar</i>	► ordenação taxonómica	modificação semântica	► prefixo modificador
nome	<i>sub-afluente</i> <i>sub-conjunto</i>			

Base prefixada por <i>sobre-</i>		Elemento prefixal			
		Sentido ativado	Função	Classificação	
verbo	<i>sobre-coser</i>		▶ temporalidade	. modificação semântica	▶ prefixo modificador
nome	<i>sobre-partilha</i> <i>sobre-ceia</i>	formação endocêntrica			

#### 4.4. Conclusões

Os prefixos *sub-* e *sobre-* têm, pelas preposições de que são oriundos, um sentido globalmente localizador, já que a sua acoplagem permite colocar algo numa posição de inferioridade (no caso de *sub-*) ou de superioridade (no caso de *sobre-*) relativamente ao expresso pela base, que é assim considerada como ponto de partida para uma operação de localização espacial ou conceptual. De acordo com o tipo de base a que estes prefixos se acoplam, o referente pode ser, ou não, uma entidade localizada espacialmente. Assim, verifica-se que:

(a) se o prefixo se acopla a uma base (de)nominal, o referente do produto prefixado pode ou não situar-se no espaço:

- se o referente se situa no espaço, apresentando propriedades que nos permitem diferenciar um eixo de verticalidade (isto é, um ponto alto e um ponto baixo):

. a entidade expressa pelo produto pode apresentar um referente similar ao expresso pela base, diferenciando-se deste apenas no que concerne à posição espacial inferior (*sub-anel*) ou superior (*sobre-claustro*);

. a entidade expressa pelo produto pode apresentar um referente distinto do expresso pela base, estabelecendo contudo com esta uma relação de localização espacial inferior (*sub-estrutura*, *sub-apical*) ou superior (*sobre-nervo*, *sobre-axilar*)<sup>334</sup>;

<sup>334</sup> Relativamente às formas *subapical* e *sobreaxilar*, Corbin (2001) refere que, nestes casos, «le sens ne se calcule pas de la même façon que celui des adjectifs *sous-adapté*, *sous-doué*, *sous-qualifié*», já que

- se o referente não se situa no espaço:

- . a base (de)nominal situa-se num eixo de verticalidade e tem como referente um nome que pode ser inserido numa organização hierárquica e o referente do produto situa-se numa escala de inferioridade (*sub-agente*) ou de superioridade (*sobre-juiz*) relativamente ao expresso pela base;
- . relativamente a *sub-*, se a base é um nome cujo referente é uma entidade sub-divisível, o produto dirá respeito a uma sub-divisão dessa unidade (*sub-conjunto*);
- . relativamente a *sobre-*, se a base é um nome denotador de um processo, o produto explicitará uma segunda ocorrência desse processo (*sobre-ceia*).

(b) se o prefixo se acopla a uma base (de)verbal, a acoplagem de *sub-* e *sobre-* inserirá o referente do produto numa norma sócio-cultural de pendor avaliativo e o produto designará uma propriedade ou um processo de qualidade inferior (*sub-alimentar*, *sub-povoamento*, *sub-desenvolvido*) ou de qualidade superior (*sobre-luzir*, *sobre-alimentar*, *sobre-carregado*) ao expresso pela base.

O comportamento destes dois prefixos e os diferentes sentidos instanciados pela sua acoplagem (localização espacial, hierarquia, avaliação, ordenação taxonómica e temporalidade) permite-nos afirmar, com base no defendido por Corbin (2001), que estes operadores afixais têm a seguinte instrução semântica<sup>335</sup>:

---

«dans ces adjectifs [*sous-adapté*, *sous-doué*, *sous-qualifié*], l'adjectif suivant *sous-* est qualifiant et réfère à une propriété quantifiable; le préfixe a pour effet de signaler que le degré de réalisation de cette propriété n'atteint pas la norme implicitement admise pour celle-ci. (...) Or, ces cas [*sub-apical*, *sobre-axilar*] ne sont pas d'adjectifs qualifiants (ils se comportent comme des adjectifs 'de relation': pas d'emploi attributif, pas de gradabilité, pas de coordination possible avec un adjectif qualifiant, etc.), et son référent n'est pas quantifiable. Le sens localisateur de ces adjectifs [*sub-apical*, *sobre-axilar*] ne peut donc pas s'expliquer compositionnellement à partir de *sub-* et *apical* (adapt.). Comme il n'est pas envisageable d'expliquer [*subapical*] à partir de la suffixation de *-al* à un très hypothétique nom '*subápice*' (...), une hypothèse de traitement plausible consiste à considérer que *sub-apical* est le résultat de la préfixation de *sub-* à *ápice* et de la victoire (obligatoire en concurrence) de la contrainte de conformité catégorielle, qui veut qu'un adjectif affixé ait une forme suffixée, sur la contrainte de conformité sémantique, qui veut que la forme d'un mot affixé soit la plus proche possible de la forme obtenue par la concaténation de ses constituants» (a adaptação é nossa). Veja-se, a este respeito, Corbin 2001 e a secção 3.5.5.2. do capítulo I da presente dissertação.

<sup>335</sup> Sobre a noção de 'instrução semântica', Amiot (2002b) refere que «un préfixe possède un sens abstrait (une instruction sémantique), apte à se réaliser dans différents domaines pourvus d'un même principe de structuration» (Amiot 2002b: 271). No caso de *sub-* e *sobre-*, estes prefixos constroem palavras «qui s'interprètent en termes d' [infériorité et de] supériorité (le dérivé désigne toujours quelque chose qui est situé [au-dessous et] au-dessus d'un autre élément (...)) et ceci est dû au fait qu'ils mettent toujours en jeu la même instruction sémantique, quels que soient les domaines conceptuels [domaine de l'espace et

- (i) quando acoplados a bases com propriedades espaciais, potenciam uma operação de localização (inferior ou superior) relativamente ao denotado pela base;
- (ii) quando acoplados a bases suscetíveis de serem avaliadas, estabelecem uma relação de pendor avaliativo (negativo ou positivo) relativamente ao denotado pela base;
- (iii) quando acoplados a bases dotadas de propriedades hierarquicamente estabelecidas, situam o produto num nível inferior ou superior ao denotado pela base;
- (iv) quando acoplados a bases dotadas de propriedades suscetíveis de sofrerem um processo de divisão, efetuam a partição de um todo (no caso de *sub-*);
- (v) quando acopladas a bases com propriedades processuais, potenciam uma operação de localização temporal posterior relativamente ao processo denotado pela base (no caso de *sobre-*).

Assim, quando instanciam operações de localização espacial, *sub-* e *sobre-* caracterizam-se por serem prefixos preposicionais pois podem, de forma circunstancial não obrigatória, «dar lugar a alternancias de la estructura argumental» (Di Sciullo 1997). Nos restantes casos (de que destacamos a aceção avaliativa), *sub-* e *sobre-* caracterizam-se por não afetarem a estrutura argumental nem o aspeto léxico da base e atuarem como modificadores da raiz (o núcleo) a que se acoplam. Neste caso, estes prefixos «não provocam alteração da categoria da base com a qual se combinam e a sua capacidade de transformação semântica é relativamente limitada; modulam, o semantismo da base, inflectindo-o numa determinada direção avaliativa, sem produzir alterações na estrutura semântico-referencial da mesma» (Rio-Torto 1993: 366). São pois, nestas situações, prefixos modificadores que «como el adverbio, modifica[n] un predicado, por lo cual se adjunta[n] a bases (de)verbales para modificar, respetivamente, la acción o situación expresada en el verbo base» (Lluïsa Gràcia Solé 1995: 19),

---

domaine de la valeur] auxquels peuvent être rattachés les mots auxquels ils s'adjoignent» (Amiot 2002b: 280). Relativamente a esta questão, termina a autora afirmando que «ce[s] préfixe[s] met[tent] en oeuvre la même instruction sémantique, quelle que soit l'interprétation (spatiale ou non) du dérivé : [*sub-* e *sobre-*] oblige[nt] à poser un repère sur un axe fictif orienté verticalement et ce repère sert de point de départ à une opération de localisation [spatiale ou conceptuelle] vers le pôle [négatif ou] positif» (Amiot 2002b: 281). Também Gonçalves (2007) afirma que *sub-* e *sobre-* se caracterizam por «sendo originalmente portadores do sentido da localização espacial, traduzirem, por deslizamento semântico, uma noção hiperbólica de insuficiência ou intensidade» (Gonçalves 2007: 2).

«hereda[n] la estructura argumental de la base, no altera[n] la dimensión aspectual de la base y tenga[n] la facultad de modificar el significado de la base» (Varela Ortega e Martín García 1999). Nestes casos, o valor destes prefixos é intransitivo, o que faz com que sejam interpretados como modificadores, sendo o núcleo a base à qual o prefixo se acopla. *Sub-* e *sobre-* atuam assim, neste caso, como modificadores da base e o significado do derivado vai corresponder a um tipo particular do significado por ela expresso. O núcleo, aqui, é a base e por isso a estrutura destes produtos é a de modificador-núcleo (Zwanenburg 1992).

## 5. O operador *sem-*

Em português, a preposição *sem* é utilizada, não raras vezes, em posição prefixal, unindo-se, para tal, exclusivamente a nomes (maioritariamente simples) e revestindo as ideias de privação ou carência (II-5.1.). Como mencionámos no capítulo I, o estudo deste operador, no âmbito deste estudo, justifica-se pelo facto de *sem-* fazer não raro de contraponto a *com-*<sup>336</sup>, e de a sua caracterização permitir diferenciar os ‘verdadeiros’ prefixos dos que não funcionam como tal (cf. capítulo III).

(II-5.1.)

*sem-abrigo*: pessoa sem domicílio que vive nas ruas, sobretudo das grandes cidades;

*sem-família*: pessoa que não tem família;

*sem-pão*: pessoa faminta, que não tem alimento para comer;

*sem-razão*: falta de razão;

*sem-vergonha*: aquele(a) que não tem vergonha.

Apesar de *sem-* ter sido, em épocas passadas, no espanhol como no português, «un prefijo poco productivo» (Montero Curiel 1999: 181), no estado atual da língua o uso prefixal da preposição tem vindo a ser «cada vez más productivo, sobre todo en los medios de comunicación<sup>337</sup>» (Montero Curiel 1999: 181) unindo-se, como já referimos, a nomes, formando novos nomes (II-5.2.) e adjetivos (II-5.3.). Tal realidade coloca problemas no que concerne à possível capacidade transcategorizadora deste operador (cf. secção 3.5.1.), sobretudo quando o produto adquire configuração adjetival, podendo ser utilizado com função atributiva<sup>338</sup>.

<sup>336</sup> Note-se que, conforme referimos anteriormente, este sentido de privação/carência de *sem-* relaciona-se antonimicamente com o denotado pelo prefixo *com-* em formas como *com-voto*, *com-terra* e *com-dólares*, por nós recolhidas na Folha de São Paulo.

<sup>337</sup> Relativamente às formações prefixadas por *sans*, também Dany Amiot refere que «cet élément sert d’ailleurs assez curieusement à former un grand nombre de noms qui ont peu de chances d’être un jour recensés dans les dictionnaires, mais que l’on trouve aisément dans les médias à l’heure actuelle, créations de discours que tout un chacun interprète sans difficulté» (Amiot 2004a: 74-75). Ainda relativamente às formações prefixadas por *sans-*, continua a autora afirmando que «*sans-* permet, lui, de former des mots qui souvent appartiennent à un registre de langue plus familier et peut même servir à former des noms propres ou des surnoms» (Amiot 2004a: 75).

<sup>338</sup> Veja-se, na análise que fizemos dos prefixos *inter-*, *contra-* e *intra-*, o referido a este respeito.

(II-5.2.)

os [sem-[terra]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>

os [sem-[abrigo]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>

os [sem-[papéis]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>

os [sem-[voz]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>

os [sem-[emprego]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>

(II-5.3.)

linguagem [sem-[cerimónia]<sub>N</sub>]<sub>A</sub>

pessoas [sem-[abrigo]<sub>N</sub>]<sub>A</sub>

jovens [sem-[trabalho]<sub>N</sub>]<sub>A</sub>

menina [sem-[graça]<sub>N</sub>]<sub>A</sub>

franceses [sem-[emprego]<sub>N</sub>]<sub>A</sub>

Como é visível em (II-5.2.), a formação de nomes estabelecida pela acoplagem de *sem-* a um nome é responsável pela construção de uma entidade denotadora, na generalidade, do traço [+ humano]<sup>339</sup>, não havendo, contudo, qualquer relação entre o referente do Nbase e o referente do produto prefixado. Efetivamente, porque um *sem-abrigo* é uma pessoa que não tem domicílio (e não um tipo de abrigo) e porque um *sem-pão* é uma pessoa faminta, que não tem alimento para comer (e não um sub-tipo de pão), verificamos, nos produtos prefixados por *sem-*, que o operador mantém o sentido da preposição, sendo a entidade denotada pelo produto caracterizada pela ausência do que é denotado pelo Nbase (e não como um *sub-tipo* do Nbase), o que faz com que estes produtos sejam considerados como verdadeiros exemplos de exocentricidade<sup>340</sup>. Como veremos no capítulo III, esta questão da endo- vs exocentricidade do produto derivado terá, na senda do proposto por Bisetto e Scalise (2003), grande relevância na caracterização da prefixação enquanto processo derivacional ou composicional<sup>341</sup>. Com efeito, os produtos prefixados por *sem-* não manifestam as características consideradas como prototípicas dos elementos prefixais. Assim, segundo Amiot (2002a), «un vrai préfixe (d'origine prépositionnelle) se caractérise par un certain mode de fonctionnement» enquanto que «un élément d'origine prépositionnelle qui ne peut être

---

<sup>339</sup> Sublinhe-se, a este propósito, que a definição dos exemplos apresentados em (II-5.2.) nos dá conta, maioritariamente de uma 'pessoa que **não tem** o expresso pelo Nbase'.

<sup>340</sup> Considera-se que um produto é exocêntrico quando não estabelece qualquer relação de tipo hiponímico com a sua base e quando não é interpretado a partir da soma das partes que o constituem.

<sup>341</sup> Relativamente a esta questão, Amiot (2004a) considera que «*sans-* construit des mots qui tous s'interprètent de la même façon et qui peuvent se paraphraser grossièrement par 'entité se caractérisant par l'absence de ce qui est dénoté par la base', sens qui peut tout à fait être construit par la préposition qui lui correspond.(...) Il est difficile de considérer *sans-* comme un véritable préfixe car il construit des mots réellement exocentriques, comme on en trouve dans la composition» (Amiot 2004a: 76).

considéré comme un vrai préfixe» apresenta também determinadas características, que, em tradução nossa, mencionamos em (II-5.4.):

(II-5.4.)

<b>Características de um elemento de origem preposicional que ...</b>	
<b>deve ser considerado como um verdadeiro prefixo</b>	<b>não deve ser considerado como um verdadeiro prefixo</b>
(i) o prefixo acopla-se a bases pertencentes a categorias lexicais diversas, contribuindo para a construção de palavras que pertençam também a categorias sintáticas distintas – um verdadeiro prefixo não é, pois, mono-categorial;	(i) constrói apenas nomes, acoplando-se a bases nominais; é, pois, monocategorial;
(ii) quando o prefixo está ao serviço da formação de nomes, o Nderivado é habitualmente endocêntrico, ou seja, designa uma entidade de natureza similar ao denotado pelo Nbase (uma <i>mega-casa</i> é claramente <i>uma casa</i> );	(ii) constrói nomes exocêntricos, isto é, nomes que não denotam uma entidade da mesma natureza da entidade denotada pela base (um <i>sem-papéis</i> não é <i>um tipo de papel</i> );
(iii) quando o prefixo convive com uma preposição que lhe é homomorfa, os sentidos construídos pelo prefixo são, em parte, distintos dos sentidos denotados pela preposição;	(iii) quando o prefixo convive com uma preposição que lhe é homomorfa, o prefixo apresenta sentido(s) muito próximo(s) do(s) expresso(s) pela preposição homomorfa.
(iv) quando acoplado a uma base nominal ou adjetival, o produto mantém seu género e número.	(iv) o género e o número do produto podem não ser coincidentes com o género e número da base.

Várias razões nos levam, como veremos no capítulo III, a equacionar, relativamente a estas construções prefixadas por *sem-*, o cenário de lexicalização de uma construção sintática previamente formada<sup>342</sup>, em detrimento de uma construção de índole derivacional.

Com efeito, o operador *sem-*:

- (i) não apresenta as características prototípicas de verdadeiro prefixo;
- (ii) tem, na sua origem, uma preposição com função circunstancial<sup>343</sup>;
- (iii) apresenta «trop de caractéristiques propres à cette préposition» (Amiot 2004a: 77);
- (iv) acopla-se a uma única categoria;
- (v) os nomes a que se acopla apresentam-se invariavelmente no masculino (mesmo quando a base é preenchida por um nome no feminino).

---

<sup>342</sup> Amiot (2005b), com base nos exemplos (a) *Il peut e il est parti sans parapluie* e (b) *Ces gens sont sansabri*, considera que «it is very easy to obtain the noun *sansabri* from PP *sansabri* in (b). In view of these observations, *sans-N* words seem to be built up by a process of lexicalization of an expression previously formed in syntax. If this analysis is correct, *sans* is a syntactic marker, i.e. a preposition, in *sans-N* words» (Amiot 2005b: 188). Rainer e Varela (1992: 121), relativamente a formas P+N como *sinvergüenza* consideram que estamos perante «simples frases lexicalizadas», defendendo que «se trata de construcciones sintácticas ‘normales’ de preposición+nombre y que el cambio categorial observado (SP→N) es una consecuencia de la elipsis nominal». Também Kornfeld (2006) considera que nestes casos estamos perante uma «combinación sintáctica lexicalizada de una preposición y un nombre, cuya categoría nominal se obtiene por elipsis» (Kornfeld 2006: 165). Já num outro artigo (Kornfeld e Saab 2003) a autora tinha considerado, relativamente a casos como *sinvergüenza* ou *sin techo*, estarmos perante «syntactic explanations for the origin of words with the structure P+N» (Kornfeld e Saab 2003: 228) e que se estas expressões «are lexicalized as nouns is due to a special property of Spanish and other languages with rich nominal morphology: the possibility to omit the noun in noun phrases (Kornfeld 2003: 232). A este propósito veja-se o capítulo III da presente dissertação.

<sup>343</sup> Considera-se uma preposição circunstancial aquela que introduz «ce que l'on appelle traditionnellement des compléments circonstanciels (...) qui ne dépendent pas syntaxiquement d'un élément précis du contexte», sendo «beaucoup plus autonomes que les prépositions régies» (Amiot 2002 a: 297).

## 6. A prefixação de origem preposicional: conclusões

Com este capítulo, procurámos deter a nossa análise nos elementos prefixais coexistentes, na fase atual da língua, com elementos preposicionais. A análise por nós empreendida mostrou-nos que os elementos prefixais *co-*, *contra-*, *entre-*<sup>344</sup>, *sub-*, *sobre-*<sup>345</sup> e também o operador *sem-*, não obstante apresentarem em comum o facto de procederem etimologicamente de preposições, são detentores de características diversas visíveis ao nível das construções a que dão origem, motivando assim a sua classificação enquanto prefixos modificadores, preposicionais ou argumentais.

Vimos, pois, que os prefixos em análise, são, maioritariamente, oriundos de preposições que apresentam, na sua génese, uma semântica locativa, herdando, não raras vezes, esta significação. No entanto, porque a base a que se acopla determinado elemento prefixal pode infletir e condicionar quer a semântica do produto quer a semântica do elemento prefixal<sup>346</sup>, verificámos que estes prefixos desenvolvem frequentemente distintas características e propriedades, responsáveis pelo(s) seu(s) diferente(s) comportamento(s) e conseqüente classificação em termos morfo-semânticos e argumentais, como é visível em (II-6.1.).

### (II-6.1.)

Operador prefixal	Exemplo	Informação semântica	Classificação
co-	<i>co-apóstolo</i> <i>co-responsável</i> <i>co-participar</i>	cooperatividade	. prefixo argumental
contra-	<i>contra-manifestação</i> <i>contra-estimulante</i> <i>contra-manobrar</i>	oposição	. prefixo modificador
	<i>contra-chefe</i>	hierarquia	

<sup>344</sup> Como já mencionámos, também fizemos a análise da prefixação instanciada por *inter-*, pela etimologia comum com o prefixo *entre-*.

<sup>345</sup> Sublinhe-se que também realizámos, ainda que de forma breve, uma leve incursão pelos produtos prefixados por *intra-*, *extra-*, *super-* e *supra-*.

<sup>346</sup> A este respeito refere Rio-Torto (1993) que «enquanto entidade (inter)dependente, o prefixo adequa a sua função ao semantismo da base com que se combina (1993: 366).

entre-	<i>entre-beijar</i>	reciprocidade	. prefixo argumental
	<i>entre-dedo</i> <i>entre-guerras</i>	localização	. prefixo preposicional
	<i>entre-aberto</i> <i>entre-ver</i>	gradatividade	. prefixo modificador
inter-	<i>inter-ajuda</i> <i>inter-relacionado</i> <i>inter-ligar</i>	reciprocidade	. prefixo argumental
	<i>inter-glúteos</i> <i>inter-costal</i> <i>inter-espacejar</i>	localização	. prefixo preposicional
sub-	<i>sub-estrutura</i> <i>sub-apical</i> <i>sub-terrar</i>	localização	. prefixo preposicional
	<i>sobre-nervo</i> <i>sobre-axilar</i> <i>sobre-voar</i>		
sobre-	<i>sub-comissário</i> <i>sobre-juiz</i>	hierarquia	. prefixo modificador
	<i>sobre-alimentar</i> <i>sub-povoamento</i>	gradatividade	
	<i>sobre-ronda</i> <i>sobre-ceia</i> <i>sobre-coser</i>	segunda ocorrência / ordenação taxonômica	
	<i>sub-afluente</i> <i>sub-dividir</i>		

Conforme sistematizamos em (II - 6.1.), verificámos que, de uma forma geral, os elementos em análise ativam, de acordo com a base a que se acoplam, informações semânticas distintas e apresentam características próprias, responsáveis, em grande medida, pela sua sub-categorização e classificação. São, deste modo, prefixos modificadores aqueles que introduzem uma modificação semântica na base e evidenciam propriedades semânticas que são transportadas para os produtos que, genericamente (salvo algumas exceções, visíveis sobretudo em casos residuais, resultantes de operações de lexicalização/(des)gramaticalização da língua), apresentam uma informação semântica marcada por um elevado grau de regularidade e previsibilidade. Estes prefixos veiculam, sobretudo, informação de pendor avaliativo (*entre-*, *sobre*, *sub-*), podendo também aportar outros sentidos (*contra-* veicula também o significado de oposição e hierarquia; *sub-* e *sobre-* veiculam a ideia de hierarquia),

que nos permitem inseri-los também na classe dos prefixos modificadores. Estes elementos não determinam a categoria sintática da palavra em que ocorrem nem as propriedades gramaticais das formas que integram, preservando as propriedades morfo-sintáticas da base. São pois elementos que procedem, exclusivamente, a alterações da informação semântica do núcleo, aportando na generalidade, uma informação semântica adjunta (gradação, hierarquia, ordenação taxonómica, entre outras) à base, matizando, de forma mais ou menos vincada, o seu significado.

Nestes casos, o valor do prefixo é intransitivo e interpreta-se como um modificador, sendo o núcleo a base à qual o prefixo se acopla, pelo que não se verifica alteração da EA nem do aspeto léxico da mesma.

Sublinhámos, também, a existência de prefixos preposicionais que veiculam, genericamente, uma informação locativa (*entre-*, *inter-*, *sub-* e *sobre-*), responsável pelo seu uso preposicional. Estes elementos provêm, em grande parte, da preposição que lhe está na origem, herdando o(s) seu(s) valor(es) semânticos. Como referimos, são sobretudo prefixos locativos e têm «el valor semántico de una preposición – generalmente aquella con la cual se relaciona diacrónicamente. El argumento seleccionado por este elemento preposicional [...] se realiza fuera de la palabra, en la llamada ‘sintaxis externa del derivado’» (Gràcia Solé *et al.* 2004: 19), pelo que a acoplagem destes elementos aporta, geralmente, alteração da EA através da introdução de argumento que expressa, maioritariamente, a semântica locativa decorrente da preposição com a qual o prefixo se relaciona diacronicamente.

Por último, registámos a existência de elementos prefixais que exercem incidência argumental sobre algum dos argumentos da sua base, o que se verifica sobretudo com a acoplagem a bases (de)verbais. Assim acontece com *co-*, *inter-* e *entre-*, estes dois últimos na aceção de reciprocidade. Tal propriedade faz destes operadores, nesta aceção, prefixos argumentais (característica devida, em grande parte, ao carácter eventivo da base (de)verbal), pois apresentam a capacidade de realizar «una modificación sobre uno o más participantes asociados con la estructura léxico-semántica de la palabra base» (Felíu Arquiola 2003a: 267). A designação de prefixos argumentais (ou com incidência argumental) aplica-se, assim, sobretudo a casos em que os prefixos expressam noções como a cooperatividade (no caso de *co-*) ou a reciprocidade (no caso

de *entre-* ou *inter-*), desencadeando, com a sua acoplagem, a alteração da EA da base ou, em alternativa, a alteração do preenchimento de um dos argumentos (nomeadamente ao nível dos actantes) da mesma.

Esta sub-categorização dos prefixos (em termos modificadores, preposicionais e argumentais), decorrente, em grande parte, da semântica da base e do seu carácter eventivo ou não, justifica assim a conceção que equacionaremos, no próximo capítulo, sobre a especificidade da prefixação no seio da formação de palavras. De facto, ao contrário do que é comumente defendido, a prefixação não deve, a nosso ver, ser considerada como um processo uno e homogéneo sendo a heterogeneidade dos elementos prefixais aferida através de alguns parâmetros, de que destacamos:

- (i) o carácter endo- ou exocêntrico dos produtos compósitos;
- (ii) a acoplagem do elemento prefixal a uma ou a mais do que uma classe gramatical;
- (iii) a manutenção/alteração, no produto, do género e número da base;
- (iv) a ativação, no elemento prefixal, de outros sentidos distintos do sentido, presente no elemento preposicional que lhe está na origem;
- (v) a tendência para a (des)gramaticalização.

Neste sentido, porque cada um dos prefixos em análise é portador de individualidade própria, defendemos que a prefixação deve ser analisada tendo em conta o comportamento distinto que cada um dos elementos prefixais apresenta e que será responsável, como veremos no próximo capítulo, pela classificação deste processo de formação de palavras enquanto processo derivacional ou enquanto processo mais próximo da composição.



### III – Para uma escalaridade da prefixação em português

*En tant que somme des éléments lexicaux mémorisés dans la communauté linguistique, le lexique a nécessairement un aspect social : il exprime la vie, les structures sociales de cette communauté dans la langue et devient ainsi, lui-même, une structure de cette communauté, soumise, comme elle, à une norme commune puisqu'il est un élément de sa vie et de sa survie.*

GILBERT, P. (1980) *Dictionnaire des mots contemporains*. Paris: Robert, pp. 45

Nos estudos sobre formação de palavras por prefixação, é frequente, como já referimos, a alusão à relação estabelecida entre prefixos e preposições<sup>347</sup> quer pela etimologia e configuração comum, quer pelo valor preposicional assumido por alguns elementos prefixais. De facto, como refere Corbin (2001), porque, «étymologiquement, beaucoup de préfixes sont d'anciennes prépositions<sup>348</sup>» e porque «synchroniquement, beaucoup de préfixes ont la même forme que les prépositions<sup>349</sup>», «les préfixes sont des affixes moins prototypiques que les suffixes et ils paraissent plus proches d'autres unités du lexique», o que faz com que sejam «traditionnellement présentés (...) comme des unités lexicales» (Corbin 2001: 52), isto é, como unidades dotadas de maior autonomia.

A fronteira entre estas duas categorias – preposições e prefixos – é, pois, bastante ténue, já que algumas preposições vieram a assumir, ao longo da história da língua, utilizações não autónomas em estruturas compósitas, apresentando assim configuração prefixal. É o caso dos prefixos com que aqui nos detemos (*co-*, *contra(-)*,

---

<sup>347</sup> Refere Van Goethem que «l'inventaire des préfixes contient de nombreux éléments qui correspondent formellement à une préposition» e que «la frontière entre les deux catégories n'est pas absolue», já que «les prépositions peuvent évoluer en préfixes» (Van Goethem 2009: 7-8).

<sup>348</sup> Na mesma linha, Montermini afirma que «prefissi e preposizioni siano indubbiamente legati sul piano diacronico» (Montermini 2009).

<sup>349</sup> A este respeito, Corbin refere que «Zwanenburg (1992: 231) voit dans les unités lexicales porteuses de préfixes homomorphes de prépositions des unités composés dans lesquelles le premier constituant est la préposition» (Corbin 2001: 52).

*entre(-)*, *sem(-)*, *sub(-)* e *sobre(-)*) que, na fase atual da língua, coexistem com preposições configuracionalmente homólogas, o que, conforme destaca Amiot (2004a), coloca problemas na sua categorização, levando-nos a inquirir: «lorsqu'ils sont employés en tant qu'éléments non autonomes, ceux-ci doivent-ils être considérés comme des prépositions, sont-ils à considérer comme de véritables préfixes ou comme des éléments hybrides, n'appartenant ni à l'une ni à l'autre catégorie?» (Amiot 2004 a: 67).

### 1. Prefixos e preposições

Na maior parte dos modelos teóricos atuais, a prefixação é considerada como um processo de derivação, que se opõe à composição. Uma palavra derivada é assim constituída por uma base (ou um radical), à qual se acopla um ou mais afixos derivacionais (prefixos ou sufixos). Uma palavra composta, pelo contrário, combina unidades lexicais autónomas.

No entanto, apesar de, à partida, estes processos não oferecerem problemas de maior, a fronteira entre composição e derivação não é clara<sup>350</sup>, sobretudo quando envolve elementos cuja autonomia é variável, como é o caso dos operadores que coincidem formalmente com preposições.

A composição é então definida como um processo de formação de palavras que combina unidades lexicais autónomas. A derivação, pelo contrário, associa uma base a um afixo (prefixo ou sufixo), ou seja, a um elemento não autónomo. No caso das palavras introduzidas por um elemento preposicional (*sobre-carga*, *contra-ataque*, *entre-beijo*, *sem-abrigo*) surge a questão relacionada com a inserção destas palavras nos processos derivacionais ou composicionais (composição sintática de uma preposição e de outra palavra) de formação de palavras em português.

---

<sup>350</sup> Sublinhe-se que a derivação produz novas palavras com base em palavras já existentes, sendo por isso considerado como um processo morfológico. Já a composição, pelo contrário, apresenta bastantes afinidades com a sintaxe.

### 1.1. A prefixação como processo de composição

Como já referimos no capítulo I deste trabalho, Darmesteter (1972) considera a prefixação como um processo particular inserido na composição, designado ‘composição por partículas’. Também Guilbert (1971, 1975) e Dubois (1997) estabeleceram uma relação entre prefixação e sintaxe, através de um mecanismo de transformação, explicitado do seguinte modo: «Dans la procédure de la préfixation, comme dans celle de la suffixation, la création résulte de la transposition en schèmes lexicaux d’un agencement syntaxique des éléments de formation selon une phrase de base et ses diverses transformations» (Guilbert 1971: XLIV).

Na mesma linha, Brøndal (1950) estabelece uma distinção entre o que encara como prefixos verdadeiros (*re-*, *des-*), que não apresentam utilização autónoma, e o uso de preposições utilizadas com função prefixal (*contra*, *entre*), considerando que estas não deverão ser entendidas como elementos prefixais. Já Pottier (1962), por seu lado, distingue utilização ‘autónoma’ e utilização ‘ligada’ das preposições, submetendo as palavras derivadas a uma análise sintática ao afirmar que «plusieurs prépositions peuvent faire aussi fonction de préfixe: *sur-monter*, *dé-passer*... On remarque que la construction syntaxique qui était indirecte (‘monter sur un obstacle’) devient directe (‘surmonter un obstacle’)» (Pottier 1962: 198). Segundo este autor, a preposição e o prefixo apresentam uma semântica relacional comum, definido pela fórmula ARB e «leur rôle consiste à mettre en relation deux termes, A et B, qui fonctionnent respectivement comme ‘la cible’ (le terme à localiser) et le ‘site’ (le terme localisé). La préposition et le préfixe peuvent donc être qualifiés de ‘rélateurs’ (R). Par exemple, dans *il a surmonté un obstacle*, le sujet *il* serait la cible (A) qui est localisée par rapport au site, l’*obstacle* (B), par le biais du relateur sur (R)» (Van Goethem 2009: 20).

Outro autor que sempre defendeu este tipo de abordagem foi Zwanenburg (1994), ao estabelecer uma diferenciação entre, por um lado, preposições e prefixos e, por outro lado, entre funções tipicamente preposicionais (quando o elemento é seguido de um nome) e funções tipicamente prefixais (quando o elemento acoplado modifica o sentido do radical). Considera este autor que as palavras introduzidas por uma preposição pertencem ao domínio da composição, enquanto as palavras introduzidas por um prefixo serão analisadas como pertencentes ao domínio derivacional. É pois, claro,

na perspetiva deste autor, que o critério da autonomia é basilar para distinguir prefixos e preposições e, conseqüentemente, processos derivacionais e processos composicionais.

Este tipo de análise da prefixação enquanto processo de formação de novas palavras é criticado por Amiot (1997a) por não evidenciar a especificidade das formações prefixais, pois «s'il est vrai que prépositions et préfixes sont, le plus souvent, de même nature, ne serait-ce que par leur étymologie, l'emploi de l'une ou de l'autre forme n'est pas nécessairement à considérer comme équivalent» (Amiot 1997a: 49-50).

## 1.2. A abordagem lexical

A alternativa à abordagem exposta no ponto anterior consiste em considerar a prefixação como uma operação estritamente morfológica ou lexical. Amiot (1997a), enquanto defensora desta hipótese, não coloca a tónica na semelhança estabelecida entre elementos prefixais e elementos preposicionais, adotando o modelo de Jackendoff e sublinhando a importância da análise semântica da utilização prefixal das preposições. Nesta perspetiva, a semântica do operador esteia a tipificação deste fenómeno como um processo particular de derivação.

Outra das principais representantes deste tipo de abordagem é Corbin (2001) que afirma que «les préfixes ne peuvent pas être considérés como des avatars de prépositions ou d'adverbes, puisqu'ils ne partagent pas toujours les mêmes valeurs» (Corbin 2001: 53)». Deste modo, se uma preposição não apresenta exatamente o(s) mesmo(s) valor(es) do prefixo que lhe é configuracionalmente homólogo (o que acontece em muitos casos), é necessário reconhecer que a prefixação não consiste, simplesmente, na acoplagem de uma preposição a uma base e que estamos perante um processo específico de formação de palavras. Além disso, Corbin (2001) constata que as diferentes partes que integram um produto composto têm um sentido 'descritivo', tendo os afixos um sentido 'instrucional' ou 'processual'<sup>351</sup>. Este pressuposto é aplicável,

---

<sup>351</sup> Kleiber (1999) explica a diferença entre 'sentido descritivo' e 'sentido instrucional' através das seguintes palavras: «On constate que pour l'essentiel le sens descriptif en question est, malgré tout, un sens en relation avec la référence: même s'il ne décrit pas le référent, il est en rapport avec lui, parce qu'il fournit bien souvent les moyens d'y accéder. En ce sens, on peut maintenir que, comme le sens référenciel (ou référence virtuelle), il détermine la référence. La référence virtuelle le fait en décrivant le

segundo a autora, para grande parte dos sufixos (que não são utilizados de forma autónoma e não apresentam um sentido descritivo), o que faz com que estes elementos sejam considerados como afixos derivacionais prototípicos. Já os prefixos, pelo contrário, apresentam muitas vezes sentidos autónomos e não possuem sempre um sentido instrucional. De acordo com Corbin (2001), as principais funções dos prefixos são denotar a localização espacial e temporal e expressar o aspeto, a comparação e a quantificação, funções que, como vemos, estão muito próximas do ‘sentido descritivo’ acima referido<sup>352</sup>.

No entanto, os defensores desta abordagem lexical avançam também com outros argumentos não semânticos para defender que a prefixação deve ser reconhecida como um processo estritamente morfológico. Em primeiro lugar, defende-se que a prefixação é, tal como a sufixação, um processo com poder categorizador. Efetivamente, este pressuposto de que os prefixos têm igualmente poder transcategorial (como os sufixos) vai de encontro à conceção dominante segundo a qual «contrairement aux suffixes, les préfixes sont réputés de ne pas permettre de construire des unités appartenant à des catégories lexicales différentes de celle de leur base; en conséquence, ils n’auraient qu’un rôle sémantique dans les mots construits» (Corbin 2001: 41). Esta conceção mais tradicionalista a que se refere Corbin pode igualmente ser ilustrada pela definição de *prefixo* no *Le Bon Usage*: «un préfixe est une suite de sons (ou de lettres, si on envisage la langue écrite) qui n’a pas d’existence autonome et qui s’ajoute devant un mot existant pour former un mot nouveau. Au contraire de ce qui se passe souvent pour la suffixation, les préfixes ne changent pas la nature des mots auxquels ils sont joints, mais seulement leur signification. En outre, la préfixation n’entraîne aucune modification formelle de la base» (Grevisse e Goosse 2001: 222). No entanto, Corbin (2001) demonstra, através de uma série de contraexemplos a que já aludimos, que esta conceção não está totalmente correta, concluindo que «le nombre de cas où la préfixation change la catégorie de la base est considerable» e que «tant les suffixes que

---

référent, le sens instructionnel en indiquant la ou les procédures à suivre pour le trouver (...)» (Kleiber 1999: 49-50).

<sup>352</sup> A este propósito, Van Goethem afirma que «tandis que *sous-* semble avoir une valeur instructionnelle dans, par exemple, *sous-doué*, il indique le même localisation spatiale dans *sous-marin* que la préposition *sous* dans *sous la mer*. Aussi est-il difficile de défendre que le préfixe *sous-* aurait toujours une valeur purement instructionnelle, alors que son pendant prépositionnel aurait un sens plutôt descriptif. On constate donc que ce second argument sémantique n’est pas toujours valable pour distinguer les préfixes des prépositions» (Van Goethem 2009: 24).

les préfixes sont porteurs d'une instruction catégorielle qui est responsable de la catégorisation des mots construits» (Corbin 2001: 49).

### **1.3. Para uma abordagem mista**

Na tentativa de superar os argumentos a favor da classificação da prefixação como um processo composicional (o critério da autonomia e o funcionamento relacional comum aos prefixos e às preposições) e da abordagem lexical referida na secção anterior (nomeadamente as diferenças semânticas estabelecidas entre preposições e prefixos e a tomada em linha de conta do poder transcategorial dos prefixos), surgiram estudos que procuram formular uma abordagem mista e que contemple as questões atrás enunciadas. Neste âmbito, consideram-se dois tipos de abordagem: (i) a abordagem polifuncional dos prefixos e (ii) a abordagem em *continuum* entre os elementos preposicionais e os elementos prefixais.

#### **1.3.1. A abordagem polifuncional de alguns prefixos**

Esta abordagem, defendida por Lang (1991) e por Weidenbusch (1993), estabelece que um mesmo operador pode assumir uso preposicional ou uso prefixal.

Deste modo, Lang (1991) distingue três processos morfológicos:

- (i) a composição, que estabelece a combinação de dois lexemas;
- (ii) a modificação, na qual o elemento ligado serve apenas para modificar a semântica da base;
- (iii) a conversão, que afeta a categoria e a função sintática da palavra.

Assim, segundo o autor, quando uma preposição é o primeiro elemento de um processo de modificação ou de conversão, é considerado como um verdadeiro prefixo. Pelo contrário, quando está presente em estruturas de composição, em que o primeiro elemento pode sofrer uma contração, o operador não modifica a base mas mantém o seu

comportamento preposicional, já que apresenta uma base nominal como complemento. Para Lang, estas unidades de composição devem ser analisadas como estruturas de subordinação, implicando «que les unités d'un niveau linguistique 'plus élevé' sont analysées comme des unités d'un niveau 'inférieur'. (...) Il s'agit de recatégorisations de groupes prépositionnels en substantifs» (Van Goethem 2009: 26).

A análise de Weidenbusch (1993) aproxima-se muito da proposta de Lang (1991), distanciando-se desta em alguns aspetos. Segundo o autor, os elementos preposicionais funcionam unicamente como verdadeiros prefixos nos processos de modificação. Na conversão, pelo contrário, estes elementos baseiam-se num grupo preposicional e, neste caso, o operador deve ser analisado como uma preposição. O mesmo acontece na composição, em que estes elementos são analisados como preposições porque implicam a recategorização de um grupo nominal em substantivo.

Segundo Van Goethem (2009), estas duas análises têm em comum o facto de criarem uma fronteira entre a utilização preposicional e a utilização prefixal de um mesmo operador. No entanto, os critérios apontados para os diferentes tipos de utilização permanecem, segundo a autora «dans le flou. Par exemple, l'analyse de Lang (1991) ne précise pas comment il faut distinguer une composition et comment il faut vérifier si un élément lié modifie la base d'une modification. En outre, on ne voit pas clairement comment Weidenbusch (1993) analyserait les conversions, ne prenant pas comme point de départ un groupe prépositionnel. Faut-il, dans ce cas, attribuer un statut préfixal ou un statut prépositionnel aux composantes d'origine prépositionnelle ?» (Van Goethem 2009: 26).

### **1.3.2. A abordagem em *continuum* entre preposições e prefixos**

Uma das possibilidades apontadas como alternativa à abordagem descontínua é a chamada abordagem gradual ou discreta que considera os prefixos de origem preposicional como elementos híbridos, possuindo características quer dos elementos de composição quer dos verdadeiros afixos derivacionais. As designações utilizadas para fazer referência a estes elementos são várias (pseudo-prefixos, semiprefixos, prefixóides, semiafixos, afixóides, entre outros) e mostram-nos que, efetivamente, estes

elementos apresentam características quer dos elementos preposicionais, quer dos elementos prefixais, o que sublinha a necessidade de haver um modelo teórico que permita explicar a transição gradual sofrida por estes elementos (do seu estatuto preposicional, inserido em estruturas composicionais, em direção ao seu estatuto prefixal, inserido em processos derivacionais). Este modelo, como veremos, é-nos fornecido pela teoria da (des)gramaticalização, que abordaremos de seguida.

### 1.3.2.1. A teoria da (des)gramaticalização

A (des)gramaticalização dá precisamente conta das mudanças linguísticas através das quais um item gramatical perde, em determinados usos, propriedades gramaticais, adquirindo, de forma progressiva, características de elementos lexicais. Esta possibilidade é a que aqui nos interessa pois é a que dá conta da passagem de um elemento preposicional a elemento prefixal.

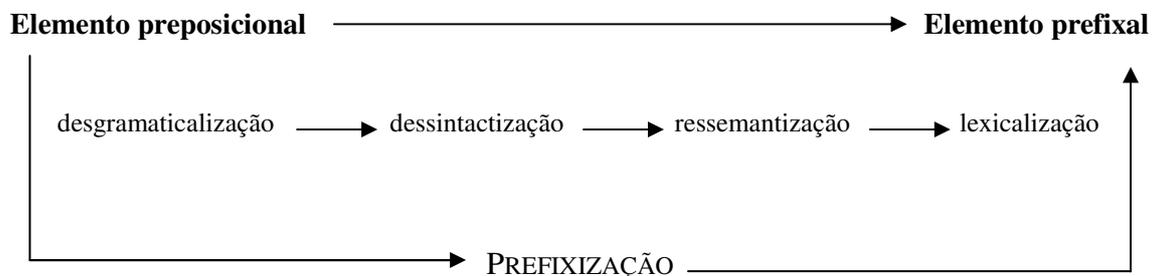
Efetivamente, a preposição é geralmente considerada como uma categoria gramatical e, como afirmam Combettes *et al.* (2003), ela situa-se no meio de uma escala de gramaticalidade entre os advérbios, por um lado, e os prefixos, por outro lado. Defende esta autora que «la catégorie des prépositions, dont la liste est finie dans chaque langue, peut être analysée comme plus ‘grammaticalisée’ que celle (d’ailleurs diverse) des adverbes, plus nombreux et plus lexicaux. (...) Viendront ensuite les préfixes séparables lorsqu’ils existent, puis les préfixes inséparables, qui parfois perdent leur sémantisme propre pour se retrouver totalement lexicalisés (cf. *trépasser* où *très* n’est plus ni préverbe ni préfixe aspectuel)» (Combettes *et al.* 2003 : 238)<sup>353</sup>. Deste modo, Combettes *et al.* (2003) dão-nos conta da evolução existente entre elementos preposicionais que, em alguns casos, se transformam progressivamente em elementos prefixais, sofrendo, primeiramente, um processo de (des)gramaticalização. Este processo, presente numa primeira fase de transformação de elementos preposicionais em elementos prefixais, consiste na perda, por parte do elemento preposicional, de propriedades gramaticais (nomeadamente da preposicionalidade e do carácter relacional

---

<sup>353</sup> Note-se que esta citação de Combettes *et al.* (2003) sugere que os prefixos sofrem um processo de (des)gramaticalização a partir de elementos preposicionais, mas sugere também que os prefixos podem sofrer um processo de lexicalização, através do qual os verbos prefixados perdem a sua transparência semântica (cf. *trépasser*).

que lhe é inerente). Estes elementos passam, assim, em contexto prefixal, a funcionar como elementos lexicais, aportando, em alguns casos, simples modificações semânticas (maioritariamente de teor locativo e/ou avaliativo) à base. Este processo poderá culminar, numa última fase, com a lexicalização total do elemento prefixal que, inserido num produto compósito, perde a sua transparência formal e semântica<sup>354</sup>. Deste modo, neste *continuum*, o elemento prefixal perde, progressivamente, o carácter relacional que herdou da preposição e desenvolve sentidos nela inexistentes, corroborando assim o seu funcionamento enquanto elemento prefixal.

(III-1)



Da observação dos dados, podemos pois sublinhar a existência de uma escala no grau de (des)gramaticalização na passagem de um elemento preposicional a elemento prefixal. Verificamos assim a existência de preposições inseridas em sintagmas preposicionais (*voar sobre a ilha*), nas quais são claramente visíveis propriedades gramaticais. Estes elementos, quando inseridos em estruturas prefixais (*sobre-voar a ilha; sobre-estimar algo*), passam a apresentar sobretudo propriedades lexicais o que implica não só a perda (gradual e progressiva) das propriedades gramaticais do elemento preposicional (desgramaticalização), mas também a anulação das relações sintácticas estabelecidas entre a preposição e os restantes constituintes fráscicos (dessintactização). Ocorre, então, conforme representamos em (III-1) uma consolidação da relação morfológica estabelecida entre o elemento prefixado e a base, consolidação

<sup>354</sup> Brinton e Traugott (2005: 144) apresentam a seguinte definição de lexicalização: «the change whereby in certain linguistic contexts speakers use a syntactic construction or word formation as a new contentful form with formal and semantic properties that are not completely derivable and predictable from the constituents of the construction or the word formation pattern. Over time there may be further loss of internal constituency and the item may become more lexical».

essa que passa, genericamente, pelo desenvolvimento de significado(s) inexistentes no elemento preposicional (ressemantização) e responsáveis pelo valor modificador do elemento prefixal. Em alguns casos, este processo poderá culminar na lexicalização total do elemento prefixal, que perde, quando inserido num produto compósito, a sua transparência formal e semântica. Nesta fase, «les prefixes perdent souvent leurs transparence au cours du processus de préfixisation et, par conséquent, il est difficile de saisir l'apport sémantique spécifique du préfixe» (Van Goetem 2009: 44).

Como veremos, os elementos com que aqui nos ocupamos podem ser posicionados num *continuum* em função do seu grau de prefixização. Este posicionamento não implica, contudo, que um elemento tenha ocupado sempre uma mesma posição nos diferentes estádios que esboçámos. Implica, pelo contrário, o mais avançado estádio de prefixização, por ele atingido, em sincronia.

A teoria da (des)gramaticalização, que considera desgramaticalização e lexicalização como processos sucessivos e complementares<sup>355</sup>, oferece-nos, assim, um quadro teórico suscetível de explicar a passagem gradual de um elemento preposicional a elemento prefixal, oferecendo-nos uma resposta dinâmica, reflectida sincronicamente nos diferentes estádios intermédios existentes na evolução destes elementos. Deste modo, sincronicamente, um mesmo elemento pode apresentar um comportamento (mais) preposicional ou (mais) prefixal, dependendo este posicionamento do grau de prefixização manifesto nos diferentes significados que apresenta. Como vimos, os elementos prefixais apresentam, geralmente, diferentes significados que, muitas vezes, não são exclusivamente coincidentes com o significado evidenciado pela preposição com que se relacionam diacronicamente. Parece-nos, pois, pela observação dos dados do nosso *corpus*, que o princípio da monossema é incompatível com esta teoria, já que a evolução de um elemento preposicional em elemento prefixal implica que significações novas e significado original coexistam durante algum tempo na língua. Neste contexto, a polissemia é uma consequência natural deste processo evolutivo (visível especialmente na fase da ressemantização), reflexo da natureza dinâmica da língua.

---

<sup>355</sup> Sublinhe-se, a este propósito, que Van Goetem (2009: 44) afirma que «les notions de lexicalisation et de dégrammaticalisation ne se recouvrent pas complètement: par exemple, la formation du mot *songwriter*, 'auteur des chansons', composé des lexèmes *song* 'chanson' et *writer* 'écrivain, auteur' est un cas de lexicalisation, mais pas de dégrammaticalisation».

A teoria da (des)gramaticalização, concebida neste quadro evolutivo, permite-nos assim explicar que uma preposição pode evoluir e tornar-se num elemento prefixal e que o estado atual da língua reflete precisamente esse processo de evolução diacrónica, no qual o elemento pode apresentar comportamento preposicional e/ou comportamento prefixal. Deste modo, a teoria da (des)gramaticalização dá-nos resposta aos aspetos insuficientes das teorias que referimos anteriormente que, na generalidade, defendem que a cada elemento corresponde uma só categoria e uma só utilização.

### 1.3.2.2. Os parâmetros de ‘prefixização’ de Amiot (2005)

Para o francês, Dany Amiot, frequentemente em colaboração com Walter De Mulder, dedicou-se a numerosos estudos sobre a utilização prefixal das preposições, inscrevendo a sua investigação no quadro teórico por nós apresentado na secção anterior. Neste sentido, relativamente aos produtos compósitos introduzidos por uma preposição, Amiot opõe às abordagens sintáticas e lexicais uma terceira opção<sup>356</sup> que implica a existência de um *continuum* entre preposições e prefixos<sup>357</sup>.

Para a autora, existem assim diferentes graus de prefixização, desencadeados através do processo de (des)gramaticalização de uma preposição num elemento prefixal. Esta hipótese é confirmada diacronicamente pelo estudo que a autora empreendeu em 2004 (Amiot 2004a), no qual constatou, como veremos, existir o hiato temporal de pelo menos um século entre o emprego autónomo/preposicional de um operador e o emprego dependente/prefixal dos elementos homólogos que atualmente apresentam características dos verdadeiros prefixos. A análise de alguns prefixos oriundos do latim ou do grego (*anti-*, *co-*, *hypo(-)*, *trans-*) permitem à autora aferir as características de um verdadeiro prefixo e propor parâmetros que permitem equacionar os diferentes graus de prefixização das preposições que ainda não adquiriram, na fase atual da língua, o

---

<sup>356</sup> Refere Amiot que «still another way to analyze these words would be to say that they originate from syntactic phrases and have been lexicalized later on» (Amiot 2005b: 184).

<sup>357</sup> Acrescenta a autora que «(...) all formatives that originate from prepositions do not have to be analyzed in the same way: there is a *continuum* between elements which have to be considered real prefixes and other that are still prepositions» (Amiot 2005b: 184).

estatuto de verdadeiros prefixos. Assim, neste estudo Amiot (2004a, 2005b) avança com quatro parâmetros de prefixização, a saber:

**(i) as propriedades combinatórias do elemento não autónomo<sup>358</sup>;**

Na descrição deste primeiro parâmetro, Amiot (2005b: 185) afirma que, se uma preposição com utilização prefixal é utilizada em combinação com outras categorias que não o nome, ela distancia-se da sua origem preposicional, tendo em conta que as preposições introduzem, preferencialmente, complementos nominais. No entanto, numerosas preposições regem complementos não nominais (*Ele pintou a casa de amarelo; Ele acabou de fazer o trabalho.*), o que nos leva a considerar mais adequado reformular este parâmetro em termos comparativos: se o operador em questão alarga as suas propriedades combinatórias relativamente ao seu uso preposicional, ele afasta-se da sua utilização autónoma e evidencia um grau de (des)gramaticalização e de prefixização avançado. É, por exemplo, o caso de *entre* que, enquanto elemento autónomo, nunca rege um adjetivo mas que, no seu uso não autónomo, se combina com bases adjetivais (*entre-maduro*). Deste modo, se o operador apresenta as mesmas possibilidades combinatórias quer no seu uso autónomo quer no seu uso não autónomo, ele estará sempre próximo da sua origem preposicional<sup>359</sup>.

<sup>358</sup> A este propósito, a autora afirma que «a preposition preferentially introduces a NP or a noun; if a element of word formation can combine with other categories than nouns to build up lexemes of different categories, it has gained some autonomy with respect to the preposition it originates from; and its closer to a prefix than to a preposition» (Amiot 2005b: 185).

<sup>359</sup> A este propósito, Van Goethem (2009) sublinha que «une deuxième remarque s'impose. Amiot ne renvoie qu'à la catégorie de la base sélectionnée, mais ne tient pas compte du rôle accompli par cette base. Ceci implique qu'elle analyserait le verbe *survoler* comme un mot préfixé, étant donné que *sur-* s'y combine avec une base verbale, alors qu'il n'introduit pas de compléments verbaux en tant que préposition. Cependant, la base *voler* ne fonctionne pas comme le complément de *sur-*; cette fonction est réservée à l'objet direct du verbe (p. ex. *survoler une île*, 'voler au-dessus d'une île') qui est de nature nominale. Ces données suggèrent que *sur-* possède un statut prépositionnel dans *survoler*» (Van Goethem 2009: 32).

**(ii) a atribuição do género ao produto composto<sup>360</sup>;**

Como já referimos na secção 3.2. do capítulo I, é facto assente que os produtos prefixados herdaram, na generalidade, o género da base à qual se acoplam. No entanto, não é correto afirmar, como afirmou Amiot, que as palavras compostas em francês são, por defeito, masculinas quando remetem para entidades portadoras do traço [- animado]. Nos exemplos avançados por Amiot (2005b), o primeiro termo do composto é, geralmente, um verbo (*para-pluie*)<sup>361</sup>. Mas assim não sucede sempre em francês, pois nesta língua o género do composto é muitas vezes determinado pelo do núcleo; sendo este feminino, o composto também o é (*chou-fleur*). No caso da prefixação instanciada por elementos de configuração semelhante aos preposicionais, este parâmetro indicia-nos o que podemos ou não considerar como verdadeiro prefixo. Efetivamente, em *sobre-carga* ou *contra-ofensiva*, a palavra derivada mantém o género da base. *Sobre-* e *contra-* funcionam assim como verdadeiros prefixos, pois o género feminino é determinado pelo elemento que está à direita. Já o operador *sem*, presente em *sem-vergonha* ou em *sem-terra* não deve ser considerado, como veremos, como um verdadeiro prefixo porque, entre outras razões, o produto não mantém o género da base a que se acopla. Efetivamente, aqui, o produto pode ser também masculino (*um sem-terra*, *um(a) sem-vergonha*), apesar de as bases serem do género feminino. O que aqui se passa é que, por defeito, o masculino é o género predominante (à semelhança do que acontece nos produtos compostos, em que o primeiro elemento é um verbo).

<sup>360</sup> Relativamente a este ponto, a autora afirma que «the gender of prefixed lexemes is inherited from their lexeme-base; e.g. *hypertension* is feminine, as is *tension*; *hypermarché* is masculine, as is *marché*; the compounds, however, take ‘default’ masculine gender for inanimate: the both *perce-neige* «snow-drop» and *grille-pain* (lit. grill-bread) «toaster» are masculine whatever the gender of the noun may be, feminine for *neige* and masculine for *pain* (Amiot 2005b: 184-185).

<sup>361</sup> Também assim acontece em português: nos compostos introduzidos por um verbo, e como este não tem género, o produto apresenta, por defeito, o género masculino ((o) *guarda-chuva*, (o) *porta-chaves*, (o) *corta-nozes*).

**(iii) a noção de núcleo e o estatuto endo- ou exocêntrico do produto composto<sup>362</sup>;**

Porque a base do nosso raciocínio assenta na relação estabelecida entre elementos preposicionais e elementos prefixais importa, em primeiro lugar, clarificar as (dis)semelhanças de funcionamento destes dois operadores da língua.

Amiot (2004a), com base no pressuposto de que uma preposição apresenta uma estrutura argumental distinta da apresentada por um prefixo, defende que o carácter endo- ou exocêntrico<sup>363</sup> de um nome derivado pode relacionar-se de perto com o processo de formação nele evidenciado, inserindo-o, respetivamente, num processo derivacional ou num processo composicional<sup>364</sup>.

De facto, segundo a autora, uma preposição, no seu uso prototípico, é considerada como um elemento que coloca em relação dois elementos distintos que existem de forma independente<sup>365</sup> ('la cible' e 'le site', segundo Vandeloise 1986) e que podem ser considerados como argumentos da preposição<sup>366</sup>. De acordo com

<sup>362</sup> Defende a autora que «it is often claimed that derived lexemes and compounds are right-headed and endocentric; the exocentric and/or the left-headed lexemes being formed in syntax; this is for example the assumption of Zwanenburg (1992) for french. But another analysis was proposed first by Scalise (1994), then by Iacobini (2004); the endocentric vs exocentric nature of the complex word allows us to distinguish between derived words, which would be endocentric, and compounds, which would be exocentric; this distinction allows him to distinguish between *sottocommission*, which is derived by prefixation (*sottocommission* is endocentric; a *sottocommission* is a *commission*) and *sottotetto* which is compound, composed of a preposition *sotto* and a noun *tetto* (*sottotetto* is exocentric: a *sottotetto* is not a *tetto*)» (Amiot 2005b: 185).

<sup>363</sup> Amiot (2003) defende que o termo «*endocentrique* s'applique plutôt à des mots dont l'interprétation s'effectue uniquement à partir des éléments formateurs, sans qu'il soit nécessaire de recourir à un élément extérieur, alors qu'*exocentrique* se dit de mots dont l'interprétation ne peut s'effectuer uniquement à partir des éléments constituants» (Amiot 2003: 182). Afirma ainda a autora que «les noms construits par les 'véritables préfixes' sont endocentriques, ce qui signifie que le dérivé désigne une entité de même nature que celle dénotée par la base ou que le sens du dérivé se calcule à partir des éléments qui le constituent. Inversement, les noms construits par des prépositions assumant des emplois prefixaux sont, le plus souvent, exocentriques». Continua a autora afirmando que «l'exocentricité est extrêmement rare dans la préfixation, mais elle ne l'est pas dans l'autres modes de formation de mots, notamment dans la composition» (Amiot e Corbin 2004 : 9-10).

<sup>364</sup> Amiot (2005b) afirma que «the endocentric vs exocentric nature of the complex words allows us to distinguish between derived words, which would be endocentric, and compounds, which would be exocentric» (Amiot 2005b: 185).

<sup>365</sup> Também Tremblay (1999) afirma que «les prépositions sont prototypiquement birelationnelles en ce qu'elles spécifient une relation (spatiale, temporelle ou autre) entre deux entités» (Tremblay 1999 : 171). Mais à frente, corrobora a autora sublinhando que «les prépositions sont caractérisées par la transitivité» (Tremblay 1999: 176) e que «l'hypothèse de la transitivité inhérente des prépositions pourrait rendre compte du fait bien connu qu'elles sont les seules catégories lexicales qui soient préfixales» (Tremblay 1999: 180).

<sup>366</sup> A este respeito, Amiot e De Mulder afirmam que «la préposition a une structure argumentale et assigne un cas» (Amiot e De Mulder 2005: 38).

Grimshaw (1990), estes argumentos apresentam uma certa hierarquia, correspondendo ‘le site’ ao argumento interno e ‘la cible’ ao argumento externo.

Já o prefixo funciona de forma diferente porque «il ne met pas en relation deux éléments distincts existant de façon indépendante: s’il possède bien un argument interne, le terme auquel il s’applique et qui lui sert de base (Xb), il ne possède pas d’argument externe car le mot dérivé (Xd) n’a aucune existence indépendante dans la mesure où il est construit, morphologiquement et sémantiquement, à partir du Xb» (Amiot 2004a: 77). Deste modo, um prefixo é então considerado, na generalidade, como um predicado de um argumento (é o que acontece mais frequentemente ainda que, como vimos, possa haver exceções<sup>367</sup>), contrariamente à preposição que é, na generalidade, um predicado de dois (ou mais) elementos<sup>368</sup>.

Além disso, se um operador não funciona, efetivamente, como prefixo (elemento não autónomo) mas sim como preposição (elemento autónomo), como, conforme veremos, parece ser o caso de *sem(-)*, ele necessita, à semelhança da preposição, de um argumento externo independente, o que pode justificar a exocentricidade do produto, no qual o sentido construído é independente do sentido denotado pelas partes que o constituem. Deste modo, apesar de, enquanto elemento formador de palavras em português, *sem(-)* não ser verdadeiramente uma preposição, este operador apresenta características que o aproximam mais desta categoria gramatical do que dos prefixos, o que nos leva a considerar que «les mots construits par *sans*-doivent donc être analysés comme des composés et non comme des dérivés» (Amiot 2004a: 77). É assim compreensível por que razão os prefixos verdadeiros (os que, indubitavelmente, serão inseridos no que designaremos de ‘grupo dos prefixos de tipo 1’) constroem sempre nomes que se referem a uma entidade que

---

<sup>367</sup> Referimo-nos aos prefixos que vimos terem incidência argumental, nomeadamente *co-*, *inter-* e *entre-*.

<sup>368</sup> A este respeito, Amiot e De Mulder afirmam que «une préposition, au moins dans ses emplois canoniques, met en relation deux éléments; on dit ailleurs parfois qu’une préposition est un prédicat à deux places, ou à deux arguments. Il en va différemment du préfixe qui s’adjoint à un élément lexical, un ‘lexème’, pour construire un autre lexème dont la forme et le sens dépendent du préfixe et du lexème auquel le préfixe s’est adjoint. Par conséquent, un préfixe peut être considéré comme un prédicat à une place et cette différence de ‘structure argumentale’ entre le préfixe et la préposition a des incidences sur la construction du sens. (...) En effet, comme une préposition est un prédicat à deux places, elle peut facilement servir à mettre en relation deux éléments dont l’un jouera le rôle de site (le régime de la préposition) et l’autre celui de cible. Un préfixe, en revanche, en tant que prédicat à une place, ne peut pas assumer cette fonction de relateur, c’est ce qui explique que les noms préfixés qui reçoivent une interprétation spatiale soient rares et qu’ils dénotent ‘quelque chose de même nature que ce que dénote le lexème-base’» (Amiot e De Mulder 2005).

têm a mesma natureza do designado pelo Nb: se o Nd é ontologicamente dependente do Nb, é lógico que o Nd designe algo da mesma natureza que o Nb.

Amiot recorre, assim, como terceiro parâmetro, à endocentricidade e à exocentricidade do nome derivado, noções cuja aplicação em sintaxe remonta a Bloomfield (1970)<sup>369</sup> e a Martinet (1969). Em morfologia, existem, contudo, diferentes aceções destas noções. Em primeiro lugar, estes termos podem remeter para a presença ou ausência de um núcleo<sup>370</sup>. Neste sentido, como já referimos, todas as palavras construídas possuem um núcleo que, nas palavras compostas pode estar à esquerda (*navio-escola, escola-piloto*) e, nas palavras prefixadas, está à direita (*sobre-carga, contra-corrente*). Deste modo, todas as palavras prefixadas seriam endocêntricas. Em segundo lugar, a endocentricidade implica que o núcleo determine a categoria da palavra construída. Um produto endocêntrico herda a categoria do seu núcleo (*contra-corrente* é um nome, tal como *corrente*), enquanto que um produto exocêntrico pode possuir uma categoria diferente da do núcleo (*o vai-vém*). Além disso, semanticamente, Amiot e De Mulder (2005) consideram que um produto é semanticamente endocêntrico quando designa uma entidade da mesma natureza do que é denotado pela base (ou mais genericamente por um dos constituintes da base). Deste modo, o produto endocêntrico designa um hipónimo do referente do seu núcleo semântico (por exemplo, uma *contra-corrente* é um tipo de *corrente*, *contrária à primeira*; pelo contrário, um *sem-abrigo* não é um tipo de *abrigo*). Apercebemo-nos, assim, que a atribuição da designação de ‘endocêntrico’ ou ‘exocêntrico’ a um produto composto, assim como a designação do núcleo, estão estreitamente relacionados com a definição utilizada. De forma a evitar análises inadequadas, é então genericamente aceite que, nesta classificação, deverá

<sup>369</sup> Tal como Bloomfield, Lago (1993) fornece uma interpretação sintática a estes termos, afirmando que, numa construção endocêntrica, «un ou plusieurs de ses constituants immédiats sont capables de remplir la même fonction syntaxique que l’ensemble de la structure dont ils font partie», tandis que «les deux constituants d’une construction exocentrique ne sont pas capables, indépendamment l’un de l’autre, de remplir la même fonction que l’ensemble de la structure dont ils font partie. Par exemple, dans *L’enfant est très content de son cadeau*, ‘très content de son cadeau’ est un syntagme endocentrique parce qu’il a la même distribution que le syntagme *content* (*L’enfant est content*). En revanche, dans *Il est venu à la maison*, le groupe prépositionnel ‘à la maison’ n’alterne pas avec le groupe nominal ‘la maison’, ni avec la préposition ‘à’; il a, en revanche, la même distribution d’un adverbe comme *ici*. Le syntagme *à la maison* doit donc être qualifié d’exocentrique» (Lago 1993: 429).

<sup>370</sup> No seguimento do que afirmámos anteriormente, tomaremos o *núcleo* na sua aceção morfo-sintática, como sendo o elemento responsável pelo género gramatical do produto composto.

prevalecer o critério semântico: um produto compósito é endocêntrico quando o seu referente remete para uma entidade designada por um dos seus constituintes.

Concentrando-nos agora nas palavras introduzidas por elementos preposicionais, poderemos distinguir três graus diferentes de endo/exocentricidade e, conseqüentemente, três graus de prefixização:

- 1) Registamos, em primeiro lugar, as lexicalizações puras, como *sem-abrigo*, *sem-vergonha*, *sem-terra*. Nestes casos de estruturas exocêntricas, o elemento preposicional funciona como núcleo, tal como, geralmente, a preposição é o núcleo do grupo preposicional. É pois este núcleo que faz a seleção da categoria da base (no caso de *sem-*, a seleção recai sobre os nomes) e o género do produto compósito é, genericamente, por defeito, é masculino;
- 2) Seguidamente, temos os compostos que representam a etapa de morfologização seguinte (de semi-exocentricidade) e que pode ser ilustrada com exemplos como *entre-linha* ou *sobre-nervo*. Trata-se, também aqui, de construções exocêntricas na aceção semântica do termo (uma *entre-linha* não é *um tipo de linha*, mas sim *o espaço compreendido entre duas linhas*; *sobre-nervo* não é *um tipo de nervo*, mas sim *o espaço acima do nervo*). Distinguem-se, contudo, do grupo precedente porque o produto apresenta o género do núcleo nominal.
- 3) Finalmente, registamos as estruturas endocêntricas nas quais a base funciona como núcleo do produto compósito. Por exemplo, um *contra-exemplo* é *um tipo de exemplo, que serve para contrapor determinada argumentação*. Neste caso, a base nominal é o núcleo do produto compósito, determinando a sua categoria e o seu género gramatical.

Sublinhamos assim a existência de uma transição gradual entre as estruturas formadas de acordo com as regras da sintaxe e as palavras pertencentes claramente ao domínio da morfologia lexical. Além disso, esta classificação mostra que a conceção de Scalise (1994) e de Iacobini (2004), que defendiam que as palavras derivadas eram endocêntricas e as palavras compostas exocêntricas, deve ser questionada já que, como vimos, há compostos endocêntricos (*escola-piloto*). Segundo Van Goethem (2009), «mieux vaut dire, à l’instar de Zwanenburg (1994,

2000) que, dans le cas des mots construits avec une préposition, les mots dérivés et composés ont la tête à droite et sont endocentriques, tandis que les formations exocentriques sont construites d'après les règles de la syntaxe et ont la tête à gauche» (Van Goethem 2009 : 35).

**(iv) a semântica do operador acoplado à base<sup>371</sup>.**

Amiot aplica estes quatro parâmetros a algumas preposições que, não obstante a sua autonomia, apresentam, na fase atual da língua, utilização prefixal e estabelece, com base neles, diferentes graus de (des)gramaticalização de uma preposição em elemento prefixal.

A fronteira entre, por um lado, os produtos compostos construídos com uma preposição e, por outro lado, os produtos derivados formados através da acoplagem de um prefixo, pode ser determinada, também, por um critério semântico proposto por Amiot que defende que, se o operador apresenta, no produto, apenas a semântica nele evidenciada enquanto elemento preposicional, estaremos perante um caso de composição, já que o elemento não sofreu o processo de desgramaticalização, mantendo-se com a categoria preposicional e não tendo evoluído para a categoria prefixal. Se, pelo contrário, o operador, enquanto constituinte de um produto compósito, apresentar um sentido nele ausente enquanto elemento autónomo, poderemos inserir o produto compósito no grupo das formações derivadas, tendo o operador sofrido desgramaticalização, o que permitiu a sua conversão em elemento prefixal, através da qual assumiu, nesta aceção, pela operação de ressemantização, uma semântica própria. Por exemplo, em *sobre-carga*, o prefixo *sobre-* expressa o excesso, sentido completamente inexistente na preposição (que designa sobretudo a posição superior), o que faz com que seja considerado um verdadeiro prefixo, confirmando-se assim o avançado grau de

<sup>371</sup> A este respeito, sublinha Amiot que «if an element expresses the same meaning(s) as a real prefix in the same context, with the same distribution, it is probably a prefix: for example, both the words formed by *sur-* and by *hyper-* can express 'excess with respect to a norm', such as in *surcharge* 'overload' and *hypertension*, so *sur-* is probably a prefix. If an element of word formation expresses at least one meaning different from its corresponding preposition, it seems safe to conclude that it has gained its autonomy with respect to this preposition, and that it can be considered to be (close to) a prefix: for example, *sur-* as an element of word formation can express an evaluative meaning (...), whereas the homomorphic preposition cannot» (Amiot 2005b: 185).

prefixização. Pelo contrário, *sem-* em *sem-terra* não adquiriu outro sentido que não o da preposição (que designa a ‘ausência de’), o que faz com que não seja considerado como um verdadeiro prefixo, sendo por isso englobado no grupo das estruturas compósitas (e não no grupo das estruturas derivadas).

#### 1.4. Síntese

Como podemos visualizar em (III-2), os parâmetros por nós referidos na secção anterior permitem-nos distinguir três tipos de palavras construídas com elementos preposicionais:

- . as formações exocêntricas;
- . as formações semi-exocêntricas;
- . as formações endocêntricas;

(III-2)

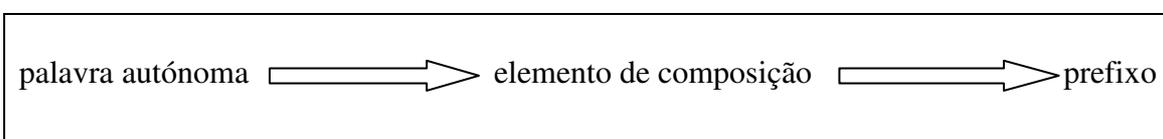
<b>Tipo de construção</b>	<b>Parâmetro 1</b> propriedades combinatórias	<b>Parâmetro 2</b> género	<b>Parâmetro 3</b> exo-/endocêntrico	<b>Parâmetro 4</b> semântica	<b>Exemplos</b>
<b>Formação exocêntrica</b>	Preposição + base	masculino	exocêntrico	exclusivamente preposicional	<i>sem-terra</i>
<b>Formação semi- -exocêntrica</b>	Preposição + base	igual ao da base	nem exocêntrico nem endocêntrico	ultrapassa o domínio preposicional	<i>entre- linha</i>
<b>Formação endocêntrica</b>	Preposição + base	igual ao da base	endocêntrico	ultrapassa o domínio preposicional	<i>contra- almirante</i>

Como podemos constatar pela observação de (III-2), a composição exocêntrica combina uma preposição com um nome desprovido de determinantes. O produto compósito não corresponde a um grupo preposicional. A etapa seguinte diz respeito à

integração de um núcleo semântico: contrariamente à composição exocêntrica, a composição (semi-)exocêntrica denota uma entidade da mesma natureza que o referente de uma das entidades que o compõem (normalmente o termo que se situa à direita). Por último, o produto endocêntrico distingue-se da palavra composta em dois pontos: apresenta uma combinatória categorial mais variada e o operador apresenta uma (ou mais) significações suplementares.

Nesta secção, vimos diferentes formas de abordar o estudo dos elementos preposicionais da língua, quando utilizados enquanto operadores não autónomos. Debruçámo-nos sobre os diferentes tipos de abordagem, segundo as quais a preposição, enquanto constituinte de palavras compósitas, assume o estatuto de elemento preposicional (inserido nos processos de composição) ou de elemento prefixal (na abordagem lexical). No entanto, os estudos de Amiot (2004a, 2005b), sobre os quais baseámos a nossa análise, mostram que as vicissitudes de cada uma destas abordagens podem ser contornadas pelo recurso à teria da (des)gramaticalização. Este modelo teórico defende precisamente que os elementos gramaticais (preposições) podem transformar-se em elementos lexicais (prefixos), através de um processo evolutivo que envolve, de forma progressiva e contínua, as operações de (i) desgramaticalização (perda das propriedades gramaticais do elemento preposicional), (ii) dessintactização (anulação das relações sintácticas estabelecidas entre a preposição e os restantes constituintes frásicos), (iii) ressemantização (desenvolvimento do valor modificador do elemento prefixal com a consolidação da relação morfológica estabelecida entre o prefixo e a base, que passa pelo desenvolvimento de significado(s) inexistente(s) no elemento preposicional) e (iv) lexicalização (perda da transparência formal e semântica do elemento prefixal no produto compósito). Deste modo, as preposições podem ser utilizadas como elementos de composição e, progressivamente, transformarem-se em prefixos, o que pode ser resumido através do esquema de (III-3).

(III-3)



Esta hipótese implica que a sintaxe e a morfologia não sejam dois domínios absolutamente separados. Efetivamente, existe um *continuum* entre a sintaxe e a morfologia<sup>372</sup> que pode ser resumido através das célebres palavras de Givón: «Today's morphology is yesterday's syntax» (Givón 1971: 413).

É deste *continuum* que nos dá conta a proposta de Amiot (2005b) que seguiremos de perto. Esta proposta especifica os diferentes estádios e graus de (des)gramaticalização percorridos por uma preposição antes desta adquirir o estatuto de 'verdadeiro prefixo'. Efetivamente, os parâmetros de prefixização estabelecidos por Amiot permitem-nos avaliar, em sincronia, o grau de (des)gramaticalização que uma preposição, no seu usos autónomo e não autónomo, atingiu.

## 2. (Para uma) classificação dos elementos prefixais do português

Como vimos anteriormente, em português, são vários (e diversos) os elementos que podem assumir função prefixal, de que destacamos:

- (1) elementos, poucos numerosos, que nunca assumiram utilização autónoma (*re-*, *in-*, *des-*);
- (2) elementos que, apesar de, em latim ou em grego, terem assumido utilização autónoma, são utilizados, na fase atual da língua, apenas de forma não autónoma (*ante-*, *co-*, *inter-*, *pré-*, *trans-*, entre outros);
- (3) elementos, como *contra-*, *entre-*, *sem-*, *sobre-*, *sub-*, que estão atestados no português como elementos autónomos (neste caso, como preposições), podendo, contudo, assumir uma utilização não autónoma, o que lhes confere estatuto

---

<sup>372</sup> A etapa seguinte que, contudo, não se afigura pertinente para o nosso estudo, consiste na evolução dos elementos derivacionais em elementos afixais já que, segundo vários autores, «il en ressort l'existence d'un *continuum* lexical/dérivationnel/flexionnel» (Van Goethem 2009: 38). Veja-se, a este propósito, a afirmação de Bybee: «Compounding, incorporation, derivation and inflection are on a *continuum*, in which compounding is the freest, involves the largest (indeed an open) class of items, with the richest and most specific meanings, and inflection is the most constrained, involves the smallest classes of items with the most abstract and general of meanings» (Bybee 1985: 108).

prefixal. São precisamente estes elementos, com que aqui nos ocupamos, que oferecem maiores problemas no que concerne à sua classificação e inserção da prefixação no grupo dos processos derivacionais ou composicionais de formação de palavras em português.

Segundo Amiot (2004a), apenas os elementos de (1) e de (2) «peuvent, d'emblée, être considérés comme des préfixes car (...) ils n'assument jamais d'emploi autonome, c'est à dire, aucun emploi en tant que préposition<sup>373</sup>», o que não se aplica aos elementos de (3) que, como vimos, não obstante o seu estatuto prefixal, podem assumir uma utilização preposicional. Considerando que o que aqui se problematiza é a relação estabelecida entre prefixos e preposições (e suas consequências na inserção da prefixação nos processos derivacionais ou composicionais), deteremos a nossa análise sobre os elementos mencionados em (2) (que têm origem preposicional, podendo ter apresentado, em latim e grego, uma certa autonomia formal mas funcionando, na fase atual da língua, apenas como elementos prefixais destituídos de qualquer autonomia formal) e em (3) (oriundos também de antigas preposições da língua<sup>374</sup> – daí serem denominados por Dany Amiot (2004a) de 'prépositions-préfixes' – sendo, sobretudo no seu uso prefixal, elementos bastante mais recentes na língua<sup>375</sup>). Efetivamente, como veremos, ao compararmos as particularidades de funcionamento destes elementos que, em comum, apresentam o facto de terem origem preposicional, vimos que, enquanto os elementos mencionados em (2) apresentam uso prefixal há já algum tempo, os elementos de (3) apresentam utilização prefixal há pouco tempo, o que nos poderá

<sup>373</sup> Amiot acrescenta que, contudo, «certains d'entre eux peuvent cependant être employés en tant qu'adjectif (*extra, super*) ou nom (*ultra*)» (Amiot 2004a: 68).

<sup>374</sup> Note-se que, em alguns casos, houve evolução fonética relativamente à forma preposicional atestada em latim. São disso exemplo *sobre(-)* e *entre(-)* que correspondem, respetivamente, às formas preposicionais latinas *super* e *inter* que, curiosamente, subsistem enquanto elementos prefixais de (2).

<sup>375</sup> A propósito destes elementos, Amiot refere, para o francês, que «en tant qu'éléments non autonomes, ils sont entrés dans la langue, pour les plus anciens (*entre-, sur-, sous-* et *contre-*) au XI<sup>e</sup> et XII<sup>e</sup> siècles, pour le plus récent *sans-* au XVIII<sup>e</sup> siècle». Além disso, acrescenta que «il existe de fait un décalage d'au minimum un siècle entre l'emploi prépositionnel et l'emploi non autonome. Il peut aussi paraître intéressant de noter que *sans*, la préposition qui a assumé le plus tardivement des emplois non autonomes, vient de la préposition *sine*, qui est une des seules, sinon la seule, à ne pas avoir assumé en latin d'emploi non autonome» (Amiot 2004a: 69). Continua a autora referindo «les dates de première attestation des différents éléments non autonomes de type 3: les premiers apparus étaient *entre-, sur-, sous-* et *contre-* (*entre-*, étant le tour premier, il est attesté dès la fin du XI<sup>e</sup> siècle), puis (...) venait *sans-*, le plus tardif. Il est assez intéressant de retrouver plus ou moins le même ordre dans le schéma ci-dessus: les éléments dont le statut de préfixe est le mieux établi sont aussi les éléments qui sont employés en tant qu'éléments non autonomes depuis le plus longtemps et inversement. Il peut alors sembler que le statut plus ou moins préfixal de ces éléments reflète un processus non encore achevé pour certains» (Amiot 2004a: 80-81).

conduzir ao que, na senda de Amiot (2004a), foi apelidado de «différents degrés de ‘préfixisation’», isto é «d’entrée dans l’état de préfixe» (Amiot 2004a: 69)<sup>376</sup>.

## 2.1. Elementos autónomos em latim/grego e não autónomos na fase actual da língua

Na senda de Amiot (2004a), consideramos que os prefixos inseridos neste grupo apresentam três particularidades:

- (i) acoplam-se todos a palavras que pertencem a diferentes categorias gramaticais: *ante-*, *extra-*, *infra-*, *supra-* acoplam-se maioritariamente a palavras pertencentes a duas classes gramaticais (sobretudo nomes e adjetivos ou adjetivos e verbos<sup>377</sup>) e *co-*, *inter-* *pós-*, *pré-*, *sub-* e *super-* acoplam-se às três principais categorias gramaticais (nomes, adjetivos e verbos);
- (ii) os produtos são, na sua grande maioria, nomes, e em menor escala adjetivos: a pouca produtiva produção de verbos, pode ser interpretada, segundo Amiot (2004a), como um sinal de distanciamento e de autonomia destes elementos

<sup>376</sup> Também Mauroux (2008) diferencia «mots non analysables, mots composés et mots préfixés: les ‘mots non analysables’ sont des mots qui débutent par une séquence graphique pouvant correspondre à un préfixe, mais pour lesquels il n’est pas possible de reconnaître une structure morphologique interne quelconque (*forest*). Les ‘mots à préfixes inséparables’ ont des morphèmes préfixaux liés à une base qui n’a pas de statut indépendant, appelée ‘pseudo-lexème’. Les préfixes inséparables entrent dans un paradigme de mots ayant un pseudo-lexème commun (*contend*, *extend*, *pretend*, *distend*) où aucun élément n’est indépendant, bien que chacun soit reconnaissable en tant que forme lexicale. De plus, le sens du mot ainsi formé n’est pas analysable à partir des éléments de sa construction. Ces mots ne sont pas motivés morphologiquement. Quant aux ‘mots à préfixe séparable’, même s’ils forment un seul mot, les deux éléments de construction ([préfixe séparable] + [base]) fonctionnent de manière indépendante car chacun a une identité sémantique clairement reconnaissable, reflété par ses caractéristiques phonétiques et accentuelles. Comme le fait remarquer Paillard (2000: 29), «tout ceci explique qu’ils aient souvent été traités dans le cadre de la composition». En effet, certains préfixes sont proches du fonctionnement autonome des éléments de composition en raison de leur identité forte. La catégorie des ‘mots composés’ présuppose généralement l’autonomie des éléments. Néanmoins, si le sens du mot composé est en relation avec le sens des éléments, comme pour un préfixe, il peut s’en éloigner» (Mauroux 2008: 57-58).

<sup>377</sup> Relativamente a estes prefixos, Amiot (2004a) refere que «alors que les noms construits par ces préfixes sont toujours dérivés d’une base nominale, les adjectifs peuvent être construits sur base nominale (*aintichar*, *coaxial*) ou sur base adjectivale (*ultrachic*), un même préfixe pouvant former des adjectifs sur les deux types de base (*extra-* s’applique à un nom pour former un adjectif dans *extraparlamentaire* (N→A), mais il s’applique à un adjectif pour former un autre adjectif dans *extrasensible* (A→A)». Refere contudo a autora que «une telle analyse n’est cependant pas acceptée par tous» (Amiot 2004a: 69).

relativement à sua origem preposicional<sup>378</sup>. Efectivamente, segundo a autora, «si l'on compare le fonctionnement de ces préfixes avec le fonctionnement d'une préposition, on constate que le comportement des uns et des autres est tout de même assez éloigné. Une préposition sert principalement à introduire un SN ou, dans certains cas, notamment pour *sans*, *avec* ou *en*, un nom; certaines d'entre elles peuvent aussi introduire des verbes à l'infinitif, mais très rares sont les cas où une préposition introduit un adjectif. Or, la seule catégorie qui soit construite par l'ensemble des éléments de ce type est justement celle de l'adjectif<sup>379</sup>, même si par ailleurs ceux-ci construisent aussi dans leur très grande majorité des noms et, dans une moindre mesure, des verbes» (Amiot 2004a: 70);

(iii) os nomes derivados pela acoplagem destes elementos prefixais são predominantemente construções endocêntricas, isto é, o nome derivado designa, maioritariamente, uma entidade de igual natureza do denotado pelo nome base, com o qual estabelece uma relação de oposição (no caso de *anti*-<sup>380</sup>), avaliação (*sub*-, *hiper*-, *hipo*, ou *super*-<sup>381</sup>), localização temporal ou espacial (*pré*-, *pós*-, *extra*-<sup>382</sup>), hiponímia (*super*-)<sup>383</sup> ou hiperonímia (*pré*-)<sup>384</sup>.

<sup>378</sup> Refere a autora que «le fait de ne pas construire uniquement des noms sur base nominale peut alors être considérée, dans le cas de préfixes issus de prépositions, comme une marque de distance et d'autonomie par rapport à l'origine prépositionnelle» (Amiot 2004a: 70).

<sup>379</sup> Acrescenta a autora que «le fait, pour un préfixe d'origine prépositionnelle, de pouvoir s'appliquer à des adjectifs montre à quel point cet élément s'est autonomisé par rapport à la préposition dont il est issu ; cette possibilité semble encore plus révélatrice de l'émancipation à laquelle le préfixe est parvenu que la possibilité de s'appliquer à des noms pour construire des adjectifs» (Amiot 2004a: 70).

<sup>380</sup> Amiot exemplifica com *antimatière* dizendo «*antimatière* en est un exemple: l'*antimatière* est bien de la matière, mais elle possède des propriétés inverses de celles que l'on attribue habituellement à la matière» (Amiot 2004a: 70).

<sup>381</sup> Amiot exemplifica referindo que «un *subictère* est un état pathologique de même nature que l'*ictère*, mais à un degré inférieur; c'est en quelque sorte un *ictère* qui n'a pas atteint son stade de développement maximal ; l'*hypertension* est aussi un état pathologique qui se manifeste par une tension artérielle supérieure à la normale» (Amiot 2004a: 70-71).

<sup>382</sup> Refere Amiot (2004a) «par exemple, pour *pré*-, un *prérapport* (antériorité temporelle: un *prérapport* (Nd) est effectué avant et en vue du rapport définitif) ou *prémolaire* (antériorité spatiale par rapport à un repère choisi: une *prémolaire* (Nd) est située avant les molaires)» (Amiot 2004a: 71).

<sup>383</sup> Para Amiot, «la relation entre Nb et Nd est en fait assez ambiguë: le Nb peut jouer à la fois le rôle d'hyperonyme (une *superproduction cinématographique* est un type de *production cinématographique*) et de cohyponyme: parmi les différents types de *productions cinématographiques*, on peut trouver les *superproductions*, les *productions 'normales'*, les *productions à petit budget*, etc. Ceci est dû au fait que la distinction entre ces différents éléments se fonde sur une évaluation par rapport à une norme et met en jeu une sorte de stéréotype: la production 'normale', *i.e.*, une production à budget moyen» (Amiot 2004a: 71).

<sup>384</sup> Amiot refere que «le *préromantisme* (Nd) est bien un courant artistique comme le *romantisme* (Nb) et un *subictère* (Nd) est, comme un *ictère* (Nb), un état pathologique» (Amiot 2004a: 71).

De entre os prefixos deste grupo, há, contudo, um elemento que se distancia um pouco, em determinadas utilizações, destas características. Trata-se do prefixo *inter-* que, como vimos (cf. secção 3.3. do capítulo II), pode, pela sua acoplagem a uma base, construir derivados que não designam uma entidade de igual natureza do expresso pela base<sup>385</sup>, sobretudo quando o produto denota uma entidade concreta, com interpretação espacial, em que o referente do Nd designa não um *sub-tipo do Nb*, mas sim algo com ele relacionado. No entanto, quer a acoplagem do prefixo ative uma significação temporal no produto<sup>386</sup>, quer denote pluralidade e reciprocidade, este será, genericamente, uma construção endocêntrica já que o designado pelo Nd será *um (sub-) tipo* de algo designado pelo Nb<sup>387</sup>.

## **2.2. Elementos autónomos na fase actual da língua que podem assumir utilização prefixal**

Continuando na senda de Amiot (2004a) e procurando aferir as (dis)semelhanças entre os sentidos expressos pelos operadores prefixais coincidentes com preposições formalmente homólogas, verificamos que, de uma forma geral, os prefixos inseridos neste grupo apresentam um comportamento bastante menos regular que os prefixos mencionados na secção anterior quer no que diz respeito ao número e à natureza das categorias gramaticais envolvidas, quer no que concerne à interpretação do produto derivacional, havendo, de entre os elementos prefixais envolvidos, diversos graus do

---

<sup>385</sup> Por exemplo, *interlinha* não é um tipo de linha, mas sim o espaço compreendido entre duas linhas, o que faz com que a acoplagem do prefixo dê origem, neste caso, a uma construção exocêntrica. Note-se, contudo, que a exocentricidade construída mediante a acoplagem deste operador prefixal será diferente da estabelecida pela acoplagem de *sem-* já que, no caso de *inter-*, ainda que o referente do produto seja diferente do referente do Nbase, entre Nd e Nb há uma relação de proximidade, o que não se verifica entre o Nd prefixado por *sem-* e o respetivo Nb (em que há uma relação de dissemelhança total).

<sup>386</sup> Amiot (2004a) refere, relativamente aos «noms à interprétation temporelle» que «il est vrai qu'il existe un rapport entre ce que désigne le Nb (*saison, session*) et l'interprétation du mot dérivé en termes de période temporelle: ces Nb réfèrent tous à des événements, *i.e.*, à des réalités temporellement bornées, qui impliquent une certaine durée et qui peuvent elles-mêmes être considérées comme des périodes temporelles», o que significa que «le Nb peut être considéré comme un hyperonyme» (Amiot 2004a: 71).

<sup>387</sup> Relativamente a *inter-*, Amiot (2004a) afirma que «il est aussi le seul préfixe qui ait non pas un mais deux arguments internes, impliqués par son sens. C'est pour cela qu'un nom dérivé par *inter-* désigne soit un intervalle, temporel ou spatial, compris entre deux bornes, celles-ci étant exprimées par le Nb (*interrègne, intersaison*), soit une entité de même nature que la base comprise entre deux bornes (*intertitre, interphase*). Il est possible que cette particularité puisse servir à expliquer le fait qu'il construise parfois des mots dont l'interprétation n'est pas tout à fait régulière» (Amiot 2004a: 78).

que Amiot apelidou de ‘prefixisation’<sup>388</sup>, e que são estabelecidos com base nos critérios que destacamos:

(III-4)

o operador deve ser considerado como verdadeiro prefixo quando...	o operador não deve ser considerado como um verdadeiro prefixo quando...
. o operador se acopla a duas ou mais categorias gramaticais;	. o operador se acopla a apenas uma classe gramatical;
. o produto derivado mantém o género da base;	. o produto derivado se apresenta no masculino, na generalidade dos casos;
. o produto é, geralmente, uma construção endocêntrica;	. o produto é, geralmente, uma construção exocêntrica;
. o operador, acoplado a uma base, ativa outros sentidos que não os presentes na preposição homóloga;	. o operador, acoplado a uma base, ativa apenas o sentido presente na preposição que lhe é homóloga;
. as formações compósitas podem sofrer (des)gramaticalização.	. as formações compósitas dificilmente sofrem (des)gramaticalização;
	. existe o registo de formações livres, não dicionarizadas.

### 2.2.1. os prefixos *contra(-)*, *sub(-)* e *sobre(-)*

Da análise do nosso *corpus* verificamos que os prefixos *contra(-)*, *sub(-)* e *sobre(-)* apresentam algumas características dos verdadeiros prefixos, aplicáveis, como vimos, aos elementos por nós apresentados em 2.1. (elementos autónomos em latim/grego e não autónomos na fase actual da língua). Assim, *contra(-)*, *sub(-)* e *sobre(-)* acoplam-se a palavras pertencentes às três principais categorias gramaticais, quer sejam adjetivos (*contra-revolucionário*, *sub-axilar*, *sobre-alimentado*), nomes (*contra-capa*, *sub-contrato*, *sobre-carga*) ou verbos (*contra-ordenar*, *sub-dividir*, *sobre-povoar*)<sup>389</sup>. Além

<sup>388</sup> Efetivamente, e conforme refere Montermini (2009), «In relazione alla prefissazione, (...) è normale che in un determinato momento nel tempo esistano unità che si trovano a diversi stadi di grammaticalizzazione. Una ‘fotografia’ del sistema prefissale dell’italiano in un preciso momento nel tempo comporterà necessariamente diversi piani, che corrispondono a diversi gradi di grammaticalizzazione, e per essere più precisi di morfologizzazione dei diversi elementi» (Montermini 2009: 11).

<sup>389</sup> Note-se que, para o francês e relativamente ao prefixo *contra-*, Amiot (2004a) refere algo que, pela análise que fizemos do nosso *corpora* (cf. secção 2 do capítulo II da presente dissertação), vimos que também se aplica ao português: «Contre- ne sert à former que très peu d’adjectifs. De plus, la plupart des verbes attestés ont été formes entre le XII<sup>e</sup> et le XVI<sup>e</sup> siècle (seuls quelques-uns ont été construits récemment). À l’heure actuelle, contre- construit principalement des noms (em português, em quase 70%

disso, o produto prefixado por estes prefixos designa, na generalidade, uma entidade de natureza similar à expressa pela base<sup>390</sup>.

Comparando agora o sentido construído através da acoplagem de cada um destes elementos prefixais a uma base com o sentido denotado pelas preposições que lhes são configuracionalmente homólogas, constatamos que cada um destes elementos prefixais constrói sentidos que não são carreados pelas preposições. Deste modo, como vimos, *sub-* e *sobre-* desenvolvem, enquanto elementos prefixais, o sentido avaliativo que não é desenvolvido pela preposição. Já *contra-* desenvolve sentidos como a hierarquia, também ele completamente ausente no elemento autónomo<sup>391</sup>. Assim sendo, porque *contra-*, *sub-* e *sobre-* apresentam características comuns aos prefixos apresentados em 2.1. (acoplam-se a bases de diferentes categorias e são responsáveis, com a sua acoplagem, pela formação de construções eminentemente endocêntricas) e desenvolvem sentidos diferentes dos induzidos pelas preposições que lhes são configuracionalmente homólogas, deverão, na senda do defendido por Amiot (2004a), ser considerados como «véritables préfixes» (Amiot 2004a: 74).

### 2.2.2. O prefixo *entre(-)*

Como vimos (cf. secção 3.2. do capítulo II), o prefixo *entre-* acopla-se sobretudo a nomes e verbos (em quase 80% das ocorrências), selecionando minoritariamente (em apenas 18% dos casos) adjetivos como base de acoplagem. Verificámos, além disso, que a semântica evidenciada através da acoplagem deste prefixo a um nome era heterogénea. Deste modo, defendemos que:

(i) *entre-* pode construir nomes que designem uma entidade da mesma natureza da designada pelo Nb (*entre-ajuda*, *entre-conhecimento*);

---

dos casos), mais la construction de mots appartenant à d'autres classes grammaticales (adjectifs et verbes) ne lui est cependant pas interdite» (o que acontece, em português, em cerca de 16% para os verbos e em cerca de 14% para os adjetivos). Veja-se Amiot (2004a: 73).

<sup>390</sup> Note-se, contudo, relativamente a *sub-* e a *sobre-*, que, ainda que tal não seja frequente, quando denotador de uma informação de teor especial, o produto pode expressar algo diferente do expresso pelo Nb (*sobre-nervo* não é um tipo de nervo, mas sim a região situada acima do nervo).

<sup>391</sup> Relativamente à utilização do elemento *contra* enquanto elemento autónomo, Amiot (2002a) considera que esta preposição «est régie par l'élément qui constitue son contexte gauche (un verbe, un adjectif ou un nom) et elle introduit ce que l'on peut considérer comme des arguments du verbe, de l'adjectif et du nom», o que faz dela «un élément relationnel à deux places» (Amiot 2002a: 296-297).

(ii) *entre-* constrói principalmente nomes que, adquirindo uma conotação locativa, designam o período temporal compreendido entre dois acontecimentos denotados pela base (*entre-cena, entre-mesa*) ou o espaço compreendido entre duas entidades concretas, denotadas pela base (*entre-dente, entre-dedo*)<sup>392</sup>;

(iii) *entre-* contribui também para a construção de nomes que são verdadeiramente exocêntricos (*entre-casa, entre-manhã, entre-noite*).

Comparando o sentido desenvolvido por *entre* preposição e por *entre(-)* prefixo (ou elemento não autónomo), observamos que, tal como o prefixo, a preposição contribui, ela também, para a construção do sentido de reciprocidade<sup>393</sup> e de localização (espacial e temporal). Observamos, contudo, que o elemento não autónomo ativa, com a sua acoplagem (sobretudo a verbos e a adjetivos) um sentido inexistente na preposição que se relaciona com a semântica da gradatividade, presente em verbos como *entre-abrir* (em que o verbo derivado indica que a ação designada pela base foi realizada de forma incompleta) ou em adjetivos como *entre-maduro* (em que a acoplagem do prefixo indica que o produto expressa uma qualidade que não está totalmente atingida).

O operador *entre(-)* oferece assim maior complexidade que os restantes elementos anteriormente estudados precisamente por, dentro dos prefixos de tipo 3, se encontrar numa posição intermédia face a muitos dos parâmetros a que temos vindo a aludir. Assim, se há algumas características que nos levam a considerar este operador como um verdadeiro prefixo – (i) contribui para a construção de palavras pertencentes a diversas categorias gramaticais, (ii) alguns nomes derivados denotam uma entidade da mesma natureza da base, sendo por isso construções endocêntricas e (iii) o elemento prefixal ativa o sentido da gradatividade que, como vimos, é um sentido completamente inexistente na preposição configuracionalmente homóloga – outras especificidades existem (nomeadamente o facto de contribuir para a construção de formações exocêntricas) que nos obrigam a questionar o carácter prefixal deste operador, inserindo-o no grupo dos prefixos não prototípicos.

<sup>392</sup> Com esta aceção, o derivado, apesar de não ser uma construção endocêntrica, não pode ser considerado como uma construção exocêntrica.

<sup>393</sup> Relativamente a esta questão, e na mesma senda de Felú Arquiola (2003a), Amiot (2004a) refere que «*entre-*, comme *inter-*, est un affixe qui possède deux arguments internes» (Amiot 2004a: 81).

### 2.2.3. O prefixo *sem(-)*

Da análise que fizemos ao *corpus* dos produtos prefixados por *sem-* vimos, em primeiro lugar, que a acoplagem deste prefixo tem lugar apenas com bases nominais (*sem-abrigo*, *sem-vergonha*). Além disso, verificámos, relativamente a este prefixo, que muitas das formações utilizadas atualmente pelos falantes ou pelos meios de comunicação social não se encontram dicionarizadas<sup>394</sup> e que, de uma forma geral, os produtos prefixados por este operador não denotam uma entidade de igual natureza da base já que *um sem-abrigo não é um tipo de abrigo*. Efetivamente, os nomes prefixados por *sem-* têm como referente uma entidade que não tem qualquer relação com o designado pela base já que remetem, normalmente, para um ser humano. A entidade denotada pelo Nd caracteriza-se, deste modo, pela ausência do que é denotado pelo Nb, o que faz dos produtos prefixados por *sem-* construções verdadeiramente exocêntricas<sup>395</sup>, exocentricidade essa que, segundo Amiot (2004a) «n'est pas sans faire penser aux mots composés du type *rouge-gorge* ou *chasse-neige*<sup>396</sup>» (Amiot 2004a: 76), o que nos remete para a possibilidade de inserir este processo no âmbito dos processos composicionais de formação de palavras em Português. Além disso, a comparação entre os sentidos desenvolvidos por *sem(-)* elemento prefixal e elemento preposicional mostra-nos que não há grande diferença entre eles<sup>397</sup>: *sem-* não autónomo constrói palavras que se interpretam, todas sem exceção, da mesma forma, parafraseáveis em 'entidade que se caracteriza pela ausência do que é denotado pela base', sentido que é também construído por *sem* elemento preposicional autónomo. Relativamente a esta preposição, Amiot (2002a) refere que esta preposição é responsável pela introdução de

<sup>394</sup> Amiot refere que, com a acoplagem deste prefixo, «sont formés des noms propres» o que «permet, lui, de former des mots qui souvent appartiennent à un registre de langue plus familier (*sans-Dieu* pour *athée*)». Continua a autora referindo que a acoplagem deste prefixo «peut même servir à former des noms propres ou des surnoms, par exemple *Sans-pouce*, surnom d'un personnage de *l'œuvre* de Zola ou *Sans-souci*, personnage de Léon Cladel dans son roman *Ompdraille*. *Sans-souci* a aussi été employé pour désigner un lieu (un café) dans *La passante du Sans-souci* (film de Jacques Rouffio)» (Amiot 2004a: 75).

<sup>395</sup> Segundo Bloomfield (1970) ou Martinet (1969), um nome é exocêntrico quando não pode ser interpretado a partir da junção dos elementos que o constituem. Sobre o caráter endo- vs exocêntrico de um produto enquanto critério de diferenciação de estruturas derivadas e compostas, veja-se Bisetto e Scalise (2003).

<sup>396</sup> Afirma Amiot que «un *rouge-gorge* n'est pas une gorge rouge, mais un oiseau qui a comme caractéristique d'avoir une gorge rouge. Le fait que *rouge-gorge* désigne un oiseau n'est pas déductible du sens des deux éléments qui le composent. On peut tenir le même raisonnement pour *chasse-neige*» (Amiot 2004: 76).

<sup>397</sup> Kornfeld e Saab (2003) afirmam, relativamente ao elemento *sem(-)* que «this prefixe have the same syntactic properties as their prepositional counterparts and they project the same structure» (Kornfeld e Saab 2003: 231).

um complemento circunstancial e que a sua utilização «ne dépend pas syntaxiquement d'un élément précis du contexte», sendo «beaucoup plus autonome que les prépositions précédantes [*sub, sobre, contre, entre*]» e funcionando quer como «élément à une place», quer como «élément à deux places» (Amiot 2002a: 297). «Dans ce cas», continua a autora, «les prépositions paraissent plus 'libres' que dans les deux premiers emplois mentionnés : elles ne font qu'introduire un élément dans leur contexte droit mais restent syntaxiquement autonomes dans leur contexte gauche» (Amiot 2002a: 298). Esta distinção entre «emploi 'régé' et emploi 'circonstanciel」<sup>398</sup> est intéressante car (...) seules certaines prépositions, les prépositions 'régies' [*sub, sobre, contre, entre*] peuvent donner naissance à de 'vrais préfixes」<sup>399</sup>. (...) D'autres [*sem*] peuvent entrer dans la formation des mots, mais elles ne fonctionnent pas comme de véritables préfixes, car elles gardent trop de caractéristiques de la préposition homomorphe» (Amiot 2002a: 298). Além disso, as preposições regidas apresentam duas particularidades: podem tornar-se verdadeiros prefixos, mas não podem ser utilizadas como conjunções de subordinação (*\*sobre que, contra que*); já as preposições circunstanciais apresentam especificidades inversas: não podem assumir-se como elementos prefixais mas entram na composição de locuções conjuntivas (*sem que*). Podemos então concluir que existem afinidades entre, por um lado, preposições regidas e prefixos<sup>400</sup> e entre, por outro lado, preposições circunstanciais e conjunções de subordinação<sup>401</sup>.

<sup>398</sup> Ainda que sublinhando que «les frontières entre prépositions 'régies' et prépositions 'circonstanciellles' ne sont absolument pas étanches», Amiot (2002a) distingue 'prépositions régies' e 'prépositions circonstanciellles' da seguinte forma:

-«les prépositions régies sont dépendantes d'un élément situé dans leur contexte gauche : un verbe (*parler de...*), un nom plus au moins relationnel (*frère de...*) ou un adjectif (*facile à...*). (...) Les prépositions 'régies' les plus communes sont *à, de, sur, en, contre*;

- les prépositions circonstanciellles introduisent préférentiellement des compléments de phrase, i.e., des compléments qui n'entretiennent aucune relation de dépendance syntaxique avec un autre élément de la phrase (*Sans son portable, Pierre se sent perdu*)» (Amiot 2002a: 298).

<sup>399</sup> A este respeito, Amiot refere que «il faut établir une distinction entre les prépositions régies et les prépositions circonstanciellles» e que «les préfixes se rapprochent des prépositions régies car ils sont, eux aussi, saturés à droite et surtout ce sont des morphèmes liés, non autonomes, comme ces dernières, mais à un degré supérieur». Acrescenta ainda a autora que «il existe un lien entre cette obligation de saturation à droite pour la préposition et la notion de transitivité» (Amiot 2002a: 304).

<sup>400</sup> Amiot e De Mulder afirmam que «aux prépositions 'régies' peuvent correspondre des préfixes homomorphes» (*sur, sous, contre, entre*) et elles ne sont jamais associées directement à *que* pour former des conjonctions de subordination (*\*sur que, \*entre que, \*contre que*)» (Amiot e De Mulder 2002: 250).

<sup>401</sup> Note-se que, em Amiot e De Mulder (2005), os autores fazem corresponder às 'prépositions régies' a designação de 'prépositons gouvernées' e às 'prépositions circonstanciellles' a designação de 'prépositions adverbiales', afirmando que «une préposition adverbiale, par le degré de liberté qu'elle possède dans son contexte gauche, est très différente d'un préfixe, élément lié et c'est sans doute pour cela qu'elle ne peut facilement se [dé]grammaticaliser en tant que préfixe véritable. En revanche, il existe un rapport

Constatamos assim que o prefixo *sem-* apresenta poucas características comuns relativamente às elencadas para os prefixos que mencionámos em 2.1., já que (i) se insere em numerosos produtos dificilmente desgramaticalizáveis e (ii) não se diferencia semanticamente do expresso pela preposição que lhe é configuracionalmente homóloga (e que se caracteriza por ser uma preposição circunstancial que, como vimos, não se relaciona com o que foi por nós denominado de ‘verdadeiros prefixos’). Estes fatores fazem então com que *sem-* seja dificilmente considerado como um verdadeiro prefixo, já que contribui para a construção de formações exocêntricas o que, como vimos, é apanágio dos processos composicionais (e não dos processos derivacionais) de formação de palavras<sup>402</sup>.

### 2.3. Conclusões

No seguimento do que temos vindo a defender, os operadores prefixais, sobretudo os que coincidem formalmente com preposições não devem ser analisados de igual forma<sup>403</sup>.

Efetivamente, verificámos que:

- 1) há elementos (*contra-*, *sub-* e *sobre-*) que apresentam características que permitem a sua inserção no grupo dos verdadeiros prefixos, ou, na aceção de Amiot (2004a) dos «préfixe[s] d’origine prepositionnelle», que se caracterizam por:

---

beaucoup plus étroit entre la préposition gouvernée et le préfixe (tous deux sont des éléments non libres dans leur contexte gauche ou dans ce qui en tient lieu): peut-être est-ce pour cela que de telles prépositions ont pu se [dé]grammaticaliser en tant que vrais préfixes» (Amiot e De Mulder 2005: 51).

<sup>402</sup> Efetivamente, para Amiot (2004a), «l’exocentricité des mots préfixés par *sans-* peut être interprétée comme un signe de composition» (Amiot 2004a: 76). Afirma também a autora, ao referir-se aos nomes prefixados por *sem-*, que «les noms construits» devem ser analisados «plutôt comme des composés que comme des dérivés» (Amiot 2004: 77).

<sup>403</sup> Neste sentido, também Montermini (2009) afirma que «pretendere di poter derivare un modello globale della prefissazione sulla base del comportamento dei diversi elementi osservati in un dato momento è illusorio. Più realistico è riconoscere che ogni prefisso, o quasi, presenta comportamenti diversi e che questa diversità di comportamenti riflette, almeno in parte, la permeabilità delle frontiere tra i prefissi e altri tipi di unità morfologiche e lessicali, nonché la permeabilità delle frontiere tra le diverse classi all’interno della stessa macroclasse dei prefissi. Riconoscere che in certi casi la frontiera tra prefissi e unità lessicali autonome è permeabile, non significa necessariamente rinunciare all’idea che la mente umana categorizzi sulla base di categorie anche discrete. Significa, però, riconoscere che tra queste categorie e una realtà necessariamente multiforme» (Montermini 2009: 11).

- (i) não serem operadores mono-categoriais, acoplando-se a bases pertencentes a diferentes categorias gramaticais e construindo produtos inseridos também em diferentes categorias;
  - (ii) quando constroem nomes, estes são habitualmente endocêntricos, o que significa que o produto designa uma entidade de igual natureza à denotada pela base;
  - (iii) quando coincidem com uma preposição, o sentido construído pelo prefixo é, pelo menos em parte, distinto do sentido construído pela preposição.
- 2) há elementos (*entre-*) que, apesar de apresentarem algumas características próprias dos elementos prefixais, apresentam especificidades que nos obrigam a considerá-los como elementos de fronteira entre o processo derivacional e o processo composicional;
- 3) há ainda outros elementos (*sem-*) que, por apresentarem, maioritariamente, características próprias das preposições, não podem ser inseridos no grupo dos elementos prefixais, pois:
- (i) acoplam-se apenas a bases nominais para construírem nomes;
  - (ii) constroem apenas nomes exocêntricos, isto é, nomes que denotam uma entidade diferente da entidade expressa pela base;
  - (iii) o sentido denotado pelo operador prefixal é coincidente com o sentido denotado pela preposição no seu uso autónomo.

Na senda do defendido por Amiot (2004a), entendemos que os elementos analisados podem ser posicionados numa escala em função do seu grau de prefixização, o que indicia a existência de um *continuum* entre a classe da preposição e a do prefixo<sup>404</sup> que pode ser representado da seguinte forma<sup>405</sup>:

---

<sup>404</sup> Também Van Goethem defende que «le rapport entre préposition et préfixe peut être considéré comme un phénomène de [dé]grammaticalisation: il existe un *continuum* entre préposition et préfixe» (Van Goethem 2009 : 8).

<sup>405</sup> A este respeito, já em 2002 a autora tinha afirmado que «il existe un *continuum* entre ces catégories [prépositions et préfixes], mais la possibilité, pour un même morphème, de passer d'une catégorie à l'autre est soumise à des contraintes» (Amiot 2002a: 295).



processo de (des)gramaticalização<sup>409</sup> (Hopper et Traugott 1993; Heine *et al.* 1991)<sup>410</sup> e nos obriga, de acordo com o elemento prefixal em causa, a (re)equacionar o estatuto da prefixação enquanto processo derivacional (no caso (1) dos prefixos que nunca assumiram utilização autónoma e (2) dos que, apesar de terem tido uma utilização autónoma em latim/grego, se afiguram como unidades não autónomas na fase actual da língua) ou enquanto processo composicional (no caso (3) dos prefixos que sempre foram elementos autónomos, mantendo essa autonomia na fase actual da língua) de formação de palavras em português.

---

fatto riconosciuto che la maggior parte degli affissi in numerose lingue derivano da un processo di [de]grammaticalizzazione di unità lessicali autonome e in particolare di apposizioni» (Montermini 2009: 29).

<sup>409</sup> Stehlik (1993) afirma que «este proceso de [de]gramaticalización consiste en que ciertos elementos que, en su día, tuvieron un funcionamiento léxico-semántico como unidades independientes, lo han ido perdiendo progresivamente» (Stehlik 1993: 107). Também Contreras e Suñer (2004) afirmam que «la gramaticalización es un proceso histórico que consolida un determinado uso lingüístico innovador pero que, a diferencia de la lexicalización, favorece la sintaxis a expensas del léxico. A través de la gramaticalización una pieza léxica se despoja de parte de su contenido semántico y, en ocasiones, de algunas de las propiedades de su categoría gramatical (selección semántica, capacidad referencial, etc.) y adquiere una función relacional (preposición, etc.)» (Contreras e Suñer 2004: 55). Segundo Van Goethem (2009), «le processus de [de]grammaticalisation consiste dans la perte du caractère relationnel typique de la préposition et aboutit à une construction où le preverbe ne sert plus qu'à apporter une modification à la base et fonctionne, dès lors, comme un vrai préfixe» (Van Goethem 2009 : 75).

<sup>410</sup> Note-se, contudo, e como bem sublinha Amiot, que «l'unidirectionalité du processus de grammaticalisation, principe généralement admis, peut également être remise en cause. Certains préfixes dérivationnels semblent en effet pouvoir reconquérir une autonomie; c'est le cas, par exemple, de préfixes comme *super* ou *extra*, issus du latin où ils étaient employés en tant qu'adverbes, prépositions et préfixes, et qui peuvent actuellement s'employer en tant qu'adjectifs (épithète ou attribut) ou en tant que noms. De tels phénomènes paraissent être de vrais contre-exemples au principe d'unidirectionalité (Amiot 2002a: 307). Ainda sobre o processo de (des)gramaticalização, Amiot afirma que «on considère qu'un processus de [de]grammaticalisation présente deux caractéristiques: l'élément perd partiellement son autonomie syntaxique e il exprime des sens plus abstraits» (Amiot e De Mulder 2005: 49). Continua a autora afirmando, no entanto, que «on peut douter que l'affaiblissement du sens soit fondamental dans les processus de [de] grammaticalisation» porque, para a autora, «entre le mot grammatical (préposition) et le préfixe, il n'y a pas réellement déperdition du sens, mais plutôt réaménagement de celui-ci», exemplificando com o caso de *sur(-)*: «*sur* préposition et *sur* préfixe servent l'un et l'autre à exprimer la supériorité, mais la préposition le fait principalement dans le domaine de l'espace, ainsi que dans d'autres domaines de l'argumentation ou de la hiérarchie, alors que le préfixe l'exprime principalement dans les domaines de l'évaluation par rapport à une norme de la hiérarchie. On peut donc considérer que la préposition comme le préfixe ont le même type de sens, ou plutôt le même type d'instruction sémantique, mais ce sont les domaines d'application qui changent, ceci étant bien sûr à corrélérer avec la nature, prépositionnelle ou préfixale, du morphème» (Amiot 2002a: 308). Acrescenta ainda a autora, num outro artigo e relativamente a *sur*, que «le développement de valeurs régies, donc [de]grammaticalisés, n'empêche pas que la valeur circonstancielle survive, même lorsque les emplois régis se développent jusqu'à devenir prépondérants» (Amiot e De Mulder 2002: 263).

## CONCLUSÃO

Com este trabalho, estudámos, numa perspetiva morfo-semântica, a formação de palavras por prefixação, mais especificamente a instanciada pelos elementos prefixais da língua portuguesa procedentes de preposições latinas que, na fase atual da língua, coexistem com preposições configuracionalmente homólogas, aferindo o valor/função que lhes é inerente e a sua repercussão na valência sintática e semântica das bases a que se acoplam, assim como a sua incidência no produto derivacional compósito. A hipótese por nós defendida, através da análise que fizemos dos produtos derivacionais prefixados com *co-*, *contra-*, *entre-*<sup>411</sup>, *sem-*, *so(b)-/sub-* e *sobre-*<sup>412</sup>, é que a prefixação deve ser considerada como um processo heterogéneo de formação de palavras, assente na consideração das características dos elementos prefixais na sua individualidade.

O presente trabalho ancora-se no modelo associativo de formação de palavras (Booij (2000, 2005), Corbin (1991, 2001), Feliu Arquiola (2003), Martín García (1998), Montermini (2009), Pena (1999), Rio-Torto (1993, 2000), Spencer (2000), Varela e Ortega (1999)) e na conceção de linguagem desenvolvida por Jackendoff (2002) no programa ‘arquitetura paralela’, adaptado por Rodrigues (2009).

O modelo associativo que aqui adotamos, por nós exposto na secção 1 do capítulo I, defende a articulação estreita entre a estrutura formal e o significado da palavra, o que faz com que o constituinte morfológico seja concebido como um domínio estruturado de construções (de forma e de significado) ao nível da palavra, assente na interatividade entre a morfologia e os demais componentes da gramática. Deste modo, a morfologia derivacional, interagindo de forma constante e dinâmica com os demais setores da língua, é o centro operativo onde se processa a formação de novas palavras e onde, de forma retroativa, se analisa a estrutura de palavras já formadas. Nesta dinâmica, todos os domínios têm uma participação ativa e atuante.

Do modelo de Jackendoff (2002), adotamos a conceção da análise genolexical como um domínio dinâmico em que a geração de produtos derivacionais (neste caso

---

<sup>411</sup> Como foi por nós referido na introdução desta dissertação, foi também objeto de análise, pela comum etimologia com *entre-*, o prefixo *inter-*.

<sup>412</sup> Como referimos, fizemos, ainda que de forma sumária, a análise dos prefixos *super-* (pela origem etimológica comum com *sobre-*), *supra-* (pela relação restabelecida com *sobre-* e *super-*), *intra-* e *extra-* (pela relação semântica estabelecida com *inter-*).

prefixados) não se constrói com base numa relação derivacional entre categorias sintática e semanticamente rígidas, mas entre componentes das diversas estruturas e das fiadas que constituem estas, as bases e os operadores afixais. Neste modelo, a linguagem é uma arquitetura constituída por estruturas com capacidade geratriz, o que retira a exclusividade desta capacidade à sintaxe e corrobora que o carácter gerativo da componente genolexical não está dependente da inserção desta naquela. Este modelo, que permite equacionar uma conceção de genolexia mais dinâmica, permite-nos também explicar as significações dos produtos prefixados do português, partindo do pressuposto de que os operadores afixais transportam uma especificidade semântica própria. Esta especificidade semântica, que se organiza sistemicamente à volta de um determinado operador afixal, é adscrita a traços semânticos do operador prefixal em causa na sua correlação com traços inscritos lexicalmente nas bases. Consideramos assim os operadores afixais como agentes portadores de carga semântica própria, corresponsáveis pela formatação semântica final do produto. Efetivamente, a carga semântica afixal pode, em contacto com a carga semântica dos itens a que se agregam os afixos, desenvolver variações, sendo assim possível que os afixos sejam encarados enquanto unidades semânticas sujeitas a variações polissémicas. As peculiaridades semânticas, que se organizam sistematicamente à volta dos operadores afixais, são adscritas a traços semânticos do operador afixal em causa e à sua correlação com traços inscritos lexicalmente nas bases, concebendo-se assim o operador afixal como agente corresponsável pela formatação semântica final do produto.

Tendo por base o modelo de formação de palavras e a visão de linguagem atrás expostos, foi possível analisar a prefixação enquanto processo fecundo de formação de palavras, dilucidando-se, através da análise dos *corpus* (capítulo II), algumas das suas características. A problematização destas características, assim como a análise genolexical dos produtos prefixados com *co-*, *contra-*, *entre-*, *inter-*, *sem-*, *so(b)-/sub-* e *sobre-* levada a cabo no capítulo II, permitiu-nos, já no capítulo III, propor, com base em alguns parâmetros de análise, uma formalização morfo-semântica da prefixação, assente na consideração dos elementos prefixais na sua individualidade.

Assim, **no capítulo I**, a par dos pressupostos teóricos por nós mencionados, detivemos a nossa atenção na caracterização dos elementos prefixais, problematizando algumas das características que têm vindo a ser comumente aplicadas aos prefixos.

Neste sentido, advogamos que, na generalidade, (i) os prefixos são operadores pluricategoriais, acoplando-se maioritariamente a duas ou três classes gramaticais (de entre os 11 prefixos estudados, apenas o operador *sem-* se acopla exclusivamente a nomes). Este fator afigura-se, segundo Amiot (2004 a), como uma das características a considerar no que diz respeito à inserção (ou não) de um operador na classe dos ‘verdadeiros prefixos’. Outra característica por nós considerada foi a referente ao (ii) poder categorial dos elementos prefixais. Numerosos estudos, decorrentes do princípio *righthand head rule* proposto por Williams (1981), defendem que os prefixos, contrariamente aos sufixos, são destituídos de poder categorial, não podendo, por isso, alterar a classe gramatical da base. O estudo que empreendemos mostra-nos que, efetivamente, a maior parte dos prefixos não manifesta poder de alterar a categoria da base a que se acopla. No entanto, encontramos exemplos (*transporte inter-bairros*, *depressão pós-parto*) que obrigam a que se equacione a questão, procurando possibilidades de explicação da mesma. Ainda relativamente à caracterização dos elementos prefixais do português, abordámos (iii) a questão relacionada com a (in)capacidade dos elementos prefixais de alterarem a EA e a ELC da base a que se acoplam. Trata-se, como é sabido, de uma questão que, nos estudos empreendidos sobre prefixação, está longe de ser consensual. A este respeito registámos a existência de exemplos que provam que a acoplagem de um prefixo a uma base poderá preservar ou alterar os argumentos da mesma, podendo esta alteração manifestar-se quer através da perda, quer através da criação de argumento(s). Estas propriedades contrariam a ‘destituição de poderes’ a que tradicionalmente a prefixação era votada<sup>413</sup>.

Outra questão por nós abordada neste capítulo prende-se com (iv) a relação estabelecida entre elementos prefixais e elementos preposicionais, responsável pela flutuação da classificação da prefixação enquanto processo composicional, derivacional ou processo de fronteira entre a composição e a derivação. Abordámos ainda (v) as distintas propostas teóricas de classificação dos elementos prefixais do português, diferenciando (i) as que se baseiam em critérios semânticos (tipificando os elementos prefixais em prefixos locativos, temporais, negativos, gradativos, aspectuais e modificadores), (ii) as que se baseiam em critérios como o valor preposicional/não

---

<sup>413</sup> Os prefixos, tal como os sufixos, detêm um papel importante na estrutura lexical de uma língua, o que é visível quer através da relação estreita estabelecida entre estes dois tipos de operadores, designadamente por meio dos produtos duplamente afixados, como *inter-dental*, quer através da inevitabilidade da prefixação para a formação de alguns produtos sufixados (*\*qualificavelmente*).

preposicional, valor transitivo/intransitivo ou entre valor preposicional/adverbial ou modificador dos prefixos e ainda (ii) as que se baseiam em critérios não categoriais, que distinguem prefixos internos/externos ou prefixos funcionais/léxicos. Da nossa parte, e em consonância com o modelo teórico adotado e explicitado no início do capítulo, optámos pela adoção de dois critérios morfo-sintático-semânticos que, de forma isolada mas interatuante, nos permitem, tendo em linha de conta a informação aportada por cada elemento prefixal em particular, sublinhar a especificidade sintático-semântica aportada pelos elementos em análise, distinguindo os prefixos modificadores, os prefixos preposicionais e os prefixos argumentais.

Esta informação morfo-sintático-semântica foi, efetivamente, a base do estudo por nós empreendido no **capítulo II**, dedicado à análise da prefixação instanciada pelos prefixos que, na fase atual da língua, coincidem com preposições configuracionalmente homólogas. Dedicámo-nos ao estudo da prefixação instanciada pelos prefixos *co-*, *contra-*, *entre-*, *inter-*, *so(b)-/sub-*, *sobre-* e *sem-*, tendo verificado que estes prefixos, não obstante apresentarem em comum o facto de procederem etimologicamente de preposições, são detentores de características diversas visíveis quer ao nível das construções a que dão origem, quer ao nível do valor (modificador, preposicional ou argumental) instanciado pela sua acoplagem. Neste sentido, vimos que alguns destes prefixos, porque oriundos de preposições, apresentam, na sua génese, uma semântica locativa (o que se verifica em todos os prefixos em análise, à exceção de *co-* e *sem-*). No entanto, porque, em consonância com o modelo teórico por nós adotado (Jackendoff 2002), a base a que o prefixo se acopla pode infletir a semântica do próprio operador afixal e a do produto derivacional, verificámos que os prefixos em análise, não obstante apresentarem um denominador semântico comum (o da localização), desenvolvem frequentemente distintas características e propriedades, responsáveis pelo(s) seu(s) diferente(s) comportamento(s) e conseqüente classificação em termos de prefixos modificadores, preposicionais ou argumentais.

Fig. 1

	prefixo argumental	prefixo preposicional	prefixo modificador				
	prefixo comitativo /cooperativo prefixo recíproco	prefixo locativo	prefixo temporal	prefixo negativo (oposição)	prefixo negativo (privação)	prefixo avaliativo (gradativo)	prefixo taxonómico
co-	■						■
contra-			■	■			■
entre-		■	■			■	
extra-		■				■	
inter-		■					
intra-		■					
sem-					■		
sobre-		■	■			■	■
sub-		■	■			■	■
super-		■				■	■
supra-		■				■	■

Assim, conforme sistematizamos na figura 1, verifica-se que, maioritariamente, os elementos em análise apresentam como denominador semântico comum a localização (advinda da significação da preposição configuracionalmente homóloga) e, devido à informação semântica da(s) base(s) a que se acopla(m), desenvolvem uma diversidade de significados. Deste modo, os elementos prefixais sobre os quais nos detivemos podem ativar informações semânticas distintas responsáveis, em grande medida, pela sua subcategorização semântica. Assim, pela observação da figura 1, é visível:

- . que apenas dois prefixos apresentam uma informação monossémica, decorrente da preposição que lhes é homóloga: trata-se dos prefixos *intra-* e *sem-*. No que diz respeito ao prefixo *intra-*, observamos que é um prefixo que se acopla a bases de

diversas categorias, desenvolvendo sobretudo a semântica proveniente da preposição latina homóloga (a localização), que é transportada para o produto, contribuindo para uma grande previsibilidade semântica do mesmo (*intra-ósseo*). Já o prefixo *sem-*, à semelhança da preposição, veicula apenas o sentido da privação (*sem-abrigo*), acoplando-se a nomes para formar nomes exocêntricos que, pelo facto, são dotados de maior previsibilidade relativamente aos seus elementos constituintes.

. a existência de prefixos que manifestam, na sua acoplagem a bases de diferentes categorias gramaticais, dois sentidos: um decorrente do sentido (geralmente locativo) da preposição de que são oriundos e outro adquirido devido à acoplagem a bases que, de alguma forma e pelas suas características, espoletam outro(s) sentido(s) no elemento prefixal. Referimo-nos aos prefixos *co-*, *extra-* e *inter-* que, a par da semântica herdada da preposição de que são oriundos – a cooperatividade, no caso de *co-* (*co-participar*); a localização, no caso de *extra-* (*extra-craniano*) e de *inter-* (*inter-costal*) –, desenvolvem ainda, quando acoplados a determinado tipo de bases, outros sentidos como a ordenação denotacional, no caso de *co-* (*co-director*), a gradatividade, no caso de *extra-* (*extra-suave*) e a reciprocidade, no caso de *inter-* (*inter-ajuda*)).

. os prefixos *super-* e *supra-* espoletam, pela sua acoplagem a bases de diferentes tipologias (gramaticais e semânticas), três sentidos, sendo o de localização (*super-renal*; *supra-esofágico*), decorrente da preposição latina homóloga. A gradação (*super-povoar*; *supra-excitar*) e a taxonomia (*super-sistema*; *supra-partido*) são daquele derivantes, pela acoplagem a bases que espoletem essa significação.

. a existência de prefixos que registam, quando acoplados a bases de diferente tipologia categorial e semântica, quatro significações distintas. Os prefixos *entre-*, *sobre-* e *so(b)-/sub-*, a par do sentido presente na preposição homóloga - a localização (*entre-dedo*; *sobre-nervo*; *sub-estrutura*) - desenvolvem também os sentidos de temporalidade (*entre-guerras*; *sobre-ronda*; *sub-contrato*), gradatividade (*entre-ver*; *sobre-alimentar*; *sub-povoamento*) e reciprocidade (no caso de *entre-* (*entre-beijar*)) ou a taxonomia (no caso de *sobre-* e *so(b)-/sub-* (*sobre-juiz*; *sub-comissário*)).

Deste modo, conforme sistematizamos na figura 1, os elementos prefixais sobre os quais nos detivemos ativam informações semânticas distintas e apresentam características próprias espoletadas pela sua acoplagem a bases de diferente natureza. Os elementos prefixais veiculam assim, maioritariamente e em primeiro lugar, uma informação semântica proveniente da preposição com a qual se relacionam etimologicamente. Estes prefixos (*entre*, *extra-*, *inter-*, *intra-*, *sobre-*, *so(b)-/sub-*, *super-* e *supra-*) espoletam, na generalidade, uma informação de teor locativo (que, como vimos, pode desencadear, alteração da EA da base, responsável pela classificação destes elementos enquanto prefixos preposicionais), de carácter espacial, podendo também, no caso dos prefixos *entre-*, *extra-*, *sobre-*, *so(b)-/sub-*, *super-* e *supra-*, expressar informação de pendor avaliativo/gradativo, aceção em que serão considerados como prefixos modificadores. Esta tipologia de prefixos desencadeia maioritariamente uma modificação da base a que se acopla, modificação que não se restringe ao simples carácter avaliativo/gradativo, mas que se alarga também a outras significações como a oposição ou a privação (no caso de *sem-*) e a taxonomia, no caso de *sobre-*, *sub-*, *super-* e *supra-*. Por último, há a registar a existência de elementos prefixais *co-*, *inter-* e *entre-* que exercem incidência argumental sobre algum dos argumentos da sua base, o que faz destes operadores, nesta aceção de cooperatividade (no caso de *co-*) e de reciprocidade (no caso de *inter-* e *entre-*), prefixos argumentais, característica devida, também, ao carácter eventivo da base (de)verbal a que se acoplam. Esta conceção dos prefixos (em termos de prefixos modificadores, preposicionais ou argumentais) decorrente, em grande parte, da semântica da base e do modo como esta inflete e condiciona a semântica do prefixo (e, conseqüentemente, do produto compósito), justifica assim a conceção que defendemos no **capítulo III** relativamente à classificação da prefixação enquanto processo heterogéneo de formação de palavras do português.

Neste capítulo, ao contrário do que tem sido defendido, não considerámos a prefixação como um processo uno e homogéneo e por isso globalmente encarado como um processo derivacional, como um processo composicional ou como um processo de fronteira entre a derivação e a composição. O nosso entendimento é que a individualidade dos elementos prefixais nos obriga a considerar a prefixação como um processo heterogéneo e que é o comportamento diferenciado de cada elemento prefixal que permite a classificação da prefixação enquanto processo derivacional ou enquanto processo composicional de formação de palavras.

Neste sentido, verificamos em português a existência de três tipos de elementos prefixais:

- (i) elementos como *re-*, *in-* ou *des-*, que nunca assumiram utilização autónoma e que sempre foram elementos prefixais do português;
- (ii) elementos que, apesar de em latim ou em grego terem assumido uma utilização autónoma, são utilizados, na fase atual da língua, quase apenas de forma não autónoma (*ante-*, *co-*, *inter-*, *intra-*, *supra-*, *super-*) e que, por isso, são também considerados elementos prefixais do português;
- (iii) elementos coincidentes, na fase atual da língua, com preposições (*contra-*, *entre-*, *sem-*, *sobre-*, *sub-*) podendo assumir quer uma utilização autónoma (no seu uso preposicional), quer uma utilização não autónoma (no seu uso prefixal), afigurando-se complexa, nesta última aceção, a sua inserção nos processos de derivação ou de composição.

Este último grupo de elementos, com os quais nos ocupamos aqui, é, precisamente, o cerne do problema no que diz respeito à classificação da prefixação enquanto processo derivacional ou composicional de formação de palavras em português. Procurando dilucidar a questão, seguimos de perto a teoria de Amiot (2004a) que, com base na relação estabelecida entre elementos preposicionais e elementos prefixais, defende a existência de diferentes graus de prefixização, desencadeados através do processo de (des)gramaticalização de elementos preposicionais em elementos prefixais, que, segundo a autora, se baseia em quatro parâmetros distintos:

- (i) o carácter endo- ou exocêntrico do produto compósito: os operadores considerados como ‘verdadeiros prefixos’ contribuem para a construção de formações endocêntricas, enquanto os operadores que, pelas suas características, não devem ser considerados como ‘verdadeiros prefixos’, contribuem normalmente para a construção de formações exocêntricas;
- (ii) a acoplagem do elemento prefixal a mais do que uma classe gramatical: os operadores considerados como ‘verdadeiros prefixos’ se acoplam-se a mais do que uma classe gramatical, enquanto os operadores que, pelas suas características, não devem ser considerados como ‘verdadeiros prefixos’, se acoplam apenas a bases pertencentes a uma única classe gramatical;

(iii) a manutenção/alteração, no produto, do gênero e número da base: com os ‘verdadeiros prefixos’, o produto composto manifesta o mesmo gênero e número da base, o que não acontece aquando da acoplagem de uma base a um operador que não seja considerado como um ‘verdadeiro prefixo’;

(iv) a (in)ativação, no elemento prefixal, de outros sentidos distintos do sentido presente no elemento preposicional que com ele se relaciona: nas formações construídas com ‘verdadeiros prefixos’, o operador, quando acoplado a uma base, ativa outros sentidos que não apenas os presentes na preposição homóloga; pelo contrário, nas formações construídas com elementos que não devem ser considerados como ‘verdadeiros prefixos’, o operador ativa somente o sentido presente na preposição que lhe é homóloga.

Com base nestes parâmetros, Amiot defende assim a existência de diferentes graus de prefixação, desencadeados através do processo de (des)gramaticalização de uma preposição num elemento prefixal, o que implica, no grupo dos prefixos com que aqui nos ocupamos, a existência de um *continuum* entre elementos preposicionais e elementos prefixais, organizado do seguinte modo:

1) elementos pertencentes, indubitavelmente, ao grupo dos verdadeiros prefixos:

Neste grupo encontram-se os operadores *co-*, *inter-*, *intra-*, *super-* e *supra-* que (i) se acoplam a bases de diferentes categorias, (ii) formam construções predominantemente endocêntricas, (iii) mantêm, com a sua acoplagem, o gênero e o número da base e (iv) ativam, na generalidade, outros sentidos que não só o constante no elemento preposicional com o qual se relacionam; a prefixação é aqui considerada como um **processo de índole derivacional**;

2) elementos que, tendo como correlatos preposições, suscitam dúvidas quanto à sua inserção (ou não) no grupo dos verdadeiros prefixos:

2.1. prefixos que, como *contra-*, *sub-* e *sobre-*, são considerados como verdadeiros prefixos porque (i) se acoplam a bases pertencentes a três categorias gramaticais, (ii) contribuem para a formação de construções endocêntricas, (iii) mantêm, com a sua acoplagem, o gênero e o número da base e (iv) ativam outros sentidos que não só o constante no elemento preposicional com o qual se

relacionam; a prefixação é aqui considerada como um **processo de índole derivacional**;

2.2. prefixo(s) que apresentam apenas algumas características dos verdadeiros prefixos: neste grupo inclui-se o prefixo *entre-* que (i) se acopla a bases pertencentes a três categorias gramaticais, (ii) mantém, com a sua acoplagem, o género e o número da base e (iii) ativa outros sentidos que não só o constante no elemento preposicional com o qual se relacionam. Estes prefixos contribuem para a construção de formações endocêntricas (*entre-ajuda*), mas também para a construção de formações exocêntricas (*entre-casa*) ou ainda formações que se situam na fronteira entre a endo- e a exocentricidade (*entre-dedo*). A prefixação é aqui considerada como um **processo de índole predominantemente derivacional**, apresentando já **algumas especificidades presentes nos processos composicionais**;

2.3. prefixo(s) que apresentam uso autónomo (enquanto elementos preposicionais) e que não se incluem, pelas características que apresentam, nos grupo dos verdadeiros prefixos, confinando a sua utilização ao seu estatuto meramente preposicional: neste grupo inclui-se o operador *sem-* que (i) se acopla unicamente a bases nominais, (ii) constrói unicamente formações exocêntricas, (iii) altera, com a sua acoplagem, o género e o número da base e (iv) não ativa, com a sua acoplagem a uma base, outro sentido que não o presente no elemento preposicional homólogo. Neste caso, o processo instanciado pelos operadores em causa é considerado como um **processo de índole composicional**.

Neste sentido, defendemos que os prefixos, sobretudo os que coincidem formalmente com preposições, não devem ser analisados de igual forma. Entendemos que os elementos prefixais devem ser posicionados numa escala, em função do seu grau de prefixização, dependentes de um processo contínuo de (des)gramaticalização e lexicalização (in)acabada. Estes considerandos levam-nos a defender a prefixação enquanto processo heterogéneo, dependendo o seu estatuto derivacional ou composicional do elemento prefixal em causa.

Em suma, o nosso trabalho sustenta o entendimento da prefixação enquanto processo heterogéneo de formação de palavras ancorado na aceção dos elementos prefixais enquanto operadores com identidade própria e operacionalidade semântica visível quer ao nível da seleção das bases, quer ao nível da instanciação da significação do produto compósito.

Em termos empíricos, procurámos realizar um estudo aturado e quantitativamente suportado dos produtos prefixados por elementos coincidentes com preposições com vista a contribuir para um conhecimento mais cabal da formação de palavras por prefixação em português. Este estudo permitiu-nos avançar numa linha que consideramos inovadora, isto é, caracterizar este processo como heterogéneo, cuja classificação/tipificação em muito depende dos elementos prefixais atuantes que, assim, devem ser considerados como elementos portadores de individualidade própria.

No final deste estudo, queremos explicitar algumas das limitações que merecem uma atenção futura. Em primeiro lugar, o levantamento e a configuração do *corpus* que, por maior que seja a atenção, o cuidado e o acervo linguístico considerado, se revelará sempre incompleto e limitado. Outra questão prende-se com a disponibilidade dos prefixos. Apesar de termos avaliado os exemplos em função do atestado, esta questão merece uma avaliação mais apurada, recorrendo-se, por exemplo, de forma mais sistemática, a fontes jornalísticas recentes ou a bases de dados lexicais atuais.

Além disso, estamos conscientes de que o entendimento do funcionamento da prefixação não se esgota neste estudo, que carece de aplicação e verificação aos restantes elementos prefixais do português.

A presente tese afigura-se pois como um estudo sectorial dentro da formação prefixal de palavras em português. Esta consciência será o cerne do nosso percurso seguinte, de constante indagação e busca incessante de um conhecimento novo, atual e em constante evolução, ao qual gostaríamos de dar continuidade.



## BIBLIOGRAFIA

- ADAMS, V. (1973) *An introduction to modern english word formation*. London: Longman.
- ADOUANI, Abdelatif (1995) *La morphologie est-elle syntaxe des mots ?* In: *Linguisticae investigaciones* XIX :1, pp. 1-13.
- ALBA DE DIEGO, Vidal (1983) *Elementos prefijales y sufijales: derivación o composición?* In: *Sertã philologica Fernando Lázaro Carreter* I. Madrid: Cátedra, pp. 17-21.
- ALBERTO MIRANDA, J. (1994) *La formación de palabras en español*. Salamanca: Ediciones Colegio de España.
- ALI, M. Said (1931) *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3.<sup>a</sup> edição, São Paulo, Edições Melhoramentos.
- ALVAR EZQUERRA, Manuel (2002) *La formación de palabras en español*. Madrid: Arco Libros.
- ALVES, Ieda (1990) *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo: Editora Ática.
- ALVES, Ieda (1991) *A questão das fronteiras em formações prefixais*. In: Neves, Maria Helena de Moura (1991) *Publicação do curso de pós-graduação em Lingüística e Língua Portuguesa*. Ano V, n.º 1. São Paulo: UNESP, pp. 42-48.
- ALVES, Ieda (2001) *Um estudo sobre a neologia lexical: o microssistema prefixal intensivo do português contemporâneo do Brasil*. In: MIRET, Fernando (2001). *Actas del XXIII congreso internacional de Lingüística y Filología románica*. Salamanca: Niemeyer, pp. 317-328.
- ALVES, Ieda (2002) *Formações prefixais no português falado*. In: *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP, pp. 383-398.
- ALVES, Ieda (2002) *Prefixos negativos no português falado*. In: *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP, pp. 99-109.
- ALVES, Ieda (2007) *O formante super-: a supertrajectória de um prefixo*. In: Fávero, Leonor et alii (2007) *Língua portuguesa: pesquisa e ensino*. São Paulo: Editora PUCSP, vol. 1, pp. 51-62
- AMIOT, Dany e DAL, Georgette (2007) *Integrating neoclassical combining forms into a lexeme-based morphology*. In: BOOIJ, G. et alii (2007) *On-line proceedings of the fifth mediterranean morphology meeting (MMM5)*. University of Bologna.

- AMIOT, Dany e DE MULDER, W. (2002) *De l'adverbe au préfixe en passant par la préposition : un phénomène de grammaticalisation?* In: *Linguisticae investigationes*, XXV/2, pp. 247-273.
- AMIOT, Dany (1997a) *L'antériorité temporelle dans la préfixation en français*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.
- AMIOT, Dany (1997b) *Mots possibles et mots existants*. In: *Sillexicales. Actes des 1<sup>ères</sup> rencontres du forum de morphologie*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires de Lille.
- AMIOT, Dany (2002a) *Quelles relations entre les catégories de l'adverbe, de la conjonction de subordination, de la préposition et du préfixe?* In: *Verbum* 24/3, pp. 295-308.
- AMIOT, Dany (2002b) *De l'utilité de la notion de métaphore pour décrire le sens d'un préfixe: le cas de sur-*. In: *Verbum* 24/3, pp. 269-282.
- AMIOT, Dany (2003) *De l'antériorité à la postériorité: mode de repérage temporel et type de préfixes*. In: *Cahiers Chronos*, 11, pp. 173-189.
- AMIOT, Dany (2004a) *Préfixes ou prépositions ? Le cas de sur(-), sans(-), contre(-) et les autres*. In: *Lexique*, 16, Villeneuve-d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, pp. 67-83.
- AMIOT, Dany (2004b) *Haut degré et préfixation*. In: *Intensité, comparaison et degré - Les cahiers du Cerlico* 17, pp. 91-104.
- AMIOT, Dany (2005a), *Préfixes, prépositions et conjonctions ? Le cas de sur, sans, contre et les autres*. In: *Actes du colloque franco-roumain «Prépositions et conjonctions de subordination»*. Timisoara: Editura Excelsior Art, pp. 9-24.
- AMIOT, Dany (2005b) *Between compounding and derivation: elements of word formation corresponding to prepositions*. In: DRESSLER, W. e DIETER, R. (2005) *Morphology and its demarcations*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, pp. 183-195.
- AMIOT, Dany (2005c) *Sur(-) préposition et préfixe : un même sens instructionnel ?* In: *Revue de sémantique et de pragmatique*, 15/16, pp. 101-119.
- AMIOT, Dany e DE MULDER, W. (2003) *Préposition contre préfixe*. In: *Recherches linguistiques* 26, pp. 203-232.
- AMIOT, Dany e DE MULDER, W. (2005) *Les préfixes avant- et sur- en français et les chemins de la grammaticalisation*. In: GROSSMAN, M. e THORNTON, A. (2005) *La formazione delle parole*. Roman: Bulzoni, pp. 31-51.

- AMIOT, Dany et CORBIN, Danielle (2004) *La formation des mots: horizons actuels. Lexique*, 16, Villeneuve-d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.
- ARELLANO GONZALEZ, Beatriz (2004) *Los verbos simétricos*. In: *Verba, Anuario galego de filoloxia*, n.º 31, pp. 325-359.
- ARONOFF, Mark e REES-MILLER, Janie (2001) *The handbook of linguistics*. Oxford: Blackwell Publishers.
- ARONOFF, Mark (1976) *Word formation in generative grammar*. Cambridge: Massachusetts and London, The MIT Press.
- ARONOFF, Mark (1994) *Morphology by itself*. Cambridge: The MIT Press.
- BAJO PEREZ, Elena (1997) *La derivación nominal en español*. Madrid: Arco Libros.
- BAKER, Mark (2003) *Lexical categories: verbs, nouns and adjectives*. New York: Cambridge University Press.
- BARBOSA, Jeronymo Soares (1830) *Grammatica philosophica da língua portuguesa*. 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa.
- BASÍLIO, Margarida (1989) *Prefixos: a controvérsia derivação/composição*. In: *Cadernos de linguística e língua portuguesa*, v.1, Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO, pp. 1-13.
- BASÍLIO, Margarida (1992) *O fator semântico na derivação parassintética: a formação de adjetivos*. In: *DELTA*, vol. 9, nº 2, pp. 295-304.
- BASÍLIO, Margarida (2000) *Em torno da palavra como unidade lexical: palavras e composições*. In: *Veredas. Revista de estudos linguísticos*, v. 4. Rio de Janeiro: Editora UFJF, pp. 9-18.
- BEARD, Robert (1987) *Morpheme order in a lexeme/morpheme-based morphology*. In: *Lingua* 72, pp. 1-44.
- BEARD, Robert (1988) *On the separation of derivation from morphology: Toward a lexeme-morpheme-based morphology*. In: *Quaderni di semantica*, n.º 9, pp. 3-59.
- BEARD, Robert (1995) *Lexeme/morpheme-based morphology*. New York: State University of New York Press.
- BEARD, Robert (1998) *Derivation*. In: SPENCER, Andrew e ZWICKY, Arnold (1998) *The handbook of morphology*. Oxford, Malden: Blackwell Publishers, pp. 44-65.
- BECHARA, Evanildo (2001) *Moderna gramática portuguesa*. 37.<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro: Editora Lucerna.

- BENJAMIN, F. e DE MULDER, W. (2007) *La formation des prépositions complexes*. In : *Langue Française*, n.º 156, pp. 9-29.
- BERTHONNEAU, A. e CADIOT, P. (1993) *Les prépositions : méthodes d'analyse*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires de Lille.
- BISETTO, Antonietta e IACOBINI, Claudio (2003) *Scritti di morfologi: in onore di Sergio Scalise in occasione del suo 60*. Cesena: Caissa Italia Editore.
- BISETTO, Antonietta e SCALISE, Sergio (1997) *L'autonomie de la morphologie*. In: *Atti del XXXIV congrès international des linguistes*. Paris.
- BISETTO, Antonietta e SCALISE, Sergio (2000) *Complement selection in morphology and syntax*. In: *Acta linguistica hungarica*. Volume 47, Numbers 1-3, pp. 25-45.
- BISETTO, Antonietta e SCALISE, Sergio (2003) *Compounding: morphology and/or syntax?* In: MEREU, Lunella (2003) *Boundaries of morphology and syntax*. Roma: John Benjamins.
- BISETTO, Antonietta e SCALISE, Sergio (2007) *Selection is a head property*-. In: *Folia linguistica*, n.º 3.
- BISETTO, Antonietta, MUTARELLO, Rosella y SCALISE, Sergio (1990) *Prefissi e teoria morfologica*. In: *Parallela 4, Atti del V incontro italo-austriaco della società di linguistica italiana*. Tubinga: Gunter Marr Verlag, pp. 29-41.
- BLOOMFIELD, L. (1970) *Le langage*. Paris: Payot.
- BOOIJ, Geert e HAAFTEN, Ton Van (1988) *The external syntax of derived words: evidence from Dutch*. In: BOOIJ, Geert e HAAFTEN, Ton Van (1988) *Yearbook of morphology*, Dordrecht-Holland/Providence RI – USA: Foris Publications, pp. 29-44.
- BOOIJ, Geert e HULK, A. (1998) *Lexique et syntaxe en grammaire générative*. Lille: Presses Universitaires de Lille.
- BOOIJ, Geert (1979) *Semantic regularities in word formation*. In: *Linguistics*, 17, pp. 985-1001.
- BOOIJ, Geert (1992) *Morphology, semantics and argument structure*. In: ROCA, Iggy (1992) *Thematic structure. Its role in grammar*. Dordrecht: Foris, pp. 47-64.
- BOOIJ, Geert (1995) *Inherent versus contextual inflection and the split morphology hypothesis*. In: BOOIJ, G. (ed.) *Yearbook of morphology 1994*. Dordrecht: Kluwer, pp. 1-16.
- BOOIJ, Geert (2000) *Morphology. An international handbook on inflection and word formation*. New York: Walter de Gruyter.
- BOOIJ, Geert (2005) *The grammar of words*. Oxford: Oxford University Press.

- BOOIJ, Geert (2005) *Compounding and derivation: evidence for construction morphology*. In: DRESSLER, W. et alii (2004) *Morphology and its demarcations. Selected papers from the 11<sup>th</sup> Morphology Meeting*. Amsterdam: John Benjamins.
- BOOIJ, Geert (2007) *Construction morphology and the lexicon*. In: *Selected proceedings of the 5<sup>th</sup> Décembrettes: Morphology in Toulouse*. Somerville M.A.: Cascadilla Proceedings Project: Oxford University Press.
- BOOIJ, Geert (2008), *Composition et morphologie des constructions*. In: AMIOT, Dany (éd.), *La composition dans une perspective typologique*. Artois: Artois Presses Université, pp. 49-73.
- BOOIJ, Geert et alii (2000) *Morphologie: ein internationales handbuch zur flexion und wortbildung: an international handbook on inflection and word formation*. New York: Walter de Gruyter.
- BOSQUE, Ignacio e DEMONTE, Violeta (1999) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe.
- BOSQUE, Ignacio (1985) *Sobre las oraciones recíprocas en español*. In: *Revista española de lingüística* 1, pp. 59-96.
- BOSQUE, Ignacio (1987) *Constricciones morfológicas sobre la coordinación*. In: *LEA*, 9, pp. 83-100.
- BOSQUE, Ignacio (1990) *Las categorías gramaticales. Relaciones y diferencias*. Madrid: Editorial Síntesis.
- BRESNAN, Joan (2001) *Lexical-functional syntax*. Massachussettes: Blackwell Publishers.
- BRINTON, L. E TRAUGOTT, E (2005) *Lexicalization and Language Change (Research Surveys in Linguistics)*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BRØNDAL, Viggo (1950) *Théorie des prépositions*. Copenhague, Ejnar Munksgaard.
- BYBEE, J. L. (1985) *Morphology. A study of the relation between meaning and form*. In: *Typological studies in language*, 9. Amsterdam: John Benjamins.
- CABRÉ, M.<sup>a</sup> Teresa e Rigau, Gemma (1985) *Lexicologia i semàntica*. Barcelona: Enciclopèdia Catalana.
- CABRÉ, M.<sup>a</sup> Teresa (1994) *A l'entorn de la paraula*. Universidad de Valencia.
- CABRÉ, M.<sup>a</sup> Teresa (1998) *La prefixació en català*, en John J. STACZECK (ed.) *On spanish, portuguese, and catalan linguistics*. Washington: Georgetown University Press, pp. 47-63.

- CABRERA MORALES, Carlos Luis (1999) *Sobre la derivación en el español actual: los prefijos*. In: *Analecta malacitana: Revista de la sección de filología de la facultad de filosofía y letras*. Vol. 22, n.º 2, 1999, pags. 591-606.
- CÂMARA, J. Mattoso (1976) *História e estrutura da língua portuguesa*. 2.<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro: Livraria Padrão.
- CÂMARA, J. Mattoso (1999) *Dicionário de lingüística e gramática*. 20.<sup>a</sup> edição, Petrópolis: Editora Vozes.
- CASTILHO, Ataliba (2004) *O problema da gramaticalização das preposições*. In: *Estudos Lingüísticos*, XXXIII, pp. 982-988.
- CERVONI, Jean (1991) *La préposition. Étude sémantique et pragmatique*. Paris: Duculot.
- COMBETTES *et alii* (2003) *Introduction: grammaticalisation et changement linguistique*. In: *Verbum* 25:3, pp. 225-240.
- COMRIE, Bernard e POLINSKY, Maria (1993) *Causatives and transitivity*. Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- CONTRERAS, Joan Miquel e SUÑER, Avelina (2004) *Los procesos de lexicalización*. In: GAZTELU, Elixabete *et alii* (2004) *Las fronteras de la composición en lenguas románicas y en vasco*. San Sebastián: Universidad de Deusto, pp. 47-162.
- CORBIN, Danielle e TEMPLE, Martine (1994) *Le monde des mots et des sens construits: catégories sémantiques, catégories référentielles*. In: *Cahiers de lexicologie* 65, pp. 5-28.
- CORBIN, Danielle (1984) *La forme et le sens: exploration des relations dérivationnelles en français*. In: *Quaderni di semantica* V, nº 1, pp. 58-69.
- CORBIN, Danielle (1989) *La place de l'histoire dans une morphologie synchronique*. In: *Études de linguistique romane, romanica wratislaviensia*, XXX. Wrocław/Paris : Nizet, pp. 51-67.
- CORBIN, Danielle (1991a) *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. 2.<sup>e</sup> édition, Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires de Lille.
- CORBIN, Danielle (1991b) *La formation des mots, structures et interprétations*. In: *Lexique* 10, pp. 7-30.
- CORBIN, Danielle (2001) *Préfixes et suffixes: du sens aux catégories*. In: *Journal of french language studies*, 11, pp. 41-69.
- CORREIA FERREIRA, Margarita (2003) *Criatividade e inovação terminológica – novos desafios*. In: *Colóquio internacional 'a neologia científica: balanço e perspectivas'*. Roma: União Latina.

- CORREIA FERREIRA, Margarita (2004) *Denominação e construção de palavras*. Lisboa, Edições Colibri.
- CORREIA, Margarita (1989) *Algumas particularidades da prefixação na Neologia do Português Contemporâneo*. In: *Actas do 4º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, pp. 229-247.
- CORREIA, Margarita (1992) *A formação dos adjetivos em anti- em português*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- CORREIA, Margarita (1992) *O comportamento prefixal de não*. In: *Atas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Románicas*. vol. II, A Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, pp. 347-356.
- CORREIA, Margarita (2008) *Lexicografia no início do século XXI - novas perspectivas, novos recursos e suas consequências*. In: Júnior (org.) *Lexicon - Dicionário de Grego-Português*. Lisboa: Portugal.
- COSERIU, Eugenio (1978) *Sincronía, diacronía e história. El problema del cambio lingüístico*. Madrid: Editorial Gredos.
- CRUSE, Alan (2005) *Lexicology. An international handbook on the nature and structure of words and vocabularies*. New York: Walter de Gruyter.
- CRUSE, D. (1997) *Lexical semantics*. New York: Cambridge University Press.
- CUNHA, Celso E CINTRA, Lindley (1996) *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa, Edições Sá da Costa, 12.ª edição, 1996.
- CUYCKENS, Hubert e DIRVEN, René (2003) *Cognitive approaches to lexical semantics*. New York: Mouton de Gruyter.
- CHING, Li (1971/73) *Formação de palavras com prefixos*. In: *Boletim de filologia*. Tomo XXII, fascículos 1, 2, 3 e 4, Lisboa, Centro de Estudos Filosóficos.
- CHOMSKY, Noam (1957) *Syntactic structures*. La Haya: Mouton.
- CHOMSKY, Noam (1965) *Aspects of theory of syntax*. Cambridge: MIT Press.
- CHOMSKY, Noam (1970) *Remarks on nominalization*. In: Sánchez, Zavala (1974) *Semántica y sintaxis en la lingüística transformatoria*. Madrid: Alianza.
- CHOMSKY, Noam (1984b) *Morfologia lessicale*. Padova: CLESP Editrice.

- DAL, Georgette e AMIOT, Dany (2002) *The absence of determiners on nominal bases in prefixation and composition in french and the autonomy of morphology*. In: *10 th international morphology meeting*, Budapest.
- DAL, Georgette (2001) *Arguments pour un préfixe contre*. In: *Recherches linguistiques*, 26, Metz: Université de Metz, pp. 172-201.
- DARDANO, Maurizio (1978) *La formazione delle parole nell'italiano di oggi*. Roma: Bulzoni.
- DARMESTER, A. (1972) *De la dérivation actuelle des mots nouveaux dans la langue française et des lois qui la régissent*. Genève: Slatkine Reprint.
- DE WULDER, Walter e VANDERHEYDEN, Anne (2001) *L'histoire de contre et la sémantique prototypique*. In: *Langue française*, 130, pp. 108-125.
- DEMONTÉ, Violeta (1990) *Transitividad, intransitividad y papeles temáticos*. In: DEMONTÉ, V. e GARZA CUARÓN, B. (1990) *Estudios de lingüística de España y México*. México: Universidad Nacional Autónoma de México y El Colegio de México, pp. 115-150.
- DEMONTÉ, Violeta (1991) *Detrás de la palabra: estudios de gramática del español*. Madrid: Alianza Editorial.
- DEMONTÉ, Violeta (1991) *Sobre agentes, experimentantes y objetos afectados. El dilema del lexicista*. In: DEMONTÉ, V. (1991) *Detrás de la palabra: Estudios de gramática del español*. Madrid: Alianza Editorial, pp. 23-68.
- DEMONTÉ, Violeta (1999a) *El adjetivo: clases y usos. La posición del adjetivo en el sintagma nominal*. In: BOSQUE Ignacio y Violeta DEMONTÉ (1999) *Gramática descriptiva de la lengua española*. vol. 1, Madrid: Espasa Calpe, pp. 129-215.
- DEMONTÉ, Violeta (1999b) *Semántica composicional y gramática: los adjetivos en la interficie léxico-sintaxis*. In: *Revista española de Lingüística* 29 (2), pp. 283-316.
- DENDALE, Patrick (2003) *La polysémie de contre: quelques hypothèses pour lier spatial et non spatial*. In: PEROZ, P. (2003) *Contre: Identité sémantique et variation catégorielle*. Metz: Université de Metz, pp.65-90.
- DENDALE, Patrick (2003) *Sens spatial contre sens adversatif : quelques éléments dans le débat sur le sens prototypique de contre*. In: VANNESTE, A. et alii (2003) *Mémoire en temps advenir. Hommage à Theo Venckeleer*. Leuven/Paris/Dudley: Peeters, pp.547-568.
- DENDALE, Patrick e DE MULDER, Walter (1997) *Sur sur : réflexion sur l'emploi des 'ressemblances de famille' en linguistique*. In: RUFFINO (1997) *Atti del congresso di linguistica e filologia romanza a Palermo*, vol.III. Tübingen: Niemeyer, pp. 213-222.

- DENDALE, Patrick e VAN GRUNDERBEEK, Lieve (2000) *La préposition sous : traits linguistiques et fonctions communicative*. In: COENE, M. et alii (2000) *Traiani augusti vestigia pressa sequamur. Studia lingvistica in honorem Lilianae Tasmowski*. Padova: Unipress, pp.683-703.
- DI SCIULLO, ANNA-MARIA (1993) *The complement of a head at morphological form*. In: *Probus*, 5, pp. 95-125.
- DI SCIULLO, Anna-Maria (1996) *Prefixes and suffixes*. In: PARODI, C. et alii (1996) *Aspects of romance linguistics. Selected papers from the linguistic symposium on romance languages*, 24. Washington: Georgetown University Press, pp. 177-194.
- DI SCIULLO, Anna-Maria (1997) *Prefixed verbs and adjunct identification*. In: DI SCIULLO, A.M. (1997) *Projections and interface conditions. Essays on modularity*. Oxford: Oxford University Press, pp. 54-72.
- DI SCIULLO, Anne-Marie E WILLIAMS, Edwin (1987) *On the definition of word*. Cambridge: The MIT Press.
- DIEZ, Frédéric (1874) *Grammaire des langues romanes*. 3<sup>ème</sup> ed. (Tome II). Paris: A. Franck.
- DOWTY, David (1979) *Word meaning and montague grammar*. Dordrecht: Reidel.
- DRESSLER, Wolfgang et alii (2004) *Morphology and its demarcations. Selected papers from the 11<sup>th</sup> morphology meeting (Viena)*. Amsterdam: John Benjamin Publishing Company.
- DUARTE, Paulo (2003) *Influência dos padrões morfológicos latinos na terminologia científica*. In: *Philologus*. vol. 1, n.º 26, pp. 127-144.
- DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira (1998) *A identificação do prefixo em diversas abordagens linguísticas*. In: *DELTA*, vol. 14, n.º 1.
- DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira (1999) *A formação de palavras por prefixo em português*. Fortaleza: Edições UFC.
- DUBOIS, Jean (1997) *Dicionário de linguística*. Tradução de Izidoro Blikstein (coord.). São Paulo: Editora Cultrix.
- FARIA, Isabel Hub et alii (1996) *Introdução à linguística geral e portuguesa*. 1.<sup>a</sup> edição, Lisboa: Editorial Caminho.
- FELÍU ARQUIOLA, Elena e FÁBREGAS, Antonio (2003) *Phrasal scope and argument constraints on spanish inter- prefixation*. In: BOOIJ, G. et alii (2003) *Topics in morphology: selected papers from the third mediterranean morphology meeting*. Barcelona, September 20-22.

- FELÍU ARQUIOLA, Elena (1999) *La formación de palabras mediante el prefijo semi- en español*, en *Interlingüística* 10, pp. 115-120.
- FELÍU ARQUIOLA, Elena (2002) *Creación léxica y restricciones sobre la forma superficial o output*. In: MUÑOZ NÚÑEZ, M.<sup>a</sup> Dolores *et alii* (eds.) *Actas del IV congreso de lingüística general*, vol. III. Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz / Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, pp. 953-964.
- FELÍU ARQUIOLA, Elena (2002) *La opacidad sintáctica de las palabras derivadas: una nueva perspectiva*. In: *Estudios de lingüística de la universidad de Alicante* 16, pp. 273-294.
- FELÍU ARQUIOLA, Elena (2003a) *Morfología derivativa y semántica léxica: la prefijación de auto-, co- e inter-*. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid.
- FELÍU ARQUIOLA, Elena (2003b) *Los prefijos cuantificadores en español*. In: SÁNCHEZ MIRET, Fernando (2003) *Actas del XXIII congreso internacional de lingüística y filología románica*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 317-330.
- FELÍU ARQUIOLA, Elena (2003c) *Morphology, argument structure, and lexical semantics: the case of spanish auto- and co- prefixation to verbal bases*. In: *Linguistics* 41 (3), pp. 495-513.
- FELÍU ARQUIOLA, Elena (2004) *Los procesos de prefijación de auto- y co- con bases verbales en español: ¿operaciones sobre la estructura argumental o sobre la estructura léxico-semántica?* In: VILLAYANDRE LLAMAZARES, M. (2004) *Actas del V congreso de lingüística general*, vol. 1. Madrid: Arco/Libros, pp. 881-893.
- FILLMORE, Charles *et alii* (1976) *Semántica y sintaxis en la lingüística transformatoria*. Madrid: Alianza Editorial
- FRANCKEL, Jean-Jacques (2003) *Contre le mur*. In: PEROZ, P. (2003) *Contre: identité sémantique et variation catégorielle*. Metz: Université de Metz, pp. 153-172.
- GARCÍA HERNANDEZ, Benjamín (1980) *Semántica estructural y lexemática del verbo*. Barcelona: Ediciones Avesta.
- GARCÍA HERNÁNDEZ, Benjamín (2000) *Los resultados del prefijo latino "sub-" en español*. In: GARCÍA HERNÁNDEZ, Benjamín (2000) *Latín vulgar y tardío: homenaje a Veikko Väänänen*, pp. 63-69.
- GARCÍA MEDALL, Joaquín (1988) *Sobre los prefijos verbales en español medieval*. In: ARIZA, M. *et alii* (eds.) *Actas del I congreso internacional de historia de la lengua española*, I. Madrid: Arco/Libros, pp. 377-384.

- GARCÍA-MEDALL VILLANUEVA, Joaquín A. (1993) *En torno a los objetivos interstanciales del español: comitativo, relacionante y la regla de formación del prefijo 'co(n)-*. In: *Anuario de lingüística hispánica*, vol. 9, pp. 87-108.
- GARCÍA-MEDALL VILLANUEVA, Joaquín A. (1994) *La prefijación verbal. Un estudio de morfología integrada del español*. Valladolid.
- GARCÍA-MEDALL VILLANUEVA, Joaquín A. (2004) *Prefijos y sufijos aspectuales: medio-, -a medias y a medio-*. In: VILLAYANDRE LLAMAZARES, M. (2004) *Actas del V congreso de lingüística general*. Madrid: Arco Libros, pp. 1213-1223.
- GAZTELU, Elixabete *et alii* (2004) *Las fronteras de la composición en lenguas románicas y en vasco*. San Sebastián: Universidad de Deusto.
- GOES, Jan (2005) *Les adjectifs arguments: syntaxe et sémantique*. In: *Cahiers de lexicologie*, n.º 86 (I), pp. 35-57
- GONZALEZ CALVO, José Manuel (1999) *Sobre la palabra y las clases de palabras*. In: *Revista española de lingüística* 30 (2), pp. 309-329.
- GRÀCIA SOLE, Lluïsa e AZKARATE, Miren (2000) *Prefixation and the head-complement parameter*. In: DRESSLER, Wolfgang *et alii* (2000) *Morphological analysis in comparison*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins B.V., pp. 61-73.
- GRÀCIA SOLÉ, Lluïsa (1995) *Morfología léxica. L'herència de l'estructura argumental*. València: Universitat de València.
- GRÀCIA SOLÉ, Lluïsa (1999) *Prefijación sobre bases sintagmáticas*. In: *XXIX simposio de la SEL*. Cáceres.
- GRÀCIA SOLÉ, Lluïsa *et alii* (2004) *Configuración morfológica y estructura argumental: léxico y diccionario*. País Vasco: Servicio Editorial Universidad del País Vasco.
- GREVISSE, M. e GOOSSE, A. (2001) *Le bon usage. Grammaire française*. Treizième édition revue et refondue par André Goosse. Paris: De Boeck – Duculot.
- GRIMSHAW, J. (1990) *Argument structure*. Cambridge: MIT Press.
- GROPEN, Jess *et alii* (1991) *Affectedness and direct objects: the role of lexical semantics in the acquisition of verb argument structure*. In: *Cognition* 41, pp. 153-195.
- GROSSMANN, Maria (1994) *Opposizione direzionali e prefissazione: analisi morfologica e semantica dei egressivi prefissati con des- e es- in catalano*. Padova: Unipress.

- GUEVARA, Emiliano e SCALISE, Sergio (2007) *Searching for universalis compounding-*. In: SCALISE, Sergio, MAGNI, E., BISSETTO, A. (eds.) *Universals of language*. Amsterdam: Springer.
- GUILBERT, Louis (1971) *La prefixation*, In: *Grand lrousse de la langue française*. Paris: Larousse, pp. XLIV-LXXXI.
- GUILBERT, Louis (1975) *La créativité lexicale*. Paris: Larousse.
- HAOUEY, Lamia (2000) *En torno a la relación entre morfología y sintaxis*. Tesis doctoral. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid.
- HEINE, B. *et alii* (1991) *Grammaticalization*. Chicago: Chicago University Press.
- HOPPER, P. e TRAUGOTT, E. (2003) *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HORNO CHÉLIZ, M.<sup>a</sup> Carmen (en prensa) *El estatuto de la preposición léxica: sobre su naturaleza predicativa*. In: *Actas del IV congreso de lingüística general*. Universidad de Cádiz.
- IACOBINI, Claudio (1992) *La prefissazione nell'italiano contemporaneo*. Tesis doctoral. Roma : Universidad de la Sapienza.
- IACOBINI, Cláudio (2004) *La prefissazione*. IN: GROSSMANN, Maria e RAINER, Franz (2004) *La formazione delle parole in italiano*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag
- JACKENDOFF, Ray Samuel (1975) *Morphological and semantic regularities in the lexicon*. In: *Language* 51, pp. 639-671.
- JACKENDOFF, Ray Samuel (1983) *Semantics and cognition*. Cambridge (Mass.): M.I.T. Press.
- JACKENDOFF, R. (2002) *Foundations of Language: Brain, Meaning, Grammar, Evolution*. Oxfoed: Oxford University Press.
- KAMPERS-MAHNE, Brigitte (2001) *Le statut de la préposition dans les mots composés*. In: *Travaux de Linguistique*, 42/43, pp. 97-109.
- KAY, Paul (1997) *Words and the grammar of context*. California: CSLI Publications.
- KLEIBER, G. (1999) *Problèmes de sémantique. La polysémie en questions*. Villeneuve d'Ascq : Presses Universitaires du Septentrion.
- KORNFELD, Laura e SAAB, A. (2003) *Morphology and syntax: the case of prepositional prefixes in spanish*. In: BOOIJ, G. *et alii* (2003) *Topics in morphology*. Barcelona: IULA, pp. 227-240.

- KORNFELD, Laura (2006) *Los prefijos: propiedades sintácticas y morfofonológicas*. In: CIAPUSCIO, G. (2006) *De la palabra al texto*. Buenos Aires: Eudeba, pp. 158-184.
- LACA, Brenda (1998) *Morphologie lexicale, morpho-syntaxe et le problème des bases lexématiques: le cas de l'espagnol*. In: HARDEN, Theo e HENTSCHEL, Elke (1998) *Festschrift zum geburtstag von Harald Weydt*. Tübingen: Stauffenburg, p. 233-244.
- LAGO, J. (1993) *Construction endocentrique, construction exocentrique, construction appositive*. In: *Revue de linguistique romane*, 57, pp. 421-432.
- LANG, M. (1990a) *Spanish word formation: productive derivational morphology in the modern lexis*. London: Routledge.
- LANG, Mervyn (1990b) *Formación de palabras en español. Morfología derivativa productiva en el léxico moderno*. Madrid: Catedra.
- LANGEDOEN, D. Terence (1978) *The logic of reciprocity*. In: *Linguistic inquiry*, 9(2), pp. 177-197.
- LAPPIN, Shalom (1996) *The handbook of contemporary semantic theory*. Oxford: Blackwell Publishers.
- LÁZARO MORA, Fernando (1985) *Algunas notas sobre la preposición*. In: *Philologica hispaniensa in honorem Manuel Alvar*. Madrid: Gredos, 2, pp. 375-389.
- LEHMANN, A. e MARTIN-BERTHET, F. (1998) *Introduction à la lexicologie*. Paris: Dunod.
- LEHRER, Adrienne (1995) *Prefixes in english word formation*. In: *Folia linguistica XXIX/1-2*, Berlin, pp. 133-148.
- LEVIN, Beth e RAPPAPORT HOVAV, Malka (1994) *A preliminary analysis of causative verbs in english*. In: *Lingua* 92, North-Holland, pp. 35-77.
- LEVIN, Beth e RAPPAPORT HOVAV, Malka (1995) *Unaccusativity. At the syntax-lexical semantics interface*. London: The MIT Press.
- LIEBER, Rochelle e BAAYEN, Harald (1993) *Verbal prefixes in dutch: a study in lexical conceptual structure*. In: *Yearbook of morphology*, pp. 51-78.
- LIEBER, Rochelle e SCALISE, Sergio (2005) *The lexical integrity hypothesis in a new theoretical universe*. In: Booij, G. et alii (2007) *On-line proceedings of the fifth mediterranean morphology meeting*. University of Bologna.
- LIEBER, Rochelle (1981) *On the organization of the lexicon*. Bloomington: Indiana, IULC.

- LIEBER, Rochelle (1992) *Deconstructing morphology: word formation in syntactic theory*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- LOPES, Carlos Alberto Gonçalves (2007) *Os prefixos intensivos*. In: *Revista philologus*, ano 13, n.º 38.
- LORENTE, Mercè (1994) *Aspectes de lexicografia : representació i integració gramaticals*. Barcelona: Universitat de Barcelona. Tesis doctoral.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1995) *História de língua portuguesa. Guia de estudo*. Coimbra: Faculdade de Letras.
- MARTÍN GARCÍA, Josefa (1996) *Los valores semánticos y conceptuales de los prefijos anti- y contra- del español*. In: *Cuadernos de lingüística del I.U. Ortega y Gasset IV*, pp. 133-150.
- MARTÍN GARCÍA, Josefa (1998a) *La morfología léxico-conceptual: las palabras derivadas con RE-*. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid.
- MARTÍN GARCÍA, Josefa (1998b) *Los prefijos intensivos del español: caracterización morfo-semántica*. In: *Estudios de lingüística*, n.º 12, pp. 103-116.
- MARTÍN GARCÍA, Josefa (2001) *Construcciones morfológicas y construcciones sintácticas: los prefijos anti- y pro-*. In: VEIGA, A. y PÉREZ, M<sup>a</sup> R. (eds): *Lengua española y estructuras gramaticales, Verba* (anexo 48), pp. 225-237
- MARTÍN GARCÍA, Josefa (2003a) *Los prefijos transcategorizadores*. In: MUÑOZ NÚÑEZ, M. et alii (2003) *Actas del IV congreso de lingüística general*. Servicio de Publicaciones de la U. de Cádiz, pp. 1739-1750.
- MARTÍN GARCÍA, Josefa (2003b): *Los límites de la Morfología y la Sintaxis: la prefijación nominal*. In: SÁNCHEZ MIRET, F. (2003) *Actas del XXIII congreso internacional de lingüística y filología románica*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 385-394.
- MARTÍN GARCÍA, Josefa (2005) *Los nombres prefijados en aposición*. In: *Verba: Anuario galego de filoloxia*, n.º 32, pp. 25-57
- MARTÍN ZORRAQUINO, M.<sup>a</sup> Antonia (1997) *Formación de palabras y lenguaje técnico*. In: *Revista Española de Lingüística*, 27/2, pp. 317-339.
- MARTINET, A. (1969) *Éléments de linguistique générale*. Paris: Librairie Armand Colin.
- MARTINS, M<sup>a</sup> Tereza Carvalho (1966) *Os prefixos no português actual*. Dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- MASCARÓ, Joan (1986) *Morfología*. Barcelona : Enciclopèdia Catalana.

- MATEUS, M<sup>a</sup> Helena Mira *et alii* (1990) *Fonética, fonologia e morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et alii* (1994) *Gramática da língua portuguesa*. 4.<sup>a</sup> edição, Lisboa: Editorial Caminho.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et alii* (2003) *Gramática da língua portuguesa*. 5.<sup>a</sup> edição, revista e aumentada, Lisboa: Editorial Caminho.
- MATTEWS, Peter (1981) *Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MATTHEWS, P. H. (1974) *Morphology: an introduction to the theory of word-structure*. New York, Cambridge University Press.
- MAURO, Tulio de (1997) *Lessico e grammatica*. Roma: Bulzoni Editore.
- MAUROUX, Susan Moore (2008) *Être ou ne pas être un préfixe*. In: PAILLARD, Michel (2008) *Préfixation, prépositions, postpositions. Études de cas*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, pp. 57-73.
- MEYER-LÜBKE, Wilhelm (1895) *Grammaire des langues romanes*. Traduction par Auguste Doutrepoint e Georges Doutrepoint. Tome II: *Morphologie*. Paris: H. Welter Éditeur.
- MIGUEL, Elena (1999) *El aspecto léxico*. In: BOSQUE Ignacio y Violeta DEMONTE (1999) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 2, Madrid: Espasa Calpe, pp. 2978-3060.
- MOLINIER, Christian (1993) *Les expressions sans N du français*. In: *Cahiers de Grammaire*. Paris, 18, pp. 31-72.
- MONTERMINI, Fabio (2002) *A prototype-based classification of italian prefixes*. In: BOOIJ, Geert *et alii* (2002) *10<sup>th</sup> international morphology meeting (abstracts)*. Budapest: Institute for Linguistics Hungarian Academy of Sciences, p. 45.
- MONTERMINI, Fabio (2009) *Il lato sinistro della morfologia. La prefissazione in italiano e nelle lingue del mondo*. Milano: Franco Angeli.
- MONTERO CUIEL, María Luísa (1998) *La evolución del prefijo anti-*. In: GONZÁLEZ BACHILLER, Fabián *et alii* (1998) *Actas del IV congreso internacional de historia de la lengua española*. La Rioja, Vol. 2, pp. 321-328.
- MONTERO CUIEL, María Luísa (1998) *Los prefijos ex- y extra- en español*. In: *Anuario de estudios filológicos*, vol. 21, pp. 243-255.
- MONTERO CUIEL, María Luísa (1999) *La prefijación negativa en español*. Cáceres: Universidad de Extremadura.

- MONTERO CURIEL, María Luïsa (2001) *El prefijo contra- en español*. In: *Anuario de estudios filológicos*, XXIV, pp. 355-364.
- MORENO DE ALBA (1996) *La prefijación en español mexicano*. México: Universidad Nacional Autónoma de México.
- MORERA, Marcial (1997) *Naturaleza semántica de los prefijos españoles*. In: *Actas del congreso internacional de semántica*. Madrid: Ed. Clásicas, pp. 735-742.
- NIETO, Herranz, Isabel (1998) *Prepositional prefix co-: syntactic and semantic properties*. In : *Cuadernos de lingüística del I.U. Ortega y Gasset V*, pp. 91-105.
- NUNES, José Joaquim (1989) *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 9.<sup>a</sup> edição, Lisboa: Clássica Editora.
- NUNES, SUSANA (2005) *Prefixação espaço-temporal na língua portuguesa*. Coimbra: Faculdade de Letras, Dissertação de mestrado.
- NYROP, K. (1936) *Grammaire historique de la langue française*. Vol. III: *Formation des mots*. Deuxième édition revue par K. Sandfeld. Copenhaga: Gyldendalske Boghandel Nordisk Forlag.
- OLIVEIRA, Fernão de (1536) *Gramática da linguagem portuguesa* (edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção com um estudo introdutório do Prof. Eugeniu Coseriu). Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa.
- OLIVEIRA, Solange Mendes (2004) *Derivação prefixal: um estudo sobre alguns prefixos do português brasileiro*. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- OSUNA GARCÍA, Francisco (2008) *Funciones semánticas de los morfemas auxiliares*. Córdoba: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Córdoba.
- PADROSA-TRIAS, Susanna e MARKOVA, Angelina (2009) *Some remarks on prefixation: evidence from bulgarian, catalan and english*. In: *Interlingüística*, 19. Barcelona : Universitat Autònoma de Barcelona.
- PADROSA-TRIAS, Susanna (2008) *Entre-prefixed verbs in catalan: a lexical semantic account*. In: *Interlingüística* 18. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona.
- PAILLARD, Denis (2002) *Contribution à l'analyse du préfixe sous- combiné avec des bases verbales*. In: *Langue française*, vol. 133, n.º 1, pp. 91-110.
- PAILLARD, Michel (2000) *Lexicologie contrastive anglais-français: formation des mots et construction du sens*. Paris: Ophrys.

- PAILLARD, Michel (2008) *Préfixation, prépositions, postpositions. Études de cas*. Rennes : Presses Universitaires de Rennes.
- PARIENTE, Angel (1979) *Sobre los compuestos nominales latinos con prefijo de valor intensivo*. In: *Emerita: Revista de lingüística y filología clásica*, vol. 47, n.º 1, pp. 113-148.
- PAVÓN LUCERO, M<sup>a</sup> Victoria (1999) *Clases de partículas: preposición, conjunción y adverbio*. In: BOSQUE, Ignacio y Violeta DEMONTE (1999) *Gramática descriptiva de la lengua española*. vol. 1, Madrid: Espasa Calpe, pp. 565-655.
- PENA, Jesús (1993) *La palabra: estructura y procesos morfológicos*. In: *Verba*, vol. 18, Santiago de Compostela, pp. 69-128.
- PENA, Jesús (1999) *Partes de la morfología. Las unidades del análisis morfológico*. In: BOSQUE, Ignacio y Violeta DEMONTE (1999) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 3, Madrid: Espasa Calpe, pp. 4305-4365.
- PEREIRA, Isabel (1998) *Le rôle de la morphologie dans le système accentuel du portugais*. In: *Proceedings of the 16th International Congress of Linguistics*. Amsterdam: Elsevier (publicado em CD-ROM).
- PEREIRA, Isabel (1999) *O acento da palavra em português. Análise métrica*. Dissertação de Doutorado.
- PEREIRA, Pâmella Alves (2008) *Para uma distinção entre radical e prefixo. Será não-composto um composto ou um derivado?* In: *Estudos linguísticos*. São Paulo, 37 (1), pp. 83-92.
- PEREIRA, Rui (2004) *Unidades greco-latinas na língua portuguesa*. In: *XV Jornadas de formação de professores*, Viseu, Universidade Católica Portuguesa.
- PEREIRA, Rui Abel (2000) *Formação de verbos em português: a prefixação com a(d)-, en- e es-*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- PEREIRA, Rui Abel (2006) *Formação de verbos em português: Afixação heterocategorial*. München: Lincom Europa.
- PEYTARD, J. (1975) *Recherches sur la préfixation en français contemporain*. Lille: Atelier.
- PEYTARD, J. (1977) *Néologisme préfixé et diffusion socio-linguistique en français contemporain*. In: *Le français moderne*, tome XLV/4. Paris: Éditions Larousse.
- PIERA, Carlos E VARELA ORTEGA, Soledad (1999) *Relaciones entre morfología y sintaxis*. In: BOSQUE Ignacio y Violeta DEMONTE, *Gramática descriptiva de la lengua española*. vol. 3, Madrid, Espasa Calpe, pp. 4393-4398.

- PLAG, Ingo (1999) *Morphological productivity. Structural constraints in english derivation*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- POTIER, Bernard (1972) *Introduction à l'étude linguistique de l'espagnol*. Paris: Ediciones Hispanoamericanas.
- POTTIER, Bernard (1962) *Systématique des éléments de relation. Étude de morphosyntaxe structurale romane*. Paris: Librairie C. Klincksieck.
- POTTIER, Bernard (1993) *Semántica general*. Madrid: Editorial Gredos.
- POUNDER, Amanda (2000) *Trends in linguistics. Process and paradigms in word-formation morphology*. New York: Werner Winter Editor.
- PUSTEJOVKY, James (1993) *Semantics and the lexicon*. Boston: Kluwer Academic Publishers
- PUSTEJOVSKY, James (1998) *The generative lexicon*. Cambridge: The MIT Press.
- QUILIS, António (1970) *Sobre la morfonología. Morfonología de los prefijos en espanol*. In: *Revista de la universidad de Madrid XIX (74)*, pp. 223-248.
- RAINER, Franz (1993) *Spanische wortbildungslehre*. Tubinga: Niemeyer.
- RAINER, Franz (1995) *Inflection inside derivation: evidence from Spanish and Portuguese*. In: BOOIJ, G. (ed.) *Yearbook of morphology 1994*. Dordrecht: Kluwer, pp. 83-91.
- RAMCHAND, Gillian Catriona (1997) *Aspect and predication*. Oxford: Clarendon Press.
- REBOLLO TORÍO, Miguel (2002) *Preposiciones y sujetos*. In: *Revista de investigación lingüística*. vol. V, n.º 1, pp. 209-227.
- REY, A. (1982) *Un champ préfixal : les mots français en anti-*. In: *Cahiers de lexicologie*, vol. XI - 2, Paris, Didier – Larousse, pp. 37-57.
- RIGAU, Gemma (1990) *The semantic nature of some romance prepositions*. In: Mascaró, J. (1990) *Grammar in progress*. Dordrecht: Foris.
- RIO-TORTO, G. e NUNES, Susana (2009) *Graus de especialização semântica em espanhol e em português. A propósito da expressão prefixal de temporalidade*. In: ECKKRAMMER, Eva Martha ( 2009) *La comparación en los lenguajes de especialidad*. Berlin, Frank e Timme (série "Forum-Fachsprachen-Forschung"), pp. 141-152.
- RIO-TORTO, G. e RIBEIRO, Sílvia (2011) *Compounding in portuguese*. In: *Lingua e Linguaggio*, VIII (2), pp. 271-281.
- RIO-TORTO, G. e RIBEIRO, Sílvia (no prelo) *Compounding in contemporary portuguese*.

- RIO-TORTO, Graça e RIBEIRO, Sílvia (1998) *Unidades pluriverbais. Processamento e ensino*. In: *Actas do II SIMELP - Actas do Simpósio Internacional Língua Portuguesa* (Évora, 6-11 Outubro de 2009), Évora.
- RIO-TORTO, Graça Maria – *Semântica derivacional e construção de sentido*. In: RUFINO, Giovanni (org.), *Atti del XXI congresso internazionale di linguistica e filologia romanza*, vol. III. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, pp. 755-766.
- RIO-TORTO, Graça Maria (1993) *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*. Dissertação de doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Universidade de Coimbra.
- RIO-TORTO, Graça Maria (1998) *Morfologia derivacional. Teoria e aplicação*. Porto: Porto Editora.
- RIO-TORTO, Graça Maria (2003) *Classes morfológicas e tipologia derivacional*. In: *Verba*, 29, pp. 353-364.
- RIO-TORTO, Graça Maria (2006) *O léxico: semântica e gramática das unidades lexicais*. In: ATAÍDE, M.<sup>a</sup> Francisca (2006) *Estudos sobre léxico e gramática*. Coimbra, Cadernos do CIEG, n.º 23, 2006, pp. 11-34.
- RIO-TORTO, Graça Maria *et alii* (2004) *Verbos heterocategoriais em português*. Coimbra: Livraria Almedina.
- RODRIGUES, Alexandra (2008) *Formação de substantivos deverbais sufixados em português*. ed. 1. München: Lincom Europa.
- RODRIGUES, Alexandra Soares (2001) *A construção de postverbais em Português*. Porto: Granito Editores.
- RODRIGUES, Catarina (1998) *Regras com prefixos de localização espacial e temporal*. In: *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Aveiro, pp. 391-396.
- RODRIGUES, Catarina (1999) *Regras com prefixos de localização*. In: *Acta scientiarum*, 21 (1), pp. 57-62.
- RODRÍGUEZ ADRADOS, Francisco (1997) *El lenguaje científico, la lengua natural y los orígenes griegos*. In: *Revista española de Lingüística*, 27/2, pp. 317-339.
- RODRÍGUEZ ADRADOS, Francisco (1997) *Los orígenes del lenguaje científico*. In: *Revista española de Lingüística*, 27/2, pp. 299-315.
- RODRÍGUEZ PONCE, M.<sup>a</sup> Isabel (2002a) *La prefijación apreciativa en español*. Cáceres: Universidad de Extremadura.

- RODRÍGUEZ PONCE, María Isabel (2002b) *Los prefijos apreciativos como formantes de plastic words*. In: *Anuario de estudios filológicos*, vol. XXV, pp. 417-432.
- ROSENBERG, Maria (2007) *Classification, headness and pluralization: corpus evidence from french compounds*. In: *Acta linguística hungarica*, 54, pp. 341-360.
- ROUSSEAU, André (1998) *La transitivité*. Villeneuve-d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.
- SAG, Ivan e WASOW, Thomas (1999) *Syntactic theory. A formal introduction*. California: CSLI Publications.
- SÁNCHEZ LÓPEZ, Cristina (1999) *Los cuantificadores: clases de cuantificadores y estructuras cuantificativas*. In: BOSQUE Ignacio y Violeta DEMONTE (1999) *Gramática descriptiva de la Lengua Española*. vol. 1, Madrid: Espasa Calpe, 1999, pp. 1025-1128.
- SANDMANN, Antônio José (1994) *Caminhos da produção lexical*. In: *DELTA*, vol. 9, nº 1, p. 59-81.
- SANTANA SUÁREZ, Octavio *et alii* (2004) *Relaciones morfológicas prefijales del español*. In: *El procesamiento del lenguaje natural*, n.º 32, pp. 9-36.
- SANTANA SUÁREZ, Octavio *et alii* (2006) *Una aplicación para el procesamiento de la prefijación en español*. Islas Canarias: Grupo de Estructuras de Datos y Lingüística Computacional de la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria.
- SANTANA SUÁREZ, Octavio *et alii* (2007) *Suffixal and prefixal morpholexical relationships of the spanish*. Islas Canarias: Grupo de Estructuras de Datos y Lingüística Computacional de la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria.
- SCALISE, Sergio e GUEVARA, E. (2005) *The lexicalist approach to word-formation and the notion of lexicon*. In: LIEBER, R. e STEKAUER, P. (eds.) *Handbook of word formation. Studies in natural language and linguistic theory*. vol. 64, p. 147-186. Amsterdam: Springer.
- SCALISE, Sergio (1984a) *Generative morphology*. Dordrecht: Foris Publications.
- SCALISE, Sergio (1984b) *Morfologia lessicale*. Padova: CLESP Editrice.
- SCALISE, Sergio (1994) *Morfologia*. Bologna: il Molino.
- SCALISE, Sergio (1997) *Morfología e sintassi*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra.
- SCALISE, Sergio (1997) *Rappresentazione degli affissi*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra.
- SCALISE, Sergio (1999) *Argument structure in complex words*. In: FAVRETTI, R. *et alii* (eds.), *Incommensurability and translation*. Elgar: Cheltenham UK, pp. 407-424.

- SCALISE, Sergio, BISETTO, A. e GUEVARA, E. (2005) *Selection in compounding and derivation*. In: W.U. DRESSLER, D. KASTOVSKY, O.E. PFEIFFER and F. RAINER (eds.) *Morphology and its demarcations*. Current Issues in Linguistic Theory 264, pp. 133–150. Amsterdam: J. Benjamins.
- SCHWINDT, Luíz Carlos (2001) *O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexica*. In: *DELTA*, vol. 17, n.º 2.
- SELKIRK, Elisabeth (1982) *The syntax of words*. Cambridge: MIT Press.
- SERRANO DOLADER, D. (1999) *La derivación verbal y la parasíntesis*. In: BOSQUE Ignacio y Violeta DEMONTE (1999) *Gramática descriptiva de la lengua española*. vol. 3, Madrid: Espasa Calpe, pp. 4683-4755.
- SERRANO-DOLADER, David (2002) *Hacia una concepción no discreta de algunas formaciones com anti- en español*. In: *Revista española de lingüística*, 32 (2), pp. 387-411.
- SIEGEL, Dorothy (1974) *Topics in english Morphology*. Dordrecht: Foris.
- SILVA, Luciane (2006) *Prefixos latinos de movimento: Um estudo morfológico e lexicográfico*. Dissertação de doutoramento. Araraquara: Universidade Estadual Paulista.
- SONG, Jae Jung (2001) *Linguistic typology. Morphology and syntax*. Longman: Longman Linguistic Library.
- SOSA AVECEDO, Eulalia (2001) *Análisis funcional cognitivo de los procedimientos de prefijación locativa en inglés*. Tesis Doctoral. Universidad de la Laguna.
- SPENCER, Andrew e ZWICKY, Arnold (2000) *The handbook of morphology*. Oxford: Blackwell publishers.
- STECHOW, Arnim e WUNDERLICH, Dieter (1991) *Semantics. An international handbook of contemporary research*. New York: Walter de Gruyter.
- STEHLIK, Petr (1993) *Elementos prefijales cultos: morfemas compositivos o prefijos?* In: VARELA ORTEGA, Soledad (1993) *Líneas de investigación en la teoría morfológica. La formación de palabras*. Madrid: Taurus Universitaria.
- SUGETA, Shigeaki (2003) *La composizione: una tendenza in espansione nelle lingue romanze*. In: SÁNCHEZ MIRET, Fernando (2003) *Actas del XXIII congreso internacional de Lingüística y Filología Románica*, vol. 1, pp. 459-466.
- TEKAVCIC, P. (1980) *Grammatica storica dell'italiano*. Bologna: Il Mulino.
- TEMPLE, Martine (1996) *Pour une sémantique des mots construits. Sens et structures*. Paris: Presses Universitaires du Septentrion.

- TORRES, Marta (2009) *Revisión histórica del tratamiento de los prefijos inter- y entre- en la lexicografía académica española*. In: *Cuadernos del Instituto Historia de la Lengua*, n.º 2. La Rioja: CiLengua, pp. 155-180.
- TRAUGOTT, E. e HEINE, B. (1991) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- TREMBLAY, Mireille (1999) *Du statut des prépositions dans la grammaire*. In: *Revue québécoise de linguistique*. Montréal, 27 (2), pp. 167-183.
- TREMBLAY, Mireille (2008) *La préfixation en entre- en ancien français. Pluralité, réciprocité et valeur aspectuelle*. In: FAGARD, B. et alii (2008) *Évolutions en Français. Études de Linguistique diachronique*. Berne: Peter Lang.
- TURON, Lúdia (2004) *Las formas prefijadas tónicas en catalán y español (sobre-, sota-, contra-, entre-)*. In: GAZTELU, Elixabete et alii (2004) *Las fronteras de la composición en lenguas románicas y en vasco*. San Sebastián: Universidad de Deusto, pp. 239-260.
- URRUTIA CARDENAS, Hernán (1972) *Análisis semántico-funcional de los prefijos*. In: *Estudios Filológicos* 8, pp. 291-335.
- VÄÄNÄNEN, Veiko (1979) *Co-: la genèse d'un préfixe*. In : Höfler, M. et alii (1979) *Festschrift kurt Baldinger zu 60. Geburtstag*. Tübinga: Niemeyer, pp. 317-329.
- VAL ÁLVARO, José Francisco (1993) *Prefijación verbal en la formación de predicados complejos (a propósito de verbos prefijados com entre-, com- y sobre- en español)*. In: MARTIN VIDE, C. (ed.) *Lenguajes naturales y lenguajes formales IX*, Barcelona: PPU, pp. 485-492.
- VAN GOETHEM, Kristel (2009) *L'emploi préverbal des prépositions en français*. Bruxelles: De Boeck Duculot.
- VAN VALIN, Robert e LA POLLA, Randy (1997) *Syntax: structure, meaning and function*. New York: Cambridge University Press.
- VANDELOISE, Claude (1986) *L'Espace en français. Sémantique des prépositions spatiales*. Paris: Éditions du Seuil.
- VARELA ORTEGA, Soledad e MARTÍN GARCÍA, Josefa (1999) *La prefijación*. In: BOSQUE Ignacio y DEMONTE, Violeta (1999) *Gramática descriptiva de la lengua española*. vol. 3, Madrid: Espasa Calpe, pp. 4993-5038.

- VARELA ORTEGA, Soledad e PIERA, Carlos (1999) *Relaciones entre morfología y sintaxis*. In: BOSQUE Ignacio y Violeta DEMONTE (1999) *Gramática descriptiva de la lengua española*. vol. 3, Madrid, Espasa Calpe, 1999, pp. 4393-4398.
- VARELA ORTEGA, Soledad (1990) *Composición nominal y estructura temática*. In: *Revista española de lingüística* 20 (1), pp. 55-81.
- VARELA ORTEGA, Soledad (1992) *Fundamentos de morfología*. Madrid: Editorial Síntesis.
- VARELA ORTEGA, Soledad (1999) *Sobre las relaciones de la morfología con la sintaxis*. In: *Revista española de lingüística* 29 (2), pp. 257-281
- VARELA ORTEGA, Soledad (2005) *Morfología léxica: La formación de palabras*. Madrid: Editorial Gredos.
- VARELA ORTEGA, Soledade e HAOUET, Lamia (1996) *Spanish verbal prefixation: a lexical syntactic account*. In: *7th International morphology meeting*. Viena.
- VARELA ORTEGA, Soledade e HAOUET, Lamia (2001) *For a morphological analysis in the privacy of the lexicon: prefixed verbs*. In: *Cuadernos de lingüística del I. U. Ortega y Gasset*, VIII, pp. 53-69.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1912) *Lições práticas de filologia portuguesa, segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e 1912/13*. Lisboa: Edições Dinalivro.
- VASCONCÉLLOZ, António Garcia Ribeiro (1900) *Grammática histórica da língua português*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- VENDLER, Zeno (1967) *Verbs and times*. In: *Linguistics in philosophy*. Ithaca, Cornell University Press.
- VILELA, Mário (1994) *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Livraria Almedina.
- VILLALVA, Alina (2000) *Estruturas morfológicas. Unidades e hierarquias nas palavras do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- VOIR, M. (1982) *Les préfixes transcatégorie*. In: *Cahiers de lexicologie*. vol. XLI, Paris: Didier – Larousse, pp. 31-46.
- VUCETIC, Z. (1976) *Formazione delle parole nell'italiano contemporaneo*. In: *Studia romanica et anglica zagabriensia*, 41-42, pp. 273-331.
- WEIDENBUSCH, W. (1993) *Funktionen der Präfigierung. Präpositionale elemente in der wortbildung des französischen (Beihefte zur zeitschrift für romanische philology 247)*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

- WILKINS, Wendy (1988) *Syntax and semantics. Thematic relations*. Boston: Academic Press.
- WILLIAMS, E. (1981a) *Argument structure and morphology*. In: *The linguistic review* 1, pp. 81-114.
- WILLIAMS, E. (1981b) *On the notions "lexically related" and "head of a word"*. In: *Linguistic inquiry* 12, pp. 245-274.
- WILLIAMS, Edwin (1994) *Thematic structure in syntax*. Cambridge: The MIT Press.
- WOTJAK, Gerd e CUARTERO OTAL, Juan (2005) *Entre semântica léxica, teoria del léxico y sintaxis*. Frankfurt: Peter Lang.
- ZWANENBURG, W. (1984) *Form and meaning in morphology: derivation types*. In: *Quaderni di semantica*, V, n.º 2, pp. 350-365.
- ZWANENBURG, w. (1990) *Formation des mots*. In: *Lexikon der romanistischen linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- ZWANENBURG, W. (1992) *Morphological heads, french compounding and germanic prefixation*. In: LAEUFER, C. (1992) *Theoretical analyses in romance linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 167-179.
- ZWANENBURG, W. (1994) *Les préfixes ont-ils une catégorie?* In: *Revue de langue française et romane d'Utrecht*, 13, pp. 89-102.
- ZWANENBURG, W. (2000) *Correspondence between formal and semantic relations*. In: BOOIJ, G. e LEHMANN, J. (2000) *Morphologie/Morphology: An international handbook on inflexion and word formation*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, vol. 1, pp. 840-850.



